



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades

Eliana Rocha Oliveira

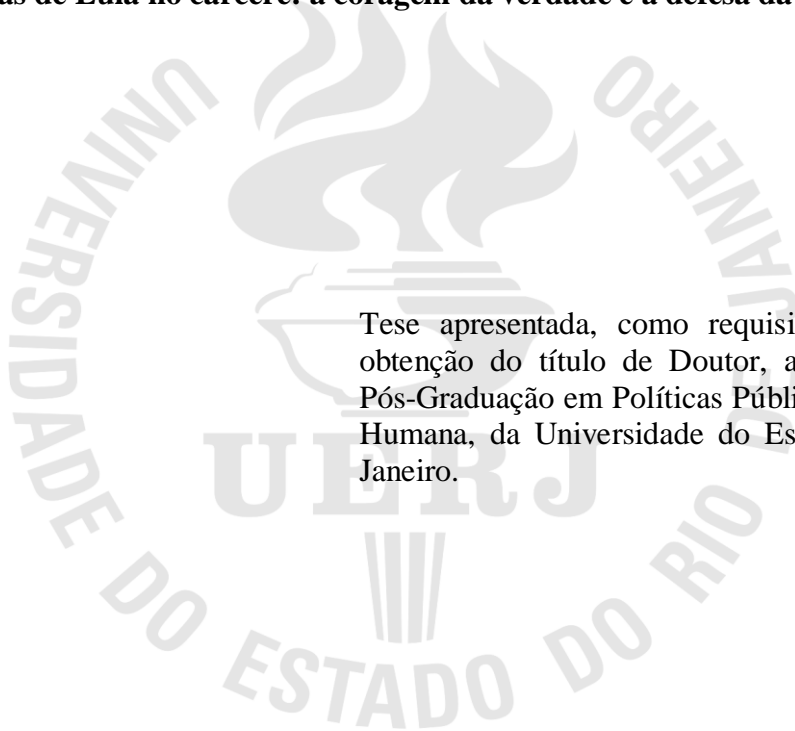
**As entrevistas de Lula no cárcere: a coragem da verdade e a defesa da
democracia**

Rio de Janeiro

2022

Eliana Rocha Oliveira

As entrevistas de Lula no cárcere: a coragem da verdade e a defesa da democracia



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Esther Maria de Magalhães Arantes

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

O48 Oliveira, Eliana Rocha.
As entrevistas de Lula no cárcere: a coragem da verdade e a defesa da
democracia / Eliana Rocha Oliveira. – 2022.
509 f.

Orientadora: Esther Maria de Magalhães Arantes.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Democracia – Teses. 2. Geopolítica mundial – Teses. 3. Perseguição
judicial– Teses. I. Arantes, Esther Maria de Magalhães. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 341.34

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Eliana Rocha Oliveira

As entrevistas de Lula no cárcere: a coragem da verdade e a defesa da democracia

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Douto, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 12 de abril de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Esther Maria de Magalhães Arantes (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Glaudêncio Frigotto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Emir Sader

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Deivy Frajman

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Ângela de Alencar Araripe Pinheiro

Universidade Federal do Ceará – UFCE

Prof. Dr. Sérgio de Souza Verani

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao jovem sonhador libriano Paulo Ricardo Silva Carvalho, a quem os arbítrios e a violência do Estado brasileiro não conseguiram abater. Como tantos outros meninos pretos, pobres, nascidos e criados em territórios de favela, Paulo Ricardo frequentou compulsoriamente unidades do sistema socioeducativo e apenas uma semana após ter completado 18 anos, foi encaminhado ao sistema prisional, por motivo algum que não fosse o de viver a única vida que lhe foi dada a conhecer: o varejo de drogas na soleira da porta de casa, com os outros meninos crias dali, o Cantão de Petrópolis . A você, meu querido Paulinho - e em seu nome a todos os que como você perderam preciosos dias luminosos de sol e noites de estrelas e danças, peço desculpas por não conseguir protegê-los das garras da Injustiça. Quiçá um dia você, unido a milhares de outros jovens sonhadores, tome em suas mãos os destinos do Brasil e nos ensine a viver numa democracia de verdade, na qual toda criança seja sujeito de direitos e de afetos.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ, por toda a atenção ao corpo discente no sentido de manter a possível normalidade dos estudos e pesquisas, especialmente no primeiro ano da pandemia da COVID-19.

À Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio durante o curso de doutoramento, o que permitiu o desenvolvimento deste trabalho.

Ao grupo de pesquisa e orientação de teses em políticas públicas da infância e em Direitos Humanos - queridos colegas Lindomar Darós, Paulo Viana, Caio Nasser, Deyvi Frajman e Eduardo Lancelloti pelo inestimável companheirismo, e em especial, à professora e orientadora Esther Arantes expresse toda a minha admiração e reconhecimento por nos propiciar um clima afetuoso nos debates, críticas e compartilhamentos de saberes, nesses duros tempos de pandemia e pandemônio que nos coube vivenciar na “nossa UERJ”.

O fim e o início

Wisława Szymborska

Depois de toda guerra
alguém tem que fazer a faxina.

As coisas não vão
se ajeitar sozinhas.

Alguém tem que tirar
o entulho das ruas
para que as carroças possam passar
com os corpos.

Alguém tem que abrir caminho
pelo lamaçal e as cinzas,
as molas dos sofás,
os cacos de vidro,
os trapos ensanguentados.

Alguém tem que arrastar o poste
para levantar a parede,
alguém tem que envidraçar a janela,
pôr as portas no lugar.

Não é fotogênico
e leva anos.

Todas as câmeras já foram
para outra guerra.

Precisamos das pontes
e das estações de trem de volta.

Mangas de camisas ficarão gastas
de tanto serem arregaçadas.

Alguém de vassoura na mão
ainda lembra como foi.

Alguém escuta e concorda
assentindo com a cabeça ilesa.

Mas haverá outros por perto
que acharão tudo isso
um pouco chato.

De vez em quando alguém ainda
tem que desenterrar evidências enferrujadas
debaixo de um arbusto
e arrastá-las até o lixo.

Aqueles que sabiam
o que foi tudo isso,
têm que ceder lugar àqueles
que sabem pouco.

E menos que pouco.

E finalmente aos que não sabem nada.

Alguém tem que deitar ali
na grama que cobriu
as causas e conseqüências,
com um matinho entre os dentes
e o olhar perdido nas nuvens.

RESUMO

OLIVEIRA, Eliana Rocha. **As entrevistas de Lula no cárcere: a coragem da verdade e a defesa da democracia.** 2022. 509f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este estudo teve por objetivo recolher, organizar e analisar o conjunto das entrevistas concedidas pelo ex-presidente Lula no período 2018/2019, durante sua prisão política em Curitiba/PR, em virtude de suas condenações pela Operação Lava Jato. Além de importante registro histórico, as entrevistas apresentam a análise política e o pensamento de Lula, personagem que se manteve no centro da geopolítica mundial, mesmo durante o isolamento imposto pelo longo processo de perseguição judicial a que foi submetido. Entende-se que a Operação Lava Jato foi uma estratégia neoliberal para limitar a soberania brasileira, então em processo de consolidação diplomática e econômica, principalmente em virtude da importante descoberta de reservas de petróleo no litoral brasileiro, o pré-sal. Além das considerações e análises políticas feitas por Lula, emerge de suas entrevistas do cárcere, com muita força, uma dimensão ética e humana ímpar, que nos permite caracterizá-lo como parresiasta – categoria filosófica trabalhada pelo filósofo Michel Foucault, que implica no cuidado de si e na coragem da verdade. Por fim propõe-se que a resistência pessoal de Lula na afirmação de sua inocência, foi fator decisivo – somado à defesa técnica e o ao vazamento de mensagens entre procuradores e juízes - para que o Sistema de Justiça viesse a rever a condenação do ex-presidente, anulando as sentenças e devolvendo-lhe a liberdade plena.

Palavras-chave: parresía; operação lava-jato; perseguição judicial (lawfare); geopolítica mundial; democracia.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Eliana Rocha. Lula's interviews in prison: the courage of truth and the defense of democracy. 2022. 509f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This study aimed to collect, organize and analyze all the interviews given by former President Lula in 2018/2019, during his political arrest in Curitiba / PR, due to his convictions by Operation Car Wash. Besides being an important historical record, the interviews present the political analysis and thoughts of Lula, a character who remained at the center of global geopolitics, even during the isolation imposed by the long process of judicial persecution to which he was submitted. It is understood that Operation Car Wash was a neoliberal strategy to limit Brazilian sovereignty, then in the process of diplomatic and economic consolidation, due mainly to the important discovery of oil reserves off the Brazilian coast, the pre-salt. In addition to the political considerations and analyses made by Lula, a unique ethical and human dimension emerge with great force which allow us to characterize him as parrhesiast – a philosophical category developed by the philosopher Michel Foucault, which implies the care for oneself and the courage of truth. Finally, it demonstrates that Lula's personal resistance in affirming his innocence was a decisive factor – added to the technical defense and the leak of messages between prosecutors and judges – to make the Justice System review his conviction, overturn the sentences and grant him full freedom.

Keywords: parrhesiast; operation car wash; judicial persecution (lawfare); global geopolitics; democracy.

RESUMEN

OLIVEIRA, Eliana Rocha. Las entrevistas de Lula en la cárcel: el coraje de la verdad y la defensa de la democracia.. 2022. 509f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este estudio tuvo por objetivo compilar, organizar y analizar el conjunto de las entrevistas concedidas por el expresidente Lula en el período 2018/2019, durante su prisión política en Curitiba, estado de Paraná, a raíz de sus condenas por la Operación Lava Jato. Además del importante registro histórico, las entrevistas presentan un análisis de la política y la visión de Lula, personaje que se mantuvo en el centro de la geopolítica mundial incluso durante el aislamiento impuesto por el largo proceso de persecución judicial al que fue sometido. Se entiende que la Operación Lava Jato fue una estrategia neoliberal para limitar la soberanía brasileña que en aquel momento se encontraba en un proceso de consolidación diplomática y económica principalmente como resultado del descubrimiento de reservas de petróleo en el litoral brasileiro, el presal. Además de las consideraciones y análisis de las políticas llevadas a cabo por Lula, surge de sus entrevistas en la cárcel, con mucha fuerza, una dimensión estética y humana impar, que nos permiten caracterizarlo como parresiasta, categoría filosófica trabajada por el filósofo Michel Foucault, que implica estar en cuidado de si y en el coraje de la verdad. Para concluir se propone que la resistencia personal de Lula en la afirmación de su inocencia fue un factor decisivo, sumado a la defensa técnica y a que salieran a la luz mensajes entre procuradores y jueces, para que el Sistema de Justicia llegase a revisar la condena del expresidente y anulara las sentencia devolviéndole la libertad plena.

Palabras claves: parresía; operación lava jato; persecución judicial (Lawfare); geopolítica mundial; democracia.

LISTA DE SIGLAS

ABJD - Associação Brasileira de Juristas pela Democracia
ABRAJI - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo
ADC - Ação Declaratória de Constitucionalidade
AGU - Advocacia-Geral da União
BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRICS - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CADE - Conselho Administrativo de Defesa Econômica
CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica
CELAC - Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos
CIA - *Central Intelligence Agency* [Agência Central de Inteligência]
COFIG - Comitê de Financiamento e Garantia das Exportações
COFIEEX - Comissão de Financiamentos Externos
COP - Conferência das Partes
CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito
CUT - Central Única dos Trabalhadores
EUA - Estados Unidos
FAB - Força Aérea Brasileira
FHC - Fernando Henrique Cardoso
FMI - Fundo Monetário Internacional
FOIA - The Freedom of Information Act
FUP - Federação Única dos Petroleiros
GSI - Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República
INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
JN - Jornal Nacional
LEP - Lei de Execução Penal
LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros.
MDB - Movimento Democrático Brasileiro [Partido]
MP - Ministério Público
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
NE - Nordeste do Brasil
NSA - *National Security Agency* [Agência de Segurança Nacional]

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
ONU - Organização das Nações Unidas
PAC - Programa de Aceleração do Crescimento
PF - Polícia Federal
PIB - Produto Interno Bruto
PT – Partido dos Trabalhadores
STF - Supremo Tribunal Federal
STJ – Superior Tribunal de Justiça
TCU - Tribunal de Contas da União
TRE - Tribunal Regional Eleitoral
TRF-4 - Tribunal Regional Federal da 4ª Região
TSE - Tribunal Superior Eleitoral
UNE - União Nacional dos Estudantes
UNASUL - União de Nações Sul-Americanas
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 LULA PARRESIASTA?	22
1.1 A NOÇÃO DE <i>PARRESÍA</i> EM MICHEL FOUCAULT	22
1.1.1 Os atributos do <i>falar francamente</i> nas entrevistas no cárcere	25
1.1.2 O cuidado de si e as práticas de si como características parresiásticas	32
2 O ESTADO CONTRA LULA	35
2.1 CRONOLOGIA DOS PROCESSOS E ACUSAÇÕES DA OPERAÇÃO LAVA JATO CONTRA LULA	35
2.2 O VAZAMENTO DE MENSAGENS ENTRE PROCURADORES CONFIRMA A PRÁTICA DE LAWFARE	40
3 A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICA DE LULA	46
3.1 DE LÍDER SINDICAL A PRESIDENTE DA REPÚBLICA: UM LONGO E DEMOCRÁTICO CAMINHO	46
3.1.1 Quatro vezes candidato a presidente	47
3.1.2 Lula Presidente do Brasil	48
3.2 O BRASIL DESPONTA COMO LIDERANÇA INTERNACIONAL	49
4 A FILOSOFIA E A PRÁXIS POLÍTICA DE LULA	52
4.1 O FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES NOS GOVERNOS LULA	55
4.1.1 As nomeações para o Ministério Público	55
4.1.2 As nomeações para o Supremo Tribunal Federal	56
4.1.3 Lula referenda o nome de Dilma Rousseff como candidata à reeleição em 2014	58
4.1.4 Considerações sobre o conceito de <i>republicanismo</i> na ciência jurídica	59
4.2 CONCILIAÇÃO OU REVOLUÇÃO?	63
5 A PRISÃO POLÍTICA DE LULA	68
5.1 O JULGAMENTO E A CONDENAÇÃO	68
5.1.1 A rotina no cárcere	71
5.1.2 Os livros que Lula leu na prisão	72
5.2 A CRUELDADE NA EXECUÇÃO DA PENA	75
5.2.1 Habeas corpus concedido e revogado no mesmo dia	77
5.2.2 Restrições na autorização de visitas	78
5.2.3 O TSE proíbe a candidatura de Lula	80

5.2.4	A (não) autorização para comparecimento ao enterro de familiares.....	83
5.2.5	A Lava Jato tenta transferir Lula para o presídio de Tremembé (SP).....	88
5.2.6	A proibição de exercer o direito de voto	89
5.2.7	A batalha judicial sobre o direito de Lula conceder entrevistas	90
6	A RESISTÊNCIA POPULAR PELA LIBERDADE DE LULA.....	97
6.1	O ACAMPAMENTO LULA LIVRE.....	97
6.2	COMITÊS E FESTIVAIS LULA LIVRE NO BRASIL E NO MUNDO	101
6.3	CARTAS PARA LULA.....	103
6.4	LULA É REGISTRADO COMO CANDIDATO À PRESIDÊNCIA.....	105
6.5	A GREVE DE FOME POR JUSTIÇA	106
6.6	LULA É INDICADO AO PRÊMIO NOBEL DA PAZ.....	106
7	O GOLPE DE 2016 NO CONTEXTO DE UMA GUERRA HÍBRIDA.....	108
7.1	NOVAS FORMAS DE DOMINAÇÃO GEOPOLÍTICA	108
7.2	PRÉ-SAL: O BRASIL TORNA-SE ALVO GEOPOLÍTICO	113
7.3	COMBATE À CORRUPÇÃO: UMA CRUZADA MORALISTA.....	115
7.4	A ASSOCIAÇÃO DA MÍDIA CORPORATIVA À OPERAÇÃO LAVA JATO.....	116
7.5	A DESESTABILIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO.....	119
	A PROPÓSITO DE CONCLUIR	127
	REFERÊNCIAS.....	129
	ANEXO A - ÍNTEGRA DO DISCURSO DE LULA EM SÃO BERNARDO DO CAMPO, EM 7 DE ABRIL DE 2018	142
	ANEXO B - ENTREVISTA DE LULA AOS JORNALISTAS MONICA BERGAMO, DA FOLHA DE SP, E FLORESTAN FERNANDES, DO EL PAIS, EM 26 DE ABRIL DE 2019	149
	ANEXO C - ENTREVISTA DE LULA AO JORNALISTA KENNEDY ALENCAR DA BBC NEWS, EM 3 DE MAIO DE 2019	175
	ANEXO D - ENTREVISTA DE LULA AO JORNALISTA JENS GLUSING DO DER SPIEGEL, EM 15 DE MAIO DE 2019.....	214
	ANEXO E - ENTREVISTA DE LULA AO JORNALISTA GLENN GREENWALD DO THE INTERCEPT BRASIL, EM 21 DE MAIO DE 2019	220
	ANEXO F - ENTREVISTA DE LULA A JOAQUIM CARVALHO, DO DCM, E ELEONORA DE LUCENA, DA TUTAMÉIA, EM 6 DE JUNHO DE 2019.....	239

ANEXO G - ENTREVISTA DE LULA AOS JORNALISTAS JUCA KFOURI E JOSÉ TRAJANO DA TVT, EM 13 DE JUNHO DE 2019.....	242
ANEXO H - ENTREVISTA DE LULA AO JORNALISTA MARCO WEISSHEIMER DO JORNAL SUL 21, EM 3 DE JULHO DE 2019.....	273
ANEXO I - ENTREVISTA DE LULA A BOB FERNANDES DA TVE BAHIA, EM 15 DE AGOSTO DE 2019	286
ANEXO J - ENTREVISTA DE LULA AOS JORNALISTAS MAURO LOPES, PEPE ESCOBAR E PAULO MOREIRA LEITE DO BRASIL 247, EM 22 DE AGOSTO DE 2019	317
ANEXO K - ENTREVISTA DE LULA À JORNALISTA MARIANA SCHREBER DA BBC NEWS BRASIL, EM 27 DE AGOSTO DE 2019.....	344
ANEXO L - ENTREVISTA DE LULA A MINO CARTA E SÉRGIO LIRIO DA CARTA CAPITAL, EM 4 DE SETEMBRO DE 2019.....	362
ANEXO M - ENTREVISTA DE LULA AOS JORNALISTAS GISELA MARZIOTTA E NICOLÁS TROTTA DO CANAL PÁGINA 12 (ARGENTINA), EM 5 DE SETEMBRO DE 2019	374
ANEXO N - ENTREVISTA DE LULA AO JORNALISTA BRUNO MEYERFELD DO LE MONDE (FRANÇA), EM 12 DE SETEMBRO DE 2019	379
ANEXO O - ENTREVISTA DE LULA A RENATO ROVAI DA REVISTA FÓRUM, EM 18 DE SETEMBRO DE 2019.....	383
ANEXO P - ENTREVISTA DE LULA A HAROLDO CERAVOLO SEREZA DO ÓPERA MUNDI, EM 18 DE SETEMBRO DE 2019	400
ANEXO Q - ENTREVISTA DE LULA A EDUARDO MOREIRA E LUIZ GONZAGA BELUZZO DO JORNAL GGN, EM 25 DE SETEMBRO DE 2019	417
ANEXO R - ENTREVISTA DE LULA A TV MIGALHAS, EM 2 DE OUTUBRO DE 2019.....	418
ANEXO S - ENTREVISTA DE LULA A TV RUSSIA TODAY, PELO REPÓRTER IGNACIO RUBILLA, EM 3 DE OUTUBRO DE 2019	421
ANEXO T - ENTREVISTA DE LULA AO CANAL FRANCE 24 (GRUPO RFI), EM 11 DE OUTUBRO DE 2019	422
ANEXO U - ENTREVISTA DE LULA A PAULO DENTINHO DA REDE DE TELEVISÃO PORTUGUESA (RTP), EM 15 DE OUTUBRO DE 2019	424

ANEXO V - ENTREVISTA DE LULA A PAULO SAKAMOTO E FLAVIO COSTA, DO UOL, EM 17 DE OUTUBRO DE 2019.....	433
ANEXO W - ENTREVISTA DE LULA A BEATRIZ PASQUALINO E NINA FIDELES, DO JORNAL BRASIL DE FATO, EM 23 DE OUTUBRO DE 2019	437
ANEXO X - ENTREVISTA DE LULA A AGÊNCIA PÚBLICA, PELOS JORNALISTAS MARINA AMARAL E THIAGO DOMENICI, EM 30 DE OUTUBRO DE 2019	466
ANEXO Z - ENTREVISTA DE LULA AOS JORNALISTAS EDUARDO GUIMARÃES E MEIRE CAVALCANTE DO BLOG DA CIDADANIA, EM 6 DE NOVEMBRO DE 2019: ÚLTIMA ENTREVISTA DE LULA NA PRISÃO	482
ANEXO AA - DISCURSO DE LULA EM SÃO BERNARDO DO CAMPO, EM 9 DE NOVEMBRO DE 2019	498
ANEXO BB - SUSPENSÃO DE LIMINAR Nº 1.178	505
ANEXO CC – DEFESA DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA.....	507

INTRODUÇÃO

O percurso acadêmico, que resulta na tese ora submetida à banca avaliadora, foi iniciado em 2016, ocasião em que a pesquisadora inscreveu-se no curso de graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH-UERJ), movida pelo interesse em aprofundar estudos sobre os dispositivos da Constituição Federal de 1988 e da Convenção dos Direitos da Criança de 1989, e analisar políticas públicas inspiradas nesses marcos democráticos.

Entretanto, o ano de 2016 desenrolava-se como um revés da normalidade democrática, tendo sido consumado um golpe midiático-jurídico-parlamentar que depôs do poder a presidenta Dilma Rousseff, sob a acusação questionável de crime de responsabilidade.

O que diferenciava, confundia e dividia as análises e os posicionamentos frente aos fatos, eram as alegações de autoridades jurídicas e representantes legislativos de que os ritos democráticos teriam sido garantidos. Os poderes da República Federativa do Brasil alegavam estrito cumprimento dos ditames constitucionais.

No segundo semestre do ano de 2017, já como discente regularmente aprovada para o curso de doutorado buscamos subsídios teóricos-metodológicos que nos ajudassem a compreender a realidade que se apresentava a nós um tanto caótica.

A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA DURANTE O DESENNOLAR DO GOLPE DE 2016

Ao tempo em que avançavam os estudos sobre teorias de estado e formação humana, parecia mais e mais plausível colocar em questão que a rápida erosão da cena política nacional poderia se constituir em ameaça real à Democracia, com motivações complexas e interesses externos, que iam muito além do alegado combate à corrupção.

Foi assim, diríamos, a *ferro quente*, que buscamos reconhecer, no decorrer dos acontecimentos, o nosso viés de pesquisa.

A definição do problema, a questão teórica a ser enfrentada estava lá, embora algo implícita, em razão da cobertura parcial construída pela mídia corporativa que funciona como um quarto poder, autônomo e sem adequada regulação da sociedade

(FERREIRA, 2020). Em uma configuração anômala, os *proprietários* dos veículos de mídia são eles próprios representantes do pensamento hegemônico das classes dominantes do país.

Muito embora não se constitua uma novidade a participação decisiva da imprensa em golpes contra governos populares na República brasileira, no caso em estudo resguardou-se o aspecto formal e o ritual democrático, porém contrariando-se a normalidade constitucional, como procuramos sustentar no desenvolver do trabalho.

Buscamos então concatenar, com base nos depoimentos de Lula, os recentes acontecimentos históricos que provocaram a ruptura do período democrático no Brasil, em 2016, por uma nova modalidade de golpe, que se utiliza de dispositivos constitucionais, numa aparente normalidade política, descontruindo por dentro as instituições da república e alimentando no seio da sociedade conflitos internos que acabam por deslegitimar os poderes constituídos.

O processo de *impeachment* desenrolou-se em um ambiente parlamentar em tumultuado— a sessão que aprovou a destituição da Presidenta da República, transmitida ao vivo em clima de comoção nacional, apresentou as verdadeiras motivações das bancadas na Câmara dos Deputados, deixando claro que o combate à corrupção não passava de uma mistificação, inexistindo fundamento material para a interrupção do mandato de Dilma Rousseff. Impunha-se ao país um projeto neoliberal, sem o respaldo da vontade popular. A democracia brasileira já estava sob risco.

Paralelamente, a Lava Jato - operação criada pela Polícia Federal em 2014, com o objetivo de investigar denúncias contra suposta atuação fraudulenta de agentes públicos na Petrobrás -, apresenta inicialmente o ex-presidente Lula como incontestado sabedor dos atos investigados, depois como pretense chefe de uma quadrilha de corruptos que atuaria na maior empresa brasileira, desviando recursos públicos para enriquecimento pessoal, seguindo-se à abertura de processos de corrupção ativa que teriam sido praticados diretamente por ele.

O sentimento difuso de descontentamento da população parece ter sido capturado pelos partidos de direita liberal e neoliberal, amplificados pelas bancadas religiosas ultraconservadoras (também concessionários de canais de TV), e pela mídia corporativa, que sempre se colocou na defesa dos interesses das classes dominantes. A essa conjuntura política desfavorável às forças de esquerda e centro-esquerda, somou-se o protagonismo de parte importante do Poder Judiciário, que seria caracterizado pela defesa jurídica de Lula como *lawfare* (uso do Direito para fins de perseguição política).

Não se desprezou nessa análise o desgaste dos governos petistas, as críticas à esquerda que apontavam um movimento de institucionalização das políticas públicas, deixando em segundo plano o diálogo com as bases populares que levaram o partido ao poder. Tampouco foram ignoradas as críticas à direita, por discordâncias na condução da política econômica a partir dos efeitos da crise mundial de 2008, que se fizeram notar no Brasil a partir de 2012, além de tantas outras legítimas reivindicações da sociedade civil organizada.

Compreendemos, entretanto, desde o primeiro momento, o caráter arbitrário da prisão de Lula e a necessidade de tratá-la como uma afronta aos direitos fundamentais consagrados na Constituição Federal de 1988, e uma quebra da ordem democrática no país.

A pesquisa buscou analisar os fatos políticos desde o golpe de 2016, que depôs a presidenta Dilma Rousseff e aprofundou-se no arbítrio contra o ex-presidente Lula, sob a hipótese de serem fatos correlacionados que caracterizariam um golpe continuado contra a implantação de um Estado de bem-estar social que avançava nos governos do PT.

Neste sentido, passamos então a acompanhar a execução da pena do cidadão Luiz Inácio Lula da Silva e elegemos como material de análise as entrevistas que ele concedeu no período abril-novembro de 2019, por se constituírem como sua voz no cárcere.

No trato com o material das entrevistas, por si só relevantes como legado político e registro histórico, vimos emergir com bastante força, uma dimensão ético-política parresíastica: a coragem da verdade. Este conceito foucaultiano serviu-nos de pilar teórico para compreender a dimensão de Lula como ser humano e como estadista, no enfrentamento das injustas acusações feitas a ele e na defesa da Democracia.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICA DOS GOVERNOS LULA E DILMA

Os governos Lula e Dilma (2003/2016) guinaram do liberalismo privatista do governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) para uma política de estar social, de garantia de direitos trabalhistas, proteção social aos mais pobres, segurança alimentar, programas de transferência de renda e redução de desigualdades entre as classes sociais, sem, contudo, incomodar o capital financeiro e a burguesia industrial.

No período, a oposição neoliberal, representada pelo PSDB e partidos aliados à direita no espectro político, avançava na apresentação de propostas ao parlamento de desregulamentação do Estado, precarização dos direitos trabalhistas e reforma da previdência social, com o apoio da mídia comercial. Após a quarta derrota eleitoral consecutiva para o Partido dos Trabalhadores, compreensível, tendo em vista que o projeto liberal é

essencialmente antipopular, a burguesia tradicional uniu-se à crescente bancada de cunho conservador e fundamentalista nos costumes e religião, além de outras representações políticas de extrema-direita na economia, com o objetivo de abreviar o quarto mandato do PT.

A descoberta das reservas do pré-sal, no segundo mandato de Lula, projetou o país para um novo patamar de desenvolvimento, a Petrobrás retomou a centralidade que teve na década de 1950, quando foi criada por Getúlio Vargas para ser o vetor do desenvolvimento econômico do país. O pré-sal impulsionou a indústria naval e diversos setores da economia, o que permitiu a ascensão de milhões de brasileiros a uma nova classe social, com direito à proteção de leis trabalhistas. A diplomacia brasileira dedicava-se a ampliar as relações internacionais, vindo a exercer protagonismo na formação de blocos multipolares, como os BRICS¹ que como veremos no desenvolver desse trabalho, teve ressonância nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos. O Brasil caminhava para o status de uma democracia estável, tendo regularmente realizado eleições livres desde 1988.

O petróleo, combustível das guerras e garantidor do poder unipolar dos Estados Unidos da América, segundo Yergin (2010), pode ser a peça do quebra-cabeça que explica a sucessão de ataques à democracia brasileira, desferidos contra um inimigo interno meticulosamente construído: a suposta corrupção praticada pelos governos do Partido dos Trabalhadores, exatamente na Petrobrás.

Em 2017, no agudo desenrolar do golpe, a ex-presidenta Dilma Rousseff (BETA REDAÇÃO, 2017) analisa que sua destituição teve como objetivo “[...] enquadrar o Brasil social, econômica e geopoliticamente ao neoliberalismo. O interesse estratégico que sustenta esse golpe parlamentar, ele tem razões no fato de que por quatro vezes consecutivas nós tínhamos derrotado o projeto neoliberal que agora está em curso no Brasil.”

Desde 2005, segundo Nassif (2018), Azevedo (2006) e outros, a mídia hegemônica trabalha para desmoralizar o Partido dos Trabalhadores desumanizando e estigmatizando militantes e políticos a ele filiados (GONÇALVES, 2018). Foi criada a maior operação de investigação policial do país, com poderes quase ilimitados, ao longo de mais de seis anos, em que foram deflagradas aproximadamente 80 fases.

No período de quatro anos, desde novembro de 2015, quando o juiz Sérgio Moro implicou pela primeira vez Lula nas investigações, até novembro de 2019 quando Lula foi libertado da prisão por decisão do STF, a Operação Lava Jato acusou, condenou, prendeu e

¹ A sigla BRICS designa o grupo de países formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

controlou a execução da pena de Lula por alegados crimes de corrupção e lavagem de dinheiro. Lula refere-se à trama da Operação Lava Jato como a arquitetura de um crime perfeito contra ele e contra o Estado de Direito. Essa arquitetura teria se dado, segundo Lula, na associação entre a mídia – nominalmente as Organizações Globo; a Polícia Federal, responsável pelos inquéritos, o Ministério Público Federal, na pessoa do Procurador Deltan Dallagnol, coordenador da força-tarefa em Curitiba, além de envolver três instâncias do Poder Judiciário: inicialmente na pessoa do juiz de primeira instância Sérgio Moro, que cuidou de ramificar na segunda instância o trâmite acusatório contra Lula, os desembargadores do TRF-4, e a terceira instância, o Supremo Tribunal de Justiça, que não analisou o mérito do processo.

“Eu na verdade me sinto numa encruzilhada em função da quantidade de mentiras que já foram contadas nesse país. Mentiras contadas por delegados que fizeram inquéritos contra mim. Mentiras contadas pelo Dallagnol e mentiras contadas pelo Moro e pelos juízes do TRF-4. E depois o Supremo Tribunal de Justiça que não entrou no mérito do meu processo.”²

LULA REAFIRMA SUA INOCÊNCIA FRENTE ÀS ACUSAÇÕES DA LAVA JATO

Entretanto, a história seguiria seu fluxo e ao debruçarmo-nos nos depoimentos do ex-presidente, em defesa de sua própria história e de sua honra pessoal, entendemos que Lula reafirma seu lugar como um político de grande expressão no período da redemocratização brasileira. A dimensão humana de Lula, sua epopeia pessoal até chegar a à Presidência do Brasil, tendo sido o presidente mais bem avaliado pelo povo brasileiro, para depois sofrer o revés de se ver acusado, julgado e condenado por corrupção, além de ser retratado pela mídia corporativa nacional como o inimigo número um do país, é uma história de sucessivos reveses e de sucessivas superações.

Ao testemunharmos seu apego aos valores democráticos, ao amor pela *res publica* e a herança moral por ele frequentemente atribuída à sua mãe - e que sustenta até aqui a defesa de uma vida honesta e digna-, entendemos que o caráter de Lula pode ter forjado suficiente resistência à trama montada pela operação protagonizada por juízes e procuradores integrantes da força tarefa Lava Jato, sobre a qual discutiremos ao longo deste trabalho.

² Entrevista de Lula a Bob Fernandes da TVE Bahia, em 15 de agosto de 2019 (ANEXO I).

Entendemos que a *teimosia*³ do réu na afirmação de sua inocência foi um dos fatores determinantes para que a Operação Lava Jato ruísse na sua aparência de legalidade, não sem antes afundar o país numa crise política, econômica e social de proporções ainda a serem avaliadas pela história.

À medida que os processos contra Lula demonstravam uma dimensão persecutória, foi se firmando para nós, com base nos ensinamentos de Michel Foucault, a hipótese de que Lula apresenta as características de um parresiasta, por sua grandeza e firmeza pessoais, por sua obstinação em lutar por fazer prevalecer a verdade jurídica sobre as acusações que lhe foram imputadas, inclusive recusando-se a usufruir de benefícios no cumprimento da pena, declarando-se unicamente interessado no reconhecimento de sua inocência.

Nos tempos mais duros na prisão, após a perda de familiares muito próximos a si, e percebendo a insensibilidade e a resistência da Operação Lava Jato a curvar-se diante das evidências de sua inocência, Lula declarou que não sabia o que esperar do futuro, que àquele ponto, considerava-se um *Dom Quixote em busca da verdade*⁴. A coragem da verdade, até o limite da perda da liberdade pessoal e, mais que isso, escolhendo a prisão como alternativa mais honrada do que a aceitação de uma culpa que não se reconhece, é a característica de grandes parresiastas, como o foram Sócrates, Galileu Galilei e Giordano Bruno.

³ A mãe de Lula, Dona Lindu o aconselhava a teimar, insistir no que considerava correto, ainda que viesse a fracassar nas primeiras tentativas..

⁴ Entrevista de Lula a Beatriz Pasqualino e Nina Fideles, do Jornal Brasil de Fato, em 23 de outubro de 2019 (ANEXO W).

Imagem 1 - Carta de Lula ao povo brasileiro

Ao Povo Brasileiro
 NÃO Troco minha dignidade pela minha
 Liberdade.

Tudo que os procuradores da Lava Jato
 realmente deveriam fazer é pedir desculpas ao
 Povo Brasileiro, aos milhões de desempregados e
 à minha família, pelo mal que fizeram à
 Democracia, a Justiça e ao país.

Quero que saibam que não aceito
 barganhar meus direitos e minha liberdade.
 Já demonstrei que são falsas as
 acusações que me fizeram. São eles e
 não eu que estão presos às mentiras que
 contaram ao Brasil e ao Mundo.

Diante das arbitrariedades cometidas
 pelos Procuradores e por Sergio Moro, cabe agora
 à Suprema Corte corrigir o que está errado,
 para que haja Justiça Independente e impar-
 cial. Como é devido a todo cidadão.

Tenho plena consciência das decisões
 que tomei neste processo e não descansarei
 enquanto a verdade e a Justiça não
 voltarem a prevalecer.

Curitiba 30/09/2019

Lula

1 LULA PARRESIASTA?

1.1 A NOÇÃO DE *PARRESÍA* EM MICHEL FOUCAULT

O filósofo Michel Foucault (1926-1984) dedicou seus últimos livros ao tema da *parresía*, ou seja, sobre as condições de produção de um discurso verdadeiro, de um ato corajoso que implica necessariamente colocar em risco a própria existência daquele que assim se manifesta.

Nos últimos anos de sua vida, e por algumas vezes, Foucault buscou precisar a trajetória de seu pensamento, cuidadosamente situando seus estudos e pesquisas em um projeto geral, ou seja assim explicitado: analisar o que se pode chamar de matrizes de experiência (loucura, criminalidade, sexualidade), segundo a correlação de três eixos que constituem esta experiência (a formação dos saberes, a normatividade dos comportamentos e a constituição dos modos de ser do sujeito) (FOUCAULT, 2011).

Para tanto, e de acordo com o próprio Foucault, foi necessário proceder a diversos deslocamentos teóricos e metodológicos, diferenciando seus estudos dos já delineados nestas áreas. Buscou, então, estudar a formação dos saberes a partir das práticas discursivas e da história das formas de veridicção; a normatividade dos comportamentos através da história e análise dos procedimentos e tecnologias de governamentalidade; e a análise das modalidades e técnicas da relação consigo. Ou seja: análise das formas de veridicção, análise dos procedimentos de governamentalidade e, análise da pragmática do sujeito e das técnicas de si (FOUCAULT, 2011).

As primeiras palavras do curso adquirem, rapidamente, o aspecto de uma reavaliação global dos seus trabalhos desde a História da Loucura e de um balanço metodológico, com Foucault tratando de cadenciar em três momentos o conjunto da sua obra (veridicção/_governamentalidade/_subjetivação), de precisar os grandes deslocamentos conceituais realizados cada vez e de afastar os mal-entendidos (GROS, 2004, p. 344).

Estes três deslocamentos constituem a originalidade do pensamento de Michel Foucault. Daí que tenha, nos últimos anos, buscados esclarecer dúvidas e precisar melhor sua trajetória, indicando e retomando questões que ele julgava haviam sido deixadas em suspenso. Neste balanço de seu percurso, faz questão de deixar claro que, metodologicamente, estes três aspectos não devem ser vistos separadamente e sim, em correlação:

[...] indiquei a vocês que este ano eu queria retomar algumas das questões que haviam sido deixadas em suspenso nesse percurso, insistindo precisamente em alguns aspectos, algumas questões que marcam melhor a correlação desses três eixos. Eu tinha me consagrado, vamos dizer, principalmente a estudar sucessivamente cada um desses três eixos [...]. Gostaria agora de tentar ver como se pode estabelecer, como se estabelece efetivamente, a correlação deles e tentar apreender alguns pontos, alguns elementos, algumas noções e algumas práticas que assinalam esta correlação e mostram como efetivamente ela pode ser levada a cabo (FOUCAULT, 2011, p. 42).

A partir destas delimitações Foucault dedicou-se a colocar a questão da *parresía*. No curso *A hermenêutica do sujeito*, ministrado no Collège de France em 1982, Foucault já havia mencionado a *parresía*, quando de seus estudos sobre a direção de consciência antiga, onde aparece como importante a figura do Outro (o mestre, o diretor): “não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com o outro. E o papel desse outro é precisamente dizer a verdade [...]” (FOUCAULT, 2011, p. 43).

No entanto, é nos dois últimos cursos, *O governo de si e dos outros* (FOUCAULT, 2011) e *A coragem da verdade* (FOUCAULT, 1984), que Foucault dedicou-se inteiramente a uma problematização histórica da noção de *parresía*: uma noção, segundo ele, ambígua, difícil, porém rica, designando tanto uma virtude, como um dever, uma técnica ou um procedimento (FOUCAULT, 2011).

Numa abordagem inicial, *parresía* pode ser entendida como sendo, primeiro, o fato de dizer a verdade, se distanciando do que pode ser mentira ou bajulação. Mas não é o conteúdo o que define a *parresía* e sim, uma certa maneira de dizer a verdade. Mas o que é esta maneira de dizer a verdade e quais são as diferentes maneiras possíveis de dizer a verdade? – pergunta Foucault (FOUCAULT, 2011, p. 52).

A *parresía* não é uma simples maneira de demonstrar a verdade, nem uma estratégia de persuasão, ensino ou discussão. Estes elementos podem fazer parte, mas não constituem a *parresía*.

Digamos que a *parresía* é, pois, uma certa maneira de dizer a verdade, e é preciso saber o que é essa maneira. Mas essa maneira não pertence nem à erística e a uma arte de discutir, nem à pedagogia e uma arte de ensinar, nem à retórica e a uma arte de persuadir, nem tampouco a uma arte da demonstração. Ou ainda, não encontramos, creio o que é a *parresía*, não podemos isolá-la, não podemos apreender o que a constitui nem na análise das formas internas do discurso nem nos efeitos que esse discurso propõe a obter. Não a encontramos no que poderíamos chamar de estratégias discursivas. Então em que é que ela consiste, se não é no próprio discurso e em suas estruturas? Se não é na finalidade do discurso que podemos situar a *parresía*, onde podemos situá-la? (FOUCAULT, 2011, p. 55).

Ou seja, a *parresía* não está na estrutura interna do discurso nem em sua finalidade, mas “do lado do risco que o dizer-a-verdade abre para o próprio interlocutor [...]. Os parresiastas são os que, no limite, aceitam morrer por ter dito a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 55-56). “Ou ainda, a *parresía* é a ética do dizer-a-verdade, em seu ato arriscado e livre” (FOUCAULT, 2011, p. 64).

Neste sentido, não é porque alguém está sendo perseguido que existe *parresía*. O parresiasta é aquele que aceita o risco de ser exilado, morto, vendido, preso etc., por dizer a verdade: Dizer a verdade “a um preço não determinado, que pode ir até sua própria morte” (FOUCAULT, 2011, p. 56).

Assim, a *parresía* introduz uma questão filosófica importante, que é o vínculo entre liberdade e verdade: em que medida o obrigar-se à verdade é também o exercício perigoso da liberdade?

Segundo Gros (2004), inicialmente, Foucault dedica-se aos estudos da *parresía* como fundamento ético da democracia: é a prerrogativa do cidadão de bem tomar a palavra. Segue-se outro momento, em que o dizer verdadeiro parece incompatível com a própria estrutura da democracia. É quando o dizer verdadeiro na democracia torna-se um risco de vida.

No entanto, é no curso de 1984 que “Foucault descreverá a *parresía* socrática como provação ética de sua própria vida e da do outro por uma palavra de verdade. Tratar-se-á então de colocar a questão da “verdadeira vida”.” (GROS, 2004, p. 350).

Na aula de 07 de março de 1984, ao tratar do cinismo como certa forma de *parresía*, Foucault identifica “o tema da ética política desde o séc. XIX: é o tema da verdadeira vida” (FOUCAULT, 1984, p. 191).

O que é a verdadeira vida? Dado que nossos parâmetros mentais, nossa maneira de pensar nos fazem conceber, não sem alguns problemas, como um enunciado pode ser verdadeiro ou falso, como pode receber um valor de verdade, que sentido se pode dar a esta expressão de “verdadeira vida”? (...) Quando se trata da vida (...), como é que se pode utilizar a qualificação de verdadeiro? O que é um verdadeiro sentimento? O que é o verdadeiro amor? O que é a verdadeira vida? (FOUCAULT, 1984, p. 192).

Conforme já mencionado, estamos diante de uma noção ao mesmo tempo rica, ambígua e difícil – nas palavras do próprio Foucault.

Por que então focar o tema da verdade, quando este é tão espinhoso, complexo e arriscado? Para além do risco - que afinal tende a se fazer presente em maior ou menor grau em todo ato de escrita -, a aproximação entre as reflexões de Michel Foucault sobre *parresía* e

as declarações do ex-presidente Lula sobre sua condenação⁵ e o período de encarceramento⁶, se deu, na pesquisa, de maneira quase inevitável.

Estes estudos sobre a coragem-da-verdade, sobre parresía, abriram novos horizontes para a aproximação com o tema, a partir das considerações de Foucault:

De modo geral, trata-se de uma prática discursiva marcada pela ousadia de se expressar livremente, pelo uso destemido da palavra, por seu ímpeto provocativo, em suma, pela coragem de falar-a-verdade. Esse ato corajoso implica necessariamente colocar em risco a própria existência de quem se manifesta. A fala do parresista conduz para fora dos limites de uma zona de conforto e segurança, pois tem um efeito inquietante sobre seu interlocutor, podendo tanto romper o vínculo entre ambos quanto gerar reações violentas por parte de quem ouve. Daí Foucault ressaltar – e ele está ciente do aspecto dramático de suas palavras – que “os parresistas são aqueles que, no limite, aceitam morrer por ter dito a verdade” (FOUCAULT, 2008, p. 56 *apud* PINHO, 2015, p. 36).

1.1.1 Os atributos do *falar francamente* nas entrevistas no cárcere

No transcorrer dos nossos estudos, buscamos identificar os atributos do falar francamente nos discursos do ex-presidente: Lula declara-se inocente com crescente veemência, destarte os riscos de agravamento de sua situação judicial, que a proposta deste estudo, de uma análise de suas entrevistas no âmbito das problematizações sobre a parresía, tal como nos ensinamentos de Foucault, nos pareceu, além de um desafio intelectual, também um necessário posicionamento ético frente aos acontecimentos históricos.

A busca da verdade é o foco de Lula, como se constata desde a primeira audiência judicial, ocorrida em 1º de maio de 2017, que “*não há perguntas difíceis para quem fala a verdade*” (EXAME, 2017, *online*). Em seguida declara que a versão fantasiosa sobre a suposta aquisição e reforma de um apartamento triplex no Guarujá, com recursos advindos de doações ilícitas de um executivo da OAS, era mentira. Disse também que considera o processo ilegítimo e uma farsa. Na sequência dos depoimentos Lula afirma ao juiz que o interroga que ele, juiz Moro, não teria outra saída a não ser condená-lo, porque a mentira contada e recontada sobre o triplex do Guarujá, como o processo ficou conhecido, já tinha ido longe demais.

Contra a avalanche de acusações judiciais, a parcialidade midiática, a crescente onda conservadora e mesmo neofacista que avança sobre o país, com a conquista do poder

⁵ Em 2018 ver TRF-4.

⁶ O ex-presidente Luiz Ignácio Lula da Silva teve a prisão decretada em 7 de abril de 2018 e, no dia seguinte se apresentou para o cumprimento da pena.

justamente por aqueles que buscam silenciar a voz do réu proclamado culpado e condenado a doze anos de prisão em regime fechado, Lula insistentemente proclama sua inocência desde os primeiros movimentos jurídico-político-midiáticos, amparado por juristas que desde a primeira hora publicaram análises denunciando os arbítrios da Operação Lava Jato: Proner *et al.* (2016), Trindade (2018), Sader (2019), Serrano (2016), Peixoto (2016), entre outros.

A advogada de defesa do ex-presidente, Valeska Martins, pronunciou-se, em entrevista sobre o caso Lula: “Depois de toda essa investigação, eles tinham certeza de que encontrariam algo, mas não acharam nada. O que deu errado nessa perseguição toda é que o Lula é inocente”. (AGÊNCIA PTa, 2019, *online*).

Com o desenrolar do processo judicial a coragem e disposição de Lula no enfrentamento das situações de sofrimento, isolamento e de calúnias contra si e sua família, firmaram-se publicamente.

Na primeira entrevista⁷ no cárcere, concedida à imprensa, exatamente um ano após a prisão, Lula afirma:

“Eu tomei como decisão que meu lugar é aqui. Eu tenho tanta obsessão de desmascarar o Moro, desmascarar o Dallagnol e a sua turma e desmascarar aqueles que me condenaram, que eu ficarei preso cem anos, mas eu não trocarei a minha dignidade pela minha liberdade. Eu quero provar a farsa montada. Eu quero provar. Eu vou trabalhar muito para mostrar minha inocência e a farsa que foi montada.”

Passados um ano e três meses da prisão, na entrevista que concedeu ao portal Brasil 247 (TV 247, 2019), num ambiente amistoso, de encontro com jornalistas de longa militância nas esferas democráticas, o ex-presidente demonstrou uma surpreendente força moral, e falou da esperança de que o país retomará os trilhos da Democracia e que ele aguarda sem abatimento ou rancor, o momento em que será declarada sua inocência:

“Eu quero sair daqui com cem por cento da minha inocência. Não diga assim: - Ah, vamos tirar o coitadinho daqui porque ele está velho. Não estou velho. Não diga assim: - vamos tirar o coitadinho, vamos deixar ele em casa. Em casa ele pode até tomar o uisquezinho dele, pode até receber gente controlada, vamos colocar uma tornozeleira nele. Não sou pombo. Coloque neles a tornozeleira. Eu só saio daqui – eu sei que é duro para as minhas pessoas eu dizer isso, para minhas netas, meus filhos, mas só saio daqui com cem por cento da minha inocência e o maior prazer seria sair daqui e o Moro entrar no meu lugar. Ele e o Dallagnol. Porque quem recebe dinheiro do Estado, quem presta um concurso, quem está para servir a sociedade e faz a canalhice, a bandidagem que eles fizeram, eles não merecem estar soltos. Agora, eu espero que a Suprema Corte, em algum momento, tomada da sabedoria, sabe, de tanto estudo que as pessoas tiveram, lendo a Constituição, as pessoas façam um julgamento justo. Eu só quero isso. Só quero isso. Não se

⁷ Entrevista de Lula aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de SP, e Florestan Fernandes, do El País, em 26 de abril de 2019 (ANEXO B).

preocupem comigo aqui: - ah, o coitadinho está sofrendo. Não. Comigo é assim, sair daqui sem a minha inocência é fazer como alguns, é sair como um rato. Eu não nasci para isso, não nasci para isso. Eu prefiro estar aqui, de cabeça erguida, do que estar lá fora como um verme.”⁸

Voltando a Foucault, o filósofo busca dar precisão ao conceito de parresía, comparando-o e distinguindo-o de outros três modos de discurso verdadeiro: o discurso do profeta, do técnico e do sábio.

O profeta funcionaria como um mediador de uma mensagem que, por características muito especiais, só ele tem acesso. O profeta não enuncia uma verdade originária de sua própria consciência ou subjetividade, e sim uma verdade que ele antevê, e de certa forma aponta para o futuro. Seria um conhecimento revelado que apontaria para uma nova condição ou caminho a ser trilhado.

O técnico pode ser entendido como um mestre, alguém que tem o conhecimento mais adequado sobre temas necessários ao desenvolvimento ou melhorias de condições da vida social. Ele ensina um modo de fazer *pari passu*, criteriosamente. O técnico tem como ofício a transmissão de informações acumuladas, confiáveis e verificáveis como verdadeiras.

O sábio seria aquele que acumulou conhecimentos e experiências, numa vida em que a verdade vai sendo esculpida, em razão de seu modo de ser. O sábio pode ser consultado sobre grandes questões da cidade. Ele dá testemunho de sua verdade. Mas sua mensagem deve ser decodificada e interpretada pelos seus interlocutores. Ele age em acordo com seu discurso, mas não o impõe, não há um desafio a outrem.

Para Rafael Lauro (2019, *online*):

O profeta é obscuro, o parresiasta é o mais claro que pode ser. Ele apresenta em ato o que pensa. Aliás, este é seu desafio: como dizer a verdade sem quebrar esse vínculo de escuta? Como falar o que é preciso ser dito sem fechar os ouvidos de quem ouve? O parresiasta não precisa ser interpretado, ele mesmo mostra o que se passa. Ele aposta na própria franqueza como revelação de uma covardia, algo que todo mundo sabe, mas ninguém quer ver. A parresía não deixa nada a interpretar, ela deixa algo a fazer.

Buscamos, portanto, demonstrar nesse estudo que a trajetória de Lula descortina paulatimamente uma atitude parresiástica. Ele coloca diretamente em risco sua liberdade, sua segurança e sua própria vida.

Ao senso comum, a impressão que as primeiras negativas de Lula sobre cometimento de qualquer ilicitude ou qualquer ato de corrupção na sua vida pública, foi a de que ele

⁸ Entrevista de Lula aos jornalistas Mauro Lopes, Pepe Escobar e Paulo Moreira Leite do Brasil 247, em 22 de agosto de 2019 (ANEXO J).

comportava-se com um ser extemporâneo, um personagem da ficção literária, ao afirmar, contra toda a narrativa midiática e judicial, que jamais aceitaria as acusações que lhe eram imputadas, por serem inverídicas.

Como se poderia afirmar que numa carreira política que já soma cinco décadas não haveria deslizes éticos ou favorecimentos decorrentes da gestão? Soa inverossímil na cultura política não só do Brasil, mas também nas democracias contemporâneas, nas quais a verdade e a ética nem sempre caminham a par com o exercício da vida pública.

As problematizações foucaultianas sobre a coragem da verdade, mostram que o autor buscou na vida de alguns filósofos da Antiguidade, tomando Sócrates como exemplo, alguém que preferiu a morte - entendida aqui como afirmação da liberdade- a ter que abjurar a verdade. Foucault aprofunda suas interrogações ao constatar que dificilmente encontra-se no mundo político contemporâneo tal coragem da verdade.

Lula atualiza a definição aristotélica de que *o homem é um animal político*. Por esta razão, gostaria de partir deste lugar – o aparato jurídico - institucional o poder de Estado que detém sobre ele poder quase soberano, de vida e morte⁹, tendo como contraponto o discurso do réu sobre a sua condição de inocência.

Este estudo levanta, necessariamente, questões jurídicas sobre os processos pelos quais Lula foi condenado em primeira e segunda instâncias, e em razão dos quais cumpriu pena de prisão. Juristas nacionais e internacionais publicaram minuciosas análises jurídicas denunciando erros, impropriedades, dolo e planejamento meticuloso para retirar Lula do jogo político-partidário e de todas as formas provocar o esquecimento de seus governos e até de sua imagem pública.

O que teria encorajado os atores da operação Lava Jato a levar adiante, acusações, inquéritos e processos sem fundamento factual, como por fim ficou caracterizado? Poderemos supor que, para além de interesses geopolíticos e um imbricado contexto nacional, tenha se somado um basilar descrédito na possibilidade de lisura política do sistema democrático. A questão das democracias modernas é objeto de reflexão de Foucault, que revisita os clássicos gregos e reflete sobre a (in)compatibilidade do discurso parresiástico prosperar em um sistema político mais propenso a acatar discursos de convencimento das massas (GROS, 2004).

Lula surgiria como uma afirmação de que a ética parresiástica é possível e que esta passou a ser sua missão de vida, e traz sua história pessoal, como base de sua tenacidade

⁹Ver tópico sobre a crueldade na execução da pena.

quase obsessiva em busca de seu *atestado de inocência*. Lula poderia ser um personagem de um romance épico: o menino pobre nordestino, filho de uma família numerosa, mãe analfabeta e pai alcólatra, conheceu a fome, a luta precoce pela sobrevivência; a travessia do nordeste pobre e árido para a maior e mais rica cidade do país.

Em entrevista realizada na data de 31 de janeiro de 2018, logo após a condenação em segunda instância e enquanto esperava a ordem de prisão -, que seria por fim expedida em 07 de abril do mesmo ano - houve intensos debates sobre qual deveria ser a atitude do ex-presidente frente à injusta condenação. Mas Lula não cedeu das suas convicções pessoais, como ilustra o diálogo, às vésperas da prisão:

Juca Kfourri – Deixe-me interrompê-lo. As pessoas que gostam do Lula acham que o senhor tem que ir para uma embaixada e não se deixar prender; as pessoas que gostam do Lula acham que o senhor tem que explorar politicamente, com seu discurso, a possibilidade de mobilização do povo brasileiro, e isso não se faz da cadeia, mas da embaixada de um país amigo. Parece, entretanto, que há uma decisão sua de ir para casa e esperar a polícia chegar.

Lula – Olha, eu conheço companheiros que ficaram quinze anos exilados e não tiveram voz aqui dentro, no Brasil. Se eu tivesse cometido um erro, se tivesse cometido um crime, [entre] todos esses de que estou sendo acusado, talvez eu fizesse isso. Como tenho plena consciência da minha inocência, eles vão pagar o preço. Tudo tem um preço. Eu sei que tem muita gente que gosta de mim, mas não tem ninguém que gosta mais de mim do que eu mesmo. Eu vou brigar aqui dentro. Vou fazer a sociedade brasileira discutir os meus processos aqui dentro.

Maria Inês Nassif – O senhor acha que o preço que eles pagam com o senhor na cadeia é maior do que pagariam com o senhor exilado?

Lula – O preço que vai ser pago historicamente é a mentira contada agora. Eu sei que é difícil eles aceitarem que um metalúrgico torneiro mecânico diga que eles estão mentindo. Mas eles estão mentindo. A Polícia Federal mentiu no inquérito, o Ministério Público mentiu na denúncia, e o Moro sabia que não era verdade e aceitou e transformou as mentiras num processo que me condenou. E a segunda instância no Rio Grande do Sul transformou a outra mentira na minha condenação. Qual é a única coisa que eu tenho? A minha dignidade. É o maior valor que eu tenho. Eles querem prender? Prendam, paguem o preço.

Juca Kfourri – Humilhado na cadeia?

Lula – Eu não sei, esse negócio de humilhado na cadeia não é assim. Já houve momentos de muita humilhação na cadeia, de muita gente inocente. Vamos ver. Eu não tenho muita experiência, porque só fiquei trinta dias preso. Eu estou com 72 anos de idade, esses caras sabem que o que estão fazendo comigo é uma sacanagem política. Porque, se eles tivessem base material... Se eu tivesse cometido o crime que eles dizem que cometi, você acha que eu estaria brigando do jeito que estou? Você acha que o meu advogado, que é um menino, que muita gente pensou que não serviria, estaria brigando como está brigando? Eu digo para os meus advogados todos os dias: “Quero que vocês saibam que estão defendendo um inocente”. (SILVA, 2018, p. 42).

Em entrevista concedida ao jornalista Kennedy Alencar (2019)¹⁰, na data de 03 de maio de 2019, após 13 meses de encarceramento, Lula mantém a posição de defesa da própria dignidade, em detrimento de qualquer possibilidade de negociar judicialmente a liberdade,

¹⁰ Entrevista de Lula ao jornalista Kennedy Alencar da BBC News, em 3 de maio de 2019 (ANEXO C).

sem o reconhecimento de sua inocência. O tema da verdade é destaque nesse como em tantos outros depoimentos:

“Eu queria, primeiro, agradecer a entrevista. Dizer que é uma oportunidade extraordinária que você está me dando de poder colocar a verdade nua e crua, sempre desafiando qualquer empresário, qualquer juiz, qualquer promotor a provar qualquer deslize da minha conduta ética e moral neste país, da minha honestidade. E reafirmar que há um inquérito mentiroso a meu respeito, uma acusação mentirosa e um julgamento mentiroso. E disto eu faço questão - tenho uns 20 anos de vida pela frente -, de tentar provar a farsa e a montagem que fizeram para poder me colocar aqui.”

Lula sofreu nos primeiros doze meses de prisão (abril 2018 a abril 2019) um processo de silenciamento. Foram-lhe vedadas todas as formas de comunicação com o povo brasileiro. Direitos básicos lhe foram negados, até mesmo o de votar nas eleições de 2018, com a alegação de que não havia como fazer chegar à Superintendência da Polícia Federal de Curitiba uma urna para colher o voto, nem tampouco seria seguro conduzir o preso até uma seção eleitoral, porque a presença do ex-presidente poderia provocar tumulto, conforme alegaram as autoridades a quem cabia a execução da pena.

Fica evidente, após o vazamento das mensagens entre procuradores (junho de 2019), a tentativa de promover o apagamento da memória de Lula pelo povo brasileiro, com o objetivo de retirá-lo da cena política, uma vez que dentro do jogo democrático o objetivo da oposição era inviável: ganhar as eleições defendendo um projeto de governo onde o povo é descartável, desnecessário e mesmo um inimigo a ser combatido.

Mas eis que após um ano de pressão judicial, popular, internacional, inclusive de órgãos da ONU, o direito de conceder entrevistas é concedido ao ex-presidente. E emerge destas ocasiões um homem a quem o silêncio engrandeceu, fortaleceu, iluminou. A busca da verdade tornou-se mais importante para ele do que a liberdade, quando esta lhe foi oferecida como uma concessão, uma negociação para se colocar um fim à injustiça que se tornou motivo de protestos internacionais.

Ao ser acusado de possuir um apartamento que jamais fora seu, ele relatou que durante sua passagem, como ajudante numa mercearia, sentia um enorme desejo de provar uma maçã. Mas continha-se, ainda que com fome, para não envergonhar sua mãe.

Lula herdou da mãe a religiosidade baseada em princípios cristãos – a família é católica. Cultivou laços familiares que deram suporte para o enfrentamento de todas as

dificuldades de uma vida material miserável, mas ativa. A espiritualidade tem sido aprofundada no cárcere (LOPES, 2019). Representantes de diversas religiões, ao visitá-lo dão depoimentos sobre o desenvolvimento espiritual de Lula. A busca da serenidade, firmeza de propósitos e defesa dos necessitados e excluídos são condições de sua resistência.

O portal RBA (2018, *online*) relata a visita de Monja Cohen, em 30 de julho de 2018, à carceragem de Curitiba:

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu no final da tarde desta segunda-feira (30) a visita da monja budista Coen Roshi. Segundo ela, Lula tem meditado “e acredita numa coisa muito maior que o conduz”. A religiosa disse que sentiu “um pouco de alegria e um pouco de tristeza” pela visita. “Alegria de poder encontrar o presidente e falar com ele, e tristeza por ele estar nessa circunstância.”

A uma pergunta, em entrevista coletiva, sobre qual seu posicionamento político, ela afirmou: “Temos que nos posicionar no mundo, e vivo num país onde se é obrigado a votar. É impossível um líder religioso dizer que não está envolvido em política. A vida é política. Tem a política da nossa casa, a política da nossa casa comum, que é o Brasil, e dentro dessa maneira de pensar a realidade, eu concordo e apoio o pensamento do presidente Lula”.

Em sua opinião Lula é [...] “Um líder carismático, querido, amado, porque é bom. Estive com ele agora. Os seus olhos são puros. Ele disse: ‘Eu tenho trabalhado em mim mesmo a não raiva.’”

Foucault reflete sobre as dimensões filosófica e espiritual como possibilidades da verdade. A busca racional da verdade pelo sujeito cognoscente, conforme a filosofia clássica vai conformar o conhecimento de si.

Na dimensão da espiritualidade a verdade poderá ser alcançada através de uma transformação, por uma mudança no próprio modo de ser, o que leva o sujeito à iluminação. O que Foucault denomina cuidado de si.

No texto *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*, Foucault (2004, p. 99) explica a síntese dessas dimensões da verdade. Ele afirma que:

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si ± este é o lado socrático-platônico ±, mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade.

E na pergunta seguinte, Foucault esclarece as relações entre filosofia e política, na dimensão de cuidado de si e dos outros:

Será que a partir disso seria possível pensar uma ligação fundamental entre filosofia e política?

- Sim, com certeza. Acredito que as relações entre filosofia e política são permanentes e fundamentais. Certamente, se considerarmos a história do cuidado de si no pensamento grego, a relação com a política é evidente. E de uma forma, aliás, muito complexa: por um lado, vê-se, por exemplo, Sócrates - tanto em Platão, no Alcibíades, quanto em Xenofonte, nas *Mémoires* -, que interpela os Jovens dizendo-lhes: "Não, mas então me diga, queres te tornar um homem político, governar a cidade, ocupar-te dos outros, mas tu não te ocupaste de ti mesmo, e se não te ocupas de ti mesmo, serás um mau governante": dentro dessa perspectiva, o

cuidado de si aparece como uma condição pedagógica, ética e também ontológica para a constituição do bom governante. Constituir-se como sujeito que governa implica que se tenha se constituído como sujeito que cuida de si.

Lula avoca a ética na política como base de seu comportamento.

Eu, no meu caso, continuo desafiando o Moro, o TRF-4, a Polícia Federal, o Ministério Público a provar que recebi um real de empresário na minha vida. Nunca precisei de favor. Não é apenas uma questão de honestidade, é uma questão de comportamento político. Era assim quando eu estava no Sindicato, era assim quando estava no PT, era assim quando estava na Presidência. Nunca um empresário teve coragem de me oferecer um real. É por isso que eu desafio a classe empresarial. Desafio qualquer empresário do Brasil, qualquer governador de estado que conviveu comigo, qualquer deputado, qualquer senador, qualquer jornalista, qualquer um, a dizer que um dia pedi cinco reais para um deles. Eu não faço isso de bravata, não. Pode aparecer o Emílio Odebrecht e dizer: “Eu dei dinheiro para o Lula”. Diga onde é que você depositou, onde você entregou, qual é a minha conta em que você colocou? Se alguém pegou o dinheiro em meu nome, diga para quem você deu. Não venha querer me incluir nesse negócio, não. Eu faço isso porque vir de onde eu vim e aprender a andar de cabeça erguida não é pouca coisa. E, se você baixar a cabeça, os caras botam uma canga e você nunca mais levanta a cabeça. Muita gente diz: “Ah, Lula, se só tirarem você da disputa e não te prenderem, está bom”. Está bom nada, porque pra mim é uma questão de orgulho e honra pessoal, de comportamento de vida. Eles mexeram com quem não deveriam mexer. Eu não sou maior do que a lei, mas eles mexeram com quem não deveriam mexer, e eu não vou morrer com a pecha de ladrão. (SILVA, 2018, p. 68; 103).

1.1.2 O cuidado de si e as práticas de si como características parresiásticas

Ressaltamos aqui outra característica da parresía. O cuidado de si na construção da ética pessoal. Michel Foucault direcionou suas preocupações nos estudos sobre a coragem da verdade, para o tema dos modos de subjetivação, privilegiando as “práticas de si”, o “cuidado de si”, as “técnicas de si”, os “modos de relação consigo”, o “domínio de si”, a “elaboração de si” e o “governo de si” - conforme as várias expressões encontradas em seus textos -, através das quais os indivíduos se constituem como sujeitos éticos.

Em muitos dos textos gregos, romanos e do cristianismo antigo estudados por Foucault, as práticas de si, além de condição para a constituição ética do sujeito, são colocadas como condições para o governo do outro. Nestas práticas de si, Foucault põe em evidência o papel da escuta, da escrita, dos exercícios físicos e espirituais, das meditações, evidenciando que o cuidado de si não é um movimento natural da subjetividade, implicando a figura do mestre de existência, por um lado e, por outro, a tomada da palavra corajosa em praça pública.

No curso de 1983, Foucault estuda essencialmente uma parresía política, que compreende duas formas históricas:

- a) palavra dirigida aos conjunto dos cidadãos;

- b) a palavra dirigida ao governante, para incitá-lo a bem se dirigir. Já no curso de 1984, o dizer-a-verdade da parresía comporta um risco para o sujeito, distinguindo-se do dizer a verdade do ensino, profecia, sabedoria.

Assim, a excelência política dependerá da maneira como os atores políticos souberem se constituir como sujeitos éticos. Essa diferenciação ética supõe fazer intervir na construção da relação consigo a diferença da verdade e daí o desafio para a Democracia: a filosofia antiga inscreve o problema do governo dos homens sob a dependência de uma elaboração ética do sujeito capaz de ressaltar nele e em face dos outros a diferença de um discurso de verdade (FOUCAULT, 1984, p.305-306).

Embora não tenha adentrado nas questões atuais, Foucault dirá, como hipótese a ser verificada, que a modalidade do dizer-a-verdade parresiástica, per se, não é mais encontrada, a não ser apoiando-se nas modalidades do dizer-a-verdade profético (em certo número de discursos políticos, revolucionários); assim como a modalidade tecnicista se organiza em torno da ciência, da pesquisa e das instituições de ensino. Quanto ao dizer-à-verdade do ser, podemos encontrá-lo no discurso filosófico.

O discurso revolucionário, quando assume a forma de uma crítica da sociedade existente, desempenha o papel de discurso parresiástico. O discurso filosófico, como análise, reflexão sobre a finitude humana e crítica de tudo o que pode, seja na ordem do saber, seja na ordem da moral, extravasa os limites da finitude humana, desempenha um pouco o papel da parresía. Quanto ao discurso científico, quando ele desenrola – e não pode deixar de fazê-lo, em seu desenvolvimento mesmo – como crítica dos preconceitos, dos saberes existentes, das instituições dominantes, das maneiras de fazer atuais, desempenha justamente este papel parresiástico”. (FOUCAULT, 1984, p. 29).

Assim, dentro das balizas colocadas pelos Estados Democráticos de Direitos, ou Democracias Constitucionais, o parresiasta é aquele que, ocupando-se de si mesmo como convém, e indexando sua vida à verdade, arrisca-se na cena pública como aquele que tem credibilidade para participar do jogo democrático, de confrontar a tirania e acenar com a possibilidade de uma vida outra.

E foi neste jogo democrático que Moro, Dallagnol e demais operadores da Lava Jato tentaram interferir: desqualificar Lula como indigno de participar do jogo democrático, como aquele que justamente rouba o povo e fraudava a Democracia, sendo o chefe de uma quadrilha que saqueou o Brasil. Pretenderam tornar Lula infame¹¹. Impedi-lo a qualquer custo de falar ao outro.

¹¹ Para outra análise sobre o tema, recomendamos a leitura de Antonio Candido: A verdade da repressão – Blog da Boitempo, acesso em 12 de março de 2022.

Nas práticas de si, Lula demonstra a determinação em provar sua inocência e a não desperdiçar o tempo de clausura. A indignação com a injustiça a que foi submetido e a preocupação com os familiares expostos a toda sorte de arbitrariedade, não o impediram de dedicar-se ao cuidado de si. Lula submeteu-se a uma rotina produtiva, dedicando-se à manutenção da saúde física e emocional; à missão de sua vida que passou a ser provar a própria inocência, aconselhando-se e dialogado com seus advogados; ao aprofundamento da dimensão espiritual; à troca de cartas memoráveis com personalidades das esferas política, artística e intelectual, religiosas; à leitura das cartas de brasileiros e brasileiras que lhe chegavam às centenas e especialmente a estudos sobre o Brasil e sobre a geopolítica mundial, nos quais mergulhou através de leituras, cursos, filmes.

As entrevistas à imprensa, que são objeto deste estudo, e que só foram liberadas pelo STF após um ano de prisão, constituíram-se em mais um instrumento de relacionamento com o povo brasileiro, quebrando o isolamento e fazendo ecoar, ainda que limitadamente, a sua voz – cabe aqui registrar que a mídia televisiva em geral e a Rede Globo especificamente, permaneceu alheia às entrevistas de Lula.

No item *A prisão política de Lula* procuramos caracterizar, tão detalhadamente quanto o material das entrevistas permitiu, a sua atitude parresiástica durante o processo judicial e o período de prisão.

Lula não quis jogar o jogo proposto pela Lava Jato. Ele recusou este jogo porque sempre quis restabelecer seus direitos de cidadão honesto, que só foram, enfim, devolvidos, com o reestabelecimento da verdade. Ele reivindicou, desde a prisão, o direito de falar, de dizer tudo. Ele precisava que a verdade fosse reestabelecida pela Justiça. Ele sabia que Moro e demais juízes que participaram dos processos, Dallagnol e a equipe de procuradores que integraram a força-tarefa, delegados e desembargadores haviam mentido. Em vários depoimentos ele ressaltava que quatro *pessoas* sabiam da verdade: Deus, o juiz Sergio Moro, o procurador Deltan Dallagnol e ele mesmo, o acusado.

Lula sentiu o apoio do *povo de Lula* – como se autointitulavam as pessoas que participavam da vigília e das variadas atividades pela sua liberdade, ainda assim, exortava à Justiça que declarasse sua inocência, como condição do reestabelecimento do jogo democrático e a consequente devolução de sua palavra e seus direitos. Lula sempre se considerou um preso político.

2 O ESTADO CONTRA LULA

2.1 CRONOLOGIA DOS PROCESSOS E ACUSAÇÕES DA OPERAÇÃO LAVA JATO CONTRA LULA¹²

Para melhor acompanhamento dos fatos, que no decorrer desta narrativa nem sempre estão dispostos em uma sequência temporal, apresentamos uma sucinta cronologia:

- a) 17 de março de 2014: tem início a primeira fase da Operação Lava Jato, com a detenção de dezessete pessoas, incluindo Paulo Roberto Costa, ex-diretor de abastecimento da Petrobrás;
- b) outubro de 2014: a presidenta Dilma Rousseff é reeleita. O PSDB pede auditoria na eleição presidencial, questionando o resultado das urnas;
- c) dezembro de 2014: o PSDB pede cassação da chapa Dilma Rousseff e Michel Temer no TSE, requerendo a posse do candidato Aécio Neves;
- d) janeiro de 2015: Dilma Rousseff é empossada em Brasília. Eduardo Cunha (PMDB) é eleito presidente da Câmara dos Deputados;
- e) fevereiro-maio de 2015: instalada na Câmara a CPI da Petrobrás;
- f) julho de 2015: Eduardo Cunha rompe com o governo, após ser delatado por Júlio Camargo, que também delatou os diretores da Petrobrás Renato Duque e Pedro Barusco, dentre outros;
- g) agosto de 2015: Eduardo Cunha é denunciado pela Procuradoria-Geral da República por envolvimento em transações comerciais fraudulentas na Petrobrás;
- h) outubro de 2015: o TSE reabre a ação do PSDB para impugnar a candidatura de Dilma Rousseff e Michel Temer, e a oposição entrega a Eduardo Cunha o pedido de impeachment da presidenta da República;
- i) novembro de 2015: o ex-presidente Lula e a presidenta Dilma Rousseff são implicados na Lava Jato, após delação do senador do PT Delcídio do Amaral;
- j) dezembro de 2015: a bancada do PT anuncia voto pela continuidade do processo contra Eduardo Cunha no Conselho de Ética. Na sequência, Cunha autoriza a abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff;

¹² Informações compiladas de Vanucci e complementadas com dados disponíveis na página do MPF.

- k) fevereiro de 2016: Lula é investigado pela Polícia Federal por tráfico de influência, acusado de “vender ” medidas provisórias que beneficiaram fabricantes de automóveis;
- l) 4 de março de 2016: acusado de enriquecimento ilícito, Lula tem sua casa revistada pela Polícia Federal às seis horas da manhã e é conduzido coercitivamente para depor, na 24ª fase da operação Lava Jato. A Carta Capital publicou matéria investigativa dando conta do relato de *Jari Maurício da Rocha [que] afirma que um pelotão da Força Aérea brasileira, estacionado regularmente em Congonhas, sob comando de um coronel, ao saber do que se cogitava, enfrentou agentes armados não fardados da PF e interditou o uso da aeronave*. Teria sido evitado, nesse ato, o sequestro político do ex-presidente (LEBLON, 2016);
- m) 9 de março de 2016: Ministério Público de São Paulo denuncia Lula por lavagem de dinheiro e ocultação de patrimônio. Especificamente, o órgão acusava Lula e Marisa Letícia, sua esposa, de ocultarem a propriedade de um apartamento tríplice em Guarujá (SP);
- n) 16 de março de 2016: Dilma anuncia Lula como ministro da Casa Civil. No mesmo dia, o juiz Sérgio Moro vaza para a imprensa gravações feitas pela Polícia Federal no contexto da Lava Jato, incluindo o grampo de uma ligação entre Lula e a presidenta ocorrida naquela tarde;
- o) 17 de março de 2016: um juiz de primeira instância concede liminar que suspende a nomeação de Lula. O ex-presidente recorre da medida. A Câmara Federal forma a comissão do impeachment;
- p) 18 de março de 2016: o ministro do STF, Gilmar Mendes, suspende a nomeação de Lula para a Casa Civil;
- q) 28 de março de 2016: o Conselho Federal da OAB, presidido por Claudio Lamachia protocola novo pedido de impeachment contra Dilma, *pelo conjunto da obra* (SCHREIBER, 2016);
- r) 16 de abril de 2016: com 367 votos a favor, a Câmara aprova a abertura do processo de impeachment. É formada a Comissão Especial do Impeachment no Senado.
- s) maio de 2016: o Senado afasta provisoriamente a presidenta Dilma Rousseff. Temer assume como presidente interino;
- t) 29 de julho de 2016: Lula é imputado por um juiz de Brasília, que o acusa de obstruir a Justiça e tentar comprar o silêncio de envolvidos na rede de corrupção da Petrobrás. O Ministério Público pede pena de três a cinco anos de prisão.

- u) 31 de agosto de 2016: Dilma Rousseff é definitivamente destituída pelo Senado. Michel Temer toma posse como presidente;
- v) 20 de setembro de 2016: Sérgio Moro acata a denúncia de corrupção passiva e lavagem de dinheiro apresentada pelo Ministério Público contra Lula, considerando que havia “indícios suficientes de autoria e materialidade”;
- w) 13 de outubro de 2016: a Justiça aceita a terceira acusação contra Lula. Os promotores solicitam a condenação do ex-presidente por crime organizado e lavagem de dinheiro relacionada às obras realizadas pela Odebrecht em Angola com empréstimos do BNDES;
- x) 10 de dezembro de 2016: Lula é novamente acusado pelo Ministério Público, dessa vez por suposto tráfico de influência na compra de 36 caças suecos;
- y) 19 de dezembro de 2016: Sérgio Moro aceita a quinta denúncia do Ministério Público contra o ex-presidente, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro oriunda de subornos por intermédio do ex-ministro Antonio Palocci, então preso;
- z) 24 de janeiro de 2017: a ex-primeira-dama Marisa Letícia sofre um acidente vascular hemorrágico e é internada na UTI do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, vindo a falecer em 3 de fevereiro;
- aa) 4 de fevereiro de 2017: Dona Marisa Letícia é velada na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo. Emocionado, Lula discursa à multidão de 20 mil pessoas;
- bb) 17 de abril de 2017: o ministro do STF responsável pela Operação Lava Jato, Edson Fachin, retira o sigilo do acordo de delação premiada selado com 78 ex-diretores da Odebrecht. Os delatores acusam toda a classe política, independentemente de partido ou orientação política, de prática constante de compras de favores, contratos e leis. Todos os ex-presidentes vivos são envolvidos nas delações, na 38ª fase da operação: José Sarney, Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (STRUCK, 2017);
- cc) 10 de maio de 2017: em Curitiba, Lula depõe pela primeira vez perante o juiz de primeira instância Sérgio Moro, em um interrogatório de cinco horas;
- dd) 22 de maio de 2017: promotores do Ministério Público acusam novamente Lula, dessa vez alegando corrupção e lavagem de dinheiro envolvendo uma reforma paga por duas construtoras em um sítio de Atibaia (SP), de propriedade de um amigo do ex-presidente.

- ee) 12 de julho de 2017: o juiz Sérgio Moro condena o ex-presidente a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Lula é condenado por ter se beneficiado de dinheiro público desviado para favorecer a OAS, construtora que, em contrapartida, teria reformado de graça o citado tríplex de Guarujá;
- ff) 20 de julho de 2017: a pedido da Justiça, a BrasilPrev bloqueia cerca de R\$ 9 milhões de dois planos de previdência que estavam em nome da Lula referentes a palestras e eventos realizadas após o fim do seu segundo mandato;
- gg) 4 de agosto de 2017: Raquel Dodge assume a Procuradoria Geral da República e convida integrantes do grupo de trabalho da Lava Jato a permanecerem nos cargos.
- hh) outubro de 2017: os advogados de defesa de Lula entram com um pedido de absolvição do ex-presidente, argumentando que Moro “reconheceu que não há valores provenientes de contratos firmados pela Petrobras que tenham sido utilizados para pagamento de qualquer vantagem a Lula”;
- ii) 30 de outubro de 2017: a um ano da eleição de 2018, pesquisa Ibope coloca Lula na liderança isolada na corrida do primeiro turno, com 35% das intenções de votos;
- jj) 24 de janeiro de 2018: em Porto Alegre, Lula é julgado no Tribunal Regional Federal da 4ª região (TRF-4), que confirma em segunda instância a decisão do juiz Sérgio Moro e condena Lula a doze anos e um mês de prisão;
- kk) 7 de abril de 2018: é decretada a prisão do ex-presidente Lula. Uma vigília se instala na sede do Sindicato dos Bancários em São Bernardo do Campo/SP, berço político de Lula, pedindo que Lula não se entregue à prisão injusta;
- ll) 8 de abril de 2018: Lula decide cumprir a sentença, representantes do PT negociam com a PF que o ex-presidente não seria algemado. No início da noite Lula é conduzido de helicóptero para a sede da Polícia Federal em Curitiba/PR. Início da execução da pena judicial. Lula é proibido de dar entrevistas;
- mm) 1 de setembro de 2018: o Tribunal Superior Eleitoral decidiu, por maioria, negar o registro da candidatura do ex-presidente Lula à Presidência da República nas eleições deste ano. Os ministros entenderam que o petista é inelegível pela Lei da Ficha Limpa e que a decisão do Comitê Internacional de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), que manifestou posição pelo exercício dos direitos políticos dele, não é vinculante;

- nn) 26 de abril de 2019: após um ano de silenciamento, e após uma longa batalha judicial, o ministro do STF Ricardo Lewandowski autoriza a realização de entrevistas. Foram realizadas 24 entrevistas no período de 26 de abril a 06 de novembro de 2019.
- oo) 12 de maio de 2019: Walter Delgatti Neto, que ficaria conhecido como o *hacker de Araraquara*, entra em contato com a ex-deputada Manuela D'Ávila, relatando ter em seu poder “oito terabites de coisa errada”, que colocaria “o Lula em liberdade no dia seguinte”. Delgatti, que se identificara como @BrazilBaronil, argumenta que gostaria de fazer chegar o material em seu poder a alguém de extrema confiança. Manuela D'Ávila sugere o nome de Glenn Greenwald. O relato completo sobre as condições da entrega das mensagens, fruto da invasão do instagram de Deltan Dallagnol foi publicado por Letícia Duarte (2020);
- pp) junho de 2019: o jornalista Glenn Greenwald, do The Intercept Brasil publica as primeiras mensagens vazadas entre procuradores da Lava Jato e Sergio Moro. O vazamento de acordos entre acusação e juiz, visando incriminar a todo custo o ex-presidente Lula, provocou desgaste na imagem e colocou em relativo descrédito a Operação;
- qq) 23 de julho de 2019: a Polícia Federal deflagra a Operação Spoofing, com o objetivo de investigar as invasões às contas de Telegram de autoridades brasileiras e de pessoas relacionadas à operação Lava Jato;
- rr) 7 de novembro de 2019: o STF decide, por seis votos a cinco¹³, que é ilegal a condenação em segunda instância, encerrando no 580º dia o período de encarceramento de Lula;
- ss) 8 de novembro de 2019: Lula é posto em liberdade e faz comício na Vigília Lula Livre, em frente à sede da Polícia Federal do Paraná.

¹³ Votaram favor da prisão após condenação em segunda instância os ministros Alexandre de Moraes, Luís Roberto Barroso, Edson Fachin, Luiz Fux e Cármen Lúcia. Votaram contra a prisão após condenação em segunda instância, ou seja, prisão somente após o chamado trânsito em julgado, os ministros Celso de Mello, Marco Aurélio Mello, Rosa Weber, Ricardo Lewandowski, Gilmar Mendes, além do presidente da Corte, Dias Toffoli. prisão de condenados em segunda instância, conforme noticiado pela EBC. Ver mais em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2019-11/stf-derruba-validade-da-prisao-apos-segunda-instancia>

2.2 O VAZAMENTO DE MENSAGENS ENTRE PROCURADORES CONFIRMA A PRÁTICA DE LAWFARE.

É certo que o vazamento de mensagens pelo The Intercept, em junho de 2019, provocou uma reação de parte da sociedade e das instituições, abrindo brechas na imagem da Operação Lava Jato e desvelando, de forma limitada e a conta-gotas, o caráter da perseguição judicial contra Lula. Antecipo neste texto o fato que aconteceria apenas um ano e dois meses depois da prisão de Lula, para argumentar que a postura do ex-presidente, frente ao que sabemos hoje, ser uma perseguição política reconhecida pelo STF, foi uma postura de defesa, desde o início das acusações, antes mesmo do processo judicial se concretizar. Entendemos que a firmeza na defesa da inocência possa ser reconhecida entre as características parresiásticas de Lula e mesmo supor que esse comportamento frente às acusações foi um elemento surpresa que opôs resistência aos objetivos da Operação Lava Jato.

A defesa jurídica (ANEXO CC) do advogado Cristiano Zanin e da advogada Valeska Martins foi imprescindível e vitoriosa, como se comprovou afinal, em 2021, quando a tese de suspeição do juiz que condenou Lula em primeira instância foi vencedora no STF (HIGÍDIO, 2021).

Lula diz que nos primeiros encontros com os advogados ele deixou claro: quero que vocês saibam que estão defendendo um inocente. Por mais absurdo e fantasioso que à primeira vista pudesse parecer o envolvimento de todas as instâncias do Judiciário, do Ministério Público, da Procuradoria Geral da República e várias outras instituições do Estado se unirem contra um réu inocente, a narrativa de Lula levou os advogados a traçarem uma linha de defesa que mais tarde firmou-se como um caso emblemático de *lawfare*. (ZANIN; MARTINS, VALIM, 2019).

Com o aprofundamento dos estudos sobre o tema, os autores entendem que:

[...] o *lawfare* faz parte de formas não convencionais de guerras e de disputas militares, geopolíticas, políticas e até comerciais da atualidade que usam o Direito e as operações psicológicas de guerra para alcançar resultados ilegítimos. O *lawfare* é uma das formas de manifestação das “guerras híbridas”, previstas em manual do exército norte-americano desde 2018. (ZANIN; MARTINS, VALIM, 2019, p. 12).

No capítulo 8 deste trabalho enfocaremos o tema *guerra híbrida*, relacionando o caso brasileiro à descoberta do pré-sal.

Lula: [...] *Eles agora tentam salvaguardar o comportamento do Moro e da força tarefa acusando os que são contra eles de serem favoráveis à corrupção. O dado concreto aqui é que estou falando do meu caso e no meu caso eu posso olhar para você como se estivesse falando para o Moro e dizer “Moro, você é mentiroso. Dallagnol, você é mentiroso e os delegados que fizeram o inquérito são mentirosos.” Eu sei que é difícil e duro falar isso. É uma briga minha, um cidadão de 73 anos de idade, contra o aparato do Estado, contra a Receita Federal, Polícia Federal, Ministério Público e uma parte do Poder Judiciário. Somente quem sabe que eu estou dizendo a verdade é o Moro, o Dallagnol, o delegado que fez o inquérito e Deus.*

Marco Weissheimer: *Quais seriam essas mentiras exatamente?*

Lula: *No meu caso, todas. Eles sabem que eu não sou dono do apartamento, eles sabem as mentiras que contaram para trazer o caso para Curitiba, porque ele deveria ter sido julgado em São Paulo, eles sabem que eu não sou dono do sítio de Atibaia.¹⁴*

Voltando à contextualização sobre as mensagens vazadas, o que se verificou com o início da publicização das mesmas foi que nem mesmo as evidências de veracidade das mensagens publicadas pela Vaza Jato conseguiu, no primeiro momento, minimizar a virulência da operação Lava Jato. O tripé de sustentação das acusações contra o réu foi mantido: a atuação parcial da mídia, a manutenção de atitudes acusatórias de procuradores e procuradoras do Ministério Público coordenados por Deltan Dallagnol; e o juiz de primeira instância, Sérgio Moro, atacaram o vazamento, procurando desacreditar as mensagens e promovendo uma imediata ação de criminalização dos suspeitos de terem invadido o aplicativo Telegram de Deltan Dallagnol; e ameaças pessoais contra o jornalista Glenn Greenwald e contra a equipe de jornalistas do The Intercept. Até mesmo a expectativa de uma mudança imediata na situação prisional de Lula não foi confirmada, o que parece ter provocado no ex-presidente momentos de desânimo quanto às perspectivas de liberdade. As entrevistas realizadas após o início de vazamentos na imprensa, pelo The Intercept, mostram esse efeito.

Na primeira entrevista após o vazamento das mensagens¹⁵, Lula expressa indignação:

“Eu não tenho mais muito futuro, meu caro, eu estou com 73 anos de idade, eu estou há um ano e meio enclausurado aqui dentro à espera de que alguém prove que o Lula é culpado

¹⁴ Entrevista de Lula ao jornalista Marco Weissheimer do Jornal Sul 21, em 3 de julho de 2019 (ANEXO H).

¹⁵ Entrevista de Lula aos jornalistas Juca Kfourie e José Trajano da TVT, em 13 de junho de 2019 (ANEXO G).

que eu fico quieto. Me desmoralizem pelo amor de Deus, me desmoralizem e façam a minha bisneta ter vergonha de mim e minha neta. Digam e provem. Então por isso que eu sou obrigado a ficar indignado.”

Após 34 matérias do The Intercept Brasil (2021), publicadas no período entre junho de 2019 a maio de 2021, o produto de um trabalho de jornalismo investigativo de ampla repercussão no Brasil e na mídia internacional, a Vazajato informa que aproxima-se do fim, uma vez que seus editores consideram que a verdade dos fatos sobre a Operação Lava Jato estaria disponível.

A compreensão do cenário em que o Brasil foi lançado, não se dá facilmente para uma sociedade atônita, uma vez que um turbilhão de versões se sobrepõe aos fatos e os fatos se transformam em versões inverossímeis. As instituições da República agem contra o Estado democrático que deveriam garantir, são tantas e tão inesperadas as reviravoltas que o ódio e o radicalismo de ultradireita chegaram a dominar corações e mentes de largas parcelas da população.

A Operação Lava Jato utilizou-se de dispositivos jurídicos contra o principal líder político do país, utilizando-se inicialmente da mídia como instrumento de destruição moral dos governos Lula, tendo como base argumentativa a corrupção. O ex-juiz Sérgio Moro foi explícito no artigo de sua autoria *Considerações sobre a operação Mani Pulite*, publicado em 2004, quando destacou que o sucesso da operação contra a corrupção italiana baseou-se em preliminar processo de deslegitimação da classe política e de suas lideranças: “A deslegitimação, ao mesmo tempo em que tornava possível a ação judicial, era por ela alimentada: A deslegitimação da classe política propiciou um ímpeto às investigações de corrupção e os resultados desta fortaleceram o processo de deslegitimação” (MORO, 2004, p. 57).

O artigo é, ponto por ponto, uma antecipação dos procedimentos que viriam a ser adotados na operação congênere brasileira. Em entrevista concedida ao Jornal Sul 21¹⁶, em 03 de julho de 2019, Lula analisa que a corrupção foi usada como um pretexto para encobrir os reais objetivos da Operação Lava Jato:

“Estamos vivendo um momento sui generis no Brasil. O Moro está se transformando em um boneco de barro. Ele vai se desmilinguir. Como Moro e a força tarefa da Lava Jato, envolvendo procuradores e delegados da Polícia Federal, inventaram uma grande mentira

¹⁶ Entrevista de Lula ao jornalista Marco Weissheimer do Jornal Sul 21 (ANEXO H).

para tentar me colocar aqui onde estou, eles agora têm que passar a vida inteira contando dezenas e dezenas de mentiras para tentar justificar o que eles fizeram, tudo isso com muita sustentação da Globo. A Globo faz um esforço incomensurável para manter a ideia de que os vazamentos são falsos, são obra de hackers, etc. Mas ela não se preocupou com isso quando divulgava vazamentos ilícitos que recebia do Dallagnol e do Moro. Minha família que o diga. Agora, eles tentam passar para a sociedade a ideia de que, quem está criticando o Moro, é contra a investigação de corrupção. Temos a oportunidade de colocar esse debate em dia. Em primeiro lugar, um juiz não combate a corrupção. Quem combate a corrupção é a polícia.”

O compromisso de Lula com a verdade e com a afirmação de sua inocência nas acusações de crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro a ele imputados, foi uma pedra no caminho dos então poderosos atores que tinham convicção da destruição da reputação, da humilhação moral e mesmo da retirada de Lula da vida política, por meio de tentativas de apagamento de sua imagem na memória do povo, e mesmo da sua imagem física, pelo enclausuramento de seu corpo e silenciamento da sua voz.

A rigor, todos os fatos necessários para desconstruir a narrativa da Operação Lava Jato já estavam presentes e foram apontadas em primeiro lugar pela defesa técnica do ex-presidente, e nas análises jurídicas de magistrados vinculados aos mais prestigiados centros acadêmicos do país, que denunciaram erros, excessos e abusos, sem contudo conseguirem constranger, no primeiro momento, ações abusivas de procuradores, juízes, desembargadores, e nem mesmo sensibilizar as altas cortes do Judiciário. As entrevistas de Lula trarão esses pontos em destaque.

O arbítrio foi de tal monta que mesmo após o vazamento, a Lava Jato não cedeu às evidências em favor de Lula, ao contrário, conforme será relatado, aprofundou as medidas restritivas de direitos, rompendo regras internacionais de tratamento de pessoas encarceradas.¹⁷

Destarte todas as evidências, destarte o flagrante desvio ético e legal de juízes, promotores, procuradores e outros servidores públicos de alto escalão da República, tudo foi legitimado, por omissão, por ação indireta ou por ação direta. A democracia brasileira foi solapada por dentro, para implodir a si própria. E desde o golpe de 2016 o sistema político-

¹⁷ Para saber mais sobre as regras de Mandela acesse: <https://segundaopinioao.jor.br/regras-de-mandela-regras-minimas-das-nacoes-unidas-para-o-tratamento-de-presos/>.

jurídico nacional entrou numa escalada descendente, conforme denuncia Proner *et al.* (2016, p. 05) :

Se a classe política majoritariamente aderiu ao golpe, tampouco foi possível contar com os membros do nosso Poder Judiciário na defesa da Constituição Federal. De guardião da Lei Maior, o Supremo Tribunal Federal decidiu homenagear a sua própria tradição: curvou-se aos interesses das elites dominantes. A trágica e paradoxal mistura entre covardia, golpismo e egos inflados arrebatou a jurisdição constitucional e manteve o STF afivelado à sua própria história. Como no passado, fará ouvidos de mercador ao povo brasileiro, tentará fazer de conta que nada tem a ver com a arena política, e não se surpreendam se ministros ainda tiverem a ousadia de dar um colorido de legalidade ao golpe. Esperar algo diferente disso é confiar em quem, nos últimos meses, tem ignorado o estado de exceção e a violência política imposta por uma maioria parlamentar que atua violando a lei.

Oliveira (2019) traça um paralelo entre o julgamento de Lula e o de Dreyffus, como casos paradigmáticos nos quais os respectivos Estados Nacionais do Brasil e da França agiram monoliticamente contra os réus, encobertando questões de interesse políticos que extrapolavam as acusações pessoais.

O *Caso Lula* se compara às maiores perseguições político-jurídicas da modernidade, na qual os direitos civis e a presunção de inocência seriam a base para uma sociedade regulada por um sistema de justiça civilizatório. Os processos contra Lula, no âmbito da Operação Lava Jato desafiam até mesmo o conceito de estado democrático, em que os poderes da República devem ser regulados por um sistema de pesos e contrapesos que evite a hipertrofia de um dos poderes sobre os outros.

Inevitável a comparação do *Caso Lula* ao *Caso Dreyffus* no final do século XIX. O romancista Émile Zola, que gozava de grande reputação na sociedade francesa - autor do clássico *O Germinal*, entre outras obras consagradas pela literatura - indigna-se com um longo e injusto processo que move o Estado francês contra o capitão judeu Alfred Dreyfuss, que foi acusado de espionagem em 1894, numa conjuntura de acirramento político, no pós-guerra entre Alemanha e França (1870) (CHAVES, 2018, *online*).

A carta transformou-se em um dos maiores libelos contra a injustiça, o “Eu acuso” de Zola ressoa em cada tribunal onde o Estado exerce sua tirania. Entretanto, à época, o escritor foi acusado e condenado por difamação. A justiça só foi restaurada em favor de Dreyfuss, em 1906. O que teria possibilitado suficiente sustentação política a tal aberração jurídica teria sido o antisemitismo, segundo análise da filósofa alemã Hanna Arendt.

3 A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICA DE LULA

3.1 DE LÍDER SINDICAL A PRESIDENTE DA REPÚBLICA: UM LONGO E DEMOCRÁTICO CAMINHO

Luiz Inácio Lula da Silva é um político de relevância na história do Brasil. Sindicalista nos anos de 1970, saído do chão de fábrica no ABCD paulista, tornou-se uma das principais vozes pelos direitos da classe trabalhadora e pelo fim do arrocho salarial imposto ao operariado durante os anos da ditadura militar (1964-1985). Os discursos de Lula nos pátios de indústrias automobilísticas convenceram os trabalhadores a aderir à luta por melhores condições de vida e a deliberarem a favor das greves que viriam romper a barreira da austeridade econômica imposta pela ditadura civil-militar no Brasil.

Na esteira de uma liderança intuitiva, popular e crescente no movimento sindical, demonstrando grande capacidade argumentativa, Lula vai se afirmando como uma alternativa no cenário político de redemocratização do país, numa época em que Leonel Brizola, Ulisses Guimarães, Mário Covas e outros ícones da luta pela democracia estavam também nas ruas, conclamando o povo a tomar posse do Brasil, esgotadas as mazelas dos governos ditatoriais.

No início dos anos de 1980, Lula é protagonista na criação do Partido dos Trabalhadores – PT, que unificou movimentos populares emergentes e agremiações políticas de espectro progressista, delineando um novo arranjo para a esquerda brasileira. O Brasil voltava a sonhar com a possibilidade de uma democracia participativa, nacionalista e anti-imperialista. O Partido dos Trabalhadores aglutinou lideranças de tendências variadas, incluindo grupos que lutaram por uma revolução popular nos anos 60 e 70, socialistas, reformistas e sociais-democratas.

O Partido dos Trabalhadores nasceu em 1980, quando a ditadura militar estava no processo de abertura para uma transição política controlada. Liderado pelos sindicalistas do ABCD paulista, responsáveis pelas greves que poucos anos antes haviam simbolizado o renascimento da luta operária no Brasil, entre seus fundadores estavam também dirigentes de outros movimentos sociais, militantes veteranos da esquerda comunista, intelectuais engajados e cristãos progressistas vinculados à Teologia da Libertação e às comunidades de base que a Igreja católica havia criado no país. Um grupo heterogêneo, que tinha em comum a aposta em formas mais participativas de fazer política. (MIGUEL, 2018).

Sobre a criação do Partido dos Trabalhadores, Lula relata, em entrevista concedida à Agência Pública¹⁸, que em 1980 Fernando Henrique Cardoso participou de uma reunião em São Bernardo do Campo, que preparava a criação do novo partido. O sociólogo analisou que havia espaço na cena política brasileira para um partido popular, mas que esse partido não deveria se chamar *Partido dos Trabalhadores*, porque a sociedade brasileira não apoiaria um partido com tais características. FHC disse também a Lula que criaria o Partido da Social Democracia Brasileira e Lula poderia “entrar com o povo” na organização do novo partido. O ex-presidente conta ainda que foi vaiado num comício realizado por Tito Costa¹⁹, do MDB, ao anunciar a necessidade de criação do PT: “comecei a perceber que eles queriam liberdade de organização partidária apenas para eles”. (SILVA, 2018, p. 114).

3.1.1 Quatro vezes candidato a presidente

A primeira eleição direta após a promulgação da Constituição de 1988, teve como mote ‘eu quero votar para presidente’, uma vez que toda uma geração de brasileiros não tinha exercido o democrático direito de eleger seus representantes. E Luiz Inácio Lula da Silva foi o candidato pelo Partido dos Trabalhadores. Lula chega ao segundo turno das eleições contra o ‘caçador de marajás’²⁰, filho das oligarquias do NE, Fernando Collor de Melo. As forças conservadoras que apoiaram o regime ditatorial, utilizando-se de intensa manipulação da mídia - conforme relato tardio do diretor de jornalismo da Rede Globo²¹ - conseguem reverter o favoritismo da candidatura do campo popular. Assume, então, o mandato presidencial Fernando Collor de Mello, alinhado a um modelo econômico neoliberal, iniciando imediatamente o processo de privatização da indústria siderúrgica, de mineração e o desmonte do serviço público.

[...] com a eleição de Collor em 1989 e como parte da estratégia do Estado para a implementação do ajuste neoliberal, há a emergência de um projeto de Estado mínimo que se isenta progressivamente de seu papel de garantidor de direitos, através do encolhimento de suas responsabilidades sociais e sua transferência para a sociedade civil (DAGNINO, 2004, p. 197).

¹⁸ Entrevista de Lula à Agência Pública em 30 de outubro de 2019 (ANEXO X).

¹⁹ Foi prefeito de São Bernardo do Campo pelo PMDB (1977-1983) e Deputado Federal Constituinte por SP (1987-1990)

²⁰ Este foi o mote da campanha de Collor. Caçar marajás do serviço público, em outras palavras, combater a corrupção.

²¹ Em entrevista ao jornalista Geneton Moraes Neto, transmitida pela Globo News em 29 de novembro de 2011, José Bonifácio Sobrinho, diretor geral da Rede Globo de Televisão, admitiu: “Todo aquele debate foi [produzido] – não o conteúdo, o conteúdo era do Collor mesmo -, mas a parte formal nós é que fizemos” Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/11/apos-22-anos-boni-admite-que-globo.html>.

O arcabouço jurídico inspirado no aprofundamento da democracia, pelo qual lutaram as esquerdas democráticas, desaguou na primeira eleição direta após a ditadura militar, no projeto reverso, neoliberal. Foram os cinco anos do governo Collor/Itamar (1990-1994).

Em 1994 Lula perde sua segunda disputa eleitoral, em primeiro turno, para Fernando Henrique Cardoso, o candidato da burguesia nacional, que aprofunda o projeto neoliberal no país, conseguindo reeleger-se em 1998, impondo a terceira derrota ao candidato do Partido dos Trabalhadores.

3.1.2 Lula Presidente do Brasil

Democrata convicto, Lula refaz as bases de oposição ao governo de Fernando Henrique Cardoso, e se prepara para um novo pacto com as forças políticas de esquerda e de centro, viabilizando na quarta tentativa, em 2002, a primeira vitória eleitoral à Presidência da República. Lula condicionou sua quarta candidatura à aprovação do PT por uma política de alianças com forças de centro, expressas na figura de seu companheiro de chapa, o empresário José de Alencar.

A vitória veio na disputa de segundo turno, contra José Serra, do PSDB, polarizando mais uma vez com o projeto da burguesia. O metalúrgico, filho da classe operária, retirante do sertão nordestino foi finalmente eleito presidente do Brasil.

Em 2006 Lula foi reeleito, em segundo turno, contra Geraldo Alckmin do PSDB. A vitória se deu apesar de Lula e o PT terem sofrido massivas denúncias de corrupção, conhecidas como o mensalão do PT. A denúncia partiu do então deputado Roberto Jefferson, do PTB.

Em 6 de junho de 2005 a editora do Painel, Roberta Lo Prete, publicou uma entrevista com o deputado Roberto Jefferson (PTB) que se tornaria histórica. A conversa, manchete daquela edição, trouxe à tona o mensalão, esquema de corrupção organizado pelo PT, por meio de pagamentos de mesadas para corromper parlamentares e garantir apoio ao governo Lula no Congresso, em 2003 e 2004, logo após a chegada do partido ao poder. (FOLHA, 2020, *online*).

Segundo o advogado criminalista Antonio Carlos de Almeida Castro (Kakay), o julgamento do Mensalão inaugurou o modus operandi da perseguição jurídico-midiática, com transmissões ao vivo das sessões do STF. Duas das principais características do julgamento do Mensalão se tornaram rotineiras nos julgamentos da Lava-Jato: a condenação sem provas e a espetacularização do processo. “Foi ali [na AP 470] que começou essa absoluta opressão. Mas não pensemos que isso é gratuito. Acontece, primeiro, por vaidade do Poder Judiciário.

Depois, como uma forma de afrontar o princípio da dignidade humana”. (ROSÁRIO, 2017, *online*).

O julgamento do mensalão teria sido o gérmen da guerra jurídica que chegou a termo anos mais tarde, com a prisão de Lula, na Operação Lava Jato. Sob intenso fogo cruzado midiático contra Lula e contra as principais lideranças do PT, como José Genoíno e José Dirceu foi a ação penal 470 causou grande impacto na sociedade, provocando desfiliação de militantes e rachando a base parlamentar, ocasião em que dissidentes do PT fortaleceram a criação do Partido Socialismo e Liberdade - PSOL. Ainda assim o povo brasileiro reelege o operário para seu segundo mandato, o mais bem avaliado da história da República Brasileira.

3.2 O BRASIL DESPONTA COMO LIDERANÇA INTERNACIONAL

Nos governos Lula da Silva (2003-2010) e no primeiro governo de Dilma Rousseff (2011-2014) a face do Brasil mudou, para si e para o mundo. Índices de mortalidade infantil foram reduzidos drasticamente. Milhões de brasileiros saíram da linha da miséria, outros milhões ascenderam aos níveis de renda de classe média, Universidades e Institutos Federais foram criados, filhos da classe trabalhadora chegaram ao ensino superior. O Brasil ensinava ao mundo como vencer a fome, tornando-se referência nos debates internacionais. Os índices de desemprego decaíram sistematicamente, o número de trabalhadores com carteira assinada bateu sucessivos recordes, o salário-mínimo elevou-se 70% (setenta por cento) acima da inflação. Programas sociais de distribuição de renda inéditos no mundo foram desenhados e deram sustentação a uma política de seguridade social inédita no país. Resposta de Lula ao jornalista Kennedy Alencar (2019), da BBC News, traz alguns desses índices.

*“É importante lembrar que a gente tinha pleno emprego. Kennedy, a gente não pode esquecer que em 2014 a gente tinha 4,3% de desemprego no Brasil. Você sabe o que significa isso? Significa Finlândia, Noruega, Dinamarca, Suécia, Holanda. O Brasil nunca teve isso. Significa que tinha um crescimento da economia de forma extraordinária. Eram 20 milhões de empregos neste país! Era gente voltando do Japão, era gente voltando de Portugal, era gente voltando de todas as partes do mundo para trabalhar aqui, meu filho. Essa coisa era em 2013”.*²²

²² Entrevista de Lula ao jornalista Kennedy Alencar da BBC News, em 3 de maio de 2019 (ANEXO C).

Luiz Inácio Lula da Silva deixou seu segundo mandato com o índice de 87% (oitenta e sete por cento) de aprovação da população brasileira, colocando-se entre os maiores líderes da esquerda no século XXI e tendo o Partido dos Trabalhadores alcançado a magnitude de um partido de massas da esquerda na América Latina. Lula indicou como sucessora na disputa presidencial pelo PT, a então Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, que elegeu-se contra os candidatos do PSDB José Serra em 2010 e reelegeu-se contra Aécio Neves em 2014, ambos os pleitos decididos em segundo turno. O segundo mandato de Dilma Rousseff foi interrompido em 2016 por um golpe jurídico-midiático-parlamentar, cujas hipóteses, motivações e consequências, serão abordadas no decorrer deste estudo (SADER, 2019).

A singularidade de Lula, seu estilo muito pessoal de lidar com questões políticas que afetam a economia mundial – *empapado* de experiências comuns à classe trabalhadora –, são relatadas em alguns episódios memoráveis das entrevistas, por exemplo a relação que se estabeleceu entre ele e diretores do Fundo Monetário Internacional (FMI) com os quais negociou a dívida brasileira.

Passei trinta anos da minha vida carregando faixas contra o FMI. De repente, ganho as eleições para presidente e vou ter que lidar com um alemão chamado Köhler, diretor-geral do FMI. Encontrei com esse cara em Paris. Começamos a conversar e, daqui a pouco, esse cara me abraça e começa a chorar. Ele nunca tinha ouvido a história verdadeira de um operário que veio lá de baixo e chegou a presidente da República. Então, eu posso dizer: um cara do FMI passou a me respeitar. Ele passou a falar bem do Brasil em vários lugares. Pois bem, ele saiu e foi ser presidente da Alemanha. Aí entrou o Rato, o espanhol. Então, chamei o Rato aqui no Brasil e disse: “É o seguinte, Rato, meu filho, eu estou querendo acabar com esse negócio da dívida que o Brasil tem com o FMI. Não quero ficar devendo”. E ele [Lula usa acento espanhol]: “Non, presidente Lula, el Fondo gosta do Brasil, el Fondo non tiene problema com Brasil...”. E eu disse: “Não, Rato, eu não estou falando que gosta ou que não gosta, eu não quero é ficar devendo, quero zerar minha conta”. Demorou pra ele aceitar, ele não queria. Porque era importante pra ele ter o Brasil como devedor. Aí eu paguei, o Brasil se livrou do FMI. Passado um tempo, fui à Alemanha e recebi uma homenagem prestada por quem? Pelo Köhler, que, como eu disse, tinha virado presidente do país. Esse cara, no discurso que fez pra mim, chorou. Eu falei: “Porra, eu sou um fodido mesmo, fazer um alemão chorar...” [risos]. E esse cara virou meu amigo. Por que eu dizia pra ele: “Não aceito ninguém dizer o que eu tenho que fazer. Não aceito. Porque eu sei que tenho que ter responsabilidade fiscal, sei que tenho que ter minhas contas em dia, sei que só posso me endividar naquilo que posso pagar, então não quero conselho. E não pense que aprendi na universidade que nem vocês, não. Aprendi com a minha mãe, analfabeta. Ela dizia: ‘Não gaste o que você não tem e, se fizer dívida, faça só o que possa pagar’. Então, é assim que eu quero governar o Brasil; então, não preciso de conselho” (SILVA, 2018, p. 114).

Se é verdade que a economia de um país não deve tecnicamente ser comparada ao controle de um orçamento doméstico - Lula serve-se de expressões populares de forma metafórica, obviamente - é bastante provável que o Brasil só tenha mesmo liquidado a dívida

com o FMI em razão da visão de um trabalhador-sindicalista, que carregou faixas contra o FMI e sabe perfeitamente quem paga a conta dos ajustes econômicos impostos pelos credores das dívidas dos países em desenvolvimento.

Durante sua longa vida pública, Lula evocou por muitas vezes suas raízes sociais como motivação para lutar pela melhoria de vida das classes trabalhadoras. Mas foi durante a experiência solitária da prisão, que ele traz para o centro da vida política a sua formação moral, além de atribuir à dureza da vivência familiar de pobreza e miséria, um inquebrantável caráter, tantas vezes posto à prova pelas classes dominantes do Brasil, que nunca, de fato, aceitaram um operário no poder.

O ex-presidente pontua o que ele considera como rejeição das elites pela ascensão política de um trabalhador, na entrevista que concedeu em fevereiro de 2018, já condenado em segunda instância, ao pool de entrevistadores formado por Gilberto Maringoni, Juca Kfourri e Maria Inês Nassif. *“Eles aceitam o intelectual de esquerda, eles aceitam um intelectual progressista. Eles não aceitam é um peão com consciência”*.

4 A FILOSOFIA E A PRÁXIS POLÍTICA DE LULA

Em entrevista a Kennedy Alencar (2019), em 03 de maio de 2019, Lula revela que na juventude teve dificuldade de aceitar a luta sindical e política e que se convenceu do contrário quando o ex-presidente General Ernesto Geisel impôs uma legislação repressiva ao movimento dos trabalhadores e quando se deparou com a composição do Congresso Nacional, a realidade falou mais alto.

Kennedy Alencar: *Presidente, eu queria falar do desenvolvimento da sua filosofia política. O sr. teve uma infância pobre e, antes de chegar ao poder, o senhor tinha preocupação com a questão da fome, de os brasileiros fazerem três refeições por dia.*

Lula: *É importante lembrar o seguinte: eu não gostava de política, até 1978. Eu não gostava de sindicato até 1968, quando eu fui e fiquei sócio do sindicato de São Bernardo do Campo. E o que me fez ficar sócio foi uma agressão que meu irmão Frei Chico sofreu numa discussão, numa assembleia. Aí, eu entrei no sindicato. Eu dizia _olha como eu era ignorante!_ o seguinte: “Eu não gosto de política e não gosto de quem gosta de política”. Isso em 1978. Aí vieram as greves, as coisas foram crescendo. O [Ernesto] Geisel mandou uma proposta de lei proibindo as categorias essenciais de fazerem greve: bancário, posto de gasolina, não podiam fazer greve. Aí, fui a Brasília. Quando eu cheguei a Brasília, descobri que não tinha trabalhador! Eu conversava com os deputados. Entre 513, havia dois trabalhadores: Benedito Marcílio, metalúrgico de Santo André, e Aurélio Peres, metalúrgico de São Paulo. Só dois. Voltei pra casa pensando: “Como é possível eu querer que a classe trabalhadora tenha direito, se a grande maioria que está lá não tem a ver com a classe trabalhadora?”*

Kennedy Alencar: *O senhor viu que era importante fazer um partido político?*

Lula: *Eu cheguei à conclusão de que, se nós quiséssemos mudar a história do Brasil, nós tínhamos que criar um partido político, criar um partido político em que a classe trabalhadora dirigisse esse partido político, em que a classe trabalhadora, junto com outras pessoas, fizesse o programa desse partido. E foi importante porque a gente juntou não apenas o que tinha de melhor no movimento sindical: a gente juntou o que tinha de melhor na esquerda brasileira, o que tinha de melhor na intelectualidade, o que tinha de melhor na igreja progressista, sobretudo com o pessoal da Teologia da Libertação. E a gente juntou muitos estudantes. E o PT virou o maior partido de esquerda da América Latina.²³*

²³ Entrevista de Lula ao jornalista Kennedy Alencar da BBC News, em 3 de maio de 2019 (ANEXO C).

Quarenta anos após tornar-se o maior líder sindical da América Latina, Lula analisa as mudanças no setor, em entrevista com o jornalista Florestan Fernandes²⁴:

***Florestan Fernandes:** Presidente, o senhor fez a sua carreira como líder sindical que acabou na política dentro do sindicato de metalúrgicos de São Bernardo do Campo. O sindicato vai fazer 60 anos em uma crise de emprego e com as montadoras saindo do ABC. O que o senhor diria hoje para os seus companheiros que estão no sindicalismo, no ABC? Ainda tem alguma coisa positiva?*

***Lula:** Eu não queria dizer para os metalúrgicos não, eu queria tentar discutir com meus companheiros do movimento sindical. A classe trabalhadora mudou. A classe trabalhadora de 2020 não é mais a classe trabalhadora de 1980. Mudou profissionalmente, intelectualmente. Hoje o trabalhador não tá mais na fábrica, ele trabalha fora. Ele trabalha em casa, fazendo bico. Não tem mais aquela classe trabalhadora concentrada dentro de uma fábrica como tinha antes. Hoje o cara está no shopping, não tem condições de se unificar porque cada loja é uma loja. Então está muito mais difícil fazer sindicalismo hoje. Eu ia na porta da Volkswagen em 80 e eram 40.000 trabalhadores. Hoje, aquela Volkswagen são apenas 12.000; é um desmonte daquela fábrica. O mundo do trabalho mudou radicalmente e enquanto isso temos que repensar como reorganizar a classe trabalhadora. O cara que trabalha por conta própria, em casa, não tem mais a mesma consciência de classe daquele tempo. Então o papel do movimento sindical agora é tentar reorganizar a classe trabalhadora. A Volks tem mais metalúrgico fora do que dentro. Então o movimento sindical tem uma tarefa forte de descobrir o novo discurso e uma nova razão para a sua existência.*

Os grupos heterogêneos que formaram a base do PT, o caráter dialógico do partido, e movimentos sociais de luta pela terra no campo e moradia na cidade, mantêm aquecido o embate político tanto nas instâncias internas do PT quanto na sociedade. O debate se dá no espectro entre a busca do consenso possível entre as representações no congresso e nas alianças partidárias, que possam resultar no máximo de conquistas para a classe trabalhadora - democracia no campo institucional -, ou mais enfrentamento com os setores oligárquicos e os partidos neoliberais, na busca de uma ruptura com o modelo de estado burguês, que oprime as classes trabalhadoras.

Para o sociólogo Emir Sader, Lula surge como um enigma político:

²⁴ Entrevista de Lula aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de SP, e Florestan Fernandes, do El País, em 26 de abril de 2019 (ANEXO B).

Houve quem, desde a ultraesquerda, afirmasse que o PT havia “traído” a classe trabalhadora e que o Governo Lula fracassaria. Se equivocaram redondamente, ficaram condenados ao isolamento do povo e fracassaram com projeto de substituição do PT como partido líder da esquerda brasileira. Houve quem, no outro polo, na direita, apostasse no fracasso do governo do PT, pelo descontrole das contas públicas, pela inexperiência na gestão do Estado brasileiro, pela perda de apoio popular. Ambos se equivocaram. Como eu disse anteriormente, Lula apareceu como um enigma, que conforme não foi decifrado nem pela direita, nem pela ultraesquerda, as devorou. (SADER, 2019, p. 136).

Ressalta ainda a sagacidade política de Lula e sua capacidade de operar mudanças políticas e econômicas, colocando o povo brasileiro no centro do orçamento público, e executando programas de redistribuição de renda:

Lula soube colocar as questões reais e apontar para a sua resolução: o modelo neoliberal e as medidas antineoliberais, que caracterizavam seu governo e colocaram a história política brasileira em outro patamar. Foi e continua sendo o líder que melhor compreendeu, mesmo que intuitivamente, o caráter do neoliberalismo, o que ele impôs no consenso nacional, e as formas de lutar contra ele e pela sua superação. Por isso tornou-se o mais importante líder da esquerda do século XXI. (SADER, 2019, p. 136).

Às vésperas de ser decretada a sua prisão, nas entrevistas para o livro *A Verdade Vencerá*, o jornalista Juca Kfourri o interpela:

Juca Kfourri – Presidente, eu lhe perguntei sobre prisão e exílio. Mas queria voltar a esse assunto, porque é um dos temas mais urgentes do momento, ao lado da sua candidatura. O senhor está cogitando a hipótese de ser preso?
Lula – Estou. O que não estou é preparado para a resistência armada, nem tenho mais idade. Como sou um democrata, nem aprender a atirar eu aprendi. Então, isso tá fora. O PT não nasceu para ser um partido revolucionário, nasceu para ser um partido democrático e levar a democracia até as últimas consequências. (SILVA, 2018, p. 100).

Nas inúmeras vezes em que Lula foi questionado nas entrevistas sobre se não teria faltado ousadia aos governos do PT no enfrentamento a um regime democrático formal, dominado por uma elite política que matém o controle sobre as instituições do Estado, o ex-presidente defendeu a fiel observância à Constituição Federal de 1988, na qual ele teve participação como deputado constituinte mais votado.

*“Quem quiser fazer uma revolução no Brasil, não precisa ler o Manifesto Comunista nem uma cartilha trotskista. É só pegar a Constituição e saber que ela permite fazer o que precisa ser feito neste país”.*²⁵

²⁵ Entrevista de Lula ao jornalista Marco Weissheimer do Jornal Sul 21, em 3 de julho de 2019. (ANEXO H).

O rigor dos governos petistas aos ritos da democracia formal e à defesa da autonomia institucional refletiu-se nos processos de nomeação para Ministério Público, Procuradoria Geral da República, Advocacia Geral da União, Polícia Federal, Supremo Tribunal Federal e Forças Armadas. Após o golpe do impeachment e da prisão de Lula, esses critérios foram objeto de debate, sendo frequentemente incluídos nas entrevistas.

Houve, desde o primeiro governo Lula, críticas dentro e fora do governo, de correntes socialistas que esperavam mais ousadia nas indicações de postos-chave do Executivo e do Judiciário, quadros que fossem capazes de tensionar os limites do Estado burguês. Lula apresenta razões republicanas para as nomeações.

4.1 O FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES NOS GOVERNOS LULA

4.1.1 As nomeações para o Ministério Público

Os governos do PT adotaram a tradição de nomear o titular da Procuradoria Geral da República, a partir de uma lista tríplice, votada pelos procuradores. Entretanto, em recente entrevista, às vésperas do julgamento do habeas corpus sobre a suspeição do ex-juiz Sérgio Moro, o ministro do STF Gilmar Mendes problematizou esse procedimento. Mendes lembrou que Lula sempre teve apreço pelo MP, como instituição, e no seu entendimento, o PT se impôs essa regra que teria se tornando uma tradição e mesmo uma obrigação, dando poderes exagerados aos procuradores, que são detentores de cargos vitalícios.

O debate sobre autonomia plena do MP *versus* a necessidade de controle externo da instituição gera controvérsia, desde a assembleia constituinte. O jurista Maurício Correa, Ministro da Justiça e do STF no governo Itamar Franco, defendia a absoluta autonomia do órgão. Opondo-se a esta visão, Nelson Jobim, Ministro da Justiça no governo Fernando Henrique Cardoso e por este indicado ao STF, tomou a defesa da necessidade de uma modalidade de controle externo do Judiciário, “sem a qual a autonomia transforma-se num *monstro*”. Foram palavras proféticas, tendo como exemplo o caráter persecutório, ilegal e mesmo cruel a que o ex-presidente foi submetido pela Operação Lava Jato.

Rodrigo Janot, Procurador Geral da República no período 2013 a 2017 faz constrangedoras confissões no livro *Nada Menos que Tudo*, lançado em 2019 – no período em que Lula encontrava-se ilegalmente privado de liberdade. Na publicação o ex-procurador confirma a própria participação nas manipulações da Operação Lava Jato, especialmente o fato de a PGR teria de interferir ilegalmente para forjar uma denúncia de corrupção passiva,

anterior à denúncia da compra do Triplex de Guarujá – que como sabemos agora, também não passou de ficção jurídica (JANOT; CARVALHO; EVELIN, 2019).

O jornalista e escritor Paulo Polzonoff Jr. (2019, *online*) fez uma crítica do livro de Janot, donde conclui:

[...] a verdade é que as memórias de Janot acabam por mostrar que a elite governante do Brasil é composta por pessoas que, ao longo das últimas décadas, se transformaram em semirrobôs da engrenagem estatal, em tecnocratas positivistas da pior espécie, em escravos de uma vida vazia como só o Estado, com suas tentadoras e diabólicas promessas de segurança financeira e estabilidade, é capaz de oferecer.

Em entrevista à Revista Fórum²⁶ - e em algumas outras entrevistas -, Lula foi questionado sobre as indicações que fez à Procuradoria Geral da União.

Renato Rovai: *Em sua visão, os ex-chefes da PGR Raquel Dodge e Rodrigo Janot "jogaram no lixo a seriedade" da PGR?*

Lula: *Eu sou um cara democrático. E eu acho que a democracia é sustentada por instituições fortes. Então eu sempre achei que o MP tem que ser forte, tem que estar altamente qualificado. E se você pegar os discursos que eu fiz na posse de procuradores, você vai perceber uma frase minha onde eu dizia: 'O MP é tão forte, é tão importante, que as pessoas que trabalham têm que ter muita responsabilidade'. O mesmo eu dizia para a Polícia Federal. É outra instituição que eu acho que tem que ser forte para garantir a democracia. A Receita Federal tem que ser forte. E o judiciário não só tem que ser forte como tem que ser neutro. As pessoas têm que julgar com base na lei. Esse é o pressuposto básico da compreensão que eu tenho dessas instituições. Ora, o que eles estão fazendo? Estão jogando no lixo essa seriedade que essas instituições devem ter. O Janot jogou no lixo, a Dodge jogou no lixo. Você já viu, por acaso, eu fazer alguma reclamação dos outros procuradores? disparou Lula."*

Em 02 de outubro de 2019, Lula entra na sala de imprensa improvisada na sede da PF, com o recém-lançado livro de Janot nas mãos, para conversar com repórteres do site Migalhas (2019), e assegura: até o último suspiro, vai gritar e lutar por sua inocência. Durante a entrevista, Lula fala sobre as nomeações para o STF, conforme resumo publicado no site.

4.1.2 As nomeações para o Supremo Tribunal Federal

"Tendo sido o presidente da República após a redemocratização que mais indicações fez ao STF – foram oito durante os dois mandatos -, Luiz Inácio Lula da Silva assegura: não se arrepende de nenhuma delas. Carmen Lúcia e Joaquim Barbosa foram citados pelo ex-presidente: Lula afirmou que tem "o maior orgulho" de ter indicado mais uma mulher na

²⁶ Entrevista de Lula a Renato Rovai da Revista Fórum, em 18 de setembro de 2019 (ANEXO O).

Suprema Corte e o primeiro negro do Tribunal. Ao contar como fazia para escolher o próximo ministro, explicou que “sempre conversava” com o ministério da Justiça [Lula cita por diversas vezes o ministro Márcio Thomaz Bastos -2003 a 2007], a AGU, a Casa Civil, e sempre consultava personalidades do mundo jurídico. Entre 2003 e 2010, indicou os ministros Cezar Peluso, Ayres Britto, Joaquim Barbosa, Eros Grau, Ricardo Lewandowski, Carmen Lúcia, Menezes Direito e Dias Toffoli. Das oito indicações restam no supremo apenas três ministros: Lewandowski, Carmem Lucia e Dias Toffoli.”

“Eu nunca levei em conta o critério religioso. Nunca perguntei: você é católico, você é evangélico, você é da religião judaica? Nunca perguntei, nunca. Eu queria saber do curriculum, do conhecimento jurídico do cidadão. Se ele estava à altura da função. Com base nisso eu indicava. Não indicava por outra razão. Eu por exemplo tenho orgulho na minha vida, que foi ter indicado mais uma mulher para a Suprema Corte, que foi a Carmem Lucia. Ter indicado o primeiro negro, que foi o Joaquim [Barbosa]. Eu tenho orgulho. Alguém pergunta assim para mim: mas Lula você não se arrepende de ter indicado ninguém? Não, não me arrependo. Se eu estivesse na mesma situação que eu estava, e tivesse as mesmas informações, eu os indicaria. Porque eu não os indiquei lá para pedir favor para eles. Eu não os indiquei para defender o PT. Eu os indiquei para defenderem a Constituição, e para serem o garante da Justiça nesse país grande e potente. Nunca indiquei um amigo. Indiquei da forma mais republicana que alguém pode indicar. Não pedi favor na hora de indicar, não pedi favores no exercício da presidência e não peço favor agora. O único favor que eles devem é à consciência deles e à Constituição Brasileira, não a mim. Sabe, eles estão lá para cumprir a Constituição, que é o que eu espero.”²⁷

Em entrevista ao jornalista Mino Carta, da Carta Capital²⁸, Lula reforça sua compreensão sobre as nomeações:

Sérgio Lirio: *O senhor citou a Polícia Federal e o Ministério Público. Hoje, em uma entrevista, o Bolsonaro deixa claro que o atual diretor da Polícia Federal vai ser trocado. E promete nomear um procurador-geral da República “alinhado”. O FHC fez a mesma coisa. Tinha um diretor-geral da PF “alinhado”. Tinha um procurador-geral “alinhado”. Os governos do PT fizeram diferente: respeitava-se a lista tríplice, deu estrutura e independência. O senhor se arrepende desse republicanismo?*

Lula: *A gente não pode ser criticado pelas coisas boas. Sou republicano porque eu acho que o Estado não é meu. Sempre achei que ser presidente não é uma profissão, é cumprir uma*

²⁷ Entrevista de Lula a TV Migalhas, em 2 de outubro de 2019 (ANEXO R).

²⁸ Entrevista de Lula a Mino Carta e Sérgio Lirio da Carta Capital, em 04 de setembro de 2019 (ANEXO L).

missão. Fui eleito com data para tomar posse e com data para sair. E eu tinha que governar pensando no povo brasileiro, não em mim. Eu falava para o presidente Chávez: "No Brasil, a gente não pode fazer o que você faz", porque o Brasil não é meu. Não posso indicar para a Suprema Corte um amigo meu. Não posso indicar um procurador amigo. A minha formação política não permitia que eu agisse assim."

4.1.3 Lula referenda o nome de Dilma Rousseff como candidata à reeleição em 2014

O processo de indicação da candidatura do PT para as eleições de 2014 constituiu-se, na verdade, na ausência de um processo. Lula apegava-se à ideia republicana que a ex-presidenta tinha o direito de lançar-se como candidata à reeleição, o que o impediu de abrir o diálogo com ela e com o Partido dos Trabalhadores sobre a possibilidade de ele mesmo vir a ser candidato. Esse tema é objeto de reflexão em diversas entrevistas.

Entrevista a Juca Kfoury e José Trajano em junho de 2019:

Lula: *Deixa eu falar uma coisa com vocês, chegou o momento e isso não é bom falar por mim porque se não dá impressão que eu estou sendo arrogante, mas chegou o momento chegou um momento em que era unanimidade o Lula ser candidato a presidente em 2014, a unanimidade não tinha um empresário de qualquer setor seja do agronegócio seja do etanol, seja do açúcar seja da indústria automobilística, seja da construção civil seja da indústria de máquinas não tinha um. Seja banqueiro: Roberto Setúbal esteve comigo, o Trabuco esteve comigo, o Santander esteve comigo. Para todos eles a salvação da lavoura era o Lula voltar a ser presidente. A partir de junho de 2014 eu disse que eu não ia ser candidato a presidente, sabe eu não ia porque primeiro não tinha havido nenhuma demonstração da Dilma querer discutir o assunto, se ela não queria discutir o assunto é porque ela queria ser candidata a presidente é que era um direito dela. Então morreu o assunto. O PT queria que eu fosse, mas o PT também não tomava decisão "olha, vamos abrir a discussão no partido" até que chegou no Anhembi a Dilma foi convidada por um ato do PT que tinha lá e o pessoal começou a gritar volta Lula volta Lula, fui obrigado a fazer um discurso dizendo que era para acabar com a brincadeira, a Dilma é nossa candidata à presidência e acabou. Então a partir desse instante começou a haver o afastamento dos empresários, ou seja, não era mais, então eles iam todos atrás do Aécio, ou alguns atrás da Marina, etc.*

Na entrevista ao The Intercept, Lula complementa:

Eu, na verdade, eu na verdade hoje passados oito anos, eu poderia ter discutido a minha volta eu estava eu estava como é que se fala? Estava nos cascos, estava afiado eu tinha tanta vontade de fazer o que eu não tinha feito. Eu estava com tanta vontade de fazer mais coisas que eu achava que era possível fazer mais.

Ao ser questionado se ele estaria se arrependendo, Lula responde que o arrependimento não cabe em política. Apenas em setembro de 2019 ele admite que a história poderia ter seguido outro rumo:

“Se eu tivesse que citar um erro, é o de não ter assumido que eu era candidato em 2014, e não assumi porque gosto da Dilma, respeito ela e democraticamente ela tinha o direito de ser candidata. Depois, querer governar no lugar, não dá, na minha cabeça não dá. Não fizemos política corretamente. A Dilma, o PT, eu, todos erramos e colhemos o que plantamos. A direita ensandecida agora pretende destruir o pouco que tínhamos conquistado na área social.”²⁹

4.1.4 Considerações sobre o conceito de *republicanismo* na ciência jurídica

O jurista Pedro Serrano faz uma crítica ao conceito de republicanismo, tal qual foi adotado nos governos do PT. O diálogo abaixo foi transcrito de entrevista do jurista ao canal do Diário do Centro do Mundo, no dia do julgamento do habeas corpus que reconheceu a parcialidade do ex-juiz Sergio Moro, anulando o processo do triplex do Guarujá.

Ao ser questionado se Lula teria sido vítima de um republicanismo que teria beirado a ingenuidade, Serrano responde:

Eu não gosto dessa expressão. Acho que ela designa mal o que aconteceu. É uma designação condescendente com os erros do PT. Quando se usa a palavra republicanismo quer se passar a ideia de que o PT praticou uma política generosa, uma política em favor da coisa pública sem ver o ponto de vista de seus interesses partidários nas disputas de poder. Isso não é verdade. O que se chama republicanismo é, na verdade, uma postura muito errada dos governos progressistas de praticar políticas punitivistas, de um Estado securitário, contrário exatamente a uma República Constitucional e democrática.

Por que punitivista? Porque é uma política de pinças. Duas pinças: de um lado aprovou legislação penal de exceção. Lula foi condenado só por artigos de lei criados por governos petistas. As delações "criminosas" que foram o principal instrumento de suspeita contra ele foram produzidas por uma lei produzida num

²⁹ Entrevista de Lula aos jornalistas Juca Kfourie e José Trajano da TVT, em 13 de junho de 2019 (ANEXO G).

governo petista. Quem criou a lei de delação “criminosa”³⁰ foi o PT. Lula foi impedido de ser candidato por uma lei da ficha limpa criada no governo do PT. O aparato bélico de legislação de exceção foi criado no governo do PT como uma das pinças, por acreditar numa política de segurança e de combate ao crime, inclusive da corrupção, que partisse da violência extrema do Estado e não da garantia de Direitos.

E por outro lado o que se chama de republicanismo é o fortalecimento de um Estado Autárquico contra a soberania popular, onde se deu uma independência política, uma capacidade de agir politicamente a carreiras públicas profissionais, que não devem ter esse papel político. Não é papel da carreira de procurador escolher quem é o PGR. Procuradores não foram eleitos pelo povo. O que a Constituição quer, quando dá ao presidente da República o poder de escolher quem será o PGR é que a voz do povo se faça presente naquela instituição. E a voz do povo, a voz da soberania popular é a voz de quem foi eleito. Os procuradores foram escolhidos por um critério profissional: o concurso público. Eles não devem ter um papel político. (DCM TV, 2019, *online*).

Contudo, em entrevista ao Brasil 247 (TV 247, 2019), Lula não deixa dúvidas do que ele entende por republicanismo e reafirma sua convicção na atuação das instituições.³¹

“Às vezes falam mal de mim porque eu fui muito republicano. Eu sou republicano, eu acredito nas instituições, eu não acredito naquele negócio de que um homem é insubstituível. Quando um homem começa a pensar que é insubstituível, ele está virando um ditador, eu não nasci para isso, eu sou um democrata por convicção, eu acho que o rodízio no poder, o rodízio de pessoas, o rodízio de classes sociais é importante. Não é pouca coisa, eu sou o primeiro cara de chão de fábrica que nasceu fodido, com a família toda fodida, que chegou à Presidência da República. E não cheguei por concessão não, cheguei por trabalho. Eu abandonei minha família para cuidar desse partido, dessa central. Tudo foi criado nesse período, o PT foi criado em 1980, o Movimento Sem Terra em 1984, a CUT em 1983.

Eu poderia estar pregando a luta armada. Mas eu não estou. Eu não acredito nisso. A democracia tem deficiências? Tem, mas a democracia permitiu que chegasse um índio ao poder na Bolívia, e tá lá. Permitiu que um cara como o Chávez chegasse à presidência. Sinceramente não faz parte da minha formação política, por isso eu sou um republicano. Por isso eu quero uma Polícia Federal com autonomia, um Ministério Público com autonomia, a igreja com autonomia, o sindicato com autonomia. Por isso quando eu fui presidente, eu fiz 74 conferências nacionais para discutir os problemas do povo brasileiro. De LGBT a portador de hanseníase, a portador de deficiência física, visual, fiz com polícia, com jornalista. Por isso todos os anos eu fazia audiência com reitores de todas as universidades, dos CEFET, e consegui ser o presidente que mais fez universidade, que mais

³⁰ Nota da pesquisadora: acredito que Pedro Serrano quisesse dizer lei da delação premiada.

³¹ Entrevista de Lula aos jornalistas Mauro Lopes, Pepe Escobar e Paulo Moreira Leite do Brasil 247, em 22 de agosto de 2019 (ANEXO J).

colocou aluno na universidade, que mais fez escolas técnicas, porque eu acho que o que vai fazer esse país crescer é o conhecimento, não é a ignorância.

Sobre composição com partidos de outros espectros políticos no Parlamento, Lula afirma que a arte da política é conversar com os contrários.

Enquanto você não mudar o modelo político do Brasil, enquanto não fizer uma reforma política em que possa haver partidos mais definidos ideologicamente, qualquer que seja o presidente eleito – seja a companheira Manuela, o companheiro Guilherme Boulos, o companheiro Ciro Gomes, o Bolsonaro ou quem vier pela frente –, quem ganhar as eleições, ao terminar a apuração, vai ver quantos deputados tem, quantos senadores tem. E saberá que, para votar uma coisa importante na Câmara, precisará de, no mínimo, 247 votos. Se não tiver, vai ter que buscar. E vai buscar, normalmente, em quem não votou nele. Isso se chama “negociação”. Foi assim que acabou a Segunda Guerra Mundial. Alguém negocia. O que o Stálin queria? O que o Truman queria? O que o Churchill queria? Você negocia. É assim. Se não for assim, você não governa. (SILVA, 2018, p. 73).

Ao jornalista Glenn Greenwald (2019)³² Lula responde:

Glenn Greenwald: *Mas, presidente, isso é uma crítica comum, para o PT também, que, embora você e Dilma tenham uma reputação e um passado político de esquerda, a forma que você governou era neoliberal. [] Se você acha que a vitória do Bolsonaro foi causada pelos fracassos do neoliberalismo, você acha que o PT também construiu isso?*

Lula: *No meu governo, no meu governo eu nunca disse que era um governo socialista. Primeiro, quando você ganha uma eleição, você tem que estabelecer qual é a correlação de forças que você vai ter para você poder executar as tuas políticas. É importante lembrar, querido Glenn, que quando eu fui eleito presidente da República num parlamento de 513 deputados, eu tinha 91 deputados. O Collor... o Bolsonaro, tem 50. Ele vai precisar, muito mais do que eu, construir uma correlação de forças favorável para aprovar as coisas que ele quer. Não adianta ficar dizendo “a velha política”, a “velha política” é ele! Ele é um cara que teve 28 anos de mandato. Ele é a velha política, eu sou a nova. Eu só tive quatro anos de mandato como deputado, eu não quis mais ser deputado, ele teve 28 anos. Então vamos parar com essa bobagem de nova política e velha política. Quem quer governar, governa com o que tem!*

Eu governo o país que eu tenho, eu não governava a França, nem a Alemanha, nem os Estados Unidos, eu governava o Brasil, e, quando eu cheguei no governo, tinha 54 milhões de pessoas que passavam fome, que não tomavam café de manhã, e eu tinha assumido o compromisso que, no término do meu mandato, cada brasileiro estaria tomando café,

³² Entrevista de Lula ao jornalista Glenn Greenwald do The Intercept Brasil, em 21 de maio de 2019 (ANEXO E).

almoçando e jantando. Eu não tive direito à universidade, mas tinha um compromisso de honra de que, pelo fato de eu não ter tido universidade, os trabalhadores tinham o direito. É por isso que eu, mesmo sendo o único presidente que não tenho o curso universitário, e também não troco o meu por alguns que têm, sabe. Sou o presidente da República que mais colocou estudante na universidade, que mais fez universidade federal, que mais fez escolas técnicas na história do país, que mais fez política de transferência de renda, que mais aumentou o salário mínimo, que mais fez assentamento dos sem terra.

Sobre Reforma Política Lula respondeu ao jornalista Bob Fernandes³³:

Bob Fernandes: *Mas aí a gente entra na questão, eu me lembro que num voo de volta do Pará, na Bahia a gente fez uma entrevista, a Monica e eu, e o senhor garantia que faria uma reforma política. Isso tudo tem a ver com a Reforma Política. Por que não foi possível fazer uma reforma política?*

Lula: *Porque a Reforma Política não depende de um Presidente da República, ela depende dos partidos e do Congresso Nacional.*

Bob Fernandes: *Se eles não querem, não sai?*

Lula: *Você não consegue passar uma reforma política se você ferir os interesses de quem é deputado. Ninguém quer rasgar a almofada do banco que está sentado. O Tarso Genro quando era ministro [Ministro da Justiça 2007 a 2010] mandou algumas propostas específicas, reforma política, política tributária, vou lhe contar um caso, e como você é muito inteligente sua memória vai saber do que eu estou falando. Em abril de 2007 eu mandei para o Congresso Nacional uma proposta de reforma tributária. Essa política tributária foi aprovada por 27 presidentes de federações estaduais mais o presidente nacional. Ela foi aprovada por todas as centrais sindicais, ela foi aprovada por todos os líderes de partidos do Congresso Nacional, e ela foi entregue por mim e por toda essa gente no Congresso. O Arlindo Chinaglia [PT/SP] era o presidente da Câmara, foi escolhido como relator o Sandro Mabel [PL/GO]. Pergunte para eles porque que não mandaram. Eu achei que quando ela chegasse na Câmara, ia ser aprovada por unanimidade, porque os governadores tinham concordado, os líderes tinham concordado, os trabalhadores tinham concordado. Quem seria contra, meu Deus céu? Não andou. Está até hoje parada e estão falando em outra reforma tributária.*

³³ Entrevista de Lula a Bob Fernandes, TVE Bahia, em 15 de agosto de 2019 (ANEXO I).

4.2 CONCILIAÇÃO OU REVOLUÇÃO?

Muitas vezes, companheiros do próprio PT, companheiros ideologicamente mais refinados, achavam que era um governo de conciliação. Eu sempre entendi que um governo de conciliação é quando você pode fazer mais e não quer fazer. Agora, quando você só pode fazer menos e acaba fazendo mais, é quase que o começo de uma revolução – e foi o que fizemos neste país. (SILVA, 2018, p. 29).

Enquanto é oposição, você tem espaço para ser *principista*. Quando você ganha, tem que colocar os teus princípios na mesa para torná-los exequíveis. Aí é que muita gente não quer ganhar. O Partido Comunista Italiano ficou quase meio século sem querer ganhar as eleições na Itália. (SILVA, 2018, p.111).

O PT não nasceu para ser um partido revolucionário, nasceu para ser um partido democrático e levar a democracia até às últimas consequências.

Ainda sobre conciliação de classes, o ex-presidente diz aos jornalistas Monica Bergamo e Florestan Fernandes (2019)³⁴: “*Ninguém nunca mais, ninguém nunca mais, presta atenção, ninguém nunca mais vai ter neste país uma dupla harmônica como Lula e Zé Alencar. O sindicalista e o empresário*”.

Juca Kfoury: *Presidente me explica uma coisa, há um dado que ninguém nega desde os seus tempos de presidente do sindicato dos metalúrgicos que foi quando nos conhecemos nas greves de 79 em São Bernardo Campo, eu diretor do sindicato dos jornalistas do senhor presidente do sindicato dos metalúrgicos que o senhor sempre foi tido como um conciliador uma pessoa capaz de unir os contrários. O senhor como Presidente da República se dava tão bem com o Bush Presidente dos Estados Unidos quanto com o Chávez, Presidente da Venezuela ou seja aqueles que se opunham até dentro do seu partido achavam que era demais que o senhor conciliava demais, que era preciso fazer algumas rupturas que o senhor não fazia. Por que todos se voltaram contra essa figura do conciliador, do cara que nunca foi de querer ir para o pau.*

Lula: *Eu sempre fui assim foi assim quando era moleque, quando jogava bola eu fui assim, quando virei dirigente sindical, eu fui assim como Presidente da República por isso é que eu creio conferir de desenvolvimento que envolvia empresários, pastores, sindicalistas, índios, ou seja, para a gente poder estabelecer, sempre que possível, políticas públicas que tivessem uma espécie de aceitação da maioria da sociedade. Eu sempre achei que uma conversa mais sempre dava melhor resultado nunca fui de tomar decisão com 39 graus de febre. Primeiro deixava a febre baixar para tomar a decisão com o Bush, com o Chavez eu*

³⁴ Entrevista de Lula aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de SP, e Florestan Fernandes, do El País, em 26 de abril de 2019 (ANEXO B).

*era aquele moleque do meio, sabe quando tem a mulher querendo brigar? Eu era a turma do deixa disso, sabe?*³⁵

Na entrevista à TVE Bahia o tema da inclusão social pelo consumo, em detrimento da prioridade da politização da sociedade foi assim tratado³⁶:

Bob Fernandes: *O senhor estava falando de como as pessoas estavam consumindo em seu governo. Existe uma crítica, bastante acentuada e corrente, sobre o privilégio (que foi dado) à questão do consumo e a não-politização (da sociedade). O senhor acha que este modelo que alguns chamam de coalizão e outros chamam de eterna conciliação, ele se esgotou? Que vem desde a Nova República, a coalizão política é uma coisa, mas a conciliação tem amplíssimo interesse, tudo cabe em um ônibus, sem se ter a clareza de cada interesse? Esse modelo se esgotou presidente? E qual é o próximo passo:*

Lula: *Eu não sei se esse modelo se esgotou, porque o povo brasileiro teve apenas um período muito curto de acesso a alguma coisa.*

Bob Fernandes: *Mas dessa forma se consegue modificar?*

Lula: *É preciso se encontrar outra fórmula. Houve revoluções que não conseguiram encontrar essa fórmula. A necessidade que você tem de distribuir a riqueza produzida, para que todos tenham acesso, nós provamos que é possível.*

A inclusão pelo consumo, sem a contrapartida de um trabalho de conscientização política da classe trabalhadora, foi objeto da entrevista dos jornalistas Mino Carta e Sérgio Lirio (2019), da Carta Capital³⁷:

Mino Carta: *Mas o PT não chegou exatamente a criar uma consciência da cidadania em muita gente. Não conseguiu.*

Lula: *Mino, discuto muito isso com os companheiros. Eu não fui eleito para criar consciência ideológica, mas para governar o Brasil. O PT é que deveria ter tirado proveito das coisas boas que fizemos e conscientizar. Comecei a minha vida política como admirador do PCI. Achava o Partido Comunista da Itália a coisa mais perfeita em termos de organização política. Tive o prazer de sentar à mesa ao lado do Enrico Berlinguer. Eu conheci bem o Partido Comunista Italiano e era muito fã. Depois percebi que ele não passava de 30%, 33%, nas eleições.*

Mino Carta: *Chegou a 36%.*

³⁵ Entrevista de Lula aos jornalistas Juca Kfourie e José Trajano da TVT, em 13 de junho de 2019 (ANEXO G).

³⁶ Entrevista de Lula a Bob Fernandes, TVE Bahia, em 15 de agosto de 2019 (ANEXO I).

³⁷ Entrevista de Lula a Mino Carta e Sérgio Lirio da Carta Capital, em 04 de setembro de 2019 (ANEXO L).

Lula: *Eu cheguei à conclusão de que o PCI não queria ganhar as eleições.”*

Voltando à conversa com Bob Fernandes, Lula destaca a credibilidade política como condição para o desenvolvimento econômico:

Lula: *Agora, economia não tem mágica. 50% dos problemas econômicos do país são resolvidos quando quem está governando tem credibilidade interna e externa. As pessoas que levantam de manhã para trabalhar ou as pessoas que estão lá fora pensando em fazer qualquer coisa pelo Brasil, as pessoas têm que saber se quem tá falando por aquele país tem seriedade. Tem credibilidade. Se essa pessoa tiver credibilidade e seriedade, as pessoas passam a acreditar. Por isso é que eu, quando tomei posse em 2003, gastei parte da gordura política que tinha para fazer coisas que o PT não queria que eu fizesse.³⁸*

A credibilidade na proposta de desenvolvimento econômico tanto para o mercado interno quanto para as relações comerciais externas, a confiança da população no processo democrático, na liderança política e na estabilidade das instituições são predicados do modelo de Estado de Proteção Social.

Em entrevista na data de 13 de julho de 2019, Lula responde à questão do jornalista Juca Kfourri³⁹ sobre a Revolução Russa de 1917.

Juca Kfourri: *o senhor disse pra mim outro dia quando eu vim vê-lo, que se o senhor sair daqui não vai mais falar em distribuição de renda vai falar em distribuição de riqueza*

Lula: *Isso significa o seguinte, veja você precisa começar a garantir que as pessoas tenham participação na riqueza deste país, ou seja, a uma aposentadoria de qualidade definitiva, educação de qualidade, sabe quando você está dando a um pobre o direito de estudar gratuitamente e de ele virar um cientista, você está dando riqueza para esse cara, quando você dá uma casa com subsídio para ele poder pagar você está dando riqueza. Esta gente tem que participar mais do lucro que ela ajudou a produzir no país. É preciso repensar porque nós estamos regredindo se você imaginar a economia brasileira. Você teve a Revolução Russa em 17, por conta da Revolução Russa, você teve o mundo ocidental se preparando para enfrentar mas com medo, cedendo algum benefício, aí teve a segunda guerra mundial, que dividiu o mundo em dois, a parte ocidental e a parte oriental. A Rússia ficou com um pedaço e os Estados Unidos com o outro. Olha o que o mundo capitalista fez: tratou de fazer o famoso Estado de bem-estar social, não porque gostava dos trabalhadores,*

³⁸ Entrevista de Lula a Bob Fernandes, TVE Bahia, em 15 de agosto de 2019 (ANEXO I).

³⁹ Entrevista de Lula aos jornalistas Juca Kfourri e José Trajano da TVT, em 13 de junho de 2019 (ANEXO G).

mas porque estava com medo dos trabalhadores terem a mesma vontade que tiveram os trabalhadores na Rússia em 1.917, de fazer uma revolução, então se criou um Estado que distribuiu renda e permitiu que o povo tivesse um padrão de vida, você percebeu que nos últimos dez anos só caiu a renda do povo americano? Caiu a renda do povo europeu?

Juca Kfoury: *Não há mais ameaça?*

Lula: *Caiu o muro de Berlim, daí não tem mais ameaça.*

Juca Kfoury: *Agora o senhor não acha que a união soviética seja um exemplo?*

Lula: *Não, não é. O problema dos meus queridos companheiros é o seguinte: a revolução, a minha tese hoje aos 73 anos de idade, é que a revolução russa de 17 ela terminou causando um benefício extraordinário aos trabalhadores do ocidente e não causou na própria Rússia o benefício. O padrão de vida do sueco, do holandês, do finlandês, do dinamarquês do alemão, do francês era muito maior que o do russo, mas por quê? por conta da revolução russa, então foi uma pena foi uma pena que a revolução russa não tenha dado aos trabalhadores russos um padrão de vida que os europeus deram por conta da revolução russa.*

Das declarações de Lula, depreende-se que ele tem convicção do modelo de Estado no qual apostou: a social democracia. Lula defende a presença do Estado e o compromisso dos governos com as classes trabalhadoras e populares. Entende que é possível negociar, no âmbito do capitalismo e nos limites da democracia, concessões e melhorias suficientemente sólidas para garantir à população um conjunto de direitos civis, sociais, econômicos e humanos, que se constitua em um estado de bem-estar social, inspirado no modelo keynesiano. A fiança e o fator diferencial que Lula apresenta é a sua história pessoal, sua origem de classe jamais negada e que por isso lhe atribui as credenciais para tensionar os limites das conquistas sociais. *“nós demos um padrão de vida para o povo que muitas revoluções armadas não conseguiram – e em apenas oito anos”*.

Lula inspira-se no governo de Franklin Roosevelt, que em plena depressão da economia americana, após a quebra da bolsa de valores em 1929, adotou um conjunto de medidas de intervenção propostas pelo economista britânico John Keynes (1883-1946). Keynes introduziu uma revisão no modelo capitalista liberal - até então aceito pelos teóricos do capitalismo - ao denunciar que a total liberdade do mercado não é capaz de promover um mínimo de estabilidade para a classe trabalhadora, que fica sujeita a crises de grandes proporções, como demonstrou a grande depressão. A contribuição teórica do pensamento de Keynes para a Economia Política foi a proposição de um Estado intervencionista, gerador de

empregos e responsável por investir nas áreas de educação, saúde e proteção social, sem contudo inibir a atuação dos setores privados.

Li muito sobre o Roosevelt e o New Deal. Fico vendo a quantidade de coisas que falavam do Roosevelt. A quantidade de ofensas, foi chamado de ladrão, de tudo. Até hoje os democratas [americanos] não utilizam o Roosevelt como exemplo pra nada. É uma figura que quase não existe nos debates lá. Mas ele foi importante demais. (SILVA, 2018, p. 48).

Esta talvez seja uma síntese possível de uma teoria social, política e econômica que Lula construiu a partir de sua práxis, de sua visão sobre as possibilidades de promover justiça social, em um Estado capitalista.

5 A PRISÃO POLÍTICA DE LULA

“O objetivo é tirar a voz do Lula, matar a esperança do Lula, debilitá-lo psicologicamente.”

Dr. Rosinha, presidente do PT/PR

5.1 O JULGAMENTO E A CONDENAÇÃO

A operação Lava Jato concluiu o processo que tramitou na 13ª Vara Federal de Curitiba - conhecido como *triplex de Guarujá* - condenando Luiz Inácio Lula da Silva, em primeira instância, na data de 19 de julho 2017, a uma pena de nove anos e seis meses de prisão, por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

A sentença do juiz Sergio Moro provocou uma reação imediata de juristas. A Frente Brasil de Juristas em Defesa da Democracia publicou uma coletânea de artigos, de mais de uma centena de advogados, professores de direito e intelectuais “[o que] demonstra a preocupação do meio jurídico e acadêmico com o momento político que vive o país, e a necessidade premente de defender o Estado Democrático de Direito”. (PRONER *et al.*, 2017).

“São inúmeras as arbitrariedades que atravessam essa decisão. Elas vão desde a condenação sem materialidade até a corrupção sem contrapartida”, sintetiza a jurista Cecília Caballero Lois (2017, *online*), em artigo sobre a fragilidade argumentativa da sentença condenatória do juiz Sergio Moro.

Para se ter a real noção do que significou a condenação em segunda instância, leia-se trecho do artigo do jurista Dalmo de Abreu Dallari (2017, *online*), publicado originalmente no *Jornal do Brasil*, logo após a condenação em primeira instância:

A condenação de Lula pelo Juiz Sergio Moro em processo criminal, sem que na sentença tenha sido apontada a prática de qualquer crime, é manifestamente ilegal, não devendo prevalecer.

Da decisão condenatória cabe recurso para o Tribunal Regional Federal da 4ª Região, sediado em Porto Alegre, que é o Tribunal competente. Como foi informado pelo jornal “O Estado de São Paulo”, aquele Tribunal já decidiu dando provimento a 38% (trinta e oito por cento) dos recursos interpostos contra decisões do Juiz Moro. Assim, pois, existe grande possibilidade de que a condenação de Lula seja anulada por aquele Tribunal. Aliás, o elevado percentual de acolhimento de recursos permite concluir que não é raro que aquele juiz profira decisões contrariando as provas dos autos, ou seja, sem fundamento legal. [...] Por tudo isto, adotando fundamentação estritamente jurídica, os defensores do acusado Lula devem recorrer para o Tribunal superior, existindo grande possibilidade de que seja dado provimento ao recurso anulando-se a decisão condenatória.

Mas, por mais inverossímil que pudesse parecer até a um experiente jurista, a análise que se confirmou foi aquela publicada por Santayana em dois de janeiro de 2018, quando o

jornalista, detentor do prêmio Esso de Jornalismo em 1971, lê nas entrelinhas que o objetivo de toda a operação era impedir que Lula fosse candidato em outubro de 2018 e antevê uma era de arbítrio e fascismo:

Há dois golpes em andamento para 2018.

O primeiro, já anunciado, será dado, diante do mundo inteiro, no dia 24 de janeiro: impedir – com uma condenação furada, feita com base em delação premiada e em uma armação jurídica – que o principal candidato concorra às eleições. Isso equivale a um golpe de Estado aqui como em qualquer lugar do globo. É interferir descarada e diretamente na história de um país que conta com a quinta população e o quinto maior território do planeta, como se isso aqui fosse uma República de Banana. (Ou melhor dizendo, alô, alô, sociedade civil organizada; alô, alô, defensores do Estado de Direito e da Democracia: de “bananas”.)

Uma coisa leva à outra.

O segundo golpe – depois não adianta dizer que a cigana não avisou – também já está sobejamente anunciado.

Ele também é filho torto da “justiça” e tão hediondo e temerário quanto o primeiro. E equivalerá a promover, historicamente, a deliberada, assumida e desavergonhada entrega do país ao fascismo, pela “justiça” brasileira – tente-se ou não tapar o sol com a peneira, caso se confirme a decisão já claramente sinalizada por juízes, desembargadores, e até mesmo ministros da Suprema Corte. E não me venham disfarçar ou mascarar isso com especulações fantasiosas ou a edificação de improváveis e imponderáveis, oníricas, quimeras eleitorais – no dia 30 de outubro de 2018. (MORAIS, 2018, *online*).

No dia 24 de janeiro de 2018⁴⁰ deu-se o julgamento em segunda instância no Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4), na cidade de Porto Alegre. Os desembargadores João Pedro Gebran Neto, Leandro Paulsen e Victor dos Santos Laus da 8ª turma daquele Tribunal votaram unanimemente pela manutenção da condenação, e pela ampliação da pena de prisão para 12 anos, em regime fechado. A dosimetria da pena repetiu-se em exatas palavras no voto de cada um dos juízes.

Em artigo publicado na Revista Carta Capital, Trindade (2018) analisa o resultado do julgamento do STF que autoriza a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, após o julgamento do TRF-4, em segunda instância.

Com a votação da última quarta-feira (04/04/18) no STF (Supremo Tribunal Federal) e com a iminente prisão de Lula, o processo iniciado em 2016 aprofunda seu caráter de quebra institucional, configurando em definitivo um formato de golpe

⁴⁰ Esta pesquisadora esteve no ato em Porto Alegre, numa caravana de militantes que saiu do Rio de Janeiro, na véspera do julgamento, para participar de manifestação em frente ao prédio do TRF-4, pelo reconhecimento da inocência de Lula. Havia um grande aparato policial, com dezenas de carros, e uma tropa de cavalaria, com policiais preparados para enfrentar uma rebelião de grandes proporções, incluindo o isolamento do quarteirão. Do outro lado das faixas, uma militância ordeira e pacífica, chegando de diversos pontos do país, com cartazes, bandeiras e palavras de ordem. O julgamento durou o tempo de um lanche *fast food*, após uma viagem rodoviária de 20 horas. Uma forte chuva de verão desabou quase ao mesmo tempo em que a notícia da condenação foi confirmada. Ficou claro naquele momento que estava consumado o golpe contra a democracia brasileira. Lula era o troféu.

de Estado com nítido envolvimento de grande parte do judiciário e da mídia nacional.

Convém agora fazer um primeiro balanço do significado do golpe e como a conjuntura irá se processar potencialmente a partir da consolidação do atual quadro. Assim este texto busca imputar quatro sentidos estruturantes a ruptura institucional: i) o golpe foi contra o trabalho: no sentido distributivo e no sentido organizativo; ii) o golpe foi contra a soberania nacional, no sentido de fortalecimento da hegemonia estadunidense e no sentido de recrudescimento das condições de dependência nacional; iii) o golpe foi contra os movimentos organizados, no sentido de uma agenda de negatização dos movimentos sociais (casos do MST e MTST) e de desorganização da esquerda brasileira e; iv) o golpe foi pela retomada do crescimento das taxas de lucro dos capitais, no quadro de manutenção do padrão financeirizado da economia. (TRINDADE, 2018, *online*).

A série de reportagens da Vaza-Jato vai confirmar que de fato havia um acordo entre o TRF-4 e a Lava Jato. Conversa vazada mostra que o principal procurador da força-tarefa Deltan Dallagnol, disse que os desembargadores do TRF-4 “apenas defendem o que o Moro quer”. (SANTOS, 2021, *online*).

Na data de 05 de abril de 2018, o habeas corpus solicitado pela defesa do ex-presidente, visando impedir a prisão após julgamento da segunda instância, foi negado pelo Supremo Tribunal Federal, em sessão plenária, por seis votos a cinco, apesar de o inciso 57 do artigo 5º da Constituição Federal determinar que “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória”.

O jornalista Mário Magalhães (2018, *online*), relata os acontecimentos:

Sem esperar um mês, nem sequer um dia, às 17h31 juízes do TRF-4 autorizaram Moro a executar a pena de Lula. Isto é, 16 horas e 45 minutos após a sessão do Supremo.

Dezenove minutos depois, às 17h50, Moro decretou a prisão de Lula. Deu-lhe menos de 24 horas para se apresentar em Curitiba. Às 19h10, Lula chegou à sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo. Milhares de militantes e simpatizantes acorreram, iniciando uma vigília.

O comício se estendeu até a madrugada da sexta-feira. Pelas duas horas, Lula acenou de uma janela. O petista dormiu lá, como dormira nas greves operárias que mudaram a história do Brasil, na virada dos anos 1970 para os 1980.

Às cinco da tarde da sexta venceu o prazo estipulado por Moro. A massa se esgoelou na contagem regressiva para o horário limite e desafiou: “Não tem arrego! Não tem arrego!”. Lula não arredou pé de sua trincheira velha de guerra.

‘Leva e não traz nunca mais!’

No sábado, uma cerimônia religiosa combinada com ato político encheu ainda mais as ruas diante do sindicato. Era 7 de abril, aniversário de nascimento de Marisa Letícia, a esposa de Lula morta no ano passado. Um grupo musical tocou, a pedido do viúvo, o samba *Deixa a vida me levar*.

Ele havia decidido se apresentar a Moro, mas os manifestantes imploravam “Não se entrega! Não se entrega!”. No palanque, Lula teve a companhia de correligionários como a ex-presidente Dilma Rousseff. Abraçou os pré-candidatos presidenciais Manuela D’Ávila, do PC do B, e Guilherme Boulos, do PSOL. Durante 55 minutos, começando pontualmente ao meio-dia, falou para a história:

“Eu sou um construtor de sonhos”; “eu não sou mais um ser humano, eu sou uma ideia”; “a morte de um combatente não para a revolução”; “Quanto mais dias eles me deixarem lá [na cadeia], mais Lula vai nascer nesse país”; “os poderosos podem

matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera”.

É outono, e não primavera no Brasil. Pelas cinco horas da tarde nublada, os manifestantes bloquearam o portão do sindicato e não deixaram que um carro transportando Lula passasse. Ele queria se entregar. O automóvel deu marcha a ré. Pouco depois das seis e meia, já na penumbra, o ex-presidente partiu a pé. O tumulto não o impediu de caminhar até um veículo da Polícia Federal.

Parou na sede paulista da PF e de lá foi de helicóptero para Congonhas, onde embarcou num avião rumo à República de Curitiba. Um áudio documentou que uma pessoa apelou ao piloto do monomotor prefixo PR-AAC: “Leva e não traz nunca mais!”. A FAB confirmou a autenticidade do diálogo, travado antes da decolagem. Não identificou o autor da frase agourenta. Pelas dez e meia, Lula entrou no prédio da Superintendência da Polícia Federal na capital paranaense.

5.1.1 A rotina no cárcere

Lula permaneceu detido por 19 meses ou 580 dias - como marcava o calendário da vigília Lula Livre, em espaço de 15m² no 4º andar da Superintendência da Polícia Federal, em Curitiba. O dormitório, antes usado por policiais em viagem, não tem grades e se resume a banheiro, armário, mesa com quatro cadeiras, esteira ergométrica e um aparelho de TV com entrada USB e que só sintoniza canais abertos. (FOLHAPRESS, 2019, *online*).

Durante a semana, na parte da manhã, Lula conversa por uma hora com o advogado Luiz Carlos da Rocha, o Rochinha. Na parte da tarde, fala com Manoel Caetano pelo mesmo período. Todo o resto do tempo permanece isolado dentro do quarto.

Às quintas-feiras recebe parentes, à tarde, e dois amigos, geralmente políticos, pela manhã⁴¹. Ele sai três vezes por semana para o banho de sol. Circula num pequeno espaço de 40 m² onde antes funcionava um fumódromo.

Lula acorda sempre antes das 7h. Ouve o “bom dia, presidente”, gritado por militantes do acampamento Lula Livre, que fica num terreno em frente à PF. “Esse negócio dá um ânimo para ele”, diz Gilberto Carvalho, amigo e chefe de gabinete dos tempos de Presidência (2003-2010).

Lula come a mesma refeição dos outros presos. O agente sempre toma o cuidado de pegar uma marmita aleatoriamente na caixa que serve os presos da carceragem toda da polícia.

Durante o período preso, Lula consultou-se pelo menos três vezes com seus médicos na própria cela. Antes de ser preso, Lula já havia parado de fumar e adotado o hábito de fazer exercícios. (FOLHAPRESS, 2019, *online*).

⁴¹ A permissão de visitas de amigos foi revogada pela Vara de Execução Penitenciária, como comentaremos adiante.

5.1.2 Os livros que Lula leu na prisão

Lula acompanha os programas de TV aberta e dá-se conta da baixa qualidade da programação em geral. Em entrevista a Bob Fernandes, o ex-presidente critica a proliferação de programas noticiosos que pregam diuturnamente a violência e espalham pânico à população. Dirige críticas ao exagerado número de canais religiosos de diversas confissões, que usam a boa fé dos espectadores para capturar votos em legendas conservadoras⁴².

O ex-presidente dedica a maior parte de seu tempo de clausura a ler. Lula leu mais de quarenta livros em Curitiba. Seus temas prediletos foram as biografias de grandes políticos de esquerda; literatura brasileira e latino-americana; História do Brasil, em especial relatos das lutas e revoltas de povos africanos escravizados; geopolítica; sociologia, economia e espiritualidade.

“Li, na prisão, mais de 40 livros e quando recebi o primeiro, Um Defeito de Cor, de 952 páginas, me questionei por quanto tempo ficaria preso”, relata o jornalista André Cintra em reportagem do site Vermelho, em 16 de janeiro de 2020:

Os livros que conseguimos identificar pela menção nas entrevistas foram: i) O Petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro: Daniel Yergin. Paz e Terra – 2010; ii) Escravidão: Laurentino Gomes. Vol I - Globo – 2019; iii) A trilogia de Getúlio: Lira Neto. Cia. Das Letras – 2016; iv) Um defeito de cor: Ana Maria Gonçalves. Saraiva – 2006; v) A Virtude da Raiva: e outras lições espirituais do meu avô Mahatma Gandhi: Arun Ghandi . Sextante – 2018; vi) Marighela: o guerrilheiro que incendiou o mundo: Mário Magalhães. Cia. das Letras – 2012; vii) Desigualdade no Brasil: Eduardo Moreira. Civilização Brasileira – 2019; viii) O Homem que amava os cachorros: Leonardo Padura. Boitempo - 2015; do mesmo autor leu também ix) Hereges e x) Transparência do Tempo; xi) O elogio da serenidade: Noberto Bobbio. UNESP – 2012; xii) As raízes do conservadorismo: Juremir Machado. Civilização Brasileira -2017; xiii) Estrela vermelha sobre o terceiro mundo: Vijay Prashad. Expressão Popular – 2019; xiv) A política da escravidão no Império do Brasil: Thamis Parron. Civilização Brasileira – 2011; xv) A autobiografia do poeta escravo da ilha de Cuba: Juan Francisco Manzano. Hedra – 2015; xvi) A elite do atraso: Jesse Souza. Leya - 2017; xvii) Marielle Franco sobre lutas e lágrimas: Uma biografia de 2018: O ano que flertou com o apocalipse: Mário Magalhães. Record, 2019; xviii) Dez argumentos para você deletar

⁴² Sobre as concessões de veículos de comunicação nos governos do PT, Lula fará autocritica durante as entrevistas. O tema está tratado no item Comunicação do capítulo O golpe de 2016 no contexto de uma guerra híbrida.

agora sua rede social, de Jaron Laner; xix) Luiz Carlos Prestes - um Comunista Brasileiro: Anita Leocadia Prestes. Bomtempo, 2015; xx) O Novo Czar: a Ascensão e o Reinado de Vladimir Putin: Steven Lee Myers. Edições 70 – 2017; xxi) Hugo Chávez: Minha primeira vida: Ignacio Ramon. Geração Editorial – 2018; xxii) O Tiradentes: Uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier: Lucas Figueiredo. Cia. das Letras, 2018(prêmio Jabuti); xxiii) A Fome: Martín Caparrós. Bertand Brasil – 2016; xxiv) O voto do brasileiro: Carlos Alberto Almeida. Record – 2018; xxv) Espiritualidade: caminho de autorrealização: Leonardo Boff. Mar de ideias – 2016 (presente do autor durante visita em Curitiba); xxvi) Sapiens - Uma Breve História da Humanidade: Yuval Harari. L&PM – 2015; Outros livros citados não estão totalmente identificados: xxvii) Biografia de Fidel Castro; xxviii) Biografia de Mandela; xxix) *Grande Sertão: Veredas*: Guimarães Rosa; xxx) *O Amor nos Tempos do Cólera*: Gabriel García Márquez; xxxi) livro sobre eleição do Trump; xxxii) livro do Frei Betto

Nas entrevistas Lula afirma ter transformado seu cativeiro em um tempo de estudos, aprendizagem, reflexão e preparação política para quando voltasse à liberdade. Em setembro de 2019, o jornal francês Le Monde entrevista Lula:

Bruno Meyerfeld: *Como está organizado seu dia a dia?*

Lula: *Assisto filmes, televisão, converso com meus advogados. Ando 9 quilômetros por dia! Espero o tempo passar ... Também leio muito, estudo a história das lutas sociais no Brasil. Fico horrorizado ao ver que todos aqueles que lutaram pelo povo neste país, como Zumbi [escravo insurgente no século XVII], Tiradentes [revolucionário do século XVIII] ou Antonio Conselheiro [pregador do século XIX], foram decapitados, enforcados ou queimados vivos, e constatar que o povo não sabe quem são, como se nunca tivessem existido.*

Bruno Meyerfeld: *O senhor se identifica com eles?*

Sim. Me considero um pouco como uma versão moderna de todos eles. Mas meu caso tem um formato mais sofisticado. No que me diz respeito, o judiciário não foi usado para fazer justiça, mas política.

Ao jornalista Florestan Fernandes, ele detalha seu programa de estudos:

Eu assisto a muitos filmes, muitas séries, muitos discursos, muitas aulas. Por exemplo, fiz na minha cela - que trato como sala porque é melhor, não como cela - um curso sobre Canudos. O canal Paz e Bem tem um curso recontando as histórias, mostrando as mentiras que Euclides da Cunha contou sobre Canudos. A história não

é aquela. Fiz um curso de oito aulas. Sugeri ao Mauro Lopes, do canal Paz e Bem, um curso Retratos do Brasil sobre todas as lutas sociais do Brasil. E agora acho que toda segunda-feira tem uma aula. Eu espero juntar umas quatro ou cinco, recebo um pen drive, vou assistindo e vou me aprimorando. Quando eu sair daqui, sairei doutor.

Impedido de ir ao Salão do Livro Político, para o qual foi convidado desde 2018, o ex-presidente enviou a seguinte carta, que foi lida na cerimônia de abertura da quinta edição do evento na noite de segunda-feira, 27 de maio de 2019, pelo ator Sérgio Mamberti.

“Ler é um ato político. Não é por acaso que nossos adversários, ao mesmo tempo que tentam criminalizar a política e impedir toda e qualquer forma de ativismo, atacam com tanto ódio o saber, o conhecimento. Querem mais armas e menos livros. Mais jovens presos e abatidos por disparos de helicópteros do que com acesso ao ensino público de qualidade. Disparam sua artilharia pesada contra a educação como um todo, e a universidade em especial. Agridem a ciência, estrangulam a pesquisa.

Ler é resistir. E nós resistimos nas trincheiras cavadas com tanta garra e tanto carinho por gente que nem Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e cada professora e cada professor anônimo deste país, que nossos adversários tentam inutilmente destruir. E nós resistimos, porque a vida nos ensinou, e porque aprendemos com nossos mestres.

Nossos adversários odeiam o fato de termos criado mais universidades e institutos tecnológicos do que todos os que governaram antes de nós. Distribuímos bolsas de estudo, garantimos acesso ao crédito estudantil e colocamos jovens negros e pobres no ensino superior como nunca antes na história. Criamos políticas públicas de acesso ao livro e à leitura e espalhamos bibliotecas pelo país afora.

A educação foi e será sempre a nossa maior riqueza e a nossa principal forma de resistência. É por isso que nossos adversários se surpreendem e se assustam quando uma juventude esclarecida enche as ruas em defesa da educação, lutando contra os retrocessos de um governo que tem o povo brasileiro como seu principal e mais temido inimigo.

Ler é ser livre. Estou há mais de um ano preso pelo “crime” de sonhar e trabalhar pela construção de um país onde um pai de família não fosse mais obrigado a escolher entre comprar um pão ou um caderno para seus filhos. Onde uma mãe de família não tivesse que partir um lápis no meio para que seus filhos pudessem estudar. Por esse “crime” estou preso e, no entanto, mais livre do que nunca, graças aos livros e à leitura.

Nestes 13 meses de quase solidão – não fossem as visitas de parentes e amigos e o carinho da incansável vigília na porta do cárcere em Curitiba – tenho lido muitos livros. Cavalguei

com Riobaldo e Diadorim pelas veredas do grande sertão de Guimarães Rosa. Cruzei o Atlântico em navio negreiro ao lado de Luísa Mahin, no extraordinário romance Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves.

Navego nas águas da ficção, mas tenho, sobretudo, me dedicado aos livros dito políticos – com a ressalva de que se ler é um ato político, todo livro é político, seja ele de poesia, romance, contos, filosofia, sociologia, economia ou ciências políticas.

Mas é o livro propriamente político, razão de ser desse Salão, que quero saudar agora. É principalmente graças aos livros que, quando a justiça for restaurada neste país, sairei da prisão sabendo mais do que quando entrei.

Um abraço a todos e todas, e viva o livro!”

Luiz Inácio Lula da Silva

Lula assistiu vídeos, documentários e filmes sobre a história do Brasil, conforme relatou a Bob Fernandes⁴³:

“Você sabe que eu assisto muitos filmes brasileiros, eu assisti recentemente: Guerra da Conquista; Massacre dos Índios; Guerra de Palmares; Massacre dos Negros; Guerra do Paraguai; Revolução de 30 e Universidade do crime. E assisti uma série de 29 filmes sobre os presidentes do Brasil”.

Nossa afirmação é que a demonstração de Lula com o cuidado de si, a preparação para o retorno à vida em liberdade, o compromisso com o povo brasileiro, a esperança que jamais o abandonou, a fé que o sustentou em momentos críticos, a disciplina em manter uma rotina saudável mental, emocional e fisicamente, além da determinação de enfrentar com indignação o sistema de justiça que o perseguiu implacavelmente, contudo sem perder a serenidade, são atitudes parresiasáticas.

5.2 A CRUELDADE NA EXECUÇÃO DA PENA

O uso do termo *crueidade* nesse tópico sobre o tratamento que Lula recebeu durante a execução da pena que lhe foi imposta, não foi uma escolha estilística, ou um recurso para emprestar ênfase à situação de injustiça. Valemo-nos do conceito proposto por Fernando Ulloa (1938-2008), psicanalista colombiano que, ao estudar o período da ditadura argentina

⁴³ Entrevista de Lula a Bob Fernandes da TVE Bahia, em 15 de agosto de 2019 (ANEXO I).

nos anos de 1970, introduziu na temática da saúde mental, os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Em primeiro lugar, o que, de forma um tanto paradoxal, costumo chamar de verdadeira crueldade. Paradoxalmente, porque se a palavra verdadeira se refere à verdade, verifica-se que o maior agente da crueldade, neste caso um torturador, é totalmente alheio à verdade. Na maior crueldade, o seu executor é preso na pretensão de impunidade, na ignorância de todas as leis. Já não existem, pelo menos de forma retumbante, os efeitos da repressão abrangente, tão difundida há alguns anos, mas o que não desapareceu é a pretensão de impunidade de quem cometeu crimes ou se beneficiou da cumplicidade com eles. (ULLOA, 2005, p. 03, tradução livre do original em espanhol, grifo da pesquisadora).

O conceito de crueldade é também amparado no fato que Ulloa nomeia de prisão trágica, por não haver mediação da lei: “Um confinamento cruel é uma situação de dois lugares sem nenhum terço de recurso - terço da lei - apenas a vítima e o agressor”. (ULLOA, 2005, p. 01).

O caso Lula pode ser entendido como um paroxismo conceitual, uma vez que o terço hipoteticamente recursal (a Justiça) funcionou como agressor nas instâncias inferiores, até que o Supremo Tribunal Federal viesse a repor o direito do acusado.

Não se pode ignorar que, no âmbito de um clima de crueldade, a possibilidade de morte de Lula pairou no ar, não apenas de morte simbólica (o silenciamento da mídia, por exemplo), de morte política (proibição de ser candidato, de votar, entre outros) morte da honra (acusações falsas de corrupção) mas também como eliminação física. Estão descritos neste trabalho atentados contra as caravanas que Lula empreendeu no período da Lava Jato; a mensagem dos pilotos ao transportá-lo de São Bernardo a Curitiba, e a tentativa de transferência de Lula para o presídio de Tremembé/SP, quando já estava evidente que os vazamentos de mensagens entre procuradores e juízes da Lava Jato estavam mudando o rumo dos acontecimentos, em favor do réu. No nosso entendimento, e como hipótese a ser confirmada por pesquisa futura, a transferência de Lula teria sido uma cartada desesperada dos responsáveis pela execução da sentença, para eliminar de vez o prisioneiro, fosse submetendo-o a uma condição de alto risco de violência no convívio com presos comuns, como orientado pelo delegado da PF do Paraná, ou fosse pela esperança macabra de que assim conseguissem abater definitivamente o ânimo de Lula. Esse episódio malsão pode ter funcionado como ponto de inflexão que teria levado o STF a tomar as rédeas dos acontecimentos. O pedido da defesa para impedir a transferência foi a primeira vitória dos advogados de Lula no STF. Poucos dias depois foi finalmente pautado o julgamento sobre a

legalidade da prisão em segunda instância, que como sabemos, possibilitou a liberdade do ex-presidente.

Não fora suficiente a Operação Lava Jato utilizar a lei como um instrumento político contra o réu, com objetivo de interferir nas eleições presidenciais de 2018 – o que tornou-se evidente com o convite ao ex-juiz para assumir o cargo de Ministro da Justiça do governo Bolsonaro - os integrantes da força-tarefa, juízes e juízas, procuradores e procuradoras extrapolaram conscientemente limites legais em suas decisões.

5.2.1 Habeas corpus concedido e revogado no mesmo dia

Em 08 julho de 2018, um domingo, o juiz Rogério Favreto, do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, acolheu solicitação de Habeas Corpus de Lula, solicitada por advogados do PT, durante o plantão do Desembargador.

Considerando que o recolhimento à prisão quando ainda cabe recurso do acórdão condenatório há que ser embasado em decisão judicial devidamente fundamentada nas hipóteses previstas no artigo 312 do Código de Processo Penal e, que não se configura no caso em tela, entendo merecer acolhimento a expedição de ordem de Habeas Corpus para, excepcionalmente, suspender a execução provisória da pena do paciente, até o efetivo trânsito em julgado, como providência harmoniosa com princípio da indisponibilidade da liberdade (OLIVEIRA, 2018a, *online*).

Lula relatou que chegou a arrumar as malas e ir para o elevador. Mas antes mesmo de descer ao térreo recebeu a notícia de que a decisão fora derrubada.

O juiz Sérgio Moro imediatamente acionou o presidente do TRF-4, e durante a tarde de domingo houve réplica e tréplica de autorizações e negações, até que foi derrubado o Habeas Corpus.

O presidente do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, desembargador Carlos Eduardo Thompson Flores, tomou decisão monocrática cujo resultado será, na prática, a manutenção da prisão do ex-presidente Lula. O despacho, no começo da noite daquele domingo, ocorre após a terceira decisão do desembargador plantonista, Rogerio Favreto, determinando a soltura de Lula. Conforme publicou o site da BBC Brasil (2018).

Por inusitado, ainda houve o fato de que o juiz Sérgio Moro despachou para impedir a soltura do ex-presidente, estando de férias fora do país, de acordo com matéria do site Conjur. (OLIVEIRA, 2018b, *online*).

Lula mencionou diversas vezes este fato nas entrevistas, alegando que procurava não alimentar expectativas de liberdade, porque para quem está preso, é muito desgastante passar por essa situação.

5.2.2 Restrições na autorização de visitas

A juíza Carolina Lebbos (juíza da 12ª Vara de Execução Penal) manteve-se inflexível e mesmo extrapolou a lei de Execução Penal por diversas vezes, com o objetivo de garantir - legal ou ilegalmente - o maior isolamento possível ao apenado.

Na primeira semana, Lebbos permitiu apenas a visita da família de Lula, e nos sábados, domingos e feriados a proibição de receber qualquer visita se manteve durante os dezenove meses, proibição essa justificada pelo regime de trabalho no prédio da Superintendência da PF.

Ao receber a primeira visita na cela - três de seus filhos e um neto adulto - Lula elogia as instalações que lhe dispuseram bem como o pessoal que trata diretamente com ele. Chegou mesmo a dizer que está mais bem acomodado que a grande maioria da população. Pediu que não tivessem “dó dele, porque 90% dos brasileiros não têm a acomodação que ele tem”, conforme registra em seu blog o jornalista Macelo Auler (2018).

Segundo o blog, embora a juíza tenha alegado não existir flexibilização do regime geral de visitas próprio à carceragem da Polícia Federal, os pedidos mostram que a recusa da visita dos chamados “amigos” esbarra não apenas na legislação nacional como nos tratados internacionais assinados pelo Brasil.

Em 15 de abril de 2018, em sua coluna de domingo no jornal Folha de São Paulo, Élio Gaspari compara as condições do encarceramento de Lula, e

Mostra serem totalmente diferentes das impostas em pleno regime ditatorial - “Indo-se para um exemplo brasileiro, Lula está num regime muito pior que aquele vivido em 1969 por Darcy Ribeiro, ex-chefe da Casa Civil de João Goulart. Ele ficou preso no Batalhão de Comando do Corpo de Fuzileiros Navais, no Rio. Darcy ficava num quarto iluminado e espaçoso. Fazia suas refeições e via a novela “Nino, o Italianinho” com os oficiais. Podia conviver com outros presos e, depois do expediente, circulava no pavilhão onde estava seu alojamento. Pelas paixões da época, Darcy era detestado, uma espécie de José Dirceu de Jango”. - o encarceramento do ex-presidente poderá causar efeito diverso daquele desejado pelos seus algozes. (AULER, 2018, online, destaques da autora).

Uma dos momentos mais marcantes do período de prisão do ex-presidente foi a proibição da visita de Leonardo Boff e Adolfo Pérez Esquivel, conforme relata o Diário do Centro do Mundo em reportagem do dia 19 de abril de 2018:

O escritor e teólogo Leonardo Boff está em Curitiba junto com o ativista argentino Adolfo Pérez Esquivel, ganhador do Prêmio Nobel da Paz. Eles foram à unidade da Polícia Federal onde está preso o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nesta quinta-feira (19), na tentativa de fazer uma visita de caráter humanitário e religioso. Já há uma decisão negativa de uma juíza de Curitiba para o caráter de inspeção às dependências.

A juíza da 12ª Vara Federal de Curitiba, Carolina Lebbos, ainda não respondeu a um requerimento anterior a esse, de autorização de visita em caráter pessoal em função da amizade. A advogada Tânia Mandarino, que presta apoio jurídico a Esquivel no Brasil, diz que chama a atenção o fato de que o pedido para a visita pessoal do argentino à Lula ter sido protocolado antes e ainda não ter sido apreciado.

“É preocupante essa conduta, porque Esquivel é apenas a primeira de muitas visitas internacionais que irão ocorrer ao ex-presidente Lula, como estadista. Sem contar o caráter de perversidade”. diz a advogada, referindo-se à idade avançada de ambos. Esquivel de 87 anos e Boff, 79. “Pela sua relação de aconselhamento espiritual com Lula, o Leonardo Boff deveria ter, inclusive, sua entrada franqueada. É lamentável.”

A advogada viu componentes de sadismo na conduta da juíza Carolina Lebbos. “Absurdo dos absurdos, quando a juíza apreciou primeiro o pedido que foi posto depois, opusemos embargos de declaração pedindo que antecipasse o pedido de visita. Ela só respondeu sadicamente os embargos e não comentou sobre o pedido de visitas. Disse que não há urgência e, resumindo, ‘problema do Esquivel se ele está só de passagem’.”

Ao conversar diretamente com a Superintendência da PF, o ativista argentino teve o acesso mais uma vez negado. “Vamos ter de esperar se até amanhã (quando volta à Argentina) para ver se sai a autorização. Espero poder encontra o Lula, abraçá-lo e levar-lhe toda a solidariedade internacional que temos recebido, de Portugal, Alemanha, França, Noruega, vários países. Essa prisão causa uma apreensão de dimensão mundial”, disse Esquivel.

“Eu que sou velho amigo de Lula vim em uma missão espiritual. Como uma lei divina pode ser negada por uma juíza terrena?”, provocou Leonardo Boff. O teólogo afirmou que o Brasil atual é uma nau sem rumo, e que Lula é o único que “brilha” aos olhos do povo com poder de reverter as “iniquidades” cometidas pelo governo Temer. (DCM, 2018, *online*).

A foto de Leonardo Boff sentado em um banquinho à porta da sede da Polícia Federal de Curitiba, correu o mundo como ícone da arbitrariedade.

As visitas religiosas semanais, assim como a visita de advogados de renome, revestiram-se de grande importância para a militância e para os defensores de Lula mundo à fora, porque os visitantes traziam relatos sobre as condições físicas e emocionais ao Acampamento Lula Livre, assim como liam mensagens de agradecimento de Lula, que incutiam ânimo para a luta em sua defesa. Essa situação foi avaliada como um risco, pela Lava Jato, e a resposta veio em

forma de mais uma arbitrariedade, assinada pela juíza da 12ª Vara de Execução Penal, limitando até mesmo visitas de advogados e de apoio espiritual.

O Partido dos Trabalhadores publicou em sua página:

Receber visitas religiosas com o fim de ter apoio espiritual é um direito de qualquer pessoa mantida presa pelo estado brasileiro. Contudo, com Lula a lei sempre tem uma aplicação diferenciada, e agora a juíza de execução penal Carolina Lebbos proibiu que o ex-presidente receba visitas religiosas, que aconteciam sempre às segundas-feiras.

A decisão da juíza contraria a Constituição Federal, que assegura o direito de crença e livre exercício dos cultos religiosos, bem como a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva. Além disso, vai contra tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário, contra o Código de Execução Penal e contra a Lei Federal 9.982/2000, que fala sobre assistência religiosa.

“Aos religiosos de todas as confissões assegura-se o acesso aos hospitais da rede pública ou privada, bem como aos estabelecimentos prisionais civis ou militares, para dar atendimento religioso aos internados”, diz o artigo 1º da lei.

Em nota divulgada no sábado, a defesa de Lula ainda destaca que a decisão da juíza agrava o estado de exceção imposto ao ex-presidente e “também agride as Regras Mínimas para o Tratamento de Presos⁴⁴, também chamadas de ‘Regras de Mandela’, além de reforçar, uma vez mais, a recorrente violação às garantias fundamentais do ex-Presidente Lula”.

“Será que essa decisão é solitária da cabeça dela, não acredito”, comentou o presidente do PT do Paraná, Doutor Rosinha. “Desde que foi construído o golpe de estado no nosso país, tirando a Dilma do governo até agora, existe uma articulação do judiciário com o Ministério Público, o poder legislativo e parte do executivo, porque na época era o Michel Temer. Não é algo isolado”.

Para ele, “o objetivo é tirar a voz do Lula, matar a esperança do Lula, debilitá-lo psicologicamente. Mas eles não vão conseguir isso, porque nós da Vigília continuaremos aqui, e também com ações nacionais e internacionais, denunciando a juíza e a prisão política do Lula”. (AGÊNCIA PTb, 2019, *online*).

5.2.3 O TSE proíbe a candidatura de Lula

No dia 1º de setembro de 2018 o TSE coloca em pauta o julgamento sobre o registro da candidatura de Lula à presidência da República. A corte ignorou mais uma vez a Constituição Federal, em uma flagrante subversão da concepção de institucionalidade como garantia de sistemas políticos democráticos. E foi consumado o golpe contra o República,

⁴⁴ Para saber mais sobre as regras de Mandela acesse: <https://segundaopinioao.jor.br/regras-de-mandela-regras-minimas-das-nacoes-unidas-para-o-tratamento-de-presos/>.

utilizando-se paradoxalmente, os instrumentos formais do regime democrático contra seu próprio povo.

O site CONJUR assim registrou o fato:

Em julgamento que durou quase 10 horas e avançou a madrugada deste sábado (1º/9/18), o Tribunal Superior Eleitoral decidiu, por maioria, negar o registro da candidatura do ex-presidente Lula à Presidência da República nas eleições deste ano.

Os ministros entenderam que o petista é inelegível pela Lei da Ficha Limpa e que a decisão do Comitê Internacional de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), que manifestou posição pelo exercício dos direitos políticos dele, não é vinculante.

A corte também proibiu Lula de fazer ato de campanha, especialmente no programa eleitoral gratuito de rádio e televisão, como candidato ao Palácio do Planalto.

Relator do caso, o ministro Luís Roberto Barroso votou por negar o registro da candidatura e deu ao PT dez dias para substituir o candidato. Ele disse que procura assegurar os direitos da sociedade de ter uma eleição com os candidatos previamente definidos. (ROVER, 2018, *online*).

Lula analisa a proibição de sua candidatura como um dos piores momentos na prisão. A jornalista Monica Bérghamo pergunta o que teria motivado a guinada à direita nas eleições de 2018, inclusive levando parte do eleitorado do PT a votar na extrema-direita.

***Lula:** Vamos relativizar tudo isso, porque uma das coisas que eu esqueci de falar, uma das condições que fez com que eu também viesse pra cá, era porque não havia nenhum advogado naquele instante que não garantisse que eu disputaria as eleições sub judice.*

Havia uma certeza de muitos juristas de que não haveria como impedir minha candidatura, mesmo condenado eu poderia concorrer sub judice. E eu tinha certeza e estava com um orgulho muito grande de ganhar as eleições de dentro da cadeia. É importante lembrar que eu cresci 16 pontos aqui dentro, sem poder falar. Aí, quando o ministro Barroso fez aquela loucura, que eu tive que assinar uma carta dizendo para o Haddad ser o candidato, aí eu senti que nós estaríamos correndo risco, porque a transferência de votos não é algo simples, não é automática, leva tempo e eu também tinha certeza que o Haddad poderia representar muito bem a candidatura como ele representou. Tivemos uma eleição atípica no Brasil. Vamos ser francos. O papel das fake news na campanha, a quantidade de mentira, a robotização da campanha na Internet foi uma coisa maluca.⁴⁵

⁴⁵ Entrevista de Lula aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de SP, e Florestan Fernandes, do El País, em 26 de abril de 2019 (ANEXO B).

No mesmo sentido, Lula respondeu da prisão uma pergunta que lhe fora enviada por Frei Betto: se Lula considerava que os recentes vazamentos do The Intercept seriam uma forma de justiça a ele.

Lula: Olha, deixa eu falar: qualquer coisa que que venha a público que possa fortalecer aquilo que eu venho dizendo, eu não estou dizendo agora, não é o Intercept que tá me obrigando a dizer isso, eu venho dizendo isso antes de ser julgado, antes de ser condenado, e antes de ser preso. Eu sou inocente e desafio meus acusadores a mostrar uma prova concreta. A minha condenação se dá por um crime chamado, ele cometeu um crime de fato indeterminado, então o juiz que me julgou não sabe qual o crime que eu cometi, mas tem que ser condenado porque o nome dele é Lula, esse é o fato concreto quando chega no TRF-4 ele nem lê ou o processo... Era preciso me condenar para me incluir na ficha limpa. Mesmo estando na ficha limpa quando chegou o processo eleitoral eu tinha certeza, meu caro Frei Betto, que eu ganharia as eleições daqui de dentro da cadeia, eu tinha certeza que eu ganharia as eleições aqui dentro da cadeia, quando eu fui pego de surpresa porque os meus advogados, todos os que me orientavam, não há como pela legislação eleitoral eles evitarem que o teu nome vá até a urna, você vai concorrer sob judge. Se eles quiserem te cassar, vão te cassar depois, antes de você se diplomar. Então essa era convicção que eu tinha do meu advogado aqui dentro. Aí veio o Barroso e toma aquela decisão que tomou que eu não podia concorrer sob judge.⁴⁶

Lula relata momentos de angústia e solidão após a proibição da sua candidatura. O jornalista Kennedy Alencar (2019) o questiona sobre como ele se sentiu ao assinar a carta de indicação de Fernando Haddad como candidato do PT nas eleições de 2018.

“A carta eu fiz sozinho aqui na prisão. Eu até fiquei fazendo uma brincadeira, dizendo que aquilo era como se eu fosse uma mulher dando à luz e não tivesse ninguém para me ajudar a fazer o parto, porque eu tinha que assinar aquela carta. De um lado, eu tinha certeza de que o [Fernando] Haddad faria uma bela campanha. Tenho muita confiança no Haddad. Acho o Haddad um quadro extraordinário para o Brasil. Mas achei que eu estava saindo do jogo. Porque eu trabalhava com a ideia de que a campanha era uma grande oportunidade de eu me defender e de mostrar quem era Moro, quem era Dallagnol. Eu tinha a necessidade de mostrar”.⁴⁷

⁴⁶ Entrevista de Lula aos jornalistas Juca Kfourie e José Trajano da TVT, em 13 de junho de 2019 (ANEXO G).

⁴⁷ Entrevista de Lula ao jornalista Kennedy Alencar da BBC News, em 3 de maio de 2019 (ANEXO C).

Demonstrando sua capacidade de resiliência e disposição política, Lula engajou-se na candidatura Haddad, debatendo os rumos possíveis de uma campanha curtíssima, com os advogados que ainda tinham permissão para visitá-lo. Entretanto, na campanha do segundo turno Lula teria demonstrado sinais de desânimo ao ser informado de que os marqueteiros decidiram descolar a imagem de Haddad de sua própria imagem.

Reportagem do jornal A Gazeta do Povo registra “quem convive com o ex-presidente na prisão diz que a eleição de Bolsonaro foi o segundo dia mais melancólico para ele, depois da morte do neto. Calculou que, além da derrota política, o resultado das urnas sinalizaria também um longo período na cadeia” (FOLHAPRESS, 2019, *online*).

O veto do Judiciário à candidatura de Lula pode ser entendido como o ato decisivo de consumação do golpe contra a democracia brasileira. Como ensinam os protagonistas da resistência à ditadura militar de 1964, um golpe vai acontecendo, a ditadura, mesmo a ditadura militar, com os tanques na rua, foi construída ao longo de alguns anos, o regime vai se fechando, as liberdades individuais vão sendo retiradas, uma a uma. A censura contra a imprensa atinge um, depois alguns, depois muitos, de modo que os que ainda não foram censurados não a reconheçam como atos de arbítrio do Estado contra o direito de livre expressão. Tem sido assim também na história em curso: os sinais estão por toda parte. As novas redes sociais obnubilam a compreensão dos fatos. Não se sabe se há mais liberdade - afinal qualquer um pode se expressar como quiser nas suas redes – ou se há liberdade de menos, afinal todos são indiscriminadamente vigiados, e alguns seletivamente punidos. A escalada autoritária está em curso. Talvez seja essa uma diferença a se ressaltar entre os períodos ditatoriais na história da República e a nova forma de intervenção na Democracia pós-constituição de 1988. Elas se parecem nos efeitos, mas se distanciam nas aparências, provocando confusão e gerando incertezas na percepção da sociedade.

Valim (2017) compara a natureza dos golpes de 1964 e o de 2016:

Desta vez a democracia não foi abatida por um golpe militar, com tanques e fuzis, mas sim pelo que vem sendo chamado de um “golpe institucional”, gestado e levado a efeito sob uma aparência de legalidade. Instaurou-se um processo, ouviram-se as partes e as testemunhas, elaboraram-se relatórios, mas tudo não passava de uma grande encenação, um simulacro do devido processo legal.

5.2.4 A (não) autorização para comparecimento ao enterro de familiares

5.2.4.1 A morte do irmão Vavá

O Jornal Brasil de Fato (2019) fez uma matéria detalhada sobre o desenrolar de despachos no MP e no STF sobre a solicitação de comparecimento de Lula ao enterro de seu irmão Vavá, considerado por Lula como um pai. A autorização do STF foi concedida dez minutos antes do horário do sepultamento em São Bernardo do Campo. A esdrúxula condição de permissão de saída do preso foi de que os familiares levassem o caixão até uma unidade militar, onde Lula estaria sob custódia.

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, autorizou nesta quarta-feira (30) o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a deixar a prisão para comparecer ao velório do irmão em São Bernardo Campo (SP). Lula está preso há 299 dias em Curitiba (PR) e decidiu permanecer na Superintendência da Polícia Federal (PF) devido ao atraso e às restrições impostas pela Justiça.

A decisão foi publicada por Toffoli dez minutos antes do sepultamento de Vavá, o que causou indignação entre os colegas de partido. "A história não apagará esse ato de pura crueldade", publicou o deputado federal Paulo Pimenta (PT), em sua conta no Twitter. "O presidente Lula não vai para São Bernardo do Campo porque ele não irá se submeter ao circo que Sérgio Moro armou".

Genival Inácio da Silva, de 79 anos, conhecido como Vavá, morreu nesta terça (29) em São Paulo (SP), em decorrência de um câncer no pulmão e será sepultado na tarde desta quarta-feira (30).

Toffoli assegurou a Lula o direito de se encontrar com os familiares na Unidade Militar na Região, com a possibilidade de que o corpo do irmão Vavá fosse levado até o local.

"Concedo ordem de habeas corpus de ofício para, na forma da lei, assegurar, ao requerente Luiz Inácio Lula da Silva, o direito de se encontrar exclusivamente com os seus familiares, na data de hoje, em Unidade Militar na Região, inclusive com a possibilidade do corpo do de cujos ser levado à referida unidade militar, a critério da família", informa o texto da decisão.

O magistrado vedou o uso de celulares e outros meios de comunicação externos, "bem como a presença da imprensa e a realização de declarações públicas". (BRASIL DE FATO, 2019, *online*).

Em entrevista internacional à Rede de Televisão Portuguesa, Lula narra ironicamente como ele recebeu a *autorização* do Ministro Dias Toffoli:

Lula: *Eu não fui ao funeral do meu irmão, porque um juiz decidiu que eu só poderia ir a um quartel e que o cadáver fosse me visitar. Não era eu que iria visitar o corpo do meu irmão, era o corpo do meu irmão, era sua família que teria de se locomover de onde ele morava até o quartel onde eu estaria. Eu achei que era muito sacrifício: um defunto fazer uma viagem para visitar o irmão que estava vivo. Então eu não aceitei isso.*

Um grupo de 429 advogados e professores universitários divulgou uma nota de repúdio à postura do Judiciário, que impediu Lula de participar do velório.

“O Ex-Presidente Lula não estaria preso se o STF não alterasse indevidamente a interpretação da Constituição Brasileira. Não deveria estar preso se tivesse direito a

um juiz imparcial em primeira instância. Não deveria estar preso segundo os mais respeitados Professores de Direito Penal do País. Mas se nada disso importasse, se a lei e a jurisprudência, por qualquer razão, pudessem ser deixadas de lado para condenar Lula, uma única norma deveria ser a ele assegurada: Ninguém pode ser submetido a torturas, nem a penas ou tratamentos desumanos ou degradantes", diz o texto.

Contexto

Pela manhã, o desembargador Leandro Paulsen, do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), havia negado um recurso da defesa. O pedido foi parar na segunda instância depois que a juíza Carolina Lebbos, da Vara de Execuções Penais de Curitiba (PR) também rejeitou a solicitação, baseando-se em um parecer da Polícia Federal sobre o assunto.

A PF declarou não haver tempo hábil para a chegada de Lula ao funeral antes dos ritos do enterro, porque todos os helicópteros disponíveis estariam trabalhando nos resgates em Brumadinho (MG). Além disso, não haveria efetivo policial para garantir a segurança do ex-presidente.

O Ministério Público Federal (MPF) também se posicionou contra a saída de Lula, argumentando que "o custodiado não é um preso comum e que a logística para realizar a sua escolta depende de um tempo prévio de preparação e planejamento". O despacho de cinco páginas foi enviado à juíza Lebbos na noite desta terça-feira.

O artigo 120 da Lei de Execução Penal (LEP) prevê que "os condenados que cumprem pena em regime fechado ou semiaberto e os presos provisórios poderão obter permissão para sair do estabelecimento, mediante escolta, quando ocorrer um dos seguintes fatos: I - falecimento ou doença grave do cônjuge, companheira, ascendente, descendente ou irmão; II - necessidade de tratamento médico (...) A permissão de saída será concedida pelo diretor do estabelecimento onde se encontra o preso".

Interpretações

Antes da decisão, a reportagem do **Brasil de Fato** conversou com advogado criminalista Fernando Hideo, que interpretou o caso sob os pontos de vista técnico e político.

"O artigo 120 da LEP garante a todos que cumpram pena em regime fechado ou semiaberto e aos presos provisórios, o direito de sair do estabelecimento, mediante escolta, no caso de falecimento ou doença grave do cônjuge, companheira, ascendente, descendente ou irmão. Contudo, o histórico de decisões que tem caracterizado a condição de prisioneiro político de Lula (sendo a última delas a que negou o direito do advogado Fernando Haddad de visitá-lo) nos faz presumir que a tendência é que seus direitos serão violados uma vez mais", analisou. "Mais do que nunca, os últimos acontecimentos nos fazem perceber que o direito só tem valido para os amigos, aos inimigos resta a guerra".

Professor de Direito Processual Penal, Sérgio Graziano também considera que a Justiça deveria permitir a Lula participar do velório. "O fundamento disso [Art. 120 da Lei de Execução Penal] são razões humanitárias. A pessoa, quando está presa, perde alguns direitos. O primeiro direito que ela perde é o direito à liberdade, e depois ela pode ir perdendo outros direitos, como os direitos políticos. Mas ela não perde a sua condição de ser humano", interpreta.

"A Lei de Execução Penal prima por dar à pessoa presa condições de vida e, teoricamente, ela teria que ter condições para ser reinserida na sociedade. Ou seja, as decisões judiciais devem ser pautadas muito mais por sentimentos humanitários do que pelo sentimento de ódio, de proibições", acrescenta, ressaltando a importância dos limites estabelecidos pelo Direito Penal. "O Estado só pode punir até aquele limite. Mais que isso, ele não pode".

Na ditadura, Lula pôde velar a mãe

Preso político na ditadura, Lula recebeu a notícia de que a mãe, Eurídice Ferreira de Mello, havia morrido de câncer aos 65 anos. O então delegado e ex-senador Romeu Tuma intercedeu para permitir que o sindicalista pudesse ir ao enterro.

Na ocasião, cerca de duas mil pessoas compareceram ao cemitério da Vila Paulicéia, em São Bernardo do Campo (SP), para pedir a libertação de Lula. O metalúrgico, que se tornaria presidente, foi solto um mês depois da prisão. (BRASIL DE FATO, 2019, *online*).

5.2.4.2 A morte do neto Arthur

O destino épico de Lula lhe reservou mais uma perda familiar, tão mais trágica quanto inesperada: a morte de seu neto Arthur, de apenas sete anos. Mais uma vez a escalada de ódio e de desumanidade contra Lula subiu de tom. Desta vez Lula teve permissão de viajar para participar do velório do neto, com a proibição de contato do réu com o público presente ao ato.

Um dos filhos do presidente Bolsonaro contrapôs-se à decisão judicial, comentando em suas redes sociais que *Lula deveria estar numa prisão comum, na condição de preso comum*.

Quando o The Intercept publicou o primeiro vazamento de mensagens captadas do Telegram do procurador Dallagnol, no mês de junho de 2019, chamou a atenção, pela crueldade, o comentário “*Preparem para nova novela ida ao velório.*” Esta foi a reação da procuradora Jerusa Viaceli em resposta à notícia compartilhada no grupo Filhos de Januário 4 no aplicativo sobre a morte do neto do ex-presidente Lula.

A Revista Fórum (2019) registrou que a cerimônia teve escolta da PF, não foi permitida a entrada de militantes e não houve discurso.

Lula permaneceu no local por duas horas, chorando muito. Mesmo assim, a procuradora Monique Cheker disparou: “Fez discurso político (travestido de despedida) em pleno enterro do neto, gastos públicos altíssimos para o traslado, reclamação do policial que fez a escolta... vão vendo”.

O procurador Deltan Dallagnol postou uma notícia sobre o telefonema do ministro Gilmar Mendes a Lula, em que o ex-presidente teria se emocionado. O procurador Roberson Pozzobon comentou: “Estratégia para se ‘humanizar’, como se isso fosse possível no caso dele rrsr”. (FORUM, 2019, online).

As mensagens causaram um grande mal estar, ao virem a público. Tanto que a procuradora Jerusa Viaceli publicou em seu Tweeter, que foi repercutido por Gilberto Dimenstein, um pedido de desculpas ao ex-presidente: “Errei. Minha consciência me leva a fazer o correto: pedir desculpas à pessoa diretamente afetada, o ex-presidente Lula.” (JGB, 2019, *online*).

A ironia é que, ao se desculpar, Jerusa Viaceli confirmou, inadvertidamente, que as mensagens eram verdadeiras. A Lava Jato contestava a veracidade, com o argumento de que o material teria sido modificado criminosamente.

As recentes mortes familiares foi um dos temas da primeira entrevista de Lula, em 26 de abril de 2019 (BERGAMO; FERNANDES, 2019).⁴⁸

Florestan Fernandes: O senhor, durante esse um ano, passou por dois momentos de muita tristeza, que foi a morte do seu irmão e depois a morte do seu neto, Arthur. O que, para o senhor, depois de viver isso, o que fica da vida do senhor?

Lula: Olha Florestan, eu vou contar uma coisa para você. Esses dois momentos foram os mais graves. Eu poderia incluir a perda de um companheiro como o Sigmaringa Seixas, que foi meu companheiro de dezenas e dezenas de anos. E a morte do meu irmão Vavá, o Vavá é como se fosse um pai da família toda. E a morte do meu neto foi uma coisa que efetivamente não, não, não... [pausa e chora]. Eu às vezes penso que seria tão mais fácil que eu tivesse morrido. Porque eu já vivi 73 anos, eu poderia morrer e deixar meu neto viver. Mas não é. Não são apenas esses momentos que deixam a gente triste, sabe? Eu sou um homem que tenta ser alegre, tento trabalhar muito a questão do ódio, tento sabe, trabalho muito para vencer essa questão do ódio, essa mágoa profunda.

Sobre a reação desenfreada contra Lula nas redes sociais, Juan Arias (2019), repórter de El País, publicou o artigo intitulado A morte do inocente neto de Lula soltou os monstros do ódio.

Cai sobre nossa consciência de adultos a infâmia de transformar em piadas baratas, em ironia e sarcasmo nas redes sociais a dor de um avô pela perda de seu neto. Lula, mesmo condenado e na cadeia, não perdeu nem sua dignidade de pessoa nem seu pedaço de história positiva que deixa escrita neste país.

Estou entre os jornalistas que criticaram na época o fato de Lula, que chegou com a esperança de renovar a política, ter acabado se contaminando pelos afagos dos poderosos e pela política fácil da corrupção. Hoje, porém, diante desses caminhões de lixo que as redes estão vomitando contra ele e até contra o neto inocente que perdeu, eu me atrevo a lhe pedir perdão em nome dos milhões de brasileiros que ainda não se venderam ao ódio fácil e ainda sabem manter sua dignidade perante o mistério da morte de um inocente.

Houve quem escrevesse que depois dos campos de concentração do nazismo não seria possível continuar acreditando em Deus. E depois desses ódios e insultos imundos despejados contra Lula por causa de sua dor por ter perdido o neto, é possível continuar acreditando no Brasil? O Brasil dos esgotos, que hoje manchou gratuitamente a alma de uma criança inocente, passará, como o nazismo passou. O outro Brasil, o anônimo, aquele que hoje ficou horrorizado vendo os monstros soltos desfilando nas redes sociais, o majoritário, acabará — ou será somente a minha esperança? — dominando os monstros que hoje nos assustam para assim abrir caminho aos anjos da paz. (ARIAS, 2019, *online*).

⁴⁸ Entrevista de Lula aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de SP, e Florestan Fernandes, do El País, em 26 de abril de 2019 (ANEXO B).

Às vésperas de completar 74 anos, a uma semana de sua libertação, Lula cogitou solicitar ao Superintendente Regional da Polícia Federal do Estado do Paraná que o deixasse ir por uns minutos ao acampamento, soprar as velas do bolo, conforme entrevista ao Jornal Brasil de Fato.

***Beatriz Pasqualino:** Neste domingo (27), essas pessoas que estão multiplicadas em todo o país estão preparando uma grande festa de aniversário em vários pontos do território nacional. O senhor já está sabendo que vai ter bolo?*

***Lula:** Eu estou sabendo. Vou até falar para o diretor aqui, o doutor Luciano [Luciano Flores, responsável pela tentativa de condução coercitiva de Lula e pelo pedido de transferência do preso para o presídio de Tremembé/SP]⁴⁹, que ele poderia vir aqui na hora do aniversário, eu sair daqui com ele e ir lá, soprar as velinhas. São 74 velinhas, e eu não vou ter fôlego para assoprar tudo. Aí eu vou lá, vejo o aniversário, como um pedaço de bolo e volto para cá, não tem nenhum problema.*

Não sei se vai ser possível. Mas, qual é o problema? Aqui não trabalham amanhã (24), sexta-feira e segunda. Na sexta-feira, vai ter uma detetização e, na segunda, é feriado, ponto facultativo.... Acho que deram o feriado para algumas pessoas aqui. Então, eu não tenho nem como receber o bolo. Vão ter que guardar o bolo para eu comer um pedacinho na terça-feira.⁵⁰

5.2.5 A Lava Jato tenta transferir Lula para o presídio de Tremembé (SP)

Numa manobra obscura e insustentável na análise da realidade, a Operação Lava Jato tenta transferir Lula da sede da PF de Curitiba para um presídio que abriga dezenas de sentenciados por assassinatos cruéis. A tentativa se dá a apenas dois meses para que Lula viesse a adquirir direito ao regime semiaberto, quando já teria cumprido um sexto da pena. A justificativa da Juíza de Execução e do Delegado Titular da Polícia Federal do Paraná é pífia: eles alegaram, àquela altura dos fatos, que a permanência de Lula no local trazia distúrbios à rotina da delegacia.

O jornal Folha de São Paulo informou, em 07 de agosto de 2019 que:

⁴⁹ CORDEIRO, Vinicius. Indicado por Valeixo, superintendente da PF no Paraná é exonerado do cargo. **Paraná Portal**, Curitiba, 03 jun. 2020. Disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/politica/indicado-por-valeixo-superintendente-da-pf-no-parana-e-exonerado-do-cargo/>. Acesso em: 07 out. 2021.

⁵⁰ Entrevista de Lula a Beatriz Pasqualino e Nina Fideles, do Jornal Brasil de Fato, em 23 de outubro de 2019 (ANEXO W).

O juiz corregedor Paulo Eduardo de Almeida Sorci, do Departamento Estadual de Execução Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo autorizou a transferência do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o presídio de Tremembé, no interior de São Paulo.

“O juízo de Curitiba autorizou a transferência do apenado do atual local de custódia, ou seja, a sede da Polícia Federal do Paraná, para estabelecimento localizado no Estado de São Paulo, solicitando a este juízo da capital a indicação do estabelecimento onde o apenado deverá permanecer recolhido, disse o juiz em sua decisão”.

A decisão do juiz de SP ocorre após a juíza federal Carolina Lebbos, responsável pela execução da pena do ex-presidente ter determinado nesta quarta-feira (7) que o petista seja transferido para alguma unidade prisional em São Paulo, seu estado de origem.

A Folha apurou que uma cela do presídio já foi esvaziada para que o ex-presidente seja transferido ao local. A ideia é que Lula fique isolado em uma cela, mas tenha convivência com os demais presos nos períodos de refeições e de banho de sol, por exemplo.

Conhecido como “presídio dos famosos” a penitenciária de Tremembé abriga alguns dos condenados mais célebres do país. Entre eles estão Suzanne von Richtofen, condenada pelo assassinato dos pais; Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, condenados pela morte de Isabella Nardoni e Gil Rugai, ex-seminarista condenado pela morte do pai e da madrasta.

A transferência de Lula foi um pedido do superintendente da Polícia Federal Luciano Flores, que argumenta que a prisão do petista altera a rotina do prédio da PF. (MARQUES; NUNES; PAGNAN, 2019, *online*).

O site Brasil 247 (2019a, *online*) repercutiu a reação da defesa de Lula: o advogado Cristiano Zanin Martins, posicionou-se contra a decisão da juíza Carolina Lebbos que transfere o ex-presidente de Curitiba para São Paulo. "Pedimos a suspensão da análise do pedido da Superintendência da Polícia Federal até o julgamento final do habeas corpus nº 164.493/PR, em trâmite perante o Supremo Tribunal Federal".

O Supremo Tribunal Federal, pela primeira vez na análise dos pedidos da defesa de Lula, votou contra a Lava Jato por 10 votos a 1. O voto vencido foi do Ministro Marco Aurélio Mello, que alegou em seu voto problemas formais na solicitação da defesa. Até mesmo a Procuradora Geral da República Raquel Dodge foi contra a transferência de Lula para Tremembé.

A vigília Lula Livre acompanhou intensamente o desenrolar dos fatos do dia 07 de agosto de 2019 e ao sair a decisão favorável a Lula, os manifestantes informaram o ex-presidente, pelo megafone, que ele ficaria em Curitiba e pediu a libertação imediata de Lula. (TORRENTE, 2019).

5.2.6 A proibição de exercer o direito de voto

A jornalista Clara Cerioni informa na Revista Exame que Lula não poderá exercer o direito de votar nas eleições de 2018.

O Tribunal Regional Eleitoral (TRE) do Paraná negou nesta terça-feira (2/10/2018) um recurso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para votar no primeiro turno das eleições, no próximo domingo (7).

O tribunal afirmou que a instalação da urna eletrônica para o ex-presidente dependeria de que ao menos 20 presos na PF também desejassem votar. (CERIONI, 2018, *online*).

O Jornal GGN denuncia a parcialidade da justiça contra o ex-presidente:

O uso de dois pesos e duas medidas por setores do Judiciário brasileiro ficou ainda mais escancarado nesta quinta (4), diante da notícia de que Lula foi impedido de exercer o direito político ao voto, enquanto Eduardo Azeredo, que cumpre pena no mensalão tucano após condenação em segunda instância, não só terá permissão para votar, como poderá sair da detenção, descaracterizado, e se dirigir até a sua zona eleitoral. É o que informa o Estado de Minas. (ALVES, 2018, *online*).

5.2.7 A batalha judicial sobre o direito de Lula conceder entrevistas

Nos meses que se seguiram à prisão, desenrolou-se uma guerra jurídica entre ministros do STF e nas instâncias inferiores, sobre solicitações da imprensa pelo direito de entrevistar o ex-presidente. Entre o dia 08 de abril e o dia 30 de agosto de 2018, foi imposta a mais completa censura, o mais absoluto silêncio, sem ao menos um instrumento judicial que esclarecesse a condição do apenado quanto aos seus direitos.

Em 30 de agosto, a juíza responsável pela execução penal da sentença de Lula, Carolina Lebbos, proibiu o ex-presidente de dar entrevista. Quase um mês depois, em 28 de setembro, liminar concedida pelo ministro Ricardo Lewandowski autorizou a entrevista com base na liberdade de imprensa⁵¹ garantida na Constituição Federal, e na Lei de Execução Penal - Lei Nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (BRASIL, 1984). No mesmo dia, o vice-presidente do STF, ministro Luiz Fux, suspendeu a decisão em julgamento de pedido feito pelo Partido Novo, sob alegação de que o PT apresentaria Lula como candidato e que isso desinformaria os eleitores, às vésperas do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, de acordo com matéria do jornalista Reynaldo Turollo Jr. (2018).

Segue citação de parte da decisão do ministro Luiz Fux:

Determino que o requerido Luiz Inácio Lula da Silva se abstenha de realizar entrevista ou declaração a qualquer meio de comunicação, seja a imprensa ou outro veículo destinado à transmissão de informação para o público em geral.

Determino, ainda, caso qualquer entrevista ou declaração já tenha sido realizada por parte do aludido requerido, a proibição da divulgação do seu conteúdo por qualquer

⁵¹ Artigo 220 da Constituição Federal de 1988

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição .

§ 1º Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

forma, sob pena da configuração de crime de desobediência. (TUROLLO JR., 2018, *online*).

O advogado do jornal Folha de São Paulo, Luís Francisco Carvalho Filho, declarou: “a decisão do ministro Fux é o mais grave ato de censura desde o regime militar. É uma bofetada na democracia brasileira. Revela uma visão mesquinha da liberdade de expressão”. (TUROLLO JR., 2018, *online*).

No jornal El País saiu reportagem relatando as idas e vindas do judiciário:

O Supremo Tribunal Federal protagonizou, nos últimos dias, uma guerra de decisões entre três ministros da Corte em torno do direito de jornalistas entrevistarem o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que está preso desde abril em Curitiba. O imbróglio, que começou na sexta, 28, mostrou que o STF optou por resgatar no Brasil o conceito de censura à imprensa, ao mesmo tempo em que revelou que o Judiciário tem cada vez mais dificuldades de se apresentar como um árbitro imparcial do já tumultuado processo eleitoral, segundo especialistas ouvidos pelo EL PAÍS. (COLETTA; JIMÉNEZ, 2018, *online*).

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) publicou nota: “A Abraji vê com extrema preocupação o fato de ter saído do Supremo Tribunal Federal, guardião máximo dos direitos estabelecidos na Constituição, uma ordem de censura à imprensa e de restrição à atividade jornalística.” (COLETTA; JIMÉNEZ, 2018, *online*).

Fux atendeu a um pedido de suspensão de liminar formulado nesta sexta pelo partido Novo, adversário do PT nas eleições. O processo foi registrado para apreciação do presidente da corte, Dias Toffoli, por volta das 19h. Em seguida, segundo os deslocamentos registrados no site do STF, a presidência o enviou para a Seção de Processos Diversos, que, por sua vez, o remeteu a Fux, que é o vice-presidente.

Pela manhã, Lewandowski havia autorizado que Lula concedesse entrevista na prisão à colunista da Folha de São Paulo, Mônica Bergamo. Ele havia atendido a uma reclamação do jornal que argumentou que decisão da 12ª Vara Federal em Curitiba, que proibira a entrevista, impedia o livre exercício do jornalismo:

“ [...] não raro, diversos meios de comunicação entrevistam presos por todo o país, sem que isso acarrete problemas maiores ao sistema carcerário [...] Portanto, permitir o acesso de determinada publicação e impedir o de outros veículos de imprensa configura nítida quebra no tratamento isonômico entre eles, de modo a merecer a devida correção de rumos por esta Suprema Corte”, concluiu. (FOLHAPRESS, 2018, *online*).

A autorização, contudo, veio apenas em abril de 2019 através de suspensão de liminar nº 1.178, exarada pelo então presidente do STF, Ministro Antônio Dias Toffoli. (ANEXO bb).

Os parlamentares petistas e advogados Wadih Damous (RJ), Paulo Pimenta (RS) e Paulo Teixeira (SP) argumentaram, em petição ao STF, citando a manifestação recente do ministro Alexandre de Moraes, sobre a polêmica censura à revista *Crusoé*. “A Constituição Federal de 1988 protege a liberdade de expressão no seu duplo aspecto: o positivo, que significa o ‘indivíduo poder se manifestar como bem entender’, e o negativo, que proíbe a ilegítima intervenção do Estado, por meio de censura prévia” (MOTTA, 2019, *online*).

5.2.7.1 A Lava Jato manipula a liberação das entrevistas, após a autorização pelo STF

A demora de quase oito meses entre solicitação e autorização foi um tempo político calculado para que Lula não pudesse, de nenhuma forma, influenciar as eleições presidenciais de 2018, como ficaria demonstrado pelo vazamento de mensagens que ficou conhecido como Vaza Jato, que vieram a público pelo *The Intercept Brasil*, um ano e dois meses após a prisão de Lula.

Na entrevista de 13 de junho de 2019, a primeira após o vazamento inicial do *The Intercept*, o jornalista Juca Kfoury menciona a Lula que uma procuradora chamada Laura Tessler disse que “precisamos evitar entrevista do Lula com Mônica Bérghamo porque vai que isso muda o resultado do segundo turno e Haddad se elege”.

A primeira entrevista, foi enfim, realizada em 26 de abril de 2019 aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de São Paulo e Florestan Fernandes do *Jornal El País*.

Mas todas as demais entrevistas solicitadas por órgãos nacionais e internacionais da imprensa, de diferentes mídias, de maior ou menor alcance, como veremos no decorrer das análises, tiveram de aguardar por meses para vencer um processo burocrático criado sob medida dos interesses políticos dos juízes, para ter concedida a realização da mesma.

O jornalista Glenn Greenwald, entrevistou Lula em 21 de maio de 2019 e comenta o processo de autorização da entrevista:

Luiz Inácio Lula da Silva está na prisão há pouco mais de um ano e um mês. Desde então, o *Intercept* tenta conseguir autorização judicial para falar com ele. No Brasil, é comum que criminosos deem entrevistas de dentro da cadeia – mas Lula é diferente. O ex-presidente da República foi impedido de falar durante toda a corrida eleitoral, que chegou a liderar antes de declarar apoio a Fernando Haddad. E tem convicção do porquê: para ele, toda a movimentação da Lava Jato, operação da PF responsável pela investigação que resultou em sua condenação de mais de 12 anos, foi uma manobra para evitar que ele disputasse a presidência e o PT voltasse ao poder. [...] A entrevista com Lula durou exatamente uma hora. A Polícia Federal é rígida com seus protocolos. (GREENWALD, 2019, *online*).

Em 09 de Junho de 2019 The Intercept Brasil veicula o primeiro de uma série vazamentos de conversas entre procuradores da Lava Jato (THE INTERCEPT BRASIL, 2021). A operação jornalística Vaza Jato consiste em uma série de vazamentos de mensagens que o grupo autodenominado *filhos de Januário* mantinha no aplicativo Telegram. A troca de mensagens não deixa dúvidas sobre o caráter persecutório e a existência de um consórcio entre MP, Judiciário e a grande mídia brasileira, num processo caracterizado como lawfare. (FELIPPE, 2017).

O cerceamento ao direito de Lula conceder entrevistas foi arquitetado no grupo de procuradores, conforme relata a jornalista Letícia Duarte (2020):

Descartada a possibilidade de impedir a entrevista, eles passaram a debater qual formato traria menos benefícios políticos para Lula: uma entrevista a sós com Monica Bergamo, ou uma coletiva de imprensa com vários jornalistas. Januário Paludo, por exemplo, propôs as seguintes medidas: “Plano A: tentar recurso no próprio STF, possibilidade zero. Plano B) abrir para todos fazerem a entrevista no mesmo dia. Vai ser uma zona, mas diminui a chance da entrevista ser direcionada.” Outro procurador, Athayde Ribeiro Costa, sugeriu expressamente que a Polícia Federal manobrasse para que a entrevista fosse feita depois das eleições, já que não havia indicação explícita da data em que ela deveria ocorrer. Dessa forma, seria possível evitar a entrevista sem descumprir a decisão.

Os procuradores tentaram levar a cabo o “Plano B)”, conforme diálogo reproduzido por MORAIS (2021, páginas 151 a 154) havido entre a repórter Monica Bergamo e o delegado Luciano Flores. O delegado teria decidido coletivizar a primeira entrevista autorizada pelo STF, impondo a presença de jornalistas do Antagonista e do Crusoé, veículos de mídia que se colocaram favoráveis à Lava Jato. A repórter recusou o entendimento do delegado, num longo embate, até alegar que Lula estava autorizado a conceder entrevistas e tinha o direito de concedê-las a quem ele quisesse, argumentando ainda que era uma entrevista e não uma audiência pública. O biógrafo de Lula relata também que o ex-presidente teria se recusado terminantemente, preferindo cancelar as entrevistas a receber os jornalistas fascistas.

Em artigo, o professor de direito e integrante a Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD) Edem Bonfim Rodrigues (2019, *online*) denuncia a prática de Lawfare no caso brasileiro, a partir da análise dos vazamentos do The Intercept Brasil:

As práticas de *lawfare* fazem com que o direito seja aplicado de forma manipulada, seletiva, fraudulenta e com uma aparência de legalidade. Há um emprego indevido do direito numa ação coordenada para se atingir fins políticos e persecutórios, que faz com que os adversários possam ser caçados, deslegitimados e transformados em grandes inimigos do Estado e da sociedade.

No Brasil, as práticas de *lawfare* têm sido rotineiramente utilizadas contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Há muito tempo Lula tem sofrido toda a espécie de perseguição do aparato estatal. Inúmeros foram os processos abertos contra o ex-presidente, todos eles buscando, de uma forma ou de outra, promoverem uma verdadeira caçada contra um dos maiores líderes políticos do mundo.⁵²

Lula, de fato, denuncia a perseguição judicial na primeira entrevista após vazamento das mensagens pelo The Intercept:

O que é grave é o seguinte: nesse processo todo que o que me deixa assim diminuído como cidadão brasileiro que não podia, não poderia experimentar as instituições vivendo isso, é que essa molecada da força tarefa, essa molecada e mais o Moro, eles conseguiram através de um meio de comunicação colocar pânico na sociedade e não aceita nenhuma prova que não seja o que eles querem, veja, quando Léo denunciou o Vaccari, o Vaccari fez uma carta desmentindo o Léo porque o Léo disse que Vaccari tinha acertado com ele, e o Moro não aceitou a carta. Na chácara de Atibaia o Jacó Bittar mandou a carta porque ele sabe que o dinheiro é do Jacó, mas o Jacó mandou uma carta, o Moro também não aceitou. Tem um engenheiro um advogado da Odebrecht, Tacla Duran, que está na Espanha, este cara se ofereceu mais de mil vezes para ser uma testemunha, o Moro não aceita, ou seja, eu tive 87 testemunhas me defendendo e o Dallagnol não apareceu numa audiência. (Entrevista a Juca Kfoury em 13/06/19)

Mino Carta, um dos jornalistas mais experientes da imprensa progressista no país, entrevistou Lula em 04 de setembro de 2019. E faz o seguinte relato sobre o ambiente do cárcere e da concessão da entrevista:

Lembra Ricardo Stucker, eterno retratista do ex-presidente, que eu, Mino Carta, visitei Lula preso em maio de 1980. Estava ele na carceragem do Dops, aos cuidados do delegado Romeu Tuma, que cuidava de trazer à presença do então sindicalista a mulher e os filhos, sem contar que lhe servia frequentemente lulas fritas. Fui visitá-lo em companhia de Raymundo Faoro, e recebidos fidalgamente, tivemos a possibilidade de uma conversa direta com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, no próprio gabinete de Tuma, do qual o titular se retirou, para nos deixar à vontade. (CARTA; LIRIO, 2019, *online*).

O editor da revista Carta Capital⁵³ conclui que piorou bastante o ambiente em que se encontra pela segunda vez, na sede da Polícia Federal, após 39 anos, para visitar o amigo Luiz Inácio Lula da Silva, mais uma vez preso político, por um regime que se intitula democrático.

⁵² Os advogados de defesa de Lula, Cristiano Zanin e Waleska Martins utilizaram o conceito de *lawfare* para caracterizar o uso estratégico do direito com o objetivo de deslegitimar, prejudicar ou mesmo aniquilar um inimigo, como argumento de defesa contra a perseguição judicial a Lula. Em 2019 Zanin e Martins, em coautoria com Valim, publicaram o livro *Lawfare: uma introdução*, pela editora Contracorrente e fundaram o *Lawfare Institute* com o objetivo de aprofundar estudos e análise de casos baseados em perseguições jurídicas.

⁵³ Entrevista de Lula a Mino Carta e Sérgio Lirio da Carta Capital, em 04 de setembro de 2019 (ANEXO L).

As repórteres Beatriz Pasqualino e Nina Fideles, do Jornal Brasil de Fato, dão detalhes dos procedimentos adotados para o acesso da imprensa às instalações da Polícia Federal em Curitiba:

Quarta-feira, dia 23 de outubro. A placa localizada dentro da Vigília Lula Livre, a poucos passos da sede da Polícia Federal em Curitiba (PR), indica: 564 dias de resistência. É o número de dias que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se encontra privado de liberdade [...]. A equipe do Brasil de Fato solicitou esta entrevista há pouco mais de seis meses. Após a autorização da juíza Carolina Lebbo, que assumiu o lugar de Moro e reiterou a sentença dada por ele, Lula decide com quem quer falar. Para entrar no prédio da Polícia Federal – que, por ironia, foi construído e inaugurado durante o governo petista –, são necessários cadastros, revistas de equipamentos e pontualidade. Lula fica em uma cela individual, de onde estabelece sua rotina de exercícios e leituras. (PASQUALINO; FIDELES, 2019, *online*).

Os jornalistas de a Agência Pública, Marina Amaral e Thiago Domenici (2019) acrescentam à descrição do ambiente da Polícia Federal de Curitiba, que Lula recebe os entrevistadores ladeado por policiais e obrigado, pela polícia, a ficar a pelo menos três metros de distância.

Como apontado pelas repórteres do Jornal Brasil de Fato (2019), Lula decide quem ele receberá para as entrevistas. Foram concedidas no período de abril a novembro de 2019, vinte e quatro entrevistas. Mas recusou ao menos uma solicitação: a do cineasta José Padilha, diretor da série O Mecanismo, inspirada na operação Lava Jato. A recusa teria se dado, segundo a assessoria de Lula, ao fato de Padilha ter sido desonesto ao atribuir ao ex-presidente uma fala comprometedor de autoria do então senador Romero Jucá.

O editor do site Migalhas entende - e nossa pesquisa partilha desse entendimento - “[que] independentemente das paixões e crenças ideológicas que cada um respeitadamente tenha, queremos crer que se trata de um registro histórico. Ademais, ouvir o que o ex-presidente da República tem a dizer em seu cárcere, concordando-se ou não, é um salutar exercício democrático. De modo que, ouçamo-lo.” (MIGALHAS, 2019, *online*).

Entrevistas à imprensa nacional foram concedidas aos seguintes órgãos: Jornal Folha de São Paulo; El País Brasil; The Intercept Brasil; Diário do Centro do Mundo; Tutaméia; TVT; Jornal Sul 21; TVE Bahia; Carta Capital; Brasil 247; BBC News Brasil; Revista Fórum; Opera Mundi; Jornal GGN; TV Migalhas; Portal de Notícias UOL, Jornal Brasil de Fato, Agência Pública e Blog da Cidadania.

Entrevistas a órgãos internacionais: BBC News; Der Spiegel; Página 12/AR; Le Monde; TV Russia Today; Rede de Televisão Portuguesa RTP.

As entrevistas estão em anexo (ANEXO A-aa), em ordem cronológica.

|

6 A RESISTÊNCIA POPULAR PELA LIBERDADE DE LULA

6.1 O ACAMPAMENTO LULA LIVRE

Em 7 de abril de 2018, imediatamente após a sua prisão, um grupo composto por militantes do Partido dos Trabalhadores, sindicalistas, integrantes do Movimento Sem Terra, aliados políticos de Lula de longa data, coletivos de ex-presos políticos, e público anônimo formado por simpatizantes, eleitores, e defensores de direitos humanos, decidiram seguir em marcha de São Bernardo do Campo a Curitiba, montando um improvisado acampamento de apoio ao ex-presidente. A improvável permanência de um crescente número de defensores de Lula em barracas de plástico, no clima frio da capital paranaense, frente ao prédio da Polícia Federal, provocou reação de forças de segurança pública: na segunda semana foi expedida ordem judicial proibindo a permanência de militantes no local, e o acampamento foi reorganizado em um terreno particular, distante cerca de 1 km do prédio da PF. Contrariando as expectativas dos responsáveis pela prisão de Lula, o acampamento atraía a cada dia mais apoiadores, firmando-se como um movimento nacional de resistência ao arbítrio da Operação Lava Jato.

Na terceira semana de manifestações no local, ocorreu um atentado com arma de fogo, sem identificação de autores, que provocou ferimento grave em uma das vítimas entre os acampados, conforme relatado em reportagem no portal de notícias UOL. Esse foi o segundo atentado a tiros contra Lula e apoiadores. (GARCIA, 2018). O primeiro ocorreu no mês de março, durante uma caravana organizada pelo Partido dos Trabalhadores à região sul. Na ocasião atiradores dispararam tiros em dois ônibus, sendo um deles o que transportava o ex-presidente e jornalistas. Houve grande repercussão na mídia, mas passado um ano do ocorrido, a polícia não havia identificado os autores, conforme reportagem do Jornal Brasil de Fato. (FERNANDES, 2019).

O acampamento estruturou-se para permanecer indefinidamente no local, até a liberdade do ex-presidente. A coordenadora Edna Dantas⁵⁴ registrou em vídeo a continuidade da violência física, verbal e armada. A violência contra os manifestantes tinha como objetivo evidente a desmobilização do apoio público a Lula. O povo manteve-se presente por quinhentos e oitenta dias no local, defendendo “a ideia de justiça e de liberdade”, como definiu Dantas.

⁵⁴ Acesse o vídeo em: <https://pt-br.facebook.com/MidiaNINJA/videos/aovivo-edna-dantas-coordenadora-do-acampamento-marisa-let%C3%ADcia-fala-sobre-o-atent/1137867056371438/>

Imagens do acampamento correram o mundo, embora fossem ignoradas tanto quanto possível pela grande mídia televisiva - o meio de informação predominante e quase exclusivo do povo brasileiro. Uma média de 300 pessoas por dia passava por lá nos fins de semana, mas nunca menos do que 60 militantes estiveram presentes todos os dias, criando um ritual de diário de cumprimentos, preces, leituras, palavras de ordem e recepção a visitas ilustres, nacionais e internacionais.

A percepção da injustiça da prisão de Lula foi paulatinamente repercutindo em segmentos progressistas da sociedade, para além de juristas que se organizaram em defesa da democracia, inicialmente inconformados com a inobservância de juízes e procuradores quanto aos ritos processuais.

O acampamento Lula Livre tornou-se o palco para as denúncias dos excessos, erros e arbítrio contra o ex-presidente. Organizações internacionais de direitos humanos, coletivos contra a tortura, militância contra a ditadura militar, movimentos populares por moradia, coletivos de mulheres, representantes das mais diversas religiões e etnias de todo o país organizavam-se em caravanas semanais, em revezamento, expressando solidariedade e denunciando o caráter político da prisão de Lula. O povo não abandonou Lula nem por um único dia. E as motivações para estar ali eram claras: a luta por justiça, a certeza da inocência de Lula e o reconhecimento pelas conquistas populares nos governos Lula.

Bom dia presidente Lula. Boa tarde presidente Lula. Boa noite presidente Lula. Esses cumprimentos foram repetidos cada um 13 vezes durante os quinhentos e oitenta dias de prisão. Como o acampamento foi notificado da proibição do uso de equipamentos de som. O velho e bom megafone funcionou como amplificador. Sem faltar um dia.

A paisagem do local incorporou barracas de plástico, colchonetes, capas de chuva, galões de água, banheiros químicos, cozinha, cheiro de café e de chimarrão. Tudo limpíssimo, sem vestígio de lixo pelo chão e ordeiramente, civilizadamente, como só o MST sabe fazer. Desenvolveu-se um comércio local de bandeiras, bandanas, bottons, camisetas. O slogan Lula livre virou pop. No dia do aniversário de Lula, em 27 de outubro de 2019, dias antes de sua libertação, a pesquisadora esteve no acampamento e testemunhou o clima de despedida do comércio local que se integrou à dinâmica dos quarteirões vizinhos à sede da PF. A proprietária de um pequeno café, inaugurado na garagem de sua residência desde 2018, contou da sua alegria pela proximidade do julgamento no STF sobre prisão em segunda instância, que de fato propiciou a liberdade de Lula, mas também da melancolia por se despedir desse ambiente de fraternidade e amizade que ela conheceu na interação com os frequentadores do acampamento.

Os depoimentos abaixo foram transcritos de um vídeo do blog Nocaute, do escritor Fernando de Moraes (SAMPAIO, 2018). Pela natureza dos relatos, os vídeos devem ter sido gravados nas primeiras semanas do acampamento.

“Essa luta aqui Lula Livre não é só do PT, nem sequer é uma luta só da esquerda, é uma luta pela democracia e pelo estado democrático de direito. Mesmo o pessoal que está à direita do espectro político, deveria estar aqui, defendendo o Lula.” Depoimento de Mauro Chazanas, de São José dos Campos/SP.

“Quando eu descobri que ele estava vindo para cá, para Curitiba - porque nós acompanhamos tudo em São Bernardo - eu falei: eu não vou ficar aqui em São Paulo, eu vou para Curitiba também. Aí comuniquei à minha família: olha eu estou indo para Curitiba, vou acompanhar lá a chegada do Lula. Meus filhos falaram: mãe, a senhora não vai para Curitiba. Meu marido falou: você não vai para Curitiba. Eu saí de casa às três horas da manhã, deixei todo mundo dormindo, coloquei em cima do sofá *hashtag* Lula Livre e fui para o Aeroporto Internacional de Guarulhos e vim direto para o acampamento”. Depoimento de Vera Lúcia, de São Paulo/SP.

“Eu passei sete dias corridos dormindo aqui, de quinta-feira a domingo, só fui tomar banho no domingo porque a prefeitura aqui não permitiu a vinda do caminhão para instalar os chuveiros e os banheiros químicos que o MST ia fornecer. Agora, depois de quase oito dias chegaram os containers. E o objetivo, cara, é só sair daqui com o Lula nos braços.” Depoimento de Gerson Schakowski, de Florianópolis/SC.

“Nós centralizamos toda a alimentação nessa tenda, e aqui nós distribuímos para todas as cozinhas do acampamento. Então está sendo feito aqui em torno de três mil a quatro mil refeições no almoço e à noite é muito mais porque a militância que vem já permanece aqui, janta aqui com nós. Então aqui chega alimento toda hora, doação de todo mundo: desde o alho a produtos de limpeza e mistura mesmo para manter a militância no acampamento.” Depoimento de Zenilde, do PR.

“Temos cebola para o tempero, para a salada, batatinha, temos carne, linguiça, arroz, pepino na salada, tomamos chimarrão, tem feijão ali, aqui estamos cozinhando batata doce.” Depoimento de Aniceto Pessoa, do PR.

“Eu não saio, eu não saio, eu não saio daqui sem o Lula, canta, acompanhada de um chocalho, a indígena Maria Flor. Meu cacique é Bezaquem da Silva de Jesus. Eu vim aqui para apoiar o companheiro Lula, vim aqui representando o povo indígena, representando o povo quilombola, o meu povo extraditado, os moradores de rua, os camelôs, as mulheres massacradas, as ditas minorias, todo mundo que está invisibilizado. Por isso que eu estou aqui. Como eles prendem um grande homem, candidato ao prêmio Nobel da Paz? Isso pode acontecer a qualquer um de nós, invisíveis aos olhos da sociedade.” Depoimento de Maria Flor Guerreira, da etnia pataxó de MG.

“O preso político Lula, um dos esportes preferidos dele é o futebol, conta Luzardo, enquanto pinta no chão, com cal, os limites de um campo de pelada. A gente sabe que ao longo do tempo ele é um esportista, então esse acampamento, nada mais que justo de que a gente fazer uma pelada, um futebol para o Lula, com o Lula, e viva o Lula.” Depoimento de Luzardo Cruz Brum, de Santa Maria/RS.

Um grupo canta em frente à sede da PF, acompanhados por um bumbo em mãos dos parlamentares Paulo Pimenta e Lindbergh Faria: “o poder e os padrões só nos oprimem, acumulando riqueza e poder, nosso Lula é a arma que nós temos, para fazer justiça para viver.”

“Chegou um contêiner lá, mas aí é uma aguinha gelada ne, tem gente que não gosta, um banho no frio, risos, mas tem morador aqui que é bem generoso com a gente, que cede o banho nas suas casas, meu Deus do céu era uma fila de virar a esquina numas casas ali para tomar banho. Em algumas casas a gente tem que pagar pelo banho, mas tem morador aí que é muito gente boa, ali na guarita ali em baixo, eles cederam luz, água, para carregar o celular, tudo tranquilo.” Depoimento de Anderson, de Quedas do Iguaçu/PR.

“Eu estava ali no portão, daí chegou a moça e perguntou se a gente tem alguma casa para aluguel, e eu perguntei mas para que seria? Para banheiro, para banho, daí eu

falei, não, pode vir se vocês quiserem. Daí eles começaram a vir, eu estou assim impressionada, porque são várias cidades, até veio um rapaz da Colômbia, do Haiti, de Cuba. Então eu estou bem feliz assim, nossa é muita experiência, várias coisas assim que eu nem imaginava que eu ia conhecer e estou conhecendo. Até o PT, o partido né? Eu tinha uma visão totalmente diferente. A mídia passa para a gente que é arruaceiro, ladrão, imagina, aqui tem psicólogo, médico, jornalista, eu estou bem feliz de conhecer esse pessoal.” Depoimento de Adriana Andrade, de Curitiba/PR. (SAMPAIO, 2018, *online*).

A virada do ano de 2019 contou com duas mil pessoas que se juntaram a Lula numa celebração no acampamento Lula Livre. “Temos aqui caravanas do Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sul e Sudeste, de partidos como PCO e PSOL, de grupos como MST, MTST, Central de Movimentos Populares, CUT, UNE. Estamos aqui para dizer que vamos continuar ao lado de Lula”, disse a Presidenta do Partido dos Trabalhadores, Gleisi Hoffman.

O acampamento Lula livre foi considerado por observadores de direitos humanos como a maior trincheira democrática do Brasil.

Agradecimentos de Lula ao acampamento em entrevista ao Jornal Brasil de fato, em 23 de outubro de 2019⁵⁵:

“Eu estou triste por estar aqui, mas feliz por ter tantos amigos do lado de fora, tanta gente solidária Sobre a Vigília Lula Livre”, que foi montada no mesmo dia em que foi preso, Lula não conseguiu verbalizar a gratidão. Parece impossível para ele mensurar o que significa ter pessoas que, diária e religiosamente, o desejam bom dia, boa tarde e boa noite, e que, em paralelo, constroem um processo de formação, resistência e luta, logo ali do outro lado da rua.

Beatriz Pasqualino: Ao mesmo tempo, a gente tem exemplos de amor na sociedade. Tem as fortalezas nas quais se agarrar. A gente queria aproveitar e falar sobre o papel das pessoas que estão aí fora há tanto tempo fazendo uma demonstração não só de insurgência, mas também de admiração a você. O que isso impacta?

Eu ouço esses companheiros e companheiras todos esses dias que estou aqui. Todo santo dia. O “bom dia, Lula”. A “boa tarde, Lula”, o “boa noite, Lula”, as músicas... de vez em quando, vem um corneteiro. Eu, sinceramente, não tenho palavras. Acho que não existem palavras para agradecer esse gesto. Não sei se já houve na história da humanidade algum preso que teve essa distinção carinhosa das pessoas. Eu, se pudesse, pegava todos eles e fazia um chaveirinho de pendurar e andar com todos eles pendurados no meu corpo, porque eu não sei como vou me desfazer deles. E eu nem conheço eles! Então, quando eu sair daqui, o que eu quero fazer é o seguinte: é dar um longo abraço e um longo beijo em cada um

⁵⁵ Entrevista de Lula a Beatriz Pasqualino e Nina Fideles, do Jornal Brasil de Fato, em 23 de outubro de 2019 (ANEXO W).

deles. Pegar o endereço da residência, o telefone celular, porque eles passaram a ser uma parte da minha vida.

Não é normal os seres humanos terem a grandeza que essa gente teve. Eu já até falei para a Gleisi [Hoffmann] falar com eles para voltarem para a casa deles. Eu acho que é muito sacrifício para eles. Mas eles não querem nem ouvir falar nisso. Eu, sinceramente, não sei o que vou fazer com eles, porque é só gratidão que eu tenho por eles. De vez em quando, eu recebo um docezinho, um bolo. Eles estão me tratando com um dengo que eu nunca tive. Então, eu sou muito grato, inclusive à sociedade brasileira, pela solidariedade que eu tenho recebido do mundo inteiro. Ainda ontem (22), eu recebi uma carta de vários juristas do mundo inteiro que mandaram carta para o Supremo Tribunal Federal, de primeiros-ministros, ex-primeiros-ministros, sindicalistas...

Eu sou muito grato às pessoas que estão se manifestando no Brasil em solidariedade. E a única coisa que eu posso oferecer para eles é minha inocência. É a única coisa. Quem tem o carinho que eu tenho dessas pessoas não pode se curvar. Não posso aceitar “meia liberdade”

6.2 COMITÊS E FESTIVAIS LULA LIVRE NO BRASIL E NO MUNDO

Foram criados centenas de Comitês Lula Livre pelo país, e estes comitês mantiveram a mobilização por todo o período da prisão. Além do PT, PC do B, PCO e o PSOL mobilizaram sua militância em favor da liberdade de Lula. Movimentos sociais no Brasil e no mundo criaram comitês e realizaram eventos durante todo o período de reclusão do ex-presidente, mantendo em nível elevado a resistência e a denúncia contra o arbítrio a que Lula estava submetido.

Em dois de junho de 2019, Lula escreve uma carta de agradecimento aos milhares de simpatizantes e militantes que compareciam aos shows-comícios programados nas capitais do país.

Curitiba, 02 de junho de 2019

Agradeço de coração a cada uma e a cada um de vocês, artistas e público, que nesse 2 de junho fazem da praça da República a Praça da Democracia. Embora tenha o nome de “Festival Lula Livre”, sei que esse é muito mais que um ato de solidariedade a um preso político. O que vocês exigem é muito mais que a liberdade do Lula. É a liberdade de um povo que não aceita mais ser prisioneiro do ódio, da ganância e do obscurantismo.

Esse ato é na verdade um grito de liberdade que estava preso em nossas gargantas. Mais que um grito, um canto de liberdade. O canto dos trabalhadores que não aceitam mais o desemprego e a perda de seus direitos. O canto dos estudantes, que não aceitam nenhum retrocesso na educação. O canto das mulheres, que não aceitam abrir mão de nenhuma conquista histórica. O canto da juventude, que não aceita que lhe roubem os sonhos, e da juventude negra em particular, que não aceita mais ser exterminada. O canto dos que ousam sonhar, e transformam sonhos em realidade.

Boa parte de vocês que aí estão, artistas e público, felizmente não viveram os horrores da ditadura civil e militar instalada em 1964, essa que alguns querem implantar de novo no Brasil. Foi um tempo em que a luta contra a censura podia ser traduzida em canções que diziam assim: “Você corta um verso, eu escrevo outro”.

Foi com muita luta que conseguimos acabar com a censura neste país. E não vamos aceitar essa outra forma de censura, que é a tentativa de acabar com as fontes de financiamento da arte e da cultura. Que não vamos aceitar a tentativa de censurar o pensamento crítico, estrangulando as universidades.

Se eles arrancam nossas faixas, nós escrevemos e botamos outras no lugar. E vamos continuar ocupando as ruas em defesa da educação, da saúde, públicas e de qualidade; das oportunidades para todas e todos; contra todas as formas de desigualdade e de retrocesso.

Nossos adversários querem mais armas e menos livros, menos música, menos dança, menos teatro e menos cinema. E nós insistimos em ler, escrever, cantar e dançar, insistimos em ir ao teatro e fazer cinema.

Nada mais perigoso para nossos adversários que um povo que canta e é feliz. Que faz da arte e da cultura instrumentos de resistência. Vamos então à luta, sem medo de sermos felizes, com a certeza que o amor sempre vence.

Um abraço, com muita saudade e a vontade imensa de estar aí,

Lula. (SILVA, 2019, *online*).

No dia 7 de abril de 2019, em que se completa um ano da prisão política do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, movimentos populares e organizações políticas de 16 países, incluindo o Brasil, irão realizar ações articuladas na Jornada Internacional Lula Livre. As mobilizações vão até o dia 10.

Segundo os organizadores, “as manifestações dentro e fora do Brasil vão denunciar o caráter político da prisão do ex-presidente Lula”. Ele foi preso quando era apontado como favorito para ganhar as eleições presidenciais de 2018. O juiz que o condenou, Sérgio Moro, se tornou ministro da Justiça do governo de Jair Bolsonaro, principal beneficiado pela prisão do ex-presidente e a conseqüente retirada dele da corrida eleitoral.

No Brasil, 17 capitais já confirmaram agenda de mobilizações. Outras 32 atividades estão sendo organizadas em cidades de mais 15 países. “O processo difamatório e injusto, do qual Lula é vítima, provoca indignação no Brasil e no exterior”, destaca um comunicado do Comitê Lula Livre, que lembra ainda que o caso do ex-presidente é analisado pelo Comitê de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) (FERNANDES, 2019, *online*).

6.3 CARTAS PARA LULA

Embora até mesmo parcelas da classe popular, de seus eleitores e simpatizantes que sempre o viram como “um de nós”, tenham mudado o julgamento sobre o ex-presidente, capturadas pelo massacre midiático impingindo-lhe a alcunha de ladrão e corrupto, além da pregação de igrejas fundamentalistas pentecostais que se multiplicaram vendendo a ilusão da prosperidade individual, Lula não perdeu o carinho do povo brasileiro.

As cartas, as missivas, o meio tradicional de correspondência do povo brasileiro - carregado de subjetividade - voltou a servir de meio de comunicação e afeto entre o povo e Lula. Milhares de cartas foram enviadas via correios ou por intermédio de militantes, políticos, ou artistas que se juntavam às caravanas rumo a Curitiba. Os Comitês Lula livre por todo o Brasil incorporaram uma mesinha com cadeira e placa “Cartas para Lula” e por lá sempre havia voluntários prontos a ajudar quem quisesse mandar umas linhas ao ex-presidente.

O Instituto Lula ficou responsável por recebê-las, catalogá-las e respondê-las. Hoje elas compõem o acervo do Instituto, e estão disponíveis para consulta. As cartas devem virar filme (CARTA CAPITAL, 2020).

As cartas expressam os sentimentos de milhares de pessoas pelo Brasil e pelo mundo que têm convicção e provas da prisão injusta e política de Lula. São histórias de vida, presentes, desabafos, questionamentos sobre a justiça, mensagens de fé, declarações de amor e muitos, muitos agradecimentos, apresenta o Instituto Lula.

Alguns trechos:

“Obrigada por matar a fome de muitas pessoas da minha cidade, obrigada por trazer a luz para roça da minha vó, obrigada por tornar possível o sonho da universidade de meus amigos, obrigada por lembrar que convivemos com a seca e precisamos de reservatórios” Carta recebida no dia 13/04 de Pé de Serra – BA.

“Estou profundamente desapontado pelas circunstâncias em que você se encontra. Espero que ser um preso político não tenha deixado esmorecer o seu ânimo e também que essa missiva possa te entreter no tédio de uma injustiça”. Julho de 2018 – Carta recebida no dia 30/07 de Brasília – DF.

“É lamentável ver a situação do Brasil: os ministros do STF e juízes rasgando a Constituição, a decisão da ONU que não foi acatada e nossas riquezas sendo entregues para os estrangeiros”. Setembro de 2018 – Carta recebida no dia 11/09. (INSTITUTO LULA, 2019, *online*).

Mas nenhuma correspondência repercutiu tanto quanto as cartas trocadas entre o Papa Francisco e Lula.

Isto porque uma visita prévia, na prisão, de um enviado do Papa Francisco a Lula foi contestada pela imprensa, que de toda forma tentou deslegitimar a visita acusando a assessoria de Lula de transformar em visita oficial, uma simples visita pessoal de um ex-colaborador do Papa. A imprensa insistiu tanto numa versão fantasiosa, que o Vaticano se manifestou, dias depois, confirmando o caráter oficial da visita e encerrando a polêmica. Depois desse episódio, houve troca de cartas entre os dois.

Meu caro Papa Francisco,
 Agradeço muito o apoio que o senhor tem demonstrado ao Povo Brasileiro, pela Justiça e pela defesa dos direitos dos pobres.
 Sigo aqui lutando para provar minha inocência e tenho consciência de que só estou preso porque os poderosos querem destruir toda a rede de proteção e cuidado que construímos para os excluídos para que os Bancos e os poderosos tenham ainda mais lucros e acúmulo de riquezas.
 Tenho sido provado com muitas dores, mas não desisto, Papa Francisco.
 O amor ao meu povo e minha fé me animam, mesmo que às vezes as provações, como a morte de meu irmão e de meu neto Arthur, de apenas 7 anos, me façam duvidar de tudo.
 Gostaria, Papa Francisco, de contar com o seu apoio e sua amizade.
 Reze por mim.
 De seu admirador de Fé
 Lula
 Curitiba, 05 de abril de 2019. (LULA, 2019, *online*).

A resposta do Papa:

Estimado Luiz Inácio,
 Recebi sua atenciosa carta do passado 29 de março, com a qual, além de agradecer a minha contribuição para defesa dos direitos dos mais pobres e desfavorecidos dessa nobre nação, me confiava seu estado e ânimo e comunicava sua avaliação sobre o contexto sócio-político brasileiro, o que me será de grande utilidade.
 Como assinalo na mensagem para o 52º Dia Mundial da Paz, celebrado no passado 1 de janeiro, a responsabilidade política constitui um desafio para todos aqueles que recebem o mandato de servir ao seu País, de proteger as pessoas que habitam nele e de trabalhar para criar as condições de um futuro digno e justo. Tal como meus antecessores, estou convencido de que a política pode tornar-se uma forma eminente de caridade, se for implementada no respeito fundamental pela vida, liberdade e dignidade das pessoas.
 Nesses dias, estamos celebrando a ressurreição do senhor. O triunfo de Jesus Cristo sobre a morte é a esperança da humanidade. A sua Páscoa, sua passagem da morte à vida, é também a nossa Páscoa. Graças a ele, podemos passar da escuridão para luz, das escravidões desse mundo para liberdade da terra prometida. Do pecado que nos separa de Deus e dos irmãos para a amizade que nos une a ele. Da incredulidade e do desespero para alegria serena e profunda de quem acredita, no final, o bem vencerá o mal, a verdade vencerá a mentira e salvação vencerá a condenação.
 Tenho presente das duras provas que o senhor viveu ultimamente, especialmente da perda de alguns entes queridos, sua esposa Marisa Letícia, seu irmão Genival Inácio e, mais recentemente, seu neto Arthur de somente sete anos- quero lhe manifestar a minha proximidade espiritual e lhe encorajar pedindo para não desanimar e continuar confiando em Deus.
 Ao assegurar-lhe minha oração a fim de que, neste tempo pascal de Júbilo, a luz de Cristo ressuscitado o cumule de esperança, peço-lhe que não deixe de rezar por mim. Que Jesus o abençoe e a Virgem santa lhe proteja.

Fraternalmente.
Francisco. (LULA, 2019, *online*).

6.4 LULA É REGISTRADO COMO CANDIDATO À PRESIDÊNCIA

O Partido dos Trabalhadores registrou no dia 15 de julho (data limite fixada pelo TSE no calendário eleitoral) a candidatura de Lula à Presidência nas eleições de outubro de 2018. O ato se deu na sede na Justiça Eleitoral em Brasília, com o apoio massivo da militância, que deslocou-se para a capital federal, em caravanas de diversos estados do país. Movimentos organizados marcharam por mais de uma semana até Brasília. Grevistas de fome pela liberdade de Lula fizeram discursos marcantes sobre liberdade e justiça. Pelo menos cinquenta mil pessoas acamparam no entorno do Centro de Convenções de Brasília, com ampla cobertura de mídia internacional e da mídia alternativa brasileira. A bandeira de luta estava clara: o direito de votar no representante do povo à presidência do Brasil.

O clima desfavorável à candidatura de Lula nas cortes judiciais levou a defesa de Lula a recorrer ao Comitê de Direitos Humanos da ONU, visando garantir direitos constitucionais. Matéria publicada no jornal BBC News relata (WENTZEL; SCHREIBER, 2018, *online*):

O Comitê de Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas) afirmou hoje (17/08/2018) à BBC News Brasil que acolheu pedido da defesa de Luiz Inácio Lula da Silva e recomendou que o Brasil garanta os direitos políticos do ex-presidente.

"O Comitê pediu que o Brasil tome todas as medidas necessárias para garantir que Lula possa usufruir e exercer seus direitos políticos enquanto está na prisão, como um candidato nas eleições presidenciais de 2018", afirmou o órgão, em comunicado.

Em documento a que a BBC News Brasil teve acesso, o comitê da ONU solicita que seja assegurado a Lula o "acesso apropriado à imprensa e a integrantes de seu partido político". Segundo o texto, também foi solicitado que Lula não seja impedido de "concorrer às eleições presidenciais de 2018 até que todos os recursos pendentes de revisão contra sua condenação sejam completados em um procedimento justo e que a condenação seja final".

De acordo com os advogados de Lula, o Brasil incorporou o acordo ao ordenamento jurídico pátrio o Protocolo Facultativo que reconhece a jurisdição do Comitê de Direitos Humanos da ONU e a obrigatoriedade de suas decisões por meio do Decreto Legislativo 311.

Segundo o Itamaraty, o texto da ONU não tem implicações jurídicas para o país. "As conclusões do Comitê têm caráter de recomendação e não possuem efeito juridicamente vinculante", afirmou o órgão em nota. "O teor da deliberação do

Comitê será encaminhado ao Poder Judiciário", diz o comunicado da autoridade brasileira. (WENTZEL; SCHREIBER, 2018, *online*).

6.5 A GREVE DE FOME POR JUSTIÇA

Em 31 de julho de 2018, um grupo de militantes integrantes de movimentos sociais por terra e moradia decidiu entrar em greve de fome, por tempo indeterminado, com o objetivo de denunciar a arbitrariedade da prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, e o sofrimento do povo, causado pelo desmantelamento das políticas sociais, trazendo de volta a fome à mesa das classes trabalhadoras. Muito antes da pandemia da Covid-19 fazer terra arrasada no país, os mais pobres já denunciavam as consequências do projeto neoliberal que se impôs pelo golpe, sob a administração de Michel Temer denominado *Ponte para o Futuro*.

O grupo de seis grevistas permaneceu em jejum por vinte e três dias, numa resistência pacífica contra a prisão de Lula. A repercussão da greve, em um acampamento em frente ao STF, conseguiu que alguns dos ministros recebessem o grupo, sem contudo demonstrarem empatia pelas legítimas demandas apresentadas. A greve de fome foi relatada em artigo de autoria de Arantes e Oliveira (2019).

O manifesto lido em frente ao STF afirmava o caráter político e consciente da decisão pela greve de fome, considerada um instrumento de luta em situações extremas, nas quais a Democracia está sob ameaça. O ato inspirava-se nas greves de fome de presos políticos na ditadura militar, que acabaram por atrair a atenção de parlamentares para a condição degradante em que se encontravam.

Apelamos aos Ministros do Supremo Luiz Edson Fachin, Carmen Lúcia, Luís Roberto Barroso, Rosa Weber, Luiz Fux e Alexandre de Moraes para que respeitem a Constituição, garantam o retorno à normalidade democrática, anulem a condenação sem crime do presidente Lula, reponham o direito à presunção de inocência e o direito do povo de escolher seu presidente de forma livre e democrática. São eles também responsáveis caso algo grave aconteça aos que estão em greve de fome. (TATEMOTO, 2018, *online*).

6.6 LULA É INDICADO AO PRÊMIO NOBEL DA PAZ

Luiz Inácio Lula da Silva está entre os 233 aspirantes, de 78 organizações de todo o mundo, ao Prêmio Nobel da Paz de 2019. O ex-presidente recebeu apoio de mais de 650 mil pessoas. O argentino Adolfo Pérez Esquivel, vencedor do prêmio em 1980, destacou os

esforços do então presidente pela retirada de quase 30 milhões de brasileiros que viviam abaixo da linha da pobreza.

“Somos muitos que acreditam que o Prêmio Nobel da Paz para Lula ajudará a fortalecer a esperança de poder continuar construindo um novo amanhecer para dignificar a árvore da vida”, justificou Esquivel.

Segundo reportagem do Jornal Brasil de Fato, Lula concorre com nomes como Greta Thunberg, a adolescente e ativista sueca que chamou atenção para a luta pelo clima com um movimento que mobilizou estudantes do mundo todo; o cacique brasileiro Raoni Metuktire, uma das principais lideranças indígenas em nível mundial, recentemente atacado pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL) na Assembleia Geral da ONU; e a primeira ministra neozelandesa Jacinda Ardern, que ganhou notoriedade pela reação ao ataque terrorista de um supremacista branco contra duas mesquitas da cidade de Christchurch, em março de 2015 (HERMANSON, 2019).

O ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 2019 foi concedido ao Primeiro Ministro da Etiópia, pelo empenho de Abiy Ahmed Ali nas negociações de paz e na busca de cooperação internacional para solução de conflito entre seu país e a Eritreia. O anúncio foi feito em no dia 11 de outubro de 2019 e causou tristeza aos apoiadores de Lula, que esperavam que o Prêmio, se a ele tivesse sido concedido, o ajudasse a reequilibrar o cenário nacional, insensível quanto às injustiças do processo que o levou e o manteve na prisão por dezenove meses.

7 O GOLPE DE 2016 NO CONTEXTO DE UMA *GUERRA HÍBRIDA*⁵⁶

7.1 NOVAS FORMAS DE DOMINAÇÃO GEOPOLÍTICA

O desenrolar do cenário político no Brasil nos últimos anos necessita de um tempo mínimo de sedimentação para que se clarifique, sob a luz da análise histórica, de complexos e imbricados entrelaçamentos de causas econômicas, ideológicas, geopolíticas e disputas de poder no interior das classes dominantes no país e suas relações de dependência com os Estados Unidos da América.

Para ilustrar quão cedo pode ser uma interpretação de fatos históricos recentes, o sociólogo Leujene Mirhan (2021) remete à resposta de Chu En Lai, um dos líderes da Revolução Chinesa de 1949. Ao ser perguntado [em 1970] sobre a importância da Revolução Francesa de 1789, ele teria respondido “ainda é cedo para dizer”.

No entanto, entendemos que hipóteses, ainda que em construção, devam ser formuladas desde a primeira hora, tomando-se em conta que o diálogo entre interpretações consistentes e teoricamente embasadas vão contribuir para o registro histórico e para outras análises, que se somarão para uma compreensão mais aprofundada sobre a questão formulada.

No processo de reflexão sobre os governos democráticos pós-Constituição ao qual Lula se dedica durante sua reclusão, ele amplia a análise sobre os objetivos não-declarados da Operação Lava Jato. Percebe-se, no decorrer das entrevistas, que a inicial concordância com alguns dos objetivos da força-tarefa - que a princípio pareciam legítimos em seus aspectos formais - vai cedendo lugar à percepção de uma complexa perseguição.

Seguindo o trajeto analítico do ex-presidente, nota-se que o aludido combate à corrupção avança na destruição de setores inteiros da economia nacional, como a indústria naval, a construção civil, a cadeia industrial de petróleo e gás. A Operação Lava Jato, pouco a pouco, provoca a desconfiança sobre suas reais motivações.

“Não era possível apurar a corrupção sem quebrar a empresa? Era. Prende o dono da empresa e deixa a empresa funcionando, como a Samsung continua funcionando, como a Volkswagen continua funcionando na Alemanha. Por que quebrar as empresas? porque desmoralizar a Petrobrás? Quebrar a Petrobrás? Eu quero

⁵⁶ A nomenclatura relativa ao tipo de conflito que prescinde de formas militares invadindo territórios hostis ou países potencialmente hostis ao império estadunidense varia entre autores: *guerras híbridas*, *guerras não convencionais*, *guerras assimétricas*, *guerras não tradicionais*, *conflitos de baixa intensidade*, *guerras intraestatais*, *pequenas guerras* e *guerras de quarta geração*, são algumas denominações citadas por Penido e Stedile (2021, p. 49).

aproveitar Juca para poder dizer: o Dallagnol, o Moro e a Lava Jato estão hoje muito mais a serviço dos interesses norte-americanos do que a serviço dos interesses de combate à corrupção.” (KFOURI; TRAJANO, 2019)⁵⁷

A partir da compreensão de dimensões mais abrangentes sobre a intervenção na democracia brasileira, Lula passa a denunciar, não apenas do ponto de vista de um réu inocente, mas de uma perspectiva política mais ampla – e com crescente ênfase - o farsesco processo jurídico do qual fora vítima, direcionando a análise sobre os acontecimentos históricos para as conexões políticas do golpe com os interesses dos Estados Unidos da América na dominação ideológica, comercial e territorial do Brasil. Ele analisa que o golpe contra Dilma Rousseff e a perseguição judicial a ele próprio têm origem de fora para dentro:

Foi de uma parte da elite brasileira, do poder econômico brasileiro, aliado ao sistema financeiro, aliado a interesses multinacionais, aliado ao interesse de desmontar o sistema financeiro brasileiro, sobretudo dos bancos públicos, aliado aos interesses de entregar a Petrobrás para o capital estrangeiro. E da mídia que é o carro chefe. Nada disso teria acontecido se não houvesse um acordo com a mídia. (SILVA, 2018).

Analistas e cientistas políticos (MONIZ BANDEIRA, 2016; ESCOBAR, 2019; KORYBKO, 2018; BUENO, 2019; LEIRNER, 2020; PENIDO; STÉDILE, 2021) consideram que nos últimos anos foi deflagrada contra o Brasil, e ainda está em curso, uma nova modalidade de guerra: sem exércitos, canhões, tanques, mísseis ou bombas, mas potencialmente tão destruidora quanto as guerras tradicionais. Uma guerra híbrida.

Segundo Penido e Stedile (2021, 52) a utilização do termo “guerra híbrida” pela primeira vez coube aos estadunidenses James Mattis e Frank Hoffmann, em 2005, em um artigo na revista *Proceedings*, chamado “Future warfare: The rise of hybrid wars” (Mattis; Hoffman, 2005).

Escobar (2019. *online*) identifica que o conceito de guerra não-convencional teria sido incorporado pelas Forças Armadas dos EUA em 2010 no *Manual para Guerras Não-Convencionais das Forças Especiais*.

Em um mundo cuja geopolítica é configurada e reconfigurada há séculos por guerras, é um considerável desafio imaginar tal domínio de uma nação sobre outra sem intervenção militar direta. A hipótese em construção na ciência política sobre as guerras híbridas, constitui-se um complexo exercício de percepção de transformação da lógica de dominação de grandes potências mundiais que no tempo presente disputam se o futuro permitirá um mundo economicamente multipolar. No momento os Estados Unidos lutam para garantir sua

⁵⁷ Entrevista de Lula aos jornalistas Juca Kfourie e José Trajano da TVT, em 13 de junho de 2019 (ANEXO G).

hegemonia global sobre países que por razões comerciais ou diplomáticas lhes pareçam buscar alguma autonomia frente ao poderio norte-americano.

Assim, somado a uma bem sucedida política interna de redução de desigualdades sociais, as iniciativas de relativa autonomia dos governos Lula e Dilma, como a constituição dos BRICS; a adoção do modelo de partilha do pré-sal e de uma política externa de defesa da soberania do Brasil, seriam razões suficientes para uma investida norte-americana, nos moldes de uma guerra não convencional, guerra irregular ou guerra híbrida.

O tema da soberania nacional é objeto de destacada reflexão nas entrevistas de Lula. Ao jornalista Kennedy Alencar, Lula formula o seguinte conceito:

“Quando eu me preocupo, por exemplo, com a soberania nacional, Kennedy, eu me preocupo não apenas com as fronteiras do Brasil, a fronteira seca e a fronteira marítima; eu me preocupo é com o que tem de riqueza neste país, desde o ecossistema à biodiversidade, as riquezas minerais, a qualidade de vida do povo, a educação do povo. É com isso que a gente tem que se preocupar. Isso faz parte do patrimônio soberano de uma nação. Se o Brasil quiser ser respeitado, o Brasil precisa cuidar de si. Não é com discurso, é com prática.

Korybko (2018, *online*) entende que:

Guerras híbridas são conflitos identitários provocados por agentes externos, que exploram diferenças históricas, étnicas, religiosas, socioeconômicas e geográficas em países de importância geopolítica, por meio da transição gradual das revoluções coloridas para a guerra não convencional, a fim de desestabilizar, controlar ou influenciar projetos de infraestrutura multipolares por meio de enfraquecimento do regime, troca do regime ou reorganização do regime.

Em entrevista aos jornalistas Eleonora de Lucena e Rodolfo Lucena (2018), por ocasião do lançamento de seu livro “Guerras Híbridas – das Revoluções Coloridas aos Golpes”, o pesquisador afirma que:

[...] há uma guerra híbrida muito intensa sendo travada no Brasil neste momento e afeta todas as aspectos da vida de cada cidadão. Ao longo dos últimos dois anos, agentes externos vêm tentando muito sutilmente condicionar a população para voltá-la contra o Partido dos Trabalhadores, usando instrumentos como a Operação Lava Jato, apoiada pela NSA [agência norte-americana de inteligência]. (LUCENA; LUCENA, 2018, *online*).

Penido e Stédile (2020, *online*) analisam:

No início do século XXI, os EUA tiveram que lidar com duas ondas de oposição, os governos progressistas na América Latina e a ascensão comercial da China. Toda

estratégia dos EUA foi tentar impedir este mundo multipolar. A novidade é que os EUA usam táticas da guerra assimétrica, táticas que identificaram que seriam usadas contra ele, de uma força menor contra um adversário maior: utilizar forças civis, disputar ideologicamente, usar a comunicação.

Bueno (2019) afirma, em artigo publicado no jornal digital GGN, que o golpe de 2016 começou a ser preparado com base no interesse dos Estados Unidos da América pelo petróleo brasileiro: “O Brasil tornou-se definitivamente o alvo eleito para uma guerra híbrida quando a conjunção dos astros definiu que o pré-sal fosse descoberto na administração de um partido com interesses prioritariamente nacionalistas, preocupados em aplicar estes recursos segundo os critérios de políticas econômicas desenvolvimentistas [...]”.

Em Conferência realizada pelo Programa Diálogos do Sul, em novembro de 2020 na UERJ, Leirner, o professor de Ciência Política da USP e de Antropologia na UFSCar, expõe a hipótese de uma guerra híbrida no Brasil.

Não se trata de uma “guerra clássica”, com fogo, mas de uma guerra que visa sobretudo a captura e neutralização de mentes. Suas “bombas” são antes de tudo informacionais, visam causar dissonâncias cognitivas e induzir as pessoas a vieses comportamentais: percepção, decisão e ação passam a trabalhar a favor de quem ataca. Seu objetivo último é o que se chama nas teorias desse tipo de guerra de uma “dominação de espectro total”. Essa ideia de “totalidade” está no âmago da Guerra Híbrida: não há mais a separação entre guerra e política, ou “tempo de guerra/tempo de paz”; todos passam a ser, voluntária ou involuntariamente, combatentes; e não se vê exatamente nem seu princípio, nem seu fim. A hipótese central aqui levantada é que o Brasil foi, e é, um laboratório onde este modelo foi aplicado. O caso aqui estudado leva a um dos protagonistas principais desta forma de guerra e sua estratégia: um certo grupo de militares, operações psicológicas e o modo como isso se disseminou na política. O resultado, que vai muito além da eleição de 2018, é a dissonância generalizada que impera no Brasil hoje, que aqui segue um dos conceitos centrais da Guerra Híbrida – a cismogênese, ou seja, a criação de divisões sociais com o objetivo de impossibilidade de qualquer pacto social. (LEIRNER, 2020, *online*).

Embora seja grande a dificuldade de análise da conjuntura brasileira nos últimos anos, análises políticas estão em construção. É fato que a sociedade em geral, que se informa e que forma opinião pelas mídias corporativa e pelo senso comum, encontra-se ainda desorientada, sob os efeitos de uma guerra comunicacional que levou a uma polarização talvez nunca vista na nossa história. Os ataques midiáticos, as mentiras disparadas massivamente pelas redes sociais, a desestabilização de valores democráticos parecem produzir efeitos semelhantes ao de armas radioativas, que uma vez lançadas, tendem a contaminar por longo período o ambiente político.

Bueno (2019, *online*) elabora um conjunto de características presentes nos casos de guerras híbridas:

Para melhor esclarecimento do que deve compreender-se como guerra híbrida sugerimos aqui, sem a pretensão de esquadriñar por completo o seu conteúdo, resumindo-a de forma muito sintética: 1º) Desestabilizar Estados insuflando conflitos domésticos; 2º) Derivação disto, colocar no horizonte a divisão radical entre os atores políticos, as autoridades e a população; 3º) Arruinar a economia, estrategicamente intervindo sobre os seus pontos sensíveis e de maior produtividade; 4º) Interferir e destruir a infraestrutura o quão possível resulte; 5º) Concretizar o colapso do Estado; 6º) Corromper instituições e atores políticos e autoridades centrais; 7º) Penetrar no território ou região-alvo de interesse sem forças militares uniformizadas, apresentando-se como “ator-salvador”; 8º) Tarefa conexas a anterior, realizar a substituição da(s) liderança(s) local(is) por seus próprios agentes e/ou simpatizantes revelados como absolutamente controláveis e fiéis; 9º) Controlar fortemente a mídia central, única capaz de reconfigurar o campo semântico e a opinião pública do território-alvo, o que é feito através de intensíssimos esforços por alterar profundamente o mundo.

A revisão da literatura sobre questões de geopolítica do petróleo confirma fartamente as análises do ex-presidente Lula, trazidas em seus depoimentos. Lula esteve no centro de grandes acontecimentos internacionais - especialmente no seu segundo mandato - e desenvolveu uma análise aguda sobre as relações de poder e desigualdade entre as nações. Com base nessas experiências, o ex-presidente traça um paralelo entre os acontecimentos nacionais, relacionando-os a fenômenos semelhantes recentes, pelos quais passaram outros países produtores de petróleo. Lula procura aí um caminho para a compreensão de abruptas mudanças na avaliação do primeiro mandato de Dilma Rousseff.

Monica Bergamo: É importante lembrar que em 2013 a Dilma tinha quase 75% de preferência eleitoral.

Lula: Espera aí, deixa eu falar querida. Depois do que aconteceu a partir de 2013¹, que eu acho que nem a imprensa, nem a esquerda e nem os cientistas políticos avaliaram direito. O que foi a Primavera Árabe? Aquela loucura. Eu fiquei muito feliz quando derrubaram o [Hosni] Mubarak [no Egito]. Porque conheci ele bem. E o Obama tinha acabado de ir lá fazer um discurso. Aí elegem o [Mohamed] Morsi. Com três meses, derrubam o Morsi. E quem tá governando? Uma junta militar. E não tem mais nenhuma manifestação na rua. Invadiram a Líbia quando o... o que eu vou dizer aqui é pecado, mas eu vou dizer. Porque se eu não dizer vocês não vão entender. O [Muamar al] Kadafi: por que fazer o que fizeram com o Kadafi? O Kadafi, eu achava ele muito parecido com o Cauby Peixoto. Tinha feito um implante de cabelo e estava cabeludo, utilizava muita base no rosto. Usava umas mantas bonitas, uns panos de seda branco cheio de base. Ele não causava mais mal a ninguém. Aquela loucura de matar aquele cara; o que que criaram na Líbia? Agora começou a guerrilha de

*verdade. No Iraque, eu conversei muito com o Bush: 'ô Bush, não tem armas químicas no Iraque. Não faça isso'. E ele fez, porque ele precisava se reeleger. E eu acho que o [Nicolas] Sarkozy e o inglês fizeram a Guerra do Iraque para poderem se reeleger, e não deu certo.*⁵⁸

7.2 PRÉ-SAL: O BRASIL TORNA-SE ALVO GEOPOLÍTICO

Yergin (2010, 894) relata que o preço do petróleo aumentaram continuamente a partir de 2003, gerando apreensão entre países consumidores com a expectativa de que a demanda da China e Índia poderiam provocar escassez do produto e elevar ainda mais o preço do barril. De fato em 2008 o barril alcança o recorde de 145 dólares. E o Brasil estava desenvolvendo com sucesso a tecnologia de exploração do petróleo em águas profundas.

Em setembro de 2013 veio a público no Brasil vazamentos de informações sobre espionagem americana no gabinete presidencial de Dilma Rousseff e na Petrobrás, através de reportagem de Glenn Greenwald, tendo como fonte Edward Snowden, ex-analista da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA). Segundo a reportagem, a tecnologia envolvendo a exploração em alta profundidade na camada pré-sal poderia ter sido o alvo da espionagem (BBC, 2013).

Em 2015 Moniz Bandeira elencou algumas das motivações do governo norte-americano para promover desestabilização no governo Dilma: *a presidenta Dilma Rousseff denunciou na ONU a espionagem da NSA, não comprou os aviões – caça dos EUA, mas da Suécia, não entregou o pré-sal às petrolíferas americanas e não se alinhou com os Estados Unidos em outras questões de política internacional, entre as quais a dos países da América Latina* (AGÊNCIA PT, 2015).

Em entrevista concedida ao jornalista Bob Fernandes, da TVE Bahia, em agosto de 2019, o ex-presidente traz uma análise sobre as razões do golpe de 2016 e de sua própria prisão:

Lula: *Tudo isso incomoda, e incomodava os EUA quando eu criei uma Secretaria de Defesa da América do Sul. Como é que se explica, e eu quero que os generais expliquem o Brasil aceitar ter o Subcomandante da 4ª Frota Americana, que existe para tomar conta do Atlântico, diga-se de passagem tomar conta do pré-sal, e a gente colocar um general nosso*

⁵⁸ Entrevista de Lula aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de SP, e Florestan Fernandes, do El País, em 26 de abril de 2019 (ANEXO B).

como subcomandante⁵⁹, ora subcomandante não manda, é como subchefe. Quem manda é o comandante. Ora, se o Brasil quer tomar conta do Atlântico, crie sua Primeira Frota, a sua Segunda Frota, faça investimento. Nós temos razões porque nós temos o pré-sal que é a maior descoberta de petróleo do Sec. XXI e ainda não se sabe se tem outra, ainda não se tem certeza de quanto tem. Por que que você acha que foi construída a Lava Jato e a desgraça que fizeram nesse país? É para entregar o nosso petróleo. Não entregar o petróleo, vão entregar as refinarias, vão entregar as distribuidoras. Nós estamos agora importando gasolina, nós que éramos exportadores. Importando e inventando elo de impostos, ou seja é uma vergonha. O Brasil é um país que não pode ficar dependente nem da China, nem da Rússia, nem da Índia, nem da Argentina, nem da Venezuela, nem de Cuba. O Brasil tem que ter relações com todos, respeitar todos, porque o Brasil não precisa ser hegemônico, o Brasil precisa ser parceiro.⁶⁰

De fato, em 12 de março de 2020, na 24ª parte da operação de jornalismo do The Intercept Brasil, é tornada pública a conexão do Departamento de Justiça americano com a Operação Lava Jato.

[...] procuradores do Ministério Público Federal revelam o funcionamento de uma colaboração secreta da operação Lava Jato com o Departamento de Justiça dos EUA, o DOJ, na sigla em inglês. Os diálogos, analisados em parceria com a Agência Pública, mostram que a equipe liderada pelo procurador Deltan Dallagnol fez de tudo para facilitar a investigação dos americanos – a tal ponto que pode ter violado tratados legais internacionais e a lei brasileira. (THE INTERCEPT BRASIL, 2020, *online*).

A matéria, publicada em parceria com a Agência Pública, traz detalhes:

As informações do arquivo entregue ao Intercept indicam que Dallagnol e seus colegas atropelaram as regras que disciplinam a atuação de procuradores da República.

Além do governo federal, o próprio Aras parecia receoso quanto à atitude do colega de Curitiba: “Delta, como já conversamos, essa investigação dos americanos realmente me preocupa. Fiquei tranquilo quando vc garantiu que esse grupo de americanos não fez investigações em Curitiba quando esteve aí”, ele escreveu em um bate-papo privado. “O MPF e a SCI não podem permitir isso”, Aras insistiu.

Mas os americanos pareciam ter uma outra perspectiva sobre a visita. Os pedidos de visto de pelo menos dois dos promotores do Departamento de Justiça dos EUA informam que eles planejavam ir a Curitiba “para reuniões com autoridades brasileiras a respeito da investigação sobre a Petrobras”, e que “o objetivo das reuniões é levantar evidências adicionais sobre o caso e conversar com advogados sobre a cooperação de seus clientes com a investigação em curso nos EUA”. (THE INTERCEPT BRASIL, 2020, *online*).

⁵⁹ General-de-brigada Alcides Valeriano de Faria Júnior, nomeado pelo presidente Jair Bolsonaro para o cargo de subcomandante para interoperabilidade do Exército Sul dos Estados Unidos, em fevereiro de 2019.

⁶⁰ Entrevista de Lula a Bob Fernandes da TVE Bahia, em 15 de agosto de 2019 (ANEXO I).

Grennwald informa na matéria que os documentos são do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, foram obtidos recentemente pelo The Intercept e que não fazem parte dos arquivos da Vaza Jato.

Leonardo Boff (2016, p. 155-156) destaca, em resenha sobre o livro de Moniz Bandeira:

Dois motes orientam o centro do poder do estado norte-americano com seus inumeráveis órgãos de segurança interna e externa: “*um mundo e um só império*” ou “*um só projeto e o espectro da total dominação (full-spectrum dominance/superiority)*”. Quer dizer, a política externa norte-americana se inspira no (ilusório) “*excepcionalismo*”, do velho “*destino manifesto*”, uma variante “*do povo eleito por Deus, raça superior*”, chamada a difundir no mundo toda a democracia, a liberdade e os direitos (sempre na interpretação imperial que emprestam a estes termos) e se considerar (pretensamente) “*a nação indispensável e necessária*”, “*âncora da segurança global*” ou o “*único poder*” (*lonely power*).

7.3 COMBATE À CORRUPÇÃO: UMA CRUZADA MORALISTA

O combate à corrupção foi o tema-consenso construído ao longo dos anos, pelo menos desde 2005, com a midiaticização do chamado Mensalão, já abordado nesse trabalho. Anos e anos de investigação que terminaram por não provar nenhum esquema de mesada para a base parlamentar do primeiro mandato do PT.

Pode-se inferir, com base na literatura apresentada, que a escolha do combate à corrupção como justificativa da força-tarefa teve de fato como objetivo a aceitação, o consenso e a adesão popular à narrativa da Operação Lava Jato.

Na análise de Lima (2021) mais uma vez as classes dominantes lançam mão do moralismo udenista.

Entre as muitas chaves de interpretação do lavajatismo está o moralismo udenista. Formado durante a 4ª República (1946-1964), o moralismo udenista se destacava por suas investidas virulentas contra governos que não estavam alinhados com seu programa político. Foi assim contra Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart.

Lula reflete sobre essa manipulação política, em entrevista a Kfourri e Trajano:

“Ninguém é contra combater a corrupção. Tenho certeza que você não é, tenho certeza que o Trajano não é, que todos os duzentos e dez milhões de brasileiros são favoráveis a combater, até os que roubaram são favoráveis. Perguntasse para o Sérgio Cabral uma semana antes se ele era favorável a combater a corrupção, se o Cunha uma semana antes ele era favorável a combater a corrupção, eles iam dizer que eram, mas não sabiam que ia

arrebentar neles. Essas pessoas não se dão conta que o falso moralismo dele [Moro] levou o país à bancarrota. E digo que levou o país à bancarrota porque a Globo tem culpa nisso. A Globo transformou o debate à corrupção numa grade dela em que o Lula é citado durante quatro anos mais de cem vezes, mais de cem horas no Jornal Nacional.”

José Trajano: *O próprio Glenn, numa entrevista ontem, coloca a Globo como parceira da Lava Jato.*

Lula: *Veja quando o Moro começou esse processo visitou a Folha, visitou o Estadão, Veja, Época, Isto É, a Globo e todos os canais de televisão. Ele diz no artigo dele Mani Pulite que também é possível dar certo se a imprensa ajudar. Ora é muito importante que a imprensa ajude, o que a imprensa não pode é condenar uma pessoa antes do julgamento, o que não pode é um juiz votar pela manchete do jornal.⁶¹*

No artigo citado - já utilizado neste estudo no tópico 3.2 - Moro (2004, p. 57) considera que [a Operação Mãos Limpas] “constitui objeto de estudo obrigatório para se compreender a corrupção nas democracias contemporâneas e as possibilidades e limites da ação judiciária em relação a ela.”

Registramos ao longo deste trabalho o potencial de destruição que a acusação de um crime de corrupção produz em si mesma, transmutando-se numa imediata condenação moral do réu. Dezenas de outros acusados nos casos do Mensalão e da Lava Jato tiveram suas vidas familiares e profissionais destruídas por acusações de corrupção que anos depois se provaram infundadas.

[...] a Globo transformava aquilo em verdade. Colocaram em prática aquela ideia, com a qual nunca concordei, que, para apurar corrupção, você tem que queimar a pessoa perante a opinião pública. Quando você disser que alguém é ladrão na imprensa, não tem mais como absolver”, denuncia Lula.⁶²

7.4 A ASSOCIAÇÃO DA MÍDIA CORPORATIVA À OPERAÇÃO LAVA JATO

A defesa jurídica de Lula refere-se - em dois itens das alegações finais - à participação de setores da mídia como um componente da perseguição da Lava Jato (ANEXO cc):

A Defesa de Luiz Inácio Lula da Silva, em alegações finais (evento 937), argumenta:
a) que o ex-Presidente sofre perseguição política e é vítima de uma “guerra jurídica”

⁶¹ Entrevista de Lula aos jornalistas Juca Kfourie e José Trajano da TVT, em 13 de junho de 2019 (ANEXO G).

⁶² Entrevista de Lula ao jornalista Marco Weissheimer do Jornal Sul 21, em 3 de julho de 2019. (ANEXO H).

ou de “lawfare”, “com apoio de setores da mídia tradicional”;[...] d) que houve instrumentalização da mídia para atacar a imagem do ex-Presidente mediante a realização de entrevista coletiva, em 14/09/2016, pelo MPF quando do oferecimento da denúncia (ROFRIGUES, 2017, *online*).

Miguel (2018, p. 15) denuncia o envolvimento da grande imprensa com a Operação Lava Jato, de forma metódica e processual.

A cobertura da mídia corporativa, sobretudo do final de 2014 em diante, mereceria um estudo à parte. Qualquer boato contra Lula, por mais despropositado que fosse, ganhava manchetes e reportagens por dias e dias. Operava-se uma triangulação. Primeiro, uma informação contrária ao ex-presidente era vazada pela polícia ou pelo Ministério Público. Em seguida, todos os meios de comunicação alçavam o assunto à posição de tema principal. Por vezes, era o inverso: um jornal, uma revista ou uma emissora de televisão anunciava o “furo” de reportagem, e depois os órgãos de repressão davam respaldo oficial à informação, iniciando uma investigação. Por fim, intervinha a terceira ponta do triângulo: os *websites* dedicados a *fake news*, voltados para a militância da direita, preparavam versões ainda mais simplificadas e agressivas das notícias, escorando-se na credibilidade dos funcionários públicos e do jornalismo “sério”. O resultado foi a produção de um ambiente tóxico para o debate político, cuja superação é um desafio para a restauração de algum grau de civilidade democrática no Brasil, mas que presta um serviço essencial na perseguição à esquerda em geral e a Lula em particular. É uma situação em que argumentos e evidências tornaram-se irrelevantes e só valem as “convicções”.

As convicções do procurador chefe da Operação Lava Jato, Deltan Dallagnol, levaram Lula à indignação e a combater esses argumentos, expondo a natureza arbitrária da acusação e atribuindo à mídia a coautoria por uma narrativa fantasiosa e desprovida de fundamentos materiais.

Lula: “*Não me peçam provas. Eu só tenho convicção*. Um cidadão desse não pode ser sério. Ele só pôde fazer isso porque tinha pactuado com alguém para transformar em verdade aquelas coisas dele. Era a imprensa, liderada pela Rede Globo de Televisão. Por exemplo, o apartamento: é tudo baseado nas reportagens mentirosas do jornal *O Globo*. O Moro cita *O Globo* quinhentas vezes. (SILVA, 2018, p. 67).

Souza (2017) analisa que uma das razões fundamentais para que o golpe de 2016, a prisão de Lula e a eleição de Bolsonaro em 2018 tenham sido tão facilmente impostos ao povo brasileiro, seja um arraigado sentimento antipopular forjado no processo histórico por uma elite escravagista e que ao não ser enfrentado, instalou-se na sociedade brasileira como ideia dominante.

Ninguém na mídia cria nenhuma ideia. Falo aqui, obviamente, de ideias-força, aquele tipo de pensamento que conduz uma sociedade em um sentido ou em outro e é restrito a intelectuais e especialistas treinados. A mídia retira seu poder de fogo desse reservatório de ideias dominantes e consagradas. Ela é limitada no seu alcance

pelo prestígio que essas ideias e seus autores, que ela veicula, desfrutam em uma sociedade. (SOUZA, 2017, p.19).

O jornalista Aquiles Lins (2020), em sua dissertação de mestrado pela Universidade Federal de São Carlos, analisa de que forma os três principais jornais impressos do país noticiaram a tentativa de candidatura de Lula no período de registro e aprovação do Tribunal Superior Eleitoral, nas eleições de 2018. Para isso estudou as manchetes e editoriais do Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo entre 08 de abril e 12 de setembro daquele ano, e mostra que considerando os 46 editoriais em que Lula aparece como tema principal do texto, 45 deles, ou 97,8%, foram negativos para o ex-presidente.

A pesquisa aponta que os principais temas abordados pelos jornais com referência ao ex-presidente foram eleições presidenciais (52,4%) e corrupção (16,9%). A frequência dos editoriais negativos cresceu no mês de agosto, quando foi registrada a candidatura, no dia 15, e o julgamento que negou o registro no dia 31 de agosto. (LINS, 2020).

O ódio contra a política foi incentivado pela mídia, o que levou à contaminação do debate político nacional e produziu rios de desinformação. (SANTANA; SIMEÃO, 2019)

A concentração dos veículos de mídia no país, estabelecida desde os anos de 1960, exerce deste então o *quarto poder*, sendo as próprias famílias concessionárias desse verdadeiro monopólio, representantes de uma elite conservadora e antipopular (LUGARINI, 2018). A influência dos meios de comunicação de massa nas eleições brasileiras, especialmente a mídia televisiva e a imprensa escrita, não se constitui uma novidade. No período de redemocratização, temos que a primeira eleição presidencial pós-constituição de 1988 foi manipulada pela Rede Globo de Televisão, na edição do último debate do segundo turno entre Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, conforme admitiria, 22 anos mais tarde, o então diretor geral de televisão da empresa.⁶³

Diego Augusto Bayer (2014, *online*), no artigo *A mídia, a reprodução do medo e a influência da política criminal* destaca a análise do jurista Nilo Batista sobre a influência da imprensa na percepção da população sobre o punitivismo: "a imprensa tem o formidável poder de apagar da Constituição o princípio da presunção de inocência, ou, o que é pior, de invertê-lo".

Pesquisadoras da área de comunicação política, Carrato e Santanadebruçaram-se sobre a análise de mais de duzentas edições do Jornal Nacional, principal fonte de informação

⁶³ Em entrevista ao jornalista Geneton Moraes Neto, transmitida pela Globo News em 29 de novembro de 2011, José Bonifácio Sobrinho, diretor geral da Rede Globo de Televisão, admitiu: "Todo aquele debate foi [produzido] – não o conteúdo, o conteúdo era do Collor mesmo -, mas a parte formal nós é que fizemos" Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/11/apos-22-anos-boni-admite-que-globo.html>.

da população brasileira. O objetivo foi observar os movimentos de produção de sentido e a construção de estratégias discursivas para compreender como seriam trabalhadas em um ano eleitoral no cenário pós-golpe (LEMES, 2018).

A análise aponta para uma sequência de mensagens com diferentes objetivos comunicacionais, por diversos recursos semióticos. Durante o longo período de acusação da Operação Lava Jato até a condenação judicial de Lula, a imagem foi a mesma: numa tela vermelha destacava-se um cano de esgoto por onde jorrava o dinheiro da corrupção. No ato da prisão não foram permitidas cenas do réu algemado (Lula refere-se ao desejo das organizações Globo em ter essa imagem como um troféu), mas a figura de um avião conduzindo o ex-presidente para seu exílio prisional foi usado como uma mensagem de esquecimento, de silenciamento, a partir daí o JN não menciona mais o nome de Lula, numa tentativa de apagá-lo da cena política. Antes da interdição da candidatura pelo STF, com o nome de Lula aparecendo nas pesquisas, o noticiário retoma a relação do PT e de Lula com a corrupção.

Uma questão frequentemente colocada nas entrevistas em Curitiba referia-se à autocrítica sobre os mandatos de Lula:

Quando você fala em autocrítica pra mim eu acho que... Eu, por exemplo, acho que tive um erro grave. Eu poderia ter feito a regulamentação dos meios de comunicação. Fizemos um Congresso em 2009, só participou a Bandeirantes e a Rede TV se não me falha a memória, sabe, nenhuma outra TV participou, muitas rádios participaram, e, em junho de 2010, nós preparamos uma regulamentação dos meios de comunicação. Ao invés de dar entrada no Congresso, porque iria ter eleição, eu pensei "não, vou deixar para o novo Governo". A razão pela qual a Dilma não entrou, não sei. Então, essa é uma autocrítica que eu faço⁶⁴.

7.5 A DESESTABILIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO

Celso Amorim, que foi ministro das Relações Exteriores nos dois mandatos do presidente Lula (2003-2011), concedeu uma entrevista sobre o quadro político de 2017 ao jornalista Miguel do Rosário, do blog O Cafezinho (ROSÁRIO, 2017). Havia transcorrido então apenas um ano e dois meses da deposição da presidenta Dilma Rousseff, e as impressões sobre o desenrolar dos fatos não estavam suficientemente claras, de onde pode-se

⁶⁴ Entrevista de Lula aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de SP, e Florestan Fernandes, do El País, em 26 de abril de 2019 (ANEXO B).

inferir que mesmo quadros políticos mais experientes não estavam a salvo dos efeitos dos ataques midiáticos e das interferências inéditas do poder judiciário.

O Cafezinho: O que eu sou crítico, Celso, é que tem juízes que estão à frente de processos, de investigações, que serão revisados ainda por cortes superiores e esses juízes investigam empresas que concorrem com empresas norte-americanas. No caso, por exemplo, Odebrecht e Petrobrás. Aí esse juiz recebe prêmio lá fora...eu não vejo outro país permitir esse tipo de coisa.

Celso Amorim: [...] a conjunção de fatos que houve no Brasil, digamos assim, a convergência disso nos ataques especialmente à presidenta Dilma e ao presidente Lula, é que eu acho que é algo que espanta e chama a atenção. E, ao mesmo tempo, uma conjunção de fatos e acusações que debilitam todas as empresas, sejam privadas ou estatais, no Brasil. Isso que eu acho que é uma coisa muito importante. (ROSÁRIO, 2017, *online*).

Amorim destaca que foram criadas percepções sobre atuações das empresas brasileiras, quando estas atuações não se enquadravam em categorias de crimes ou quaisquer outras ilegalidades. Houve uma massiva campanha contra o BNDES, que só foi desmentida quando, já no governo Bolsonaro, decidiu-se “abrir a caixa-preta” com grande alarde na imprensa, e não havia nada lá que incriminasse os governos do PT.

Você mencionou o BNDES, quer dizer, praticamente se criminaliza uma operação que é absolutamente comum e muitos países fazem, que é dar um subsídio. Eu, como ministro do Exterior, nunca soube, nunca fui informado, nunca vi ninguém fazendo denúncia. Agora, a percepção que se criou é que se, digamos, uma empresa brasileira recebeu financiamento do BNDES para atuar em determinado país, já se inicia uma coisa criminosa. Então, é lamentável, porque não é só a Odebrecht, são várias empresas-

O Cafezinho: Acho isso aí particularmente grave quando a gente vai pra área de petróleo. O senhor também é do Rio de Janeiro e sabe como a indústria do petróleo é importante para o Rio de Janeiro. É uma das razões da crise econômica que devastou o estado do Rio de Janeiro. O secretário de Estado dos Estados Unidos hoje, o Tillerson, é ex-CEO da Exxon. Então, a gente vê que os Estados Unidos têm uma diplomacia muito conectada com os interesses internacionais deles. E o Rio de Janeiro foi o mais afetado pela Lava Jato.

Celso Amorim: a profundidade da crise vem desse problema do petróleo. E aí tem dois atores: primeiro, a redução brutal do preço do petróleo, que atrapalhou muito a Petrobrás e afetou muitos projetos; e, segundo eu diria, no caso da indústria naval, a flexibilização que continua havendo das encomendas de conteúdo nacional, que acho que é outro crime que se está cometendo contra a economia brasileira. Quer dizer, todos os países do mundo cresceram à base da proteção do Estado, antigamente era tarifa, hoje em dia tarifa só não basta, é muito pouco. Então, compra governamental é um instrumento fundamental para política industrial e nós estamos abrindo mão desse instrumento. (ROSÁRIO, 2017, *online*).

Em entrevista ao jornalista Kennedy Alencar⁶⁵, é retomado o tema do interesse norte-americano sobre o monitoramento das reservas do pré-sal como a principal razão da criação da Operação Lava Jato:

⁶⁵ Entrevista de Lula ao jornalista Kennedy Alencar da BBC News, em 3 de maio de 2019 (ANEXO C).

Lula: *O mal que eles fizeram, já está feito. Agora, eu quero provar que quem deveria estar preso eram eles, porque mentiram a este país e destruíram milhões de empregos neste país. A serviço de quem?*

Kennedy Alencar: *De quem?*

Lula: *Isso eu quero saber. Eu quero saber, porque, quando você vê um vídeo de procuradores americanos⁶⁶, junto com o Moro, festejando a minha prisão, dizendo que participaram ativamente para chegar aonde chegaram no meu processo, eu quero saber.*

Kennedy Alencar – Tem a ver com a questão do pré-sal?

Lula: *Se eu puder recomendar para você, eu não sei o nome, mas há um livro chamado O Petróleo [de Daniel Yergin]. Se você puder ler, nas suas horas vagas, vai saber que desde 1860 ou 1859, 90% dos conflitos que acontecem no mundo se devem exatamente ao petróleo, e normalmente provocados pelos Estados Unidos. Então, o que está acontecendo... Quando nós descobrimos o pré-sal... Preste atenção a uma coisa: o pré-sal está a 200 milhas das praias brasileiras. Duzentas milhas são quase 300 quilômetros. Está na divisa. Eram 150 milhas, o Médici [Emílio Garratazu Médici, general-presidente durante a ditadura militar] aumentou para 200 milhas [em 1970].*

Quando nós anunciamos o pré-sal, em 2007, logo em seguida os americanos recuperaram a Quarta Frota, que tinha sido desativada depois da Segunda Guerra Mundial. É muita coincidência, meu caro! Quando eles anunciaram isso, o que eu fiz? Propus à Unasul [União de Nações Sul-Americanas] a criação de uma instituição dos militares da América do Sul, o Conselho Sul-Americano de Defesa, para garantir a nossa tranquilidade aqui. O petróleo é tudo, é tudo o que motiva a guerra do Iraque, a destruição da Líbia. E, agora, o Brasil. Por isso é que o Lula tinha que ser odiado, e também a Dilma, porque a gente criou a Lei da Partilha, porque a gente dizia que o petróleo era nosso, porque a gente criou fundo educacional com o petróleo. E não é possível, o petróleo tem que ser das grandes empresas petroleiras. Por isso é que estão desmontando a Petrobrás.

Daniel Yergin, o autor que Lula leu na prisão, acrescenta novo Epílogo ao seu premiado livro *O Petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro*, no qual a Petrobrás é objeto de análise:

A Petrobrás, a empresa de petróleo nacional brasileira, pertence em 68% a investidores e em 32% ao governo brasileiro, embora o governo retenha a maioria das ações com direito a voto. A Petrobrás já havia se estabelecido na dianteira em

⁶⁶ PIMENTA, Paulo. Pimenta: Procurador dos EUA celebra condenação de Lula e confirma cooperação informal. **Viomundo**, 02 mar. 2018. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/denuncias/pimenta-cooperacao-clandestina-entre-procuradores-dos-eua-e-brasil-faz-parte-da-perseguido-a-lula-veja-video.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

termos de capacidade de exploração e de desenvolvimento de petróleo nas complicadas águas profundas. Inicialmente com a Tupi, encontrada em 2006, descobertas de enorme potencial estão sendo feitas naquilo que até agora havia sido considerado como recursos inacessíveis em águas profundas do Brasil, abaixo do depósito de sal. Estas descobertas poderiam transformar a Petrobrás - e o Brasil - em um novo poço de energia de petróleo mundial. (YERGIN, 2010, p.896)

Lula concedeu entrevista ao portal 247⁶⁷, em 22 de agosto de 2019. Na entrevista, a iniciativa brasileira de criação dos BRICS foi tema central.

***Lula:** Eu vi sua entrevista com o Leonardo Attuch, eu estou muito feliz que você esteja aqui, Pepe. Eu adoraria que o Leonardo colocasse você e o Celso Amorim, e quem mais ele quisesse, para debater política externa, para explicar para o povo. [...]*

***Lula:** Eu imaginava, o BRICS não foi criado para ser um instrumento de defesa. Era para ser um instrumento de ataque. O BRICS foi criado para que a gente pudesse criar uma moeda própria, para que a gente não ficasse dependendo do dólar nas nossas relações comerciais, para criar um Banco de Desenvolvimento - que foi criado mas ainda está muito tímido. Era uma coisa muito forte. E para tentar juntar no desenvolvimento a parte do mundo mais pobre. Era essa a lógica da existência do BRICS. Fazer algo diferente. Não era ficar copiando. E os EUA tinham muito medo. Porque quando eu discutia esse negócio da moeda, o Obama me telefonou, “Vocês estão querendo criar uma nova moeda”? Não, nós estamos apenas querendo nos livrar do dólar. Eu estou querendo apenas não ser dependente, para vender uma caixa de fósforos para a Bolívia, eu tenho que comprar dólar. Por que não posso fazer na minha moeda? No tempo do Bush ele aceitava essa conversa com muito mais fluidez do que o Obama, o Obama foi mais duro com o Brasil. Eu tenho certeza que a Hillary Clinton não gosta da América Latina e não gosta do Brasil.*

Lula relata um que havia um clima algo desagradável por parte do governo dos EUA, expresso nos encontros com Clinton e Obama. Nesses relatos estavam alguns dos sinais de que a proatividade da diplomacia brasileira não passava despercebida do crivo dos EUA. Lula era apresentado como “o cara” quando desempenhava internacionalmente o papel de líder trabalhista que acabou com a fome em seu país, mas o sinal verde não lhe seria dado para que exercesse qualquer protagonismo na diplomacia mundial no sentido da criação ou fortalecimento de grupos multipolares.

Em entrevista ao jornalista Haroldo Sereza, para o site Opera Mundi (SEREZA, 2019)⁶⁸, em 18 de setembro de 2019, Lula exemplifica como os Estados Unidos utilizam-se

⁶⁷ Entrevista de Lula aos jornalistas Mauro Lopes, Pepe Escobar e Paulo Moreira Leite do Brasil 247, em 22 de agosto de 2019 (ANEXO J).

⁶⁸ Entrevista de Lula a Haroldo Ceravolo Sereza do Ópera Mundi, em 18 de setembro de 2019 (ANEXO P).

da indústria cultural para construir dentro e fora daquele país a imagem de uma nação vencedora, e esta seria uma das táticas utilizadas nas chamadas revoluções coloridas.

***Lula:** [...]o petróleo sempre foi o causador no Oriente Médio, várias guerras, vários, conflitos, vários preços. E agora a mesma coisa. Veja, tentar jogar a culpa em cima do Irã é uma velha tática americana que não sabe trabalhar sem ter um inimigo. O inimigo é sempre ou latino-americano, ou árabe, ou russo, agora o chinês. Você tem que ter essa cara para ser inimigo. E a cara do anjo salvador da democracia é o americano. Aliás, os americanos nesse aspecto são fantásticos. Ou seja, eles tomaram uma surra no Vietnã, que até hoje eles não esqueceram, mas, veja, para a molecada que assiste esses filmes de super-heróis, do Rambo e de outros quetais, um cara ganha sozinho a guerra. Eles ganharam todas as guerras, todas as batalhas no Vietnã, no cinema. Então, os americanos não sabem trabalhar sem ter um inimigo. Então, o inimigo agora é o Irã.*

Entendemos que muito antes dos fatos comprobatórios sobre a espionagem americana e sobre a associação do Judiciário e do Ministério Público com os EUA virem a conhecimento público, Lula e seus advogados haviam reconstruído os caminhos que levaram ao golpe contra a democracia brasileira.

Ainda na entrevista ao Opera Mundi (SEREZA, 2019), Lula cita um episódio de espionagem norte-americana na Petrobrás:

***Opera Mundi:** E o ataque da Lava Jato acha que está relacionado a impedir isso.*

***Lula:** Eu acho. Acho que está intimamente ligado. Porque veja, você está lembrado que em 2012, se não me falhe a memória, eu não lembro as datas, roubaram informações secretas da Petrobras, roubaram um container. Até hoje não se sabe onde foi parar esse container com informações sigilosas da Petrobras. A empresa que dava certificação para a Petrobras, na época, parece que era a empresa do vice-presidente do Obama [na verdade, a empresa responsável pelo container era a Halliburton, da qual já foi presidente o então vice-presidente do governo de George W. Bush, Dick Cheney]. Os americanos com as informações da Petrobrás, elas tinham importância, por isso que eles não aceitavam a Lei da Partilha.*

A defesa do ex-presidente estava ciente de que a sequência de decisões judiciais, que encontraram respaldo nas mais altas cortes, foram amparadas por militares e contaram com a imprescindível participação da grande mídia na construção do ódio que se instalou na

sociedade brasileira e afirmavam desde então que o objetivo do conjunto dessas intervenções eram o enfraquecimento, ou mesmo a destruição da noção de soberania nacional. Cinco anos seguidos de reportagens favoráveis à Operação Lava Jato provocaram o descrédito da população nas instituições; criou-se no país o ambiente que permitiu colocar no poder a extrema-direita. Foram vitoriosos na destruição das conquistas das classes trabalhadoras e estão entregando, em tempo recorde, o controle das riquezas nacionais, em especial o petróleo, aos Estados Unidos da América.

A última entrevista que Lula concedeu na prisão, em 06 de novembro de 2019, para o Blog da Cidadania (GUIMARÃES; CAVALCANTE, 2019) traz o lamento pela derrota de uma batalha que ele havia travado com o objetivo de conquistar um maior grau de desenvolvimento econômico para o país e de bem-estar social para o povo brasileiro.

***Meire Cavalcante:** Presidente, amanhã vai acontecer um mega leilão do pré-sal, essas reservas estão estimadas em dois trilhões de reais, no mínimo. O senhor faz algum paralelo entre o senhor estar aqui preso, o golpe de 2016 e o que vai acontecer amanhã com as reservas?*

***Lula:** Acho, acho. Veja, está ficando nítido, eu li um pouco sobre o petróleo, um livro famoso chamado O Petróleo, e desde 1859 que o petróleo é a coisa mais importante nas decisões estratégicas dos EUA, embora se fale em combustíveis alternativos, o petróleo é importante para o desenvolvimento de uma nação, e desenvolvimento e manutenção das guerras. Uma das razões pelas quais Hitler foi derrotado, foi porque acabou a gasolina. Eles estavam fazendo combustível de carvão, de qualquer coisa. O Japão no final da guerra estava fazendo combustível de raiz de eucalipto, então não tinha qualidade. A partir daí todos os países, sobretudo os países do Conselho de Segurança da ONU eles têm na reserva de petróleo uma coisa muito importante não apenas para o crescimento, mas para seus desejos estratégicos. E os EUA que se comportam como se fossem o xerife do mundo, e para isso gasta trilhões e trilhões com as Forças Armadas, eles precisam manter as reservas. Foi assim que teve a guerra do Oriente Médio tantas vezes, foi assim que teve a guerra do Iraque, foi por isso que mataram o Kadafi, e é por isso que me prenderam e destituíram a Dilma, para poder desmontar e refazer as leis que nós fizemos, para impedirem que o petróleo fosse um patrimônio do povo brasileiro.*

Na época, não sei se você está lembrada, eles diziam que o petróleo era uma ilusão nossa, porque o pré-sal, ninguém ia conseguir tirar um barril de petróleo de seis, sete mil metros de profundidade. Hoje, o que está claro? Você que está em liberdade pode procurar os dados por aí, você vai perceber que hoje as pessoas estão tirando o petróleo a cem mil metros de profundidade a cinco dólares o barril, enquanto na Arábia Saudita o barril é

três dólares e meio, a diferença é mínima para alguém que vai buscar a sete mil metros e alguém que pega a trezentos, quatrocentos metros de profundidade, tal o avanço tecnológico que a Petrobrás tem. E a gente entendia que este petróleo era o grande garantidor do futuro desse país, a gente pudesse dar ao povo brasileiro aquilo que lhe foi negado por séculos, ou seja, a gente pudesse melhorar.

Criamos a política de que setenta e cinco por cento dos royalties fosse destinado à educação, à saúde, pudesse garantir que o petróleo fosse uma espécie de propulsor da garantia de cidadania do povo brasileiro. Era por isso que a gente estava fazendo refinaria, era porque a gente não queria ser exportador de óleo cru, a gente queria ser exportador de derivados. Agora, o que a gente vê? Estamos exportando óleo cru e comprando gasolina dos EUA. Eu acho uma ofensa, sabe? Lamento profundamente que o povo brasileiro não tenha reagido, não esteja reagindo.

Lamento profundamente que o povo brasileiro permita que aconteça um leilão como este (grifo da pesquisadora). *O que está acontecendo é que a elite brasileira é cem por cento favorável à política do Guedes, porque o Collor não se incomoda, quer dizer o Bolsonaro já disse que não gosta de Economia, não entende de Economia, isto é com o Guedes. Então, enquanto o Guedes está vendendo o Brasil e destruindo as coisas públicas do Estado brasileiro, a elite brasileira dá cem por cento de unanimidade e aceitação às coisas que o Bolsonaro faz. Enquanto isso o povo está ficando mais pobre, mais desempregado, o salário está ficando pior, o PIB mesmo que cresça vai demorar a recuperar aquilo que foi há cinco ou seis anos atrás, então é esse país que nós estamos vendo.*

Então, eu estou aqui exatamente por causa disto. É importante lembrar, eu estou aqui para dizer em alto e bom som que é importante lembrar que o que está acontecendo nesse país aqui é uma engenharia arquitetada pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos, por procuradores americanos em conversas com o “seu” Moro, em conversas com o MP, é só você pegar as passagens e ver quantas vezes o Moro viajou para os Estados Unidos, quantas vezes se reuniu. E nós temos inclusive vídeos que o Zanin já deve ter mostrado para vocês, de procuradores americanos festejando a minha prisão. Eles ajudaram a construir a mentira, eles receberam informações sigilosas da Petrobrás quando roubaram aquele container que tinha segredos da Petrobrás, para poderem tomar a Petrobrás. Então, vamos tomar “democraticamente”, vamos fazer tudo em base de uma mentira muito grande. Vamos pegar um crime de responsabilidade que a Dilma cometeu, e que não existe, que eram as pedaladas, e vamos criar uma delação de corrupção contra o Lula. “Ah, mas não tem”, o Dallagnol falou, ah, mas meu processo aqui não tem, o power-point não diz que ele roubou.

O Moro disse, “*não tem mas não tem problema, vamos mentir, a Globo garante. A Globo garante.*”⁶⁹

⁶⁹ Entrevista de Lula aos jornalistas Eduardo Guimarães e Meire Cavalcante do Blog da Cidadania, em 06 de novembro de 2019: última entrevista de Lula na prisão (ANEXO Z).

A PROPÓSITO DE CONCLUIR

Passados dois anos da libertação do ex-presidente, em virtude do posicionamento do STF contra a prisão em segunda instância, o cidadão Luiz Inácio Lula da Silva recuperou seus direitos civis e políticos, teve os processos contra si anulados e testemunhou o veredicto do STF contra o ex-juiz Sergio Moro, que foi considerado suspeito por extrapolar suas funções e por imiscuir-se nas fases de investigação.

O Brasil elegeu em 2018, nas circunstâncias apresentadas nesta tese, um governo de extrema-direita, neoliberal, privatista, expressamente subordinado ao governo de Donald Trump e à política de preços do petróleo imposta pelos EUA, vencedores – até aqui - da guerra híbrida que desfechou sobre o país do pré-sal.

Soma-se aos tormentos da política econômica imposta ao povo brasileiro, e à retirada de direitos trabalhistas, previdenciários e de assistência social, a pandemia do coronavírus que se abateu sobre o planeta, a partir de dezembro de 2019, exigindo enorme capacidade dos governantes e líderes mundiais no seu enfrentamento. No Brasil, o povo ficou à própria sorte, à deriva, tendo que lidar com a política negacionista, numa guerra medieval protagonizada pelo chefe do governo federal contra as vacinas e contra todo o protocolo sanitário recomendado pelos órgãos nacionais e mundiais de saúde – o que resultou em centenas de milhares de mortes, muitas das quais poderiam ter sido evitadas.

Entretanto, a história segue sendo escrita. Como um rio que foi desviado intempestivamente do seu curso e por isso destruiu, inundou, provocou mortes e desastres sem fim, os destinos da nação brasileira foram (mais uma vez) negados à soberania popular.

Se a busca pela verdade foi o foco durante o período no cárcere, Lula volta à cena política sem ressentimentos, mas com determinação e clareza dos reais problemas nacionais e do papel que o Brasil pode exercer no cenário global. A prisão – sem qualquer intenção de romantizar a imensa injustiça que lhe foi imposta – foi transformada por Lula em tempos de reflexão, aprendizagem e cada vez maior compromisso com os destinos do povo brasileiro.

A indignação com a injustiça a que foi submetido e a preocupação com os familiares expostos a toda sorte de arbitrariedade, não o impediram de se submeter a uma rotina produtiva, dedicando-se à manutenção da saúde física e emocional; ao aprofundamento da dimensão espiritual; à troca de cartas memoráveis com personalidades das esferas política, artística e intelectual, religiosas; e, especialmente, a estudos sobre o Brasil e sobre a geopolítica mundial, através de leituras, cursos e filmes. Nas entrevistas, afirma ter

transformado seu cativeiro em um tempo de estudos, aprendizagem, reflexão e preparação política para quando voltasse à liberdade.

Representantes de diversas religiões, ao visitá-lo dão depoimentos sobre o desenvolvimento espiritual de Lula. A busca da serenidade, firmeza de propósitos e defesa dos necessitados e excluídos são condições de sua resistência.

Sobre a espiritualidade de Lula, Cezar Kuzma (2019) nos oferece a seguinte reflexão, com a qual finalizamos este texto: “[...] nas grandes tribulações e nas noites escuras, como dizem os místicos, é quando nossa humanidade é testada, nossa fé é questionada e é nesse instante, no mais profundo da nossa existência, que a verdade aparece, e ela nos torna livres. Lula livre.”

|

REFERÊNCIAS

- A ÍNTEGRA da entrevista que o ex-presidente Lula concedeu ao Sul21 em Curitiba. Marco Weissheimer. **Sul 21**, 03 jul. 2019. 1 vídeo (11 min). Disponível em: <https://www.sul21.com.br/areazero/2019/07/a-integra-da-entrevista-que-o-ex-presidente-lula-concedeu-ao-sul21-em-curitiba/>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- AGÊNCIA PT. EUA querem desestabilizar democracias, diz Moniz Bandeira. **Agência PT Notícias**, 18 mar. 2018. Disponível em: <https://pt.org.br/eua-querem-desestabilizar-democracias-na-america-latina-diz-moniz-bandeira/>. Acesso em: 07 fev. 2022.
- AGÊNCIA PT. Juíza viola direito de Lula ao impedir visitas religiosas. **Agência PT Notícias**, 28 jan. 2019b. Disponível em: <https://pt.org.br/juiza-viola-direito-de-lula-ao-impedir-visitas-religiosas/>. Acesso em: 07 out. 2021.
- AGÊNCIA PT. O que deu errado para Moro é que Lula é inocente. **Instituto Lula**, São Paulo, 08 abr. 2019a. Disponível em: <https://institutolula.org/o-que-deu-errado-na-perseguido-a-lula-e-que-ele-e-inocente>. Acesso em: 09 out. 2021.
- ALENCAR, Kennedy. **Entrevista de Lula a Kennedy Alencar em 03/05/19**. 03 maio 2019. 1 vídeo (110 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mCnbvMZg7bQ&t=62s>. Acesso em 20 jul. 2021.
- ALVES, Cíntia. Lula não pode, mas Azevedo sairá da prisão para votar em sua zona eleitoral. **GGN**, 04 out. 2018. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/editoria/justica/lula-nao-pode-mas-azevedo-saira-da-prisao-para-votar-em-sua-zona-eleitoral/>. Acesso em: 07 out. 2021.
- AMARAL, Marina; DOMENICI, Thiago. Lula: “Esse discurso das hienas não foi feito pra vocês, foi feito pros milicianos dele”. **Agência Pública**, 30 out. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/10/lula-esse-discurso-das-hienas-nao-foi-feito-para-voce-foi-feito-para-milicianos-dele/>. Acesso em: 11 ago. 2021.
- ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Giordano Bruno, parresista. Filósofo e poeta do universo infinito. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 437-451, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/45996>. Acesso em: 06 out. 2021.
- ARANTES, Esther; OLIVEIRA, Eliana. Fome de Justiça: anotações sobre a greve de fome. Brasília-DF: 31/07 a 25/09 de 2018. In: OLIVEIRA, Eloiza *et al.* (Org.). **Políticas Públicas e Formação Humana: contribuições para o futuro**. Rio de Janeiro: Consequência. 2019.
- ARIAS, Juan. A morte do inocente neto de Lula soltou os monstros do ódio. **El País**, 02 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/02/opinion/1551487708_675741.html. Acesso em: 07 out. 2021.

AULER, Marcelo. Lula aos filhos: estou melhor do que 90% da população. **Marcelo Auler Repórter**, Curitiba, 15 abr. 2018. Disponível em: <https://marceloauler.com.br/lula-aos-filhos-90-da-populacao-esta-pior-acomodada/>. Acesso em: 07 out. 2021.

BAYER, Diego Augusto. A mídia, a reprodução do medo e a influência da política criminal. **Jusbrasil**, 2014. Disponível em: <https://diegobayer.jusbrasil.com.br/artigos/121943204/a-midia-a-reproducao-do-medo-e-a-influencia-da-politica-criminal>. Acesso em: 07 fev. 2022.

BBC. EUA espionaram Petrobras, dizem papéis vazados por Snowden. **BBC News**, 08 set. 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130908_eua_snowden_petrobras_dilma_m. Acesso em: 07 fev. 2022.

BBC. Presidente do TRF-4 decide manter ex-presidente Lula preso. **BBC News**, 08 jul. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44759381>. Acesso em: 06 out. 2021.

BERGAMO, Monica; FERNANDES, Florestan. Exclusivo: íntegra de entrevista de Lula à Folha.. **Folha de São Paulo**, 26 abr. 2019. 1 vídeo (115 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zCzco42kRAg>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BETA REDAÇÃO. Ex-presidente Dilma Rousseff fala sobre neoliberalismo no processo de impeachment. 3 maio 2017. 1 vídeo [1 min.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XnNjk2sHtSQ>. Acesso em: 05 ago. 2021.

BOFF, Leonardo. A desordem mundial: o espectro da total dominação. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 186, 2016.

BOITO JR., Armando. Governo Lula: a nova burguesia nacional no poder. *In*: BOITO JR., Armando; GALVÃO, Andréia (Org.). **Políticas e Classes Sociais no Brasil dos anos 2000**. São Paulo: Alameda, 2012.

BRASIL. **Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984**. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília/DF, 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm. Acesso em: 07 out. 2021.

BRASIL 247. Lava Jato transfere Lula para Tremembé e coloca em risco sua segurança. **Brasil 247**, 07 ago. 2019a. Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/lava-jato-quer-colocar-lula-em-tremembe-e-coloca-em-risco-sua-seguranca-8o3emkg8>. Acesso em: 07 out. 2021.

BRASIL 247. Lula nega entrevista ao cineasta José Padilha. **Brasil 247**, 07 out. 2019b. Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/lula-nega-entrevista-ao-cineasta-jose-padilha>. Acesso em: 09 out. 2021.

BRASIL DE FATO. "Lula não perdeu o enterro, foi impedido de ir", diz assessoria. **Brasil de Fato**, São Paulo, 30 jan. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/30/toffoli-autoriza-lula-a-ir-ao-velorio-de-seu-irmao>. Acesso em: 07 out. 2021.

BUENO, Roberto. Guerra Híbrida: caos provocado e expropriação de riquezas. **GGN**, 11 set. 2019. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/artigos/guerra-hibrida-caos-provocado-e-expropriacao-de-riquezas-por-roberto-bueno/>. Acesso em 09 out. 2021.

CARTA, Mino; LIRIO, Sérgio. 'Só saio daqui inocentado'. **Carta Capital**, v. 25, n. 1071, p. 16-26, 11 set. 2019.

CARTA CAPITAL. Cartas enviadas a Lula na prisão vão virar filme... **Carta Capital**, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/cartas-enviadas-a-lula-na-prisao-vaio- virar-filme/>. Acesso em: 07 out. 2021.

CARVALHO, Joaquim. Em entrevista, Lula diz que PT não pode fazer com Bolsonaro o que Aécio fez com Dilma. **Brasil de Fato**, 06 jun. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/05/em-entrevista-lula-diz-que-pt-nao-pode-fazer-com-bolsonaro-o-que-aecio-fez-com-dilma>. Acesso em: 03 ago. 2021.

CERIONI, Clara. Lula não poderá votar no domingo, decide Justiça Eleitoral. **Exame**, 03 out. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/tre-pr-nega-recurso-e-lula-nao-podera-votar-no-domingo-diz-site/>. Acesso em: 07 out. 2021.

CHAVES, Rosângela. "Eu Acuso...!", o libelo de Zola. **Ermira**, 10 jan. 2018. Disponível em: <http://ermiracultura.com.br/2018/01/10/eu-acuso-o-libelo-de-zola/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

COLETTA, Ricardo Della; JIMÉNEZ, Carla. Censura a entrevista de Lula mostra parcialidade do STF no processo eleitoral, apontam juristas. **El País**, Brasília/Curitiba, 03 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/02/politica/1538501729_621607.html. Acesso em: 07 out. 2021.

CONFIRA, em português, a íntegra da entrevista de Lula ao Le Monde. Bruno Meyerfeld. **Brasil 247**, 12 set. 2019. [Tradução de Sylvie Giraud]. Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/confira-em-portugues-a-integra-da-entrevista-de-lula-ao-le-monde>. Acesso em: 20 jul. 2021.

DAGNINO, Evelina. Confluência Perversa, Deslocamentos de Sentido, Crise Discursiva. *In*: GRIMSON, Alejandro. (Ed.) **La Cultura en las Crisis Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso Libros, 2004.

COSTA, Flavio; SAKAMOTO, Leonardo. Não quero discussão sobre 2ª instância, mas anulação do processo, diz Lula. **UOL**, 17 out. 2019. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/17/nao-quero-discussao-sobre-2-instancia-mas-anulacao-do-processo-diz-lula.htm>. Acesso em: 11 ago. 2021.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Condenação de Lula: sem fundamento legal. *In*: PRONER, Carol *et al.* (Org.). **Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula**. Bauru: Canal 6, 2017.

DCM. Juíza “respondeu sadicamente” aos pedidos de Esquível para ver Lula, diz advogada. **Diário do Centro do Mundo**, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/juiza-respondeu-sadicamente-aos-pedidos-de-esquivel-para-ver-lula-diz-advogada/>. Acesso em: 07 out. 2021.

DCM TV. Pedro Serrano faz a melhor análise do julgamento no STF que manteve a parcialidade de Moro. **You Tube**, 2019. 1 vídeo (111 mim.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4TwBhFzP4P0>. Acesso em: 21 out. 2021.

DISCURSO histórico de Lula no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. **PT - Partido dos Trabalhadores**, 09 nov. 2019. 1 vídeo (47 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=15yyXM2Trj8>. Acesso em: 17 ago. 2021.

DUARTE, Leticia. **Vaza Jato: os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

ENTREVISTA do Lula a Bob Fernandes para TVE Bahia. **TVE BA**, 16 ago. 2019. 1 vídeo (128 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L1L0HkglgWQ>. Acesso em: 20 jul. 2021.

ENTREVISTA exclusiva al expresidente brasileiro, Luiz Inacio Lula da Silva. **RT en Español**, 03 out. 2019. 1 vídeo (51min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gCXVWK5fL00&t=8s>. Acesso em 11 ago. 2021.

ENTREVISTA exclusiva do presidente Lula à Revista Fórum. Renato Rovai. **TV Fórum**, 18 set. 2019. 1 vídeo (59 min). [Transcrição resumida]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fRSx_alETH8. Acesso em: 20 jul. 2021.

ESCOBAR, Pepe. O Brasil no epicentro da Guerra Híbrida. **Outras Palavras**, São Paulo, 15 jan. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/o-brasil-no-epicentro-da-guerra-hibrida/>. Acesso em: 09 out. 2021.

ESPECIAL - A íntegra da entrevista de Lula ao DCM e à Tutameia. Joaquim Carvalho e Eleonora de Lucena. **DCM TV**, 06 jun. 2019. 1 vídeo (124 min). [Transcrição resumida]. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/assista-a-entrevista-na-integra-de-lula-ao-dcm-e-ao-tutameia/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

EXAME. Depoimento de Lula a Sergio Moro – Completo. **You Tube**, 2017. 1 vídeo [240 min.] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PcQo35lle0Y>. Acesso em: 21 out. 2021.

FELIPPE, Marcio Soltelo. Lawfare, esse crime chamado Justiça. *In*: PRONER, Carol *et al.* (Org.). **Comentários a uma sentença anunciada**: o processo Lula. Bauru: Canal 6, 2017.

FERNANDES, Florestan. Revolução burguesa e capitalismo dependente. *In*: FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.

FERNANDES, Leonardo. Há um ano, dois tiros atingiam caravana de Lula no Paraná: "Nenhum esclarecimento". **Brasil de Fato**, São Paulo, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/27/ha-um-ano-dois-tiros-atingiam-caravana-de-lula-no-parana-nenhum-esclarecimento>. Acesso em: 07 out. 2021.

FERNANDES, Leonardo. Mobilizações no Brasil e no mundo marcam um ano da prisão política de Lula **Brasil de Fato**, São Paulo, 01 abr 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/mobilizacoes-no-brasil-e-no-mundo-marcam-um-ano-da-prisao-politica-de-lula> Acesso em: 07 fev 2022.

FERREIRA. Eliara Santana. **Jornal Nacional, um ator político em cena**: do impeachment de Dilma Rousseff à eleição de Jair Bolsonaro: a base da construção da narrativa jornalística que legitimou processos políticos na recente história brasileira. 2020. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_EliaraSantanaFerreira_8685.pdf. Acesso em: 08 fev. 2022.

FOLHA. Entrevista de Roberto Jefferson à Folha revelou o esquema do mensalão. **Folha de São Paulo**, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/02/entrevista-de-roberto-jefferson-a-folha-revelou-o-esquema-do-mensalao.shtml>. Acesso em: 06 out. 2021.

FOLHAPRESS. Lula poderá dar entrevista a jornal de dentro da prisão, decide Lewandowski. **Gazeta do Povo**, 28 set. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/lula-podera-dar-entrevista-a-jornal-de-dentro-da-prisao-decide-lewandowski-ekgdck1hmv1lzpazoe8f5597j/>. Acesso em: 09 out. 2021.

FOLHAPRESS. Preso há 1 ano, Lula tem rotina com advogados e programas evangélicos na TV. **Gazeta do Povo**, 31 mar. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/preso-ha-1-ano-lula-tem-rotina-com-advogados-e-programas-evangelicos-na-tv-96uufa2n8z6f2bjt09htrv5up/>. Acesso em: 06 out. 2021.

FORUM. Nova novela: Procuradoras da Lava Jato satirizaram morte de Arthur, neto de Lula. **Revista Forum**, 27 ago. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/vaza-jato/nova-novela-procuradoras-da-lava-jato-satirizaram-morte-de-arthur-neto-de-lula/>. Acesso em: 07 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com H. Becker, R. Fomet-Betancaurt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984. **Concórdia Revista internacional de filosofia**, n 6, jul./dez.1984.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GARCIA, Janaina. Ataque a tiros em acampamento pró-Lula em Curitiba deixa dois feridos; polícia investiga ... **Uol**, São Paulo, 28 abr. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/04/28/atentado-em-acampamento-pro-lula-em-curitiba-deixa-dois-feridos-diz-pt.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 07 out. 2021.

GAÚCHAZH. Lula diz não querer ir para o semiaberto: "Não troco minha dignidade pela liberdade". **DC**, Curitiba, 30 set. 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/lula-diz-nao-querer-ir-para-o-semiaberto-nao-troco-minha-dignidade-pela-liberdade>, publicado em 30/09/2019. Acesso em: 07 fev. 2022.

GREENWALD, Glenn. Glenn Greenwald entrevista Lula: 'Bolsonaro é a velha política, eu sou a nova'. **The Intercept Brasil**, 21 maio 2019. 1 vídeo (60 min). Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/21/greenwald-entrevista-lula-bolsonaro-nova-politica/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

GONÇALVES, Míriam (Org.); RAMOS FILHO, Wilson (Coord.). **Enciclopédia do golpe: o papel da mídia**. Bauru: Canal 6, 2018. (V. 2).

GROS, Frédéric (Org.). **Foucault, a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo; CAVALCANTE, Meire. A exclusiva de Lula ao Blog da Cidadania – íntegra. **Blog da Cidadania**, 06 nov. 2019. 1 vídeo (57min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jYPXwYJXin8&t=585s>. Acesso em: 11 ago. 2021.

HERMANSON, Marcos. Nobel da Paz, com Lula entre os indicados, é anunciado nesta sexta (11). **Brasil de Fato**, São Paulo, 10 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/10/nobel-da-paz-com-lula-entre-os-indicados-e-anunciado-nesta-sexta-11>. Acesso em: 07 out. 2021.

HIGÍDIO, José. STF publica acórdão da 2ª Turma do STF sobre a suspeição de Moro. **Consultório Jurídico**, 04 jun. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-jun-04/stf-publica-acordao-turma-stf-suspeicao-moro>. Acesso em: 06 out. 2021.

INSTITUTO LULA. Cartas ao presidente Lula: 365 dias em depoimentos enviados para o cárcere. **PT**, São Paulo, 07 abr. 2019. Disponível em: <https://pt.org.br/cartas-ao-presidente-lula-365-dias-em-depoimentos-enviados-para-o-carcere/>. Acesso em: 07 out. 2021.

ÍNTEGRA da transcrição da entrevista de Lula para a Der Spiegel. Jens Glusing. **Der Spiegel**, 15 maio 2019. 1 vídeo (53 min). Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=qh87D1mHqZU>. Acesso em: 20 jul. 2021.

JANOT, Rodrigo; CARVALHO, Jailton; EVELIN, Guilherme. **Nada menos que tudo:** bastidores da operação que colocou o sistema político em xeque. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

JGB. Procuradora da República que integrou força-tarefa do Caso Lava Jato pede desculpas sobre mensagens irônicas vazadas a respeito do ex-presidente Lula; Comportamento criminoso de membros do MPF é vexatório. **Jornal Grande Bahia**, Feira de Santana, 28 ago. 2019. Disponível em : <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2019/08/procuradora-da-republica-que-integrou-forca-tarefa-do-caso-lava-jato-pede-desculpas-sobre-mensagens-ironicas-vazadas-a-respeito-do-ex-presidente-lula/>. Acesso em: 07 out. 2021.

KFOURI, Juca; TRAJANO, José. Entrevista do Lula na TVT – 13.06.2019. **TVT**, 13 jun. 2019. 1 vídeo (120 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=da0VMPvf3cI>. Acesso em: 20 jul. 2021.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas:** das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo. Expressão Popular. 2018.

KUZMA, Cesar. Lula livre: companheiro de luta e amigo de caminhada. In: LOPES, Mauro (Org.). **Lula e a espiritualidade:** oração, meditação e militância. Curitiba:Kottler Editorial, 2019.

LAURO, Rafael. Modos de Dizer-a-Verdade: quatro formas de veridicção na Grécia antiga. **Razão inadequada**, 2019. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos/foucault/modos-de-dizer-a-verdade/>. Acesso em: 06 out. 2021.

LAURO, Rafael. Foucault: o profeta. **Razão inadequada**, 2019. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2018/05/16/foucault-o-profeta/>. Acesso em: 06 out. 2021.

LEBLON, Saul. Pelotão da Aeronáutica impediu o sequestro político de Lula? **Carta Maior**, 09 mar. 2016. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/Pelotao-da-Aeronautica-impediu-o-sequestro-politico-de-Lula-/35665>. Acesso em: 07 mar. 2022.

LEIA a íntegra do discurso histórico de Lula em São Bernardo. **Brasil de Fato**, 07 abr. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/07/leia-a-integra-do-discurso-historico-de-lula-em-sao-bernardo/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

LEIRNER, Piero C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e políticas em uma perspectiva etnográfica.** São Paulo: Alameda, 2020.

LEMES, Conceição. Professoras que estudaram 200 edições do Jornal Nacional mostram como cena de avião marcou operação de “silenciamento” do ex-presidente Lula. **Viomundo**, 02 out. 2018. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/jornal-nacional-e-mostram-como-cena-de-aviao-marcou-operacao-de-silenciamento-do-ex-presidente-lula.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

LIMA, Danilo Pereira. Não se combate a corrupção com cruzada moralista. **Revista Consultor Jurídico**, 23 out. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-out-23/diario-classe-nao-combate-corrupcao-cruzada-moralista#author>. Acesso em: 07 fev. 2022.

LINS, Aquiles Coelho. **A candidatura Lula em 2018 nas páginas da Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo: agenda e enquadramento.** 106 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Política) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12865>. Acesso em: 09 out. 2021.

LOIS, Cecília Caballero. Nada além de falácias: uma análise argumentativa da sentença condenatória contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. *In: PRONER, Carol et al. (Org.). Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula.* Bauru: Canal 6, 2017.

LOPES, Mauro (Org.). **Lula e a espiritualidade: oração, meditação e militância.** Curitiba: Kottler, 2019.

LUCENA, Eleonora de; LUCENA, Rodolfo. Agentes externos provocaram uma "guerra híbrida" no Brasil, diz escritor. **Brasil de Fato**, 19 out. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/19/agentes-externos-provocaram-uma-guerra-hibrida-no-brasil-diz-escritor>. Acesso em: 09 out. 2021.

LUGARINI, Verônica. As forças que golpearam Dilma Rousseff e a eleição de 2018. **Lejeune Mirhan**, 04 out. 2018. Disponível em: <https://www.lejeune.com.br/index.php/blog/politica-e-conjuntura-nacional/206-as-forcas-que-golpearam-dilma-rousseff-e-a-eleicao-de-2018.html#>. Acesso em: 09 out. 2021.

LULA. “O Bem vencerá o mal” – a íntegra da troca de cartas entre o Papa e Lula. **Lula**, 19 maio 2019. Disponível em: <https://lula.com.br/o-bem-vencera-o-mal-a-integra-da-troca-de-cartas-entre-o-papa-e-lula/>. Acesso em: 07 out. 2021.

LULA fala para o mundo: entrevista para RTP de Portugal. **Canal da Resistência**, 15 out. 2019. 1 vídeo (23min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oMp4FUHfB58>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MAGALHÃES, Mário. A prisão de Lula, o ódio de classe e os golpes dentro do golpe. **The Intercept**, 11 abr. 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/04/11/prisao-lula-odio-golpes/>. Acesso em: 06 out. 2021.

MARQUES, José; NUNES, Wálter; PAGNAN, Rogério. Juiz autoriza transferência de Lula para presídio de Tremembé, no interior de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 ago. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/08/juiz-autoriza-transferencia-de-lula-para-presidio-de-tremembe-no-interior-de-sp.shtml>. Acesso em: 07 out. 2021.

MARZIOTTA, Gisela; TROTTA, Nicolás. Lula da Silva: "Ellos pensaban que la mentira iba a vencer". **Página 12**, 14 set. 2019. [Transcrição e tradução de Facó]. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/218306-lula-da-silva-ellos-pensaban-que-la-mentira-iba-a-vencer>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MIGALHAS. Íntegra de Lula ao Migalhas. **TV Migalhas**, 02 out. 2019. 1 vídeo (65 min). [Transcrição resumida]. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/LulaFala>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MIGUEL, Luiz Felipe. A democracia à beira do abismo. [Prefácio]. In: SILVA, Luiz Inácio Lula da. **A verdade vencerá: o povo sabe porque me condenam**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MIRHAN, Lejeune. **Oriente Médio e a Nova Geopolítica Mundial**. 17 ago. 2021. Disponível em: https://www.lejeune.com.br/index.php/blog/politica-internacional-e-mundo-arabe/338-oriente-medio-e-a-nova-geopolitica-mundial.html#_ftn5. Acesso em: 09 out. 2021.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A desordem mundial: o espectro da total dominação: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MORAIS, Esmael. O processo kafkiano contra Lula no TRF-4, segundo Mauro Santayana. **Blog do Esmael**, 02 jan. 2018. Disponível em: <https://www.esmaelmorais.com.br/2018/01/o-processo-kafkiano-contralula-no-trf-4-segundo-mauro-santayana/>. Acesso em: 06 out. 2021.

MORO, Sérgio F. Considerações sobre a operação mani pulite. **Revista CEJ**, v. 8, n. 26, p. 56-62, 2004. Disponível em: <https://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/625>. Acesso em: 06 out. 2021.

MOTTA, Cláudia. Presidente do Supremo libera Lula para dar entrevistas. **Rede Brasil Atual**, 18 abr. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/04/presidente-do-supremo-libera-lula-para-dar-entrevistas/>. Acesso em: 09 out. 2021.

OLIVEIRA, Eliana Rocha. Uma verdade inconveniente: o caso Lula. **Brasil 247**, 10 jul. 2019. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/uma-verdade-inconveniente-o-caso-lula>. Acesso em: 07 fev. 2022.

OLIVEIRA, Mariana. Decisão de Moro contra liminar de soltura de Lula foi proferida durante suas férias. **Consultório Jurídico**, 08 jul. 2018b. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-jul-08/decisao-moro-soltura-lula-foi-proferida-durante-ferias>. Acesso em: 06 out. 2021.

OLIVEIRA, Mariana. Desembargador do TRF-4 manda soltar Lula ainda neste domingo (8/7). **Consultório Jurídico**, 08 jul. 2018b. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-jul-08/desembargador-trf-manda-soltar-lula-neste-87>. Acesso em: 06 out. 2021.

PASQUALINO, Beatriz; FIDELES, Nina. Lula: “Estou tranquilo. STF decide hoje se vai cumprir a Constituição”. **Brasil de Fato**, 23 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/23/exclusivo-or-lula-estou-tranquilo-stf-decide-hoje-se-vai-cumprir-a-constituicao/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

PASQUALINO, Beatriz; FIDELES, Nina. "Precisamos recuperar o espírito rebelde do povo", diz Lula ao BdF; leia na íntegra. **Brasil de Fato**, 24 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/24/precisamos-recuperar-o-espírito-rebelde-do-povo-diz-lula-ao-bdf-leia-na-integra>. Acesso em: 21 out. 2021.

PENIDO, Ana; STÉDILE, Miguel Enrique. **Ninguém regula a América: guerras híbridas e intervenções estadunidenses na América Latina**. São Paulo: Fundação Rosa de Luxemburgo; Expressão Popular, 2021. Disponível em: <https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2021/04/ninguem-regula-a-america-com-capa.pdf>. Acesso em: 09 out. 2021.

PINHO, Luiz Celso. Michel Foucault e o conceito grego de parresia. **Poiesis: Revista de Filosofia**, v. 12, n. 1, p. 34-43, 2015. Disponível em: <https://testeprod.unimontes.br/poiesis/article/viewFile/363/239>. Acesso em: 06 out. 2021.

POLZONOFF JR., Paulo. A vida é curta demais para ler o livro do Janot. Por isso eu li para você. **Gazeta do Povo**, 03 out. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/rodrigo-janot-memorias-nada-menos-que-tudo-analise-critica/>. Acesso em: 06 out. 2021.

PRONER, Carol *et al.* (Org.). **A resistência ao golpe de 2016**. Bauru: Canal 6, 2016.

PRONER, Carol *et al.* (Org.). **Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula**. Bauru: Canal 6, 2017.

"QUERO a minha inocência" diz Lula da Silva na France 24. **RFI**, 11 out. 2019. Disponível em: <http://www.rfi.fr/pt/mundo/20191011-quero-minha-inocencia-diz-lula-da-silva-na-france-24>. Acesso em: 11 ago. 2021.

RBA. Monja Coen: ‘Lula é digno. Incomoda porque é honesto, correto e pensa em todos’. **Rede Brasil Atual**, 30 jul. 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/07/concordo-e-apoio-o-pensamento-do-presidente-lula-diz-monja-budista/>. Acesso em: 06 out. 2021.

RODRIGUES, Eder Bomfim. As revelações do The Intercept Brasil e as práticas de Lawfare contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. **GGN**, 05 nov. 2019. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/artigos/as-revelacoes-do-the-intercept-brasil-e-as-praticas-de-lawfare-contra-lula-por-eder-bomfim-rodriques/>. Acesso em: 09 out. 2021.

RODRIGUES, Julian. Lula condenado: avanço do golpe. **Forum**, 12 jul. 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/mariafro/bmariafro-julian-rodrigues-2/>. Acesso em: 08 fev. 2022.

ROSÁRIO, Miguel. A transcrição da entrevista de Celso Amorim ao Cafezinho. **O Cafezinho**, 13 out. 2017. Disponível em: <https://www.ocafezinho.com/2017/10/13/transcricao-da-entrevista-de-celso-amorim-ao-cafezinho>. Acesso em: 09 out. 2021.

ROSÁRIO, Miguel do. Exclusivo! A aula de Kakay sobre Lawfare: começou no mensalão e aplicam de novo na Lava Jato. **O Cafezinho**, 11 ago. 2017. Disponível em: <https://www.ocafezinho.com/2017/08/11/exclusivo-a-aula-de-kakay-sobre-lawfare-comecou-no-mensalao-e-aplicam-de-novo-na-lava-jato/>. Acesso em: 06 out. 2021.

ROVER, Tadeu. Decisão do TSE de negar registro da candidatura de Lula foi destaque. **Consultório Jurídico**, 01 set. 2018. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-set-01/decisao-tse-negar-registro-candidatura-lula-foi-destaque>. Acesso em: 07 out. 2021.

SADER, Emir. **Lula e a esquerda do século XXI: neoliberalismo e pós-neoliberalismo no Brasil e na América Latina**. Rio de Janeiro: LPP/UERJ, 2019.

SAMPAIO, André Neves. O Nocaute viajou até Curitiba para conhecer o acampamento Lula Livre. **Nocaute**, 19 abr. 2018. 1 vídeo. (9 min.). Disponível em: <https://nocaute.blog.br/2018/04/19/um-dia-no-acampamento-lula-livre-em-curitiba/>. Acesso em: 07 out. 2021.

SANTANA, Gislane Pereira; SIMEÃO, Elmira Luiza Melo Soares. Notícias falsas: origens, meios de disseminação, contextos e enfrentamento. *In: SEMINARIO HISPANO-BRASILEÑO DE INVESTIGACIÓN EN INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y SOCIEDAD*, 8., São Paulo, 2019. Brasília, DF: UnB, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37895>. Acesso em: 08 fev. 2022.

SANTOS, Ataíde. Vaza Jato indica conluio de TRF-4 com Lava Jato para condenar Lula. **Blog do Ataíde**, 03 fev. 2021. Disponível em: <https://blogdoataide.com.br/vaza-jato-indica-conluio-de-trf-4-com-lava-jato-para-condenar-lula/>. Acesso em: 06 out. 2021.

SCHREIBER, Mariana. Lava Jato: 'tem coisas que foram verdade' e não deve ser totalmente anulada, diz Lula. **BBC News Brasil**, 27 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49504987>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SCHREIBER, Mariana. Pedido de impeachment da OAB contra Dilma é por 'conjunto da obra', diz presidente da ordem. **BBC News Brasil**, 28 mar. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160322_oab_impeachment_ms. Acesso em: 07 fev. 2022.

SEM política não existe economia, diz Lula em entrevista ao GGN. Eduardo Moreira e Luiz Gonzaga Beluzzo. **TV GGN**, 25 set. 2019. 1 vídeo (108 min). [Transcrição de parte da

autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MsiSfnNSx5U&t=2199s>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. Leia a íntegra da entrevista de Lula a Opera Mundi. **Ópera Mundi**, 18 set. 2019. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opera-mundi-entrevista-lula/60632/leia-a-integra-da-entrevista-de-lula-a-opera-mundi>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SERRANO, Pedro Estevam Alves. **Autoritarismo e golpes na América Latina**: breve ensaio sobre jurisdição e exceção. São Paulo: Alameda, 2016.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. **A verdade vencerá**: o povo sabe porque me condenam. São Paulo: Boitempo, 2018.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. Carta de Lula para o Festival Lula Livre. **Lula**, 02 jun. 2019. Disponível em: <https://lula.com.br/carta-de-lula-para-o-festival-lula-livre/>. Acesso em: 07 out. 2021.

SINGER, André Vitor. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Jesse. **A elite do atraso**: da escravidão à lava jato. São Paulo: Leya, 2017.

TATEMOTO, Rafael. Militantes iniciam greve de fome por Justiça no STF e liberdade de Lula. **Brasil de Fato**, Brasília, 30 jul. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/30/militantes-iniciam-greve-de-fome-por-liberdade-de-lula>. Acesso em: 07 out. 2021.

STRUCK, Jean-Philip. Delações da Odebrecht envolvem todos os ex-presidentes vivos. **DW Brasil**, 13 abr. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/dela%C3%A7%C3%B5es-da-odebrecht-envolvem-todos-os-ex-presidentes-vivos/a-38423303>. Acesso em: 07 fev. 2022.

THE INTERCEPT BRASIL. **As mensagens secretas da Lava Jato**. 2019-2021. Disponível em: <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>. Acesso em: 20 out. 2021.

TORRENTE, Andrea. Vídeos: Vigília faz festa após decisão do STF e ‘avisa’ Lula que ele fica em Curitiba. **Gazeta do Povo**, 07 ago. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/lula-fica-curitiba-vigilia-lula-livre/?ref=veja-tambem>. Acesso em: 07 out. 2021.

TRINDADE, José Raimundo. As motivações do golpe e o recrudescimento autoritário. **Carta Maior**, 08 abr. 2018. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-motivacoes-do-golpe-e-o-recrudescimento-autoritario/4/39818>. Acesso em: 25 out. 2019.

TUROLIO JR., Reynaldo. Fux proíbe Folha de entrevistar Lula e determina censura prévia. **Folha de São Paulo**, 29 set. 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/fux-suspende-decisao-de-lewandowski-que-autorizava-entrevista-de-lula-a-folha.shtml>. Acesso em: 07 out. 2021.

TV 247. Exclusivo: entrevista de Lula à TV 247. Mauro Lopes, Paulo Moreira Leite e Pepe Escobar. **Brasil 247**, 22 ago. 2019. 1 vídeo (130 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=drJ6uVrt8dI>. Acesso em: 20 jul. 2021.

ULLOA, Fernando. Sociedad y crueldade. *In*: SEMINARIO INTERNACIONAL LA ESCUELA MEDIA HOY. Desafíos, debates, perspectivas. Huerta Grande, Córdoba, 05-08 abr.2005. Buenos Aires: Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología de la Nación, 2005. Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL002016.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2022

VALIM, Rafael. **Estado de exceção**: a forma jurídica do neoliberalismo São Paulo: Contracorrente, 2017.

YERGIN, Daniel. **O Petróleo**: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

WENTZEL, Marina; SCHREIBER, Mariana. Comitê da ONU diz que Lula deveria disputar eleição; para Itamaraty, recomendação não tem impacto jurídico. **BBC News**, 17 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45196783>. Acesso em: 07 out. 2021.

ZANIN, Cristiano; MARTINS, Valeska; VALIM, Rafael. **Lawfare**: uma introdução. São Paulo: Contracorrente, 2019.

ANEXO A - Íntegra do discurso de Lula em São Bernardo do Campo, em 7 de abril de 2018⁷⁰

"Em 1979, esse sindicato fez uma das greves mais extraordinárias. E nós conseguimos fazer um acordo com a indústria automobilística que foi talvez o melhor possível. E eu tinha uma comissão de Fábrica com 300 trabalhadores. O acordo era bom. E eu resolvi levar o acordo para Assembleia. E resolvi pedir pra comissão de fábrica ir mais cedo para conversar com a peãozada. Eu fazia assembleia de manhã pra evitar que o pessoal bebesse um pouquinho a tarde, porque quando a gente bebe um pouquinho, a gente fica mais ousado.

Mesmo assim não evitava, porque o cara levava litro de conhaque dentro da mala e, quando eu passava, tomava uma 'dosinha' para a garganta ficar melhor - coisa que não aconteceu hoje.

Pois bem, nós começamos a colocar o acordo em votação e 100 mil pessoas no Estádio da Vila Euclides não aceitavam o acordo. Era o melhor possível. A gente não perdia dia de férias, não perdia décimo terceiro e tinha 15% de aumento. Mas a peãozada 'tava' tão radicalizada que queria 83% ou nada. E não conseguimos. E passamos um ano sendo chamado de pelego pelos trabalhadores. A gente, Guilherme, ia na porta de fábrica... [Lula começa a fazer saudações diversas]. Então, companheiros e companheiras, nós conseguimos... os trabalhadores não aprovaram o acordo... [interrupção para atendimento médico a pessoa na multidão].

Eu ia dizendo pra vocês que nós não conseguimos aprovar a proposta que eu considerava boa e o pessoal então passou a desrespeitar a diretoria do Sindicato. Eu ia na porta da fábrica e ninguém parava.

E a imprensa escrevia: "Lula fala para os ouvidos moucos dos trabalhadores".

Nós levamos um ano para recuperar o nosso prestígio na categoria. E eu fiquei pensando com ar de vingança: "Os trabalhadores pensam que eles podem fazer 100 dias de greve, 400 dias de greve, que eles vão até o fim. Pois eu vou testá-los em 1980".

E fizemos a maior greve da nossa história. A maior greve. 41 dias de greve. Com 17 dias de greve, fui preso. Os trabalhadores começaram, depois de alguns dias, a furar greve. Eu sei que Tuma, eu sei que o doutor Almir e eu sei que o Teotônio Vilela iam dentro da cadeia e falavam assim pra mim: "Ô, Lula, cê precisa acabar com a greve, cê precisa dar um conselho para acabar com a greve". E eu dizia: "Eu não vou acabar com a greve. Os trabalhadores vão decidir por conta própria".

O dado concreto é que ninguém aguentou 41 dias porque, na prática, o companheiro tinha que pagar leite, tinha que pagar a conta de luz, tinha que pagar gás, a mulher começou a cobrar o dinheiro do pão, ele então começou a sofrer pressão e não aguentou. Mas é engraçado porque, na derrota, a gente ganhou muito mais sem ganhar economicamente do que quando a gente ganhou

⁷⁰ LEIA a íntegra do discurso histórico de Lula em São Bernardo. **Brasil de Fato**, 07 abr. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/07/leia-a-integra-do-discurso-historico-de-lula-em-sao-bernardo/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

economicamente. Significa que não é dinheiro que resolve o problema de uma greve, não é 5%, não é 10%, é o que está embutido de teoria política, de conhecimento político e de tese política numa greve.

Agora, nós estamos quase que na mesma situação. Quase que na mesma situação. Eu tô sendo processado e eu tenho dito claramente: “O processo do meu apartamento, eu sou o único ser humano que sou processado por um apartamento que não é meu”. E ele sabe que o Globo mentiu quando disse que era meu. A Polícia Federal da Lava Jato, quando fez o inquérito, mentiu que era meu. O Ministério Público, quando fez a acusação, mentiu dizendo que era meu. E eu pensei que o Moro ia resolver e ele mentiu dizendo que era meu e me condenou a nove anos de cadeia.

É por isso que eu sou um cidadão indignado, porque eu já fiz muita coisa com meus 72 anos. Mas eu não os perdoo por ter passado para a sociedade a ideia de que eu sou um ladrão. Deram a primazia dos bandidos fazerem um pixuleco pelo Brasil inteiro. Deram a primazia dos bandidos chamarem a gente de petralha. Deram a primazia de criar quase um clima de guerra, negando a política nesse país. E eu digo todo dia: nenhum deles, nenhum deles, tem coragem ou dorme com a consciência tranquila da honestidade, da inocência que eu durmo. Nenhum deles. [Aplausos].

Eu não estou acima da Justiça. Se eu não acreditasse na Justiça, eu não tinha feito partido político. Eu tinha proposto uma revolução nesse país. Mas eu acredito na Justiça, numa Justiça justa, numa Justiça que vota um processo baseado nos autos do processo, baseado nas informações das acusações, das defesas, na prova concreta que tem a arma do crime.

O que eu não posso admitir é um procurador que fez um Powerpoint e foi pra televisão dizer que o PT é uma organização criminososa que nasceu para roubar o Brasil e que o Lula, por ser a figura mais importante desse partido, o Lula é o chefe e, portanto, se o Lula é o chefe, diz o procurador, “eu não preciso de provas, eu tenho convicção”. Eu quero que ele guarde a convicção dele para os comparsas deles, para os asseclas dele e não para mim. Certamente, um ladrão não estaria exigindo prova. Estaria de rabo preso com a boca fechada torcendo para a imprensa não falar o nome dele.

Eu tenho mais de 70 horas de Jornal Nacional me triturando. Eu tenho mais de 70 capas de revista me atacando. Eu tenho milhares de páginas de jornais e matérias me atacando. Eu tenho mais a Record me atacando. Eu tenho mais a Bandeirantes me atacando, eu tenho a rádio do interior me atacando. E o que eles não se dão conta é que, quanto mais eles me atacam, mais cresce a minha relação com o povo brasileiro.

Eu não tenho medo deles. Eu até já falei que gostaria de fazer um debate com o Moro sobre a denúncia que ele fez contra mim. Eu gostaria que ele me mostrasse alguma coisa de prova. Eu já desafiei os juízes do TRF4 que eles fossem para um debate na universidade que eles quiserem, no curso que eles quiserem, provar qual é o crime que eu cometi nesse país. E eu, às vezes, tenho a impressão - e tenho a impressão porque eu sou um construtor de sonhos. Eu há muito tempo atrás sonhei que era possível governar esse país envolvendo milhões e milhões de pessoas pobres na economia, envolvendo milhões de pessoas nas universidades, criando milhões e milhões de empregos nesse país. Eu sonhei, eu sonhei que era possível um metalúrgico, sem diploma universitário, cuidar

mais da educação que os diplomados e concursados que governaram esse país. Eu sonhei que era possível a gente diminuir a mortalidade infantil levando leite feijão e arroz para que as crianças pudessem comer todo dia. Eu sonhei que era possível pegar os estudantes da periferia e colocá-los nas melhores universidades desse país para que a gente não tenha juízes e procuradores só da elite. Daqui a pouco vamos ter juízes e procuradores nascidos na favela de Heliópolis, nascidos em Itaquera, nascidos na periferia. Nós vamos ter muita gente dos Sem Terra, do MTST, da CUT formados.

Esse crime eu cometi.

Eu cometi esse crime e eles não querem que eu cometa mais. É por conta desse crime que já tem uns dez processos contra mim. E se for por esses crimes, de colocar pobre na universidade, negro na universidade, pobre comer carne, pobre comprar carro, pobre viajar de avião, pobre fazer sua pequena agricultura, ser microempreendedor, ter sua casa própria. Se esse é o crime que eu cometi eu quero dizer que vou continuar sendo criminoso nesse país porque vou fazer muito mais. Vou fazer muito mais. [Povo começa a gritar “Lula, guerreiro do povo brasileiro”].

Companheiros e companheiras, eu, em 1986, fui o deputado constituinte mais votado na história do país. E, na época, havia uma desconfiança de que só tinha poder no PT quem tinha mandato. Quem não tivesse mandato era tido... [começa a fazer saudações]. Então companheiros, quando eu percebi que o povo desconfiava que só tinha valor no PT quem era deputado, Manuela e Guilherme, sabe o que eu fiz? Deixei de ser deputado. Porque eu queria provar ao PT que ia continuar sendo a figura mais importante do PT sem ter mandato. Porque se alguém quiser ganhar de mim no PT só tem um jeito: é trabalhar mais do que eu e gostar do povo mais do que eu, porque, se não gostar, não vai ganhar.

Pois bem: nós agora estamos num trabalho delicado. Eu talvez viva o momento de maior indignação que um ser humano vive. Não é fácil o que sofre a minha família. Não é fácil o que sofrem meus filhos. Não é fácil o que sofreu a Marisa. E eu quero dizer que a antecipação da morte da Marisa foi a safadeza e a sacanagem que a imprensa e o Ministério Público fizeram contra ela. Eu tenho certeza. Essa gente eu acho que não tem filho, não tem alma e não tem noção do que sente uma mãe ou um pai quando vê um filho massacrado, quando vê um filho sendo atacado.

Eu então, companheiros, resolvi levantar a cabeça. Não pense que eu sou contra a Lava Jato não. A Lava Jato, se pegar bandido, tem que pegar bandido mesmo que roubou e prender. Todos nós queremos isso. Todos nós, a vida inteira, dizíamos: “A Justiça só prende pobre, não prende rico”. Todos nós dizíamos. E eu quero que continue prendendo rico. Eu quero. Agora, qual é o problema? É que você não pode fazer julgamento subordinado à imprensa. Porque, no fundo, no fundo, você destrói as pessoas na sociedade, na imagem das pessoas e depois os juízes vão julgar e vão dizer “eu não posso ir contra a opinião pública que tá pedindo pra caçar”. Quem quiser votar com base na opinião pública, largue a toga e vá ser candidato a deputado, escolha um partido político e vá ser candidato. Ora, a toga ela é o emprego vitalício. O cidadão tem que votar apenas com base nos autos do processo, aliás eu acho que ministro da Suprema Corte não deveria dar declaração de como vai votar. Nos EUA,

termina a votação e você não sabe em quem o cidadão votou exatamente para que ele não seja vítima de pressão.

Imagina um cara sendo acusado de homicídio e não tenha sido ele o assassino. O que a família do morto quer? Que ele seja morto, que ele seja condenado. Então, o juiz tem que ter, diferentemente de nós, a cabeça mais fria, mais responsabilidade de fazer a acusação ou de condenar. O Ministério Público é uma instituição muito forte. Por isso, esses meninos que entram muito novos, fazem um curso direito e depois faz três anos de concurso porque o pai pode pagar, esses meninos precisavam conhecer um pouco da vida, um pouco de política, para fazer o que eles fazem na sociedade brasileira.

Tem uma coisa chamada responsabilidade. E não pense que quando eu falo assim [quer dizer que] eu sou contra. Eu fui presidente e indiquei quatro procuradores e fiz discurso em todas as posses. Eu dizia: “Quanto mais forte for a instituição, mais responsável os seus membros têm que ser”. Você não pode condenar a pessoa pela imprensa para depois julgá-la. Vocês estão lembrados de que, quando eu fui prestar depoimento lá em Curitiba, eu disse para o Moro: “Você não tem condições de me absolver porque a Globo tá exigindo que você me condene e você vai me condenar”.

Pois bem, eu acho que tanto o TRF4, quanto o Moro, a Lava Jato e a Globo, eles têm um sonho de consumo. O sonho de consumo é que, primeiro, o golpe não terminou com a Dilma. O golpe só vai concluir quando eles conseguirem convencer que o Lula não possa ser candidato à presidência da república em 2018. Não é que eu não vou ser, eles não querem que eu participe porque existe a possibilidade de cada um se eleger. Eles não querem o Lula de volta porque pobre na cabeça deles não pode ter direito. Não pode comer carne de primeira. Pobre não pode andar de avião. Pobre não pode fazer universidade. Pobre nasceu, segundo a lógica deles, para comer e ter coisas de segunda categoria.

Então, companheiros e companheiras, o outro sonho de consumo deles é a fotografia do Lula preso. Ah, eu fico imaginando o tesão da Veja colocando a capa comigo preso. Eu fico imaginando o tesão da Globo colocando a minha fotografia preso. Eles vão ter orgasmos múltiplos.

Eles decretaram a minha prisão. E deixa eu contar uma coisa pra vocês: eu vou atender o mandado deles. E vou atender porque eu quero fazer a transferência de responsabilidade. Eles acham que tudo que acontece neste país acontece por minha causa. Eu já fui condenado a 3 anos de cadeia porque um juiz de Manaus entendeu que eu não preciso de arma, eu tenho uma língua ferina, então precisa me calar, porque se não me calar, ele vai continuar falando frases como eu falei, "tá chegando a hora da onça beber água", e os camponeses mataram um fazendeiro e eles achavam que era a senha.

Eles já tentaram me prender por obstrução de justiça, não deu certo. Eles agora querem me pegar numa prisão preventiva, que é uma coisa mais grave, porque não tem habeas corpus. O Vaccari já tá preso há três anos. O Marcelo Odebrecht gastou R\$ 400 milhões e não teve habeas corpus. Eu não vou gastar um tostão. Mas vou lá com a seguinte crença: eles vão descobrir pela primeira vez o que eu tenho dito todo dia. Eles não sabem que o problema deste país não se chama Lula, o problema

deste país chama-se vocês, a consciência do povo, o Partido dos Trabalhadores, o PCdoB, o MST, o MTST, eles sabem que tem muita gente.

E aquilo que a nossa pastora disse, e eu tenho dito em todo discurso, não adianta tentar me impedir de andar por este país, porque têm milhões e milhões de Boulos, de Manueles, de Dilmás Rousseffs neste país para andar por mim.

Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las.

Não adianta parar o meu sonho, porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês e pelos sonhos de vocês.

Não adianta achar que tudo vai parar o dia que o Lula tiver um infarto, é bobagem, porque o meu coração baterá pelos corações de vocês, e são milhões de corações.

Não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare, eu não pararei porque eu não sou um ser humano, sou uma ideia, uma ideia misturada com a ideia de vocês. E eu tenho certeza que companheiros como os sem-terra, o MTST, os companheiros da CUT e do movimento sindical sabem. E esta é uma prova, esta é uma prova. Eu vou cumprir o mandado e vocês vão ter de se transformar, cada um de vocês, vocês não vão se chamar chiquinho, zezinho, joãozinho, albertinho... Todos vocês, daqui pra frente, vão virar Lula e vão andar por este país fazendo o que vocês têm que fazer e é todo dia! Todo dia!

Eles têm de saber que a morte de um combatente não para a revolução. Eles têm de saber. Eles têm de saber que nós vamos fazer definitivamente uma regulação dos meios de comunicação para que o povo não seja vítima das mentiras todo santo dia.

Eles têm de saber que vocês, quem sabe, são até mais inteligentes que eu, e queimar os pneus que vocês tanto queimam, fazer as passeatas, as ocupações no campo e na cidade. Parecia difícil a ocupação de São Bernardo, e amanhã vocês vão receber a notícia que vocês ganharam o terreno que vocês invadiram.

Companheiros, eu tive chance, agora, eu estava no Uruguai, entre Livramento e Rivera, e as pessoas diziam assim, "ô, Lula, você finge que vai comprar um "uisquzinho", e você vai para o Uruguai com o Pepe Mujica e vai embora e não volta mais, pede asilo político. Você pode ir na embaixada da Bolívia, do Uruguai, da Rússia, e de lá você fica falando..." Eu não tenho mais idade. Minha idade é de enfrentá-los com olho no olho e eu vou enfrentá-los aceitando cumprir o mandado.

Eu quero saber quantos dias eles vão pensar que tão me prendendo. E, quantos mais dias eles me deixarem lá, mais Lulas vão nascer neste país e mais gente vai querer brigar neste país, porque numa democracia, não tem limite, não tem hora para a gente brigar. Eu falei para os meus companheiros: se dependesse da minha vontade eu não ia, mas eu vou porque eles vão dizer, a partir de amanhã, que o Lula tá foragido, que o Lula tá escondido, e não! Eu não tô escondido, eu vou lá na barba deles pra eles saberem que eu não tenho medo, que eu não vou correr, e para eles saberem que eu vou provar minha inocência.

Eles têm de saber isso.

E façam o que quiserem. Façam o que quiserem. Eu vou pegar uma frase que eu peguei em 1982 de uma menina de 10 anos em Catanduva, e essa frase não tem autor:

Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais poderão deter a chegada da primavera.

E a nossa luta é em busca da primavera.

Eles têm de saber que nós queremos mais casa, mais escola. Nós queremos menos mortalidade, nós não queremos repetir a barbaridade que fizeram com a Marielle no Rio de Janeiro.

Não queremos repetir a barbaridade que se faz com meninos negros neste país.

Não queremos mais a mortalidade por desnutrição neste país. Não queremos mais que um jovem não tenha esperança de entrar numa universidade, porque este país é tão cretino, que foi o último país do mundo a ter uma universidade. O último! Todos os países mais pobres tiveram, porque eles não queriam que a juventude brasileira estudasse.

E falavam que custava muito. É de se perguntar: quanto custou não fazer 50 anos atrás?

Eu quero que vocês saibam que eu tenho orgulho, profundo orgulho, de ter sido o único presidente da República sem ter um diploma universitário, mas sou o presidente da República que mais fez universidade na história deste país, para mostrar para essa gente que não confunda inteligência com a quantidade de anos na escolaridade, isso não é inteligência, é conhecimento.

Inteligência é quando você tem lado, inteligência é quando você não tem medo de discutir com os companheiros aquilo que é prioridade, e a prioridade é garantir que este país volte a ter cidadania. Não vão vender a Petrobras!ⁱⁱ Vamos fazer uma nova Constituinte!ⁱⁱⁱ Vamos revogar a lei do petróleo que eles tão fazendo! Não vamos deixar vender o BNDES, não vamos deixar vender a Caixa, não vamos deixar destruir o Banco do Brasil! E vamos fortalecer a agricultura familiar, que é responsável por 70% do alimento que nós comemos neste país.

E com essa crença, companheiros, de cabeça erguida, como eu estou falando com vocês, que eu quero chegar lá e dizer ao delegado: estou à disposição.

E a história, daqui a alguns dias^{iv}, vai provar que quem cometeu crime foi o delegado que me acusou, foi o juiz que me julgou e foi o Ministério Público que foi leviano comigo.

Por isso, companheiros, eu não tenho lugar no meu coração pra todo mundo, mas eu quero que vocês saibam que se tem uma coisa que eu aprendi a gostar neste mundo é da minha relação com o povo.

Quando eu pego na mão de um de vocês, quando eu abraço um de vocês, quando eu beijo um de vocês... porque agora eu beijo homem e mulher igualzinho... Quando eu beijo um de vocês, eu não estou beijando com segundas intenções, eu estou beijando porque, quando eu era presidente, eu dizia:

E eu sei quem são meus amigos eternos e quem são os eventuais. Os de gravatinha, que iam atrás de mim, agora desapareceram. E quem está comigo são aqueles companheiros que eram meus amigos antes de eu ser presidente da República. É aquele que comia rabada no Zelão, que comia

frango com polenta no Demarchi, é aquele que tomava caldo de mocotó no Zelão, esses continuam sendo nossos amigos. São os que têm coragem de invadir terreno pra fazer casa, são aqueles que têm coragem de fazer uma greve contra a previdência, são aqueles que ocupam no campo pra fazer uma fazenda produtiva, são aqueles que, na verdade, precisam do Estado.

Companheiros, eu vou dizer uma coisa pra vocês: Vocês vão perceber que eu vou sair desta maior, mais forte, mais verdadeiro, e inocente, porque eu quero provar que eles é que cometeram um crime, um crime político de perseguir um homem que tem 50 anos de história política, e por isso eu sou muito grato^v.

Eu não tenho como pagar a gratidão, o carinho e o respeito que vocês têm dedicado a mim nesses anos todos. E quero dizer a vocês, Guilherme e Manuela, a vocês dois, que para mim é motivo de orgulho pertencer a uma geração, que está no final dela, ver nascer dois jovens disputando o direito de ser presidente da República neste país. Por isso, grande abraço, e podem ficar certos: esse pescoço aqui não baixa, minha mãe já fez o pescoço curto pra ele não baixar, e não vai baixar, porque eu vou sair de lá de cabeça erguida e de peito estufado, porque eu vou provar a minha inocência.

Um abraço companheiro, obrigado, mas muito obrigado, pelo que vocês me ajudaram, um beijo, querido, muito obrigado!"

ANEXO B - Entrevista de Lula aos jornalistas Monica Bergamo, da Folha de SP, e Florestan Fernandes, do El Pais, em 26 de abril de 2019⁷¹

Mônica Bergamo: A gente queria começar falando da prisão do senhor, que foi um dia histórico no Brasil. O que passou pela cabeça do senhor quando estava sendo preso e sendo conduzido para a prisão?

Lula: Durante todo o processo, eu não sei se cheguei a conversar com você, mas sempre tive certeza, desde que começaram os discursos e o processo da Lava Jato, de que tinha um objetivo central, que ia chegar em mim. Aliás, uma amiga nossa, jornalista importante, Tereza Cruvinel, escreveu um artigo importante em que ela falava: "o que eles querem na verdade é o Lula". Isso foi ficando patente em todos os depoimentos, vocês estão lembrados que a imprensa retratava: prenderam fulano, ah, vai chegar no Lula, prenderam fulano, ah, vai chegar no Lula. Prenderam fulano. E muita gente que era presa, a primeira pergunta que faziam era: você conhece o Lula? Você é amigo do Lula? Você fez alguma coisa? Todo mundo. E eu sabia disso porque a imprensa retratava, as pessoas contavam, sabia disso porque advogado conversava com advogado. Foi ficando patente que o objetivo era chegar em mim. Tinha companheiros no PT que não gostavam quando eu dizia isso, sabe, eles vão chegar em mim e depois vão caminhar para criminalizar o PT. Pois bem, quando ficou claro que o objetivo central era efetivamente... Tinha muita gente que achava que eu deveria sair do Brasil, ir para uma embaixada, muita gente achava que eu deveria fugir. Eu tomei como decisão que meu lugar é aqui. Eu tenho tanta obsessão de desmascarar o Moro, desmascarar o Dallagnol e a sua turma e desmascarar aqueles que me condenaram, que eu ficarei preso cem anos, mas eu não trocarei a minha dignidade pela minha liberdade. Eu quero provar a farsa montada. Eu quero provar. Montada aqui dentro, no departamento de Justiça dos Estados Unidos, com depoimento de procuradores, com filme gravado, e agora mais agravado com a criação da fundação Criança Esperança do Dallagnol, pegando 2,5 bilhões de reais da Petrobras para criar uma fundação para ele. Fora 6,8 bilhões da Odebrecht e fora não sei quantas outras coisas. Eu tenho uma obsessão, você sabe que eu não tenho ódio, não guardo mágoa, porque, na minha idade, quando a gente fica com ódio a gente morre antes. Como eu quero viver até os 120 anos, porque acho que sou um ser humano que nasceu para ir até os 120, eu vou trabalhar muito para mostrar a minha inocência e a farsa que foi montada. Por isso eu vim para cá com muita tranquilidade. Havia uma briga no sindicato aquele dia entre os que queriam que eu viesse e os que não queriam. E eu tomei a decisão. Eu falei: eu vou, eu vou lá. Eu não vou esperar que eles venham até mim, eu vou até eles, porque eu quero ficar preso perto do Moro. O Moro saiu daqui. Mas eu quero ficar. Porque eu tenho que provar minha inocência.

⁷¹ EXCLUSIVO: íntegra de entrevista de Lula à Folha. Monica Bergamo e Florestan Fernandes. **Folha de São Paulo**, 26 abr. 2019. 1 vídeo (115 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zCzco42kRAg>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Mônica Bergamo: Pode ser que o senhor fique aqui para sempre. Mesmo assim, o senhor acha que tomou a decisão correta?

Lula: Tomaria outra vez.

Mônica Bergamo: O senhor já pensou que pode ficar aqui para sempre?

Lula: Não tem problema. Eu tenho certeza que eu durmo todo dia com a minha consciência tranquila. Tenho certeza que o Dallagnol não dorme, que o Moro não dorme. E aqueles juízes do TRF-4 que nem leram a sentença. Fizeram um acordo lá, era melhor que um só um tivesse lido e ter falado todo mundo aqui vota igual. Então eu quero, sinceramente. Quem tem 73 anos de idade, quem construiu a vida que eu construí neste país, quem estabeleceu as relações que eu estabeleci, quem fez o Governo que eu fiz nesse país, quem recuperou o orgulho e a autoestima do povo brasileiro como eu e vocês fizemos no meu período de Governo, não vou me entregar. Então eles sabem que tem aqui um pernambucano teimoso. Eu digo sempre, quem nasceu em Pernambuco e não morreu de fome até os cinco anos de idade, não se curva mais a nada. Você pensa que eu não gostaria de estar em casa? Eu adoraria estar em casa com a minha mulher, com os meus filhos, meus netos, com meus companheiros. Mas não faço nenhuma questão. Porque eu quero sair daqui com a cabeça erguida como eu entrei. Inocente. E eu só posso fazer isso se eu tiver coragem e lutar por isso.

Florestan Fernandes: Recentemente, o ministro Paulo Guedes disse que o senhor não cometeu nenhum crime, que não roubou. O ministro do Bolsonaro admitiu isso. Depois, o Marco Aurélio disse, recentemente, que não vê indícios de crime no triplex do Guarujá. E o Maurício Dieter, um dos maiores criminalistas, disse que não há crime material. O senhor acredita que com a devolução do dinheiro que foi pago pela sua esposa por esse triplex, você pode tentar conseguir sua absolvição, é possível isso? Você acredita nisso?

Lula: Por incrível que pareça, eu acredito. Sabe que nessas coisas eu continuo com a cabeça de Lulinha paz e amor. Eu acredito na construção de um mundo melhor, num mundo de Justiça. O que eu penso na vida? Penso que haverá um dia em que as pessoas que irão me julgar estarão preocupados com os autos do processo, com as provas contidas no processo, e não com a manchete do Jornal Nacional, com as capas das revistas, não com as mentiras do *fake news*. As pessoas se comportarão como juízes supremos de uma corte, que é a única coisa que a gente não pode recorrer. E que já tomou decisão muito importante. Essa Corte votou, por exemplo, células-tronco, contra boa parte da Igreja Católica. Já votou a questão Raposa Serra do Sol contra os poderosos do arroz no Estado de Roraima. Essa mesma corte votou união civil contra todo o preconceito evangélico. Essa corte votou as cotas para que os negros pudessem entrar. Ela já demonstrou que teve coragem e se comportou. Ora, no meu caso, a única coisa que eu quero é que vote com relação aos autos do processo. Eu não peço favor a ninguém, eu não quero favor de ninguém, eu não quero. Só quero, pelo amor de Deus, que as pessoas

julguem, julguem em funções das provas. Eu tenho certeza, o Moro tem certeza. Se as pessoas não confessarem agora, no dia da extrema unção a gente vai confessar. Ele tem certeza que eu sou inocente. O Dallagnol ele tem certeza que é mentiroso. Eu estou aqui, meu caro, para procurar justiça, para provar a minha inocência, mas estou muito mais preocupado com o que está acontecendo com o povo brasileiro. Porque eu posso brigar, mas o povo nem sempre pode.

Florestan Fernandes: O senhor, durante esse um ano, passou por dois momentos de muita tristeza, que foi a morte do seu irmão e depois a morte do seu neto, Arthur. O que, para o senhor, depois de viver isso, o que fica da vida do senhor?

Lula: Olha Florestan, eu vou contar uma coisa para você. Esses dois momentos foram os mais graves. Eu poderia incluir a perda de um companheiro como o Sigmaringa Seixas, que foi meu companheiro de dezenas e dezenas de anos. E a morte do meu irmão Vavá, o Vavá é como se fosse um pai da família toda. E a morte do meu neto foi uma coisa que efetivamente não, não, não... [pausa e chora]. Eu às vezes penso que seria tão mais fácil que eu tivesse morrido. Porque eu já vivi 73 anos, eu poderia morrer e deixar meu neto viver. Mas não é. Não são apenas esses momentos que deixam a gente triste, sabe? Eu sou um homem que tenta ser alegre, tento trabalhar muito a questão do ódio, tento sabe, trabalho muito para vencer essa questão do ódio, essa mágoa profunda. Eu quando vejo essa gente que me condenou na televisão, sabendo que eles são mentirosos, sabendo que eles forjaram uma história, aquela história do *power point* do Dallagnol, aquilo nem o bisneto dele vai acreditar naquilo. Esse messianismo ignorante, sabe? Então eu tenho muitos momentos de tristeza aqui. Mas o que me mantém vivo, e é isso que eles têm que saber, eu tenho um compromisso com esse país, eu tenho um compromisso com esse povo. E eu estou vendo o que é obsessão que está acontecendo agora, a obsessão de destruir a soberania nacional, a obsessão de destruir empregos, a obsessão de juntar um trilhão pra quê? Às custas dos aposentados? Se eles lessem alguma coisa, se eles conversassem, eles saberiam que esse cidadão aqui semianalfabeto, quarto ano primário, curso de torneiro mecânico, juntou trezentos e setenta bilhões de dólares de reserva que a 4 reais o dólar dá mais de um trilhão e duzentos sem causar nenhum prejuízo a nenhum brasileiro. Então, se eles querem juntar um trilhão tem uma fórmula secreta: coloque o povo no orçamento da União. Segundo, gere emprego. Terceiro: gere crédito pra pessoas. 'Ah, mas o povo está devendo? Está. Tire o penduricalho da dívida do povo e ele paga apenas o principal no banco e você vai perceber que as pessoas voltam a poder comprar. Um país que não gera emprego, não gera salário, não gera renda, quer pegar dos aposentados, dos velinhos, um trilhão? O Guedes precisava criar vergonha. Onde que ele fez esse curso de economia dele? Se ele quiser me visitar aqui eu discuto com ele como a gente resolve esse problema dos pobres sem causar prejuízo aos pobres. Por que que não mostra os privilegiados que ele fala que vai acabar com o privilégio? Coloca a lista no jornal de dez privilegiados. Coloca nome, CPF. Não, é o coitado que vai ter que trabalhar até os 65 anos, que vai ter que contribuir 40 anos. Ele não percebe que tem muita gente que morre antes de chegar nessa idade. Então eu lamento profundamente

o desastre que está acontecendo nesse país e é por isso que eu me mantenho em pé. O dia que eu sair daqui eles sabem: eu estarei com o pé na estrada. Para junto com esse povo levantar a cabeça e não deixar entregar o Brasil aos americanos. Acabar com esse complexo de vira-lata. Nunca vi um presidente bater continência para a bandeira americana. Nunca vi um presidente dizer 'eu amo os Estados Unidos'. Ama sua mãe, ama o seu país. Alguém acha que os EUA vão favorecer o Brasil? Americano pensa em americano em primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto lugar. E se sobrar tempo, pensa em americano. E fica os lacaios brasileiros achando que os americanos vão fazer alguma coisa por nós. Quem tem que fazer por nós somos nós. Acabar com o complexo de vira-lata, levantar a cabeça e a solução dos problemas do Brasil está dentro do Brasil.

Mônica Bergamo: Queria saber como é a rotina do senhor. O senhor passa muitos momentos sozinho?

Lula: Passo o tempo inteiro sozinho.

Mônica Bergamo: Já tive a oportunidade de entrevistar algumas pessoas presas, mas que tinham outras pessoas. E como é essa coisa do tempo não passar?

Lula: Eu vejo *pen drive* que o pessoal me manda. Assisto a muitos filmes, muitas séries, muitos discursos, muitas aulas. Por exemplo, fiz na minha cela - que trato como sala porque é melhor, não como cela - um curso sobre Canudos. O canal Paz e Bem tem um curso recontando as histórias, mostrando as mentiras que Euclides da Cunha contou sobre Canudos. A história não é aquela. Fiz um curso de oito aulas. Sugerir ao Mauro Lopes, do canal Paz e Bem, um curso retratos do Brasil sobre todas as lutas sociais do Brasil. E agora acho que toda segunda-feira tem uma aula. Eu espero juntar umas quatro ou cinco, recebo um *pen drive*, vou assistindo e vou me aprimorando. Quando eu sair daqui, sairei doutor.

Mônica Bergamo: Na sua rotina, o senhor lava sua roupa, lava suas próprias coisas? E a prisão mudou o senhor em alguma coisa?

Lula: É engraçado, eu sempre tive vontade de morar sozinho. Quando fiquei viúvo a primeira vez, em 1971, eu fiquei bravo com a minha mãe, porque meu sonho era alugar uma quitinete e morar sozinho. Minha mãe morava com a minha irmã, ela abandonou a minha irmã, foi na minha casa e exigiu que eu alugasse uma casa para ela morar comigo. E eu morei com a minha mãe por três anos e meio. Sabe aquele sonho que nunca tive? Jogar a cueca para qualquer lado, a camiseta para qualquer lado, a meia para qualquer lado. Não ter que prestar conta, não ter ninguém atrás de mim. Colhe, recolhe, põe na gaveta, põe no chuveiro. Hoje, eu faço isso. Mas eu preencho meu tempo vendo muita coisa. Não lavo as minhas roupas, eu mando para o meu pessoal lavar. Mas eu curto a solidão tentando aprender e

mentalizar minha espiritualidade. Tentar gostar mais do ser humano. Ficar um pouco mais humano. Acho que vou sair daqui melhor do que entrei, com menos raiva das pessoas. Vou sair um cidadão bom daqui. E motivado para brigar. Estou doído para fazer uma caravana.

Florestan Fernandes: Tem um grupo de militantes aí na porta que dizem bom dia, boa tarde e boa noite para o senhor todos os dias. O senhor escuta esse grito? Como é para o senhor?

Lula: Escuto todo santo dia. Quando tem atividade, que eles colocam um carro de som um pouquinho melhor, eu escuto o discurso das 9h às 21h. Eu sinceramente não sei como um dia eu vou poder agradecer essa gente. Tem gente que está aqui exatamente desde o dia que eu cheguei. Vai para a casa, lava a roupa e volta. Então eu serei eternamente grato. Não sei se isso já aconteceu alguma vez na história com alguém, mas eu não sei o que fazer para agradecer. Já disse para todos que certamente a polícia tem as suas regras, o meu pessoal tem as suas regras, mas quando eu sair daqui quero sair a pé e ir lá no meio deles. A primeira cachaça eu quero tomar com eles. E brindar.

Florestan Fernandes: Vamos falar um pouco de política nacional. Seu partido perdeu a eleição ano passado e a extrema direita chega ao poder com o voto de muitos eleitores que eram do PT. Como o senhor avalia essa guinada à direita de um eleitorado que era tão grato à sua administração?

Lula: Vamos relativizar tudo isso, porque uma das coisas que eu esqueci de falar, uma das condições que fez com que eu também viesse pra cá, era porque não havia nenhum advogado naquele instante que não garantisse que eu disputaria as eleições sub judice, tá. Havia uma certeza de muitos juristas de que não haveria como impedir minha candidatura, mesmo condenado eu poderia concorrer sub judice. E eu tinha certeza e estava com um orgulho muito grande de ganhar as eleições de dentro da cadeia. É importante lembrar que eu cresci 16 pontos aqui dentro, sem poder falar. Aí, quando o ministro Barroso fez aquela loucura, que eu tive que assinar uma carta dizendo para o Haddad ser o candidato, aí eu senti que nós estaríamos correndo risco, porque a transferência de votos não é algo simples, não é automática, leva tempo e eu também tinha certeza que o Haddad poderia representar muito bem a candidatura como ele representou.

Tivemos uma eleição atípica no Brasil. Vamos ser francos. O papel do *fake news* na campanha, a quantidade de mentira, a robotização da campanha na Internet foi uma coisa maluca. E depois a falta de sensibilidade dos setores de esquerda de não se unir. A coisa foi tão maluca que a Marina Silva, que quase foi presidenta em 2014, teve 1% dos votos. A coisa é tão maluca que muita gente, e eu respeito o voto do povo, o povo não é bom só quem vota em mim, mas a verdade é que o povo votou, eu nunca tinha visto o povo, eu não pude nem votar, então conta um voto a menos para o Haddad, porque eu não pude votar. Eu nunca tinha visto o povo com tanto ódio nas ruas. Eu fui muito a estádio de futebol. Todo mundo sabe que sou corintiano, eu ia com palmeirense, santista, palmeirense, são-paulino, e a gente brincava, brigava, mas agora era uma loucura, era questão de ódio. Eu tenho acompanhado, está no mundo inteiro assim.

A política está efetivamente demonizada, e vai se levar um tempo muito grande para gente poder tratar a política com seriedade, veja o caso do Brasil. O que você tem visto nesses quatro meses? Eu não esperava que o Bolsonaro fosse resolver o problema do Brasil em 4 meses, só propõe fazer análise de cem dias quem nunca governou. Quem acha que, em cem dias, pode apresentar alguma coisa, ele realmente não aprendeu a sentar a bunda na cadeira. E, depois, com a família que ele tem, com a loucura que tem. O inimigo central dele, além o PT, que é o primeiro inimigo dele, é o vice. Quer dizer, é uma loucura. Ele passar a agredir os deputados, depois tenta agradar os deputados, diz que está fazendo a nova política, e ele faz a mesma, porque ele é um velho político. Então, o país está subordinado à ingovernabilidade. Está desgovernado. Ele até agora não sabe o que fazer, e quem dita regras é o Guedes. O homem de um trilhão. Todo santo dia, eu vejo o jornal das 19h, das 20h, das 21h, das 23h, do meio dia, jornal das 7h em todos os canais. Nunca vi tanto jornal na vida. É tudo a mesma coisa. Parece as sentenças que dão contra mim. E é tudo a reforma da previdência. Fez a reforma da previdência acabou o problema do Brasil, todo mundo vai ficar maravilhosamente bem. E eu acho que todo mundo vai se lascar se aprovada a previdência tal como ele quer. Se a Previdência precisa de reforma, você senta com os trabalhadores e os atores empresários, aposentados, políticos, e encontra uma solução para arrumar onde tem que arrumar.

Mônica Bergamo: Há um diagnóstico de analistas de que a população tem motivos para votar contra a política, dá pra culpar esse ou aquele? Houve corrupção, muitas coisas foram comprovadas, que autocrítica o senhor faz depois de todo esse tempo? Erros do PT, como o PT sem o senhor vai para frente?

Lula: Obviamente que nós reconhecemos que perdemos as eleições. Agora, é importante lembrar a força do PT. Porque, só eu pessoalmente, tenho mais de 80 capas de revista contra mim. Quando fui preso, tinha 80 horas de Jornal Nacional contra mim. Mais 80 horas de Record, mais 80 horas de SBT, mais 80 da Bandeirantes. E eles não conseguiram me destruir. Isso significa que o PT tem uma força muito grande. O PT não foi destruído, o PT perdeu uma eleição. O PT provou que é o único partido que existe nesse país enquanto partido político. Quando você falar em partido político no país, você lembra do PT. O resto é sigla de interesses eleitorais em momentos certos. Quem acabou foi o PSDB. Esse acabou. Esse foi dizimado. Então veja, o PT perdeu as eleições, acho que o PT deve ter cometido erros durante nossos governos, devemos ter cometido erros...

Mônica Bergamo: A parte da corrupção?

Lula: Veja, o Ayrton Senna cometeu um erro só e morreu... Ela [corrupção] pode ter havido, mas que se façam provas. Teve corrupção, você investiga, faz acusação, provou e está condenado. Fomos nós do PT que criamos todos os mecanismos para apurar a corrupção. Não foi nenhum adversário, fomos nós. Não foi o Moro. Foi o PT, no Governo Lula e Dilma, com Márcio Thomaz Bastos, Ministro da Justiça 2003/2006], Tarso Genro [Ministro da Justiça 2007/2010] e José Eduardo Cardozo [Ministro

da Justiça 2011/2016] que criou todos os mecanismos para garantir fortalecimento da PF com investimento em mais gente e mais inteligência, fortalecimento e independência do ministério público, transparência que nós criamos e eles acabaram agora. Com a transparência era possível saber o papel que a presidenta usava. Porque a gente queria transparência, e combate à corrupção é uma marca do PT. Se alguém do PT cometeu um erro, tem que pagar. O que queremos é que se apure, se investigue. Na hora que for investigado e for julgado, foi condenado... Eu falo por mim. Desafio Moro, Dallagnol, desafio 209 milhões de brasileiros, inclusive você, a provar minha culpa.

Mônica Bergamo: Eu queria entrar no mérito do caso do sítio, a reforma foi feita e o senhor usufruiu dessa reforma, não houve um erro?

Lula: Deixa eu falar: eu poderia ter aceito e nunca ter ido àquele sítio. Então eu cometi o erro de ir no sítio. Eu disse, e está provado, que eu fiquei sabendo daquele maldito sítio dia 15 de janeiro de 2011. E o sítio tinha dono, dono, pré-dono, e bidono. O Jacó Bittar era meu amigo de 40 anos, ele comprou o sítio no nome do filho dele com cheque dado pela Caixa Econômica Federal, e a polícia sabe disso. A Polícia investigou. Nós tivemos policiais e procuradores visitando casa de trabalhador rural, casa de pedreiro, casa de caseiro, perguntaram até para as galinhas ‘você conhece o Lula?’. ‘Você sabe se o Lula é dono?’. E nem as galinhas falaram. Porque eu não era dono. Se eu quisesse, eu podia comprar. Se eu cometi o erro de ir a um sítio que alguém pediu e a OAS reformou, alguém pediu e a Odebrecht reformou, então vamos discutir a questão ética, e não de corrupção. É outra questão. Acontece que o impeachment, a cassação da Dilma e o golpe não fecharia com o Lula em liberdade. Então, qual é o meu incômodo? Se eu estivesse aqui preso e o salário mínimo tivesse dobrado [as pessoas poderiam falar] poxa, o Lula é um desgraçado, ele foi preso e o salário dobrou. Mas não: acabaram agora com o aumento real do salário mínimo. Se eu estivesse aqui e o povo estivesse trabalhando com carteira assinada, mas não, inventaram agora um a história de carteira verde e amarela. Você vai receber logo. Verde amarela se você quiser, ter uma aposentadoria você pagando pelo banco ou ter aposentadoria normal. Essa opção é mentirosa. Nenhum empresário vai contratar trabalhador que não esteja com carteira verde amarela. Foi assim com Fundo de Garantia, eu estava dentro da fábrica em 1967. O patrão chegava e dizia ‘você vai fazer opção pelo Fundo de Garantia ou estabilidade?’. Vou ficar na estabilidade. Então, fora. Era assim. Essa gente pensa que o povo é imbecil pra ficar mentindo o tempo inteiro para o povo.

Quando você fala em autocrítica pra mim eu acho que... Eu, por exemplo, acho que tive um erro grave. Eu poderia ter feito a regulamentação dos meios de comunicação. Fizemos um Congresso em 2009, só participou a Bandeirantes e a Rede TV se não me falha a memória, sabe, nenhuma outra TV participou, muitas rádios participaram, e, em junho de 2010, nós preparamos uma regulamentação dos meios de comunicação. Ao invés de dar entrada no Congresso, porque iria ter eleição, eu pensei "não, vou deixar para o novo Governo". A razão pela qual a Dilma não entrou, não sei. Então, essa é uma autocrítica que eu faço. Agora, pergunte o seguinte: imagina se todo mundo nesse Brasil fizesse uma autocrítica. A elite brasileira deveria estar fazendo agora uma autocrítica. ‘Puxa vida, como é que a

gente ganhou tanto dinheiro no Governo do Lula? Como é que o povo pobre vivia tão bem? Como é que o povo pobre estava viajando pro Piauí, pra Sergipe, pra Garanhuns de avião, e agora nem de ônibus pode viajar?’. Vamos fazer uma autocrítica por causa do que aconteceu em 2018 na eleição. Vamos fazer uma autocritica geral. O que não se pode é esse país estar governado por esse bando de maluco que governa o país. O país não merece isso e o povo não merece isso.

Florestan Fernandes: A Odebrecht admitiu ter pago propina no Peru em troca de obtenção de contrato. A Transparência Internacional destaca que houve um ‘fordismo da corrupção’, com milhões de dólares distribuídos em vários países, e que o esquema da Odebrecht foi feito com o apoio do BNDES. Todo o esquema global contava com financiamento de campanha em países alinhados com o PT...

Lula: Quem está falando isso?

Florestan Fernandes: A Transparência Internacional...

Lula: Com base no quê?

Florestan Fernandes: Eles levantaram esses dados...

Lula: Devem ter lido no jornal *O Globo*. Só pode ser. Deixa eu lhe contar uma coisa. O presidente da República ele não tem como interferir na burocracia do BNDES para empréstimo. O BNDES foi criado para financiar o desenvolvimento brasileiro. Lembro do tempo do FHC, quando fiz a campanha em 2006, o Alckmin tentou dizer que ‘o Lula financia o metrô de Caracas, enquanto não financia o meu aqui’. E eu lembrei pra ele que quem tinha feito o acordo para financiar o metrô de Caracas foi o FHC, e fez bem. Quando o Brasil financia o desenvolvimento de um país através do BNDES, o Brasil está exportando serviços, está exportando engenharia, máquinas, está vendendo coisas para lá. É um ganho extraordinário para um país que quer ter importância no mundo. O BNDES tem uma burocracia onde o presidente da República não decide. Tem uma coisa chamada COFIEX e COFIG que participam ministro das Relações Exteriores, da Fazenda, 500 ministros participam para tomar as decisões. Só quem não participa é o presidente da república. E eu sou favorável a que o BNDES empreste dinheiro para o desenvolvimento dos países africanos e latino americanos. Sou favorável.

Florestan Fernandes: O senhor se sente injustiçado por esses empresários? Eles cresceram muito, se tornaram multinacionais e depois fazem delações premiadas contra o PT e o senhor...

Lula: Não fico com raiva pelo seguinte: tenho desafiado os empresários a dizer quem me deu cinco centavos. O Leo [Pinheiro], que estava preso aqui e fez a denúncia contra mim, passou três anos dizendo uma coisa e depois mudou o discurso. Meu advogado perguntou o porquê disso e ele disse ‘meu advogado me orientou’. E o que ele falou: ‘Lula sabia’. E agora o que está provado? Que a OAS gastou seis milhões de reais para uniformizar o discurso de seus funcionários com as delações. Então, como é que eu posso levar a sério isso? Não posso. O que eu posso dizer é que haverá tempo

suficiente para que a gente faça uma investigação. Qual a intromissão do Departamento de Justiça dos Estados Unidos nesta investigação? Qual o interesse dos americanos na Petrobras? Os americanos, foi só a gente anunciar o pré-sal que eles recuperaram a quarta frota que funcionou na Segunda Guerra Mundial. Qual foi a resposta que eu dei? Criei o Conselho Sul-americano de Defesa, para juntar nossos Exércitos aqui contra a intromissão dos EUA. Então a coisa que mais acontece no Brasil é denúncia. Sou favorável que todas sejam apuradas, todo mundo sabe que, quando eu era presidente era contra policial federal investigar e denunciar antes de ter a prova. A coisa mais fácil do mundo é a imprensa investigar para você, e aqui no Brasil virou norma. Você é condenado pela manchete dos jornais. Quando o processo sair, se ficar provado que você não cometeu nada, você já está condenado. Você não sai mais na rua, seus filhos não vão mais à escola. Estou achando estranho essa tal dessa milícia do Bolsonaro.. Cadê aquele cidadão dos sete milhões? Aquele cara que é esperto para fazer dinheiro? Como é o nome dele? Queiroz. Cadê a imprensa que não vai atrás dele? O Brasil tem dois pesos e duas medidas. A vinda do Netanyahu aqui deve ter sido pra pagar a conta...

Eu, ex-presidente da República, sem nenhuma prova, foram na minha casa, recebi vários policiais na minha casa para fazer apreensão. O seu Queiroz não atende nenhum pedido do MP, e a polícia federal não foi buscar ele ainda. Um cidadão... Os policiais do exército dão 80 tiros num carro, matam um negro, e vai perguntar para o ministro da Justiça e ele fala 'isso pode acontecer'. Ora, em que país que nós estamos? O que o povo espera deste país? Então é isso, eu não tenho o direito de baixar a cabeça, ficar esmorecido, fraquejar, estou mais tinoso que nunca. Respeito todo mundo, tenho apreço por todo mundo. Mas se tem um cidadão que vai continuar lutando para restabelecer a verdade nesse país sou eu.

Florestan Fernandes: Como o senhor recebeu a notícia sobre a morte do Alan Garcia no Peru?

Lula: Você sabe que eu nunca consegui entender a morte do Getúlio Vargas. O último filme que eu assisti do Getúlio foi esse feito com o Tony Ramos, que é um bom filme. Eu lembro que, em 2005, em uma plenária com empresários no Alvorada eu falei 'olha, quero que vocês saibam como sou: eu não vou me matar, porque eu não tenho vocação pra Getúlio. Eu não vou correr, porque não tenho vocação de pedir asilo político. Se alguém quiser me pegar, vai me pegar nesse país, e vai me pegar na rua, porque vou enfrentar na rua. E comecei a ir pra rua. Isso em junho de 2005. É, por isso, que eu ganhei em 2006 e, orgulhosamente, terminei meu mandato com 87% de bom e ótimo 10% de regular e 3% de ruim e péssimo que deve ter sido lá no condomínio do Bolsonaro e na sede do PSDB. Então eu efetivamente estou convencido que nós temos que lutar...

Florestan Fernandes: Mas e o Alan Garcia?

Lula: O Alan Garcia teve uma reação psicológica que muita gente teve, como nosso reitor da UFSC... Não é todo mundo que aguenta. Você quer saber uma coisa? A Marisa morreu por conta disso. Quem está falando é um homem de 73 anos de idade. A dona Marisa morreu por conta do que fizeram com

ela e com os filhos dela. Dona Marisa perdeu motivação de vida, não saía mais de casa, não queria mais conversar nada. O AVC dela foi por isso. Agora, não pense que por causa disso vou ficar com o coração cheio de ódio, não, aqui tem muito lugar para amor. E o Alan Garcia não deve ter suportado. Não sei qual era a acusação contra ele, mas ele tinha saído muito mal do governo. O Peru tem uma coisa engraçada, o país cresceu 5% ao ano na mão do Toledo, do Alan Garcia, e eles terminam o mandato com 10% de aprovação. Por quê? Porque, como eles exportam tudo para os EUA, eles crescem, mas não tem distribuição de renda. Então, o país cresce a 5% e a miséria cresce a 10%. Então, eles não conseguiram ter candidato, nem o Toledo nem o Garcia. Então, eu sinceramente não sei...

Tem que ter muita decisão. Eu sei o que eu passei. Você não tem noção do que é passar seis meses esperando todo santo dia que a polícia fosse à sua casa. Todo santo dia. Seis meses. E, de repente, você vê a polícia chegar com uma desfaçatez, todo mundo com máquina fotográfica no peito para tirar fotografia. Deveriam ter mostrado a quantidade de dólar que acharam na minha casa. A quantidade de joias que acharam de dona Marisa. Deveriam ter tirado foto e mostrado para a Globo. Enfiaram o rabo no meio das pernas, porque não encontraram nada. E a imprensa não fala que não encontraram nada na casa do Lula. É duro. Não queira que isso aconteça com você. Conheço casos de pessoas que estavam em cadeira de rodas, pediam para ir no banheiro e diziam ‘se você não falar o nome do Lula, não vai ao banheiro’. Tenho muita motivação para estar vivo. Estar vivo e não fazer nenhuma loucura é a forma que eu encontrei de ajudar esse país a se reencontrar com a democracia, se reencontrar com o amor, se reencontrar com a paz. Esse povo tem o direito de ser feliz, tem o direito de viver bem. Então é pra isso que eu existo, e pra isso vou lutar até o último dia da minha vida.

Diga-me o seguinte: ‘Lula, você está livre, vai morar nas Bahamas, vamos alugar uma casa pra você lá você vai ter água de coco todo dia de manha. O compromisso é você não fazer política’. Eu digo o seguinte: vou ficar aqui, sem água de coco, sem Bahamas na esperança de que eu vou andar por esse país levantando a cabeça do meu povo pra gente conquistar direitos. O povo tem que tomar café da manhã, almoçar e jantar todo dia e, se puder, comer bolachinha no meio da tarde com café com leite. E, se puder, um lanchinho 22h antes de dormir. Quero que o povo vá ao teatro, ao cinema. Tem coisa mais maravilhosa do que o pobre pegar o avião. Não sabe nem como entra no banheiro, mas pega o avião e vai pra sua terra. E é, por isso, que eu vou brigar, e por isso que eu sei que tem muita gente e que não gosta de mim. Por isso, estou aqui de cabeça erguida, estou aqui com orgulho de defender o povo. Mas gostaria de estar fora, com meus netos e meus filhos.

Mônica Bergamo: Quem o senhor vê como seu principal adversário? Bolsonaro? Moro? Militares?

Lula: A vida inteira vocês gozaram de mim porque eu falava ‘menas laranja’. Mas o Moro falar ‘conge’ é uma vergonha. Sinceramente. É o mínimo que deveria saber, porque está escrito no código penal, vários artigos que falam de cômputo. O Moro não sobrevive na política. E o Bolsonaro ou ele constrói um partido político sólido, ou do jeito que está não perdura muito, porque ali você tem uma

quantidade difusa de interesses. É só pegar a quantidade de siglas para alguém que diz que não gosta de política. O sujeito é deputado 27 anos e diz que não gosta de política. Não sei como você faz filho vereador, deputado, senador e você não gosta de política. Então, ele vai ter que ter muita capacidade de articulação, muita vontade, vai ter que gostar muito de política para dar certo. A chance de ele dar certo é a chance do Brasil dar certo. O povo tem paciência, mas não tem toda a paciência do mundo.

Mônica Bergamo: Mas pode dar certo, não pode?

Lula: Não sei. Do jeito que está fazendo, não pode dar querida. Não há condições de dar. Veja, você diminui a renda per capita da sociedade, você diminui o salário mínimo, você diminui a possibilidade de oferta de emprego e você acha que tudo vai ser resolvido com um trilhão para a Previdência, para o sistema financeiro? Vai dar certo onde? Sabe o que dá certo? Dá certo se fizer como nós fizemos. Legalizamos e formalizamos seis milhões de microempreendedores individuais. Sabe por que a Previdência era superavitária no meu governo? Porque teve 20 milhões de pessoas trabalhando com carteira profissional assinada, porque teve seis milhões de microempreendedores individuais formalizados, porque o Brasil quadruplicou as exportações. Sabe? Então, se o país não crescer... você está lembrada que eu criei uma coisa chamada Primeiro Emprego? Foi uma farsa aquilo, coitado, uma loucura que eu achava que fazendo uma lei criando o primeiro emprego e pedindo para os empresários que eu ia pagar 200 reais e eles gerariam emprego. Nenhum empresário gera emprego porque eu estou dando 200 reais para ele. O que vai gerar emprego é quando eu fiz os puxadinhos da Caixa Econômica Federal, que eu fiz financiamento para construir um puxadinho, surgiram no mesmo ano dez fábricas novas de cimento no Brasil.

Então, quando você faz a economia, o povo come um pãozinho a mais, toma um cafezinho a mais, toma uma cervejinha a mais, ganha um real a mais, compra um chinelo a mais, aí você começa a gerar emprego no país. Agora, do jeito que eles estão fazendo, inclusive brigando com os nossos principais parceiros comerciais, sabe? Desprezando a América do Sul, desprezando... O nosso comércio com a Argentina é maior do que com todos os países da Europa. Como é que você vai desprezar o nosso comércio com a Argentina, com o Mercosul? Esse cara não entende de nada. Mas também o ministro que ele tem nas Relações Exteriores... Ele foi encomendado. Saudade do Silveirinha no tempo do Geisel, que teve a coragem de reconhecer a Angola, sabe? Esse cidadão que está aí, sinceramente, o Celso Amorim deve essa para nós... Como é que deixa um cara desse na carreira do Itamaraty?

Mônica Bergamo: Presidente, só para retomar: e os militares? Eu perguntei sobre Moro, Bolsonaro...

Lula: Sabe uma coisa que eu tenho vontade? Quando eu sair daqui, eu quero conversar com os militares. Eu tenho vontade de perguntar para o chefe da Marinha, para o chefe da Aeronáutica e para o chefe do Exército qual o presidente da República que fez mais coisa para eles do que eu fiz. Eu quero perguntar para eles qual é a razão do ódio que eles têm do PT. Quando eu cheguei na Presidência, em 2003, Mônica, soldado brasileiro saía 11 horas, porque não tinha dinheiro para

almoçar, recruta não ganhava salário mínimo. Eu, além de pagar salário mínimo, além de dar almoço para eles, ainda criei o Soldado Cidadão, para dar curso de formação. Pergunta para o General Enzo o que era o Batalhão de Engenharia do Exército Brasileiro. As máquinas estavam todas quebradas, não tinha nem caminhão. Pergunta para ele o que eu fiz. Eu os deixei mais poderosos do que uma empreiteira dessas. Pergunta para a Aeronáutica o que era a Aeronáutica quando eu cheguei na Presidência, o avião do presidente era chamado de “sucatão”. Você ia viajar para a Europa, quando você parava em Cabo Verde, ali nas Ilhas Canárias, na Ilha do Sal, tinha 18 mecânicos dentro do avião para catar parafuso que caía no aeroporto. Tinha um avião que eu emprestava para levar autoridade em casa, quando levantava voo em Brasília, pegava fogo no avião, tinha que descer rapidamente porque senão explodia. O Celso Amorim perdeu uma pasta, que queimou dentro do avião. Era isso que ele tinha. Quando eu comprei o avião novo, é porque eu me respeito. Eu, se pudesse, ia de jegue para a Europa. Como eu não podia ir, eu tive a coragem de comprar o avião. Hoje eu me arrependo de não ter comprado um Airbus 140, fui comprar logo um menor. Devia ter comprado um grandão, sabe? Pois é, peguei acho que 15 ou 20 aviões da Rio Sul, que não pagou o BNDES, foi dado para a Aeronáutica. Deixei a Aeronáutica com cara de Força Aérea.

Pergunte para a Marinha. Eu fui visitar o Barão de Tefé, lá na base brasileira na Antártica. Eu cheguei lá, um país grande não pode ter um navio de pesquisa daquele. Se o cara entrasse com a barriga, a bunda ficava para fora, num lugar que tem que fazer pesquisa. Nós autorizamos o almirante a comprar um navio decente. Caparaó, por exemplo, o Governo não dava dinheiro para enriquecer urânio. Pergunta para ele quem foi que garantiu 30 milhões por mês para Caparaó funcionar.

Então, é o seguinte, eu não sou contra militar fazer política, não. Militar quer fazer política? Faz, ué. Militar quer fazer política, sai do Exército, vai para a reserva... Aliás, é importante lembrar que a política no Brasil começou com o Marechal Deodoro da Fonseca. Eles fazem política no Brasil. Eles só não participaram do poder decisivo no governo de Fernando Henrique Cardoso e no meu governo, e no da Dilma também. No restante, eles tiveram.

Mônica Bergamo: E o Mourão?

Lula: Veja, eu acho que se você tiver um militar competente, não tem problema que ele vá para o Governo. Agora, o que não pode é do jeito que está. Não dá, não dá. Eu não sei a qualificação das pessoas que estão lá, não conheço. Agora mesmo eu vi no noticiário de ontem que o Ministro do Meio Ambiente desmanchou não sei o quê lá no Chico Mendes e colocou não sei quantos cabos, soldados, militar. Para para cuidar de Meio Ambiente você coloca gente especialista. Você já tem os especialistas da Polícia Federal, você tem os especialistas do Ministério Público, coloca técnico. Para que militarizar o governo? Eu não sou contra eles participarem não, agora militar tem que saber que eles têm um papel a cumprir com a Constituição. O militar tem que cuidar dos interesses deste país e da defesa da nossa sociedade contra possíveis inimigos externos. Entre fronteira seca e fronteira

marítima, nós temos quase 22 milhões de quilômetros quadrados. É muita coisa para os militares cuidarem. Muita coisa. A burocracia, vamos deixar para os burocratas.

Mônica Bergamo: Eu queria que o senhor falasse do Mourão. O senhor tem acompanhado os movimentos do General Mourão?

Lula: Eu tenho. Agora, eu não posso falar, porque eu também não conheço o Mourão. Eu sou agradecido, por exemplo, de um gesto dele na morte do meu neto. Ele foi um cara que disse, diferentemente do filho do Bolsonaro, que postou uma série de asneiras no Twitter, ele foi um cara que deu uma declaração de que era uma questão humanitária eu ir visitar meu neto. Mas eu estou vendo a briga, estou acompanhando a briga. Ninguém nunca mais, ninguém nunca mais, presta atenção, ninguém nunca mais vai ter neste país uma dupla harmônica como Lula e Zé Alencar. O sindicalista e o empresário. Que fez o país ter orgulho, que fez o país crescer. Eu duvido que tenha um empresário neste país que tenha sido tratado com mais respeito por qualquer governo do que por mim. Duvido. A diferença é que eu tratava ele bem, mas também tratava bem o sem-terra, o sem casa, os moradores de rua. Tratava [bem] a sociedade brasileira. Então eu volto a te dizer: esse povo é a minha motivação. Eu quero que você saia daqui e retrate o seguinte: você não conversou com um cidadão alquebrado, você conversou com um cidadão que tem todos os defeitos que um ser humano pode ter, mas tem uma coisa que eu não abro mão. Isso eu aprendi com a Dona Lindu, que nasceu analfabeta e morreu analfabeta: dignidade e caráter não tem em shopping, não tem em supermercado e você não aprende na universidade. Isso é de berço. E isso eu tenho demais, e não abro mão disso. Esse é meu patrimônio.

Florestan Fernandes: Presidente, eu queria falar um pouco da questão internacional. Recentemente, a Ucrânia elegeu um humorista como presidente da República, a direita tem avançado fortemente em vários cantos do planeta, e vai ter eleição neste fim de semana na Espanha. Queria saber como o senhor vê essa eleição, com o crescimento da direita, apesar de os progressistas do PSOE estarem à frente nas pesquisas.

Lula: Eu acredito que na Espanha o PSOE e o Podemos vão ganhar as eleições. O avanço da direita no mundo é a desmoralização da política. Eu não posso achar ruim que tenha ganhado um humorista... O Beppe Grilo, eu fiz passeata com o Beppe Grilo, em solidariedade a mim em 2000, em uma cidadezinha da Itália. Eu não posso achar ruim que ganhe um humorista na Ucrânia, porque o que eles falaram quando um metalúrgico ganhou as eleições? Eles menosprezavam, analfabeto, peão que não sabe falar, que não sei das quantas... Eu lembro do Maluf dizendo “A dona Marisa não vai conseguir limpar aqueles vidros todos do Palácio” [diz com voz jocosa]. Era assim que eles falavam comigo. Então não vou desprezar pelo fato de o cara ser humorista, porque o cara pode ser humorista de profissão e se transformar num puta de um político. Todo mundo pode se transformar num baita de um político. Para ser um, você tem que ter paciência, você tem que conversar e aprender a conviver

democraticamente na adversidade. Você não conversa só com quem você gosta, você conversa com seus adversários também. Você não conversa com a tua turma, você conversa com todas as turmas se você quiser governar. É assim que se faz no mundo inteiro.

Eu acho que na Espanha nós vamos ter um governo mais progressista.

Florestan Fernandes: Com relação à Venezuela...

Lula: [interrompe] Por que sabe o que acontece? O discurso da direita, gente, gente, é tão xenófobo que não pode dar certo. Veja o Macron, na França. O Macron era do Governo, negou o governo socialista, fingiu que não era político, foi eleito presidente da República, e o que ele está fazendo agora? Porque não tem saída. O Bolsonaro, ele tem que governar com aqueles políticos que estão lá. Vamos ser francos, vocês que gostam de política. Não dá saudade o Brasil não ter uma figura como Ulysses Guimarães? Cadê o grande Ulysses Guimarães? Não tem mais. Acabou, foi nivelado por baixo. Qual é o grande orador que você tem no Senado? Qual é o grande tribuno que você tem na Câmara? Acabou, porque a política foi avacalhada. Eu vejo muita televisão e em qualquer programa de televisão o cara vai lá, sem mais nem menos, e esculhamba a política. Olha, mas se ele esculhamba nominando quem é, tudo bem. Quer avacalhar com o político Lula, vai lá e fala o Lula é isso e isso, esculhamba o Lula. Agora, o Lula tem também o direito de abrir um processo contra ele. Mas o cara generaliza a política como se fosse um só, o povo vai desacreditando. Como é que você acha que o povo reage assistindo o Jornal Nacional e meia hora todo santo dia falando de corrupção? Como é que é o ânimo do cara que levanta de manhã para trabalhar, para ganhar um salário mínimo? O cara acha que todo mundo é ladrão. Quando a Globo é acusada por não pagar 600 milhões de reais à Receita Federal, eles dão um comunicado pelo William Bonner e acabou, ninguém fala mais nada. A *Folha* não publica matéria sobre a Globo, ninguém publica. Mas se é o coitado do Lula... Imagina se os milicianos do Bolsonaro fossem amigos da minha família.

Florestan Fernandes: Com relação à Venezuela, o senhor teve uma relação muito boa quando era presidente com o Hugo Chávez, e depois que o Chávez saiu, a Venezuela entrou em uma crise profunda e hoje vive um embate que está sendo muito ruim para a população e para o país. Muitas pessoas deixando a Venezuela e vindo para o Brasil, fugindo da pobreza e da falta de perspectiva. Como o senhor vê a questão da Venezuela e quais as perspectivas para preservar a democracia e o desenvolvimento da Venezuela hoje?

Lula: Vou só te contar um pequeno caso: o primeiro contato que eu tive com o Chávez foi depois que ele virou presidente. Quando ele não era presidente, ele foi no Foro de São Paulo em El Salvador e nós do PT, eu e Marco Aurélio, não deixamos ele participar porque ele era golpista, então a gente resolveu não deixar ele participar, porque ele tinha tentado dar o golpe na Venezuela. Depois, quando ele foi presidente e derrubaram ele, ele voltou para o Governo e o Fernando Henrique Cardoso me liga perguntando se eu atenderia um telefonema do presidente Chávez. Me explicou o que era: o Chávez

estava pedindo um navio de combustível, porque os trabalhadores da PDVSA estavam em greve e ele pedia para o Brasil emprestar um navio de gasolina para eles. “Eu, por mim, empresto, Lula, mas como você já ganhou as eleições, embora não tenha tomado a posse, eu disse para o Chávez que você que decide”. Aí o Chávez me liga e eu decidi mandar um avião de gasolina. Essa foi a primeira vez.

O Chávez era uma figura estupenda. Era voluntarista, eu tinha discordâncias políticas com ele, mas era uma figura encantadora, era aquele cara que fazia você se sentir bem em qualquer lugar, mas ele era muito voluntarista. Era complicado. O Celso Amorim pode te contar. Eu tomei posse dia primeiro de janeiro, dia 21 de janeiro, eu já tive que criar o grupo de amigos para resolver problema da Venezuela. Criei o grupo de amigos, colocando Estados Unidos, colocando Espanha, por que Espanha? Porque o Aznar tinha sido o primeiro presidente a apoiar os golpistas. Coloquei Estados Unidos, que era o inimigo deles, a Espanha, o Brasil, acho que a Argentina, eu não sei se a França... E quando eu coloquei o Fidel Castro, ele ficou muito nervoso e falou “por que vocês estão entregando a Venezuela para o imperialismo? Não pode ter um grupo de amigos com os Estados Unidos”. Eu falei “oh, Fidel, deixa eu falar uma coisa para você. O grupo de amigos que nós estamos criando não são amigos do Chávez, são amigos da Venezuela, da democracia, então tem gente que a oposição leva em conta”. Os americanos eram levados em conta pela oposição, o Aznar também. Então o que aconteceu, deu certo. Negociamos, houve o referendo, participou o Jimmy Carter, o Colin Powell, que tinha uma belíssima relação com o Celso Amorim. Eu cansei de ligar para o Bush, para parar de falar bobagem contra a Venezuela, que era tudo o que o Chávez queria. Falou bobagem, uma passeata, falou bobagem, outra passeata. Ora, para de falar bobagem que não tem passeata. Então, obviamente, eu, se pudesse mandar para você uma coisa, eu mandei uma carta para o Maduro no dia da posse dele, quando ele tomou posse pela primeira vez, tentando aconselhá-lo como eu achava que ele deveria fazer, porque ele não tinha, na minha opinião, a perspicácia do Chávez, não tinha a liderança pública do Chávez, a respeitabilidade do Chávez, então ele precisaria fazer as coisas diferente do Chávez. Ele precisaria compartilhar mais. Se eu não sou individualmente essa figura pública de poder como o Chávez era, eu tenho que juntar gente, tenho que trabalhar em equipe. Então, eu mandei uma carta para ele, se eu achar essa carta, vou te mandar para você ver. *Obviamente, eu não concordo com a política econômica da Venezuela, acho que é um equívoco, mas muito menos eu concordo com o Brasil reconhecer o tal do Guaidó. Sinceramente, é uma pouca vergonha. É levar o Brasil ao mais baixo nível de política externa que eu já vi na vida. E depois daquela vergonha de dizer que ia mandar caminhão de alimento e mandar duas caminhonetes vazias. O Brasil precisava tomar cuidado com a Venezuela, porque o Brasil chegou a ter cinco bilhões de dólares de superávit. Sabe por que nós decidimos fazer a refinaria Abreu e Lima em Pernambuco? Porque era preciso que a gente importasse alguma coisa da Venezuela para ter comércio balanceado. Ninguém consegue fazer comércio com um superávit muito alto. O Brasil tinha quase cinco bilhões, eles não produziam nada, compravam tudo do Brasil, até ovo.*

Eu não esqueço o dia que eu fui na Venezuela visitar a base do Fuso, e o Hugo Chávez me contando, todo entusiasmado, engenheiro soviético montando lá... e eu tinha saído do hotel, que não tinha leite nem ovo. Eu falei “Chávez, você não sabe que a segurança alimentar é a arma mais importante para um país? Aí você gastou não sei quantos bilhões nisso aqui...E é capaz de ter uma guerra e você e os soldados não terem força...não tinha leite nem ovo no hotel, Chávez... Então é preciso cuidar para a Venezuela crescer, a Venezuela tem tudo, tem sol, tem água, tem energia. A Venezuela poderia ser um país com status suficiente. Mas como a doença da vaca holandesa prevaleceu, então tudo depende da PDVSA. Como a PDVSA não fez investimento em modernização, ela também não produz o tanto que deveria produzir. *Mas eu não concordo de maneira alguma com os EUA e a Colômbia querer se meter com a Venezuela. Cada um que se meta na sua vida, e deixem o povo da Venezuela democraticamente seus dirigentes. Se o povo quiser ir pra rua pra derrubar, que vá pra rua, mas é o povo, não é o Trump que vai derrubar o Governo da Venezuela. Então é preciso respeitar a autodeterminação dos povos.*

Florestan Fernandes: Presidente, na Argentina o [Maurício] Macri que é um político neoliberal não teve sucesso na economia. Está prometendo uma regulação dos preços...

Lula: Vai fazer o que o Sarney fez em 86...

Florestan Fernandes: Ele está caindo nas pesquisas e a Cristina Kirchner está à frente dele. Como o senhor analisa a situação na Argentina? Cristina tem chance de voltar?

Lula: Tudo o que eu desejo é que a Argentina encontre o caminho da democracia. Eu convivi com o [Néstor] Kirchner e com a Cristina e o que eu posso dizer é que eles fizeram um bem enorme para o povo argentino. Eles obviamente alimentaram o ódio da elite argentina, aqueles mesmo que apoiavam o Cavallo quando era ministro da Fazenda, e achavam que os EUA iam botar muito dinheiro na Argentina. Não colocou, o que colocou foi a seriedade do Kirchner e da Cristina que ganharam a confiança do povo e fizeram a Argentina produzir e ter uma economia forte. A fome voltou na Argentina, o desemprego voltou na Argentina, o povo voltou para a rua. O neoliberalismo não dá certo em lugar nenhum do planeta terra. Me prove algum lugar. Todo mundo que fica aceitando a receita de ajuste fiscal, não dá certo. Você quer diminuir a dívida pública no Brasil? Aumenta o crescimento econômico, o PIB, produz mais pão, mais feijão, mais carro, mais carne que você aumenta o PIB e cai a dívida pública. Então, eu estou torcendo para a Cristina, se for candidata, ganhar as eleições. O povo argentino na sua maioria vai ser muito mais feliz.

Florestan Fernandes: Como o senhor viu a declaração do Battisti depois de extraditado, admitindo ter participado de quatro assassinatos. Se arrependeu de deixar ele viver no Brasil?

Lula: Não me arrependi, porque não sabia. Eu recebi informações através do Ministério da Justiça, que conhecia o processo, que ele não tinha crimes. Ai o Tarso tomou a decisão. Agora, se depois

disso, ele assumiu o que fez, eu lamento profundamente. Aliás eu não conheci o Battisti, porque acho que eu não fazia parte da turma que ele tinha confiança. Esse cidadão ficou no Brasil, foi preso na Bolívia, mas não o conheci. Mas lamento profundamente que ele tenha confessado. Meu amigo Mino Carta tinha razão. Ele bateu muito no PT nessa questão. Também não sei as condições que ele confessou... Uma porradinha aqui, outra ali, um choquinho aqui... Aí o cara termina falando coisa que não fez...

Florestan Fernandes: O senhor acha que na Itália isso aconteceria?

Lula: Não sei, não sei, é uma suposição.

Mônica Bergamo: Como o senhor vê o quadro, o PT com a esquerda, o Cid e o Ciro Gomes têm aquele bordão 'o Lula tá preso babaca'...

Lula: Isso não é um bordão, é uma constatação. Eu estou preso.

Mônica Bergamo: O senhor não fica chateado?

Lula: Não, só não precisava chamar os outros de babaca. Mas de dizer que eu estou preso, é só ler o jornal que vai saber. Posso dizer uma coisa carinhosa? Eu acredito que a esquerda brasileira está acumulando um conjunto de pessoas muito importante. Vamos pegar o PT: apesar de algumas pessoas não gostarem do PT, ele é um partido muito forte. Aliás, é o único partido organizado efetivamente em todos os estados. Tem cabeça, tronco e membros. Você tem o Ciro Gomes, uma pessoa importante no Brasil. Tem o Flávio Dino. Alguns governadores importantes do PT na Bahia, Sergipe, a Fátima Bezerra no RN, você tem alguns governadores importantes do PSB, você tem uma novidade política que não teve bom desempenho eleitoral, mas é um menino que vai crescer muito que é o companheiro [Guilherme] Boulos...

Mônica Bergamo: E o Haddad?

Lula: Tem o Haddad, eu falei do PT, não queria personalizar, mas o Haddad é uma figura importante. Embora não tenha saído vitorioso nas eleições, ele se notabilizou como uma figura importante. Obviamente que se o Bolsonaro tivesse aceitado um debate... É a segunda eleição que não debate. Não sei se vocês se lembram, em 1994 não teve debate. Em 1998 não teve debate e ninguém colocava a cadeira vazia. Eles não iam e ficava por isso mesmo.

E o Bolsonaro efetivamente não tinha sustentação para debater. Acho que ele nunca se importou a aprender. Eu fui obrigado a aprender um pouco de economia por conta da minha atividade sindical. Eu era obrigado a aprender para negociar. Depois no PT, eu fazia ao menos uma vez por mês reuniões com 30 dos mais renomados economistas deste país. Então acho que o Bolsonaro não gosta disso. E acho que a esquerda vai apresentar um projeto. Eu digo ao PT que não tem que apresentar propostas. Apresenta um projeto como o que o Haddad apresentou na campanha. Faz um confronto de ideias para

a sociedade perceber que é possível um outro Brasil. E é possível, porque eu provei na prática que é possível construir um novo Brasil. Consegui provar com a bênção de Deus e do povo brasileiro que o povo não é problema, o povo é solução.

Eu pessoalmente gosto do Ciro Gomes, tenho respeito por ele. Ele não causa mal ao PT, ele causa mal a ele. O Ciro precisa aprender uma lição elementar. É aprender a ouvir coisas que você não gosta. Suportar os contrários. Aprender a conviver na adversidade. Ele precisa aprender essa lição mínima. Quando ele foi governador do Ceará ou prefeito de Fortaleza ele não precisava disso. Mas, agora para ser presidente do Brasil, ele precisa. E ninguém será presidente do Brasil se romper com o PT, como o PC do B. Não sei se a direita aceitaria ele. Como eu gosto do Ciro, se um dia ele pedir pra me visitar vou aceitar para ter uma conversa boa com ele. Gosto do Flávio Dino. Não sei se a Marina teria propensão de voltar para a esquerda, porque a Marina acabou né, coitada. Teve 1% dos votos depois de quase ser eleita é muito pouco. Não sei o que ela vai fazer. Mas penso que a esquerda pode construir um grande projeto para o Brasil e voltar ao poder.

Mônica Bergamo: Mas sem o PT na hegemonia, né?

Lula: Veja, o PT, porque o PT de vez em quando aparece como hegemônico? Você acha que um partido que tem 30% de voto vai começar abrindo mão de sua candidatura? Não vai. Como eu acho que o PT já teve presidente 4 vezes, eu acho que o PT pode escolher um companheiro de outro partido político e ser candidato a presidente. O PT pode participar do governo, pode ter vice. Eu acho que tudo é possível. O que você precisa é não exigir que o PT abra mão sem apresentar uma proposta alternativa. Se você tem 10% e eu tenho 30%, e você acha 'no segundo turno eu sou melhor que você', se você é melhor do que eu, por que você não ganha no primeiro turno? Eu lembro do Brizola em 1989. O Brizola é uma pessoa que faz falta no Brasil hoje. O [Miguel] Arraes é uma pessoa que faz falta. Sabe os políticos que fazem falta? A sabedoria política, não tem mais isso.

Mônica Bergamo: O Fernando Henrique não?

Lula: O Fernando Henrique Cardoso não tem jogado no papel o que o nome dele deveria merecer. Ele fala muito sobre quase tudo desnecessariamente. Eu, sinceramente, acho que ele poderia ter um papel de grandeza para quem já foi Presidente da República, para quem já foi chamado de príncipe da sociologia. Ele poderia ter um papel mais respeitoso com ele mesmo, não comigo. O problema do Fernando Henrique Cardoso é que ele nunca aceitou o meu sucesso. Ele me adorava no fracasso. Quando fui eleito, ele falou 'o Lulinha só vai durar quatro anos e aí eu vou voltar com pompa e tudo', ele me tratava bem. Chegava a dizer que achava que ele queria que eu ganhasse ao invés do Serra. Porque ele falava 'o Lula vai ganhar, ele é um coitado, metalúrgico, não vai conseguir fazer nada e eu vou voltar quatro anos depois cheio de moral. O Serra, se ganhar, vai me ferrar, então eu prefiro o Lula'. Não deu certo. Porque quem deu certo não foi eu, quem deu certo foi a paciência e a competência do povo brasileiro. Que me ajudou, acreditou. Quantas vezes eu dizia 'meu governo vai

ser medido por quatro anos. Não adianta cobrar de mim agora, isso aqui é que nem um pezinho de jabuticaba. Você planta e, se não for enxertado, demora 15 anos para dar. Se ele for enxertado, vai dar no primeiro ano; mas tem que jogar água. O governo é isso'. E eu tinha muito medo de não dar certo. Dizia: 'eu não posso dar errado'. Eu tinha muito medo do [Lech] Walesa [presidente de 1990 a 1995] na Polônia. Olhava para o fracasso do Walesa de ser presidente da República depois do estaleiro de Gdansk e na reeleição ter 0,5% dos votos, falei 'Deus me livre. Não quero ser isso'. E graças a Deus, o povo brasileiro me fez... até hoje tenho muito orgulho de ser considerado o melhor presidente da história do Brasil. Carrego isso com muito orgulho. Ninguém vai tirar isso do povo brasileiro. E quem quiser ganhar de mim, que faça mais. Não é me xingar.

Mônica Bergamo: Mas ganharam agora do senhor...

Lula: De mim, não. Não concorri. Se eu tivesse concorrido, certamente ganharia as eleições.

Mônica Bergamo: O senhor pensa em concorrer a presidente? O senhor está preso e não pode concorrer durante muitos anos...

Lula: A *Folha de S. Paulo* escreveu que eu já vou ser candidato em 2039?

Mônica Bergamo: Mas o senhor seria candidato bem mais velho? O senhor não bota na cabeça que o senhor nunca mais vai ser candidato?

Lula: Eu sou um homem de muita crença. Eu vejo cientista falar que o homem que vai viver 120 anos já nasceu. Por que não sou eu? Eu acho que a Igreja Católica ensinou o seguinte: com 75 anos o velho se aposenta que é melhor dar lugar para o novo. Eu acho que vai surgir muita gente boa nesse país e eu me contentarei em apoiar qualquer pessoa daqui para frente para ser candidata a presidente da República. Agora, eu estou vendo nos EUA um monte de gente querendo ser candidata com 78, 79 anos. E isso começa a me dar uma coceira aqui. Quem sabe eu ainda posso voltar, com uma bengalhinha na mão. Como diz aquela música, 'bota o velhinho na parede que o velhinho tá de volta'. Quem sabe? Mas se depender de mim, vou trabalhar para ter alguém mais novo, alguém com mais energia.

Florestan Fernandes: Presidente, seu ex-ministro Palocci virou agora delator. Ele disse inclusive que havia uma conta no exterior no nome do Joesley, onde era depositado dinheiro para o PT. Ele disse também que as duas campanhas da Dilma para presidência custaram 1,4 bilhões de reais, que não foram declarados à Justiça Eleitoral. Por que que o senhor acha que seu ex-ministro estaria mentindo?

Lula: Se ele disse que o Joesley tem uma conta no exterior, eu acho que ele tem conta em vários países, porque ele tem fábrica em vários países. Não vejo nenhuma novidade. Lembro de um tempo que saiu na imprensa que o Joesley tinha aberto uma conta para o meu futuro no exterior. Depois ele disse que utilizou a conta para comprar uma ilha que era do [Luciano] Huck lá em Angra dos Reis para dar de presente para a mulher dele, comprou um barco... ou seja, o dinheiro que ele disse que é

meu ele gastou. Quando eu sair daqui vou abrir um processo contra ele. Para devolver o que é meu, segundo ele disse. Eu era um cara que tinha profundo respeito pelo Palocci. O Palocci era uma pessoa que, se não tivesse feito bobagem, poderia ter crescido na política brasileira. Comecei a perder a confiança no Palocci com aquela história do caseiro no primeiro mandato. Ele saiu do Governo em março de 2006. Eu vinha para o Paraná que eu tinha uma atividade aqui e tinha lido na imprensa, então liguei para o Palocci e disse: 'Palocci, estou indo para o Paraná e vou voltar 15h da tarde. Se você não tiver resolvido o problema do caseiro, você não está mais no Governo. Não é possível um Ministro da Fazenda ganhar de um caseiro. Ou você explica essa história ou cai fora'. Quando voltei, liguei para ele e ele não tinha explicação. Eu comecei a achar que o Palocci não dizia a verdade, porque ele nunca teve a coragem de me dizer se ia ou não ia na casa. Se ele mentisse para a Polícia Federal, para o PMDB, para o Senado era um problema dele. Mas para mim, que era o presidente dele? Ele nunca me disse. E me disse que não sabia andar de carro em Brasília. E entre o Palocci dizer que não ia na casa e o caseiro dizer que ele foi, eu acreditava no caseiro.

Florestan Fernandes: Então por que ele foi coordenador da campanha da Dilma?

Lula: Aí é outra história. Eu estou dizendo que ele saiu porque não respondeu para mim a questão do caseiro. Ele foi eleito deputado federal, depois na campanha da Dilma foram colocadas três pessoas na coordenação. Ele, José Eduardo Cardozo e José Eduardo Dutra. O presidente do PT, o secretário-geral do PT e o Palocci, remanescente da minha vitória, deputado federal e que não ia concorrer mais. Foi junto coordenador com o Cardozo, Dutra e João Santana. Certamente a Dilma admirava o trabalho dos três porque fizeram ela ganhar as eleições.

Florestan Fernandes: Presidente, o que todo mundo está querendo saber hoje no Brasil é o seguinte: o país está numa crise econômica profunda, o desemprego aumentou apesar da reforma trabalhista, as perspectivas não são boas pro futuro, os investimentos não surgiram e muitas indústrias estão indo embora. Inclusive a indústria automobilística. O que o senhor faria para recolocar o país no crescimento econômico?

Lula: Antes de responder à questão do desemprego, preciso dizer uma coisa: você estava perguntando uma coisa do Palocci e eu estava respondendo. Desde os anos 70, há no Brasil uma disputa entre o cara que foi preso e denunciou o companheiro que era traidor e o que não denunciou e foi herói. Sempre teve isso. Eu nunca tratei assim. Acho que o ser humano tem um limite de suportar do ponto de vista psicológico, da dor que ele recebe. Eu tenho pena do Palocci. Porque um homem da qualidade política do Palocci não tinha o direito de jogar a vida fora como ele jogou. Tenho um profundo respeito pela mãe do Palocci, que é fundadora do PT, que carrega barro até hoje pelo PT em Ribeirão Preto. Mas, lamentavelmente, eu tenho pena do Palocci. Ele não merecia fazer com ele o que ele está fazendo.

Agora, economia não tem mágica. 50% dos problemas econômicos do país são resolvidos quando quem está governando tem credibilidade interna e externa. As pessoas que levantam de manhã para trabalhar ou as pessoas que estão lá fora pensando em fazer qualquer coisa pelo Brasil, as pessoas tem que saber se quem tá falando por aquele país tem seriedade. Tem credibilidade. Se essa pessoa ter credibilidade e seriedade, as pessoas passam a acreditar. Por isso é que eu, quando tomei posse em 2003, gastei parte da gordura política que tinha para fazer coisas que o PT não queria que eu fizesse. Eu aumentei o superávit primário para 3,45. Isso na esquerda do PT era para me matar. O que nós fizemos? Nós, em três anos, resolvemos a casa, botamos em ordem. Bom lembrar que em 2004 zombaram de mim quando eu disse 'espetáculo do crescimento', mas em 2004 a economia cresceu 5,8%. Eu disse isso num comício dentro da Ford. E depois a economia começou a andar, mais devagar mas foi andando. Então eu queria conquistar credibilidade e tive muito apoio lá fora. Tive apoio do Gordon Brown, sou agradecido ao Bush, ao Schroeder e, depois Angela Merkel, sou agradecido ao primeiro ministro da Índia, essas pessoas todas depositaram muita confiança. Eu posso pegar o depoimento, como o do presidente [Ricardo] Lagos do Chile. Ele, depois de dois anos de governo, me disse: 'Lula, eu sinceramente quero te pedir desculpas porque quando você ganhou, eu achei que ia ser um desastre. E você deu um show de bola'. Então nós começamos a trabalhar com muita seriedade, não se brincava nesse país. Não tinha mágica, não inventávamos nada. E quando decidimos criar o bolsa-família, o país não poderia criar e eu disse que era para criar. Eu tinha certeza que tínhamos que vencer aquela batalha com os economistas. Tem que distribuir primeiro para crescer ou tem que crescer para distribuir? Nós vamos crescer e distribuir juntos. O cidadão vai comprar dois pães a mais, vai tomar dois cafés a mais, vai comer um pedaço de carne a mais. O orgulho que eu tinha quando o cidadão falava na televisão que tinha comido um filé, uma picanha. Hoje isso é possível de se fazer no Brasil. E isso tem que gerar emprego, tem que gerar renda, aumentar salário. O crédito consignado tem que voltar com certo equilíbrio, você não pode emprestar dinheiro no crédito consignado a 30% o mês. Tem que emprestar a um juro muito pequeno para o povo poder pagar. Eu não esqueço nunca quando fizemos aquela propaganda com o Ronaldo [Fenômeno], que ele tinha quebrado o joelho na Inter de Milão, e a imprensa brasileira dizia que tinha acabado a carreira dele. E ele treina, treina, treina e se recupera. Aí colocamos aquela propaganda: 'sou brasileiro e não desisto nunca'. Aquela foi uma coisa extraordinária. Aí começou a vir empresa para cá. A gente produzia 1,7 milhões de automóveis. Quando eu deixei o governo, a gente estava produzindo 4 milhões. Quer um erro no governo Dilma que eu não faria? Entre 2009, quando veio a crise, eu desonerei 47 milhões entre 2009 e 2010. E desoneração sempre funcionava para mim como se fosse uma comporta. Como uma hidrelétrica: eu abro quando quero produzir mais energia e depois eu fecho. De 2011 a 2014, entre desoneração e isenção fiscal, conversei com o Guido Mantega e eles fizeram 540 bilhões de reais. A *Folha de S. Paulo* até fez uma matéria grande sobre isso. Foi quando a Dilma percebeu que não dava para desonerar, porque você mandava pro Congresso para desonerar a fábrica de maçã. O Eduardo Cunha colocava maçã, pera, abóbora, abacaxi, melancia, vinha 500 coisas de volta. A Dilma tentou consertar,

fez uma medida provisória e mandou para o Congresso acabando com a desoneração. O Renan Calheiros mandou de volta, não aceitou a medida provisória. Então eu acho que exageramos na desoneração, se bem que tivemos uma contrapartida positiva: o desemprego chegou a 4,3% e mantivemos todas as políticas sociais, como o Minha Casa Minha Vida, que agora está acabando.

Mônica Bergamo: O próprio PT faz críticas a Dilma. O senhor sempre fala que tem muito orgulho em ter saído com 85% de aprovação e ser o presidente mais bem avaliado do Brasil. O senhor tem vergonha de ter eleito uma presidente que foi a mais mal avaliada; Temer é o único que "ganha" dela.

Lula: Orgulho. Tenho muito orgulho de ter a Dilma.

Mônica Bergamo: Mas o povo brasileiro...

Lula: Nem todo filho consegue ter o sucesso que você teve. O Pelé não teve nenhum jogador como ele. É importante lembrar que em 2013 a Dilma tinha quase 75% de preferência eleitoral.

Mônica Bergamo: E em 2015?

Lula: Espera aí, deixa eu falar querida. Depois do que aconteceu a partir de 2013, que eu acho que nem a imprensa, nem a esquerda e nem os cientistas políticos avaliaram direito. O que foi a Primavera Árabe? Aquela loucura. Eu fiquei muito feliz quando derrubaram o [Hosni] Mubarak [no Egito]. Porque conheci ele bem. E o Obama tinha acabado de ir lá fazer um discurso. Aí elegem o [Mohamed] Morsi. Com três meses, derrubam o Morsi. E quem está governando? Uma junta militar. E não tem mais nenhuma manifestação na rua. Invadiram a Líbia quando o... o que eu vou dizer aqui é pecado, mas eu vou dizer. Porque se eu não dizer vocês não vão entender. O [Muamar al] Kadafi; por que fazer o que fizeram com o Kadafi? O Kadafi, eu achava ele muito parecido com o Cauby Peixoto. Tinha feito um implante de cabelo e estava cabeludo, utilizava muita base no rosto. Usava umas mantas bonitas, uns panos de seda branco cheio de base. Ele não causava mais mal a ninguém. Aquela loucura de matar aquele cara; o que que criaram na Líbia? Agora começou a guerrilha de verdade. No Iraque, eu conversei muito com o Bush: 'ô Bush, não tem armas químicas no Iraque. Não faça isso'. E ele fez, porque ele precisava se reeleger. E eu acho que o [Nicolas] Sarkozy e o inglês fizeram a Guerra do Iraque para poderem se reeleger, e não deu certo. Então, eu sinceramente acho que o mundo está precisando de lideranças. E nós não temos lideranças mundiais. Não temos. Então precisamos tentar, no campo da política, dizer o seguinte: quem vai resolver o problema do mundo é você ter uma classe política séria, com partidos sérios, organizados seriamente, para poder consertar o país. Não tem o gênio que você pega na universidade, coloca e ele vai lá governar. Se fosse fácil assim, você não teria problema em nenhum país. Harvard teria presidente em todo o mundo.

Florestan Fernandes: Presidente, o senhor fez a sua carreira como líder sindical que acabou na política dentro do sindicato de metalúrgicos de São Bernardo do Campo. O sindicato vai fazer 60 anos

em uma crise de emprego e com as montadoras saindo do ABC. O que o senhor diria hoje para os seus companheiros que estão no sindicalismo, no ABC? Ainda tem alguma coisa positiva?

Lula: Eu não queria dizer para os metalúrgicos não, eu queria tentar discutir com meus companheiros do movimento sindical. A classe trabalhadora mudou. A classe trabalhadora de 2020 não é mais a classe trabalhadora de 1980. Mudou profissionalmente, intelectualmente. Hoje o trabalhador não tá mais na fábrica, ele trabalha fora. Ele trabalha em casa, fazendo bico. Não tem mais aquela classe trabalhadora concentrada dentro de uma fábrica como tinha antes. Hoje o cara está no shopping, não tem condições de se unificar porque cada loja é uma loja. Então está muito mais difícil fazer sindicalismo hoje. Eu ia na porta da Volkswagen em 80 e eram 40.000 trabalhadores. Hoje, aquela Volkswagen são apenas 12.000; é um desmonte daquela fábrica. O mundo do trabalho mudou radicalmente e enquanto isso temos que repensar como reorganizar a classe trabalhadora. O cara que trabalha por conta própria, em casa, não tem mais a mesma consciência de classe daquele tempo. Então o papel do movimento sindical agora é tentar reorganizar a classe trabalhadora. A Volks tem mais metalúrgico fora do que dentro. Então o movimento sindical tem uma tarefa forte de descobrir o novo discurso e uma nova razão para a sua existência.

Florestan Fernandes: Eu recebi muitas mensagens durante esses sete meses que eu e a Mônica ficamos aguardando para fazer essa entrevista, e as pessoas que me escreveram querem um posicionamento de otimismo do senhor. Elas estão precisando de injeção de otimismo. O que o senhor teria a dizer a essas pessoas que tão no Brasil querendo uma saída melhor?

Lula: Se querem otimismo, é comigo mesmo. Vamos lembrar que, quando fui eleito em 2002, qual era a lógica do Brasil. 'O Brasil tinha uma dívida externa impagável. O Brasil está quebrado. E você não vai conseguir governar o país'. Foi assim que eu entrei para ser presidente da República. Quando entrei no sindicato, também disseram 'olha, tem a lei de greve, a estrutura sindical e você não vai conseguir mudar o sindicato'. Em três anos, a gente mudou o sindicalismo brasileiro. E em três anos nós começamos a mudar o Brasil. Por isso que eu digo que você tem que ter credibilidade, tem que construir uma relação de confiança com a sociedade, e você tem que fazer com que a sociedade confie em você. Interna e externa. Às vezes, eu fico chateado porque tem muitos empresários covardes. Que poderiam nesse instante estar brigando pelos interesses do Brasil. Indústria forte é bom para o Brasil, nós precisamos ter indústria forte, empresário forte. Cadê essa gente que não se manifesta? Estamos vendo destruírem a educação, cadê o pessoal que não se manifesta? Então eu acho que, como já provamos que é possível construir esse país, as pessoas têm que acreditar que depende de nós, de cada um. Não adianta ficar xingando o Bolsonaro e achando que ele vai fazer. Ele não vai fazer. Quem coloca os ministros da Educação que ele colocou não gosta de educação. Quem coloca o cara do meio-ambiente que ele colocou não gosta de meio-ambiente. Quem coloca o Guedes na economia não gosta do povo. Ao invés de ficar esperando que o Bolsonaro resolva nosso problema, nós temos que, enquanto sociedade civil organizada, começar a se mexer, a lutar, a brigar pelos nossos interesses,

cobrar o Congresso Nacional, fazer pressão. Você acha que vamos evitar a aprovação da Previdência social como eles querem fazendo uma manifestação na Paulista? Não. A manifestação tem que ser na cidade do deputado federal. Tem que ser na porta da casa dele, na rua dele. Se não, como é que o Bolsonaro trabalha? Robô mandando zap para senador, para deputado, para um monte de gente. 'Ah eu votei em tal coisa porque recebi muito zap'. Nós temos que brigar. Meu otimismo é esse: nunca dependi de nada, nunca dependi de favor, nunca fiquei esperando. Temos que construir a nossa proposta e ir para a rua tentar construí-la. Via Congresso Nacional, via pressão em cima do governo. É uma disputa. Nós estamos vendo na Inglaterra se manifestando. Ontem eu vi um velhinho de 89 anos fazendo manifestação em frente a um banco pela preservação ambiental. Eu vejo os coletes verdes na França, agora não sabem nem pelo que tão brigando mais, mas tão brigando todo dia. E no Brasil nós temos que fazer isso. Estão tirando os nossos direitos. Antigamente, você tinha os europeus perdendo direito. E o Brasil ganhando direito. Nós nem chegamos aos direitos que eles chegaram e já perdemos. Porque eles estão desmontando tudo que nós conquistamos. Simplesmente destruindo. Quando falam de reforma política, na verdade eles são demolidores do futuro dos nossos velhinhos. Também nunca vi unanimidade no meio de comunicação favorável à reforma. Eu assisto muito debate. Não tem um cara contrário que vai ao debate. Só gente favorável. É impressionante. Se eu fosse um jornalista da Globo, eu dizia 'é impressionante como só tem gente a favor. Voltamos a ter um pensamento único a favor da reforma'. Discute, gente. É o povo. Esse Guedes daqui a pouco vai embora. O Guedes, a hora que ele cair, ele vai morar nos EUA e ninguém vai nem lembrar dele. Mas quem vai ficar com uma vida desgraçada são mulheres e homens que trabalharam a vida inteira nesse país. Então a hora de lutar é agora. Como é que o cara manda um projeto para a comissão aprovar admissibilidade e não mostra o que é? 'Não posso mostrar, é segredo'. Gente do céu, você está tratando com os interesses de milhões de homens e mulheres, você não está tratando com interesse de banqueiro. Todo esse sacrifício do povo brasileiro para favorecer o Santander, para favorecer o Itaú, o Bradesco. Que palhaçada é essa com o nosso país? Então o povo tem que saber que o otimismo está dentro de nós. Com um mandato de quatro anos, a gente tem que saber que esse cara ganhou as eleições, a gente goste ou não goste, a gente tem que saber que ele pode imprimir o jeito dele governar e cabe a gente aceitar ou não. Se a gente não aceita, tem que lutar. Tem que ir para a rua, tem que dizer para o povo, tem que brigar. É assim que a gente faz política. Achar que o Bolsonaro vai fazer o que você quer, esqueça.

Mônica Bergamo: Queria falar de algo bem episódico, mas que quer dizer muito. O ex-primeiro ministro de Portugal José Sócrates deu uma entrevista e comentou o telefonema que o ministro Gilmar Mendes deu ao senhor no dia do velório do seu neto. E ele diz o seguinte: para ele, 'são dois adversários, que sempre tiveram uma disputa política, mas que o ministro Gilmar ligou para ele, o presidente Lula chorou, o ministro Gilmar chorou e são dois adversários chorando pelo passado que perderam. Onde um adversário reconhece a legitimidade do outro, não pensa em privar o outro de ver

o velório do seu neto e não pensa em privar essa pessoa de ver o velório do seu irmão'. Eu queria que o senhor comentasse isso sob essa perspectiva.

Lula: O único comentário que eu tenho a fazer é agradecer a bela fala do companheiro Sócrates. Eu não sabia que ele sabia. Nem sabia que a imprensa tinha dado um destaque àquilo. Nem sabia se o Gilmar tinha pedido para divulgar. Recebi um telefonema dizendo 'o ministro Gilmar quer falar com você', e ele tinha ligado também quando a Marisa morreu. A Marisa era amiga da mulher dele. É um gesto humanitário. Eu atendi, estava realmente chorando. Ouvi o Sócrates dizer que ele chorou, eu não ouvi porque também foi uma conversa muito rápida. Mas sou agradecido. Sou agradecido ao Tasso Jereissati, que mandou um telegrama me dizendo palavras carinhosas como 'eu também sou avô'. Então eu acho que, graças a Deus, a Internet ainda não acabou com o pouco de humanismo que existe dentro de nós. Ainda sobrevivemos. E tem gente que consegue sobreviver. Em compensação, têm canalhas e mais canalhas que vão para o Twitter falar bobagem e mais bobagem. Esses eu trato como canalhas, que não merecem o menor respeito. Aliás, eu nunca gostei muito de gente que utiliza Twitter porque é só meia palavra. Aquilo já diminui o vocabulário das pessoas. Com o tempo esse cara não vai saber nem escrever mais.

Florestan Fernandes: O senhor fica mais preocupado aqui preso com o que? Com a família, com os amigos, saber que eles estão passando dificuldades para se colocar na sociedade. Porque, diferente do que disseram, muitos estão numa situação financeira...

Lula: Estão todos mal. Estou com meus bens todos bloqueados. Você veja o absurdo: eu tinha sido multado em 32 milhões de reais para pagar não sei o que. O STJ diminuiu para dois milhões. Qual é a diferença? Qual é a lógica? Qual é a lógica até de multar em dois milhões?

Mônica Bergamo: Mas o senhor assinou essa lei, presidente. Uma lei que exige o pagamento de uma multa.

Lula: Mas deixa eu falar uma coisa para você, querida. Eu estou fazendo a comparação de 32 para dois. E, depois, dos dois, o suposto apartamento, que o Moro mentiu dizendo que é meu, ele colocou no leilão. E quem ganhou deve ser o amigo dele, porque não dava para comprar aquilo do jeito que comprou. Alguém que comprou é amigo do Moro. Ali foi um ajeito, um trambique que foi feito. Mas o cara comprou o apartamento por 2 milhões. Se o apartamento foi vendido no leilão por dois milhões, os dois milhões eram para a Petrobrás. Então qual é a multa? Apenas lembrando isso. Eu espero que, a partir desse processo que a dona Marisa ganhou em São Paulo, as pessoas desbloqueiem os bens pelo menos da parte da dona Marisa para que os filhos possam, pelo menos, sobreviver dignamente. Eu fico preocupado. Tenho preocupação com meu filho, que vem aqui me ver sempre. Mas eu fico preocupado é com a situação do Brasil. Não consigo imaginar os sonhos que eu tive para esse país, quando a gente descobriu o pré-sal, para fazer esse país virar gigante. Eu tenho orgulho e sonhei grande, porque passei a ser um presidente muito respeitado. Aqui na América do Sul, o Brasil era

referência. Eu sonhava em criar um bloco na América do Sul para a gente ter força para negociar com a União Europeia, com os EUA, com a China. Individualmente a gente é muito fraco. Eu fui o único presidente a ser chamado para todas as reuniões do G8. Eu digo eu, porque eu era o presidente, mas o Brasil foi muito importante no G20. Tudo isso desmanchou. Agora o prefeito de Nova York não quer fazer um jantar com o presidente do Brasil. O dono do restaurante se recusa. A que ponto chegamos? Que avacalhão! Um país que, em 2008, quando ganhamos as Olimpíadas, eu tinha certeza que o Brasil chegaria a ser a quinta economia do mundo. Até brincava com os alemães: se preparem que nós estamos chegando aí. Para o Brasil não tem limite.

Mônica Bergamo: Se o senhor algum dia sair daqui...

Lula: Eu vou sair, querida. Espero que você esteja aqui.

Mônica Bergamo? Presidente, além de tomar uma cachaça com seus apoiadores, qual a primeira coisa que o senhor vai fazer?

Lula: Eu adoraria poder um dia fazer um debate em uma universidade com Moro e Dallagnol juntos. Adoraria um debate. Eles levando as milhares de páginas que contaram mentiras e eu levando a minha verdade. Eu adoraria. Com a cara boa, tranquila, bonitão como eu tô hoje. Para discutir. Mas na verdade eu quero comer um churrasco, uma bela de uma picanha, uma panceta bem passadinha e tomar um, como diria o José Alencar, um golo. Mas eu vou fazer. Tenham paciência. Quero agradecer a vocês e sobretudo agradecer a Justiça que fez justiça nesse caso. Poderia ter feito isso antes das eleições de 2018. Lamentavelmente não foi feito, então, quero agradecer a vocês dois pela briga, pela tenacidade e espero que tenhamos outras entrevistas. Se deixarem. Muito obrigado.⁷²

⁷² Colaboraram: Beatriz Jucá, Diogo Magri, Gil Alessi, Heloísa Mendonça e Joana Oliveira.

ANEXO C - Entrevista de Lula ao jornalista Kennedy Alencar da BBC News, em 3 de maio de 2019⁷³

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva diz que Jair Bolsonaro tem um começo de mandato “desastroso”, “é um doente” por facilitar a posse e porte de armas, fez opção pela “mediocridade” na política econômica e deveria governar para o “povo brasileiro” e não para “milicianos”.

Segundo Lula, “a fachada [que o atual presidente da República sofreu durante a eleição em setembro passado] o protegeu de mostrar quem ele é na verdade, se ele tivesse participado dos debates”.

O petista avalia que a Lava Jato poderia “ter cumprido uma tarefa importante de prender ladrão”, mas virou um “partido político”.

Lula admitiu que pode ter cometido um erro ao não ter sido candidato a presidente em 2014. “Eu, às vezes, lamento por não ter sido mais incisivo com a Dilma para que ela fizesse algumas coisas.”

A entrevista foi realizada no dia 3 de maio em Curitiba, às 10h, na Superintendência da Polícia Federal no Paraná.

Kennedy Alencar: Eu quero começar, presidente...

Lula: Eu queria fazer só uma ponderação, que você falasse um pouco mais alto.

Kennedy Alencar: Tá bom.

Lula: A idade vai diminuindo a audição.

Kennedy Alencar: Eu vou falar mais alto, tá bom. Quando o Sr. foi presidente do Brasil, que papel o Brasil passou a ocupar no cenário mundial?

Lula: Olha, eu tinha alguns compromissos com o Brasil e com a minha história. Antes de dizer esses compromissos, eu queria, primeiro, agradecer a entrevista. Dizer que é uma oportunidade extraordinária que você está me dando de poder colocar a verdade nua e crua, sempre desafiando qualquer empresário, qualquer juiz, qualquer promotor a provar qualquer deslize da minha conduta ética e moral neste país, da minha honestidade. E reafirmar que há um inquérito mentiroso a meu respeito, uma acusação mentirosa e um julgamento mentiroso. E disto eu faço questão: eu tenho uns

⁷³ ENTREVISTA de Lula a Kennedy Alencar. **BBC News**, 03 maio 2019. 1 vídeo (110 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mCnbvMZg7bQ&t=62s>. Acesso em 20 jul. 2021.

20 anos de vida pela frente, de tentar provar a farsa e a montagem que fizeram para poder me colocar aqui.

Kennedy Alencar: Nós vamos falar desses casos específicos, mas agora eu queria falar um pouco da sua Presidência.

Lula: Quando fui presidente da República, eu tinha um compromisso com a minha história e tinha um compromisso com o povo brasileiro. Ou seja, eu precisava provar que o Brasil tinha possibilidade de crescer, tinha possibilidade de melhorar a vida do povo. E você veja que eu fui muito comedido no meu discurso depois da vitória. Eu disse apenas o seguinte: se, ao terminar o meu mandato, cada brasileiro ou brasileira estiver tomando café da manhã, almoçando ou jantando, eu já terei cumprido a tarefa da minha vida. Foi com base nisso que eu fui a Davos anunciar o Programa Fome Zero, antes de anunciar em Porto Alegre, no encontro social [Fórum Social Mundial de 2003] que houve em Porto Alegre. E eu queria provar que os economistas não davam conta de resolver os problemas do Brasil com as discussões teóricas que eles faziam. No Brasil, sempre se discutia: é preciso crescer para distribuir ou distribuir para crescer. E nós chegamos à conclusão de que era preciso fazer os dois concomitantemente: era preciso crescer distribuindo e distribuir crescendo. Não dava para fazer as pessoas esperarem, como o meu amigo Delfim Neto dizia: *“Primeiro, o bolo vai crescer. Quando o bolo crescer, vamos distribuir”*. O bolo crescia, alguém comia, e o povo ficara esperando. E nós, então, resolvemos fazer isso.

Eu também tinha como objetivo mudar a geopolítica internacional, fazer com que o Brasil passasse a ser protagonista da política internacional. Eu já contei com a ajuda de muita gente. Tive a ajuda de muitos presidentes. Me sinto honrado de ter tanta gente que contribuiu comigo. Todos os presidentes do mundo contribuíram comigo, me tratavam bem, me respeitavam bem, a ponto de o presidente do FMI [Fundo Monetário Internacional] chorar duas vezes comigo, discutindo a solução dos problemas brasileiros. E eu, quando deixei a Presidência, tenho muito orgulho, porque o Brasil virou protagonista. Fui o único presidente do Brasil a participar de todas as reuniões do G8, menos a feita em São Francisco, convidada pelo Bush, que foi a segunda. E eu fui um dos artífices da criação do G20 para discutir a crise de 2008. O Brasil virou protagonista, o Brasil passou a ser respeitado, o Brasil passou a ser levado em conta. Os brasileiros que viajavam tinham orgulho de viajar com o passaporte brasileiro. E o Brasil estava propenso a se transformar na quinta economia do mundo.

Kennedy Alencar: Presidente, como o Sr. descreveria a forma como o Brasil e o Sr. foram tratados desde o momento em que o Sr. deixou a Presidência com uma popularidade alta... O Brasil parecia um modelo emergente, de poder emergente?

Lula: Vamos levar em conta uma coisa que eu digo para tentar fazer as pessoas entenderem o que aconteceu com a Dilma, que é um pouco parecido com o que aconteceu com o Fernando Henrique Cardoso, com uma diferença: o Fernando Henrique Cardoso tinha o [Michel] Temer na Presidência da

Câmara, tentando ajudar a aprovar as reformas; e a Dilma ganhou de presente o Eduardo Cunha, que trabalhava para não aprovar nada, para tentar fazer as chamadas... Como é que fala? As propostas-bomba...

Kennedy Alencar: Pautas-bomba.

Lula: As pautas-bomba. A Dilma mandava exonerar esse copo, e vinha não apenas o copo, mas também a garrafa, o bar, a esquina, a rua. Na verdade, trabalharam para prejudicar a presidenta Dilma. Essa foi a diferença básica. A segunda coisa, é importante lembrar, é que a Dilma, em 2012, tinha 75% de aprovação. Era a maior aprovação de um presidente naquela época, até mais do que eu, no final do seu primeiro mandato. Ora, então a Dilma estava bem. Quando é que se desarranjaram? Eu acho que houve um descuido no trato da política externa. Porque eu tratava [da política externa] com muito carinho. Eu sempre achava que política você não faz por *e-mail*, política você não faz por fax, política você não faz por Instagram, política você não faz por WhatsApp. Política é olho no olho.

Kennedy Alencar: A Dilma subestimou, desprezou a política externa?

Lula: Houve uma mudança. Obviamente, você não encontra um Celso Amorim em cada esquina do planeta Terra. O Celso Amorim, quando ele estava na ativa, eu o tinha como o mais importante ministro de Relações Exteriores do mundo. Eu sei o quanto o Celso era levado em conta. Eu sei o quanto o Celso era respeitado pela China, pela Rússia, pelos Estados Unidos. O Colin Powell, que era Secretário de Estado americano, para escrever alguma coisa sobre a Venezuela, ligava para o Celso Amorim. Obviamente, a Dilma não teve o Celso Amorim. Ela escolheu outro companheiro [Antonio Patriota 2011/2013; Luiz Alberto Figueiredo Machado 2013/2015; Mauro Vieira 2015/2016] e não teve o mesmo resultado. E política externa significa você ganhar confiança, significa você conversar com as pessoas, significa você ter paciência, significa você ouvir. E eu fazia isso com prazer, porque eu sonhava estrategicamente em ter o Brasil entre os principais países do mundo na decisão da geopolítica internacional. É por isso que nós criamos o BRICS, que nós criamos o IBAS, que era Brasil, África do Sul, China e Índia. A China queria entrar, e a gente não deixava porque a China não era democrática.

Kennedy Alencar: Presidente, por que aconteceu com o Sr. e com o Brasil o que aconteceu?

Lula: Quando houve o impeachment da Dilma _um impeachment, eu diria, com base numa mentira deslavada, com base numa farsa montada, eu tinha a certeza de que o processo contra a Dilma era o início de um processo que teria que terminar em mim. Você deve ter conversado comigo algumas vezes, e eu disse o seguinte: o impeachment não termina se não passar pelo Lula, porque eu não conseguia enxergar como é que tiravam a Dilma para deixar o Lula voltar para a Presidência do Brasil.

Kennedy Alencar: E por que tinha que tirar o Lula?

Lula: Olha, eu penso que no Brasil nós temos um problema psicológico coletivo na elite brasileira, que é não suportar a ascensão das camadas mais pobres do Brasil. Incomoda. É triste, mas incomoda os pobres estarem ocupando as praças que eram dos ricos, os pobres estarem frequentando os restaurantes, os pobres estarem viajando nos aviões que eles viajavam, os pobres estarem ocupando um espaço de ascensão social que não estava previsto na elite brasileira desde o fim da escravidão. É importante lembrar, para a gente dizer o número correto, é que nesse período nós tínhamos tirado 36 milhões de pessoa da miséria absoluta e tínhamos elevado 42 milhões de brasileiros e brasileiras a um padrão de consumo de classe média baixa. Ou seja, as pessoas passaram a gostar de si mesmas. As pessoas passaram a estudar. Você acha que as meninas pobres do ProUni [Programa Universidade para Todos] eram tratadas com deferência nas universidades? Não eram, não! Outras meninas, ao invés de ficarem orgulhosas de terem uma pobre na sua sala, às vezes tinham raiva. Você acha que as pessoas gostavam de a gente financiar o FIES [Fundo de Financiamento Estudantil]? Não, só quem recebia gostava. Você acha que as pessoas gostavam de eu ser um cara que só tem o quarto ano primário e ser o presidente que mais fez universidades na história deste país, que mais cuidou do ensino fundamental, que mais cuidou do ensino técnico neste país? Você acha que eles admitiam isso com facilidade? Então, eu penso que esse preconceito e essa coisa de não deixar o PT voltar para não permitir mais a continuidade da ascensão social. Eles sabiam que, comigo, a coisa iria acontecer. Eu voltaria muito mais calejado, muito mais preparado. Porque uma coisa sobre a qual você deve se informar, até para me ajudar, é a seguinte: por que os empresários, até julho de 2014, faziam procissão, faziam fila no Instituto [Lula], para pedir para eu ser candidato à Presidência da República?

Kennedy Alencar: Por quê?

Lula: Ora, porque eles sabiam o que tinha acontecido no meu período de governo. Eles sabiam o quanto eles tinham ganhado. Eles sabiam o quanto foi bom para a economia brasileira, o quanto foi bom para a indústria naval, o quanto foi bom para a Petrobrás, o quanto foi bom para a indústria de etanol, o quanto foi bom para o pequeno e médio investidor. Eles sabiam disso. Depois que eu disse que não queria ser candidato, porque era um direito da Dilma ser candidata, essa gente bandeou, e não para o PT: essa gente bandeou para os tucanos.

Kennedy Alencar: Foi um grande erro do sr. não ter sido candidato em 2014.

Lula: Pode ter sido um erro meu, mas foi um erro em respeito ao direito da Dilma. Tinha muita gente que queria que eu fosse candidato, e eu dizia o seguinte: ela é a presidenta, ela tem o direito de querer ser candidata. A única chance de eu ser seria se ela tivesse me procurado e falado: “*Presidente Lula, eu acho que você deveria voltar*”. Fora disso, não tinha hipótese.

Kennedy Alencar: A presidenta Dilma disse que o sr. deveria ter pedido a ela para ser candidato.

Lula: Veja, é uma interpretação dela, porque seria muito difícil eu chegar na Dilma, no Palácio do Planalto, na mesa da presidenta, e falar: “*Presidenta, saia que é minha vez agora!*”. Você acha que eu ia fazer isso? Jamais. Eu aprendi a respeitar, e achava que a Dilma tinha o direito de pleitear o segundo mandato.

Kennedy Alencar: Presidente, eu queria falar do desenvolvimento da sua filosofia política. O sr. teve uma infância pobre e, antes de chegar ao poder, o Sr. tinha preocupação com a questão da fome, de os brasileiros fazerem três refeições por dia.

Lula: É importante lembrar o seguinte: eu não gostava de política, até 1978. Eu não gostava de sindicato até 1968, quando eu fui e fiquei sócio do sindicato de São Bernardo do Campo. E o que me fez ficar sócio foi uma agressão que meu irmão Frei Chico sofreu numa discussão, numa assembleia. Aí, eu entrei no sindicato. Eu dizia _olha como eu era ignorante!_ o seguinte: “*Eu não gosto de política e não gosto de quem gosta de política*”. Isso em 1978. Aí vieram as greves, as coisas foram crescendo. O [Ernesto] Geisel mandou uma proposta de lei proibindo as categorias essenciais de fazerem greve: bancário, posto de gasolina, não podia fazer greve. Aí, fui a Brasília. Quando eu cheguei a Brasília, descobri que não tinha trabalhador! Eu conversava com os deputados. Entre 513, havia dois trabalhadores: Benedito Marcílio, metalúrgico de Santo André, e Aurélio Peres, metalúrgico de São Paulo. Só dois. Voltei pra casa pensando: “*Como é possível eu querer que a classe trabalhadora tenha direito, se a grande maioria que está lá não tem a ver com a classe trabalhadora?*” É o que eu acho que, até hoje, os eleitores têm que perceber. Se o eleitor se lembrar em quem ele votou na última eleição, vai perceber por que eles querem fazer a destruição da Previdência Social. Veja que absurdo: eu, que em junho dizia que não gostava de política nem de quem gostava de política, em setembro estava fazendo campanha para o Fernando Henrique Cardoso ser candidato ao Senado, porque tinha sublegenda e ele disputava com Franco Montoro. E a gente achava o Fernando Henrique Cardoso mais progressista. Tinha voltado acho que do Chile ou da França — sei lá onde ele morava. Então, um grupo de sindicalistas procurou o Fernando Henrique Cardoso, fomos apoiá-lo. E fizemos com que o Dr. Maurício [Soares], que era nosso advogado em São Bernardo, fosse suplente do Fernando Henrique Cardoso. Ele perdeu, até para o Claudio Lembo. Ele perdeu para o Montoro, mas o Claudio Lembo foi o segundo. E o Fernando Henrique Cardoso ficou [como suplente] até assumir. Quando ele assumiu _o Montoro foi eleito em 1982_, o Fernando Henrique Cardoso mudou de posição, e o PT já existia.

Kennedy Alencar: O Sr. viu que era importante fazer um partido político?

Lula: Eu cheguei à conclusão de que, se nós quiséssemos mudar a história do Brasil, nós tínhamos que criar um partido político, criar um partido político em que a classe trabalhadora dirigisse esse partido político, em que a classe trabalhadora, junto com outras pessoas, fizesse o programa desse partido. E foi importante porque a gente juntou não apenas o que tinha de melhor no movimento

sindical: a gente juntou o que tinha de melhor na esquerda brasileira, o que tinha de melhor na intelectualidade, o que tinha de melhor na igreja progressiva, sobretudo com o pessoal da Teologia da Libertação. E a gente juntou muitos estudantes. E o PT virou o maior partido de esquerda da América Latina.

Kennedy Alencar: E aí, presidente, o que aconteceu com o Brasil, em termos de união nacional, de coesão nacional e de mobilidade social durante o seu governo?

Lula: Olha, eu duvido... Eu não conheço que tenha tido na história do Brasil um governo mais plural do que o meu, e mais participativo, do ponto de vista da democracia. Eu tinha muitos ministros que não tinham nada a ver com o PT, muitos ministros. Figuras importantes, como Celso Amorim, não eram do PT...

Kennedy Alencar: Da elite?

Lula: Como Furlan, que não era do PT. Miguel Jorge não era do PT. Márcio Thomaz Bastos não era do PT. Tinha muita gente importante que não era do PT, fora outros nomes. Ou seja, com o que eu tinha preocupação? Eu não tinha sido eleito para governar para o PT, eu tinha sido eleito para governar para a sociedade brasileira. É por isso que eu dizia: “Eu vou governar para todos. Agora, as pessoas têm que saber que no meu governo nós temos um olhar preferencial para os mais pobres”.

Kennedy Alencar: Presidente, foi um erro ter feito um governo de conciliação com as elites?

Lula: Eu não acho que eu fiz um governo de conciliação. Na verdade...

Kennedy Alencar: O Sr. diz que todo mundo ganhou...

Lula: Isso é bom. Só não pode todo mundo ganhar num jogo de futebol. Um tem que ganhar ou, no mínimo, empata. Veja, eu tinha um país esfacelado. Vamos lembrar quando eu cheguei, pela eleição, à Presidência da República. O Brasil era desacreditado a nível internacional; o [ministro da Fazenda Pedro] Malan todo ano ia pedir dinheiro para fazer o fechamento do caixa; o Brasil devia ao FMI; o Brasil não tinha dinheiro para financiar as suas exportações. E o Brasil tinha uma dívida com o FMI. O que nós fizemos? Nós reconquistamos a credibilidade. O Brasil saiu de 60 bilhões de exportação para 480 bilhões de exportação. Não é pouca coisa. Nós criamos uma série de instrumentos, o que fez o Brasil ir ganhando confiança, e ganhando confiança, e crescendo, e crescendo. E eu tinha certeza de que o Brasil só ia crescer quando mais da metade da população começasse a consumir. Aquela ideia minha de que muito dinheiro na mão de pouca gente é concentração de renda e pouco dinheiro na mão de muitos é distribuição de renda.

Kennedy Alencar: E hoje a miséria está crescendo no Brasil.

Lula: Foi com essa filosofia que eu resolvi governar o Brasil, ou seja, se cada pobre comer dois pãezinhos e tomar dois cafezinhos, se cada um comprar um sapato, uma camisa, uma calça, um tijolo a mais, a economia começa a funcionar. Eu não esqueço nunca quando eu tomei a decisão de fazer o “puxadinho”, de financiar “puxadinho”: o cara construir um banheiro a mais, o cara construir uma garagem a mais, o cara construir um quarto a mais. Na filosofia de quem é ministro da Fazenda, é impensável pensar política assim! Porque essa política não se ensina em Harvard, essa política não se ensina na Unicamp, essa política não se ensina na USP. Essa política a gente aprende é sobrevivendo no dia a dia.

Kennedy Alencar: É um erro o Bolsonaro delegar tanto poder ao Paulo Guedes e à equipe econômica?

Lula: Depois eu vou falar do erro do Bolsonaro. Eu queria só completar essa coisa da política pequena. Na medida em que nós colocamos milhões de pessoas para participar do processo com o Programa Luz para Todos... As pessoas não falam, Kennedy, mas foram 4 milhões de ligações, envolvendo quase 15 milhões de pessoas, que passaram a comprar televisão, a comprar geladeira, a comprar liquidificador, a comprar bomba d’água, a comprar casa de farinha. E o PAA [Programa de Aquisição de Alimentos], que era para financiar a agricultura familiar, para financiar o cara que produzia. Eram milhões e milhões de pessoas trabalhando. O Mais Alimentos. Quando veio a crise _diziam que era porque a China estava consumindo tudo_, nós criamos o Programa Mais Alimentos para financiar máquinas, implementos agrícolas e tratores de até 80 cavalos. Foi esse programa que salvou a indústria automotiva do Brasil em 2008 e 2009, meu caro. A bancarização no Brasil? Você sabe quantas pessoas tiveram acesso a banco no meu governo? Foram 70 milhões de pessoas! Sabe o que significa 70 milhões de pessoas? A Argentina e a Colômbia juntas, no sistema financeiro brasileiro.

Kennedy Alencar: É um terço da população hoje.

Lula: Você vê uma pessoa catadora de papel acabar de vender o papel e ir à Caixa Econômica Federal para depositar seu dinheiro. Para nós, que temos conta bancária — eu não tenho agora porque o Moro bloqueou tudo —, a pessoa sente um orgulho! Aquela conta bancária para aquela pessoa que depositou 30 reais é um orgulho! As pessoas choravam na porta da Caixa Econômica Federal! Então, o que ficou provado para mim? Pobre não é problema; pobre é solução, quando você o inclui e o transforma em sujeito da história. Foi o que nós fizemos. Bem, Bolsonaro...

Kennedy Alencar: Fale do Bolsonaro.

Lula: Veja, eu não vou fazer julgamento do Bolsonaro, porque ele só tem quatro meses de mandato. Acho que ele tem um início de mandato extremamente desastroso. A impressão que eu tenho é que ele não sabe “lé com cré”. A impressão que eu tenho é que ele não tem noção das coisas que fala. Ele não

conhece nada de política externa, ele não conhece nada de economia. Ele faz questão de mostrar que não conhece! Veja, ele delegou ao Guedes para fazer a questão da economia. A questão da economia não é apenas uma questão econômica: a economia é uma questão política. O governo tem que decidir quem é que vai ser beneficiado. “*Para quem que eu quero governar? Quem é que precisa do Estado?*” E como é que funciona a cabeça do Guedes? A cabeça do Guedes funciona... está pensando no mercado. Então, para o Guedes, se vai ter aposentado passando fome, se vai destruir a Previdência Social, pouco interessa. Isso é dado estatístico. O que ele quer é contemplar o mercado.

Kennedy Alencar: Mas, presidente, a situação econômica do Brasil é muito mais grave hoje, e o seu governo foi muito ajudado pelo chamado *boom* das *commodities*. Nós temos um problema fiscal.

Lula: Vamos ver se é verdade isso? Quando eu estive no governo, acho que o dólar era R\$ 2,60, e nós exportávamos metade do que exportamos hoje. Hoje nós exportamos o dobro, com o dólar a R\$ 4,00.

Kennedy Alencar: Mas não é um fato que o *boom* das *commodities* ajudou?

Lula: Mas valia para mim e valia para todo mundo. Acontece que, com esse ministro de política externa, você não vai para lugar nenhum. Kennedy, preste atenção numa coisa que você não vai ouvir em uma aula de economia. Há⁷⁴ duas formas de um país crescer: uma é o mercado interno, é você produzir para o consumo do seu povo; e a outra é você produzir para exportação. Para exportar, você tem uma dificuldade. Primeiro, você tem que ter competitividade. E você tem que ter qualidade e tem que ter preço. O Brasil tem pouca chance de competir com os chamados países industrializados, porque este ano mesmo diminuíram 46% o dinheiro da ciência e tecnologia. Sem investimento em ciência e tecnologia, você não vira competitivo. Então, o que acontece? Você precisa fazer um esforço incomensurável para vender. Você está lembrado o que eu dizia em 2002. O meu ministro da Indústria e Comércio era um mascate: eu quero que ele faça como aqueles turcos que iam na porta da casa da gente vender pano. Ou seja, tem que bater palma na porta de cada país, tem que convencer os países. Eu viajava e levava empresário para tudo quanto é lugar, para vender. Vendia sapato, vendia roupa, vendia tudo. É assim. E é por isso que nós tivemos um crescimento extraordinário, por isso tivemos o crescimento. Agora, quando você tem um governo que começa a brigar com a China, que é o nosso maior parceiro comercial...

Kennedy Alencar: E países árabes, Argentina...

Lula: ...Atendendo aos interesses dos Estados Unidos _e os americanos, por detrás, ganham uma fatia do nosso mercado, vendendo 10 milhões de toneladas de soja para a China no nosso lugar_, quando a gente briga com o mundo árabe, quando a gente briga com o Mercosul, você vai vender para quem? Para os Estados Unidos? Os Estados Unidos não querem comprar soja do Brasil, não querem comprar

⁷⁴ Crescimento econômico.

milho do Brasil, não querem comprar carne do Brasil, porque eles produzem. E também não querem comprar produto manufaturado.

Kennedy Alencar: É um erro essa política de alinhamento a Washington?

Lula: Totalmente errado. O Brasil é um país grande. O Brasil precisa apenas aprender a se respeitar. O Brasil não tem que se alinhar nem a Washington, nem a Pequim, nem a Moscou, nem muito menos a Frankfurt. O Brasil tem que se apoiar na sua soberania. O Brasil é um país que tem 210 milhões de habitantes. O país tem efetivamente quase tudo que precisa. Tem um potencial intelectual extraordinário! O que o Brasil precisa é parar de ser mesquinho. E em tudo que você quer fazer para avançar a sociedade, aparece alguém para dizer: *“Não pode, não pode. Não tem dinheiro”*. Você sabe o que eu dizia para o meu pessoal? *“Gente, é o seguinte, vamos parar de discutir que a gente não pode fazer as coisas e vamos discutir quanto custou ao Brasil não fazer as coisas na hora certa.”*

Kennedy Alencar: Mas, presidente, hoje a relação entre a dívida pública e o PIB (Produto Interno Bruto) é muito alta.

Lula: A tendência é crescer, porque a economia não cresce. Ora, como é que você diminui a dívida pública com relação ao PIB? É você crescendo. Na hora em que você começa a crescer, você diminui a dívida. Se você não investe e não cresce, a dívida aumenta. Agora, veja, quando o país toma a decisão absurda de vender todo o patrimônio construído ao longo da história para resolver a dívida pública, o que vai acontecer? Daqui a alguns meses ou daqui há um ano, a gente não tem mais patrimônio, e a dívida continua. Porque, para resolver a dívida, a economia tem que crescer, o povo precisa consumir, o povo precisa comprar, e o Brasil precisa vender mais lá fora. E para vender lá fora, tem que ter gente vendendo. Ninguém compra do Brasil porque fulano de tal é presidente. Você tem que ir atrás.

Kennedy Alencar: O governo Bolsonaro é capaz de fazer isso?

Lula: Não acredito. Eu não gosto de fazer julgamento, mas eu não acredito. Obviamente, ele tem quatro anos de mandato pela frente, mas eu não acredito, porque eu penso que ele fez uma opção pela mediocridade.

Kennedy Alencar: Presidente, eu quero voltar um pouquinho. Tenho muitas perguntas para fazer. O quanto foi importante para o Brasil ter sido escolhido para sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas? O que isso significou?

Lula: Vamos separar as duas coisas, porque as Olimpíadas nós brigamos para conquistar. A Copa do Mundo foi uma decisão da FIFA. Como ela tinha decidido fazer um rodízio nos continentes e tinha feito na África do Sul, e no Brasil tinha feito a última em 1950 _o México já tinha feito duas_, então a FIFA decidiu fazer no Brasil.

Kennedy Alencar: Mas são eventos globais, não é?

Lula: O que eu estou falando é que não houve uma briga no Brasil para fazer. Veio ao Brasil de graça. E eu achava importante, achava extremamente importante. E achava as Olimpíadas extremamente importantes, por isso nós brigamos pelas Olimpíadas. Toda vez que eu vejo alguém falar mal das Olimpíadas, eu queria lembrar o que aconteceu no dia em que foi anunciado o Rio de Janeiro, o que aconteceu em Copacabana. Para o povo do Rio de Janeiro, foi a festa mais extraordinária, foi no dia em que a gente conquistou as Olimpíadas. E aí, houve⁷⁵ um processo de destruição da Copa do Mundo. Eu acho que influenciou os jogadores, porque, quando chegou 2014, o clima era um clima de guerra. Como você é um jornalista de muita competência, eu queria pedir a você que fizesse algumas coisas para investigar. Houve um processo de tentativa de destruição, quando se levantaram duas teses: que o dinheiro do país estava sendo gasto na Copa do Mundo, que tinha muita corrupção, e que os estádios no Brasil custavam o triplo do que custavam em qualquer lugar do mundo, ou seja, criou-se uma unanimidade de desconfiança. Estou lhe dizendo isso porque o Itaú era patrocinador, e eu chamei o Roberto Setubal e os diretores dele para conversar: como é que eles estavam tratando a Copa do Mundo, sem fazer a publicidade para convencer a sociedade a aceitar a Copa do mundo? Chamei a Ambev para conversar. *“Estão destruindo a Copa do Mundo e vocês são patrocinadores. Vocês não fazem nada!”* Chamei o João Roberto Marinho para conversar sobre a Copa do Mundo. *“Você é a emissora que vai transmitir. O que vocês estão fazendo?”* Conversei com a Dilma, disse que era preciso recuperar a Copa do mundo, porque era só corrupção, só corrupção... inventou-se a ideia do padrão FIFA, e tudo era padrão FIFA, padrão FIFA. Chamei uma pessoa, que você deve conhecer, chamada Valmir Campelo. Era Ministro do Tribunal de Contas da União. Ele foi designado pelo Tribunal de Contas para acompanhar todos os estádios da Copa do Mundo. Eu falei: *“Valmir, eu gostaria de saber o seguinte: tem corrupção em algum estádio?”* Tem o relatório final do Tribunal de Contas da União. Ele dizia: *“Não tem. Não peguei corrupção em nenhum estádio. Teve um probleminha no Rio de Janeiro, que numa reunião com as empresas e o governador foi resolvido”*. Isso é um dado do Tribunal de Contas da União!

Kennedy Alencar: Presidente Lula, foram oportunidades perdidas?

Lula: Eu acho que foi, eu acho que foi. Você ter um evento como a Copa do Mundo, em que você poderia vender as coisas boas que este país tinha, e você passou a vender desgraça neste país! Aquela cena da vaia da Dilma na abertura da Copa do Mundo, sinceramente, eu jamais imaginei, jamais imaginei que setores da classe média... porque não era trabalhador. Ali não tinha trabalhador, na abertura da Copa do Mundo, até porque não podia pagar.

⁷⁵ A copa do Mundo entrou no pacote de guerra híbrida que se iniciou em 2013? Creio que sim. Ver as conexões.

Kennedy Alencar: Muitos eram chamados de “coxinhas”.

Lula: Eu acho que teve muito ingresso dado por empresa. Eu não fui convidado para a Copa do Mundo! Você acredita que eu não fui convidado para a Copa do Mundo? Você pensa que eu não fiquei frustrado, em casa: *“Porra, mas nem me convidaram para ir lá?”* Eu até repartia a vaia com a Dilma! (*Riso*). Então, aquilo foi um desastre para o Brasil.

Kennedy Alencar: As Olimpíadas também?

Lula: As Olimpíadas são diferentes. As Olimpíadas foram feitas com tempo hábil, para que a gente fizesse o que tinha de melhor. Eu lembro de um discurso de quando voltei de Copenhagen, dizendo para os presidentes das federações: *“Vocês têm que elaborar um plano de metas para que a gente possa chegar às Olimpíadas com o Brasil virando uma potência olímpica”*. Agora, isso dependia, na verdade, de quem cuidava do esporte, não do presidente da República. Eu acho que foi uma oportunidade mal aproveitada pelo Brasil. O Brasil já estava tomado de ódio, já estava tomado de uma disputa insana, já estava tomado... isso prejudicou o país. Na verdade, a gente jogou fora essas duas oportunidades.

Kennedy Alencar: Esse ponto é importante. Por que aconteceram tantos protestos de rua no Brasil em 2013. E qual foi o real significado daquilo para a política brasileira?

Lula: Você sabe que eu acho que até hoje nós não avaliamos corretamente o que aconteceu⁷⁶ em 2013. Ninguém me convence de que aquilo foi porque a polícia de São Paulo bateu em uma manifestação de 3 mil pessoas que estavam reivindicando 20 centavos de diminuição no aumento do transporte, e que a sociedade foi para a rua. Não acredito. Aquilo, na minha opinião, já fazia parte da arquitetura política de derrubar o governo, de tirar o PT do poder, porque era uma manifestação muito contra o PT. Nós começamos entendendo que era uma manifestação por reivindicação, e não era por reivindicação. Eu vi alguns vídeos na Internet que tiveram, naquela época, 8 milhões de visualizações, 15 milhões. Ou seja, era uma coisa que só podia ser patrocinada por robô.

Kennedy Alencar: O Sr. não acha que eram protestos naturais?

Lula: Não, não era natural. A Globo jamais cancelaria a grade dela para colocar manifestação. Ela não colocava isso nem no enterro do Roberto Marinho. A Globo cancelou a sua novela para mostrar as manifestações. Você acha que isso é de graça?

Kennedy Alencar: Porque era notícia.

⁷⁶ A origem do golpe foi 2013.

Lula: Notícia era a campanha das Diretas, e ela nunca suspendeu a novela para mostrar. Na verdade, aquilo era convocado. Era convocado pelo jornal das 8 horas, pelo jornal das 7 horas, por Ana Maria Braga. Era convocado por todo mundo. Era convocado na televisão. Kennedy, é o seguinte...

Kennedy Alencar: O Sr. não está negando uma realidade?

Lula: Não, eu não estou negando uma realidade. A verdade é que, naquele tempo, a economia não estava mal. É importante lembrar que a economia cresceu, eu acho, 1,9% ou 2% naquele ano. É importante lembrar que a gente tinha pleno emprego. Kennedy, a gente não pode esquecer que em 2014 a gente tinha 4,3% de desemprego no Brasil. Você sabe o que significa isso? Significa Finlândia, Noruega, Dinamarca, Suécia, Holanda. O Brasil nunca teve isso. Significa que tinha um crescimento da economia de forma extraordinária. Eram 20 milhões de empregos neste país! Era gente voltando do Japão, era gente voltando de Portugal, era gente voltando de todas as partes do mundo para trabalhar aqui, meu filho. Essa coisa era em 2013.

Kennedy Alencar: E por que o governo Dilma, então, fracassou?

Lula: Vou tentar mostrar o que eu acho de erro político. Veja, a Dilma utilizou uma política, talvez orientada pela equipe econômica, de desoneração. Eu fiz 47 bilhões de desonerações, na crise de 2008. E na época eu fiquei muito nervoso, porque a indústria automobilística brasileira não tinha nenhuma razão de paralisar. Ela paralisou a pedido das matrizes, porque era preciso sustentar a quebra deles nos países de origem. Eu fiquei muito nervoso, muito. Inclusive tive uma briga muito séria com alguns empresários da indústria automobilística. Pois bem, eu desonerei para tentar recuperar a economia, e no ano seguinte crescemos 7,5%, correto? Não sei se foi a Dilma ou o Guido [Mantega, então ministro da Fazenda], mas, de qualquer forma, o governo começou a fazer uma política de desoneração sem levar em conta, primeiro, o compartilhamento. Se vou desonerar para uma categoria econômica, tenho que conversar com os trabalhadores para saber o que eles vão ganhar. Segundo, tenho que desonerar por um prazo determinado. Não posso desonerar para sempre. Tenho que utilizar aquilo como se fosse o chuveiro da minha casa: eu abro para tirar o sabão e depois eu fecho. Vou controlando aquilo. E nós fizemos 540 bilhões de desonerações entre 2011 e 2014 _não sei se o número é exato.

Kennedy Alencar: E acabou com o superávit fiscal.

Lula: O problema é que, quando você tem uma torneira enchendo a caixa e tem uma torneira saindo, e a que está saindo sai mais do que entra, uma hora acaba. Quando a Dilma percebeu, quando a Dilma percebeu...

Kennedy Alencar: Presidente, mas além do erro na economia, ela cometia erros com o Congresso. Não foi um desastre combinar esse desprezo pelo Congresso, esse erro político, e o erro na economia?

Lula: Eu vou falar.

Kennedy Alencar: Foi ou não foi? Foi um erro, presidente.

Lula: Primeiro, deixa eu terminar só o erro econômico. Quando a Dilma descobriu isso, fez uma medida provisória e mandou para o Senado, para acabar com a desoneração. O que o Senado fez? Devolveu.

Kennedy Alencar: Porque ela se relacionava mal com o Congresso.

Lula: Pois é, eu comecei a entrevista mostrando a diferença entre o Temer na Presidência da Câmara, no governo Fernando Henrique Cardoso, e o Eduardo Cunha na Presidência da Câmara, no governo da Dilma. Eu... eu gostava de fazer política. A Dilma, certamente, não tinha a paciência que eu tenho. E talvez isso tenha sido... Eu senti isso quando começou o processo de impeachment, que eu fui conversar com deputados e senadores. Eu nunca vi... nunca vi tanta gente falar mal de uma pessoa como as pessoas falavam da Dilma, sabe? Um negócio absurdo! E a Dilma estava recebendo, como informações, mentiras. As pessoas mentem para quem está no governo. Os deputados diziam pra Dilma: *“Eu tenho tantos votos. Nós temos tantos votos”*, e não tinham.

Kennedy Alencar: Mas ela não ouvia as críticas, presidente. Eu conversei com o Sr. O Sr. tinha críticas à Dilma.

Lula: Ouvir, ela ouvia... agora, não basta você ouvir, é preciso você ouvir e mudar de comportamento. A Dilma é uma pessoa por quem que tenho um apreço excepcional. Ela é de convicção muito forte. Ela, às vezes, acha que o medo é que vai fazer as pessoas obedecerem. Uma vez eu falei para a Dilma: *“Dilma, você tem que aprender a diferença entre um líder e alguém que governa por medo”*. O cara que tem medo, ele não faz as coisas. O cara faz as coisas se ele tiver prazer. A arte de governar... Eu nunca disse na minha vida: *“Você sabe com quem você está falando? Eu sou o presidente!”*, nunca falei. Não faz parte da minha vida. De vez em quando, eu brigava com meus ministros porque eles iam ler um documento e falavam assim: *“O presidente Lula determinou...”* E eu falava: *“Espere aí, eu não determinei nada, eu pedi”*. Esse negócio de determinar... É para mostrar autoridade? Autoridade a gente conquista. E o carinho vale muito mais do que uma bronca. Graças a Deus, eu aprendi a fazer isso muito bem. A Dilma não tinha a mesma paciência que eu. Eu era contra, por exemplo, que a Dilma levasse o [Alexandre] Padilha para o Ministério da Saúde. Eu era favorável a que o Padilha ficasse na organização política. Não tinha ninguém melhor do que ele ali.

Kennedy Alencar: O Sr. indicou o Luiz Carlos Trabuco, do Bradesco [para ministro da Fazenda]. E a Dilma e o [Aloizio] Mercadante [ministro da Casa Civil na época] optaram pelo [Joaquim] Levy.

Lula: Eu não indiquei. Deixe-me falar, senão passa uma ideia má. Eu fui conversar com a Dilma, depois da segunda eleição...

Kennedy Alencar: O Sr. indicou... O Sr. sugeriu ou não sugeriu?

Lula: Deixa eu dizer uma coisa... Posso dizer?

Kennedy Alencar: Por favor.

Lula: Quando a Dilma ganhou o segundo mandato, eu fiquei muito assustado, porque eu estava no dia da apuração no Palácio da Alvorada, assistindo à apuração, e quando terminou a apuração que deu a vitória da Dilma, eu senti no olhar da Dilma, no semblante da Dilma... eu não sei se eu posso falar isso aqui, mas é o que eu sinto: eu senti que a Dilma não estava satisfeita por ter ganho. Eu lembro que ela estava olhando para fora, olhando para o infinito. Eu encostei e ela falou assim para mim: *“Presidente, eu nunca mais participo de um debate”*. E é engraçado porque, intelectualmente, a Dilma conhecia o Brasil na palma da mão, conhecia o Brasil na palma da mão; portanto, a Dilma não tinha que ter medo, ela não tinha que ler nada! Ela praticamente escrevia um livro a cada debate.

Kennedy Alencar: Mas ela não era uma boa política.

Lula: Então, eu fui convidado a ir à Granja do Torto conversar com ela sobre o governo. Fui dizer para ela o que eu estava pensando que ela deveria fazer. Eu fui dizer para ela que deveria renovar o governo antes do final do ano, não deveria esperar. Fui dizer para ela que seria importante que ela colocasse pessoas que conversassem melhor com o Congresso Nacional. Não posso ficar citando nomes, mas um nome que eu sugeri para ela era que o Jaques Wagner fosse para a Casa Civil, porque o Jaques Wagner é todo cheio de jogo de cintura, tinha sido eleito.

Kennedy Alencar: Trabuco na Fazenda...

Lula: Eu fui conversar com ela porque o Trabuco tinha sido o cara que mais defendia o governo dela. Tem vários discursos do Trabuco a defendendo. Ela disse que ia conversar com o Trabuco. Que ia não sei para onde, e na volta ia passar e conversar com o Trabuco. De repente, ela volta, e eu vejo pelos jornais que ela chamou o [Joaquim] Levy. Ela não me comunicou que tinha chamado o Levy. Veja, realmente eu sabia o que ela pensava do Levy, porque o Levy trabalhava no Ministério da Fazenda [como secretário do Tesouro na gestão Lula]. E eu não entendi ela chamar o Levy, eu não entendi.

Kennedy Alencar: O Sr. se decepcionou?

Lula: Não. Ele não iria para o meu governo [ministério]. Mas ela chamou, deve ter alguma razão. No regime presidencialista, as pessoas... esperam que esteja certo. Eu acho que não deu certo. Ele não a respeitava. As informações que eu tenho do governo são de que ele era sarcástico na relação com ela. E uma pessoa cheia de autoafirmação como a Dilma, na hora em que o carro começa a derrapar, nem sempre tem a tranquilidade de parar e falar: *“Peraí, perai. Vamos parar, vamos ouvir, vamos conversar”*. Eu, por exemplo, nas minhas reuniões presidenciais, eu nunca comecei uma reunião

falando. Eu convocava a reunião, sentavam lá dez ou doze pessoas, em volta da mesa. E eu dizia: “*O problema é esse. Está aberta a palavra. Fala, Kennedy*”. E falava todo mundo. Quando todo mundo falava, aí eu falava. Se você é o presidente e começa falando, você não deixa mais ninguém falar, acabou. Ninguém vai falar para contrariar o presidente da República. Então, têm estilos diferenciados. Eu, às vezes, lamento por não ter sido mais incisivo com a Dilma para que ela fizesse algumas coisas. Mas quem está de fora, também, tem que ter muito cuidado. Na verdade, fiz questão _e a Dilma é testemunha disso_ de deixar a Dilma governar do jeito que ela queria, como ela queria, e de levar as pessoas que ela queria para o governo.

Kennedy Alencar: Presidente, para muitos brasileiros a corrupção é o maior problema do país. O sr. presidiu o país durante oito anos, tem uma carreira política. Qual é o peso real da corrupção para impedir o progresso do Brasil?

Lula: Eu acho que a corrupção tem um peso, mas não é o peso a ponto de atrapalhar o crescimento da economia no Brasil. O que atrapalha o crescimento da economia do Brasil é que o Brasil nunca pensou efetivamente em se desenvolver. O Brasil se contentou em ser o que é, um país para 35 milhões, e o restante que seja número estatístico. É importante lembrar: no meu governo, foi o único momento em que a gente resolveu governar o Brasil para 100% do povo brasileiro. É importante lembrar que todos os instrumentos de combate à corrupção neste país foram feitos nos oito anos [do governo Lula] e nos quatro anos da Dilma... tudo, tudo o que nós fizemos. Até a Lei da Transparência _que você, como jornalista, deve ter ficado muito satisfeito, pois você tinha acesso a qualquer coisa_ agora acabou. Imagina se no meu governo o Queiroz estaria desaparecido, imagina?! Eu não vejo a imprensa cobrar o Queiroz mais.

Kennedy Alencar: Mas o que tem que ser cobrado do Queiroz?

Lula: Cobrado do Queiroz não, ele tem que prestar julgamento [depoimento]. Ele foi denunciado. Ele foi denunciado, ele foi acusado! O que eu quero é que esse cidadão seja investigado.

Kennedy Alencar: O Sr. falou que há dois pesos e duas medidas em relação ao Queiroz, que é suspeito de montar um esquema no qual o filho do presidente Jair Bolsonaro ficaria com parte de salários de deputados.⁷⁷

Lula: Veja, primeiro, eu não digo antecipadamente que o Queiroz é culpado. O que eu quero dizer _esta é a diferença_ é o seguinte: eu, ex-presidente da República, sofri uma coerção. A Polícia Federal foi à minha casa, entrou na minha casa, levantou o meu colchão, abriu a minha televisão, abriu o fogão, para investigar a minha casa, sem nenhum critério. Eu nunca tinha sido convidado para prestar

⁷⁷ O entrevistador nesta pergunta errou ao falar “salários de deputados”. A suspeita é de que o senador Flávio Bolsonaro, quando deputado estadual no Rio, teria recebido por meio de Fabrício Queiroz, que trabalhou no seu gabinete na Assembleia, parte do salário de auxiliares, prática conhecida como “rachadinha”.

um depoimento. E, quando acontece com o Queiroz, ele primeiro se recusa a ir. Depois, faz por escrito um depoimento. Estou mostrando a diferença. Segundo, no meu julgamento, qual é o crime que eu cometi? É um fato indeterminado. O Sr. Moro reconhece que não tem dinheiro da Petrobras, o sr. Moro reconhece que o apartamento não é meu, mas ele precisava me condenar. A mesma coisa é na acusação. O Dallagnol, depois de ele fazer uma hora e meia de hipocrisia para a mídia brasileira, fala: “*Não me peçam provas, eu só tenho convicção*”. E por conta disso eu estou aqui, meu filho!

Kennedy Alencar: A acusação do apartamento é a seguinte: o Sr. foi julgado culpado de aceitar 3,7 milhões de reais em propinas, o que dá 1 milhão e 200 mil dólares, na forma de melhorias em um apartamento que estava sendo construído pela Petrobras [OAS, menção à estatal foi erro do entrevistador] e que o juiz Moro diz que [o apartamento] é do Sr., que supostamente é do Sr.

Lula: Ele não diz isso.

Kennedy Alencar: O Sr. nega isso. O Sr. aceita culpa nesse caso?

Lula: Se ele tivesse dito que o apartamento era meu quem sabe eu até tivesse um outro comportamento? Acontece que, depois de fazer a investigação, ele descobriu algumas coisas. Ele descobriu, no processo, que a empresa *off-shore* que ele achou que era sócia da Petrobras e que comprou o apartamento lá do Panamá, essa empresa, na verdade, não tinha comprado um suposto apartamento meu. Essa empresa tinha comprado um apartamento da família Marinho, em Paraty, e tinha comprado o helicóptero da Globo. Era dono disso, e não do suposto apartamento. Segundo, quando eles descobriram isso, a moça foi solta, e não se fala mais nisso. O pretexto de me envolver com a Petrobras era porque havia uma necessidade de me trazer para Curitiba, para a Lava Jato, correto?

Kennedy Alencar: Por quê?

Lula: Porque aqui é o coração da Lava Jato. Eu não poderia... Tinha que cair na mão do Moro, porque⁷⁸ quem fez o pacto com a imprensa... Kennedy, é importante lembrar que o Moro visitou a redação de todos os jornais, de todas as revistas, de todos os canais de televisão. O Moro não precisava ser juiz. Se ele fosse repórter, já valia a condenação, porque a imprensa recebia as acusações antes dos advogados. Hoje, no Brasil, você é condenado pela manchete do jornal, você não é condenado pelo processo. Eu duvido que você encontre na sentença do Moro uma afirmação de que tem dinheiro da Petrobras. Eu duvido que você encontre uma afirmação de que o apartamento é meu. Por que você acha que eu fico bravo? É porque eu não vou morrer antes de provar que o Moro é mentiroso, não vou morrer antes de provar que o Dallagnol é mentiroso, não vou morrer antes de provar que o inquérito contra mim é mentiroso, que a juíza que deu a sentença mentiu a meu respeito, que o TRF-4 [Tribunal

⁷⁸ A principal questão é: A lava jato teve início por iniciativa brasileira ou por iniciativa americana?

Regional Federal da 4ª Região, sediado em Porto Alegre] mentiu a meu respeito. Por que você acha que eu estou aqui? Por que você acha que eu digo que não troco a minha dignidade pela minha liberdade? De vez em quando, as pessoas falam: *“Mas agora foi julgado lá, tem a tal da detração, você já pode sair”*. Obviamente, quando os meus advogados disserem: *“Lula, você pode sair”*, eu vou sair. Só sairei daqui se qualquer coisa que tiver que se tomar uma decisão não me impedir de continuar brigando pela minha inocência.

Kennedy Alencar: Mas a questão da detração, presidente, é um direito que o Sr. tem, porque o Sr. já teria menos de oito anos de pena e, no regime brasileiro, pode ir para o semiaberto. Como não há vagas, o Sr. poderia sair para trabalhar durante o dia e voltar para casa. O Sr. vai pedir a detração penal?

Lula: Olha, eu só pedirei no dia em que os meus advogados, o Cristiano [Zanin] e o [Roberto] Batochio, disserem para mim: *“Presidente Lula, o senhor pode pedir, que, se o senhor pedir, o senhor pode continuar a sua briga pela sua inocência”*.

Kennedy Alencar: Os advogados já dizem isso.

Lula: Os meus advogados não disseram. Hoje vou ter uma reunião com o Cristiano, porque quero entender bem isso. Tem muita gente dando palpites, mas...

Kennedy Alencar: Então, vamos ser claros aqui: se os advogados disserem que o Sr. pode pedir esse direito e isso significar que o Sr. pode continuar dizendo que é inocente, o Sr. vai pedir?

Lula: Não é só dizendo, não: eu quero continuar provando a minha inocência. Aí eu posso pedir! Olha, se os advogados disserem para mim: *“Lula, você pode pedir a detração e você vai continuar brigando pela sua inocência do mesmo jeito que você está”*, eu não tenho nenhum problema de pedir, porque quero sair daqui.

Kennedy Alencar: O Sr. vai pedir ou não vai pedir?

Lula: Eu posso pedir.

Kennedy Alencar: Pode ou vai?

Lula: Posso pedir, se eles me garantirem que eu posso continuar me defendendo.

Kennedy Alencar: Seja claro: se eles disserem, o Sr. vai pedir?

Lula: Peça, peça. Eu quero ir pra casa! Agora, se eu tiver que abrir mão de continuar a briga pela minha defesa, não tenho nenhum problema de ficar aqui.

Kennedy Alencar: O Sr. falou do ex-juiz Sergio Moro. Nós fizemos um documentário, o *What Happened to Brazil?* que em português se chama *Brasil em Transe*. E o Moro nos respondeu. Até agradeço a carta que o Sr. nos enviou, por meio do seu advogado, Cristiano Zanin. Nós tentamos entrevistar o senhor. Esta entrevista era para ter sido feita há muito tempo. Estamos fazendo hoje, que é o Dia da Liberdade de Imprensa. O juiz Sergio Moro disse ao documentário, presidente: “*O ex-presidente Lula foi condenado por ser o mentor do escândalo da Petrobras. Cerca de 2 bilhões de dólares foram pagos em propinas, usando contratos da Petrobras, durante a sua presidência. O apartamento faz parte de propinas que foram direcionadas para o seu benefício pessoal*”. O Moro está certo?

Lula: Você sabe qual é a desgraça da mentira? É que quem conta a primeira é obrigado a continuar mentindo a vida inteira, para poder sustentar a mentira. Vou dizer para você: o Moro mente com relação ao meu processo. O Dallagnol mente. Porque, se eles tivessem alguma prova contra mim, eles mostravam. Como é que o Moro me condena por um crime indeterminado? Como é que o Dallagnol pede a minha condenação por convicção? A pessoa tem que ter prova! A pessoa tem que ter prova. Aliás, a Justiça de São Paulo, esta semana, deu ganho de causa para a Dona Marisa no apartamento do Guarujá. O verdadeiro apartamento que ela comprou, as quotas que ela pagou, que ninguém tinha devolvido para a gente. A gente entrou com um processo e ganhamos na Justiça de São Paulo o apartamento. A Dona Marisa ganhou. Depois eu vou mandar darem a sentença para você, para você saber. Eu não sei, eu não sei, Kennedy, quando é que vai haver a retratação, mas eu não quero morrer sem essa gente pedir desculpas ao Brasil pelo que fizeram.

Kennedy Alencar: Eu quero ouvir o Sr. sobre coisas históricas que tenham a ver com o que aconteceu no Brasil. Por que o Sr. concordou em ser ministro da Casa Civil da Dilma e se havia ali uma intenção de evitar ser processado pelo Moro?

Lula: Eu aceitei ser ministro da Dilma à meia-noite, quando o Jacques Wagner e o Ricardo Berzoini disseram que, se eu não aceitasse, não tinha solução. Eu disse para a Dilma: “*Bem, para eu aceitar ser ministro, é preciso, então, a gente rediscutir a política econômica*”.

Kennedy Alencar: “Não tinha solução” era evitar o impeachment?

Lula: Eles achavam que eu evitaria o impeachment. Eu conscientemente não achava nenhuma vantagem ter ido para o governo, naquela altura dos acontecimentos. Ninguém entra num carro a alta velocidade para conseguir controlar o carro. Agora, em função de um apelo feito pelo Jaques Wagner e pelo companheiro Ricardo Berzoini, eu aceitei, desde que a gente mudasse a política econômica. Marcou-se uma reunião no dia seguinte, às 11 horas da manhã, com o Nelson Barbosa. Fizemos uma discussão. Eu falei para a Dilma: “*Tudo bem, então vamos fazer o jogo*”. Se eu tivesse preocupação e de ser julgado e de estar aqui, eu não estaria no Brasil, Kennedy. Eu estou aqui porque eu quero estar aqui. Eu estou aqui porque eu tomei a decisão de que eu quero ficar no Brasil. Não tem problema de

prisão. Posso ficar aqui um ano, dois anos, três anos. Eu vou desmascarar o Moro e vou desmascarar esse pessoal da força-tarefa da Lava Jato, que me condenam dizendo que havia o negócio da Petrobras, e agora eles fazem um acordo com a Petrobras e com os americanos para pegarem 2,5 bilhões de reais, para fazerem uma fundaçãozinha para o Dallagnol dirigir, para cuidar da educação, e mais 6 bilhões e 800 milhões da Odebrecht. A coisa é tão grave, Kennedy, é tão grave, que o Jacó Bittar fez uma carta contando a história da chácara, o Moro não aceitou colocar no processo. O Vaccari fez uma carta desmentindo o Leo [Pinheiro, da OAS]. O Moro não aceitou no processo. Tem um brasileiro da Odebrecht, Tacla Durán, na Espanha, que o Moro não aceita, com o argumento de que ele é bandido: *“Eu não converso com bandido”*. Ora, você conversa com o cara que vai te denunciar! Então, meu caro, eu tenho que aproveitar o que eu sou, a idade que eu tenho, o que eu represento para este país, para desmascarar essa farsa. Porque a Lava Jato poderia ter cumprido uma tarefa importante de prender ladrão, poderia. Não pense que eu não fico feliz quando o empresário que roubou vai preso. Agora, quando você prende o empresário que roubou, você não prejudica o trabalhador, não precisava quebrar a empresa. Porque, na minha opinião, essa força-tarefa da Lava Jato e o Moro estão a serviço do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Tem vídeos, a que você já deve ter tido acesso, de procuradores americanos festejando a minha prisão.

Kennedy Alencar: Mas isso parece uma teoria conspiratória. Eu queria que o Sr. falasse mais disso, até relacionada à questão do petróleo, e depois falaremos sobre a Venezuela também porque o Sr. relaciona isso à questão do pré-sal. Presidente, o Moro condenou o Sr., depois três juízes do TRF-4, depois quatro do STJ (Superior Tribunal de Justiça). Como é que isso pode ser uma conspiração?

Lula: Você assistiu às votações?

Kennedy Alencar: Sim.

Lula: Se você assistiu às votações, você vai perceber que em nenhuma das votações foi discutido o mérito do processo, em nenhuma das votações. Eu acho que as votações, a última, que foi no...

Kennedy Alencar: Os juízes dizem que tem um conjunto de provas, de evidências.

Lula: A única coisa que eu estou é desafiando a prova. Alguém tem que mostrar! O apartamento, esse maldito apartamento, se ele é meu, ele tem que ter um documento, ele tem que ter um contrato, ele tem que ter um pagamento! Alguma coisa tem que ser mostrada. Não é possível que alguém possa dizer que um apartamento é meu se eu não comprei, não morei, não paguei, não tenho escritura! Que negócio é meu? Até no meu depoimento para o Moro, você está lembrado, eu perguntei para o Moro: *“Escuta aqui, Dr. Moro, o senhor já foi a uma loja comprar sapato com a sua esposa. O senhor já viu que ela manda descer um monte de caixas? E bota no pé, experimenta, e não gosta. E bota no pé... O senhor acha que, quando ela vai embora, sem comprar nenhum, o dono da loja pode exigir que ela pague os dez que ela mandou descer? Você já viu alguém ser dono de um apartamento*

porque foi ver e não comprou?”. Olha, Kennedy, eu não estou brincando nessa história. Veja, eu não estou nessa por coragem, eu estou nessa porque eu fui criado e educado por uma mãe analfabeta. A vida inteira eu tive vontade de chupar um chiclete de bola, que naquele tempo se chamava Ping Pong, e eu nunca pude. Eu trabalhava com meu tio num bar e poderia roubar, e nunca roubei, porque eu aprendi com a minha mãe. Você acha que um cara que virou presidente da República, que tinha o *status* que eu tinha a nível mundial, que tinha um carinho a nível mundial, ia sujar a minha biografia por um maldito apartamento? Acha que eu ia fazer isso, jogar fora um patrimônio construído? Ora, se essa gente tivesse prova, essa gente me desmascarava. O meu julgamento no TRF-4 foi uma farsa montada, articulada. Quatro juízes se sentam numa sala e falam: *“A sentença é essa, e vamos dar”*. Agora mesmo, no STJ...

Kennedy Alencar: Até a multa é a mesma.

Lula: É o seguinte, meu caro, quando o Comandante do Exército, antes das eleições, vai dizer que o Lula não pode ser liberado, quando a Rede Globo de Televisão faz mais de 100 horas de *Jornal Nacional* contra o Lula, e todo mundo sabe a pressão que é feita na proximidade de cada um julgamento, todo mundo com medo... Então, meu caro, é o seguinte: eu vou brigar pela minha justiça e quero a minha absolvição. A única coisa que me interessa não é ficar em casa, a única coisa que me interessa é a minha inocência. E eu vou brigar por ela até os últimos dias da minha vida.

Kennedy Alencar: Como o Sr. reagiu quando soube, teve ciência, daquele vazamento, daquele grampo, daquela conversa entre o Sr. e a então presidente Dilma?

Lula: Foi muito engraçado, porque acho que, quando houve aquele vazamento, ali ficou claro que algo de anormal estava acontecendo no país. Naquele momento, a Lava Jato tinha aprisionado o Congresso Nacional, a Câmara, o Senado e as cortes superiores. Estava todo mundo com medo, porque não é possível que não haja um paradeiro. O Dallagnol ameaçou fazer greve de fome contra a Câmara, ele ameaçou fazer greve de fome contra o Senado, ele ameaçou o Procurador da época, o [Rodrigo] Janot...

Kennedy Alencar: Mas a sua reação ao grampo?

Lula: A minha reação ao grampo foi a de que o Brasil estava fora de controle, o Brasil não tinha mais autoridade, porque um juiz de primeira instância fazer todos os desatinos que o Collor [Moro] fez... E a sustentação que ele tinha...

Kennedy Alencar: Que o Collor fez?

Lula: Que o Moro fez! O que ele fez, ele só podia fazer porque ele tinha conquistado uma coisa anterior, que era a unanimidade da imprensa, a unanimidade. Ou seja, não importa que seja verdade. *“Você fala, e nós aqui transformamos em verdade”*.

Kennedy Alencar: A imprensa é manipulada pelo Moro, na sua opinião?

Lula: Não, ela foi acordada. O Moro fornecia à imprensa as informações em primeira mão, do jeito que ele entendia; a imprensa transformava a mentira do Moro em verdade, e aí o cara já estava condenado. Por que você acha que eu resolvi resistir?

Kennedy Alencar: Por quê?

Lula: Porque eu quero provar que eles mentiram. Eu desafio o Moro _na sua frente, aqui, olhando para a câmera_, eu desafio o Dallagnol, eu desafio qualquer um do Ministério Público. Porque eu gosto da instituição. Eu não confundo a grandeza da instituição com essa meninada de Curitiba. O mesmo vale para a Polícia Federal. É uma instituição por que eu tenho um apreço muito grande, mas alguns delegados que fizeram o inquérito... Nós vamos provar isso. Pode ficar certo de que eu não sossegarei enquanto não provar isso, que houve uma armação. E não tem conspiração, não: tem fatos, Kennedy. Conspiração é quando você insinua, mas, quando você mostra o Dallagnol indo à Caixa Econômica registrar uma conta de 2,5 bilhões, não é mais conspiração, é um dado concreto. Ele é que tem que se explicar, ele é que tem que se explicar!

Kennedy Alencar: É uma forma de corrupção?

Lula: Eu acho. Se ele disse que eu montei uma quadrilha, a quadrilha é essa, porque na tal da minha quadrilha ele não encontrou dinheiro, na dele encontrou 2,5 bilhões, mais 6 bilhões e 800 milhões do acordo da Odebrecht. Mais o Leo [Pinheiro], da OAS, que pagou 6 milhões _você conhece a história_ pagou 6 milhões a diretores seus para confirmar as mentiras dele. E nós ficamos sabendo porque um diretor que não recebeu entrou na Justiça do Trabalho para receber a parte dele. Então, Kennedy, se eu não aproveitar o que eu sou neste país pra tentar colocar a casa em ordem... Porque este país só vai melhorar quando colocar a casa em ordem, quando as pessoas estiverem se respeitando, quando as instituições estiverem funcionando.

Kennedy Alencar: Por que o Sr. tentou concorrer à Presidência em 2018? E qual foi o tamanho do golpe que o Sr. sentiu quando concorrer?

Lula: Eu tinha a segurança, de todos os advogados que cuidam da questão eleitoral, de que⁷⁹ era humanamente impossível, pela legislação em vigor, eu ser proibido de ser candidato. O máximo que poderia acontecer era eu ser candidato *sub judice*.

Kennedy Alencar: Muitos ministros da Suprema Corte disseram, *off the records*, que o Sr. não seria candidato por causa da Lei da Ficha Limpa, que o Sr. assinou.

⁷⁹ O impedimento de Lula foi um aprofundamento do golpe.

Lula: Veja, todos os advogados, todos, sem distinção, diziam que eu seria candidato. E para ser impugnado, somente após as eleições. E eu tinha certeza de que eu ia ganhar as eleições. Era humanamente impossível eu não ganhar as eleições. Obviamente, fiquei surpreso com o voto do [Roberto] Barroso, aquela invenção de última hora dele, até contra o [Edson] Fachin, que naquela hora quis mostrar que estava democrático ali. Então, ali, quando tive que fazer a carta indicando o Haddad como candidato, eu percebi que eu tinha perdido aquele assalto na luta de boxe.

Kennedy Alencar: Para a história, é verdade que o Sr. resistiu a assinar aquela carta? Passou um tempão não querendo assinar?

Lula: Não, não. A carta eu fiz sozinho aqui na prisão. Eu até fiquei fazendo uma brincadeira, dizendo que aquilo era como se eu fosse uma mulher dando à luz e não tivesse ninguém para me ajudar a fazer o parto, porque eu tinha que assinar aquela carta. De um lado, eu tinha certeza de que o [Fernando] Haddad faria uma bela campanha. Tenho muita confiança no Haddad. Acho o Haddad um quadro extraordinário para o Brasil. Mas achei que eu estava saindo do jogo. Porque eu trabalhava com a ideia de que a campanha era uma grande oportunidade de eu me defender e de mostrar quem era Moro, quem era Dallagnol. Eu tinha a necessidade de mostrar.

Kennedy Alencar: Falando de Moro e Dallagnol, presidente, é importante que o Sr. responda a estas questões. Há oito acusações contra o Sr., que incluem lavagem de dinheiro, tráfico de influência etc. O Sr. nega essas acusações, diz que não tem enriquecimento pessoal. Agora, não é um fato que a Lava Jato mostrou uma corrupção endêmica entre a política e os empresários, e que o Sr. não fez o suficiente para combater isso?

Lula: Várias operações que a Polícia Federal fez, já no meu período de governo, era tudo incentivado pelo meu governo, pelo Márcio Thomaz Bastos e depois pelo Tarso Genro. A ordem era apurar contra quem quisesse. Você está lembrado, você estava na Índia comigo. Você era jornalista, não sei se naquela época, da *Folha de S.Paulo*.

Kennedy Alencar: Sim, da *Folha de S.Paulo*.

Lula: Foi quando recebi uma informação de que iam na casa do meu irmão Vavá. E eu fiz questão de dizer: “*Deixem ir. Eu quero que vá*”. E foram à casa do Vavá. Eu tinha consciência de que o meu irmão era um coitado de um trabalhador que jamais teria cometido um delito qualquer. E foram à casa do Vavá, invadiram a casa do Vavá. Eu depois fiquei pensando em até chamar o diretor da Polícia Federal e punir alguns agentes, mas falei: “*Não, vamos deixar. Eu não vou aproveitar do meu cargo, não. O importante é a inocência do meu irmão*”. Você está lembrado de que eu era favorável a apurar. Foi no nosso governo que fizemos a Lei da Transparência, para apurar qualquer coisa.

Kennedy Alencar: A lei da delação premiada [no governo Dilma].

Lula: Nós fizemos tudo, tudo. Nós não queremos que este país continue tendo corrupção. O que aconteceu de grave é que a Lava Jato foi transformada num partido político, foi transformada num partido político! O comportamento do Moro era o de um cara... É só pegar a quantidade de vezes que, nesse processo todo, as pessoas trabalharam apoiando o Aécio contra a Dilma, apoiando o Bolsonaro contra a Dilma. Então, como eu não quero ficar no “disse que disse”, eu vou brigar. Eu vou brigar. Eu só quero que eles mostrem uma prova. Na hora em que eles mostrarem uma prova _uma prova, não precisam ser duas, uma só_ de que eu cometi um crime, eu me calo.

Kennedy Alencar: Tem uma discussão criminal e tem uma discussão ética. Na entrevista que o Sr. deu à “*Folha de S.Paulo*” e ao “*El País*”, na questão do sítio, o Sr. disse que não cometeu crime, mas cometeu um erro de ter frequentado o sítio que alguém pediu que a OAS e a Odebrecht⁸⁰ reformassem. Então, o Sr. falou que poderia até ser uma discussão ética, sobre troca de favores. O Sr. admite um erro ético? E quem pediu para reformar o sítio?

Lula: Kennedy, eu disse esse negócio da ética porque, primeiro, a imprensa começou a dizer que eu tinha uma chácara. Eu dizia que não era minha. A imprensa dizia que eu tinha uma chácara. Aí, quando se apresentou o dono da chácara, se apresentou o cheque administrativo, se apresentou o Fernando Bittar, se apresentou o Jacó Bittar, aí começaram a dizer: “*Bom, a chácara não é dele, mas ele utiliza*”. Então, eu comecei a ser condenado por “ele utiliza”. E eu disse _e é a mais pura verdade, que eu direi na frente da minha bisneta_ que eu tive conhecimento daquela chácara no dia 15 de janeiro, quando eu saí do Guarujá. Foi até motivo de uma briga minha com a Marisa, porque ela queria subir, e eu não queria subir. Então, fiquei sabendo que o Jacó Bittar tinha pedido para o Fernando [Bittar] comprar aquela chácara, que era para ter um lugar para eu descansar, quando quisesse ir, e colocar algumas tralhas que eu quisesse colocar.

Kennedy Alencar: Não foi um erro, presidente, ter aceito esses favores da OAS e da Odebrecht?

Lula: Aí é outra história...

Kennedy Alencar: Mas não é um erro ético?

Lula: Pode ter sido um erro. Aí é uma outra história, que se vem a saber depois, a da reforma. É um outro erro. De qualquer forma, como não era minha. E eu poderia ter comprado. Era uma chácara que custou, na época, 500 mil reais. Eu poderia ter comprado. Eu poderia ter comprado dois ou três apartamentos daqueles, você percebe? Então, o que eu quero provar é que, até agora, nenhum inquérito meu, nenhum... E talvez apareça mais. E eu duvido. Cobro da Polícia Federal, cobro do Ministério Público, cobro a provar um indício de alguma coisa. Eu tenho que ter um dólar numa conta minha, eu tenho que ter uma conta num banco, eu tenho que ter um cheque, eu tenho que ter alguma

⁸⁰ Lula admite que frequentar o sítio foi um erro ético...

coisa! Não dá para ser a delação de um picareta qualquer, porque só delata quem roubou, e só delata porque quer benefício.

Kennedy Alencar: Mas a questão ética não decepciona o cidadão comum? Por exemplo, no documentário, Eduardo Lisboa [um dos personagens da série “Brasil em Transe”] fala: “*Eu votei no Lula em 2002. Ele faria um grande governo. Mas depois apareceu tudo aquilo e eu me decepcionei*”.

Lula: Eu não sei quem é Eduardo Lisboa, mas quero agradecer a ele pelo fato de ter votado em mim.

Kennedy Alencar: Explicar para o povo...

Lula: Se eu votei em você e depois aparece a quantidade de denúncias que apareceram contra mim no *Jornal Nacional*, na “*Folha de S.Paulo*”, no “*Estadão*”, no “*O Globo*”, na “*Veja*”, na “*IstoÉ*”, na “*Época*”, obviamente eu diria: “*Putá, esse cara realmente não merecia o meu voto*”. E por que você acha que eu brigo? Eu brigo exatamente para recuperar a confiança dessa gente que acreditou nas notícias. Eu brigo exatamente por isso. Se o cara quiser falar: “*Ah, Lula, então você não deveria ter ido à chácara*”. Poderia não ter ido à chácara, mas fui, porque o Jacó Bittar é meu amigo de 45 anos. É fundador do PT, foi secretário-geral do PT, é meu companheiro, é meu irmão. Então, eu não aceito ser criminalizado por isso. Então, o que eu quero é só isso. O mal que eles fizeram, já está feito. Agora, eu quero provar que quem deveria estar preso eram eles, porque mentiram a este país e destruíram milhões de empregos neste país. A serviço de quem?

Kennedy Alencar: De quem?

Lula: Isso eu quero saber. Eu quero saber, porque, quando você vê um vídeo de procuradores americanos, junto com o Moro, festejando a minha prisão, dizendo que participaram ativamente para chegar aonde chegaram no meu processo, eu quero saber.

Kennedy Alencar: Tem a ver com a questão do pré-sal⁸¹?

Lula: Se eu puder recomendar para você, eu não sei o nome, mas há um livro chamado *O Petróleo [de Daniel Yergin]*. Se você puder ler, nas suas horas vagas, vai saber que desde 1860 ou 1859, 90% dos conflitos que acontecem no mundo se devem exatamente ao petróleo, e normalmente provocados pelos Estados Unidos. Então, o que está acontecendo... Quando nós descobrimos o pré-sal... Preste atenção a uma coisa: o pré-sal está a 200 milhas das praias brasileiras. Duzentas milhas são quase 300 quilômetros. Está na divisa. Eram 150 milhas, o Médici [Emílio Garratazu Médici, general-presidente da durante ditadura militar] aumentou para 200 milhas [em 1970]. Quando nós anunciamos o pré-sal, em 2007, logo em seguida os americanos recuperaram a Quarta Frota, que tinha sido desativada depois

⁸¹ A origem da lava jato seria a iniciativa da Cia em controlar o petróleo brasileiro. O regime de partilha da Dilma não foi aceito

da Segunda Guerra Mundial. É muita coincidência, meu caro! Quando eles anunciaram isso, o que eu fiz? Propus à Unasul [União de Nações Sul-Americanas] a criação de uma instituição dos militares da América do Sul, o Conselho Sul-Americano de Defesa, para garantir a nossa tranquilidade aqui. O petróleo é tudo, é tudo o que motiva a guerra do Iraque, a destruição da Líbia. E, agora, o Brasil. Por isso é que o Lula tinha que ser odiado, e também a Dilma, porque a gente criou a Lei da Partilha, porque a gente dizia que o petróleo era nosso, porque a gente criou fundo educacional com o petróleo. E não é possível, o petróleo tem que ser das grandes empresas petroleiras. Por isso é que estão desmontando a Petrobras...

Kennedy Alencar: Eu quero falar do petróleo, até por causa da questão da Venezuela. Depois vamos entrar numa área internacional. Antes, porém, há algumas questões que eu quero tratar com o Sr., e estou preocupado com o tempo. Uma é a questão da cobrança da autocrítica ao PT. Por quê? Há uma derrota eleitoral importante. Segmentos que votavam no PT deixaram de votar. E há uma cobrança, porque, por tudo que se descobriu na Petrobras, tem uma corrupção endêmica mesmo. Aconteceram casos de corrupção ali. Não cabe uma autocrítica, presidente, sobre o que aconteceu?

Lula: A única coisa que eu estranho é a obsessão, nesses últimos anos, de cobrar do PT uma autocrítica e de não cobrarem do PT as políticas extraordinárias que nós fizemos neste país. Eu nunca vi ninguém cobrar autocrítica do Fernando Henrique Cardoso. Eu nunca vi ninguém cobrar autocrítica do comportamento de setores da imprensa. Sabe, é o seguinte: o PT faz autocrítica todo santo dia! O PT faz autocrítica!

Kennedy Alencar: Qual? Conte uma autocrítica importante na questão da corrupção?

Lula: Por que o PT faz autocrítica? Porque quem tem que fazer críticas ao PT é a oposição. Às vezes, eu acho que as pessoas cobram autocrítica do PT porque não têm crítica. As pessoas querem que o PT diga os seus defeitos. O PT tem muitos defeitos. Ele é um partido construído de seres humanos, que erram e que acertam. Mas as nossas virtudes são infinitamente maiores. Como é que o Lula pode fazer autocrítica da indicação de diretores da Petrobras, para o Conselho [de Administração] indicar? Como é que pode? Como é que o Fernando Henrique Cardoso indica, como é que o Bolsonaro indica? Como é que todo mundo indica as pessoas? Olha, quem denunciou que o Paulo Roberto [Costa] era ladrão uma vez na vida? Nem a Polícia Federal, nem o Ministério Público, nem a imprensa, nem o Sindicato dos Trabalhadores, nem o Conselho da Petrobras. Ora, por que eu vou fazer autocrítica? Vou fazer autocrítica porque indiquei ministro da Suprema Corte?! Eu não indiquei para mim, indiquei para a Suprema Corte. Então, veja, eu tenho autocríticas a fazer: eu acho que poderia ter feito mais pelos pobres, e não fiz; eu poderia ter feito mais investimento, e não fiz. Mas eu quero que as pessoas reconheçam: quem é que mais investiu em ciência e tecnologia, mais em educação primária, mais em educação fundamental, mais em ensino técnico, mais em universidades, quem é que investiu mais nos pobres neste país, quem é que levantou a moral deste país? Essas coisas é que eu quero discutir.

Agora, ficam cobrando do PT autocrítica e autocrítica, e não vejo cobrarem dos outros. Alguém, por exemplo, já cobrou autocrítica da história deste país? Então, é o seguinte: nós temos defeitos, temos defeitos. E se tem um governo que foi atacado... Quantos jornalistas você acha que existem com a sua seriedade neste país? Há poucos, Kennedy, pessoas que têm coragem de falar bem quando obrigadas a falar bem, quando têm necessidade, e são capazes de criticar na hora em que têm que criticar. Quantos tem, Kennedy? Este país virou um país...

Kennedy Alencar: Há vários jornalistas...

Lula: Sim, tem você, tem Jânio de Freitas... A gente conta nos dedos, e nos dedos desta mão aqui, que só tem quatro. Você vai contando nos dedos os caras que escrevem com seriedade. Kennedy, o PT perdeu as eleições. Eu lamento que não tenha sido o PT quem perdeu, mas que tenha sido o povo brasileiro que perdeu. O Collor [Bolsonaro, ele quis dizer] teve 39% dos votos do total de votos deste país, 57% dos válidos, correto? Então, 61% das pessoas não votaram. As pessoas se dirigiram à urna, em outubro, com ódio, demolidas por um antipetismo, a ponto de pessoas acreditarem que o Lula era comunista, que não sei quem era comunista. Ou seja, era uma doença mental grave, que foi...

Kennedy Alencar: Era uma situação difícil. E o Sr. respondeu para o documentário [*What Happened to Brazil* ou, em português, *Brasil em Transe*] que, se o Sr. tivesse sido candidato, o Bolsonaro não seria o presidente hoje. Por quê?

Lula: Eu teria ganho no primeiro turno. Você sabe por quê? Porque eu tenho uma relação com a sociedade que é muito mais uma relação da sociedade comigo do que do Lula para ela. Ou seja, eu sei o que eu fiz neste país. Eu sei o que aconteceu neste país. Se tem uma pessoa que tem os números na cabeça, eu tenho. Eu lembro que, quando eu ia fazer um debate, eu ficava citando até a quantidade de postes que tinham colocado no Luz para Todos, a quantidade de fios, a quantidade de vezes que dava para enrolar a Lua. Eu tinha noção das coisas que eu tinha feito. Eu tinha noção da alegria de um cara entrar na universidade pelo ProUni. Eu tinha noção disso. Então, eu tinha certeza de que eu ganharia as eleições, eu tinha certeza. Agora, eu não vou ficar chorando o leite derramado. Eu agora quero trabalhar para recuperar o prestígio do PT, para recuperar o prestígio da esquerda, para limpar o meu nome e para mostrar, na verdade, quem é que cometeu crime neste país.

Kennedy Alencar: Vou correr um pouco na entrevista com o Sr. e queria a sua ajuda. Qual foi o peso do episódio da facada para a vitória do Bolsonaro?

Lula: Olha, eu estranhei aquela facada, estranhei como se deu a apuração daquilo, estranhei como os seguranças protegeram o cara da faca, estranhei a contratação de um advogado, estranhei o isolamento do cara. Há uma série de coisas de que eu tenho dúvidas _eu não, muita gente tem dúvida na sociedade. E a facada, se foi uma coisa perigosa para o Collor... pro Bolsonaro! A verdade é que a facada o protegeu de mostrar quem ele é na verdade, se ele tivesse participado dos debates.

Kennedy Alencar: E quem ele é, na verdade?

Lula: E aí, a canalhice neste país. Quando eu fui candidato, quando não participei de um debate, colocaram lá uma cadeira vazia. O Fernando Henrique Cardoso não fez nenhum debate em 1994 e 1998 [em 1998, FHC evitou debates, mas participou de confrontos desse tipo em 1994], mas nunca colocaram uma cadeira vazia. O Bolsonaro não foi ao debate, mas foi dar entrevista na Record, e não colocaram uma cadeira vazia e nem levaram o Haddad para dar entrevista, numa demonstração inequívoca do comportamento falacioso da imprensa nessa eleição de 2018. Então, meu caro, eu ganharia as eleições com isso mesmo, porque em...

Kennedy Alencar: Em 2018...

Lula: Quero só lembrar a você uma coisa: em 2010, eu fui apoiador da Dilma. Foi a única eleição que não teve um panfleto contra o Lula. Eu era unanimidade no meio político. Até o governador [o tucano José] Serra, que era o adversário da Dilma, começou a campanha dele fazendo uma propaganda dizendo que era amigo do Lula: “*Eu sou amigo do Lula*”. Procure alguém que tenha falado mal do Lula em 2010. Eu saí do governo como uma unanimidade neste país, unanimidade. Eram 87% de “*bom ou ótimo*”; eram 10% de “*regular*”; e eram 3% de “*ruim ou péssimo*”. Então, meu caro, depois do que a imprensa fez comigo... Kennedy, você sabe que eu não sou de lamentar, porque sempre acreditei que eu ia derrotar, mesmo que estivessem falando mal de mim. Mas eu já tenho mais de 100 horas do *Jornal Nacional* contra mim, e não tenho 5 minutos a favor nesses anos todos.

Kennedy Alencar: Presidente, o Sr. disse que o Moro não sobreviveria na política. Por quê?

Lula: Olha, porque ele não nasceu pra isso. Ele nasceu para se esconder atrás de uma toga e ficar lendo o Código Penal. Foi para isso que ele nasceu. Ele tem que se expor a debate. Eu, por exemplo, se sair daqui, adoraria fazer um debate com o Moro sobre os crimes que eu cometi, onde ele quiser, na universidade que ele quiser. Ele escolhe o público. Eu só quero que seja transmitido pela imprensa.

Kennedy Alencar: Presidente, a democracia brasileira corre risco com Bolsonaro?

Lula: Ah, eu acho que corre muito risco. Veja, ele acaba de fazer um decreto acabando com todos os conselhos populares que foram criados a partir da Constituição de 1988. Ele defende barbaramente um Estado armado, um Estado policialesco. Ou seja, você não vê cidadão fazer um gesto, a não ser um gesto de atirar. Ele, na cabeça dele, acha que arma resolve o problema de todo mundo. Ele acaba de autorizar que fazendeiro pode utilizar arma e atirar em quem quiser. É um... é um doente! Acha que o problema do Brasil se resolve com arma! O problema do Brasil se resolve com livro, com escola.

Kennedy Alencar: E qual é a sua avaliação, presidente, sobre as fortes suspeitas de que a vereadora Marielle Franco tenha sido morta por milicianos?

Lula: Olha, eu acho que prenderam esses dois que foram presos para tentar evitar mais investigação. Eu acho que a gente precisava continuar investindo para saber quem é o mandante.

Kennedy Alencar: Presidente, eu queria falar um pouquinho da política internacional. O Nicolás Maduro deveria convocar eleições gerais na Venezuela?

Lula: Eu fui presidente do Brasil e eu quero te dizer uma coisa muito clara. Eu acho que o Maduro tem que tomar uma decisão que for melhor para o povo da Venezuela. E o povo é que tem que obrigar o Maduro a fazer as coisas.

Kennedy Alencar: Mas qual é essa melhor decisão? Eleições gerais?

Lula: O povo é que decide! Podem ser eleições gerais, mas o povo é que decide. Não vou ser eu que vou ficar dando palpite. O que eu não aceito, em hipótese alguma, é a intromissão do Trump. Ele deve cuidar dos Estados Unidos. Um cara que está fazendo um muro para separar o povo pobre da América Latina dos Estados Unidos querer ficar preocupado com o povo na Venezuela! Mande ele se preocupar com o povo dele e se preocupar em derrubar o muro. A gente comemorou a queda do muro de Berlim, agora está ele construindo muro... Então, a Venezuela, o povo da Venezuela tem que ser soberano para decidir o seu destino. Agora, não dá para a gente aceitar, obviamente, o que está acontecendo na Venezuela, o povo passando fome, o desemprego. Acho que o Maduro tem que refletir e tomar uma decisão com o partido.

Kennedy Alencar: Mas eu insisto, eleições gerais não seriam o melhor?

Lula: Veja, daqui de fora eu posso dizer que é, Kennedy, mas eu não estou lá dentro, vendo o clima.

Kennedy Alencar: Mas o Sr. acha que é?

Lula: O que eu acho errado é um picareta como esse... Como se chama?

Kennedy Alencar: Juan Guaidó.

Lula: Guaidó. Um picareta se autointitular presidente! Imagine, o Lulinha vai se autointitular imperador. É uma vergonha os países darem apoio a um cidadão desses! Ele não merece. Nós resolvemos crise na Venezuela conversando. Este que vos fala tinha apenas 21 dias na Presidência da República do Brasil, quando eu propus a criação do Grupo de Amigos da Venezuela. E coloquei para participar os Estados Unidos e a Espanha.

Kennedy Alencar: Não é o que deveria acontecer agora?

Lula: Eu acho. Agora, quem é o interlocutor? O Brasil poderia ser, mas com esse ministro que nós temos e com esse presidente?! Eles não têm noção do que estão fazendo. Essa gente precisaria saber o seguinte: se essa gente pegasse uma caneta e um economista, e fizesse uns cálculos de quanto custou a

Guerra do Paraguai, traduzida em dinheiro de hoje, eles iam saber que qualquer coisa vale mais a pena do que uma guerra. Agora, para os Estados Unidos é bom, porque eles só fazem guerra longe, longe, longe.

Kennedy Alencar: Que efeito teria uma invasão da Venezuela, usando o território brasileiro como apoio, como aventam alguns do governo Bolsonaro?

Lula: Seria desastroso, por todos os aspectos. Seria desastroso politicamente, economicamente e militarmente. O Exército brasileiro não está preparado para a guerra. O Exército brasileiro está preparado, durante muito tempo, para procurar inimigos externos.

Kennedy Alencar: Inimigos internos... O Sr. falou externos.

Lula: Não, internos. A partir da Constituição de 1988, nós conseguimos criar o conceito de que as Forças Armadas são importantes para o Brasil para defender a nossa fronteira contra possíveis ataques externos. Você sabe que, quando eu cheguei à Presidência, os nossos soldados eram liberados às 11 horas porque o Exército não tinha dinheiro para pagar o almoço? Você sabe que tinha soldado que não tinha coturno?

Kennedy Alencar: Por que, presidente, o general Villas Boas fez aquela manifestação no Twitter [em 2018] e quis que o Sr. ficasse na cadeia⁸²? Tem a ver com a Comissão da Verdade?

Lula: É bem possível, é bem possível, porque a gente tem duas instituições no mundo, a Igreja e as Forças Armadas, que não aceitam ser fiscalizadas. Graças a Deus, o Papa Francisco está quebrando esse tabu e está fiscalizando a Igreja Católica. O Exército brasileiro, os generais de hoje não têm nenhum problema com a Comissão da Verdade. A Comissão da Verdade está preocupada com uma coisa que aconteceu em 1964, em 1968, nenhum deles era sequer sargento. Eram todos moleques na época. Olha, se eles cometeram erro... Veja, na Argentina...

Kennedy Alencar: Mas eles defendem o que eles fizeram. Dizem que atuaram para evitar um golpe⁸³.

Lula: O problema do Brasil é outro, é que a nossa cultura é uma cultura um pouco... Se de um lado a gente agradece, de outro fica às vezes até constrangido. Aqui tudo tem um acordão. Pense num país que não gosta de uma briga: é o Brasil em tudo, em tudo! Se você pegar a história do Brasil, toda vez que o povo esteve em ascensão, para um acordão. Assim foi para a Independência do Brasil, assim foi

⁸² Em 3 de abril de 2018, véspera do julgamento do Habeas Corpus do ex-presidente Lula pelo Supremo Tribunal Federal, o então comandante das Forças Armadas, general Eduardo Villas Bôas, publicou em sua conta no Twitter: "*Nessa situação que vive o Brasil, resta perguntar às instituições e ao povo quem realmente está pensando no bem do país e das gerações futuras e quem está preocupado apenas com interesses pessoais?*" Em fevereiro de 2021 o general contou, em livro, que o veto do *tweet* foi discutido pela cúpula do Exército Brasileiro. Foi um golpe. Fonte: <https://www.conjur.com.br/2021-fev-12/villas-boas-revela-alto-comando-exercito-ameacou-stf>.

⁸³ Os militares nunca deixaram de tutelar o país.

para a Proclamação da República, assim foi na eleição de Tancredo Neves, assim foi na Constituinte, assim foi na questão da Anistia [em 1979]. Então, é justo que as pessoas que tiveram parentes mortos estejam brigando para saber onde estão os corpos dos seus parentes. E eu não acho justo os militares chegar perto, houve ficarem escondendo o que o tataravô deles fez, eu não acho justo.

Kennedy Alencar: Presidente, o Sr. tem uma grande experiência internacional. A gente vê o fenômeno Trump nos Estados Unidos. Na Hungria, a extrema-direita está no poder. Eu queria uma análise do Sr. sobre as razões para esse fenômeno global, que é o crescimento dessa extrema-direita.

Lula: Eu não sei se chega a ser um fenômeno. Talvez a gente estivesse mal-acostumado. Mas vamos pegar o grande fenômeno de 1980, com a eleição do [Ronald] Reagan e com a eleição da Margaret Thatcher, que implantaram a chamada globalização. Ali foi uma coisa muito forte. Você tinha o Reagan, você tinha a Margaret Thatcher, você tinha o Helmut Kohl, presidente da Alemanha [chanceler]. Era uma potência de direita governando o mundo. O que está acontecendo agora? Houve uma evolução dos chamados setores mais progressistas da sociedade em toda a Europa e na América do Sul. Passaram-se 10 ou 15 anos, e a direita está voltando. Por quê? Porque, certamente, nós erramos. E porque, certamente, na Europa o discurso⁸⁴ contra estrangeiros é muito forte, sobretudo em momento de crise. Eu notei uma coisa quando começou a crise de 2008, na primeira reunião que nós fizemos, ou melhor, na segunda reunião que fizemos em Londres. A gente decidia que possivelmente a gente deveria lutar muito fortemente contra o protecionismo e que deveria aproveitar a crise e fazer investimento nos países pobres, para que eles pudessem financiar, de forma mais barata, máquinas para se transformarem em países industrializados. Não aconteceu nada disso. O que aconteceu é que houve o protecionismo. Então, os discursos de direita na Europa são contra turco, são contra árabe, são contra africano, são contra gente do Afeganistão. É uma loucura, uma obsessão: *“Estou perdendo o meu emprego por causa do estrangeiro!”* Aqui no Brasil _eu era presidente quando começou essa crise_, o que eu fiz? Eu legalizei 150 mil bolivianos. Legalizei 150 mil bolivianos para mostrar o seguinte: não é a imigração que causa problema.

Kennedy Alencar: Qual é a sua opinião sobre o Brexit, que é a possibilidade de saída do Reino Unido da Europa?

Lula: Eu não tenho uma opinião formada. Eu, se fosse inglês, não votaria para sair.

Kennedy Alencar: Por quê?

Lula: Porque eu acho que vai ser mais difícil para a Inglaterra sobreviver. Comercialmente, é importante, tanto é verdade que eles agora estão preocupados. Eu acho, Kennedy, que a construção da União Europeia foi uma coisa muito forte para a democracia mundial. A construção da União

⁸⁴ Em 2008 Lula propôs que os países ricos investissem mais nos países periféricos, reduzindo a dependência.

Europeia foi uma coisa muito forte, que deveria servir como exemplo de convivência pacífica na diversidade. Lamentavelmente, lamentavelmente, tem ajustes que precisam ser feitos. Eu acho que a situação da Inglaterra é uma situação delicada internamente. Se a Europa começar a criar confusão para produtos de exportação da Inglaterra, vai ser muito ruim. Agora, como eu não estou lá, o que eu estou dando é apenas um palpite.

Kennedy Alencar: Presidente, vamos correr, pois estamos quase acabando e quero fazer todas as perguntas para o Sr. Para a esquerda brasileira vencer em 2022, ela precisa se unir para ter mais chance, como a gente viu acontecer agora na Espanha? O Ciro, setores do MDB moderados, têm que estar juntos com o PT?

Lula: Eu tenho a memória histórica porque eu participei de todas as eleições no Brasil até 2006. Eu fui candidato em 1989, 1994, 1998, 2002 e 2006. Em muitas delas houve vários candidatos da esquerda. O Ciro Gomes saiu candidato duas vezes, quando eu fui candidato. O Garotinho saiu candidato. E depois a gente se juntou.

Kennedy Alencar: Mas para vencer o Bolsonaro e essas forças conservadoras em 2022?

Lula: O problema do Bolsonaro é que nem ele acreditava. Houve um certo menosprezo à candidatura do Bolsonaro, porque nem ele acreditava. O Bolsonaro já estava contente com 15%. Ele jamais imaginou ter isso, pela figura histórica dele, pela trajetória histórica dele. Então, se tem um cara que ganhou sem querer, foi esse homem! Ninguém acreditava nisso. Eu duvido que tenha um político experiente que acreditasse nisso. Talvez tenha sido isso que tenha feito ele ganhar, a animosidade criada contra a classe política, o PSDB estar no poço em que estava... E ele ganhou. Obviamente, a esquerda poderia ter se juntado no segundo turno. Para isso é que nós criamos um segundo turno. Você disputa o primeiro; se no primeiro não der, você disputa o segundo turno. É para isso que foi criado o segundo turno. Eu sei disso porque eu participei, briguei muito pelo segundo turno. Agora, não deu certo. E quem paga o pato é o povo brasileiro.

Kennedy Alencar: O Sr. disse que o presidente Fernando Henrique Cardoso não tem jogado da forma que o nome dele merece. Que gesto concreto o Sr. esperaria do Fernando Henrique Cardoso?

Lula: Veja, Kennedy, é difícil ficar fazendo julgamento de um homem de 86 anos de idade. Eu acho que, com essa idade, um cara com 86 anos não tem que ter mais agenda, não tem que ter mais nada. Que ele fale o que ele quiser. Ele tem falado mais coisas erradas do que coisas certas. Ele tem contribuído muito mais para agravar a situação do que para arrumar a situação.

Kennedy Alencar: O que ele deveria dizer?

Lula: Ele poderia ter influenciado melhor o PSDB para que tivesse um candidato mais plausível para disputar as eleições.

Kennedy Alencar: O Sr. sonha em ser candidato à Presidência novamente ou o Sr. descarta essa possibilidade?

Lula: Você acha que... Eu não tenho mais idade para ser presidente. Quando chegarem as eleições, eu vou estar com 76 anos de idade. Agora, o que eu vejo? Eu vejo, nos Estados Unidos, gente de 80 anos querendo ser candidato, gente de 82, aí...

Kennedy Alencar: O Lula está fora do jogo?

Lula: Eu posso dizer para você uma coisa: se depender do que eu penso hoje, o Lula não é mais candidato a presidente da República. Tem muita gente nova para ser candidata no meu lugar. Eu não posso ser um candidato se eu não tiver 100% de energia, 100% de saúde e disposição. Se eu tiver com uma força que estou hoje, parecendo um jovem de 70 com uma energia de 30, quem sabe?

Kennedy Alencar: Sua saúde está boa? Sua cabeça está boa?

Lula: Estou bem, estou bem. Graças a Deus, eu estou bem. Eu estou aqui, eu me preparo. Você sabe que eu sou um cara que lê muito. Assisto a muita coisa de política. E você sabe que eu tenho uma missão de vida agora: além de lutar para que o povo brasileiro possa recuperar o direito de ser feliz, para o povo voltar a sonhar com este país, eu efetivamente quero provar a minha inocência. A minha questão de fé é provar a minha inocência, porque a Dona Lindu não merece que o filho dela esteja passando pelo que está passando, por conta das mentiras contadas contra mim.

Kennedy Alencar: Presidente, o que mudou, no seu modo de ver, após ficar mais de um ano preso? E qual foi o momento mais difícil?

Lula: Eu na verdade, Kennedy, tive muitas discussões antes de vir para cá. Muita gente achava que eu deveria sair do Brasil, muita gente achava que eu deveria ir para uma embaixada. E eu, em função de ter sido presidente da República, em função de eu ser quem sou, na relação que tenho com a sociedade, achei que eu não poderia me permitir ser um fugitivo ou ser um exilado. Eu resolvi: vou para o meu país. É lá em Curitiba que eles me querem? Eu vou para lá. Por isso, tomei a decisão e estou muito tranquilo aqui. Eu digo, todo santo dia: não acredito, não acredito que o Moro e que os juízes que me julgaram durmam com a consciência tranquila, como eu durmo. Não acredito! Eu me preparo muito. Você me vê brabo assim, mas eu não tenho ódio, não. Tenho muita tranquilidade, porque eu sei o que está acontecendo neste país e vou brigar para que os setores progressistas da sociedade voltem a governar este país. Não é possível a gente conviver com a quantidade de mentira com que estamos convivendo. E envolve a questão da Venezuela. Veja, a questão da Venezuela nós resolvemos. Coloque os países da América do Sul para resolver. Imagine se você é presidente do Brasil e eu me autoproclamo candidato a presidente da República e começo a chamar gente para ir para a rua protestar contra você! E vou tentar convencer militares a dar um golpe em você.

Kennedy Alencar: Mas a Venezuela não virou uma ditadura⁸⁵? O Maduro mudou a Suprema Corte, reprime a população...

Lula: Como é que foram as eleições no ano passado?

Kennedy Alencar: Há acusações de fraude.

Lula: Ele ganhou, e teve olheiro estrangeiro. Na época, não houve nenhuma denúncia de corrupção. Este ano é que começou denúncia de corrupção. Quem é que governa o Congresso? É a oposição.

Kennedy Alencar: O sr. acha que o Maduro consegue ficar no poder até 2024?

Lula: Eu não acho que ele deva ficar. Eu acho que o PT precisa compreender isso. O Maduro precisa governar a Venezuela atendendo aos interesses do povo da Venezuela. Você não pode conviver com uma inflação de um milhão por cento, você não pode conviver com um país sem abastecimento. Isso eu discutia no tempo em que o Chávez era vivo. Agora, não dá para gente adotar como política que, se tal país não está bem, eu vou lá e invado. Se tal país não está bem, eu vou lá e invado. Ora, que história é essa? É preciso que a gente respeite a autodeterminação de cada cidadão.

Kennedy Alencar: Presidente, quantos livros o Sr. leu na prisão? E qual o livro o impressionou mais?

Lula: Eu li muito livros. Eu não lembro quantos agora, mas eu li muito.

Kennedy Alencar: Mais de quarenta?

Lula: Posso te dizer que eu li mais do que eu li na vida inteira. Eu te digo que um livro que me impressionou, pelo que estamos vivendo hoje no mundo, foi esse do petróleo. Esse livro me impactou profundamente.

Kennedy Alencar: Presidente, netos do Sr. sofrem *bullying* na escola. Filhos do Sr., e o Sr. mesmo, são atacados nas redes sociais. Eu gostaria de saber o que o Sr. tem a dizer para essas pessoas que odeiam o Sr. e lhe desejam tanto mal.

Lula: A única coisa que eu faço é pedir paciência para os meus filhos, para que eles não deixem toda essa canalhice prejudicar a cabeça deles. Eu sei que é muito difícil, porque todo mundo reage, às vezes, com muito ódio e com muita raiva. Eu peço para eles não... Primeiro, não precisa ficar acompanhando a rede social. Se você tem um lugar que só fala mal de você, não precisa ver aquilo. Você não é masoquista, para ficar vendo aquilo. E eu peço tranquilidade para eles, porque o que eles estão passando é muito duro. Eu às vezes me sinto culpado, porque eles já sofriam quando eu era o bambambã neste país aqui. É importante lembrar que o meu filho Fábio era dono da Friboi. Kennedy,

⁸⁵ Na Vaza jato tem uma passagem que o Moro e o Dallagnol decidem fazer uma acusação à Venezuela.

eu acho que nós vamos caminhando para um momento em que a mentira definitivamente seja punida nos meios de comunicação, seja rádio, seja televisão, seja Internet, porque não é possível a enxurrada de mentira, de inverdade. Quando a Marisa teve um derrame e foi para o hospital, a quantidade de idiotices que foi falada... As pessoas perderam aquilo que a humanidade não pode perder, que é o humanismo. Eu sou solidário. Eu posso ter divergência com o Kennedy, eu posso ter divergência, mas ele é um ser humano! Na dor, eu tenho que compreender. Isso acabou, Kennedy, isso acabou.

Kennedy Alencar: Como é que o Brasil vai sair disso?

Lula: O Brasil vai sair disso, Kennedy, quando ele tiver um governo que governe para todos, que converse com todos e que tenha palavras de bom senso para o país. Eu tenho em mente aquilo que eu fazia no Brasil como presidente da República. Eu duvido que você encontre um empresário, que você encontre um trabalhador, que você encontre um usineiro, que você encontre alguém que tenha sido ofendido por mim, duvido. Se tem uma coisa que eu aprendi, com a baixa formação intelectual que eu tenho, é respeito. Respeito é uma coisa que a gente adquire em casa, com o pai e com a mãe. Eu fui assim quando era presidente do sindicato, eu fui assim quando era presidente do PT, eu fui assim quando era Presidente da República, e eu sou assim agora. Eu gosto das pessoas porque eu gosto de tratar bem. Eu gosto de me sentir bem com as pessoas. E o Brasil não está vivendo esse momento. O ódio está estampado nas famílias. As pessoas brigam por qualquer coisa. Nós vamos encontrar uma saída.

Kennedy Alencar: Presidente, em 2009, o Barack Obama disse que o Sr. era “o cara”, o político mais popular da face da Terra. O Sr. viveu o auge político. O Brasil tinha projeção geopolítica internacional. Depois, houve todo esse processo de queda. O Sr. está dando uma entrevista preso. Como o Sr. trabalha isso na sua cabeça?⁸⁶

Lula: Primeiro, eu jamais imaginei estar aqui onde estou. Eu jamais imaginei, pela minha conduta política, ter um processo contra mim, jamais imaginei. O que aconteceu comigo foi uma coisa que eu acredito que era inesperada. Depois do impeachment, eu comecei a meditar que o impeachment ia tirar a Dilma, mas não poderia permitir que eu voltasse, porque estava por trás disso a questão da soberania nacional... Veja, eu não sou um cara que fica imaginando conspiração o dia inteiro, mas historicamente os Estados Unidos nunca aceitaram que o Brasil⁸⁷ fosse protagonista internacional. Se você pegar as Forças Armadas da Argentina até as da Venezuela, você vai perceber que, em todos os cursos nas Forças Armadas desses países, o Brasil é o inimigo, o Brasil é o perigo, é preciso evitar o Brasil. Isso sempre foi assim. Orientação dada por quem? Pelos americanos. O Chávez era professor na Escola Superior de Guerra da Venezuela, e a orientação dele era a de que o Brasil era o

⁸⁶ Lula é o protagonista de uma verdadeira epopeia.

⁸⁷ Lula e Celso Amorim tentaram uma reviravolta muito ousada na política externa. A questão do Irã foi, talvez, o ponto de não retorno, quando a Hillary Clinton decidiu parar o Brasil.

inimigo. “*Cuidado com o Brasil! Cuidado com o Brasil!*” Ora, quando nós chegamos à Presidência, eu queria mudar isso. Eu queria que o Brasil fosse visto como um parceiro necessário para ajudar no desenvolvimento desses países. Eu achava que o Brasil tinha que ajudar o desenvolvimento da África, pela dívida histórica que o Brasil tem com os africanos. Eu achava que era preciso. Por isso fiz tantas viagens e levei tantos empresários. Você está lembrado de que eu fiz a primeira reunião, lá no Congresso Nacional, entre o mundo árabe e a América do Sul, e inventaram que era uma coisa contra Israel. Eu não tenho nada contra Israel. Quero que o povo de Israel viva a sua vida e quero que eles deixem os palestinos viverem a vida deles. Então, Kennedy, eu acho que isso incomodou, incomodou muito, sobretudo esse governo americano que está aí. Incomodou porque o Brasil vira protagonista, o Brasil se mete em tudo, o Brasil quer resolver problema de paz, da Bolívia. Eles nunca gostaram do Brasil porque, quando a Bolívia e o Brasil fizeram o começo da guerra pelo território do Acre, os americanos estavam no Rio Acre com navio defendendo a Bolívia, não defendendo o Brasil. É aquele negócio de Maquiavel: dividir para reinar. É colocar todos contra o Brasil. E quando pegam um presidente medíocre como o nosso, que deveria pegar um telefone, deveria fazer uma viagem à Venezuela, deveria ter conversado, deveria ter ajudado a encontrar uma solução... Não, fica instigando, instigando.

Kennedy Alencar: O Sr. disse que o vice-presidente [Hamilton] Mourão é o maior inimigo do Bolsonaro, e o Bolsonaro tem uma relação ruim com o Congresso. Bolsonaro corre o risco de sofrer um impeachment?

Lula: Olha, eu não sou obrigado a ter opinião sobre tudo, porque quem tem opinião sobre tudo e dá opinião, às vezes comete um erro imenso. Eu acho que o povo brasileiro elegeu o Bolsonaro, não importa o jeito que foram as eleições. Eu só espero que o povo fique atento para exigir dele a governança em benefício do Brasil. Quando eu me preocupo, por exemplo, com a soberania nacional, Kennedy, eu me preocupo não apenas com as fronteiras do Brasil, a fronteira seca e a fronteira marítima; eu me preocupo é com o que tem de riqueza neste país, desde o ecossistema à biodiversidade, as riquezas minerais, a qualidade de vida do povo, a educação do povo. É com isso que a gente tem que se preocupar. Isso faz parte do patrimônio soberano de uma nação. Se o Brasil quiser ser respeitado, o Brasil precisa cuidar de si. Não é com discurso, é com prática. Então, o seu Bolsonaro, em vez de ficar falando bobagem, ele deveria falar o seguinte: “*Eu vou terminar este mandato aqui sendo melhor do que o Lula. Eu vou fazer mais universidades, eu vou investir mais em ciência e tecnologia, eu vou colocar mais crianças na escola, eu vou fazer mais casas*”. Era isso que deveria disputar.

Kennedy Alencar: Mas ele está cortando o dinheiro das universidades.

Lula: Está cortando das universidades, está cortando da ciência e tecnologia. E agora vai cortar... não, agora vão estuprar o povo brasileiro, tirando um trilhão.

Kennedy Alencar: Mas não é importante fazer a reforma da Previdência? O Sr. fez.

Lula: Depende, depende de que reforma. Você tem que ter uma discussão séria com a sociedade brasileira. Então, vamos dizer o seguinte: quanto é que custam as Forças Armadas para a aposentadoria neste país? Quanto é que custa o setor público federal? Aí você começa a mexer. O que não pode é pegar os velhinhos que trabalham e que pagaram para pagarem o preço.

Kennedy Alencar: Mas não é importante ter uma idade mínima?

Lula: É importante ter uma discussão, é importante ter idade [mínima]... Tudo é importante, tudo é importante!

Kennedy Alencar: A idade mínima é importante?

Lula: Tudo é importante se você fizer uma discussão séria com a sociedade. E quem é a sociedade? Os trabalhadores que pagam... Você quer mudar o sistema do setor público? Reúna o pessoal para discutir. Obviamente, vários setores não pagam aquilo que recebem. Então, é preciso discutir. Você está lembrado que eu fiz a primeira reforma no setor público.

Kennedy Alencar: Mas agora o Brasil tem um problema fiscal, presidente. Tem que fazer a reforma da Previdência.

Lula: Não é por conta disso. Eu vou lhe falar: é por conta do desemprego. Em 2014, a Previdência era superavitária. Kennedy, é só você pegar os dados!

Kennedy Alencar: Alguns economistas discordam.

Lula: Não é questão de economista, é uma questão de numerologia: é só pegar os números. A Previdência brasileira era superavitária em 2014, era superavitária! Na medida em que começa a decair o crescimento econômico, cai o consumo e tudo. Obviamente, vai aumentando a dívida. Eu acho que, a cada geração, tem que se preparar a Previdência para a próxima geração.

Kennedy Alencar: Que reforma da Previdência deveria ser feita?

Lula: Eu não vou dizer que reforma tem que ser feita, vou dizer o seguinte: o governo quer fazer uma reforma? Ele chama as centrais sindicais, que são legítimas representantes dos trabalhadores, chama os aposentados, chama os empresários e senta numa mesa. E vamos colocar a realidade para se discutir. É isso, você fazer uma coisa que não precisa ser dolorida. Você não pode discutir reforma da Previdência para resolver a crise. Você discute a reforma da Previdência para discutir a melhoria dos aposentados. Porque o que eles estão fazendo não é reforma, é estupro, é destruição, é demolição.

Kennedy Alencar: O Sr. chamou os Bolsonaro de um bando de malucos. Não têm método, não têm estratégia?

Lula: Eles não têm. Ele corre atrás do filho para apagar um incêndio todo dia. Eu, sinceramente, não sei como é que funciona a família. Como eu não conheço, eu não vou ficar dando palpite, mas o que se apresenta publicamente é um negócio incontrolável. Obviamente, pelo bem do Brasil, eu espero que ele aprenda. Você não governa um país destes com frases de efeito. *“Ah, porque eu e o Mourão dormimos juntos, somos como um casal. Eu e o Maia dormimos juntos...”* Está louco?! Não dá para arrumar outra metáfora? *“Dormimos juntos, estamos a beijar, estamos felizes agora!”* Tem que falar para o povo alguma coisa com que o povo possa ter esperança! O povo brasileiro está precisando de esperança, está precisando de alguém que diga: *“Gente, como é que nós vamos resolver o problema do crescimento econômico? Como é que nós vamos resolver o problema do emprego?”* É isso. E eu tenho uma solução simples: não haverá crescimento neste país se você não incluir o povo pobre no Orçamento da União. Ou ele volta a ser agente e sujeito da história, ou nós não temos jeito. As pessoas que estavam incomodadas porque os aeroportos estavam virando uma rodoviária, agora devem estar com saudade, porque os aeroportos estão vazios. E depois, é o seguinte: Bolsonaro ganhou as eleições e acabaram as eleições. Ele precisa parar de governar para os seus milicianos, precisa governar para o povo brasileiro.

Kennedy Alencar: Governar para os seus milicianos?

Lula: É, porque, em tudo que faz, aparece miliciano pra cá, miliciano pra lá, miliciano não sei onde, miliciano arrumando emprego... Eu vejo nos jornais.

Kennedy Alencar: Presidente, o que o Sr. tem a dizer aos seus apoiadores que fazem uma vigília aqui em frente há 391 dias?

Lula: Eu não tenho palavras para agradecer a essa gente. Eu não tenho palavras porque eu jamais imaginei que isso fosse acontecer. Quando eu sair daqui, se abraçar eles o resto da minha vida, eu não terei pagado o carinho, o que é levantar de manhã com um *“Bom dia, Presidente Lula!”*, e ouvir um *“Boa tarde, Presidente Lula!”*, e dormir com um *“Boa noite, Presidente Lula!”*. Eu sou muito gratificado, muito mesmo! E peço a Deus que eu saia logo, para eles poderem ficar tranquilos e irem para a casa deles dormir. No mais, Kennedy _e estou vendo a pressa da entrevista [Polícia Federal diz que o tempo acabou]_, só queria te dizer o seguinte: eu sou...

Kennedy Alencar: Queria fazer outras mais com o Sr., um documentário de horas.

Lula: Eu sou um homem que estou muito tranquilo com a minha consciência. Você me conhece há muitos anos. Você sabe do respeito que eu tenho por você como jornalista. Eu sou um homem muito tranquilo. Eu tenho muita consciência do que está acontecendo no Brasil, tenho consciência do que eu fiz neste país. E é muito difícil para a elite brasileira aceitar que tenha sido eu a ter feito o que fiz neste

país. O país nunca viveu um momento tão extraordinário como viveu no meu governo, inclusive de autoestima. E ser acusado da forma que eu fui... Eu tinha duas opções: ou me calar. Às vezes eu fico pensando em fazer uma delação contra o Moro, o Dallagnol e os juízes que me julgaram, mas não aceitam! Então, não tenho para quem fazer, a não ser para você, um dia, fazer uma delação. Então, só tenho eu mesmo, e a esse povo maravilhoso que está aí fora, para provar a minha inocência. Quando eu provar a minha inocência, eu posso morrer tranquilo. Espero que os meus advogados cuidem dessa questão da tal da detração, sem abrir mão da minha defesa, porque, se eu tiver que abrir mão, eu morrerei aqui dentro.

Kennedy Alencar: Presidente, muito obrigado pela entrevista.

Lula: Obrigado a você, Kennedy. Desculpa por não responder tudo o que você queria saber. Quando quiser, fazemos outras.

Kennedy Alencar: Obrigado.

*

Moro, Dallagnol e Bolsonaro

O ministro da Justiça, Sergio Moro, disse na última quinta-feira, por meio da assessoria, que não comentaria a entrevista de Lula.

Além da resposta à condenação no caso do apartamento, que consta de pergunta feita ao ex-presidente, há outras manifestações de Moro transmitidas ao blog no ano passado a respeito do grampo da conversa entre Lula e Dilma e da indicação para ministro da Justiça. A respeito do grampo, Moro disse que “a democracia numa sociedade livre demanda que os governados saibam o que os governantes estão fazendo, mesmo quando eles tentam agir na sombra.”

Em relação à indicação para ministro da Justiça ser vista por alguns como uma “recompensa”, inclusive Lula, Moro disse que, quando condenou o petista em 2017, Bolsonaro era deputado federal e não tinha perspectiva de ser eleito presidente da República.

O procurador Deltan Dallagnol e integrantes da força-tarefa da Lava Jato defendem a lisura dos acordos que têm feito, segundo eles, para recuperar recursos que foram desviados da Petrobrás a fim de reparar a sociedade brasileira.

Recentemente, o presidente Jair Bolsonaro disse que Lula e o PT tinham um plano para roubar a liberdade dos brasileiros e que o ex-presidente não deveria ter o direito de dar entrevistas, como autorizado pela Justiça, mas apenas a obrigação de cumprir sua pena.⁸⁸

⁸⁸ ALENCAR, K. **Entrevista de Lula a Kennedy Alencar**: Bolsonaro é “Desastroso”. Cascavel: Sintrivel, 2019. Disponível em: <https://sintrivel.com.br/noticia/entrevista-de-lula-a-kennedy-alencar-bolsonaro-e-desastroso/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

ANEXO D - Entrevista de Lula ao jornalista Jens Glusing do Der Spiegel, em 15 de maio de 2019⁸⁹

“Eu luto pela verdade”^{vi}.

Jens Spiegel: Senhor Presidente, como você está? Você sofre de solidão?

Lula: Eu posso lidar com ela. Além disso, sou saudado três vezes por dia por meus seguidores que acampam do lado de fora em uma esquina. Se eu sair daqui^{vii}, serei eternamente grato a essas pessoas. Espero poder sair deste prédio pela entrada principal e beber um drinque decente com eles.

Jens Spiegel: Você sempre foi uma pessoa muito comunicativa e sociável. Como você se mantém em uma pequena cela?

Lula: Vou te contar uma coisa que ainda não disse em ninguém. Quando comecei minha carreira no sindicato muitos anos atrás, eu era muito tímido. Quando falava em um evento, ficava nervoso. Para me preparar, colava fotos de muitas pessoas na parede do meu quarto e praticava meu discurso na frente delas. Falava com um público imaginário. Quando estou na minha cela hoje com o desejo de falar a uma plateia, também coloco fotos na parede.

Jens Spiegel: Seu aprisionamento também é um fardo para sua família. Suas contas estão bloqueadas e sua filha está vendendo produtos de confeitaria pela Internet.

Lula: Isso é tudo muito difícil para ela, mas eu não quero reclamar. Quando criança, quando morava com minha mãe, muitas vezes a via acorada ao lado do fogão aos domingos. Não havia absolutamente nada para preparar uma refeição, mas ela não reclamava. Pelo menos meus filhos têm o suficiente para comer. Claro que eu gostaria que eles não tivessem que passar por isso. Mas com o tempo, a verdade mostrará seu rosto.

Jens Spiegel: Você foi condenado a doze anos por corrupção e lavagem de dinheiro em segunda instância e, recentemente, a sentença foi reduzida para quase nove anos. Você é acusado de ter recebido um apartamento de uma construtora, que, por sua vez, teria sido preferida na aquisição da Petrobras. Como você quer provar sua inocência?

Lula: Eu não tenho que provar que sou inocente, eu chamo o Judiciário para provar minha culpa. Fui condenado em primeiro lugar sem qualquer prova. O promotor fez uma apresentação em PowerPoint para justificar a ação contra mim. A manifestação disse que não há provas claras de que as acusações foram baseadas em “crenças”. Mesmo o juiz Sérgio Moro, que me condenou, não apresentou nenhuma

⁸⁹ ÍNTEGRA da transcrição da entrevista de Lula para a Der Spiegel. Jens Glusing. **Der Spiegel**, 15 maio 2019. 1 vídeo (53 min). Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=qh87D1mHqZU>. Acesso em: 20 jul. 2021.

prova, fala em “fatos indeterminados”. O tribunal de apelação me condenou sem ler os arquivos do caso; eles queriam impedir minha candidatura o mais rápido possível.

Jens Spiegel: Os promotores acusaram você de atuar como chefe de uma organização criminosa.

Lula: Alguém tem que finalmente provar que eu sou dono deste apartamento e que recebi dinheiro da construtora ou dinheiro da Petrobras. Não importa que alguém esteja sob custódia, esperando que o Judiciário produza provas. Eu luto para que a verdade finalmente chegue à tona.

Jens Spiegel: Você pode ter que passar anos na prisão.

Lula: Isso pode demorar um pouco, não tem problema. É difícil, eu prefiro estar em liberdade, mas não vou desistir de uma coisa por um preço único: minha dignidade.

Jens Spiegel: Pouco antes de sua prisão, você estava a caminho do Uruguai na campanha eleitoral. Naquela época, você disse que só precisava dar um passo para se salvar do Judiciário. Você se arrepende de não ter sido exilado?

Lula: Não, havia algumas coisas que eu não queria desistir. Tenho 73 anos, fui presidente do Brasil e sou muito conhecido. Eu não me via como refugiado. Pessoas importantes discutiram comigo se eu preferiria sair do Brasil ou procurar refúgio em uma embaixada. Eu decidi ficar no país. Eu luto pela verdade. Eu quero provar que aqueles que me acusam são mentirosos. E se eu tiver que fazer isso em detenção – tenho uma consciência limpa. O juiz Moro e os promotores que me colocaram atrás das grades não estão dormindo tão bem quanto eu, estou convencido.

Jens Spiegel: Você esperava sua prisão?

Lula: Desde que a Operação Lava Jato começou, eu estava convencido de que na verdade ela tinha apenas um objetivo: eu. Eu disse para mim mesmo naquela época, não é possível para meus oponentes substituir minha sucessora, Dilma Rousseff, que também vem do Partido dos Trabalhadores, e depois permitir que eu seja reeleito presidente. Isso não se encaixa.

Jens Spiegel: Você se vê como um prisioneiro político?

Lula: O juiz Moro, que me condenou, foi nomeado ministro da Justiça, pelo novo presidente, Jair Bolsonaro. Poucos dias atrás, Bolsonaro anunciou publicamente que havia concordado com Moro para içá-lo no próximo posto vago na Suprema Corte. Isso prova que tudo foi um jogo bem organizado.

Spiegel: O próprio Moro se protege contra tais acusações...

Lula: Moro garantiu que Bolsonaro fosse eleito presidente impedindo minha candidatura.

Jens Spiegel: Sob o seu governo, a economia cresceu e milhões de pessoas saíram da pobreza. Seguiu-se um choque político e econômico. No ano passado, o direitista Bolsonaro foi eleito presidente. O que há de errado com o seu país?

Lula: A política econômica não é mágica. Você tem que ter credibilidade para ser respeitado. É por isso que tive o apoio de Gerhard Schröder e Angela Merkel, George W. Bush, Barack Obama, Jacques Chirac, Nicolas Sarkozy, Tony Blair e Gordon Brown. O Brasil estava a caminho de se tornar a quinta maior economia do mundo e agora temos esse desastre. Bolsonaro é como o imperador romano Nero: ele incendeia o país inteiro. As palavras emprego, crescimento, investimento e desenvolvimento não são utilizadas. Ele não quer construir, apenas destruir. Nós temos um presidente que bate continência na frente da bandeira dos EUA. O Brasil não merece isso.

Jens Spiegel: O seu partido, o PT, não é responsável pelo declínio? Uma vez prometeu combater a corrupção, agora o próprio partido está envolvido em vários escândalos de corrupção.

Lula: Não há partido na história do Brasil que tenha criado mais ferramentas anticorrupção que o PT. Nós não apenas criamos leis mais rígidas, mas também demos mais transparência. Então a corrupção veio à luz. Cometemos erros e pagamos por eles. Mas apenas o tesoureiro do nosso partido está na cadeia, embora todos os partidos tenham recebido dinheiro da mesma maneira. O PT não foi punido por seus erros e erros, mas pelo que fez certo.

Jens Spiegel: Como é isso?

Lula: A elite brasileira não aceita a ascensão dos pobres. Meu crime era permitir que os pobres estudassem, usassem a mesma calçada que os ricos, para ir aos shoppings e aeroportos de uma só vez. Esta terra pertence a todos. O PT foi generoso com aqueles que precisavam do estado brasileiro, mas não negligenciou os ricos. Eu carrego minha cruz, mas os pecados foram cometidos por outros.

Jens Spiegel: A acusação alega que houve um gigantesco sistema de corrupção em torno da Petrobras para financiar os partidos.

Lula: Isso é mentira. Pode ter havido um ou outro caso. A Petrobras é uma grande empresa, que movimentou 30 bilhões de reais, o equivalente a 6,6 bilhões de euros no ano. Acabei de ler um livro sobre a história do petróleo e as políticas associadas de poder. Desde então, estou convencido de que o que acontece no Brasil tem a ver com os interesses das companhias petrolíferas americanas.

Spiegel: Você está falando sério?

Lula: Os americanos e a elite brasileira não queriam permitir que os recursos petrolíferos descobertos durante meu governo fossem promovidos apenas por uma participação majoritária na Petrobras. Eles se opõem a investir 75% dos royalties no sistema educacional, para que o Brasil possa finalmente alcançar a diferença de 200 anos. Isso financiará a pesquisa, a tecnologia e o sistema de saúde. É por

isso que eles expulsaram minha sucessora, Dilma Rousseff. Então todas as manobras ilegais se seguiram para me impedir de concorrer novamente. Eles sabiam que eu seria eleito presidente mesmo se estivesse na prisão. O promotor Deltan Dallagnol, que está me perseguindo, é um fantoche do Departamento de Justiça dos EUA.

Jens Spiegel: Mas nem todas as alegações são feitas no ar: diz-se que o grupo brasileiro de construção Odebrecht, que está no centro das investigações de corrupção, subornou políticos em toda a América Latina. Você tem um relacionamento muito próximo com a Odebrecht?

Lula: Não. E não me arrependo de qualquer relacionamento que tive com empresas, bancos, empresários e trabalhadores. Eu sempre soube da importância da Odebrecht no Brasil. É bem possível que as pessoas que queriam tirar Rousseff e destruir a Petrobras também estivessem interessadas em esmagar as grandes construtoras brasileiras. Você pode perfeitamente investigar denúncias de corrupção, descobrir corrupção e, se o proprietário da Odebrecht praticar corrupção, ele deve ser preso. Mas a empresa deve continuar trabalhando para criar empregos e prosperidade. Quem se beneficia se as empresas de construção desmoronarem? Quem se importa com o fato de as empresas brasileiras não estarem ativas na África ou em outros países da América do Sul? Os concorrentes na Europa e nos EUA.

Jens Spiegel: A elite brasileira que você critica tão duramente cortejou você quando estava no governo.

Lula: Eu sempre disse: eu governo para os ricos e os pobres. Mas todos devem saber que minha preferência pertence àqueles que são os mais necessitados. No final do meu governo em 2010, eu tinha índices de aprovação de mais de 80%. Houve união nacional sobre a minha pessoa.

Jens Spiegel: Então, como você explica que hoje você é tão odiado por uma parte da sociedade?

Lula: A mídia do Brasil tem alimentado o ódio desde 2005. Mário Soares, o antigo presidente português, disse-me numa visita: Lula, não entendo isso, você é deus na imprensa estrangeira, você é o diabo na imprensa brasileira. Após as manifestações em massa em 2013, esse ódio tornou-se ainda mais forte. Após a eleição de 2014, que minha sucessora Rousseff venceu por pouco, a oposição inicialmente se recusou a aceitar o resultado. A direita sempre prega: nosso inimigo é o Partido dos Trabalhadores, devemos destruí-lo. Mas eles não tiveram sucesso.

Jens Spiegel: Bolsonaro não é um representante da oposição tradicional...

Lula: Ele não é capaz na presidência. Por que ele ganhou de qualquer maneira? Vou citar uma frase do autor moçambicano Mia Couto: “Em tempos de terror, escolhemos monstros para nos proteger”. Lá vem um cara que tem sido um membro do parlamento por 28 anos, mas nunca conseguiu nada e

consegue se vender como o “novo”. Ele não foi eleito porque seus seguidores acreditam que ele é a melhor alternativa, mas porque ele é contra o PT, foi uma eleição de protesto.

Jens Spiegel: A democracia está em perigo no Brasil?

Lula: Bolsonaro não acredita em democracia. Ele e seu pessoal sabem apenas uma coisa: armas. Em quase todas as fotos ele simula uma pistola com a mão. Em primeiro lugar, ele enviou os médicos cubanos para casa, os únicos a garantir assistência médica em muitas regiões pobres. Então ele fez política ambiental e corroeu os direitos dos trabalhadores. Agora ele está falando de uma grande reforma previdenciária. Pode ajudar os bancos, mas não as pessoas. Esse homem é um perigo para o Brasil. Ele destrói tudo o que construímos.

Jens Spiegel: Afinal, ele gosta do apoio das Forças Armadas.

Lula: Os militares que o apoiam parecem ter esquecido todos os princípios nacionalistas. Na minha opinião, isso não significa apenas proteger nossas fronteiras, mas também nossa biodiversidade, nossa água, nossa região amazônica, nossa indústria.

Jens Spiegel: Você teve um bom relacionamento com as forças armadas durante o seu governo. Por que os generais estão se voltando contra você agora?

Lula: Eu também gostaria de saber disso. Se eu sair daqui um dia, quero ter uma conversa séria com vários oficiais. Eu não entendo porque o chefe do exército antes da eleição sugeriu ao Supremo Tribunal Federal a minha condenação, a fim de impedir a minha candidatura. Eu sempre tratei bem os militares durante o meu governo.

Jens Spiegel: Os militares ameaçam tomar o poder se o governo Bolsonaro falhar?

Lula: Eu não quero que isso aconteça. O povo brasileiro não merece isso. Espero que Bolsonaro caia em si e ganhe o respeito como presidente deste país. Ele deveria aprender a se comportar civilizado. Se Bolsonaro cai, o vice deve assumir, isso é um general.

Jens Spiegel: A sociedade brasileira está profundamente dividida ...

Lula: Isso é verdade não só para o Brasil, mas também para a Alemanha, os EUA e outros países. Em todo lugar o ódio é alimentado. Quem semeia vento, vai colher tempestade. O Brasil está nessa situação.

Jens Spiegel: A Venezuela está em uma crise ainda mais séria que a do Brasil. A líder do seu partido PT viajou para apoiar Nicolás Maduro. Por outro lado, o governo brasileiro, como a Alemanha e muitos outros, reconheceu Juan Guaidó como presidente interino.

Lula: Foi um erro que a Alemanha reconheceu Guaidó, você pode fazer isso com Angela Merkel. Que Donald Trump faça isso, tudo bem, mas a Alemanha não era obrigada a obedecer aos americanos. Ninguém pode se proclamar presidente. Tal ação destrói as instituições.

Jens Spiegel: Guaidó se refere à Constituição.

Lula: Por que a oposição não desafiou a vitória eleitoral de Maduro no ano passado?

Jens Spiegel: A eleição foi considerada manipulada.

Lula: Se ela foi manipulada, por que eles não a desafiaram? Eu não concordo com o que está acontecendo na Venezuela. Mas é um problema venezuelano. Eu sou pelo direito de autodeterminação dos povos. Quem quer governar na Venezuela, deve sentar-se com seus adversários e negociar, isso não está pronto. Guaidó é um pavão, ele não é confiável.

Spiegel: Você poderia imaginar concorrer à Presidência de novo?

Lula: Na minha idade – tenho 73 anos agora – nem sei se estou vivo em quatro anos. Temos que procurar novos candidatos, há pessoas boas dentro e fora do PT. Eu não estou pensando em uma candidatura agora. *Eu me concentro na minha vida e minhas proações*⁹⁰.

*Por Jens Glüsing para a Der Spiegel Via Agência PT*⁹¹

⁹⁰ Esta declaração de Lula mostra desânimo com o curso de seu processo e de seu futuro político.

⁹¹ MORAIS, E. Leia a íntegra da entrevista de Lula para a revista alemã Der Spiegel. **Blog do Esmael**, 2019. Disponível em: <https://www.esmaelmorais.com.br/2019/05/leia-a-integra-da-entrevista-de-lula-para-a-revista-alema-der-spiegel/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ANEXO E - Entrevista de Lula ao jornalista Glenn Greenwald do The Intercept Brasil, em 21 de maio de 2019⁹²

Luiz Inácio Lula da Silva está na prisão há pouco mais de um ano e um mês. Desde então, o Intercept tenta conseguir autorização judicial para falar com ele. No Brasil, é comum que criminosos deem entrevistas de dentro da cadeia – mas Lula é diferente. O ex-presidente da República foi impedido de falar durante toda a corrida eleitoral, que chegou a liderar antes de declarar apoio a Fernando Haddad. E tem convicção do porquê: para ele, toda a movimentação da Lava Jato, operação da PF responsável pela investigação que resultou em sua condenação de mais de 12 anos, foi uma manobra para evitar que ele disputasse a presidência e o PT voltasse ao poder.

Na semana em que o presidente Jair Bolsonaro reconheceu que havia prometido uma vaga no STF para Sérgio Moro, o ex-juiz responsável pela condenação de Lula que hoje ocupa o ministério de seu opositor, fui à sede da Superintendência da Polícia Federal no Paraná, em Curitiba, para entrevistar o ex-presidente. A autorização do Supremo saiu no começo do ano, junto com a dos outros veículos que entraram com o pedido de entrevista, a um espaço seguro de três meses depois das eleições. Lula diz que tenta controlar o ódio, mas não segura a língua ao falar do atual ministro: “um juiz que depende da imprensa para condenar não é juiz”. “Ele é mentiroso, o delegado que fez o inquérito meu do apartamento é mentiroso, o TRF4 mentiu ao meu respeito.”

A entrevista com Lula durou exatamente uma hora. A Polícia Federal é rígida com seus protocolos. A Lava Jato, é claro, é um assunto inevitável. Porém, diante da ascensão de Jair Bolsonaro e outros líderes de extrema-direita no mundo, eu queria saber a visão de Lula – que, goste ou não, é um dos mais importantes líderes da esquerda mundial – sobre os motivos que nos trouxeram até aqui, depois de 14 anos de um governo que, ele diz, foi excelente para a população.

Sim, ele foi o presidente que mais combateu a pobreza, a desigualdade, que mais criou universidades e programas para obsessivamente acabar com a fome no Brasil. A vida das pessoas melhorou. O que explica, então, o sofrimento que fez com que a população migrasse o voto dele e de Dilma, com o PT, para um extremista como Bolsonaro? “Quando você cria o ódio na sociedade, quando você cria a antipolítica, quando você tira a esperança de qualquer pessoa, sabe, nas instituições existentes, ou seja, qualquer coisa vale. Qualquer coisa vale”, ele disse. Lula também mencionou que, no mundo, quem está perdendo para a extrema-direita não é a esquerda – mas, sim, o modelo neoliberal. Esse foi, então, o modelo dos 14 anos de governo do PT? “Eu nunca disse que era socialista.”

Lula também falou sobre sua estratégia nas últimas eleições, em que o PT insistiu em sua candidatura de dentro da cadeia – e apostou na transferência de votos para Fernando Haddad. Muitos

⁹² GLENN Greenwald entrevista Lula: entrevista completa. **The Intercept Brasil**, 21 maio 2019. 1 vídeo (60 min). Disponível em: <https://interc.pt/2M1j8z4>. Acesso em: 20 jul. 2021.

dentro da própria esquerda criticaram a estratégia que impediu que outro candidato progressista – Ciro, do PDT, por exemplo – aglutinasse a centro-esquerda contra Bolsonaro, contornando o antipetismo que ditou o tom da eleição. Lula comparou a estratégia à eleição de 1989, em que não apoiou Brizola e foi, ele mesmo, o candidato da esquerda derrotado por Collor, e disse que Ciro precisa aprender a conversar e respeitar. “Se o Ciro quiser aliados, ele tem de saber conversar”, Lula disse.

O ex-presidente ainda falou sobre a falta de representatividade na esquerda, cujos líderes ainda são da elite intelectual, e sobre segurança pública e meio ambiente. São assuntos sobre os quais o PT tem uma posição oposta à do atual governo, mas que, na prática, deixou um legado questionável.

Leia a entrevista na íntegra.

Glenn Greenwald: Bom dia, presidente. Muito bom te ver de novo, obrigado pela entrevista. Esta entrevista é para o público brasileiro, mas também internacional. Todo mundo fora do Brasil já sabe muito bem que você acredita que sua condenação é injusta e vamos discutir muito isso daqui a pouco. Mas muitas pessoas também me perguntam sobre o seu tratamento aqui na prisão. Você disse várias vezes que o tratamento que está recebendo das autoridades é profissional e humanitário. Ainda é assim?

Lula: Eu não sei o que é tratamento humanitário na prisão. Eu estou preso, estou numa solitária – a verdade é que é uma solitária – porque eu fico a maioria do tempo inteiro sozinho, recebo os meus advogados e só. E a família uma vez por semana. Eu não sei se isso é bom. O que me faz suportar tudo isso sem ódio e com muita esperança é que tem milhões e milhões e milhões e milhões de brasileiros que, mesmo em liberdade, vivem pior do que eu estou vivendo. Eu almoço, eu janto, sabe...

Glenn Greenwald: Mas o Brasil é um país que você governou por oito anos que tem muitos prisioneiros. Como você pode comparar seu tratamento aqui nesta prisão com o tratamento de prisioneiros comuns, nas prisões comuns?

Lula: O brasileiro ou a brasileira que mora em uma palafita, ela não tem nenhuma cidadania. O cidadão que mora num quarto de três por três e ele é obrigado a almoçar, jantar, cozinhar, fazer sexo com a sua esposa, fazer a sua necessidade fisiológica num espaço de três por três, sabe, ele não está vivendo melhor do que eu estou aqui. Então é por isso que eu me preocupo menos com a minha situação e muito mais com a situação de milhões de pessoas...

Glenn Greenwald: Eu entendo, mas você não está sendo abusado, torturado? As pessoas estão querendo saber disso.

Lula: Não, veja. Faz muitos anos que nós brigamos para acabar a tortura. Agora a tortura é mais sofisticada. Ela é com base na delação premiada, onde as mentiras são contadas milhares de vezes ao mesmo tempo, e as pessoas às vezes ficam dois ou três anos presas até dizerem o que o promotor ou o

delegado querem ouvir. Eu poderia citar como exemplo a delação do Palocci, em que ele está mentindo da forma mais... sabe, quase que... é quase que uma coisa inexplicável. Você pega o Leo [Pinheiro], que está preso, tentando contar mentiras o tempo inteiro, e a senha é tentar falar do Lula. Isso já faz cinco anos. Você sabe que eu estou aqui e que nem o juiz, nem o procurador, nem o delegado da Polícia Federal que fez o inquérito têm nenhuma prova contra mim. Eles sabem que o apartamento não é meu, eles sabem que a chácara não é minha, mas eles contaram uma mentira...

Glenn Greenwald: Estão maltratando pessoas para forçar elas a denunciar outra pessoa?

Lula: Sim, ainda hoje continua. Eu até brinco com os meus advogados que eu gostaria de fazer uma delação: fazer uma delação contra o Moro, fazer uma delação contra o TRF4, fazer uma delação contra o delegado que fez o inquérito mentiroso, uma delação contra o Dallagnol... Sabe, eu gostaria, mas ninguém aceita a minha delação. Vamos ver se você consegue publicar uma parte da minha delação aqui, porque há uma coisa, Glenn, há uma coisa que precisa ficar clara. Me parece que essa frase é de um filósofo inglês, eu não sei o nome, de que a desgraça da primeira mentira é que você passa o resto da vida mentindo para justificar a primeira mentira. Você está lembrado – não sei se está lembrado – quando eu fui fazer o primeiro depoimento para o Moro. Na frente do Moro, eu disse: você está condenado a me condenar. Porque a quantidade de mentiras que vocês contaram, sabe, num acordo feito entre a Lava Jato e a imprensa brasileira – porque a Lava Jato não seria o que é se não fosse a cobertura da imprensa, um conluio entre os meios de comunicação, televisão, rádio e jornais, em que você tinha praticamente editores em cada jornal para receber as matérias em primeira mão antes dos advogados. Antes dos advogados de defesa receberem qualquer notícia, a imprensa recebia. Então, graças a esse conluio você construiu uma mentira. Eu fico pensando todo dia e toda hora o seguinte: como é que a Globo vai utilizar o Jornal Nacional para dizer: “erramos no caso do Lula”?

Glenn Greenwald: Na entrevista que eu fiz com você em 2016, você criticou duramente a Lava Jato, insistindo que era seletiva, uma operação dedicada a destruir o PT – como você disse agora também. Mas, depois disso, a Lava Jato colocou na prisão o Eduardo Cunha, que estava liderando o processo de impeachment contra a Dilma, assim como o Michel Temer, que se tornou presidente depois que a Dilma foi *impeachmentada* – mas agora ele está solto (voltou, depois foi solto, mas pelo menos está sendo processado) –, como o Sérgio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro, e agora está agressivamente atrás do Aécio Neves, o adversário de centro-direita de Dilma na eleição de 2014. Depois de tudo isso, você ainda acha que a Lava Jato foi criada só para destruir o PT?

Lula: Glenn, deixa eu lhe falar uma coisa. A operação Lava Jato, ela foi seletiva durante grande parte do seu funcionamento. Você que é um jornalista estrangeiro e que pode fazer uma investigação com isenção, faça uma investigação de quem foram os doadores do PSDB e quem foram os doadores do PT. Quanto recebeu o PSDB e quanto recebeu o PT. E os outros partidos, faça um estudo profundo,

sabe, de forma isenta. Você vai perguntar: por que que só o Vaccari foi preso por conta de finança partidária? Cadê os outros tesoureiros de outros partidos políticos?

Glenn Greenwald: Mas o Aécio não está sendo processado?

Lula: O Aécio não era tesoureiro de campanha. Estou falando das contas da campanha para mostrar que houve um processo inicial de perseguição ao PT. Por quê? Porque era preciso tirar o PT do governo. E como eles não tinham conseguido tirar o PT do governo durante praticamente quatro eleições, era preciso criar condições objetivas para criar uma animosidade contra o PT. Historicamente, no Brasil (e acho que no mundo inteiro), essa animosidade cresce quando você acusa alguém de corrupção.

Então, veja, para ficar muito claro, eu acho que se alguém roubar deve ir para a cadeia sendo do PT ou não sendo do PT, sendo católico ou evangélico, sabe? Roubou, tem que ir para a cadeia. Julgou, apurou, sabe, provou que roubou, vai para a cadeia. Este é o Estado de direito que nós queremos construir. Agora, o que eu estou desafiando são as pessoas que me prenderam, sabe, a mostrarem ao mundo uma única prova contra mim. Eu não estou pedindo nada, eu não estou pedindo nada.

Glenn Greenwald: Mas você concorda que agora a Lava Jato está atrás de outros políticos, inclusive dos seus adversários de centro-direita?

Lula: Glenn, a Lava Jato aos poucos foi se transformando numa operação política a benefício de quem dela participa. Eu vou te fazer uma sugestão, uma denúncia que você pode ajudar a investigar. Não faz muito tempo, nós ficamos sabendo que houve um acordo feito no Departamento de Justiça dos Estados Unidos em que o Dallagnol estava pegando para o Ministério Público, para a operação Lava Jato, R\$ 2,5 bilhões.

Glenn Greenwald: Dos Estados Unidos?

Lula: Dos Estados Unidos. Depois, saiu uma matéria com autorização, assinatura do senhor Moro, autorizando mais R\$ 6,8 bilhões da Odebrecht, feito aqui no Brasil. E nós sabemos que tem acordo de dinheiro para a Lava Jato em várias outras empresas que agora eles não estão permitindo que se tenha acesso aos números. O PT, inclusive, está junto à presidência da Câmara para reivindicar à Caixa Econômica Federal que a gente possa saber quem é que fez acordo com a Lava Jato. Olha, na verdade, quando alguém faz um acordo desse e quer pegar R\$ 2,5 bilhões ou R\$ 13 bilhões ou R\$ 6 bilhões, essa pessoa está construindo uma máquina política, está formando uma quadrilha.

Glenn Greenwald: Está bem. Quero te prometer que já estamos trabalhando com essas questões, investigando esses...^{viii}

Lula: Mas deixa eu... Glenn, só para não parar pela metade, só dizer o seguinte, olha...

Glenn Greenwald: Pode concluir.

Lula: Tudo o que eu quero, tudo o que eu quero, é que seja julgado o mérito do meu processo, eu não quero nada mais do que isso. Eu queria que em algum momento os juízes se preocupassem em ter leitura das provas, tanto de defesa quanto de acusação. Você sabia que eu tive 73 testemunhas e que o Dallagnol não compareceu em nenhuma audiência? Ele criou aquela mentira do Power Point e desapareceu. Ele só fala com a Miriam Leitão na Rede Globo de Televisão e, de vez em quando, dá uma entrevista. E deve estar fazendo palestra para ganhar dinheiro. Então, o que eu quero não é a convicção dele. O que eu quero é uma prova. Ora, se ele provar que eu tenho o que ele acha que tem, ora, não custa nada. Eu estou desmoralizado perante a opinião pública.

Glenn Greenwald: Não podemos resolver isso agora. Você tem as suas acusações, mas é uma questão de provas.

Lula: Só para você saber, quando o PT denunciou o fundo, o Dallagnol, o Dallagnol foi na Caixa Econômica e assinou um documento para se assenorear do fundo. Ou seja, eu estou condenado sem ter nenhum fundo, sem ter nenhum dólar, nenhum real e ele está livre, está tentando pegar R\$ 2,5 bilhões. Nós fizemos a denúncia ao Conselho Nacional do Ministério Público. Sabe quem vai julgar? O Conselho. O Conselho tem quem? Oito membros do Ministério Público. Então, o resultado qual vai ser? Qual é a dúvida?

Glenn Greenwald: Durante a eleição de 2018, nós passamos um ano tentando te entrevistar, assim como outros jornalistas, mas nenhum foi autorizado – apesar do fato de que os presos mais violentos do país, inclusive o Nem, o chefe do tráfico do Rio de Janeiro, foram entrevistados na prisão. Mas agora que a eleição terminou e o Bolsonaro ganhou, de repente o judiciário está permitindo a alguns jornalistas (a Folha, o El País, o Kennedy Alencar para a BBC) te entrevistar. Como você explica isso?

Lula: Olha, eu tenho clareza, Glenn, eu tenho clareza de que tudo o que aconteceu neste país em função da Lava Jato foi para impedir que o Lula fosse candidato à Presidência da República. Hoje, eu tenho muita clareza, da mesma forma que eu tenho clareza de que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos está por trás disso. Da mesma forma que eu...

Glenn Greenwald: Tem evidência para isso?

Lula: Hein?

Glenn Greenwald: Tem evidência? Tem prova?

Lula: Eu tenho só convicção, né, por tudo. Da mesma forma que eu tenho, sabe, hoje muita certeza de que o pré-sal está envolvido em tudo o que aconteceu comigo e com a Dilma. Ou seja, o golpe, a minha prisão, as denúncias... Veja, porque a Lava Jato, ela poderia ter tido um papel importante punindo o empresário – se é que ele roubou –, mas permitindo que a empresa continuasse a gerar

empregos, a pagar salário. Que a Petrobras não fosse quebrada, não fosse vendida, não fosse repartida como eles estão fazendo. Então, hoje, eu tenho clareza de que a liberação de eu dar entrevista... primeiro eu agradeço a vocês que reivindicaram na justiça. Era para eu ter dado entrevistas antes da eleição.

Glenn Greenwald: Mas nós pedimos muito tempo atrás, antes da eleição.

Lula: Eu sei, eu sei. E eu sou agradecido, porque vocês pediram. Mas foi negado. Primeiro o ministro Lewandowski permitiu e, depois, foi vetado pelo presidente, acho que o Toffoli, acho que vetou. Eu sabia que estava sendo jogado um jogo. Sabia que o jogo era evitar que o Lula pudesse disputar as eleições. Por quê? Porque era tudo que a elite brasileira não queria era que o Lula voltasse a ser presidente da República. Por quê? Se eles ganharam muito dinheiro no meu governo, se eles ficaram mais ricos no meu governo?

Glenn Greenwald: Mas não era verdade que, por exemplo, o lucro dos bancos já explodiu durante a sua presidência?

Lula: Eu não sei se explodiu, mas cresceu bem.

Glenn Greenwald: Cresceu muito, não?

Lula: Mas a verdade é que as pessoas mais pobres subiram um degrau na escala social. E, na medida que os mais pobres começaram a entrar em universidade, na medida que começaram a frequentar teatro, na medida que começaram a frequentar restaurante, na medida que começaram a frequentar aeroporto, isso começou a incomodar uma parte da elite brasileira que...

Glenn Greenwald: Mas a situação da classe mais rica melhorou bastante também durante o seu governo. Então, por que você acredita que essa classe que melhorou muito, que recebeu muito lucro durante o seu governo, é contra a sua volta?

Lula: É que não é só uma questão econômica, é uma questão cultural. É importante lembrar que este país faz pouco mais de 100 anos que acabou com a escravidão na lei, mas a escravidão continua na cabeça das pessoas. É por isso que quem é vitimado pela polícia são os negros, os mais pobres. É por isso que os negros ganham metade dos brancos e é por isso que a mulher negra ganha menos que a mulher branca. É por isso que é o negro que tem menos escolaridade. Por quê? Porque você tem na consciência das pessoas o escravismo ainda preponderante. É uma coisa grave, mas ela é verdadeira. Isso não termina logo. Se a gente pensar nos direitos civis nos Estados Unidos, eles começaram a ser abolidos de verdade, o povo começou a conquistá-los, em 1965, 66, 67, 68, mas quantas pessoas importantes morreram, a começar pelo Martin Luther King, para poder garantir o direito do negro de ser tratado com decência? Então, o que eu acho é que não é uma questão econômica. É uma questão cultural, é uma questão política, é uma questão sociológica^{ix}.

Glenn Greenwald: Vamos falar sobre essas questões culturais, porque o seu governo foi responsável, por exemplo, por aprovar a Lei das Drogas em 2006. Esse foi um avanço, porque diferenciava entre o usuário e o traficante e melhorou bastante. Mas, como resultado, essa lei fez com que aumentasse muito a população na prisão e, especialmente, pessoas negras e mulheres. Hoje, olhando à distância, como você avalia essa política do seu governo, quando a população na prisão cresceu muito, bastante durante o seu governo e no governo da Dilma também?

Lula: Olha, deixa eu dizer uma coisa. Nós, entre 2003 e 2014, fizemos todos os mecanismos e aprovamos todas as leis possíveis de serem aprovadas para que você pudesse melhorar o sistema de funcionamento policial neste país, para você poder diminuir a corrupção e para você colocar bandido na cadeia. Tudo o que você pegar no Ministério da Justiça, sabe, você vai perceber que o avanço aconteceu exatamente no período do PT. Exatamente. Olha, nós não conseguimos resolver o problema da Segurança Pública nesse país, tá, mas nós criamos os mecanismos – inclusive civilizatórios – para que a polícia tivesse um comportamento: aparelhamos a Polícia Federal, criamos a Polícia Nacional, com o objetivo de fazer.^x Isso, agora, está sendo deteriorado.

O PAC (Programa de Aceleração do Crescimento)... você falou do Nem na pergunta que você fez anteriormente, e eu lembro numa entrevista que o Nem deu para uma revista, se não me falha a memória, a IstoÉ, em que ele dizia que o presidente que mais tirou bandido da rua foi o PT, o governo Lula, porque com o PAC ele perdeu mais de 20 bandidos ligados a ele para ir trabalhar no PAC. Então, se você quiser diminuir a violência, não é distribuindo armas, é distribuindo educação, distribuindo emprego, distribuindo salário, distribuindo oportunidade, distribuindo sonhos e esperança.

Glenn Greenwald: Mas isso funcionou durante o seu governo? Porque o problema para uma porção da população era que a violência, o crime, cresceu durante o governo do PT. Por causa disso, o Bolsonaro conseguiu explorar esse problema. Não é verdade que o problema do...

Lula: Não cresceu no governo do PT. No governo do PT, nós fizemos a maior política de inclusão social da história de 500 anos do Brasil.

Glenn Greenwald: Mas o crime durante o seu governo cresceu ou piorou?

Lula: Bem menor, bem menor. Bem menor. Agora, uma coisa no Brasil você tem que levar em conta. Uma coisa é quando você age com seriedade e você faz o registro de cada coisa que acontece, e a outra é quando você diminui escondendo os crimes. O que nós fizemos foi uma coisa de muita transparência nesse país e o objetivo era evitar que as pessoas mais pobres fossem vítimas. Quando você consegue garantir que um adolescente, sabe, possa ter um emprego, esse adolescente não vai ter que roubar um celular ou não vai ter que roubar um tênis. Esse adolescente não vai ter que matar uma pessoa para roubar uma jaqueta. Isso não é primário. Quando você dá a esse jovem, adolescente, a oportunidade de ele sonhar – eu posso ter um emprego, eu posso ir para uma escola técnica, eu posso ir para a universidade – esse jovem vai se agarrar a essa oportunidade.

Glenn Greenwald: Entendi.

Lula: Qual é o sonho que ele tem hoje? Nenhum! Nenhum.

Glenn Greenwald: Agora quero discutir a situação política aqui no Brasil e a relação com a política internacional. Em 2015, nos Estados Unidos, era impensável que o Trump pudesse ser eleito presidente, mas agora ele é presidente. Mesma coisa no Reino Unido com o Brexit, a decisão de sair da União Europeia. A mesma coisa na Europa com partidos nacionalistas e extremistas de direita. Um ano atrás aqui no Brasil ninguém acreditava, era impensável, que Bolsonaro fosse eleito presidente do Brasil. Eu sei que você acredita que a vitória do Bolsonaro foi por causas, coisas, únicas ao Brasil, como os ataques da mídia ao PT, mas agora você vê a eleição do Bolsonaro também como parte desse padrão no mundo democrático de partidos extremistas de direita vencendo e derrotando os partidos de centro-esquerda?

Lula: Olha, no processo democrático no mundo inteiro, a votação e a alternância de poder é uma coisa normal. Isso vale para os Estados Unidos, vale para a Alemanha, vale para o Brasil, vale. Uma eleição ganha a direita, outra eleição ganha a esquerda, uma outra eleição ganha...

Glenn Greenwald: Mas a direita está ganhando muito em muitos países...

Lula: Agora, veja. Veja. Nós tivemos um período muito extraordinário na América Latina. O período de mais crescimento, de mais distribuição de renda, de mais inclusão social na América Latina aconteceu de 2000 a 2014 com a eleição de Kirchner, Lagos, a Cristina, Lula, Evo Morales, Chaves, Rafael Corrêa... foi um momento de ouro da América Latina. Agora você está vivendo um momento da extrema direita que está fracassando de forma absurda. O Macri é um desastre na Argentina e ele era a solução. Tem um livro...

Glenn Greenwald: Por que isso está acontecendo?

Lula: Olha, tem um livro do Mia Couto, que é um grande escritor moçambicano, que tem uma frase que é o seguinte: “em tempo de terror, escolhemos monstros para nos proteger”. Ora, quando você cria o ódio na sociedade, quando você cria a antipolítica, quando você tira a esperança de qualquer pessoa, sabe, nas instituições existentes, ou seja, qualquer coisa vale. Qualquer coisa vale. Eu sei que os americanos não acreditavam que o Trump tivesse a menor chance. E por que com o tempo o Trump ganhou as eleições? Não foi por causa do Putin, como eles tentam falar. É por causa da mentira, do fake news como aqui no Brasil.

Glenn Greenwald: Só por causa disso?

Lula: Não. Por causa disso, por causa do desemprego, por causa da desesperança e por causa do discurso, sabe, do Estado Nacional forte, que é sempre uma coisa importante. Né? Ou seja, quando o

Reagan e Margaret Thatcher criaram a chamada globalização, a moda dos anos 1980 era você falar que moderno era você ser globalizado, abrir a economia para todo mundo, deixar o capital transitar à vontade, embora o povo não pudesse transitar. Agora que a globalização começou a criar problema para os países desenvolvidos, sobretudo para os Estados Unidos, o Trump encontrou o discurso fácil de falar: “os Estados Unidos para os americanos, os empregos para os americanos”.

Glenn Greenwald: Mas, presidente, sobre Trump, nos Estados Unidos não é bem conhecido que tem muitas pessoas que votaram no Obama em 2008 e 2012 e depois votaram no Trump em 2016. E aqui no Brasil temos a mesma coisa: muitas pessoas que votaram em você e, depois, na Dilma, votaram no ano passado no Bolsonaro. Como você explica isso?

Lula: Glenn, posso te dizer uma coisa? Eu conheço razoavelmente bem a Hillary Clinton. Era muito fácil você encontrar uma pessoa mais popular do que ela. Ela não é uma figura simpática. Então, a eleição do Trump se deveu ao fato de ele ter um discurso correto para os operários brancos, sabe, da indústria automobilística, que estavam ficando desempregados. Ele prometeu o óbvio: emprego para o povo americano. Prometeu brigar com os chineses para o povo americano para gerar emprego e isso fez ele ganhar as eleições.

Ora, e obviamente que pode ser que muita gente do Obama votou nele, como aqui no Brasil pode ser que muita gente que votava no Lula votou no Bolsonaro, até porque o Lula não era candidato. Se o Obama fosse candidato eu não sei se os votos iriam para o Trump. O fato concreto é que eu não sei, apesar da performance extraordinária do Haddad, eu não sei se eu estivesse candidato, se as pessoas iriam votar, alguns eleitores do PT votaram no Bolsonaro. O dado concreto é que...

Glenn Greenwald: Eu conheço muitas pessoas que votaram em você e, depois, na Dilma, depois no Bolsonaro.

Lula: Talvez se eu fosse candidato, essas pessoas não tivessem votado no Bolsonaro. Porque, Glenn, você é jornalista e você sabe o que aconteceu no Brasil. Primeiro, você no Brasil sempre cria política do pensamento único. O Fernando Henrique Cardoso teve oito anos de pensamento único favorável, eu tive oito anos de pensamento único contrário, depois a Dilma teve um pouquinho favorável, quando a imprensa tentava dividir a Dilma do Lula, depois não deu certo, aí passou a ser contra. E aí, quando se criou a ideia do impeachment, aí virou 100% contra.

Você foi criando um clima de ódio na sociedade tentando culpabilizar o PT por toda a desgraça do Brasil, sabe, e, quando chegam as eleições, não quer nenhum candidato de direita (eu diria direita normal, porque o Bolsonaro, você poderia, hoje, comparar ele a um Nero quando tacou fogo em Roma). Sabe, ou seja, você... o Bolsonaro já está há quase cinco meses no governo e você não ouviu a palavra ainda “crescimento”, “desenvolvimento”, “investimento”, “geração de emprego”, “distribuição de renda”, essa palavra saiu do dicionário. A única coisa que você vê é gente apontando o dedo para você toda hora... Eu não sei se você percebe que esse gesto aqui é o gesto de quem fazia Lula antes.

Né? Acho que o Bolsonaro aprendeu a fazer assim, porque deve ter feito muito assim nas minhas campanhas presidenciais. Ou seja, o país está abandonado, o país só se fala em corte e reforma da Previdência, prometendo à sociedade...

Glenn Greenwald: Mas abandonado por quem? Por que em sua entrevista ao El País, você atribuiu a ascensão da direita internacional a fracassos do neoliberalismo. Eu gostaria de saber sobre essa questão do fracasso do neoliberalismo aqui no Brasil e internacionalmente também. Qual a relação entre o sofrimento da população e o fato de que a população está abraçando pessoas da direita extremista como Bolsonaro e outros líderes do mundo democrático?

Lula: O neoliberalismo, como surgiu na época da globalização, está perdendo em tudo quanto é lugar. E não está perdendo para a esquerda, ele está perdendo para a direita, perde para a direita, tá, como perdeu para o Hitler e como perdeu para o Mussolini. Ou seja, nós tivemos dois exemplos agora, que foi a Espanha e Portugal, em que a esquerda voltou a ter uma atenção no processo eleitoral. Mas mesmo na Alemanha, sabe, a Angela Merkel, que é uma senhora política muito forte, ela hoje, se não fosse pelos acordos com o SPD [Partido Social Democrata], ela não governaria a Alemanha.

Glenn Greenwald: Mas lá, também, a direita extremista está crescendo.

Lula: Eu sei, está crescendo no mundo inteiro, mas veja, eu acho que é um alerta para a esquerda. A direita não vai... Pode ficar certo de que, depois do Bolsonaro, de que depois do Macri, a Cristina [Kirchner] vai ganhar as eleições na Argentina. Pode ficar certo de que, aqui no Brasil, a esquerda vai ganhar na próxima eleição. Pode ficar certo que se o Evo Morales for candidato, ele vai ganhar na Bolívia, e assim em vários estados.

Eu espero que os americanos tenham juízo e não permitam a continuidade do Trump como presidente americano, porque não é um problema para os americanos, o Trump é um problema para o mundo. Ele tem que saber que, pela importância dos Estados Unidos da América do Norte com o mundo, ele não pode tomar decisões sem levar em conta os reflexos da decisão dele no mundo. Ele não pode, ele tem que pensar antes de tomar a decisão. Não pode ficar ameaçando guerra para tudo quanto é lado, ameaçando atacar, ameaçando. Chega! Chega de mentira, como a do Vietnã, chega de mentira como a do Iraque, chega de mentira como a da Líbia.

Sabe, é preciso parar, o mundo precisa de paz. O mundo precisa de paz, o mundo precisa de escola, o mundo precisa de livro, não de arma. O mundo precisa de emprego. Eu, eu, às vezes, Glenn, fico irritado, porque na reunião que nós fizemos do G20, em Londres, foi a primeira reunião que o Obama participou, a gente tinha tomado decisões importantes para enfrentar a crise de 2008, e uma das possibilidades era de que os países ricos, na medida em que tinham diminuído o consumo interno, que eles facilitassem o financiamento para os países pobres se desenvolverem, se modernizarem, comprarem máquinas novas, terem acesso à ciência e à tecnologia. E isso não foi feito, voltou o protecionismo.

Glenn Greenwald: Mas, presidente, isso é uma crítica comum, para o PT também, que, embora você e Dilma tenha uma reputação e um passado político de esquerda, a forma que você governou era neoliberal. Existem inúmeros exemplos citados do fato que já discutimos, que o lucro dos bancos explodiram durante sua presidência. Assim como o partido democrata nos Estados Unidos é financiado por Wall Street e pelo Vale do Silício, o PT foi financiado pelas empresas mais ricas aqui no Brasil, Odebrecht, OAS, JBS e muitos bancos. Você implementou uma reforma da previdência em 2004, Dilma implementou a austeridade em 2014, a hidrelétrica de Belo Monte que os ativistas do meio ambiente indígenas eram contra, você cortou os impostos para pessoas mais ricas. Se você acha que a vitória do Bolsonaro foi causada pelos fracassos do neoliberalismo, você acha que o PT também construiu isso?

Lula: Não, não. Ô Glenn, ô Glenn, eu não vou responder essa pergunta agora sem antes responder a quantidade de coisas que você falou do PT e do meu governo.

Glenn Greenwald: Não, quero que você responda.

Lula: É importante ter em conta o seguinte...

Glenn Greenwald: É uma crítica comum, estou perguntando por causa disso.

Lula: No meu governo, no meu governo eu nunca disse que era um governo socialista. Primeiro, quando você ganha uma eleição, você tem que estabelecer qual é a correlação de forças que você vai ter para você poder executar as tuas políticas. É importante lembrar, querido Glenn, que quando eu fui eleito presidente da República num parlamento de 513 deputados, eu tinha 91 deputados. O Collor... o Bolsonaro, tem 50. Ele vai precisar, muito mais do que eu, construir uma correlação de forças favorável para aprovar as coisas que ele quer. Não adianta ficar dizendo “a velha política”, a “velha política” é ele! Ele é um cara que teve 28 anos de mandato. Ele é a velha política, eu sou a nova. Eu só tive quatro anos de mandato como deputado, eu não quis mais ser deputado, ele teve 28 anos. Então vamos parar com essa bobagem de nova política e velha política. Quem quer governar, governa com o que tem!

Eu governo o país que eu tenho, eu não governava a França, nem a Alemanha, nem os Estados Unidos, eu governava o Brasil, e, quando eu cheguei no governo, tinha 54 milhões de pessoas que passavam fome, que não tomavam café de manhã, e eu tinha assumido o compromisso que, no término do meu mandato, cada brasileiro iria estar tomando café, almoçando e jantando. Eu não tive direito à universidade, mas tinha um compromisso de honra de que, pelo fato de eu não ter tido universidade, os trabalhadores tinham o direito. É por isso que eu, mesmo sendo o único presidente que não tenho o curso universitário, e também não troco o meu por alguns que têm, sabe. Sou o presidente da República que mais colocou estudante na universidade, que mais fez universidade federal, que mais

fez escolas técnicas na história do país, que mais fez política de transferência de renda, que mais aumentou o salário mínimo, que mais fez assentamento dos sem terra.

Glenn Greenwald: Como você pode explicar o sofrimento da população que trouxe o Bolsonaro na presidência, depois de 14 anos do PT?

Lula: Por que que eu fiz isso, por que eu fiz tudo isso, sabe, que eu acabei de dizer? Porque eu, eu entendo que se alguém quiser resolver os problemas do Brasil, alguém tem que utilizar a palavra povo, alguém tem que olhar para as pessoas e enxergar um ser humano. As pessoas não podem enxergar um número, as pessoas não podem enxergar uma dívida. Você quer diminuir a dívida pública do Brasil? Faça a economia crescer. Você quer diminuir o déficit da previdência? Gera empregos. Por que em 2014 a previdência era superavitária? Porque nós criamos 20 milhões de empregos com carteira assinada, porque nós legalizamos seis milhões de microempreendedores individuais. Coloca a economia para funcionar. Só fala em corte, corte, corte, corte, corte, corta. Fala em crescimento, desenvolvimento, olha para o povo, não olha para os bancos. Olha, como é que você pode imaginar um país crescer tendo um presidente batendo continência para a bandeira americana?

Glenn Greenwald: Não, mas eu estou perguntando porque foi você que culpou a ideologia de neoliberalismo pelo crescimento do Bolsonaro e outros extremistas. Estou tentando entender a diferença de como você governou, e Dilma governou, e essa ideologia. Quais diferenças vocês estão vendo?

Lula: Ah, Glenn, nós começamos a nossa entrevista, e eu comecei dizendo que o grande problema do PT não foram os erros do PT, o grande problema do PT foram os acertos do PT. Ou seja, na América Latina, toda vez que apareceu um presidente que tentou fazer política social, ele foi derrubado, todas as vezes. A elite brasileira e a elite de outros países não aceitam uma política de desenvolvimento que tem inclusão social. Então, o PT conseguiu fazer – isso não é dito por mim, é dito pela ONU – o PT conseguiu fazer a maior política de inclusão social da história deste país. É importante lembrar que o nosso governo foi o único momento na história em que os mais pobres tiveram um crescimento percentual acima dos mais ricos. Não que os ricos não ganharam, mas que os pobres cresceram percentualmente mais. Foi a única vez e começou a incomodar. Você deve ter ouvido no aeroporto do Galeão, no aeroporto de Congonhas: “Ah, o aeroporto parece uma rodoviária, está cheio de pobre aqui andando, gente que não sabia nem frequentar aeroporto”.

Glenn Greenwald: Então, por que tem tanta raiva neste país que trouxe o Bolsonaro para a presidência?

Lula: Então, mas vamos ver, você é a oportunidade que eu tenho de fazer o povo brasileiro entender o que aconteceu. Veja, vamos pegar o Bolsonaro. O Bolsonaro teve 39% dos votos totais, não dos que votaram, dos votos totais, 39%.

Glenn Greenwald: No primeiro turno?

Lula: Não, não, no segundo turno. Se você fizer a somatória ele teve 57% dos votos válidos, mas teve 39% do total de eleitores.

Glenn Greenwald: Mas ganhou com margem grande.

Lula: É um terço, ou seja, ganhou as eleições. Ganhou as eleições, mas você tem uma maioria de pessoas que não votou nele. Pois bem, por que votaram nele? Votaram nele, eu disse essa frase para você e vou repetir aqui: “Em tempo de terror, muita gente escolhe o monstro para se proteger.” E as pessoas preferiram acreditar em uma mentira chamada Bolsonaro, em um homem que pregava o ódio, em um homem que pregava a violência, em um homem que não gostava de negro, em um homem que não gostava de homossexual, em um homem que não gostava de mulher, em um homem que não gostava de pobre, em um homem que falava que tinha que matar, sabe, e votaram nele! Por quê? Porque do outro lado era o PT e o PT era o demônio.

Quem sabe, veja uma coisa Glenn, eu, quando perguntado, muitas vezes eu dizia que foi Deus que não quis que eu ganhasse as eleições em 1989. Por quê? Eu perdi 89, perdi 94, 98, e nunca fiquei zangado, você nunca me viu nervoso porque perdi. Eu ia para casa me preparar para outra. Então, o ódio começou com a vitória da Dilma em 2014... Não, começou com as manifestações de 2013 e foi consolidado com a derrota do Aécio, que começou a pregar a queda da Dilma, o ódio, o ódio, o ódio...

Glenn Greenwald: E eles não conseguiram aceitar essa perda. Mas quero perguntar uma coisa que é bem importante, que você disse agora, que o PT é o demônio, ódio contra o PT, porque tem uma crítica que estou ouvindo frequentemente sobre a sua estratégia durante a eleição de 2018. Especificamente, que você fez todo o possível para enfraquecer a candidatura presidencial do Ciro Gomes, de centro-esquerda, que muitos acreditavam que tinha uma chance muito maior de ganhar do Bolsonaro, do que o candidato que você escolheu do seu partido, Fernando Haddad.

Por causa da raiva e do ódio que existem no Brasil em relação ao PT, porque Haddad era desconhecido fora de São Paulo, e no primeiro turno, para a audiência internacional, Haddad fica no segundo lugar, e no segundo turno Bolsonaro derrotou seu candidato do PT por uma grande margem. E essas críticas falam que você preferia perder para o Bolsonaro, mas manter o controle da esquerda com o PT, do que ter uma melhor chance de derrotar o Bolsonaro, se isso significasse deixar um outro partido, do Ciro, representar a esquerda. Essa crítica não é válida?

Lula: Você acredita nisso?

Glenn Greenwald: Eu estou perguntando se você acha.

Lula: Eu estou perguntando se você acredita, sabe por quê?

Glenn Greenwald: Eu vou falar o que eu sei. Eu sei que seu candidato, que você transferiu muitos votos para deixar ele chegar no segundo turno, perdeu por uma grande margem para Bolsonaro, e eu estou perguntando se isso foi a estratégia certa.

Lula: Eu vou tentar falar, veja, a minha estratégia, a primeira estratégia minha, o que você está falando, eu vivi em 1989. Em 1989, o Brizola, de quem eu tenho muita boa recordação, achava que ia ser presidente. O Brizola voltou do exílio presidente da República e, quando teve as eleições, fui eu que fui para o segundo turno. Você sabe que o Brizola chegou a pedir para que eu e ele desistíssemos para apoiar o Mário Covas? Eu falei: “Brizola, mas se o povo quisesse votar no Mario Covas, teria votado, por que que não votou? Como é que eu vou ficar agora com os eleitores que votaram em mim? Eu vou desistir para apoiar o Mário Covas, que perdeu?” Olha, se o povo queria votar no Ciro no segundo turno, por que que não votaram no primeiro?

Glenn Greenwald: Porque você transferiu seu apoio para o Haddad e não para Ciro, e porque seu partido impediu ele também de ser parceiro do PSB, abriu mão da possibilidade do partido de ser governador de Pernambuco por causa desse candidato muito popular do PT, você sabe, todas essas críticas.

Lula: Gente, vejam, o Ciro reclama porque o PT fez articulação política para trazer o PCdoB e PSB. O que ele queria que o PT fizesse? Que o PT não fizesse nada? Ele queria que o PT não conversasse com o PSB, porque...

Glenn Greenwald: Mas foi você que disse que o PT era demoníaco, que era muito atacado...

Lula: Ora, mas veja, deixa eu te falar uma coisa, o Ciro tem que aprender uma coisa, isso em política é importante, se você for entrar na política um dia, aprenda isso: se você quiser que alguém goste de você, você precisa aprender a gostar da pessoa. Se você quiser que alguém te respeite, você precisa respeitar as pessoas. Olha, se o Ciro queria de verdade o apoio do PT, ele poderia ter conversado com o PT. Eu vou lhe contar uma história que você não sabe e que ninguém nunca contou para ninguém, porque o Ciro nunca contou. Uma vez o Mangabeira Unger vai no escritório e fala assim para mim: “Olha, nós fizemos uma reunião com o Haddad e o Ciro, e nós conversamos do Haddad ser vice do Ciro.” E eu falei para o Mangabeira: “Você não acha que antes você deveria ter conversado com o PT?” Ora, eu perdi quatro vezes até chegar lá, o Ciro já perdeu três, quem sabe ele perde mais uma. Se o Ciro quiser aliados ele tem que saber conversar, ele tem que saber convencer as pessoas, ele tem que assumir compromissos programáticos.

Glenn Greenwald: Tudo bem, com certeza Ciro vai ouvir isso e...

Lula: E eu acho, veja, o Ciro sabe da relação que eu tenho com ele. Eu sempre tive uma relação de muito respeito com o Ciro e sou agradecido ao Ciro de ter participado do meu governo, e vou lhe dizer mais, eu era contra o Ciro ser candidato a deputado, eu convidei ele para ser presidente do BNDES.

Glenn Greenwald: Mas é exatamente por causa disso que ele sentiu que tinha uma chance muito maior do que o candidato que você botou no segundo lugar no segundo turno. Mas tudo bem, eu quero usar essa oportunidade para discutir um pouco o desafio da esquerda internacional. É muito importante, porque você é uma das únicas grande lideranças da esquerda, dos últimos 20 anos, que conseguiu vencer eleições nacionais de um grande país, alcançando os mais pobres e marginalizados. Eu acho que por isso é bem importante ouvir o que você pensa sobre os problemas que a esquerda internacional está enfrentando, porque na maioria dos países do mundo democrático, inclusive aqui do Brasil, a esquerda está com grande dificuldade em atrair o apoio desses grupos, enquanto cresce o apoio das classes mais ricas, com pessoas com mais educação formal, universitários. Eu quero saber, o que falta para a esquerda mundial e brasileira fazer, que você foi capaz de fazer, para se reconectar com o povo?

Lula: Olha, eu em 2008, na crise econômica, eu descobri que o mundo estava sem liderança. Eu participei de muitas reuniões com os 20 principais presidentes dos países do mundo, e eu notava que as pessoas estavam sem saber o que fazer. E a minha preocupação, por exemplo, com a União Europeia, era que a União Europeia tinha ficado muito burocrática, ou seja, não eram os políticos que falavam, era a burocracia que falava, era a comissão disso, a comissão, tudo tinha uma comissão para resolver, e o político não decide. Eu achava isso muito ruim, sabe.

E nos Estados Unidos, o Obama também não tinha instrumento. Eu lembro que eu liguei para o Obama, na crise da indústria automobilística, para falar para o Obama o que eu ia fazer com o BNDES, com o Banco do Brasil, com a Caixa Econômica, que foram três bancos públicos que nos permitiram alavancar o crescimento econômico do Brasil e não permitir que a crise nos sufocasse. O Obama até lamentou, que aqui nos Estados Unidos não é possível pensar em ter um banco, mas era possível criar um banco de desenvolvimento. Bem, o que que eu acho que a esquerda tem que fazer: eu acho que primeiro a esquerda precisa, sabe, tem esquerda que tem 100 anos de experiência, 150 anos de experiência, 80 anos, o PT tem 40 anos de experiência, e eu acho que a experiência do PT é muito exitosa.

Alguns dizem que o PT se distanciou do povo. Olha, o PT precisa se eu diria, voltar, não a suas origens, porque você não governa para um partido, você governa para a sociedade. Quando você ganhar as eleições você tem que governar para todo mundo, você pode escolher preferencialmente quem é que você vai atender mais, ou menos, mas você tem que governar para todo mundo, você tem que respeitar todo mundo, tem que gostar de todo mundo, tem que atender todo mundo, foi assim que eu fiz. Eu duvido, Glenn, que você encontre em um país, na época do meu governo, um prefeito, ou um governador, ou um deputado de um partido adversário que tenha falado mal do meu governo, porque todos foram tratados com decência.

Glenn Greenwald: E eu concordo, você saiu com 86% de aprovação, e uma das partes mais importantes, na minha opinião, do seu apelo político, foi a sua infância e a formação, que você vem da pobreza, que você não aprendeu a ler até os dez anos, era trabalhador aos 16 assim como milhões de brasileiros. E eu quero saber se você acha que é importante que o partido da esquerda seja mais representado por pessoas que não aprenderam sobre pobreza na faculdade como teoria, mas que cresceram na pobreza e, portanto, entendem sua experiência na pele e podem falar com credibilidade com o povo sobre pobreza. E você acha que a esquerda brasileira, a esquerda internacional, tem isso agora, como você conseguiu fazer?

Lula: Olha, eu acho que a esquerda tem muita gente bem estudada, bem intelectualizada que pode fazer isso. O que nós precisamos é...

Glenn Greenwald: Mas é a mesma coisa ter experiência?

Lula: O que nós precisamos é criar compromissos. Não é possível você governar em um país... Você está lembrado qual foi a atitude que eu tomei quando eu ganhei as eleições? Você está lembrado que eu coloquei todo ministério em um avião e levei todos os ministros para os quatro lugares mais pobres do Brasil? O que eu queria com aquilo? Eu queria que um Meirelles, que era banqueiro, eu queria que um Palocci, que era médico, eu queria que um Furlan, que era empresário, conhecesse uma palafita, que vissem o homem e a mulher [que] no mesmo lugar que eles defecavam eles comiam, eu queria que eles vissem a quantidade de meninas com dois ou três filhos com pai desaparecido, eu queria que eles vissem o vale do Jequitinhonha, queria que eles conhecessem o mundo tal como ele é, não o mundo de Brasília. Então a esquerda tem que assumir compromisso.

Você não vai conseguir governar se você não definir para quem você quer priorizar, para quem eu vou governar. Eu gosto de todo mundo, eu gosto do Glenn, eu gosto do Lula, eu gosto..., mas eu tenho que escolher. O Glenn come todos os dias? O Glenn está estudando? O Glenn tem carro? O Glenn... Sabe, então ele não é minha prioridade, a minha prioridade são as pessoas mais pobres, que não têm e que precisam ter o mesmo que ele tem.

Glenn Greenwald: Mas para fazer isso, você acha que é importante ter candidatos que vem desses bairros que tem pobreza e não parecem muito acadêmicos?

Lula: Não, nós temos que preparar. Eu sou de preferência que a gente consiga candidatos que tenham na sua origem as lutas populares correndo no seu sangue, na sua veia, mas obviamente que tem muita gente boa sabe, que não é de origem pobre, mas que assumiu o compromisso com o pobre.

Glenn Greenwald: Mas também precisa de candidatos, você acha que é isso que está faltando aqui no Brasil?

Lula: É lógico. Por isso eu, o partido... Eu acho que está faltando organizar mais gente para participar, mais mulheres, mais negros, mais índios.

Glenn Greenwald: Tenho cinco minutos e preciso te perguntar...

Lula: Eu vim te avisar se você não vai me perguntar da Venezuela (risos).

Glenn Greenwald: Tá bom, mas preciso perguntar sobre isso, todo mundo vai me matar, porque é uma das grandes preocupações internacionais sobre a situação aqui no Brasil. A Amazônia, devido à importância que isso representa para a capacidade do ser humano de proteger o planeta, de desastres climáticos catastróficos... você acredita que a Amazônia está em perigo por causa do governo Bolsonaro?

Lula: Acho. Veja, porque eles não têm limite. Como eles só sabem destruir, para ele a biodiversidade e o ecossistema dos biomas brasileiros valem muito pouco. O que eles querem é destruir, sabe, e eu me preocupo, porque a sustentabilidade e a defesa da Amazônia estão dentro de uma política de soberania nacional. O Brasil tem quase 16 mil quilômetros de fronteira seca com 10 países, o Brasil tem quase 8 mil quilômetros de fronteira marítima, o pré-sal fica a 200 milhas de distância das nossas praias e, portanto, está quase em águas estrangeiras e nós precisamos proteger, o Brasil tem 12% da água doce do mundo. O Brasil precisa, então, colocar as nossas fronteiras, o nosso povo, a nossa floresta, a nossa fauna, a nossa biodiversidade como se fosse um patrimônio da humanidade, mas subordinado à administração e aos interesses do Brasil. E colocar a questão da ciência e da tecnologia, a indústria de fármacos, que pode ter na Amazônia uma fonte extraordinária de produção de soluções para doenças no mundo. Então o Brasil precisa tomar cuidado. Eu tenho orgulho, porque eu participei da COP15 em Copenhague, quando nós assumimos compromisso, depois da Dilma assumir o compromisso em Paris. Ou seja, eu...

Glenn Greenwald: Mas você foi criticado também pela Marina Silva, cuja a causa era o meio ambiente de seu governo, um protesto. E agora todos nós somos mais conscientes do perigo que o nosso planeta enfrenta, então, tem coisas que você teria feito diferente sabendo disso?

Lula: Ah, Glenn, você sabe o que eu descobri? Alguns valores da minha mãe quando ela morreu. Eu não sabia que eu gostava tanto dela. O fato de a Marina ter feito uma crítica, a Marina foi ministra do Meio Ambiente. Ela foi ministra durante cinco anos. Sabe, ela não pode reclamar, ela foi ministra! Não era eu quem induzia ela, era ela que me induzia a colocar em prática as políticas ambientalistas, ou seja, obviamente que nós não fizemos tudo, mas eu duvido que alguém tenha feito o tanto que nós fizemos.

Glenn Greenwald: Está bom, com a permissão da entrevista, que eu tenho um pouco mais de um minuto, e tenho mais uma pergunta...

Lula: Tem que dar uma colher de chá, você não vai perguntar da Venezuela, poxa?

Glenn Greenwald: Não, você já discutiu isso com o Kennedy [Alencar]. Hoje eu quero, na realidade, perguntar sobre o juiz Moro, porque ele é o juiz que te condenou e que te botou nesta prisão onde estamos, que te *inelegou* para concorrer como presidente e que depois de tudo isso foi escolhido pelo Bolsonaro para ser Ministro da Justiça, uma escolha que muitos consideram suspeita, se não corrupta, ainda que a sentença de condenação tenha sido confirmada em um tribunal superior. Esta semana tivemos uma nova revelação, que Bolsonaro disse que prometeu a Moro a primeira vaga no STF. Como você vê essa nova revelação em relação ao papel de Moro em seu processo criminal e o fato de que você está aqui na prisão?

Lula: Tem mais uma revelação de ontem, que você não deve saber: a ministra que me condenou no segundo processo, ela disse em um debate ontem à noite, em Curitiba, que ela copiou a sentença da minha condenação, da minha sentença do Moro. Ou seja, deixa eu dizer uma coisa para você, olhando para você com muita seriedade e responsabilidade: o Moro é mentiroso, o Moro é um subproduto da Rede Globo de Televisão e dos meios de comunicação. Ele, como ninguém, planejou com o Estadão, ele visitou todos os meios de comunicação antes de começar a Operação Lava Jato e ele tinha dito em um artigo que ele escreveu que o sucesso de qualquer operação dependia da imprensa^{xi}.

Um juiz que depende da imprensa para condenar não é juiz. Um juiz para condenar, ele tem que condenar em função dos autos do processo, em função das provas, contra ou a favor do que ele tenha. Então, eu vou dizer aqui para você em bom som: ele é mentiroso, o delegado que fez o inquérito meu do apartamento é mentiroso, o TRF4 mentiu ao meu respeito. Não pensa que estou dizendo isso com prazer, porque eu sei quais são as consequências para mim. E para mim tudo que eu desejo é que o Moro faça um discurso todo dia. Quanto mais ele falar, mais ele vai se comprometer. Ele não nasceu para fazer algo além de ler o código penal. Então, eu, você sabe que eu tenho um compromisso de vida e é de provar que essa gente mentiu a meu respeito.

Eu estou aqui há um ano e dois meses. Sabe, estou muito... todo dia eu faço exercício para me controlar, para não ficar com raiva e estou vendo o Brasil sendo destruído, estou vendo a soberania nacional, estou vendo os militares se entregarem, sabe, às críticas estapafúrdias, é um negócio assim que eu não consigo imaginar aonde nós chegamos. Esse país em 2008 tinha um compromisso de ser a quinta economia do mundo. Esse país virou coqueluche no mundo. Esse país é o país responsável de fortalecer o Mercosul, criar a Unasul, criar a Selac, criar os BRICS, criar o Ibas, fazer reunião entre o mundo árabe e a América do Sul, fazer reunião entre o mundo árabe, entre África do Sul e América Latina, entre país africano e América Latina...

Glenn Greenwald: Nosso tempo está acabando, então pode...

Lula: Deixa eu lhe falar uma coisa, querido, esse país está jogando fora tudo que foi construído, e agora está jogando fora um sonho com esse corte nas universidades. Não é possível que esses ignorantes que buscam o diploma universitário não saibam que não tem nenhum investimento mais promissor para o futuro de um país do que escola, do que educação. E foi isso que nós fizemos, e é

isso que eles estão destruindo. Então o povo só tem um jeito, e é reagir. Ele não foi eleito para destruir o Brasil, ele não foi eleito, e aliás ele não participou de nenhum debate, ele não tem programa, ele não tem nada.

Glenn Greenwald: Precisamos concluir. Eu quero te agradecer...

Lula: (responde enquanto o policial se aproxima dele para levá-lo) Você não vai ser preso não, eu é que posso ficar mais um tempo aqui. Você vai ser solto. Eu quero que você saiba o seguinte, eu vou fechar uma pergunta que você não fez e eu vou dizer. Acho que não é correto, não é correto, o tratamento que estão dando para a Venezuela. A Venezuela tem que ter soberania, tem que ter autodeterminação, e a Venezuela é um problema do povo da Venezuela e não um problema dos Estados Unidos. Trump que cuide dos Estados Unidos e deixe de se meter onde não é chamado.

Glenn Greenwald: Presidente, muito obrigado pela entrevista de novo, mais uma vez.

Lula: Muito obrigado você.

ANEXO F - Entrevista de Lula a Joaquim Carvalho, do DCM, e Eleonora de Lucena, da Tutaméia, em 6 de junho de 2019⁹³

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva concedeu nova entrevista na manhã desta quarta-feira (5), em seu cárcere, em Curitiba (assista a íntegra ao fim desta matéria)⁹⁴. Depois de obter autorização judicial no Supremo Tribunal Federal (STF), os entrevistadores da vez foram Joaquim de Carvalho, do *Diário do Centro do Mundo*, e Eleonora de Lucena, do site *Tutaméia*.

Lula afirma que, para evitar frustração, não nutre expectativa em deixar a prisão para o regime semiaberto, conforme manifestação favorável do Ministério Público Federal junto ao Superior Tribunal de Justiça. Prefere aguardar o trabalho de sua defesa, para quem Lula já teria o direito de responder aos processos dos quais é vítima, em liberdade.

Ao avaliar a “desgraceira” do governo Bolsonaro, Lula pondera que isso não justifica um processo de impeachment por parte dos que perderam a eleição – apesar de classificar o processo como “viciado”. Segundo o ex-presidente, o PT não pode fazer com Bolsonaro o que Aécio fez com Dilma – referindo-se ao fato de o derrotado tentar inviabilizar o governo eleito e construir um processo de impedimento sem respeitar o requisito constitucional para isso: a comprovação de um crime de responsabilidade.

Resumo disponível no site do Diário do Centro do Mundo, por Joaquim Carvalho:

Depois de cumprimentar a todos, Lula se ajeita na cadeira, coloca uma pasta sobre a mesa e diz: “Vocês perguntem o que vocês quiserem”.

Com paletó preto e blusa branca de gola rolê, Lula fala do frio em Curitiba. Brincaria mais tarde que estava elegante. Antes de começar, Lula coloca uma pastilha na boca, gesto que se repetiria ao longo das duas horas e cinco minutos de entrevista — ele teve câncer na garganta.

Uma das primeiras perguntas foi sobre o impeachment de Bolsonaro. Ele é contra, embora considere o governo dele um desastre.

“O governo é essa desgraceira que é, mas não adianta a gente ficar se lamentando. A gente tem que brigar, brigar no Congresso Nacional, brigar no movimento sindical, brigar nas universidades. O que estão fazendo nas universidades é simplesmente jogar fora tudo que nós construímos, tudo. E foi muita coisa que nós construímos”, afirmou.

Insisto: Não seria o caso de impeachment?

⁹³ CARVALHO, Joaquim. Em entrevista, Lula diz que PT não pode fazer com Bolsonaro o que Aécio fez com Dilma. **Brasil de Fato**, 06 jun. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/05/em-entrevista-lula-diz-que-pt-nao-pode-fazer-com-bolsonaro-o-que-aecio-fez-com-dilma>. Acesso em: 03 ago. 2021.

⁹⁴ ESPECIAL - A íntegra da entrevista de Lula ao DCM e à Tutaméia. Joaquim Carvalho e Eleonora de Lucena. **DCM TV**, 06 jun. 2019. 1 vídeo (124 min). [Transcrição resumida]. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/assista-a-entrevista-na-integra-de-lula-ao-dcm-e-ao-tutameia/>. Acesso em: 20 jul. 2021. Resumo transcrito disponível no site Rede Brasil Atual.

Lula diz que o PT não pode fazer com Bolsonaro o que Aécio fez com Dilma Rousseff. Se houver crime de responsabilidade, que se investigue e depois disso, aí sim, se proponha o impeachment.

O ex-presidente lembrou que Bolsonaro foi eleito pelas regras do jogo que o PT aceitou.

Mas o processo foi viciado, já que ele não pôde participar.

Ao responder, Lula compara a situação à de um jogo de futebol. Se um time entra em campo, quando termina a partida e o adversário vence, o resultado não pode ser contestado.

Lula afirmou que o PT deve transformar o programa apresentado por Fernando Haddad na campanha eleitoral em projetos de lei, para indicar caminho para a retomada do crescimento. Também defendeu o fortalecimento das campanhas de rua e o apoio à greve geral marcada para dia 14.

Perguntei a Lula: O senhor acha que agora, com esta manifestação do Ministério Público^{xii}, o senhor vai sair daqui?

Explica-se: Em manifestação ao Superior Tribunal de Justiça, a Procuradoria Geral da República se disse favorável à progressão de regime para Lula, o que significa que ele poderia ir para o semiaberto, em que trabalharia de dia, e passaria a noite em estabelecimento penal próprio. No caso dele, por ter sido comandante supremo das Forças Armadas, não existiria esse estabelecimento adequado para o regime semi-aberto, e Lula poderia cumprir pena em casa.

O ex-presidente respondeu: “Eu não sei (se vou sair). Deixa eu contar uma coisa para vocês. Eu não gosto de alimentar expectativa. Não tem nada pior para um preso do que expectativa frustrada. Quando você está livre, você marca o encontro com uma namorada ou namorado, e ele não comparece, você fica fulo da vida, vai num bar, toma uma cachaça ou um uísque e você fica normal. Mas, quando você está preso e tem uma expectativa e ela não acontece...”

Lula, de qualquer forma, não aceitaria usar tornozeleira eletrônica. De maneira incisiva, disse: “tornozeleira é para bandido ou pombo correio”.

Se não alimenta expectativa de deixar a prisão, já sabe o que fazer quando isso ocorrer: vai se casar. A namorada é Rosângela Silva, a Janja, por quem ele usa aliança de compromisso na mão direita. Lula também falou que não quer que ninguém sofra por estar com ele, e lembrou o sofrimento dos filhos, alvo de campanha de difamação na rede social.

Lula ainda falou dos estudantes, dos artistas, dos movimentos sociais, do Brasil, da imprensa e de seu maior compromisso, o compromisso com o povo brasileiro.

“A pessoa que eu escolhi tem que saber que eu não troco esse compromisso que eu tenho com o povo por nada, sobretudo esse povo que está aí ([Vigília](#)) há um ano e dois meses, todo santo dia, com frio ou com calor. Sinceramente, eu não mereço isso.”

Antes do término da entrevista, falou sobre o pacto entre os poderes da república, costurado por Bolsonaro. Sem citar nome, criticou o presidente do STF, Dias Toffoli.

“Quando você faz uma reunião e aparece o presidente da Suprema Corte e a informação que a gente recebe é pacto é por conta das reformas, não é crível, não é crível, como falariam alguns amigos

porque, se alguém da sociedade brasileira quiser entrar com um recurso contra a reforma, vai entrar na Suprema Corte. E como é que pode? Um cara que é presidente vai se sentir impedido ou não? Ele vai poder votar ou não? Então, as pessoas precisam se preservar.”

A entrevista foi realizada depois de quase um ano de luta nos tribunais travada pela advogada Tânia Mandarino, em nome do *DCM*. A certa altura, Lula falou da importância a mídia independente. “É a minha fonte de informação”.

ANEXO G - Entrevista de Lula aos jornalistas Juca Kfourri e José Trajano da TVT, em 13 de junho de 2019⁹⁵

Juca Kfourri: Olá, o que você vai ver agora e pelas próximas duas horas é um programa especial da TVT, a primeira entrevista do presidente Luiz Inácio Lula da Silva desde que o site The Intercept revelou conversas, digamos assim, nada republicanas entre o ex-juiz e hoje Ministro da Justiça Sérgio Moro o procurador Dallagnol e outros procuradores que redundou na no julgamento na sentença e na prisão do ex-presidente Lula. Está comigo o companheiro José Trajano para esta nossa conversa com o presidente Lula. Você nota que nós não estamos nem no bar do sindicato dos bancários em São Paulo, nem no papo com Zé, na sala da casa dele. Estamos na sede da polícia federal de onde grande parte do país espera, o ex-presidente Lula possa sair em breve quando se fizer justiça no país. Presidente Lula primeiro muitíssimo obrigado por nos receber.

Em segundo lugar eu gostaria de saber do senhor o seguinte: durante os últimos tempos o senhor tem dito que viveria pra ver Moro e Dallagnol desmascarados, pegos na mentira, e isso acabou acontecendo mais rapidamente do que se imaginava?

Lula: Juca, primeiro eu sou um cristão fervoroso e eu sempre disse que Deus é tão justo que ele consegue escrever por linhas tortas. Se a gente tivesse sido levado a sério pelos meios de comunicação no Brasil quando nós fizemos todas as denúncias que o The Intercept está fazendo agora durante o processo, não seria surpresa o que aconteceu. O que aconteceu foi dito por mim várias vezes, foi dito pelo Cristiano [Cristiano Zanin, advogado de defesa de Lula nos processos da Lava Jato] foi dito por todo mundo que me defende, ou seja, eu aproveito para dizer pra você que eu estou ficando feliz com o fato de que o país finalmente vai conhecer a verdade, finalmente vai conhecer a verdade eu, o tempo inteiro disse que o Moro é mentiroso, mentiroso, eu disse no primeiro depoimento que eu fiz isso está gravado de que ele estava condenado a me condenar porque a mentira tinha ido muito longe, o Dallagnol é tão mentiroso que depois de ficar uma hora e meia na televisão apontando um power-point ele consegue dizer para a sociedade “não me peçam provas eu só tenho convicção”. Ele deveria ter sido preso ali, ele deveria ter sido preso por enganar milhões de brasileiros, mas como houve uma mentira no inquérito, feita pelo delegado ou uma mentira pela acusação feita pelo Dallagnol, e uma mentira pelo Moro no julgamento e referendada pelo TRF-4, que nem leram o processo e julgaram porque o objetivo era evitar que o Lula participasse do processo eleitoral de 2018. Agora veio à tona e o que está acontecendo de mais grave?

O que está acontecendo, que eu estou vendo neste instante a Globo tentando salvar o Dallagnol, tentando salvar o Moro, tentando mostrar que olha não pode vazar coisas que não se sabe de onde é porque isto aí foi um hacker, ora porque eles não tiveram essa seriedade quando vazaram a

⁹⁵ ENTREVISTA do Lula na TVT – 13.06.2019. Juca Kfourri e José Trajano. **TVT**, 13 jun. 2019. 1 vídeo (120 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=da0VMPvf3cI>. Acesso em: 20 jul. 2021.

conversa da Dilma comigo, quando vazaram a conversa do meu filho com sua mãe, porque eles não tiveram esse pudor? Por que não tiveram o pudor de colocar a gente na televisão no momento em que acusava a gente? E nós estamos vivendo nesse instante, Juca, uma coisa extraordinária que é o seguinte: eu acho que a máscara vai cair o que vai acontecer não sei, só quero te dizer que nesse instante eu estou mais tranquilo do que o Moro, estou mais tranquilo do que o Dallagnol, estou mais tranquilo de que qualquer juiz neste país, porque a minha tranquilidade é a tranquilidade daquele que sabe que é honesto que sabe que Deus sabe que sou honesto. Eu sei que eu sou, e o Moro sabe que eu sou honesto, o Dallagnol sabe que eu sou honesto e ele sabe que não estou mentindo. Essa é a minha tranquilidade o que eu espero que se faça justiça neste país e que a Globo, que a Globo é, na verdade, a grande mentora dessa panaceia toda. Ninguém é contra a corrupção ninguém é contra combater a corrupção. Tenho certeza que você não é, tenho certeza que o Trajano não é, que todos os 210 milhões de brasileiros são favoráveis a combater, até os que roubaram são favoráveis. Perguntasse para o Sérgio Cabral uma semana antes se ele era favorável a combater a corrupção, se o Cunha uma semana antes ele era favorável a combater a corrupção, eles iam dizer que eram, mas não sabiam que ia arrebentar neles. Então eu estou aqui, Juca, para agradecer a entrevista porque é a oportunidade que eu tenho.

A polícia federal invadiu a minha casa, a polícia federal invadiu a casa dos meus filhos, a polícia federal invadiu o instituto (Instituto Lula) a polícia federal não encontrou absolutamente nada e não teve coragem de dizer na televisão que não tinha encontrado nada. Quando encontrava uma barra de ouro na casa do Nuzman [Carlos Arthur Nuzman, foi presidente do Comitê Olímpico Brasileiro] ela fazia um carnaval; quando encontrava na casa de Sérgio Cabral fazia um carnaval. Na minha casa não tiveram a coragem, a sensatez, sabe, de dizer olha não encontramos nada, não encontramos nada na casa do Lula, não encontramos nada na casa da babá do filho dele, não encontrou embaixo do colchão da dona Marisa sabe, “desculpa Presidente Lula”, por que não fizeram isso? Não fizeram porque embora eu seja o brasileiro que mais respeita as instituições, eu duvido que a polícia federal tem um presidente que cuidou mais dela do que eu. Duvido. Sem pedir um favor, duvido. Duvido que o Ministério Público tenha um presidente que respeitou mais a instituição do que eu. Duvido. Agora essas instituições que são poderosas não podem ser manipuladas por moleques e irresponsáveis, denunciar pessoas honestas. Eles só falam é porque arrecadamos por ano 3 bilhões de dólares: é cada 3 bilhões! A pergunta que se faz é a seguinte: quantos bilhões, quantos empregos e quantas empresas quebraram pela brincadeira de vocês? Não era possível apurar a corrupção sem quebrar a empresa? Era. Prende o dono da empresa e deixa a empresa funcionando, como a Samsung continua funcionando, como a Volkswagen continua funcionando na Alemanha. Por que quebrar as empresas? porque desmoralizar a Petrobrás? Quebrar a Petrobrás? Hoje, Juca, eu quero aproveitar você para poder dizer: o Dallagnol, o Moro e a Lava Jato estão hoje muito mais a serviço dos interesses norte-americanos do que a serviço dos interesses de combate à corrupção. Estou afirmando, espero que o Moro esteja ouvindo, aliás eu espero que a Globo poderia fazer um debate entre o Moro e o

Dallagnol, eu sozinho contra os dois. Os dois fizeram o curso em Harvard sabe? São bem preparados, os dois têm muitas informações, poderiam fazer um debate comigo em qualquer horário que eles quisessem com a gente, para ver quem está mentindo neste país. O Brasil hoje é vítima de uma grande mentira e estou dizendo isto sem negar as coisas importantes de combate à corrupção. É muito importante que o empresário que roubou esteja na cadeia, é muito importante que o político que roubou vá para a cadeia, é muito importante que a delação seja feita espontaneamente e não manter a pessoa presa 3, 4 anos pedindo para as pessoas citarem meu nome, como pedirem para muita gente citar meu nome que a gente quer aprender a primeira coisa que ele falava “e o Lula?” “e o Lula?” “e o Lula? Eu passei quantos anos ouvindo falar: o dia que prenderem Emílio Odebrecht “o Lula tá ferrado” o dia que prender o Marcelo “o Lula tá ferrado”. O dia que prender o Léo “está ferrado”, o dia que prender “tá ferrado”. Pode prender até o Moro, pode prender até os parentes dele, eu duvido que neste país tenha um empresário e um político que tem a coragem de dizer que um dia eu pedi cinco reais para nós.

Juca Kfourri: Mas o Lula não está ferrado?

Lula: Eu não estou ferrado não. Sinceramente, olha eu estou acabrunhado, eu gostaria de estar em liberdade. Gostaria de estar vendo meu Corinthians jogar. Gostaria de estar vendo a minha família, sabe? Eu já falei pra todo mundo que quando eu sair daqui eu vou casar.

Juca Kfourri: Aliás, o senhor se arrepende de ter dito para o ex-ministro Bresser Pereira da sua namorada? Parece que ela foi prejudicada.

Lula: quando dizem, não me arrependo, não me arrependo veja, deixa eu falar uma coisa para você: não me arrependo, eu tenho uma frase que é a seguinte: o amor sempre vencerá, demora mas vencerá. Então, é como disse o Batochio [José Roberto Batochio, adv. de Lula] ontem sabe, é como disse Batochio “a verdade, ela pode ficar doente mas ela não morre” e eu estou, a verdade eu posso dizer para vocês uma coisa eu gostaria de ter liberdade, gostaria de estar na rua, gostaria de estar encontrando com vocês, mas eu estou aqui, consciente de que tem milhões de milhões e milhões de brasileiros pior do que eu em liberdade. Ontem eu vi na televisão, na porta do mercado o povo invadindo um caminhão que cata lixo para pegar comida para comer. Nós tínhamos acabado com a fome neste país. Essas pessoas não se dão conta que o falso moralismo dele levou o país à bancarrota. E digo que levou o país à bancarrota porque a Globo tem culpa nisso. A Globo transformou o debate à corrupção numa grade dela em que o Lula é citado durante quatro anos mais de cem vezes, mais de cem horas no Jornal Nacional.

José Trajano: O próprio Glenn, numa entrevista ontem, coloca a Globo como parceira da Lava Jato.

Lula: Veja quando o Moro começou esse processo visitou a Folha, visitou o Estadão, Veja, Época, Isto É, a Globo e todos os canais de televisão. Ele diz no artigo dele Mani Pulite que também é

possível dar certo se a imprensa ajudar. Ora é muito importante que a imprensa ajude, o que a imprensa não pode é condenar uma pessoa antes do julgamento, o que não pode é um juiz e votar pela manchete do jornal. O juiz tem que votar pelos autos do processo.

José Trajano: mas o presidente, as matérias do Glenn no The Intercept revelaram uma série de diálogos que mostram um conluio do Sérgio Moro com o grupo do Dallagnol e outros procuradores pode-se listar aqui várias vários assuntos diferentes até existem alguns aqui a sua condenação rápida em segunda instância, a proibição da entrevista à Mônica Bérghamo sob o guarda chuva não pode eleger o Haddad.

Lula: Mas tudo isso Trajano, tudo isso a bala já saiu do cano a bala já está em direção a mim, mas o que é duro é inventar o processo, o tal do apartamento da cota da Bancoop está na minha declaração de imposto de renda desde 1975, melhorei em 2005 mas segurança que demonstrá-lo então veja, então eles inventaram toda uma história, porque o objetivo da lava jato, eu era a Copa Jules Rimet, precisaria me conquistar para ganhar, nem que fizessem como a do Brasil, roubaram depois e ninguém sabe para onde foi. Mas era preciso era preciso chegar ao Lula, senão, não tinha valido a pena o golpe para retirar a Dilma e deixar Lula voltar em 2018. Então eles montaram a estrutura de me trazer para cá. No apartamento não dava para me trazer para cá, então eles inventaram a seguinte fantasia: tinha uma empresa off-shore do Panamá^{xiii} que tinha comprado coisas da Petrobrás e que eu estava envolvido e tal, quando prenderam a moça do off-shore, descobriram que o off-shore era dono do apartamento dos Marinho em Paraty e descobriram que a empresa era dona do helicóptero da Globo. O que que fizeram? Soltaram a moça mas não me tiraram do processo. Quando nós entramos com agravo depois da sentença mentirosa do Moro, o que Moro disse: nunca disse que o presidente está envolvido e nem que a Petrobrás está envolvida, e nunca disse que o apartamento duplex era dele. Então por que que eu estou preso? Por fatos indeterminados. Que fato é este? não sabe. Então o que eles pensaram? Já que tá tu, vai tu mesmo.

Juca Kfourri: Presidente, deixa eu fazer uma pergunta: o senhor há de se lembrar quando fizemos este livro *A verdade vencerá*, da editora Boitempo^{xiv}, aproveito para dizer que está praticamente esgotado e vai sair uma nova edição. Há um momento em que só se refere ao fato de que no Instituto Lula o senhor foi visitado por inúmeros grandes empresários brasileiros.

Lula: Todos.

Juca Kfourri: O senhor poderia nominá-los, dizer, por exemplo, até onde é possível imaginar, algum dos Marinho o visitou?

Lula: Muitos, eu tive com os Marinho em várias conversas. Eu estive com João Roberto Marinho na casa do Palloci, logo depois da manifestação de 2013. Eu queria saber o qual era o papel da Globo de suspender a sua novela para transmitir aquela programação. João Roberto Marinho com a maior cara

de pau me disse: “porque tinha um clima insustentável dentro da Globo e então nós achamos que era melhor suspender, porque tinha uns artistas que queriam participar” sabe? Olha eles não suspenderam a grade da Globo nem para o enterro do Roberto Marinho.

Juca Kfourri: Mas ele não ficava entre aqueles que lhe pediram pra ser candidato à presidência?

Lula: Deixa eu falar uma coisa com vocês, chegou o momento e isso não é bom falar por mim porque se não dá impressão que eu estou sendo arrogante, mas chegou o momento chegou um momento em que era unanimidade o Lula ser candidato a presidente em 2014, a unanimidade não tinha um empresário de qualquer setor seja do agronegócio seja do etanol, seja do açúcar seja da indústria automobilística, seja da construção civil seja da indústria de máquinas não tinha um. Seja banqueiro: Roberto Setúbal esteve comigo, o Trabuco esteve comigo, o Santander esteve comigo. Para todos eles a salvação da lavoura era o Lula voltar a ser presidente. A partir de junho de 2014 eu disse que eu não ia ser candidato a presidente, sabe eu não ia porque primeiro não tinha havido nenhuma demonstração da Dilma querer discutir o assunto, se ela não queria discutir o assunto é porque ela queria ser candidata a presidente é que era um direito dela. Então morreu o assunto. O PT queria que eu fosse, mas o PT também não tomava decisão “olha, vamos abrir a discussão no partido” até que chegou no Anhembi a Dilma foi convidada por um ato do PT que tinha lá e o pessoal começou a gritar volta Lula volta Lula, fui obrigado a fazer um discurso dizendo que era para acabar com a brincadeira, a Dilma é nossa candidata à presidência e acabou. Então a partir desse instante começou a haver o afastamento dos empresários, ou seja, não era mais, então eles iam todos atrás do Aécio, ou alguns atrás da Marina, etc.

Mas houve algum momento em que eu era unanimidade, isso poderia ter sido perguntado a outras pessoas, porque elas poderiam dizer melhor. Todo mundo achava que eu deveria voltar à presidência. Eu, na verdade, eu na verdade, hoje passados oito anos, eu poderia ter discutido a minha volta. Eu estava, eu estava como é que se fala? Estava nos cascos, estava afiado, eu tinha tanta vontade de fazer o que eu não tinha feito. Eu estava com tanta vontade de fazer mais coisas que eu achava que era possível fazer mais.

Juca Kfourri: Por exemplo?

JoséTrajano: o senhor está se arrependendo?

Lula: Eu nunca tive arrependimento sabe, não cabe em política, nunca me arrependi, o momento-chave passou não foi, não foi o tempo passou e tivemos um outro presidente. A Dilma foi eleita, o Aécio fez esse ódio, fez a bobagem de criar esse clima de ódio estabelecido no Brasil de não acatar o resultado. Tivemos um golpe com o impeachment, tivemos agora, sabe, como resultado o país pariu essa coisa chamada Bolsonaro.

Juca Kfourri: O que o senhor queria fazer que não fez e que estava em cima dos cascos para fazer?

Lula: Deixa eu te falar, a primeira eu acho que era possível cuidar mais dos pobres, era possível fazer mais coisas, eu sei que fui o presidente que mais fiz, mas era possível fazer mais é possível gastar mais dinheiro do cartão. Era possível fazer mais na Universidade mais Escolas Técnicas.

Uma coisa que eu digo sempre era necessário e hoje é urgente fazer uma regulação dos meios de comunicação nesse país. Este país não pode não pode ter os meios de comunicação dominado por nove famílias. Não pode não pode o cidadão ser dono da televisão do jornal do blog do sabe, é preciso regular. A última regulação é de 1962 portanto não existia nem sites, nem telefone celular, então é preciso regular. Nós tínhamos um projeto de regulação feito nas conferências convocadas em 2009 pelo companheiro Franklin Martins, depois a gente achou que era imprudente mandar pra votar no último ano em que os deputados todos estavam disputando a sua eleição, e a gente sabia da quantidade de deputados que tinha rádio no seu estado a gente mandava, era perder. É importante mandar no começo do mandato.

Juca Kfourri: Eu certa vez ouvi de um de um alto dirigente do PT que certas coisas não foram feitas porque quando você está numa situação de tudo bem, está todo mundo feliz é melhor não mexer nisso porque se mexer nisso vai dar problema. Tem um pouco disso?

Lula: Tem um pouco. Toda vez que você tenta brigar com a imprensa sempre aparece alguém para dizer aqui pra você tem que tomar um café com eles, você precisa almoçar com eles, tem que convidá-los para jantar. É preciso uma conversa, então foi feito, o coitado do Zé Dirceu cansou de jantar com Roberto Civita. Eu conheci Roberto Civita na casa do Zé Dirceu. Roberto Marinho vivia, o João Roberto Marinho vivia conversando com o Palloci, conversa com Guido Mantega, conversa comigo, conversava com a Dilma. Nunca resolveu.

Vou relatar o episódio no Fantástico, na eleição de 2006: eu era candidato à reeleição e nós chamamos João Roberto Marinho para conversar o papel do Globo na campanha. Eu era presidente e comecei a notar que o candidato que tinha 2% na pesquisa tinha mais tempo no jornal do que eu, mais espaço, aí chamamos o João Roberto Marinho para começar nós tínhamos um observatório da imprensa e a gente mostrava O Globo, a Folha, o Estadão uma revista aberto um absurdo: a Luiza Helena tinha o dobro de tempo que eu tinha no jornal O Globo e aí nós chamamos o João Roberto Marinho para uma conversa, o que estava acontecendo? Não, todo mundo é igual, nós tratamos igual não, sei das quantas tal, e aí a Dilma falou mas se vocês fazem igual, porque que no editorial dão um tratamento diferenciado por Lula? “não, o editorial sou eu que faço”, aí a Dilma pegou o editorial (num exemplar do jornal) metendo o cacete em mim, e perguntou: “esse aqui foi você que fez?” E o João Roberto Marinho disse, “esse aí eu não vi”, e a Dilma respondeu: “não viu, como é que fez, como é que você faz editorial? Então ele só pararam de inflar a candidata quando eles perceberam que ela tirava voto do Alckmim e não de mim, como fizeram com a Marina também.

Então, também tem uma outra coisa que era o seguinte: como eu dizer para o Franklin Martins “Franklin eu vou derrotar todos eles, deixa eles falarem mal de mim, não vou dar colher de chá para eles não. Não tem almoço e cafezinho, vamos derrotar eles.”

Acontece meu caro que em 2010 eu tinha a última pesquisa de setembro eu tinha 87% de bom e ótimo eu tinha 10%, somando os dois vai a 97% que você poderia falar de aprovação quando é que alguém teve 87 por cento de bom e ótimo, então eu estava também inflado de vaidade que é derrotado ele e talvez não, não eu não mandei para o congresso o projeto também porque eu falei deixa ele vai e para a rua vai pra rua conversar com o povo que a gente derrota eles. Não derrota.

Eu tenho assistido mais televisão agora, porque não tenho o que fazer, então fico vendo, sabe, missa, fico vendo culto fico vendo a tv aberta ou seja é um absurdo que a sociedade está submetida nesse dia-a-dia. Então é preciso que haja uma regulação e isso tem que fazer parte de um programa de qualquer candidato do PT daqui pra frente tem que colocar um programa dele de campanha regulação e não tem que ter medo.

José Trajano: Eu queria falar da EBC, do canal que você tentou e que não foi para frente, como se previa né? É o canal de televisão. Por que não decolou?

Lula: Olha eu estava vendo, talvez a gente tenha errado muito. Deixa eu te falar, eu não sou homem de televisão. Eu tinha vontade de criar um canal de televisão que tivesse um papel que tivesse a RAI da Itália, que teve a BBC de Londres, um canal que não precisa ter uma grande audiência, mas que fosse um canal de formação de opinião das pessoas que fazem acontecer as coisas no país e nós quando aprovamos ela, nós devemos aprovação a uma heroína como a Tereza Cruvinel, que foi para dentro do congresso conversar com os senadores, a Helena Chagas, ou seja, nós conseguimos aprovar uma TV com o orçamento na época de 300 e poucos milhões, que era o orçamento da Bandeirantes. Eu queria criar uma televisão que tivesse o alcance em toda a América Latina, em toda a América do Sul principalmente, para que a gente pudesse ensinar Português também, fazer com que a gente fosse um bloco de verdade. Mas aí nós criamos um conselho muito republicano, aí nós começamos nós mesmos a nos vigiar, “precisa tomar cuidado nisso, precisa tomar cuidado naquilo”, terminamos criando uma televisão que não funcionou, era a ponto de nenhum Ministro da Comunicação dar antena em alguns lugares para a TV pública funcionar corretamente. Por isso que eu tinha vontade de voltar, para rever e refazer coisas que eu não tinha consciência de que era preciso fazer, sabe?

Juca Kfourri: Então agora deixa voltar só um pouco há uma coisa que quero...

Lula: Essa TV que eu estou dando entrevista agora, a TVT, sabe quando foi que nós reivindicamos este canal de televisão? Em 1985 o Ministro da Comunicação não era nada mais nada menos que Antônio Carlos Magalhães. Eu fui na reunião com Vicentinho reivindicar 85/95/2005. E quando saiu, eu já não era nem presidente mais, você percebe como para nós como é difícil as coisas? Mesmo quando estamos no governo.

Juca Kfourri: Presidente deixa eu voltar um pouco porque não podemos passar tão rapidamente como passamos pelas denúncias do site The Intercept. Trajano já fez referência isso eu lhe pergunto o senhor leu todo o material que o The Intercept publicou? O senhor, por exemplo, se deu conta que uma procuradora chamada Laura Tessler diz que “precisamos evitar a entrevista do Lula com Mônica Bérghamo porque vai que isso muda o resultado do segundo turno e Haddad se elege”

Lula: Eu vi, era esse o pensamento deles, não havia outra razão não havia outra razão, todas as pesquisas de opinião pública mostravam neste período 2015 e 2016 que qualquer eleição que tivesse no Brasil eu seria eleito presidente no primeiro turno. Todas as pesquisas demonstram que se eu pudesse participar de televisão se eu pudesse fazer convites eu pudesse acham que seria muito maior porque não estaríamos todo o bloco de esquerda, certamente o PDT estaria conosco, estaria todo mundo conosco e eles, quando começaram o processo direcionado ao Lula, o objetivo era o seguinte olha não dá pra gente fazer lambança que fizemos com o golpe na Dilma, sabe? Inventar a tal da pedalada para tirar o PT do governo e dois anos depois entregar por Lula, não dá.

É preciso tirar o Lula esta é uma questão. Uma outra questão que para mim é muito claro é que eles construíram um processo de mentira eu disse ao Moro numa audiência que eu participei com ele que a desgraça de quem conta a primeira mentira é que passa a vida inteira mentindo pra poder justificar a primeira. E eles exageraram na mentira exageraram na mentira. Em 2014, em 2014 eu acho desde que a Dilma ganhou as eleições eu comecei a alertar o PT de que era preciso ter em conta que eles vinham pra cima do PT e pra vir em cima do PT, eles viriam em cima de quem? De quem presidiu o país, em cima de quem seria a figura pública mais importante depois da Presidência da República. E aconteceu, aconteceu.

É engraçado porque eu recebi muito conselho sabe que eu deveria ter saído do Brasil, que eu deveria ter ido para uma Embaixada, mas é engraçado porque eu estou tão consciente do que está acontecendo no Brasil, estou tão confiante da submissão, no complexo de vira-lata dessa gente com relação aos Estados Unidos que eu falei: não vou fugir, senão eles vão dizer que eu sou fugitivo, então eu vou morrer dentro da prisão eu vou pra Polícia Federal, lá pertinho dele. Aos poucos as coisas vão acontecendo.

Eu vi ontem o desespero da Globo de tentar dar ao Dallagnol mais tempo do que ela deu à artista principal da novela *A Dona do Pedaço*. Ela apareceu menos que o Dallagnol tentando se explicar tentando dizer porque prendeu não sei quem, porque o financeiro das contas. A Globo sabe que a hora que cair, não processo de apuração de corrupção, que tem que continuar. É importante lembrar sempre o Juca e Trajano que todas as leis que facilitam apuração de corrupção todos os mecanismos legais foram criados pelo partido que eles odeiam chamado PT.

José Trajano: presidente e todas essas denúncias que apareceram na matéria do The Intercept, várias né, todas elas foram ignoradas ou dá pra pensar que o contexto geral é tão absurdo?

Lula: eu acho que está errado você utilizar a palavra denúncia. O The Intercept não fez nenhuma denúncia, ele apenas apontou, trouxe à baila, trouxe para a sociedade brasileira a verdade. Ele mostrou o que aconteceu. Eu não sei o que é que vem. Eu não sei o que é que vem. O dado concreto é que uma empresa brasileira não teria coragem de fazer aquilo. Você não acha estranho? Você não acha estranho que depois da decisão do Ministro Lewandowski de eu dar entrevista, a Globo nunca tenha me pedido uma entrevista? Não acha estranho, sabe que as grandes revistas nunca pediram uma entrevista? Você não acha estranho que o SBT no programa do Ratinho, que levou o Bolsonaro, nem o programa de debate da Bandeirantes nesta estranha essa gente não tenha pedido? Afinal de contas eu sou uma pessoa que ainda tem uma certa audiência no Brasil, mais do que todos os programas deles e até conversar pessoalmente e eu gostaria de conversar. Eu gostaria de sentar na minha frente, como você tá aí, o William Bonner, sabe, que faz seis anos que fala mal de mim todo dia no Jornal Nacional o nome Lula é mais falado na boca dele do que um filho dele. Eu só queria uma chance de poder sabe dizer a ele “você mentiu, não vai pedir desculpa para o seu filho? Vai pedir desculpas por seu filho? Você mentiu e assim para todos ele porque deixa eu te falar uma coisa, Trajano, uma coisa que eu falo aí vou falar agora em nome da minha bisneta que tem dois anos: pode pegar a turma da força tarefa da Lava Jato, pegar a turma que me investigou, os delegados que fizeram inquérito contra mim, pegar o Moro e os juízes, botar tudo no liquidificador, bater quando você for experimentar o suco, não dá a honestidade do Lula, eu falando estou falando isso olhando na cara de cada telespectador da TVT, não dá, podem somar todos eles que não dá a honestidade do Lula. E não faço isso porque sou melhor do que os outros não, faço isso porque fui educado por uma mulher chamada dona Lindu que nasceu e morreu analfabeta, não sabia fazer o “O” com um copo, mas sabia dizer aos seus filhos o que era certo o que é errado.

Eu, às vezes conto brincando, não é orgulhoso contar isso: eu trabalhava e morava na Vila Carioca, na rua Pinto de Moraes, que você conhece, e tinha um tio chamado de Antônio que tinha um boteco e a gente morava no fundo do bar a casa era tão miserável que o banheiro que utilizávamos eu, minha mãe e minha irmã, era o banheiro que os bêbados utilizavam, nego ia lá vomitava, urinava fora, faziam outras coisas e era o banheiro que a gente utilizava, e morava no quarto e cozinha. Morávamos em 13 pessoas. Esse meu tio, naquele tempo tinha uma coisa chamada chiclete americano ping-pong, famoso pra quem podia chupar. Eu via a molecada colocar aquilo na boca e fazer a bola estourar a bola eu nunca tive chance de ter um na vida. Esse meu tio trabalhava no barco de linha no banheiro e pediu para tomar conta e tinha lá uma caixa de chicletes ping-pong. Eu nunca tive coragem de ir lá e pegar um para não envergonhar a minha mãe. Eu tinha um amigo chamado Boquita, que era filho de um sergipano, ele vivia o dia inteiro com um chiclete desse na boca, quando ia jogar fora, ele me dava, eu lavava e ficava chupando. Você acha que um cara que acha que um cara que se submete a isso, depois de ser eleito Presidente da República, depois de virar a figura pública mais respeitada desse país e do exterior, depois de ter o apreço que o povo brasileiro teve por mim porque quando eu saí da Presidência mesmo a classe média de São Paulo, 80% eu tinha de bom e ótimo em São Paulo

era de regular, era de bom e ótimo, acha que eu ia sujar a minha mão em um apartamento que eu poderia ter comprado, que eu tinha dinheiro para comprar e uma chácara que eu poderia comprar?

Juca Kfourri: Presidente me explica uma coisa, há um dado que ninguém nega desde os seus tempos de presidente do sindicato dos metalúrgicos que foi quando nos conhecemos nas greves de 79 em São Bernardo Campo, eu diretor do sindicato dos jornalistas do senhor presidente do sindicato dos metalúrgicos que o senhor sempre foi tido como um conciliador uma pessoa capaz de unir os contrários. O senhor como Presidente da República se dava tão bem com o Bush Presidente dos Estados Unidos quanto com o Chávez, Presidente da Venezuela ou seja aqueles que se opunham até dentro do seu partido achavam que era demais que o senhor conciliava demais, que era preciso fazer algumas rupturas que o senhor não fazia. Por que todos se voltaram contra essa figura do conciliador do cara que nunca foi de querer ir para o pau.

Lula: Eu sempre fui assim foi assim quando era moleque, quando jogava bola eu fui assim, quando virei dirigente sindical, eu fui assim como Presidente da República por isso é que eu creio conferir de desenvolvimento que envolvia empresários, pastores, sindicalistas, índios, ou seja, para a gente poder estabelecer, sempre que possível, políticas públicas que tivessem uma espécie de aceitação da maioria da sociedade. Eu sempre achei que uma conversa mais sempre dava melhor resultado nunca fui de tomar decisão com 39 graus de febre. Primeiro deixava a febre baixar para tomar a decisão com o Bush, com o Chavez eu era aquele moleque do meio, sabe quando tem a mulher querendo brigar? Eu era a turma do deixa disso, sabe?

Agora tem uma máxima que eu aprendi com minha mãe também é o seguinte, ela dizia meu filho ninguém respeita quem não se respeita se você se respeitar, automaticamente você impõe respeito aos seus interlocutores e isso mapeou a minha vida, isso fez com que eu vivesse assim. Eu vou contar um pequeno caso pra vocês, acham que eu já contei, numa entrevista aqui. Em 2003 a primeira vez que o Brasil foi convidado para participar de uma reunião do G-8 e isso deve ter matado Fernando Henrique Cardoso de inveja: Lula participar do G-8 e eu cheguei lá enviando do cercado de arame farpado e a primeira coisa que aconteceu foi que estava todo mundo sentado em uma mesa quando Bush chegou todo mundo levantou como se tivesse chegado Deus. Celso Amorim foi levantando, não a gente não vai levantar, ninguém levantou quando eu cheguei, porque a gente tem que levantar? Ele é apenas o presidente dos Estados Unidos, sabe, ficamos sentados ,e o que aconteceu? O Bush foi cumprimentar todo mundo que levantou virou as costas foi na mesa que estava sentado com o Kofi Anan e sentou com a gente, aí eu fui pro plenário cheguei no plenário de uma sala como esta daqui fechada, toda de ar condicionado estava lá dentro Bush estava lá dentro, o Tony Blair estava lá dentro, o primeiro ministro da Itália estava lá, o primeiro ministro Schroeder da Alemanha estava todos os primeiros ministros, o primeiro ministro do Japão, não podia levar intérprete, eu tinha que entrar sozinho. eu falei o que eu vou fazer lá dentro? eu não falo nenhuma língua; eu ainda falava *cueca cola, januela*, então o que eu vou fazer lá dentro? Aí o Schroeder disse

“Lula, você entra lá e a primeira coisa que você faz é colocar aquele negócio do ouvido, que tudo que o que se fala vão traduzir, então você vai ficar dono da situação”, foi o que me deu coragem foi por isso estava vendo a cara de cada um deles.

Alguém já trabalhou em fábrica aí? Ninguém. Alguém já ficou desempregado? Ninguém. Alguém já acordou uma hora da manhã com rato nadando na beira da cama para tentar se salvar? Alguém já acordou de manhã com barata tentando subir na tua cama? Alguém já acordou de manhã com merda, sabe? Boiando perto do teu nariz? Não. Eu já. Então sabe de uma coisa, eu vou falar mais grosso do que eles porque entre eles, eu sou o único aqui que já vivi o que o povo do país deles e aquilo me dava muita tranquilidade para eu ser muito autêntico, e eu sempre acho o seguinte: o Lula quer ser bem tratado por alguém trate bem a pessoa. Então essa é uma máxima que vale para todos nós ou seja trata as pessoas como você gostaria de ser tratado e está tudo resolvido.

José Trajano: Quería aproveitar o espaço que ainda tem pra falar do papel da sociedade diante dos desmandos e este governo absurdo do Bolsonaro; já houve manifestações de rua e temos uma greve geral marcada para a sexta feira dia 14 como você vê essas manifestações e como você está vendo essa greve do dia 14?

Lula: Antes de falar da greve de ver um pouco da sociedade brasileira que muita gente pergunta bom porque a sociedade não sai com mais força, não protesta com mais força? O Mia Couto tem um livro dele que tem uma frase que é o seguinte: quando a sociedade está com medo muitas vezes ela sabe ela aproxima do monstro para pegar proteção. Foi o que resultou no Bolsonaro. O Bolsonaro é o resultado do pânico que os meios de comunicação e que uma parte da elite brasileira criaram no Brasil sobre a política. Você veja, o Bolsonaro, ele funciona como se fosse o pior dos coronéis da política brasileira que a vida inteira foi combatido não só ele é presidente como quem tem um senador um filho deputado filho vereador ou seja, além de 28 vinte e oito anos de mandato e conseguiu se vender para a sociedade enraivecida como se fosse o antissistema toda vez que se elege o antissistema não vai não dar certo na história nem do Brasil nem do mundo. Ele tem dificuldade de governar ele prefere ficar brincando de fake news, ele prefere dizer que não entende de economia que o Guedes vai fazer, o Guedes não está tratando a economia, o Guedes está tentando destruir a seguridade social neste país e o Guedes está tratando de ir a Nova York, com a maior cara de pau, dizendo que vai colocar pra vender o palácio da alvorada, o palácio do planalto, a única coisa que vai salvar a cadeira do Bolsonaro que ninguém quer não vai ter vai ter ninguém para comprar ora então ele não tá governando, ele está brincando ele está destruindo sabe que não é fácil destruir para construir o coliseu levou muitos anos para destruir te pega sabe meia dúzia de dinamite, você explode aquilo em cinco minutos e ele está tentando destruir é por isso que eu acho que é greve é importante, mas os dirigentes sindicais não têm consciência de que a greve tem que ter um propósito tá? eles já fizeram impeachment ele já acabaram com o direito trabalhista, agora querem acabar com o sistema previdenciário solidário que é o que a gente tinha, para criar um sistema de previdência em que o

cidadão sozinho vai ter que pagar a sua não vai ter partilha entre empresários governo, portanto esse cara vai ver o que vai acontecer daqui a dez anos. Tudo o que ele fala é em juntar um trilhão, para que um trilhão? Para pagar o sistema financeiro às custas do pobre desse país? Porque não há na história recente da economia nenhum país que deu certo com este ajuste fiscal, com esses cortes um país para dar certo tem que ter investimento no desenvolvimento e quando a indústria não investe, o estado tem que ser o indutor da economia.

Juca Kfourri: O senhor um dia desses me disse que nunca teve problema com os militares durante o seu governo que o problema do Brasil está longe de ser os militares, mas sim o capital financeiro. É isso mesmo?

Lula: Eu acho que é, deixa eu te falar uma coisa: eu tive uma boa relação com os militares, aliás se você perguntar para qualquer general qualquer general que tenha orgulho desse país porque general que não é nacionalista não merece ser general. Vamos ter claro o general que aceita se subordinar a um presidente que bate continência à bandeira americana não merece ser general. É preciso que o general tenha consciência de que eles existem para defender a soberania nacional, a soberania nacional começa pela nossa fronteira e começa por 210 milhões de almas que somos nós brasileiros, que temos que ser protegido pelas forças armadas depois tem as nossas riquezas minerais depois tem nossa riqueza de solo e subsolo, depois tem nossa riqueza no fundo do mar, depois tem a nossa água, depois tem a nossa floresta é nossa biodiversidade depois tem a nossa ciência e tecnologia, ou seja, é isso que é cuidar da soberania e é para isso que as forças armadas existem, não é para fazer guerra é para tentar evitar invasões de inimigos dentro do nosso país o Brasil é um país que não tem contencioso com ninguém, o nosso contencioso último foi com o Paraguai há quase 200 anos atrás então este país diferentemente da Argentina trataram de trabalhar a industrialização do Brasil não destruíram a indústria como destruíram na Argentina. Eles tinham uma vocação nacionalista que acabou, acabou, estão destruindo a Petrobrás não é a Petrobrás é uma quantidade de milhares de fornecedores da Petrobrás quando a gente descobriu petróleo pré-sal a gente não tinha a dimensão quanto era por isso que a gente queria entrevistar o Estrela^{xv} por isso que a gente cunhou a frase “passaporte do futuro” que a gente queria fazer refinarias para exportar derivado de petróleo não exportar óleo cru como e está fazendo agora importando petróleo refinado nós estamos importando gasolina.

José Trajano: Eu vejo que você fica muito preocupado com a soberania nacional é o fim da soberania nacional? Perdemos a Embraer, é as empresas sendo privatizadas, o pré-sal...

Lula: Eu fico preocupado porque não tem nada mais venal do que um administrador querer resolver o problema da sua empresa vendendo a sua empresa. Você não está resolvendo, você está se desfazendo. Eu digo sempre, para a pessoa mais humilde entender que é o seguinte: o cidadão casa, daí a primeira crise de desemprego que ele tem, ao invés de procurar emprego, em vez de fazer bico e de catar papel. Ao invés de fazer qualquer coisa ele fala pra mulher: ah, amoreco, vamos vender a

geladeira? Aí vende geladeira e dá para um mês; no mês seguinte amoreco, vamos vender a televisão? Vende a televisão mais um mês; no terceiro mês demora, vende a cama, vende a cama, chegou o dia que não tem mais nada para vender, aí vende a alma ao diabo.

Esse país não nasceu para ser uma republiqueta das bananas, este país nasceu pra ser um país líder de um bloco, é por isso que nós criamos a CELAC e a Unasul é por isso que não estavam dando força e ajudamos a criar os BRICS é por isso que a gente tinha o IBAS que era Brasil, África do Sul e Índia por isso que a gente foi e fez o encontro com a África, com a América do Sul, com o Oriente Médio, América do Sul, dos países Árabes porque o Brasil o Brasil tinha que disputar ser na verdade protagonista não tem essa dos Estados Unidos ser maior do que nós, do que a China olha eu queria que ele continue crescendo agora eu quero saber qual é o meu papel eu quero saber qual é o papel do Brasil na história .

Juca Kfoury: Então presidente, mas é não é demais achar que o conluio de um juiz de primeira instância que fala *conje*, (como o senhor sempre disse que pegavam no seu pé porque o senhor falava *menas*) o Ministro da Justiça do Brasil falar *conje* se um juiz com esse grupo de procuradores tenha levado o país a essa situação, que tenha feito da Petrobrás o que está se fazendo com a Petrobrás como se a vontade da madame não atendida levasse a essa situação. Quem é que tá ganhando com isso neste momento presidente?

Lula: Você se engana quando você pensa que foi o juiz. Ele só conseguiu fazer isso primeiro porque eles tinham respaldo, na minha opinião, do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, senão não tem explicação a urgência do diretor da Petrobrás de pagar a dívida aos acionistas americanos pelo dinheiro da corrupção olha se tiveram corrupção e tiveram de pagar aos acionistas americanos o que eles perderam, e os acionistas brasileiros, quem vai pagar? Primeiro segundo, a pressa de pagar se deve ao fato do seu Dallagnol ter tentado criar um plano para ter um fundinho que tinha dois bilhões e meio da Petrobrás, mais 6 bilhões e 800 da Odebrecht vai criar um fundinho de assistência social que eu chamo do *criança esperança* do Dallagnol. Era pra isso que tiveram tanta pressa? É para isso que queriam se desfazer da Petrobrás? Eu quero dizer para eles, quero dizer para todo mundo se preparem porque uma hora o povo vai resgatar seu patrimônio não tem nenhuma explicação nenhum país do mundo se desfaz do petróleo como o Brasil está se desfazendo. Tem um livro chamado *O Petróleo*^{xvi} e não sei o autor, porque eu tenho dificuldade de falar o nome estrangeiro, tanto é que o do Glenn eu só falo Glenn, não falo o segundo nome porque fica mais fácil falar. Tem um livro sobre o petróleo que mostra o papel dos Estados Unidos desde 1859 quando descobriu o primeiro petróleo no Texas até hoje tudo o que aconteceu no mundo em função do petróleo, tudo o que aconteceu no mundo têm o dedo do petróleo.

José Trajano: Taí o Iraque para não nos deixar mentir.

Lula: Taí a Venezuela, a Venezuela essa estupidez do governo brasileiro de forma medíocre apoiar, sabe, um cidadão que se autoproclamou presidente da república, ou seja foi o maior vexame da história. Não tem precedente na história da humanidade os governantes de países importante com o país europeu sabe seguir o tal do Trump legalizar teoricamente um impostor como aquele Guaidó> imagina se a moda pega ninguém respeita ninguém daqui a pouco tem o presidente proclamado na China depois do Zé de Abreu se proclamou a mais longa de abril foi eu estivesse em liberdade eu tinha sido cabo eleitoral dele porque achei bonito. Porque se eles tiveram a pachorra de apoiar na Venezuela, porque não pode ter um aqui? Eles terem feito aquilo como fato? Porque você não pode lançar aqui o seu presidente autoproclamado? Aí você acaba com a democracia, acaba com o processo eleitoral, então quem se comporta como eles se comportaram, aquela palhaçada porque aquela cena daqueles caminhões do Brasil duas caminhonetas, um jeep Rangers ou não sei que marca, sabe nem cheia de alimento estava com o povo brasileiro passando fome eu acho se alguém estiver assistindo aqui e puder dar o recado que para o Bolsonaro, manda ele assistir, manda o Guedes assistir a documentação de ontem não sei se foi que programa, se foi na Globo ou na Record, ou no SBT que mostra um caminhão de lixo no supermercado no Recife, e o povo invadindo o caminhão de lixo para pegar a comida. É importante saber que nós tínhamos acabado com a fome neste país, é importante saber que eu tinha um grande sonho que era que cada pessoa tivesse tomado café da manhã almoçar, jantar todo dia. O Brasil produz alimento para isso, agora qual é o sonho do Bolsonaro? É o Guedes juntar um trilhão para pagar o sistema financeiro. Não se fala em povo, não se fala pobre sabe? Então eu fico aqui me remoendo, dando cabeçada - eu não dou cabeçada porque eu não sou daquele que me machuco por causa do outro - eu acho que o Moro deve estar dando cabeçada mais do que eu, Moro está falando, puxa vida que nem todo mundo está preparado para o sucesso. Você vê esse Dallagnol, se você ver a cara dele, ele não deveria mais pegar na bíblia porque um cidadão que mente como ele não pode evocar Deus como não ele evoca Deus toda hora, não pode evocar a bíblia, porque ele sabe que Deus é onipotente, como ele acredita, tá sabendo que ele está mentindo. Quando ele cria aquela expressão que fazem um power-point uma hora e meia na televisão pode ver “não me peçam prova eu só tenho convicção”, ele deveria ter saído preso, destituído.

Lula: Porque o meu processo é cem por cento de decisões políticas, sabe, todas as matérias do jornalismo da Globo^{xviii} e não vão encontrar um segundo em duzentas horas favorável ao Lula. Um país em que o presidente acha que é bonito liberar armas. Agora espero que as pessoas pensem no Brasil.

Juca Kfourri: Presidente eu achava que encontrá-lo, digamos um pouco mais bem humorado...

Lula: Não dá pra ficar humorado falando de Moro, falando de...

José Trajano: Então tem uma pergunta pra ele falando de fora, falando dela é mexer com a alma falou pode mexer com algo que é o *Lula livre*, o festival *Lula livre*, milhares de pessoas debaixo de

chuva no *Lula livre*, dezenas de pessoas ocupam rodoviária shopping sai às ruas temos *Lula livre* aqui do lado, acampamento temos *Lula livre*, todas as manifestações têm pessoas portando cartazes camisetas *Lula livre*. De que forma isso atinge sua alma?

Lula: Olha, isso é o que me conforta, na verdade ele é o que me conforta porque saber que apesar do massacre, apesar do massacre que eu sou vítima, não sou vítima agora não, ou seja, vocês dois que são jornalistas importantes, não sei se assistem mas se vocês pegarem sabe todas as matérias do jornalismo da Globo, não vão encontrar um segundo em duzentas horas favoráveis ao Lula, e você vai encontrar duzentas horas favoráveis ao Moro e Lava Jato. Então porque quando uma parcela do povo acredita, eu sei que é difícil, defender o Lula, não é fácil, eu sei que as pessoas me contam, pessoas me escrevem.

José Trajano: Se sair com a camiseta na rua agora ...

Lula: E eu sempre digo, só tem um jeito da gente vencer: é não baixar o rabo quando um cachorro late para você, por menor que seja porque tem um gato se levanta e fica olhando, o cachorro tem medo? Porque nós temos que ter reação. Porque não tem um cara, ninguém, não tem um cara que chama você de ladrão no restaurante e ele não seja ladrão, porque uma pessoa de bem não faz isso. Você pode saber que o cara que te provoca no restaurante é 171, o cara que te provocou perto da sua casa é 171 vai pegar o BO (boletim de ocorrência) dele pra você ver que ele, porque um homem de bem aprende a conviver democraticamente, então você não sabe, Trajano, o carinho que eu tenho pelas pessoas, o carinho que eu tenho pelo povo brasileiro, por esse acampamento aqui da tenda Lula é um caso, tem quase um ano e não sei quanto tempo, sair todo santo dia bom dia presidente Lula, boa tarde presidente Lula, às vezes sendo provocado, então é gratificante, eu me sinto o ser humano mais importante do mundo, aquelas pessoas.

O que é grave é o seguinte: nesse processo todo que o que me deixa assim diminuído como cidadão brasileiro que não podia, não poderia experimentar as instituições vivendo isso, é que essa molecada da força tarefa, essa molecada e mais o Moro, eles conseguiram através de um meio de comunicação colocar pânico na sociedade e não aceita nenhuma prova que não seja o que eles querem, veja, quando Léo denunciou o Vaccari, o Vaccari fez uma carta desmentindo o Léo porque o Léo disse que Vaccari tinha acertado com ele e o Moro não aceitou a carta. Na chácara de Atibaia o Jacó Bittar mandou a carta porque ele sabe que o dinheiro é do Jacó, mas o Jacó mandou uma carta, o Moro também não aceitou. Tem um engenheiro um advogado da Odebrecht, Tacla Duran, que está na Espanha, este cara se ofereceu mais de mil vezes para ser uma testemunha, o Moro não aceita, ou seja, eu tive 87 testemunhas me defendendo e o Dallagnol não apareceu numa audiência. Eu dizia para os meus advogados: gente, eu na verdade já falei com meus advogados isso: eu não precisava de advogado não precisava se tem um cara que não precisava de defesa sou eu, porque o meu processo é cem por cento de decisões políticas, cem por cento de decisão política. Não tem nada de processo, não tem nada e cada um que vier, cada um que vier, você vão ver uma coisa mais escabrosa. Agora o

que eu acho, o que aconteceu agora é importante pelo seguinte: eu acho que a bem deste país, a Suprema Corte tem que ter a coragem de assumir o papel de guardião da constituição, porque não tem exemplo no mundo de um juiz de primeira instância mandar em todas as outras instâncias. Esses meninos ameaçaram fazer greve de fome contra a Suprema Corte, você viu que essa moça que dá declaração na entrevista do Glenn, essa moça fala, esculhamba o poder judiciário, chama de mafiosos, chama de mafiosos, ou seja, então você tem várias instâncias que foram sendo acuadas pelos meios de comunicação, porque ninguém quer ser vaiado no restaurante, ninguém quer trabalhar. Então é preciso recuperar a autoestima, sabe, fazer esse país voltar a funcionar. Todo e qualquer bandido na cadeia, todo e qualquer corrupto e corruptor na cadeia, mas não vamos quebrar o Brasil por conta disso.

Juca Kfourri: O senhor não precisa falar para as pessoas que fazem a campanha do *Lula livre*, que põem camisetas, do *Lula livre*, que estão aqui acampadas, os que foram ao show lá em São Paulo realmente calcula-se oitenta mil pessoas num dia de chuva, sabendo que era *Lula livre*, não era uma manifestação que levantasse outras bandeiras, mas o problema é que o senhor tem, eu acho, é com aquelas pessoas que se dizem atendidas de ter votado no PT e se sentem traídos pelo PT: o que dizer para essas pessoas?

Lula: Olha, alguém que se sentiu traído pelo PT não poderia ter votado no Bolsonaro, se o cara se sentiu traído pelo PT poderia ter votado numa coisa melhor, o Boulos foi candidato, o Ciro, embora não mereça o voto porque ele é muito grosseiro, mas o Ciro foi candidato, sabe? A Marina foi candidata, a vingança não é porque eu quero vingar de você que eu vou pegar o martelo e bater no meu dedo, eu não estou me vingando, eu estou sendo um babaca sabe, por que dar de presente o Brasil ao Bolsonaro é dar de presente o Brasil o pior tipo de político que o Brasil poderia ter. Então se as pessoas ...

Juca Kfourri: O senhor não acreditava que fosse possível de ser ele se eleger, acreditava?

Lula: Nem eu e nem ele, nem eu e nem ele, eu duvido que o Bolsonaro acreditasse um mês antes duvido, agora... Eu sinceramente, aquela facada para mim foi uma coisa muito estranha é uma coisa muito estranha uma facada que não aparece sangue em nenhum momento; uma facada que o cara que dá a facada, é protegido pelo segurança do Bolsonaro, eu conheço segurança de palanque é um caso comigo, para estar vivo, teria que pular em cima do meu segurança para não matar. O cara é o cara que é protegido pela segurança do Bolsonaro, a faca que não aparece em nenhum momento, tem muita história estranha, suspeita. O cara que não vai nenhum debate, a Globo, quando eu não fui no debate em 2006, ela colocou uma cadeira vazia. Bolsonaro não foi nenhum debate, e a Globo deixou pra lá, porque o objetivo da Globo embora não goste do Bolsonaro era não ter o PT, esse era o objetivo. Eu sei que a Globo não gosta quando eu falo isso, outro dia até falei do Chico, que a minha vingança eles colocaram o Chico, então vou mostrar como político é a Globo pela responsabilidade

das audiências dela deveria ser mais séria, deveria tratar com mais respeito a opinião pública. Agora o cara que planeja toda aquelas matérias todas aquelas mentiras, ninguém conhece ele, não aparece no jornal a fotografia dele ninguém sabe onde ele mora, eu não sei se é o Ali Kamel, não sei se o diretor que provar toda aquela matéria, por que não é o Bonner que escreve a matéria, o Bonner, eu acho que é leitor de teleprompter.

José Trajano: Ele escreve também, mas sim tem um superior a ele...

Lula: Tem alguém que manda. Então não é possível que alguém perca tanto respeito pela sociedade que não tenha compromisso com a verdade nesse caso do Neymar eu não posso dizer que o Neymar tem culpa porque, sabe e nem que a moça está mentindo, não posso dizer, eu não conheço nada mas a pressa, a voracidade com que a Globo foi para tentar inocentar o Neymar, de pronto, foi um negócio absurdo. Ora, até pode ser inocente, e Deus queira que seja inocente, porque não é plausível que um menino que é o símbolo maior do esporte brasileiro sendo um esturador, não, não quero crer nisso. Não acredito nisso, mas vamos dar um tempo para se investigar, para poder apresentar para a sociedade a versão. A moça virou vagabunda antes de qualquer possibilidade de provar que não era, eu não sei o que era será que em Paris não tinha uma mulher? Que o Neymar precisava mandar buscar uma no Brasil, pagar passagem, hotel então essa coisa só estou dizendo isso para mostrar o seguinte: é preciso mais seriedade, eu tenho que ser sério, a Globo tem que ser séria, a Justiça tem que ser séria, a sociedade tem que ser séria para a gente poder construir um país melhor.

Juca Kfour: Eu lhe perguntei sobre o que falar para os arrependidos, os que dizem que se arreenderam de votar no PT é pra tentar aproveitar uma frase que se eu não estiver enganado é sua durante as manifestações de 2013. Alguém me disse que um dia lhe perguntou sobre o que está acontecendo e que o senhor teria dito “nós demos o pão, agora as pessoas querem manteiga”. Isso faz algum sentido, ou seja o seu governo deu escola mas as pessoas agora querem mais querem maior qualidade na escola, o SUS começou a atender mas querer mais, que é natural que as pessoas queiram, deixou de ser atendido?

Lula: Eu disse, eu não disse pão com manteiga, foi até num artigo que meu que foi publicado no New York Times, olha que chique! Eu fui colunista do New York Times. Eu disse que o povo tinha aprendido a comer contrafilé e agora queria filé e é normal que a sociedade, a coisa mais normal no ser humano é você subir um degrau, depois vou te querer subir o degrau é a coisa mais normal é isso, você tem que entender que quanto mais você fizer com que o povo obtiver, mais ele quer conquistar, esse meu problema e esse é esse é a coisa mais nobre da democracia. O que aconteceu no Brasil foi outra coisa, o que aconteceu no Brasil é o fenômeno que o Jessé Souza descreve muito bem, no livro dele sobre a classe média brasileira^{xviii}, você tem um segmento da sociedade, um segmento da sociedade que não aceita a ideia das pessoas mais humildes chegarem próximo dele, sabe? Não aceita, ou seja, se você colocar gente pobre da periferia para fazer através de bolsas de estudo do PROUNI ou FIES,

faculdade nas melhores faculdades privadas do país ou nas melhores públicas do país as pessoas não aceitam, você vê as pessoas começarem a comprar carro novo, as pessoas começarem a frequentar restaurantes, frequentar teatro, irem viajar e começarem a ir ao Piauí de avião, irem ao Ceará de avião, não quererem ir mais ir de ônibus. Tudo isso incomoda uma classe média que estava acostumada com esse país sendo governado para 35 por cento da população quando nós resolvemos governar o Brasil para todos, eu dizia, eu nunca escondi, eu vou governar para todos, agora, é importante todo mundo saber que as pessoas mais necessitadas terão um bife a mais. É assim por que é que nós aprovamos aumentar o salário mínimo sabe junto com o crescimento do PIB com a inflação, por isso ele cresceu 74% e por isso ele foi a coisa mais transformadora no crescimento da renda do povo pobre desse país.

Juca Kfourri: O senhor disse pra mim outro dia quando eu vi vê-lo que o senhor sair daqui não vai mais falar em distribuição de renda vai falar em distribuição de riqueza

Lula: É significa que quem é seguinte veja você precisa começar a garantir que as pessoas tenham participação na riqueza deste país, ou seja, quando você fala inferior a uma aposentadoria de qualidade definitiva educação de qualidade sabe quando você está dando a um pobre o direito de estudar gratuitamente ele virar um cientista, você está dando riqueza para esse cara, quando você dá uma casa com subsídio para ele poder pagar você está dando riqueza. Esta gente tem que participar mais do lucro que ela ajudou a produzir o país é preciso repensar porque nós estamos regredindo se você imaginar a economia brasileira veja você teve a revolução russa em 17 por conta da revolução russa você teve o mundo ocidental se preparando para enfrentar mais com medo, cedendo algum benefício, aí teve a segunda guerra mundial, que dividiu o mundo em dois, a parte ocidental e a parte oriental. A Rússia ficou com um pedaço e os Estados Unidos com o outro. Olha o que o mundo capitalista fez: tratou de fazer o famoso estado de bem estar social, não porque gostava dos trabalhadores mas porque estavam com medo dos trabalhadores ter a mesma vontade que tiveram os trabalhadores na Rússia e 1.917, de fazer uma revolução, então se criou um Estado que distribuiu renda e permitiu que o povo tivesse um padrão de vida, você percebeu que nos últimos dez anos só caiu a renda do povo americano? Caiu a renda do povo europeu?

Juca Kfourri: Não há mais ameaça?

Lula: Caiu o muro de Berlim, daí não tem mais ameaça, então o que está acontecendo no mundo inteiro é um retrocesso, é um retrocesso organização sindical você sabe que eu escrevi carta pra esse cidadão que está preso no Japão, da Toyota? Da Nissan?

Juca Kfourri: Da Nissan.

Lula: Sim, eu escrevi uma carta para ele a pedido do sindicalismo americano para ele permitir que os trabalhadores se sindicalizassem, porque ele não permitia que trabalhadores sejam sindicalizados

muitos estados americanos o trabalhador não consegue se sindicalizar por que os empresários fizeram acordo com o governador que só ia para lá se não tivesse sindicato.

Juca Kfourri: Agora o senhor não acha que a união soviética seja um exemplo?

Lula: Não, não é. O problema dos meus queridos companheiros, que o seguinte a revolução, a minha tese hoje aos 73 anos de idade, é que a revolução russa de 17 ela terminou causando um benefício extraordinário aos trabalhadores do ocidente e não causou na própria Rússia o benefício. O padrão de vida do sueco, do holandês, do finlandês, do dinamarquês do alemão, do francês era muito maior que o do russo, mas por quê? por conta da revolução russa, então foi uma pena foi uma pena que a revolução russa não tenha dado aos trabalhadores russos um padrão de vida que os europeus deram por conta da revolução russa.

José Trajano: Eu queria mudar um pouco. Dia 25 vai ter o julgamento é eu já vi uma entrevista sua dizer que não gosta de criar expectativas, porque está aqui dentro mas a gente não pode negar que está diante de um fato: dia 25 vai ter julgamento quem sabe diante dos indícios todos e tudo foi mostrado pelo The Intercept, pelo Glenn, vamos falar só o primeiro nome dele, há uma possibilidade da sua liberdade. Qual a sua expectativa diante desse dia 25?

Lula: Olha a minha expectativa, o Juca agora pouco brincou que ele imaginava encontrar com muito mais humor, é que não é possível tratar da minha prisão com humor...

José Trajano: Mas não acho que o senhor está mal humorado não. Acho que está bem.

Lula: É que o pessoal pode pensar: tá maluco, o Lula tá preso e tá rindo do quê, pô? Também não tenho raiva eu tenho ressentimentos, sabe, que eu sou um cara que eu não costumo guardar o ódio para mim dura meio minuto. Pode ficar certo que ódio eu não levo para casa. Aprendi que quem tem ódio sofre mais do que a pessoa odiada. Então eu me cuido. Por que que eu não gero expectativa? A única coisa que eu espero que se faça justiça eu estou pedindo a Deus para que em alguma instância se leia o meu inquérito porque eu vi o julgamento do STJ ele nem leu a minha defesa. Então foi contada uma mentira pelo delegado no inquérito essa mentira foi aumentando em 500 páginas pela mentira do ministério público, depois houve a mentira do juiz depois uma mentira do TRF-4 e o que você tem? Acho que o projeto já está mais que 300 mil páginas. Olha o principal para saber se eu tenho um apartamento ou não é ir no cartório de registro de Santos saber se eu tenho lá no Guarujá. Está no nome dele? ele comprou? Tem escritura? Pagou? se não tem não é dele. Sabe, não é dele. Então tem a chácara, a chácara que era do Lula, bom mas não é do Lula porque pegamos um cheque administrativo do Fernando Bittar comprando, então tem uma reforma mas a reforma foi feita na chácara do Fernando, estão falando que Lula pagou pela reforma. Mas se a reforma é do Bittar, o Bittar que pagou por isso. Mas tem que ver com isso que o Lula dormiu na cama “você dormiu na cama, se você dormiu na cama o benefício pra você”. Assim não é possível acreditar nessas coisas.

Então eu espero, espero que a Suprema Corte, sabe, recupere o padrão de confiança da sociedade que nunca pode perder. Porque se a sociedade brasileira tem desconfiança da imprensa, tem desconfiança da igreja, tem desconfiança da política, não acredita no Congresso Nacional, não acredita no Senado, não acredita na sua polícia e não acredita no Judiciário, nós estamos criando uma sociedade anarquista, aí vale tudo, ou seja cada um por si e Deus por todos. É por isso que o cidadão se dá ao luxo de um moleque artista levar o pai e a mãe para apresentar junto com a namorada para o pai e o democrata lá pegou um revólver em vez de falar parabéns, ele atira, mata o moleque, mata o pai, mata a mãe e um cidadão para no carro para reclamar do outro, o cara já sai com um revólver e já atira. Um país em que o presidente acha que é bonito liberar armas, que na verdade está liberando arma pra quem pode comprar, mas significa que é para quem é rico matar pobre. É isso que está comprando porque quem ganha um salário mínimo não pode comprar arma nesse país. Segundo, um presidente da república que resolve achar que é bonito, “ah não com s 20 ponto perder carteira não, vamos ter que abrir vai ser 40 ou 60” então corre à vontade ele sabe ele sabe que parte da morte no trânsito é causado por irresponsabilidade, com um motorista bêbado no comando de coisa, ele sabe disso, então tudo que foi feito para regular um pouco a sociedade, para tentar criar, eu lembro quando foi implantado o cinto de segurança no Brasil em São Paulo, sobretudo, eu lembro que ninguém respeitava até que foi o Malluf que resolveu colocar não sei quantos reais de multa, aí quando vem a multa, que é a parte mais sensível do ser humano é o bolso, todo mundo colocava o cinto de segurança, então

José Trajano: Mas o caso dele, ele quer tirar a multa da cadeirinha, de quem não usa cadeirinha.

Lula: Ele quer beneficiar as pessoas que cometem ilícitos é um presidente que deveria está facilitando a compra de livro didático, um presidente que deveria estar facilitando a entrada do jovem na escola, um presidente deveria estar discutindo, eu não sei se vocês viram um dia a dia desse ele falou o seguinte: não porque eu vou construir uma escola militar em cada estado, Juca ele não tem não tem *simancol*, sabe, pra dar às crianças de 11 a 16 anos do ensino fundamental sabe, para dar mesmo padrão de uma escola militar orçamento que daria setecentos e vinte bilhões, porque na escola militar, que só serve pra militar, manda seu filho tentar entrar numa para ver se ele consegue entrar. Bem, em uma escola militar a molecada, aprende, eu sei porque eu fui o criador da olimpíada da matemática na escola pública, eu sei que a molecada tem um nível de ensino de qualidade e era bom que fosse pra todo mundo, mas sabe quanto custa por ano um aluno da escola militar? 19 mil reais e da escola pública custa 6 mil reais. o salário de um professor na escola militar chega perto de uns dez, ou até um pouco mais e na escola pública chega a três.

Juca Kfourri: O senhor não deve ter lido ainda, mas ele ontem acabou com a fiscalização contra a tortura nos manicômios e presídios, demitiu os 13 membros da comissão anti-tortura no Brasil. Ele fez isso e disse que agora os cargos serão não-remunerados...

Lula: A sociedade brasileira tem que notar uma coisa, sabe, eu acho que é muito importante o pessoal obtenha muito sucesso na greve de amanhã, é muito importante que os trabalhadores estejam atentos, mas a sociedade brasileira ela não pode perder o direito de se indignar. O dia que uma sociedade perde o direito de ser indignar, o dia que o dia que você não sente nada quando vê uma pessoa dormindo na rua, o dia que você não sente nada quando você percebe que dois jovens ricos mataram um cara que estava dormindo na calçada, o dia que você não tem sensibilidade, não sofre quando você vê o povo pegando o lixo no caminhão para comer o dia que você vê crianças desnutridas e você não tem sensibilidade, estamos perdendo a coisa sagrada no ser humano que é o direito de se indignar e somente uma sociedade indignada, ela consegue fazer um governo sério. Então é o seguinte esqueça o Lula, esqueça o PT, mas briguem pelo país. Por isso é que eu coloquei a questão da soberania: a Petrobrás não é uma empresa, a Petrobrás é um patrimônio, olha se teve alguém que roubou na Petrobrás, puna o ladrão, ora o que o Barusco fez, o Barusco que fez uma lista de ilícitos delito que ele cometeu, e ele era um funcionário de terceiro escalão. Quando o Paulo Roberto foi preso e o Duque, eles já estavam fora, já tinham sido mandado embora da Petrobrás, então ele porque vai quebrar a empresa? Desmoralizar a empresa? Criar uma imagem negativa da empresa, sabe, por que essa empresa é um patrimônio deste país. Prenda todo mundo e deixa a empresa funcionando, mantenha a capacidade produtiva, mantenha a capacidade de investimento da empresa mantenha a empresas de engenharia produzindo. Teve corrupção, teve corrupção, prende o corrupto e deixa a empresa funcionar, gerar emprego que é o que país então precisa neste país.

José Trajano: Eu queria dizer, “esqueça o Lula” não é possível esquecer o Lula por várias maneiras, mas tem uma coisa que aflige a todo mundo que faz uma crítica nas redes sociais, nas ruas faz uma crítica ao governo Bolsonaro, por essas medidas esdrúxulas aí, sabe qual é a resposta e vem responder em cima da crítica direta “não ele não fez isso, que a arma não sei o que” você defende o Lula ladrão? A resposta vem em cima do Lula.

Lula: Também devido ao que eu vi ontem na televisão, eu vi ontem uma tentativa sórdida, uma coisa, é uma coisa que não dá pra acreditar também que o Reinaldo Azevedo é um cara que sempre fez muita crítica ao PT, tem livros escritos contra o PT, mas ele tem tomado algumas posições, eu diria de respeito, quando o cara de direita é sério, quando o cara de direita é uma pessoa que tem rumo tem norte ele tem batido muito no Moro pelos mesmos argumentos que eu bato, o Moro deixou de ser juiz há muito tempo, o Moro, quando a mosca azul da Globo posou na testa dele, ele virou um serviçal da Globo, ele não descrevia uma sentença sem falar com a Globo, eles vazavam notícia pra Globo, é por isso que ontem eu vi a loucura de tentar desmoralizar o Glenn, a loucura, não porque foi vazado, foi hackeado foi errado, no fim das contas tudo que valia para eles agora não vale mais, o que a Globo tá é com medo de ser citada, ela tá com medo de aparecer, ela tá e olha se se tiver muita coisa gravada certamente a Globo aparece, certamente porque nada foi feito na lava jato em que eles conversassem, qual é a manchete da quinta-feira?

Aliás, tem uma coisa, tem uma coisa que aparece na gravação que o Moro cobrando do Dallagnol e daí tá demorando muito, a operação tá demorando, tem novidade? Porque eles adotaram o seguinte critério: toda vez que tiver um certo silêncio, vamos ter que fazer alguma coisa para ocupar o espaço então é normalmente na quinta-feira, pode ver que faz tempo que tudo acontece na quinta, sexta, sábado e domingo para ocupar até o Fantástico. Aí na segunda-feira começa a nova rotina até essa semana passada estava uma semana de notícia mais ou menos favorável ao Lula favorável à esquerda, favorável ao PT, não sei das quantas, quando foi da quinta-feira o que que aparece? O juiz lá de Brasília aceita uma denúncia que me envolve: aqui tem uma coisa engraçada, eu estou respondendo um processo aqui, vou prestar depoimento, em 2016 um delegado que eu não vou citar o nome dele, ele cita o meu, mas eu não vou citar o dele. O delegado disse que o amigo do Pallocci era eu, o amigo do italiano, então na época eu processei ele e qual não é minha surpresa que agora ele é o cara que vai me interrogar, então veja o absurdo ele é o cara que fez a delação do Palocci, então ele utiliza o Pallocci como argumento da sua própria defesa, após o Pallocci confirmar tudo que ele disse e o Pallocci utiliza ele para sair daqui com um bom dinheiro e viver a vida dele, que esse é o papel de delator, e só delata quem rouba, quem rouba delata, que tem dinheiro para gastar, sabe, então nós exigimos algum documento, estou esperando para prestar depoimento e só quero te mostrar eu só quero mostrar que eles se meteram no emaranhado de mentiras e conexões duvidosas que eu não sei como é que eles vão sair, ou seja, é o jeito, vocês não tem noção do que eles fizeram lá em Atibaia no sítio, eles foram pegar o caseiro, a mulher do caseiro foram de noite seis caras com carros pretos, fardados com distintivo do Ministério Público.

Juca Kfoury: Deixa eu lhe interromper, porque eu quero lembrá-lo na série de conversas que tivemos com o senhor para fazer este livro houve um momento que eu lhe fiz uma pergunta que foi talvez nas 15 horas de conversa que nós tivemos um momento que o senhor ficou irritado é e que infelizmente acabou não fazendo parte porque na edição coisas têm que ser dispensadas e esta foi. Eu fiz uma pergunta dizendo o senhor o seguinte: se eu recebesse da polícia federal o documento rasurado do tríplice eu teria publicado sem ouvir. O senhor ficou bravo, bateu na mesa, virou para mim e falou assim: “Juca, eles entraram na minha casa levaram tudo há seis meses e eu nunca mais pude ver nenhuma das coisas que levaram da minha casa. Quem lhe garante que não foi rasurado na polícia?” E eu me lembro que eu me dei conta que eu tinha feito a pergunta de maneira errada, e que o senhor tinha um motivo para ter se irritado e passados os 15, 20 minutos os outros três perguntavam e eu não. O senhor virou para mim e de repente disse: “Juca, é para perguntar, você não veio aqui para perguntar? Então pergunte.” Então vai a pergunta: o senhor acha que foi a polícia que rasurou aquele documento?”

Lula: Eu não sei, não posso ser leviano como eles foram comigo o que não é possível é alguém pegar documentos ficar com os documentos por anos, não foram meses, foram anos e depois me apresentar “isso aqui tá rasurado”, ora porque não foram vocês? Quem me diz que não foram vocês? Vocês

ficaram, então vocês podem plantar o que quiserem. Por isso é que nós, por isso que nós temos feito auditoria temos auditoria que eles a polícia federal não divulgou, não quis divulgar o Moro não aceitou divulgar porque tem nome de pessoas.

Você sabe o que eu estou fazendo Juca? Eu sou tão arrogante que eu estou desafiando os promotores da lava jato, os delegados que estão no meu inquérito, o Moro e quem mais ele quiser a mostrar a na inteligência da polícia federal, na inteligência da CIA, na inteligência do FBI, na inteligência da Secretaria de Justiça dos americanos, na Inteligência do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, a mostrar o meu nome em algum desses materiais secretos que que eles encontraram no mundo, esse material que eles não conseguem abrir, sabe? Tem muito material que eles não conseguem abrir. Nós conseguimos abrir e nós sabemos que tem nome de outras pessoas eu estou desafiando a mostrar meu nome eu tenho que ter pelo menos um euro na Suíça eu tenho que ter pelo menos uma lira, sabe, na Itália uma lira eu tenho quero ter uma libra esterlina da Inglaterra tem que ter. Não é possível que eu tenha roubado tanto e não tenha um centavo. É impossível que o Joesley depositou o dinheiro na minha conta e depois gastou com o casamento dele, comprou a ilha do Luciano Huck, comprou um barco para a mulher dele e cadê meu dinheiro? Não é possível que o Pallocci diga que foi não sei quantos milhões para mim, esse dinheiro tem que estar em algum lugar alguém pegou, Juca por favor me ajude.

José Trajano: Debaixo do colchão não vai estar porque já viraram o seu colchão.

Lula: O Instituto está quebrado, o Instituto não tem dinheiro. E esse dinheiro meu está espalhado na mão de quem? Isso aqui é um tom de desabafo, eu sei eu não quero sair falando pra você é um cara é um cara que mora no mesmo apartamento desde 1998, eu briguei muito com meus advogados que os advogados achavam que eu durante todo o período tinha que chamar empresa vai ver a qualidade do apartamento que eu morava, eu nunca falei que nunca levei. Uma vez eu briguei com o Genoíno porque eu morava numa casa e quando a imprensa começou a denunciar na questão da Lava Jato, o Genoíno queria que eu levasse a imprensa na minha casa. Eu falei, Genoíno, a minha casa é o único espaço democrático e meu, eu não vou levar imprensa na minha casa. Depois a polícia federal foi e cada policial que foi na minha casa chegou com a maquininha pendurada no peito para tirar fotografia, sabe, agora deveria criar um outro filme, a verdade *A lei é para todos* como aqueles que podia fazer um outro filme, e no filme poderia mostrar, sabe, uma calota de um carro roubado por mim, alguma coisa. E eu continuo desafiando eles porque é o único instrumento que eu tenho.

Juca Kfourri: Eu entendo sua irritação...

Lula: é que eu tenho eu acreditar que eu estou preso. O cara de 40 anos de idade, 30 anos pode ficar dois anos preso, o cara é novo. Eu não tenho mais muito futuro, meu caro, eu estou com 73 anos de idade, eu estou há um ano e meio enclausurado aqui dentro à espera de que alguém prove que o Lula é culpado que eu fico quieto. Me desmoralizem pelo amor de Deus, me desmoralizem e façam a minha

bisneta ter vergonha de mim e minha neta. Digam e provem. Então por isso que eu sou obrigado a ficar indignado.

Juca Kfourri: Presidente, perfeito, eu entendo perfeitamente.

Lula: Mas eu não posso aceitar, Moro é irresponsável, por isso que eu falo o tempo todo, pode ver que o Moro quando vai na televisão, no microfone, e não olha nos olhos. A Globo utilizou o Dellagnol ontem, falando muito tempo, ele estava com tele-prompter ele estava lá aí quem sabe bem preparadinho, e ele não tem coragem, eu adoraria, adoraria alguém me dar uma chance de ter um debate eu, Moro, Dellagnol.

Juca Kfourri: O senhor nega o senhor nega aquela frase do ex-governador da Bahia do Partido dos Trabalhadores Jaques Wagner que o PT lambuzou-se.

Lula: Veja eu acho que o PT, eu não sei se lambuzou-se que o Vaccari está preso e o Vaccari certamente fez o que todo o tesoureiro do partido fez, se você pegar conta do PSDB, ele arrecadou 300 e poucos milhões, o Vaccari trezentos e poucos milhões e eu sei que naquele momento, naquele momento a prisão do Vaccari era condição *sine qua non* para operação, sabe, ir para cima do PT. Eu não estou dizendo que ele agora aprendemos o jogo, prendendo o Eduardo Cunha. O Eduardo Cunha tinha que ser preso independentemente de lava-jato. Todo mundo que faz política sempre soube do comportamento do Eduardo Cunha, é bom que o que eu acho é que nós precisamos colocar o país...

Juca Kfourri: Mas não falta essa autocrítica do PT? É que o senhor se recusa por que os outros fizeram igual?

Lula: Não, não, não Juca, pelo amor de Deus, nunca vamos ver o seguinte que foi no meu governo sabe e no da Dilma no meu com Márcio [Tomaz Bastos] no meu com Tarso [Genro] e no governo da Dilma com o Zé Eduardo [Cardoso] que nós criamos todos os mecanismos de apuração, veja nós chegamos a criar uma coisa chamada a Lei da Transparência, que Bolsonaro acabou e todo mundo que exigia que o PT fizesse e não cobrou nada que ele acabou com uma lei de transparência. No governo do PT as pessoas sabiam qual era o papel higiênico que a presidenta Dilma utilizava, se ela chupava um chiclete porque a gente queria escancarar. Hoje porque ninguém cobra isso? Então o PT, o governo do PT criou mecanismos de proteção da coisa pública se alguém do PT cometeu erro, eu vou dizer pra você, tem que pagar e igual e não foi feito quando nós fizemos a lei não foi feita para todos? Foi feita pra nós. Então o que eu quero é o seguinte: querem me punir? Ótimo, a lei é para todos. Ótimo agora todos têm que ser julgados com respeito à constituição, com respeito à lei e com provas, eu não posso prender o meu vizinho porque eu não gosto dele.

Então eu estou há um ano um ano e dois meses aqui, só querendo isso eu quero que leiam quero que analise, eu quero que ele fique, bom a chácara do Lula? O Lula influenciou na compra do avião da Dilma? Eu levei como testemunha o Nelson Jobim que era Ministro da Defesa, o brigadeiro

Salles era o brigadeiro que era comandante da aeronáutica. Alguém lá, algum imbecil disse, sabe, que eu tive influência. coloquei até o primeiro-ministro da Suécia como testemunha, coloquei o Sarkozy como testemunha, a Dilma como testemunha um governo inteiro como testemunha, porque de repente o cidadão inventa uma mentira e eu sou obrigado a correr atrás de justificar essa mentira então, eu na verdade, eu estou cansado de remar contra a maré, eu queria um pouco a maré pelo menos mansa, eu tenho bursite, eu não posso nem dar muita braçada, mas eu fico irritado porque a desfaçatez com que a empresa corrobora -gostou? Corrobora! Então corrobora com as mentiras é uma coisa, é uma coisa muito grave.

José Trajano: Presidente, nós estamos aqui representando algumas outras pessoas também, que não têm essa oportunidade de entrevistá-lo. Trouxe aqui uma pergunta do Frei Betto, por exemplo, outra do Mário Magalhães, que tem aquele a biografia de Marighela é exemplar

Lula: Acho que vai virar filme também...

José Trajano: Vai, foi liberado agora para fazer esse filme vai estrear em novembro. Pergunta que o Mário Magalhães que está lançando um livro sobre 2018, um livro muito importante, que faz um balanço dos acontecimentos do ano complicado para nós brasileiros. Aí ele fala de balanço, qual o seu balanço das nomeações feitas pelo senhor e pela presidenta Dilma para o supremo tribunal federal, que critérios foram considerados para as nomeações?

Lula: É muito importante, é uma pergunta é muito importante, primeiro porque você quando vai ter que indicar uma vaga, você tem gente que apresenta currículo você tem uma entidade que apresenta currículo, você tem muitas vezes a instituição de advogado que apresenta currículo, sempre é sempre um monte de gente que apresenta currículo, vem currículo apresentado por entidades da própria OAB, e você faz uma operação, nem sempre é um cara só, às vezes até cinco caras, seis caras, sete caras e todo mundo tem um bom currículo. Eu não me arrependo das pessoas que indiquei que a pessoa pensou que eu ia dizer que replantou Joaquim [Barbosa], por exemplo, o Joaquim, eu tinha interesse de fazer com que a Suprema Corte tivesse um negro, aí achamos o Joaquim. Márcio Tomaz Bastos^{xix} me traz o currículo do Joaquim. Baseado nisso, eu conversei com o Márcio, “vamos indicar o Joaquim” ele tinha currículo para ser, sabe, então não tenho arrependimento, você quando você não sabe como é que as pessoas assim, a Carmen Lúcia, eu indiquei a Carmem Lúcia, as pessoas que pediram pela Carmem Lúcia eram pessoas importantes que você levaria em conta, o Ayres Britto, ele foi motorista meu quando ele era advogado do Sindicato dos Trabalhadores de Empresas Estatais de Sergipe. Fazia tempo que eu não via ele, quando entra na minha sala o Bandeira de Mello e o Fábio Comparato dizendo: “Oh presidente, o senhor terá chance de indicar o primeiro ministro da Suprema Corte de esquerda”. Eu fiquei muito feliz aí fomos fazer o adágio ele tinha currículo para ser ministro. Eu fui alertado depois pelo finado Zé Eduardo e pelo finado Marcelo Déda: “tome muito cuidado porque ele é muito vaidoso, ele gosta muito de si mesmo, ele, se escrever um livro o título

será *Eu me amo*". Eu não levei muito em conta e indiquei, é eu acho que como eu nunca pedi recompensa nem favor pessoal sabe? Eu acho que essas pessoas tiveram um papel importante na questão da célula tronco, sabe? Na reserva indígena [Raposa Serra do Sol] tiveram um papel importante na união civil, nas cotas, então eu posso não concordar politicamente com alguma coisa, mas eu sinceramente, o Toffoli era um companheiro com quem eu tinha uma boa amizade, o Toffoli era advogado do PT eleitoral, sabia Direito. O Pelluzo aqui de São Paulo, eles eram cidadãos conservadores mas que me têm uma conduta, eu não me arrependo. O cara às vezes vota uma coisa que eu não gosto, paciência, também não indiquei para votarem para mim eu nunca e vocês podem conversar com eles, eu nunca pedi pra ele, eu vou eleger você mas você, quando eu precisar você tem, nunca, quem fazia isso que diziam, era o Antônio Carlos Magalhães, que juntava os desembargadores lá no jantar da casa dele, e todo mundo me dizia. Eu nunca fiz, porque eu aprendi, sabe, aprendi que se a gente respeitar a República, a unidade das instituições, a gente só ganha com isso. Agora eu espero que as pessoas pensem no Brasil.

José Trajano: Mas esse pacto do qual faz parte o da Corte Suprema...

Lula: O Toffoli cometeu um pequeno grande engano o parecer de uma reunião para fazer pacto, o presidente da suprema corte, ele não faz pacto, ele tem que ficar na expectativa de que o governo faça o pacto com quem quiser e na medida em que houver um processo ele vai julgar como presidente da Suprema Corte, então ele não pode ser parte do pacto, como o da Reforma da Previdência.

Juca Kfourri: O presidente na hora que ele entrou aqui isso, quando viu, Trajano e eu não sei se surpreendeu, nós dois os entrevistadores o senhor já sabia que seríamos nós dois o senhor disse: "enfim vou falar um pouco do Corinthians" e não falamos ainda do Corinthians e temos mais 20 minutos aqui pra nossa conversa, o senhor tem visto o Corinthians?

Lula: Eu acho que vou falar do Corinthians, mas eu precisava falar um pouco do povo brasileiro porque eu acho que é coisa grave. Corinthians em seguida eu não sei o que está acontecendo com o Corinthians o time do Corinthians é o mais fraco dos últimos tempos, sabe? O Carlito consegue fazer milagre, eu sinceramente é eu nunca vi um cara fazer tantos milagres com pouco santo saindo ainda o melhor jogo que o Corinthians fez um jogo com o Flamengo da Copa do Brasil família jogo do ano, mas eu acho que o Corinthians não está entre aqueles que disputam o título neste ano. Nós estamos sem dinheiro, não dá pra comprar grande jogador vamos levando. Aliás, o futebol brasileiro está vivendo uma situação engraçada é porque o Palmeiras, o Palmeiras está comprando o jogador tem dois ou três em cada posição, talvez seja o primeiro a se dar ao luxo de comprar jogador para colocar na reserva. É um time que está um pouco acima do nível dos demais e isso é inexorável, para minha tristeza. O Palmeiras está um nível acima, enfim não implica, sabe que ele vai ganhar também.

Juca Kfourri: A exemplo do que o senhor fez na Copa do Mundo, o senhor vai comentar a Copa América?

Lula: Eu não sei, a novidade que tinha um boleto na copa eu vou ver a eu acho que a seleção também não tá, eu fiquei triste de ver o estádio Internacional vazio, [16 mil pessoas para ver a seleção brasileira] também o aquele era preciso pensar bem a seleção brasileira que eu sabe que uma vez motivo uma briga com o meu querido companheiro Manoel da Conceição que ainda mora em Imperatriz e está bem velhinho. A gente estava em 82 na reunião do PT lá em Bragança Paulista ia começar o jogo do Brasil, acho que era da Copa do Mundo e eu queria assistir de colocar televisão na sala e uma lenda como a Maria da Conceição Tavares disse, "vamos virar as costas" e eu disse: querida você pode virar as costas, pode sair por aquela porta você, pode ficar bem quieta, como você quiser, mas eu vou ver o jogo do Brasil, eu gosto do futebol e eu não quero que a seleção perca nunca, mas nós estamos fracos, acho que não é tão fraco e eu sinceramente acho que a seleção jogou mais solta sem o Neymar.

José Trajano: Mas também o adversário era brincadeira.

Lula: A tabela na área adversária foi impressionante, obviamente que não dá para medir não dá pra medir nem o Qatar e nem Honduras, mas vamos ver agora como a gente se comporta.

José Trajano: Faltou, falando de futebol, uma palavra sobre futebol feminino que nunca teve tanto destaque como agora. Apesar da nossa seleção não ser tão forte como as outras como já foi a como já foi, temos a Marta e tal, a Cristiane, fazer o gol está havendo um grande, milhões de pessoas bilhões de pessoas no mundo inteiro estão acompanhando essa Copa do Mundo feminina mas como é que ia ver o futebol feminino?

Lula: Primeiro, ela não tem muita importância no Brasil lá fora tem maior, tem nos Estados Unidos, tem nos países nórdicos, tem muito na Austrália, tem na China tem sabe eu acho que até um conselho para mulheres que defendem as mulheres e feministas mesmo, que deveria valorizar o futebol feminino eu acho legal essa ideia de que cada time do brasileiro tem que ter um time obrigado a ter um time feminino, acho extraordinário esse é um avanço extraordinário e eu acho que eu fico até feliz que tem televisão transmitindo, pela primeira vez na vida que estão transmitindo não apenas um canal, tem outros canais transmitindo então eu fico feliz acho que a Marta, e sabe embora esteja já um pouco sabe com idade mas eu acho que ainda continua sendo amais importante jogadora do Brasil, tem uma cabeça boa, eu vi a história dela esses dias: quando a pessoa nasce onde ela nasceu, passa o que ela passou e chega onde ele chegou, foi o que é porque tem uma coisa chamada Deus, que muita gente não quer acreditar, porque eu sinceramente eu digo até por mim...

José Trajano: Foi um exemplo que você deu.

Lula: Eu fico perguntando como é que pode um cara, sabe, que só tem um diploma primário, um cara que era torneiro mecânico com o cara que tinha tanta gente disputando a presidência chega a ser presidente, só pode ter ajuda de um partido a ajuda de amigos e eleitores e um dedinho de Deus, amigo. Pode ser, então eu fico muito feliz com o que está acontecendo com o futebol feminino. Aliás, o meu sonho, Juca, uma coisa é verdade nós brigamos para ter as olimpíadas no Brasil, mas não brigamos para ter a copa do mundo. A Copa do Mundo já estava escolhida, a copa do mundo já estava escolhido que como teve o rodízio de continentes sabe, depois da África era a América do Sul e a América do Sul era o Brasil que tinha feito só em 50 né? Uma coisa que eu queria pedir para você eu sei que você de vez em quando faz críticas duras, mas eu queria que você fosse ao Tribunal de Contas da União procurasse um ex-ministro o tribunal de contas chamado Valmir Campelo, que foi o ministro designado para apurar corrupção na copa do mundo nos estádios. Eu estou dizendo isso, Juca porque eu o procurei e tem um relatório feito por ele que não aponta denúncias de corrupção nos estádios. Eu tive um tempo, e essa história eu não te contei, teve um tempo que eu chamei para conversar o senhor Roberto Setúbal, que é patrocinador, a Ambev que era patrocinadora, o senhor João Roberto Marinho que era o responsável pela transmissão e depois eu fui a Brasília conversar com a Dilma, porque a copa do mundo estava sendo avacalhada e ninguém estava defendendo. Eu fui de pessoa falava pouco falava para o Banco Itaú, você tá fazendo propaganda pra quê? Porque você não capricha na propaganda para motivar a sociedade? Parecia que havia o objetivo de destruir a copa do mundo eu acho que a seleção brasileira tomou aquele 7 X 1, como é que o jogador recebe o público inteiro mandando a presidenta ir para aquele lugar? Eu nunca tinha visto aquilo, nunca tinha visto aquilo na minha vida e não tinha um negrinho, pode ver um negro é plural estádio, então eu até queria por você é um cara muito interessado nisso e eu sei da sua briga para moralizar o futebol mas é importante porque o tribunal de contas designou o ministro para investigar corrupção na copa do mundo e o relatório dele é que não tem corrupção e no imaginário da opinião pública tem corrupção em tudo que é lugar. Eu queria te dizer isso porque eu fui atrás.

Juca Kfour: Ok, eu vou atrás, sabe o nome do ministro.

José Trajano: Eu achei um exagero ter aquele número de sedes, achei que não deveria ter tido tantas sedes assim.

Lula: Aí meu caro, aí foi decisão do Ricardo Teixeira e da FIFA. Eu tenho certeza que o Orlando [Orlando Silva, ministro do Esporte] também não se meteu nisso, porque por mim sabe, se entrasse, se entrasse Mato Grosso seria o Mato Grosso do Sul onde tem a maioria do pantanal. Se entrasse um estado do norte não deveria ter sido a Amazônia deveria ter sido o Pará que é onde tem muito mais futebol do que na Amazônia. Poderia ter colocado em Santa Catarina sabe que tinha naquele tempo quatro times no brasileirão e eu acho que oito estádios estava de bom tamanho. Eu nunca, Juca eu nunca defendi estádio para o Corinthians na Copa do Mundo...

Juca Kfourri: O senhor defendeu o Morumbi...

Lula: Defendi o Morumbi, eu levei o Serra, o Kassab, o Juvenal, o Ricardo Teixeira e Blatter: “tem que ser o Morumbi está pronto, o Morumbi” e agora vai servir para a Copa América.

José Trajano: Vai ser a abertura.

Lula: Qual foi a pergunta do Frei Betto?

José Trajano: A pergunta dele foi “você considera a Vaza jato um ato de justiça suficiente pra você e por quê?”

Lula: Olha, deixa eu falar: qualquer coisa que venha a público que possa fortalecer aquilo que eu venho dizendo, eu não estou dizendo agora, não é o Intercept que tá me obrigando a dizer isso, eu venho dizendo isso antes de ser julgado, antes de ser condenado, e antes de ser preso. Eu sou inocente e desafio meus acusadores a mostrar uma prova concreta. A minha condenação se dá por um crime chamado, ele cometeu um crime de fato indeterminado, então o juiz que me julgou não sabe qual o crime que eu cometi, mas tem que ser condenado porque o nome dele é Lula, esse é o fato concreto quando chega no TRF-4 ele nem lê ou o processo... Era preciso me condenar para me incluir na ficha limpa. Mesmo estando na ficha limpa quando chegou o processo eleitoral eu tinha certeza, meu caro Frei Betto, que eu ganharia as eleições daqui de dentro da cadeia, eu tinha certeza que eu ganharia as eleições aqui dentro da cadeia, quando eu fui pego de surpresa porque os meus advogados, todos os que me orientavam, não há como pela legislação eleitoral eles evitarem que o teu nome vá até a urna, você vai concorrer sob judice. Se eles quiserem te cassar, vão te cassar depois, antes de você se diplomar. Então essa era convicção que eu tinha do meu advogado aqui dentro. Aí veio o Barroso^{xx} e toma aquela decisão, que tomou, que eu não podia concorrer sob judice.

José Trajano: De qualquer maneira, então respondendo ao Frei Betto esse vazamento é um ato de justiça que começa a acontecer.

Lula: Veja, é porque como eu vinha dizendo da minha inocência, da minha inocência, da minha inocência, tinha gente que achava: “oh Lula, não briga com o Moro, não briga com o Moro, não briga com o Moro”, mas eu estou brigando com o Moro, estou brigando com um mentiroso, ele não merece ser juiz, ele é pedante, ele é arrogante. Ele é, a cara dele na televisão, porque foi fazer um curso em Havard, pensa que é importante, ele que cuida do curso dele eu quero que ele seja honesto eu não sei se ele tem filho, mas eu não sei, se ele tiver filhos e tem coragem de olhar para a cara do filho e dizer que está sendo honesto então eu não posso perdoar eles, se for o caso, até perdoo no futuro porque eu sou um ser humano sabe, que perdoo, mas eu não posso admitir eu quando vejo a cara do Dallagnol, aquela cara de menino messiânico, menino que aprendeu a jogar bolinha de gude no carpete que aprendeu a empinar papagaio na frente do ventilador, querer ser o porta-voz da honestidade nesse país e depois estava por detrás do pano fazendo um acordo para pegar dois milhões

e meio para criar um fundinho dele e tem mais vai chegar a 13 bilhões existe documento, existe filme sabe, na hora certa como aconteceu agora com o Glenn, na hora certa vai acontecer muita coisa neste país. Eu, como vou viver até 120 anos, eu sinceramente eu estou preparado para isso, eu estou achando que Deus vai me dar uma colher de chá pera aí, o cara que passou pelo que eu passei viu, um cara sabe que ficou viúvo duas vezes, eu sou bi-viúvo, fiquei dois anos com a Lourdes, depois ela morreu depois com a Mariza 43 anos agora, estou pensando em me casar outra vez.

Juca Kfourri: Eu se fosse essa moça tomava muito cuidado (risos).

Lula: Eu acho que ela tem que ter cuidado, mas eu quero seguir, o meu futuro não é mais de 30 anos, o meu futuro é pouquinho eu, você sabe que eu quando a gente nova gente não pensa na morte né, a gente não pensa na morte, nada vai acontecer. Agora que eu estou com 73 anos de idade eu fico com medo. Morreu a Beth de Carvalho 73 anos, ah morreu não sei que eu cresci.

José Trajano: Eu penso igualzinho, estou com 72 e penso a mesma coisa.

Lula: O pensamento agora então, e vai morrendo todo mundo perto da gente, eu espero eu espero e estou levando e torcendo portar na margem dos que vão me ver e eu não posso acompanhar se a conversa eu sou muito mais moço que vocês dois é nós

Juca Kfourri: Eu sou muito mais jovem, não consigo acompanhar essa conversa. Temos cinco minutos apenas para a sua fala e eu queria que eu fizesse essa fala claro desde que o senhor concorda eu vejo essa sua preocupação o que a esquerda tem que fazer no Brasil hoje.

Lula: Olha, é, eu primeiro queria viver ao povo brasileiro de que não há na história da humanidade sociedade que consiga vencer os obstáculos se ela se encolher se ela deixar de fazer, se ela se acovardar, se ela deixar de brigar diante da adversidade. Eu sei que tem muita gente assustada com o tipo de governo que o Bolsonaro está fazendo, e acho que a única coisa que pode consertar isso é o povo brasileiro não permitir que ele destrua aquilo que o povo brasileiro construiu ao longo de 500 anos se não construiu mais é porque não foi possível construir mais, mas o que não dá é pra gente perceber esse país voltar a ser uma república de banana, não dá pra ver esse país tendo o ministro de relações exteriores que tem, envergonhando Brasil em qualquer lugar do mundo; não dá pra gente ter um ministro da fazenda que só pensa em vender patrimônio e destruir as coisas que a gente conquistou não dá para você ter uma equipe de dirigente que acha que tudo que foi avanço vire prejuízo e que precisa então a gente voltar trabalhador a não tem que ter carteira assinada, tem que ter trabalho intermitente, trabalhador não tem que ter um emprego fixo; trabalhador tem que fazer bico após; o trabalhador aposentado não tem aposentadoria solidária, tem que ter uma aposentadoria que ele sozinho tenha que pagar sua aposentadoria, sem saber como quem sabe quando ele ficar desempregado quem vai pagar a aposentadoria dele.

O que nós temos que fazer? Nós temos que lutar. Eu acho que os partidos de esquerda é muito difícil a gente fazer, é fácil a gente falar, mas precisa construir um programa mínimo eu acho que o programa mínimo se dá em torno de uma coisa chamada soberania nacional. Nós precisamos traduzir para o povo brasileiro o que significa soberania nacional: soberania nacional significa a defesa dos interesses do seu país feita pela totalidade da sociedade nós temos a nossa fronteira dentro da nossa fronteira nós temos nosso povo sabe o nosso povo quer educação; o nosso povo quer cultura; o nosso povo quer investimento em ciência e tecnologia nós temos a nossa floresta nós temos a nossa diversidade; nós temos a nossa água; nós temos a nossa riqueza no solo e no subsolo, tudo isso é um patrimônio desse país soberania significa você defender tudo isso e colocar tudo isso a serviço da sociedade brasileira. Quando a gente vende a Embraer para a Boeing, a gente está se desfazendo de um patrimônio tecnológico do povo brasileiro, entregando para a Boeing; quando a gente começa a entregar o pré-sal a gente está entregando a possibilidade desse povo ter um futuro melhor e utilizar o dinheiro para investir na formação, na educação e pesquisa, em ciência e tecnologia, então o povo precisa se dar conta disso. Não é possível, não é possível que as pessoas comecem a vender a Eletrobrás já estão vendendo e não haja reação. Quando eu cheguei à presidência, a indústria naval tinha pouco mais de dois mil trabalhadores e chegamos a 82 mil trabalhadores para produzir navio para transportar as cargas. Acabaram com isso em nome do quê de que? Dizer que na Coreia é mais barato. Ora e o nosso país e a nossa ciência e tecnologia e o nosso emprego, e o nosso salário e a qualidade de vida desse povo? Eu quando vejo o discurso de que vão transformar Angra de Reis em uma Cancún é de uma aberração, primeiro porque turista em Angra, lá tem uma usina nuclear. Será que os magnatas que vão para Cancun vão querer ir para um lugar que tem usina nuclear? Segundo o bando de de... não vou falar o que eu pensei, é preciso tomar cuidado. Angra é bonita do jeito que ela está do jeito que o povo gosta. O que precisa na verdade é permitir que aquelas ilhas sejam utilizadas e visitadas pelo conjunto da sociedade brasileira.

Então, eu queria dizer, Trajano, de todo coração olha não há nenhuma razão pra gente não levantar a cabeça e não brigar. Se você tiver um governo bom, eu digo sempre o seguinte era difícil fazer oposição quando a direita elegeu Fernando Henrique Cardoso, porque todo mundo é um social democrata um cara da USP que era qualificado então era difícil a gente ser contra, mas é o Bolsonaro, a gente não tem porque não ser contra, ele é tudo diferente do que a gente pensa ele não quer conviver democraticamente; ele odeia a democracia; ele odeia o PT; ele odeia o povo brasileiro; ele odeia empregado de empresa nacional; ele odeia o desenvolvimento, ou seja, o que ele na verdade gosta é da ignorância de que ele se cercou, que fica alimentando essa babaquice.

Juca Kfoury: Presidente Lula muitíssimo obrigado por essa entrevista, espero que a próxima a gente possa fazer com o senhor em liberdade.

ANEXO H - Entrevista de Lula ao jornalista Marco Weissheimer do Jornal Sul 21, em 3 de julho de 2019⁹⁶

Na segunda parte da entrevista Lula fala sobre racismo estrutural, preconceito de classe e de raça.

O Moro está se transformando em um boneco de barro' (1)

Preso há mais de um ano e quatro meses nas dependências da Superintendência da Polícia Federal, em Curitiba, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva procura manter-se atualizado sobre a conjuntura política do país e do mundo por meio dos canais que são a ele autorizados. Sem acesso à internet, pode acessar canais de TV aberta e receber informações por meio de arquivos em pen drives, papéis impressos ou relatos de seus advogados, assessores, amigos e companheiros de partido. Com essas limitações e a privação de liberdade, a leitura e as conversas tornaram-se algumas de suas práticas mais cultivadas.

Na manhã desta quarta-feira (3 de julho 2019) Lula recebeu o Sul21 para uma entrevista exclusiva. O ex-presidente chegou escoltado por um agente da Polícia Federal à sala reservada para as entrevistas no prédio da Polícia Federal. O protocolo do encontro previa apenas um cumprimento rápido do entrevistado com os entrevistadores. A conversa iniciou logo e se estendeu por cerca de uma hora e quarenta e cinco minutos. No início da entrevista, Lula estava mais interessado em falar sobre os fatos políticos mais recentes da vida política nacional, em especial **o caso da Vaza Jato**, com a revelação de mensagens envolvendo o ministro Sérgio Moro e procuradores da Lava Jato. Publicamos a seguir a primeira parte dessa conversa, onde Lula também fala sobre aquilo que considera sérias ameaças à soberania que pairam sobre o país. Nos próximos dias, publicaremos o conteúdo completo dessa conversa.

Marco Weissheimer: Gostaria de começar por um dos fatos mais recentes da conjuntura que é a chamada Vaza Jato, com a divulgação de mensagens envolvendo o então juiz Sergio Moro, o procurador Deltan Dallagnol e outros procuradores ligados à Operação Lava Jato. Hoje ministro da Justiça, Sergio Moro esteve ontem (2) na Câmara dos Deputados falando sobre o assunto. Ao mesmo tempo que nega a veracidade dos conteúdos divulgados, ele diz que, mesmo que fossem verdadeiros, não trariam nada demais. Nesta audiência, Moro não reconheceu, mas também não negou, que o jornalista Glenn Greenwald esteja sendo investigado pela Polícia Federal pela publicação das mensagens no The Intercept. Como o senhor, que também foi alvo de vazamento de comunicações, está avaliando esse caso e o significado do que foi divulgado até agora?

⁹⁶A ÍNTEGRA da entrevista que o ex-presidente Lula concedeu ao Sul21 em Curitiba. Marco Weissheimer. **Sul 21**, 03 jul. 2019. 1 vídeo (11 min). Disponível em: <https://www.sul21.com.br/areazero/2019/07/a-integra-da-entrevista-que-o-ex-presidente-lula-concedeu-ao-sul21-em-curitiba/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Lula: Estamos vivendo um momento *sui generis* no Brasil. O Moro está se transformando em um boneco de barro. Ele vai se desmilinguir. Como Moro e a força tarefa da Lava Jato, envolvendo procuradores e delegados da Polícia Federal, inventaram uma grande mentira para tentar me colocar aqui onde estou, eles agora têm que passar a vida inteira contando dezenas e dezenas de mentiras para tentar justificar o que eles fizeram, tudo isso com muita sustentação da Globo. A Globo faz um esforço incomensurável para manter a ideia de que os vazamentos são falsos, são obra de hackers, etc. Mas ela não se preocupou com isso quando divulgava vazamentos ilícitos que recebia do Dallagnol e do Moro. Minha família que o diga.

Agora, eles tentam passar para a sociedade a ideia de que, quem está criticando o Moro, é contra a investigação de corrupção. Temos a oportunidade de colocar esse debate em dia. Em primeiro lugar, um juiz não combate a corrupção. Quem combate a corrupção é a polícia. O Ministério Público acusa e o juiz apenas julga. E o juiz não deve julgar com base na cara do réu, mas sim com as informações que ele tem nos autos do processo, avaliando se são verdadeiras ou mentirosas. Eu não estou falando do conjunto da Lava Jato porque se alguém roubou tem que estar preso. Foi para isso que o PT, tanto no meu governo quanto no governo da Dilma, criou todos os mecanismos jurídicos para colocar ladrão na cadeia.

Eles agora tentam salvaguardar o comportamento do Moro e da força tarefa acusando os que são contra eles de serem favoráveis à corrupção. O dado concreto aqui é que estou falando do meu caso e no meu caso eu posso olhar para você como se estivesse falando para o Moro e dizer “Moro, você é mentiroso. Dallagnol, você é mentiroso e os delegados que fizeram o inquérito são mentirosos. Eu sei que é difícil e duro falar isso. É uma briga minha, um cidadão de 73 anos de idade, contra o aparato do Estado, contra a Receita Federal, Polícia Federal, Ministério Público e uma parte do Poder Judiciário. Somente quem sabe que eu estou dizendo a verdade é o Moro, o Dallagnol, o delegado que fez o inquérito e Deus.

Marco Weissheimer: Quais seriam essas mentiras exatamente?

Lula: No meu caso, todas. Eles sabem que eu não sou dono do apartamento, eles sabem as mentiras que contaram para trazer o caso para Curitiba, porque ele deveria ter sido julgado em São Paulo, eles sabem que eu não sou dono do sítio de Atibaia. Acontece, meu caro, que não era possível dar o golpe na Dilma e deixar o Lula ser candidato a presidente em 2018. Era preciso tirar o Lula da jogada. Para fazer isso, era preciso criar um empecilho jurídico e aí inventaram essa quantidade enorme de mentiras a meu respeito.

O Moro deveria mostrar que é um homem decente entregando o celular dele à Polícia Federal que é subordinada a ele. O Dallagnol poderia entregar o celular dele. Enquanto está sob suspeita, o Moro poderia pedir licença do Ministério da Justiça e não ficar se escondendo atrás do cargo. Se ele mentiu, precisa ter coragem de assumir o que fez. A Lava Jato é uma operação que se transformou em um partido político. A Globo se apoderou da Lava Jato em um pacto que ela fez com Moro e

Dallagnol. Todas as mentiras que eles contavam eram transformadas em verdade no Jornal Nacional. Eu digo isso porque sou a grande vítima disso. Deve ter mais de 100 horas do Jornal Nacional contra o Lula e deve ter mais de 100 horas favorável ao Moro. Ainda agora vejo o esforço da Globo tentando tornar o Glenn um bandido para manter o Moro, que agora esquece tudo. Quando a gente ia prestar depoimento, ele fazia perguntas sobre fatos de quinze, vinte anos atrás. Só faltava perguntar: “quando você estava no útero da sua mãe, você se mexia para a direita ou para a esquerda?”. Ele agora esquece tudo, não sabe mais o que falou no telefone. Ele sabe da conversa dele com o Dallagnol e da conversa do Dallagnol com os procuradores. Só falta coragem para assumir.

O seu Moro tem que ter a coragem de dizer a verdade. Ele, um dia, nem que seja no dia da extrema-unção, vai ter que pedir desculpas à sociedade brasileira pela mentira desvairada que ele contou ao meu respeito. É só isso que eu quero. Quem roubou neste país que vá pra cadeia, seja pequeno, grande ou médio. Mas quem é inocente tem que ser absolvido. A única coisa que eu quero é que alguma instância do Poder Judiciário leia o mérito do meu processo e tome uma decisão. Depois da mentira do Moro veio a mentira do TRF4. Eles nem leram o meu processo. O presidente do TRF4 não tinha nem lido e disse que a sentença do Moro era excepcional. Eu fui julgado a toque de caixa, antes que prescrevesse, porque o objetivo era não permitir que eu fosse candidato em 2018. Não é possível, em pleno século 21, alguém ser vítima do Poder Judiciário como estou sendo. Eu não creio que todo poder Judiciário é assim, mas essa parte se notabilizou por mentir a meu respeito.

Marco Weissheimer: Neste tema da soberania nacional e da defesa dos interesses econômicos nacionais chama a atenção a posição das Forças Armadas que vêm apoiando as medidas de desmonte e venda de patrimônio que foram citadas aqui. Mesmo no período da ditadura, os militares adotaram algumas posturas de enfrentamento aos interesses dos Estados Unidos, como foi o caso do acordo nuclear com a Alemanha. Na sua opinião, houve uma mudança drástica do pensamento dos militares brasileiros sobre o tema da soberania nacional?

Lula: Os militares brasileiros, no período da ditadura, não desmontaram a economia nacional. Pelo contrário, fortaleceram o processo de industrialização no país, criaram programas como o do etanol em função da crise do petróleo. Não sei se é uma posição do conjunto das Forças Armadas, mas o que estamos vendo agora, por meio da posição de alguns militares que falam pelo governo Bolsonaro, é um total desinteresse pela soberania nacional e uma disposição para vender tudo. Eu disse em outra entrevista que um militar que não defenda a soberania nacional e não é nacionalista nem deveria chegar a general porque a obrigação das forças armadas é defender os interesses do país e de proteger o povo contra inimigos externos. A entrada totalmente desregulamentada do capital estrangeiro para explorar as riquezas brasileiras significa abrir mão da soberania do país.

Embora o Bolsonaro bata continência para o Trump, ele está na contramão dele. O Trump é um direitista que utilizou como discurso o fortalecimento do Estado nacional. Resolveu comprar briga com a China, dizendo que era preciso gerar emprego nos Estados Unidos. O Bolsonaro faz exatamente

o contrário. Ele está desmontando o Brasil, desmontando a possibilidade de gerar emprego neste país a troco não sei do quê. O que está acontecendo no Brasil é muito estranho. O país está passando por uma metamorfose doentia, onde a questão social não aparece em lugar nenhum. Os médicos cubanos foram embora e disseram que iriam colocar médicos no lugar deles. Já faz seis meses que estão governando e há muitas cidades pelo país que não têm um médico. A sociedade brasileira precisa acordar. O Brasil precisa ser tratado como uma propriedade de duzentos e dez milhões de pessoas que têm o direito de viver dignamente.

Veja que estou sendo muito objetivo. Não acredito que o atual presidente da República soubesse de alguma coisa porque a gente não sabe direito nem quem vai na parte de trás do avião. Tem o chefe do cerimonial que cuida dos civis e tem os militares. Alguém sabe como é que esse cidadão embarcou. Investigar isso é papel do Moro e da Polícia Federal, não do general Heleno. Mas eles não estão achando nem o Queiroz... O Queiroz enganou o Ministério Público, a Polícia Federal, está desaparecido, ninguém sabe onde está. Esse mesmo ministro, quando juiz teve a pachorra de mandar a Polícia Federal na minha casa pra pegar a minha família inteira, agora não consegue achar o Queiroz? Até agora não sabe também como um vizinho do Bolsonaro tinha cem rifles em casa. Um contrabandista, ligado às milícias e ao Queiroz... Ora, meu deus do céu. Até quando vai se mentir para a sociedade?

Acho engraçado que a Rede Globo de televisão finge que não é com ela. Se ela não puder puxar o saco, falar mal ela não fala. O esforço que eles estão fazendo para fingir que não tem nada de errado e para dizer que, quem está acusando o Moro é contra a luta anticorrupção, é muito grande. O Ali Kamel deve ser um artista para tentar ficar inventando uma proteção descabida para o Moro neste instante. Todo mundo sabe que o Glenn é um jornalista respeitado no mundo inteiro. Agora querem quebrar o sigilo da renda dele, quando o Moro não tem coragem de mostrar o celular dele. Eles tiveram a coragem de pegar um tablet do meu neto de três anos e ficaram um ano com ele aqui na Polícia Federal. E agora o ministro se recusa a entregar o seu telefone para a Polícia Federal? O Dallagnol também não tem coragem de entregar o celular dele? O que eles têm para esconder? A sociedade brasileira precisa começar a acompanhar tudo isso de perto por que a democracia é um valor incomensurável que a gente não pode perder.

Marco Weissheimer: O STF, antes de entrar em recesso, negou mais uma vez, um pedido para a sua libertação e adiou a avaliação de um habeas corpus para o segundo semestre. Após um encontro entre o presidente Bolsonaro e os presidentes da Câmara, do Senado e do STF, noticiou-se que Rodrigo Maia teria dito ao ministro Toffoli que a libertação de Lula impediria a aprovação da Reforma da Previdência. O senhor acha que esse tema vem, de fato, bloqueando a sua libertação?

Lula: Eu, às vezes, não quero acreditar no que ouço e no que leio. Você manter um cidadão brasileiro inocente trancafiado, por uma questão política, só é possível em um regime autoritário. Em um regime democrático isso não é possível. Eu adoraria que a Globo me convidasse para um debate com o Moro

e o Dallagnol para provar que eles estão mentindo ao meu respeito. Sem nenhum rancor. Só pra dizer que está na hora deles contarem a verdade. Segundo a imprensa, o comandante do Exército ligou para a Suprema Corte fazendo ameaças para não me liberarem. Eu nunca pedi para um ministro da Suprema Corte ou de outra corte qualquer favor pessoal. E não peçam pra conversar sobre assuntos que não são da minha conta. A única coisa que eu quero é que a Suprema Corte brasileira cumpra com as suas obrigações de ser o garantidor da Constituição, que não se preocupe com as manchetes de jornais ou da televisão, mas sim com os autos dos processos para tomar as decisões corretas, punindo as pessoas que merecem ser punidas e beneficiando as pessoas que merecem ser beneficiadas.

Eu vi ontem no noticiário que o Moro estava muito chateado com os deputados, questionando porque eles não estavam defendendo o Eduardo Cunha ou o Sergio Cabral. Ora, não defendem eles já confessaram que roubaram. O Sérgio Cabral já confessou não sei quantas coisas ilícitas. O Eduardo Cunha também. Por favor, Moro, não misture. Quando você mistura está mentindo. Se quiser falar de mim, fale de mim. Fale que você sabe que o triplex não é meu, fale que você inventou a história da empresa offshore no Panamá para poder me trazer pra cá. Era sua obsessão me prender desde o tempo do Banestado.

Marco Weissheimer: Que relação é essa com o caso do Banestado?

Lula: Gente, a relação do Moro com o Youssef [doleiro Alberto Youssef] é mais que uma simples delação. Aquilo que foi feito de correto na Lava Jato tem que ser mantido. Quem roubou tem que estar preso. Isso é ponto pacífico. Agora, quem é inocente tem que estar solto. Não dá pra aceitar delação falsificada como essa do Palocci. Eu não sei quantas dessas delações são verdadeiras. O que sei é que, no começo desse processo, muitas pessoas contaram que foram detidas e a primeira coisa que perguntavam era: e o Lula? Você conhece o Lula? A obsessão era tentar chegar até o Lula. Construíram todas as medidas possíveis para chegar a isso. A Polícia Federal contava mentira no inquérito, o promotor contava mentira na acusação, o Moro e o TRF4 aceitavam a mentira e a Globo transformava aquilo em verdade. Colocaram em prática aquela ideia, com a qual nunca concordei, que, para apurar corrupção, você tem que queimar a pessoa perante a opinião pública. Quando você disser que alguém é ladrão na imprensa, não tem mais como absolver.

Já falei uma vez e vou repetir. Se pegarem o Moro, o Dallagnol, TRF4 e todos aqueles que estão me condenando e colocarem em um liquidificador, o que sair como resultado não é honesto como o Lula. A minha briga neste momento, aos 73 anos de idade, com 50 anos de vida política, é provar a minha inocência. Estou afirmando que o Moro e o Dallagnol estão mentindo. Se acertaram num caso, ótimo. Se condenaram alguém corretamente, ótimo. Mas não mintam a meu respeito. Não venham me dizer que eu sou contra a Lava Jato. Eu sou contra transformar uma operação de investigação em uma ação política e foi o que fizeram em relação a mim. A Globo sabe do que estou falando. Aliás, eu acho que quem não quer que eu saia daqui nunca é a Globo.

A Globo poderia vir aqui fazer uma entrevista comigo, como você está me entrevistando. Ela poderia mandar o Bial e transmitir ao vivo. Com a Globo, como eu não confio, eu não faço gravando, só ao vivo. Ou poderia mandar o William Bonner e fazer no Jornal Nacional. Quando eu fui eleito eles não quiseram me entrevistar ao vivo? Poderiam vir aqui, sentar aí e me fazer 20 minutos de perguntas para podermos desmascarar essa gente que foi responsável pelo golpe contra a Dilma Rousseff, que fez com que chegássemos à situação em que estamos hoje e que trabalhou para evitar que eu fosse presidente da República.

Mas eu não vou permitir que o ódio tome conta da minha cabeça. Hoje eu tenho certeza, como a certeza que tenho que Deus existe, que o Moro não dorme direito. Eu tenho certeza que o Dallagnol não dorme direito e que os delegados que me acusaram não dormem direito. Eles sabem que mentiram e que, mais tarde ou mais cedo, essa mentira vai aparecer. Você sabe que mentira tem perna curta. Pode demorar, mas uma hora aparece. Vou continuar brigando por isso. Só aceito a minha inocência. Quando eu sair daqui eu vou processar o Estado brasileiro por danos morais pelos prejuízos que tive. Eles têm noção do que significa um homem honesto, de 73 anos, já estar aqui há um ano e quatro meses? E eles sabendo que sou inocente. Eu ainda tenho esperança na Justiça e vou acreditar, até o último momento, que a verdade vai prevalecer no meu caso. Se isso não acontecer, quem sabe você venha aqui fazer outra entrevista e vou dizer outras coisas que penso e que não é prudente dizer agora.

Não posso admitir passar para a história com uma safadeza. O que estão fazendo comigo é uma canalhice. Não tem outra palavra. É canalhice dos meios de comunicação, é canalhice da Polícia Federal, do Ministério Público. Quando digo Ministério Público e Polícia Federal estou me referindo ao pessoal da Lava Jato, não às instituições. O Poder Judiciário, a Polícia Federal e o Ministério Público sabem que eu respeito as instituições. Agora, ninguém dessas instituições pode se dar ao luxo de querer ser maior do que Deus e de querer trabalhar por conveniência política. Processo tem auto, tem provas. Peguem as provas e digam onde está o crime que cometi.

Eu estou falando do meu caso aqui, mas estou sabendo que o povo brasileiro está numa situação muito pior do que eu. Aquele sonho que a gente tinha de fazer com que esse país se transformasse na quinta economia do mundo – chegamos perto -, de fazer com que o pré-sal fosse transformado em um fundo de desenvolvimento para o futuro do país, de transformar o Brasil em um país que investisse muito em ciência e tecnologia, que cuidasse do meio ambiente, de suas crianças, tudo isso está sendo jogado fora. Somente o povo é que pode recuperar esse país. Temos alguns problemas extraordinários para serem resolvidos. A educação é um deles. A saúde é outro. Temos um governo que não pensa em ser humano, que acredita em fantasias e não fala mais dos problemas sociais do nosso povo. Estamos vendo o PIB cada vez crescer menos, o emprego cada vez crescer menos, menos jovens na universidade e o país virando motivo de gozação no exterior.

Marco Weissheimer: Entre os que vêm trabalhando contra a sua libertação, há quem diga que ela incendiaria o país, como já afirmaram alguns militares. Como vê esse tipo de afirmação e como avalia

o papel que poderia desempenhar, uma vez libertado, para ajudar em um processo de redemocratização do país e de enfrentamento da fratura social que vai se aprofundando, com um ambiente de ódio, violência e violação de direitos?

Lula: Eu acho uma piada quando ouço alguém dizer que o Lula não pode sair porque, se for, não aprova a reforma da Previdência, vai criar dificuldade para o Bolsonaro ou vai acontecer tal coisa. O que quero dizer para as pessoas que pensam assim é que, em primeiro lugar, eu preciso sair porque eu sou inocente. Em segundo lugar, enquanto esse coração bater e essa cabeça funcionar eles podem estar certos que estarei na rua defendendo os interesses do povo brasileiro, goste Bolsonaro ou não goste, goste general ou não goste. Não é possível a gente chegar na situação em que está chegando. Eu jamais imaginei que o Brasil pudesse entrar nessa derrocada. Jamais imaginei que o Departamento de Justiça americano pudesse induzir uma parte do Ministério Público brasileiro, uma parte da Polícia Federal e um juiz para destruir a economia brasileira. Jogar falta de credibilidade na Petrobras para poder desmontar a empresa.

Como é que acontece nos Estados Unidos, na Alemanha ou no Japão? Se uma empresa praticou corrupção, o dono da empresa é preso e ela continua trabalhando. Se não, quem paga o pato, são os trabalhadores. Quem é mandado embora é o trabalhador. Aqui foi feito o contrário. Se você amanhã descobre que a família Marinho roubou qualquer coisa, ou se é verdade que eles estão devendo R\$ 600 milhões para a Receita Federal, não tem que quebrar a empresa. Prende o dono, mas mantém a empresa. É assim que deveria funcionar o Brasil.

Eles deram o golpe em 2016 e até hoje eles falam que o desemprego é por conta da Dilma. Depois que tirassem a Dilma, tudo ia melhorar, mas tudo piorou. A economia não funciona porque é o Collor o presidente, ou o Bolsonaro, ou o Fernando Henrique Cardoso. A economia funciona quando os seus agentes – trabalhadores, empresários e investidores percebem que há seriedade na governança, previsibilidade e que o Estado está sendo indutor do desenvolvimento. O Brasil é muito desigual. Durante muito tempo o eixo Rio-São Paulo ganhou muita coisa e o Norte-Nordeste ficou no esquecimento. É preciso haver um tratamento equânime nas regiões brasileiras. Foi isso que fizemos e é por isso que o Brasil deu um salto de qualidade.

Vou citar um exemplo do teu Estado. Passei muito tempo da minha vida ouvindo dizer que a metade sul do Rio Grande do Sul estava fadada a ser uma região morta. Quando resolvemos recuperar a indústria naval brasileira e levamos os estaleiros para Rio Grande, o que aconteceu naquela região? Foi um crescimento estupendo. Chegou a ter mais de 20 mil trabalhadores nos estaleiros. O que aconteceu agora? Desmontaram tudo pra comprar navio de Singapura e da China. E o investimento para gerar emprego no Brasil? E o salário? E a alimentação do povo? Nada disso é levado em conta? Vamos virar importadores de chineses e coreanos? Como é que pode esse país chegar ao ponto que chegou?

Marco Weissheimer: O noticiário econômico vem anunciando sucessivas revisões da previsão do desempenho do PIB brasileiro para este ano. Todas para menos. O senhor conhece bem o empresariado brasileiro e estimulou um debate com eles no âmbito do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Na sua avaliação, eles estão satisfeitos com os rumos que a economia do país vem tomando?

Lula: Quando eu fui eleito presidente, botei na cabeça que eu não podia errar. Eu mirava o exemplo do Lech Walesa, na Polônia, que foi candidato à reeleição e só teve meio por cento dos votos. Em segundo lugar, o Brasil não era meu. Eu que era do Brasil. Eu não queria governar apenas a partir das minhas ideias. Por isso criei o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, reunindo empresários de todos os setores, sindicalistas, pastores da igreja evangélica, bispos da igreja católica, índios, negros, toda a sociedade participava do Conselho. Ali se discutia assuntos importantes e se formulava propostas. Muitas dessas propostas foram colocadas em prática pelo governo. Nós resolvemos que não tem um único jeito de fazer a economia crescer e era preciso muita diversificação e diversidade de investimentos.

Lembro que eu dizia para o Guido [Mantega] e para o [Henrique] Meirelles quando a gente viajava juntos: vocês falam muito da macroeconomia, mas precisam se dar conta de que o sucesso da economia no Brasil deve-se ao crescimento da microeconomia, é o sem-terra poder comprar mais semente e ter mais crédito. É o sem-teto poder ter casa e fazer um puxadinho. É a dona de casa poder fazer um empréstimo de 300 reais. Ou seja, é criar condições de espriar a possibilidade de as pessoas terem acesso a oportunidades e ao dinheiro, além da geração de empregos e do aumento anual do salário mínimo. Não tem nada para gerar mais renda do que isso. Quando criamos o programa Fome Zero, antes de transformá-lo no Bolsa Família, a Rede Globo dizia: por que não investe esse dinheiro em estrada ou faz ponte. Eu não faço ponte porque o povo não come cimento. O povo come feijão, arroz, farinha. Quando esse povo estiver com a barriga cheia ele vai ter força pra fazer ponte, estrada ou o que tiver que fazer. Essas pessoas nunca levaram em conta os milhões de deserdados que há neste país. É só você andar agora nas ruas de São Paulo para ver a quantidade de gente que está morando na rua. Talvez em Porto Alegre esteja acontecendo o mesmo. Não é possível que um país deste tamanho esteja regredindo do que jeito que está.

Se eu sair daqui, eles podem estar certos de uma coisa. Não adianta querer tirar o Lula daqui, mandar ele pra casa e colocar uma tornozeleira no bicho. Eu não quero sair daqui por caridade e minha canela não é canela de pombo. Não aceito tornozeleira. Eu quero sair daqui com 100% da minha inocência. Fora disso, esqueçam. Vou brigar pela minha inocência 100%. A única coisa que posso fazer é ficar de cabeça erguida e lutar. Eu tenho a obrigação de provar para o povo brasileiro que o Moro e o Dallagnol são mentirosos. Tenho a obrigação de provar que aqueles juízes do TRF4 do Rio Grande do Sul mentiram. Não leram o processo e já estão se preparando para me condenar noutro para evitar que eu saia daqui, eu conheço as figuras. Se eles acham que isso vai me curvar ou fazer com que eu fique quietinho, esqueçam. A única coisa que vai me deixar quieto é a minha inocência. Quando eu

estiver com a minha inocência provada, eu vou dar trabalho para quem acha que pode fazer o povo de palhaço neste país. Foi assim que eu comecei a minha vida e é assim que vou deixar a minha vida. Lutar até o último batimento do meu coração.

‘Se o Lula preso incomoda muita gente, solto, vou incomodar muito mais’

Na terceira e última parte da entrevista concedida ao Sul21, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fala sobre o papel do racismo estrutural que marca a história brasileira na configuração da atual crise política e social que vive o país. “Não faz muito tempo que acabou a escravidão neste país. Ela ainda está arraigada na cabeça da elite brasileira. Ela ainda não se conforma de ver um negro dirigindo um carro. Só se for jogador de futebol”, afirma.

Lula também avalia a situação atual do PT, considerando tudo o que aconteceu nos últimos anos. “O que eu acho que deixa eles mais nervosos é saber que eles não conseguem acabar com o PT. Nós estamos apanhando desde 2005. Não é pouca coisa. Agora mesmo nas eleições de 2018, me tiraram da campanha e o Haddad teve 47 milhões de votos. O PT vai ganhar e vai perder. Agora, pode ficar certo de uma coisa, o PT sempre estará no páreo”.

O ex-presidente também comenta as leituras que vem realizando na prisão, sugere livros, fala dos planos para um novo casamento e sobre o futuro: “A minha tarefa é não me deixar envelhecer com ódio. Todo mundo sabe que estou namorando e quero casar quando sair daqui. E quem quer casar não tem tempo de esmorecer. Quem está amando não tem tempo de ficar choramingando. O povo brasileiro merece o meu respeito. É por eles que estou resistindo. A minha vocação, meu filho, é lutar, do jeito que posso. Se isso incomoda alguém, paciência. Quando eu era pequeno, eu cantava: um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais. Então é o seguinte: se o Lula preso incomoda muita gente, pode ter certeza que, solto, vou incomodar muito mais”.

Marco Weissheimer: O senhor afirmou que jamais havia imaginado que o Brasil chegasse à situação que está vivendo hoje. Como vê a possibilidade de reverter esse processo?

Lula: O Brasil, habitualmente, foi governado para 35% da população. O restante era número. Eu quis provar que era possível governar o Brasil para 100% da sociedade. O povo tem que acreditar nisso. Não é normal, não é bíblico, não é constitucional nem humanamente correto um cidadão comer dez pães por dia e outro cidadão passar dez dias sem comer nenhum. Todo mundo tem direito a tomar café de manhã, almoçar e jantar. Está na Constituição. Todo mundo tem direito de ter uma casinha, por mais humilde que seja. Isso está na Constituição. Todo mundo tem que ter oportunidade de estudar. Tá na Constituição. Então, quem quiser fazer uma revolução no Brasil, não precisa ler o Manifesto Comunista nem nenhuma cartilha lutrotskista. É só pegar a Constituição e saber que ela permite fazer o que precisa ser feito neste país.

Mas a história do Brasil é assim^{xxi}. Toda a vez que houve um começo de revolta ou de levante dos pobres, sufocaram. Aconteceu em Canudos, em Palmares, na Cabanagem...A Revolta dos

Alfaiates, que eu estava vendo esses dias, foi poucos dias depois de Tiradentes. Mataram, enforcaram, esquartejaram e salgaram a carne do mesmo jeito porque as pessoas queriam viver melhor. Eles agora sofisticaram o método. Ao invés de matar e esquartejar, pegam o poder Judiciário, identificam quem está disposto e adotam um jeito de condenar via Justiça, mesmo que não tenha crime. É o que aconteceu comigo.

Marco Weissheimer: Durante o seu governo muita gente começou a dizer que os aeroportos estavam se tornando rodoviárias, entre outras reclamações pela emergência dos pobres em lugares que até então não frequentavam. Qual a dimensão e gravidade, na sua opinião, do problema do racismo estrutural na sociedade brasileira?

Lula: Muito grande. Eu vivi isso a minha vida inteira. Achei que era uma coisa que a gente ia superar com o tempo. No meu governo, a gente criou ‘n’ condições para valorizar a questão de gênero, a questão LGBT, os quilombolas e assim por diante. Criamos políticas, mecanismos e conselhos para tratar desses temas. Mas é uma coisa que está arraigada na consciência das pessoas. O Jessé [Souza] costuma citar sempre a questão da escravidão. Não faz muito tempo que acabou a escravidão neste país. Ela ainda está arraigada na cabeça da elite brasileira. Ela ainda não se conforma de ver um negro dirigindo um carro. Só se for jogador de futebol. Ela parte do pressuposto de que um negro dirigindo um carro é ladrão. Ela não consegue ver uma menina negra que não seja empregada doméstica. Quando nós valorizamos o salário da doméstica, com décimo terceiro, carteira profissional e férias, isso foi uma afronta para a classe média que adorava chamar a empregada de secretária, sem que ela tivesse nenhum direito.

Eu costumo contar uma história. Uma vez fui jantar na casa de um cidadão num sábado. Eu não vou dizer o nome porque a pessoa já morreu. Eu fui na casa dele comer uma feijoada. Quando cheguei na casa dele, tinha umas 30 pessoas. Ele me levou na cozinha e me apresentou uma senhora, uma negra de uns 60 anos bem forte e simpaticíssima, que estava cozinhando um tacho de feijoada. Ele disse pra mim: Olha, Lula, essa daqui é mãe dos meus filhos. Ela criou minha filha, criou meu filho, cuida da casa, cuida de mim... Ela é da família. Eu dei um abraço nela e fomos comer a feijoada e tomar a nossa caipirosca. Depois que comemos, lá pelas quatro horas da tarde eu fui embora e resolvi ir na cozinha me despedir da senhora simpática. Fui agradecer a feijoada e ela me disse uma coisa hilariante: ‘Ô, Lula, pergunta pra ele, já que eu sou da família, se ele me colocou no testamento’. É essa a realidade que vivemos.

Há uma parte da sociedade brasileira que pode chegar a 20 ou 30 por cento, que não aceita a ascensão dos mais pobres. Não é todo mundo que anda pelo Parque do Ibirapuera e fica contente quando um pobre da periferia de São Paulo está andando por lá. Não é todo mundo que aceita chegar num teatro e ver um monte de gente de cor negra, ou chega no seu restaurante predileto e vê lá gente que não é daquele ambiente. Uma vez eu estava com o Mino Carta, o Jacó Bittar e o Weffort almoçando em um bar em São Paulo. Pedimos o almoço e eu levantei para ir lavar as mãos. Vou na

direção do banheiro, com o Jacó Bittar atrás de mim. Ele ouviu uma mulher falar: ele diz que defende o trabalhador, mas tá aqui comendo no nosso restaurante. O Jacó Bittar acabou tendo uma briga com a mulher e disse: Olha, quem vai pagar a conta dele sou eu, não é a senhora e ele come onde ele quiser.

Outro caso ocorreu comigo em um avião da Varig. Na época, eu era dirigente sindical, já existia o PT e eu estava virando personalidade. Quando cheguei em Frankfurt, o comandante do avião me convidou para ir para a primeira classe. Eu fui. Maravilha. Aí veio uma aeromoça com um carrinho oferecendo caviar ou lagosta. Eu disse pra ela que queria caviar. Nunca tinha comido caviar. É a chance que eu tenho de experimentar, pensei. Ela saiu do meu lado e falou para a amiga dela: é, ele diz que é trabalhador, mas quer comer caviar. Eu fui obrigado a levantar e, educadamente, disse pra ela: a senhora tem feijão, arroz ou um ovo frito? Não. A senhora foi lá e me ofereceu lagosta e caviar. Eu pedi caviar e a senhora vem aqui dizer que caviar não é pra mim. Não tinha a música do Zeca Pagodinho ainda, essa do caviar...

Marco Weissheimer: E gostou do caviar?

Lula: Depois disso eu comi muito porque fui várias vezes aos países nórdicos e lá é uma coisa mais fácil e tem em todo café da manhã. Mas não é meu preferido. Um pedaço de carne seca assada vai bem melhor pra mim. Estou contando isso apenas para mostrar o preconceito. O que poderia ser visto como uma coisa normal, não é. Ainda hoje, se você sair numa rua de Curitiba e for num restaurante, você vai ver o preconceito que tem. Talvez ele exista aqui dentro da sede da Polícia Federal ou na igreja. É uma coisa histórica.

Por isso que nós decidimos ensinar história africana na escola brasileira. Porque a gente achava que a única forma de acabar com o preconceito contra o negro era envolver o Brasil na história africana. Foram 300 anos de exploração dos negros como escravos. Eu nem sei se isso segue funcionando hoje. Mas sem isso você não acaba com o preconceito. Uma vez eu e a Benedita fomos na casa do Saturnino Braga quando ele era prefeito do Rio de Janeiro. Quando chegamos no prédio onde ele morava fomos direto para o elevador. Eu estava todo sujo, de camiseta suada, a Benedita também estava suada. O porteiro veio até nós e falou que era pra usarmos o elevador de serviço. A Benedita já era deputada na época. Eu pedi para ele pegar o telefone e ligar para o prefeito. Aí eu disse para o Saturnino que nós não íamos subir pois queriam que a gente fosse pelo elevador de serviço. Eu não estou em serviço, disse. Ele desceu, foi lá e deu um esporro no cara. Até me deu pena do rapaz porque ele não estava fazendo aquilo por maldade. Era algo cultural que estava na cabeça dele.

O Brasil viveu isso no meu governo. As pessoas se incomodavam com a ascensão dos mais pobres. Eu achava que seria o contrário, que as pessoas iam ficar felizes. Eu fiquei sabendo de muitas coisas que estavam acontecendo. Meninas pobres da periferia que estavam em universidades particulares por conta do Prouni eram vítimas de preconceito das amigas. Leva muito tempo pra resolver isso. Essa de que o aeroporto virou rodoviária eu cansei de ouvir, de amigos meus inclusive, que diziam que estava impossível ir para o aeroporto. Lamentavelmente, tem uma parte da

humanidade que quer tudo na vida, menos o humano. Acabou a sensibilidade e o humanismo e surgiu o ódio. Eu acho que uma parte desse ódio que a sociedade brasileira vive nós devemos debitar nas costas da Globo. Desde 2013, que ela vem trabalhando isso, em especial o ódio contra o PT.

Marco Weissheimer: Como você avalia a situação do PT, hoje, depois de tudo o que aconteceu, de 2013 pra cá?

Lula: O que eu acho que deixa eles mais nervosos é saber que eles não conseguem acabar com o PT. Nós estamos apanhando desde 2005. Não é pouca coisa. Agora mesmo nas eleições de 2018, me tiraram da campanha e o Haddad teve 47 milhões de votos. O Haddad não ganhou porque inventaram algumas mentiras muito pesadas. Aquela do kit gay foi muito pesada. Mas eles sabem que o PT é forte, que é o maior e mais organizado partido do Brasil. Todo mundo é assim. Tem tempo que o Internacional é campeão, tem tempo que o Grêmio vira campeão. O PT vai ganhar e vai perder. Agora, pode ficar certo de uma coisa. O PT sempre estará no páreo. E o PT não troca de nome não por causa de uma denúncia. Se alguém nosso cometeu um erro, que pague pelo erro. Nós continuaremos a ser PT, a ter orgulho da nossa bandeira vermelha, da nossa estrela. Eu não confundo. O meu país é o Brasil, mas o meu partido é o PT. Só conheci o PT na vida. Foi o único partido em que me filiei. Foi a minha mulher que fez a primeira bandeira e quando morrer quero ser enterrado ou cremado com a bandeirinha do PT em cima de mim.

Marco Weissheimer: Há quem jure que o senhor comanda os destinos do PT aqui de dentro. Em que medida, vem conseguindo acompanhar os debates do PT hoje?

Lula: Vou te contar uma coisa engraçada. O companheiro Arlindo Chinaglia, deputado federal do PT, costuma dizer que eu sou que nem a Bíblia. Todo mundo conversa comigo e cada um interpreta do seu jeito. É só ver na televisão como é que os pastores interpretam a Bíblia. Cada um interpreta de um jeito. O Chinaglia diz que todo mundo vai ouvir o Lula e cada um faz o que quer depois, achando que foi a interpretação dele. Eu me considero uma pessoa importante no PT e importante para o PT desde que o partido foi criado. Nem mais e nem menos. Dediquei a minha vida para construir o PT, viajei esse Brasil todo, perdi três eleições e continuo a me interessar muito pelo PT. Obviamente que, quem está preso, não tem mais a influência que tem alguém que tem liberdade e participa das reuniões. Eu às vezes recebo aqui um pen drive de uma reunião que aconteceu três dias atrás e as decisões já foram tomadas. Eu não posso tomar decisão.

Nós vamos ter um congresso agora. Acho que o PT tem que se preocupar em escolher uma direção que esteja representada pelos melhores quadros brasileiros. Eu acho, por exemplo, que o Tarso Genro deveria voltar para a direção nacional do partido para participar do debate político. Não precisa ter uma tarefa na Executiva se não quiser, mas pode participar do debate. Acho também que o PT precisa trazer alguns intelectuais importantes para esse debate. É importante que ele não se dê somente

entre os petistas militantes para que a gente consiga extrair o pensamento da sociedade para as nossas decisões.

Todo mundo sabe que o Haddad saiu muito fortalecido da campanha e que ele é um quadro excepcional. O Haddad tem todas as qualidades que eu tenho sem ter os defeitos que eu tenho. Ele é muito mais competente e é um quadro muito experimentado. Acho que o Haddad tem um futuro muito promissor dentro do PT e fora do PT. A Gleisi é uma presidenta extraordinária, que valoriza muito a participação da mulher. O partido precisa fazer um conjunto de dirigentes com o que a gente tem de melhor. O que o PT precisa fazer também, e já está começando a fazer, é pegar o programa com que o Haddad disputou as eleições e transformá-lo em um conjunto de medidas, seja por meio de emendas constitucionais ou projetos de lei, para o debate das coisas que nós queremos que aconteçam no Brasil.

O partido tem que ter claro também o papel do Bolsonaro. O Bolsonaro não ganhou as eleições propondo construir alguma coisa. Ele tinha algumas metas. Primeiro, vender o Brasil. Daí o Guedes. Segundo, facilitar a Taurus pra vender arma pra todo mundo no Brasil, atendendo uma reivindicação dos milicianos brasileiros. Fico imaginando, com o estado de nervos que está a sociedade, que uma simples batida de carro pode terminar em um tiroteio. O Brasil não está precisando de armas. Quem precisa de armas é a polícia, armas mais modernas e mais inteligência. O povo está precisando de livro, caderno, emprego e salário.

O Bolsonaro trouxe pra dentro do governo uma parte de generais aposentados, que concordam com tudo. É muito engraçado. O general que deu um soco na mesa quando eu fiz um comentário sobre a facada do Bolsonaro agora não teve coragem de dar soco na mesa quando o filho do Bolsonaro desancou ele. Sinceramente, eu acho que o Brasil não precisa de gente medíocre pra governar o país. O Brasil precisa de gente que pense no futuro, que acredite na educação, na universidade, na cultura, na liberdade de pensamento. É isso o que está faltando neste instante. O PT tem essa obrigação. O PT não tem que ter medo. Não tem que tomar cuidado com o Bolsonaro. O que precisa é não deixar o Bolsonaro estragar esse país, pois ele tem como uma de suas metas tentar destruir qualquer possibilidade de avanço da esquerda. E a esquerda tem que ter como meta derrotar o Bolsonaro pra consertar o Brasil. O que está por detrás do Bolsonaro é pior do que ele. A baixaria ganhou preferência neste governo e o PT precisa ter coragem de enfrentar isso na rua, no parlamento, no sindicato. O Brasil não é deles, mas sim do povo brasileiro e temos que brigar muito por ele.

ANEXO I - Entrevista de Lula a Bob Fernandes da TVE Bahia, em 15 de agosto de 2019⁹⁷

Ex-presidente falou pela primeira vez após STF impedir sua transferência para presídio em São Paulo.

Na última quarta-feira (14), na Superintendência da Polícia Federal, em Curitiba, o ex-presidente Lula concedeu entrevista exclusiva ao jornalista Bob Fernandes, a primeira para uma televisão pública desde que passou a cumprir pena, em abril de 2018. A TVE Bahia exibe a entrevista nesta sexta-feira (16), no YouTube, Facebook e Twitter, às 18h, e na TV às 22h.

Na entrevista, o ex-presidente afirmou não saber como as informações reveladas pelo site The Intercept nas últimas semanas chegam aos ministros do Supremo Tribunal Federal e que, após tomar conhecimento das mensagens entre o ex-juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dallagnol, “a suprema corte pode fazer uma correção” no processo que o condenou.

Já em relação ao Procurador do Ministério Público Federal, Deltan Dallagnol, considera que “desde o dia que ele deu uma coletiva dizendo que não tinha provas contra mim, mas apenas convicções, o Conselho Nacional do Ministério Público tinha que ter tirado esse moleque”. E afirmou que não pretende solicitar progressão da pena para sair da condição atual em Curitiba. “Estou aqui até para provar que eles são bandidos e eu não”, disse.

Sobre a política econômica do Governo Federal, Lula afirmou que “o papel do Ministro Paulo Guedes é destruir a economia brasileira”, e perguntou “onde estão os militares nacionalistas?”

Em relação à operação Lava Jato, Lula disse que “o que aconteceu foi que os delatores foram premiados”. Ao comentar que sua vida inteira foi investigada, o ex-presidente afirmou que “As minhas palestras não eram clandestinas como as do Dallagnol”.

A respeito da revelação recente da suposta orientação do ex-juiz Sérgio Moro em não solicitar a apreensão do celular do ex-deputado federal Eduardo Cunha, perguntou: “você acha normal uma Polícia Federal que vai na minha casa e revira tudo não ter coragem de pegar o telefone do Eduardo Cunha?”.

Ao questionar a parcialidade da Rede Globo na cobertura jornalística, Lula disse que “Bolsonaro foi o monstro que surgiu, mas não era o que a Rede Globo esperava. Não tiveram coragem de lançar o Luciano Huck. E até agora, pasmem, dia 14 de agosto, a Globo não teve a coragem de mostrar as mensagens reveladas pelo Intercept”.

⁹⁷ ENTREVISTA do Lula a Bob Fernandes para TVE Bahia. **TVE BA**, 16 ago. 2019. 1 vídeo (128 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L1L0HkglwQ> . Acesso em: 20 jul. 2021.

Bob Fernandes: Sua defesa acaba de pedir o segundo habeas corpus para sua libertação, alegando a parcialidade dos procuradores Deltan Dallagnol e outros e já havia um primeiro em relação ao juiz Moro. Nesta semana 17 juízes de vários países enviaram ao STF um texto dizendo estarem chocados, acusam o juiz Moro de práticas ilegais, imorais e de Moro ser ao mesmo tempo juiz e parte da acusação⁹⁸. Afirmam que o senhor é vítima de perseguição política no julgamento que não foi imparcial e que desrespeitou o Estado de Direito para eliminá-lo das eleições. Uma das signatárias desse documento é a professora de Yale, Universidade dos Estados Unidos, Susan Rose-Ackerman, eu a cito porque o procurador Dallagnol já disse ser Suzan a maior especialista mundial em corrupção e seu controle. Eu pergunto se o senhor alimenta esperanças ou esse já é um jogo jogado?

Lula: O marido dela também, que foi professor do Ministro Barroso. Meu caro Bob, eu na verdade me sinto numa encruzilhada em função da quantidade de mentiras que já foram contadas nesse país. Mentiras contadas por delegados que fizeram inquéritos contra mim. Mentiras contadas pelo Dallagnol e mentiras contadas pelo Moro e pelos juízes do TRF-4. E depois o Supremo Tribunal de Justiça que não entrou no mérito do meu processo^{xxii}. Eu tenho dito habitualmente que eu não quero favor, eu estou precisando de justiça. Eu só quero que as pessoas leiam as acusações e as provas para poderem em absolver. Se você voltar ao passado você vai perceber que na minha audiência com Moro, eu disse: “você está condenado a me condenar”. O Dallagnol contou a mentira do power-point e não teve a coragem de ir em uma audiência. Passou a fazer palestra para confirmar a mentira, e tanto o Moro quanto o Dallagnol sustentados pela Rede Globo de Televisão. Porque a Rede Globo de Televisão não sabe mais viver sem a grade da destruição política desse país. Então eu estou aguardando que a Suprema Corte retome a direção do Poder Judiciário desse país e faça justiça.

Eu estou dizendo que o Intercept está dizendo agora, e eu sou muito agradecido à lisura, ao comportamento e a decência do Glenn e do Intercept, que não teve medo. Eu estou dizendo que eles estão mentindo sobre mim desde o começo. Eu digo que tem quatro pessoas que sabem que eles estão mentindo. Primeiro Deus, segundo eu, terceiro o Dallagnol que sabe que é mentira tudo que ele falou e quarto o Moro que sabe que mentiu na sentença.

Eu tenho desafiado empresário, juiz, procurador, delegados, a força tarefa, quem quer que seja a provar que eu tenho um real na minha conta que não seja fruto do meu trabalho.

Bob Fernandes: O senhor sabe que tem um serviço norte americano que participou do rastreamento de contas suas fora do país, e nada foi encontrado.

Lula: Eu desafio a CIA, o FBI, a NASA, pode investigar da lua. Eu digo sempre que se pegarem o Moro, o Dallagnol, os juízes, pegar todo mundo, bater no liquidificador, o suco que der não dá 10% do meu caráter, da minha honestidade, da minha dignidade. Eu tenho expectativa que depois de tudo que

⁹⁸ Para saber mais, acesse: <https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2019/08/12/professora-incensada-por-barroso-e-deltan-acusa-ilegalidades-da-lava-jato/>

aconteceu, a Suprema Corte faça justiça. Vou dizer com muita clareza: eu não espero nem quero nenhum favor. A única coisa que eu quero é que volte a prevalecer neste país o estado de direito democrático, e que as pessoas acreditem na justiça. Se tem empresário que roubou, prenda o empresário.

Hoje eu tenho clareza, Bob, que tudo que está acontecendo neste país tem o dedo dos americanos que manda mais no Sergio Moro do que a mulher dele.

Bob Fernandes: Presidente, as últimas informações vindas do The Intercept expõe conversas de Moro instruindo Dallagnol a não apreender celulares de Eduardo Cunha. Eu queria saber duas coisas: primeiro qual é a sua sensação a cada nova revelação, depois, como o senhor disse que o juiz Moro e Dallagnol não dormiam bem, e que o senhor dormia bem, o senhor tinha ali já alguma informação especial sobre as entranhas da Lava Jato, ou o senhor só estava rogando uma *pragazinha* mesmo?

Lula: Eu tinha muita certeza, porque eu conheço o processo, eu me conheço. Veja, quando você tem um procurador que recebe a função de ser coordenador de uma força-tarefa, e ele passa uma hora e meia no salão principal de um hotel, dando uma entrevista coletiva mostrando um power-point e depois desse tempo todo vomitando bobagem, esse cidadão diz “não me peçam provas, eu só tenho convicção”, naquele dia o Conselho Nacional do Ministério Público deveria ter pedido a exoneração desse moleque, por irresponsabilidade, por má fé com este país, porque o que eles estão fazendo, na verdade eles estão me prejudicando. Eu estou há um ano e meio aqui, tenho filhos, tenho netos, tenho muitos amigos aí fora, já falei que estou apaixonado e quero me casar outra vez. Vou completar setenta e quatro anos em outubro. Agora essa gente não pode fazer com o Brasil o que eles estão fazendo, porque o Lula está aqui, mas tem milhões de pessoas passando fome aí fora, desempregados. Ah, mas nós devolvemos dois bilhões para Petrobrás, três bilhões. Eu quero saber quantos bilhões vocês tiraram do povo brasileiro que perdeu o emprego na indústria da construção naval, na indústria da construção civil. É isso que eles têm que explicar para a sociedade.

Bob Fernandes: O economista Luiz Gonzaga Belluzo avalia que só na cadeia de indústria direta e indireta teriam sido perdidos de cinco a sete milhões de empregos.

Lula: É muita coisa. Eu gostaria até de vez em quando ficar calmo, mas o que estão fazendo com o Brasil é um processo de destruição em todos os níveis – destruição moral, ética, está jogando fora aquilo que o Brasil construiu. E faz um ano que eles só falam em reforma política, reforma tributária e privatizar. Eles estão destruindo aquilo que dá caráter a uma nação que é o seu conhecimento, o seu investimento em Ciência e Tecnologia, as suas fronteiras, a sua biodiversidade, a sua água, as suas riquezas minerais. O que mede a qualidade de uma nação não é o tamanho do território, é a qualidade de seu povo. E o que tem acontecido? Povo desempregado, povo ganhando menos, povo com menos consumo e povo dormindo na rua. É isso que tem acontecido. E o presidente fazendo palhaçada o tempo inteiro.

Bob Fernandes: Mas o senhor não acha, subestimavam muito o senhor quando o senhor começou lá atrás e mesmo depois no começo da presidência, porque confundiam saber escolar formal com capacidade, inteligência. Não lhe parece que há uma subestimação da intuição política. Primeiro quero saber o que o senhor pensa do presidente Bolsonaro e se não estão subestimando a intuição política que ele parece ter, porque um projeto de destruição de poder como o senhor está dizendo, me parece a construção de outro projeto de poder. Ele mantém os 30% dele, isso que o senhor fala que é uma palhaçada, mantém todo mundo distraído e eles vão fazendo.

Lula: Eu às vezes considero o pensamento do Bolsonaro como a de um chefe de uma torcida organizada. O Flamengo, que é o time que tem mais torcida no Brasil- na verdade eu penso que é o Corinthians, talvez você pense que é o Bahia. Mas a torcida organizada não representa toda a torcida. A torcida do Flamengo quer ir ver o jogo, é pacífica, não querem vaiar. Mas dentro da torcida organizada tem pequenos grupos que xingam, que vão no centro de treinamento vaiar. O Collor, ele está governando e falando.

Bob Fernandes: Bolsonaro...

Lula: Bolsonaro está governando e dando sinal para sua torcida organizada. A quantidade de bobagem que ele fala é para agradar à sua torcida organizada, para agradar a seus fanáticos, aqueles que não estão preocupados com o Brasil, que não estão preocupados com o povo, que não querem saber da qualidade de vida do povo. Então ele vai falando, vai falando, vai falando, e ele colocou como o Ministro da Fazenda o Guedes, para fazer todo o mal. O papel do Guedes é destruir a economia brasileira e fazer com que o país seja um país totalmente vassalo, dependente dos Estados Unidos da América do Norte. E colocou um grupo de militares aposentados para dar uma certa garantia para eles, para dizerem estamos aqui, estamos aqui. Eu de vez em quando vou dormir e fico pensando onde estão os militares nacionalistas que defendiam a indústria nacional, que defendiam a Petrobrás, que defendiam o etanol, que defendiam tudo que foi feito por eles aqui nesse país, muitas coisas por eles, uma empresa como a Embrapa, estão privatizando e privatizando e quando eu fico vendo, privatizaram para empresa estatal espanhola, para empresa estatal italiana, para empresa estatal chinesa.

Estes dias eu ouvi uma informação, como eu estou aqui eu não sei se é verdade ou não, o famoso Hotel Copacabana Palace foi vendido por três bilhões e duzentos milhões de reais, e eles conseguiram vender parte da indústria de petróleo, no que diz respeito à indústria de distribuição, a BR, por dois bilhões e seiscentos milhões de reais. A pergunta que eu faço é a seguinte, em que país do mundo uma distribuidora do tamanho da BR vale menos que um hotel, mesmo que seja com o glamour do Copacabana Palace.

Eu sinceramente não entendo. O que eu acho Bob, é que a sociedade brasileira precisa parar de reclamar. A sociedade não pode deixar eles destruírem a Universidade Brasileira. Não pode. E o discurso deles qual é? Não, é porque tem que investir no ensino fundamental. Ora o nosso país foi o último país latino americano a ter uma Universidade. O Peru teve a primeira em 1550, em 1900 já

tinha a reforma universitária em Córdoba, e o Brasil só veio a fazer a primeira em 1920, a Universidade do Brasil, juntou um monte de faculdade, sabe por quê? Não era pensando no Brasil. Era porque vinha o Rei da Bélgica e ele só viria aqui se recebesse um título de doutor honoris causa. E para dar o título de doutor honoris causa ao Rei da Bélgica, criaram a Universidade do Brasil. Foi para isso. Então eu acho que eles querem destruir as Universidades porque eles sabem que foi um nordestino, que só tem como formação acadêmica o quarto ano primário e um curso do Senai, que tem noção que inteligência não está ligada à quantidade de anos que a pessoa participou, porque eu não troco meu diploma de quarto ano primário pelo diploma universitário de muita gente que eu vejo na televisão falando. Eles não querem admitir que foi esse ignorante, esse analfabeto filho da Dona Lindu, que veio fazer mais Universidade do que todo mundo. Esse país em cem anos fez seis escolas técnicas. Eu e a Dilma fizemos quase quinhentas. E quintuplicamos o orçamento da Educação, que passou de vinte para cento e vinte bilhões quando eu era presidente. Então companheiros, educação não tem preço, educação não é gasto. Educação é investimento, e a gente está caminhando para um futuro que o que vale é o conhecimento, a sabedoria, a capacidade de pesquisa que tenha um país. Eles estão jogando isso fora, isso significa soberania nacional. Eu quero saber quem é que está defendendo isso nesse governo.

Bob Fernandes: Em abril de 2018, véspera do julgamento do habeas corpus, o General Villas Boas, então Comandante do Exército e hoje assessor do General Heleno, do GSI [Gabinete de Segurança Institucional], tuitou repudiando a impunidade e dizendo que o Exército estava atento a suas missões constitucionais. Isso foi repetido em dezembro, quando o Ministro Marco Aurélio examinava aquela liminar para sua libertação. O alto comando do Exército se reuniu para avaliar as consequências de uma eventual libertação de Lula. Em seu governo as Forças Armadas receberam apoio financeiro e institucional, e no geral mantiveram um discreto comportamento constitucional. Como o senhor avalia a atitude desses chefes militares e o tom de ressentimento em relação ao senhor e ao PT? De onde vem isso.

Lula: O comportamento dele, talvez eu não o conheça, se eu o conheci com outra patente quando eu era Presidente, eu não lembro. Eu sei que ele está muito doente, uma doença muito delicada e eu não quero ficar discutindo muito o General Villas Boas, mas eu acho que quem está passando pelo que ele está passando deveria ter um pouco mais de decência ao se referir a mim. Ele deveria ler os anais das Forças Armadas Brasileiras, do Marechal Deodoro da Fonseca até o Bolsonaro e eu duvido que ele encontro nesses anais um presidente que teve o respeito e que cuidou das Forças Armadas como eu cuidei. Ele pode aproveitar que está doente, e ficar no Palácio lá lendo, para saber se em algum momento da História do Brasil algum presidente da República cuidou das Forças Armadas como eu, porque eu queria uma política de defesa, porque eu não acho que General de Exército ou soldado é brinquedo Playmobil não. Eu acho que eles têm um papel importante na defesa da nossa soberania, em cuidar da defesa do nosso povo contra possíveis ataques inimigos, e não contra o nosso povo

mesmo. E é por isso que eu quero as Forças Armadas preparadas, para quando for preciso, não adianta chamar por Deus, porque Deus também vai ajudar o adversário. É preciso ter soldado bem treinado. Quando eu cheguei na presidência, pasme, pergunte para o General Villas Boas, ou pergunte para o general Enzo [Enzo Peri] que foi o comandante do Exército no meu segundo mandato, ou para o Albuquerque [Francisco Roberto de Albuquerque - Comandante do Exército entre 2003 e 2007].que foi no primeiro. Quando eu cheguei na presidência soldados eram liberados onze horas da manhã, porque não tinha dinheiro para o almoço. Tinha soldado que não tinha coturno, comprava fardamento da China porque era mais barato. Eu não só garanti comida, fardamento, coturno para soldado como criei uma escola chamada Soldado Cidadão para que os soldados fizessem curso de qualificação profissional em parceria com o Senai, como também preparei. Pergunte para o general Enzo que é engenheiro, o Exército era uma empresa sucateada, eu transformei o batalhão de engenharia competitivo com as grandes empreiteiras brasileiras. Eu utilizava o batalhão para pedir preços e também para construir estradas onde as pessoas não queriam construir.

Bob Fernandes: Então...

Lula: A Marinha, o que eu fiz para a Marinha, quem é que deu dinheiro para continuar no processo de Aramar^{xxiii}, para cuidar do nosso enriquecimento de urânio.

Bob Fernandes: Então, de onde vem isso?

Lula: Eu só posso entender o seguinte: primeiro uma doença ideológica, o ódio do PT... a única explicação que eu entendo é a seguinte, o PT ousou colocar gente pobre da periferia e do campo desse país na Universidade; consegui fazer com que crianças pobres tivessem acesso a um curso profissional, consegui fazer com que as pessoas mais pobres tivessem uma evolução no emprego, foram vinte e dois milhões de empregos criados, foram 74% de aumento no salário mínimo, foram políticas para garantir a pequena produção agrícola, não só à produção, mas também comercialização, mais de um milhão de cisternas neste país, a transposição das águas do Rio São Francisco, que Dom Pedro queria fazer desde 1846 e não conseguiu fazer. Então a única explicação que eu entendo é esta, e mais ainda, porque este que vos fala, mais os meus governos, mais um companheiro da qualidade de Celso Amorim e o povo brasileiro, fizemos pela primeira vez que este país fosse protagonista ativo da política internacional. Um país como o Brasil não tem contencioso internacional, o Brasil se dá com todo o mundo. Eu era amigo de Rugental, eu era amigo de Putin, de Mevedev, de Chirac, de Sarkozy, de Angela Merkel, do Schroeder, eu era amigo do Bush, do Obama, de todo mundo. Eles talvez estranhassem um pouco o tanto de cafuné que eu fazia na cabeça deles, no corpo, porque eu só sei conversar assim, eu não acredito em política de outro jeito.

Então um país do tamanho do Brasil nós saímos de cem bilhões de dólares para o comércio exterior, para quatrocentos e oitenta e dois bilhões em 2011. Esse país não pode voltar a ser um país refém. Nós

fomos colônia de Portugal, depois nós fomos colônia da Inglaterra industrial e agora nós vamos ser colônia dos Estados Unidos?

Bob Fernandes: Presidente, a propósito disso. Na Região, você tem rondando a Região interesses multipolares, China está investindo meio trilhão de dólares na América Latina nos últimos 10 anos. A Rússia está botando um pé na Venezuela porque o Brasil está refluindo em relação a seu papel de liderança e os Estados Unidos, que nós estamos assistindo tudo que está acontecendo. Você não acha que a fragilização do Brasil numa hora como essa não é, no médio e no longo prazo uma coisa perigosa, e a divisão do país inclusive, falando geograficamente, entre o Nordeste de um lado, enfim, o senhor não enxerga no médio e no longo prazo uma coisa perigosa para o país?

Lula: Eu penso que é um desastre, a coisa mais importante que nós fizemos, não é a China colocar o pé aqui, a Rússia colocar o pé aqui, não sei quem colocar o pé aqui. Foi a gente colocar o pé lá, quando a gente criou o BRICS, quando a gente resolveu criar um banco do BRICS, quando a gente começou a discutir de fazer comércio exterior na nossa moeda, sem precisar ficar dependendo do dólar.

Bob Fernandes: Esse é o pano de fundo desse movimento...

Lula: Tudo isso incomoda, e incomodava os EUA quando eu criei uma Secretaria de Defesa da América do Sul. Como é que se explica, e eu quero que os generais expliquem o Brasil aceitar ter o Subcomandante da 4ª Frota Americana, que existe para tomar conta do Atlântico, diga-se de passagem tomar conta do pré-sal, e a gente colocar um general nosso como subcomandante, ora subcomandante não manda, é como subchefe. Quem manda é o comandante. Ora, se o Brasil quer tomar conta do Atlântico, crie sua Primeira Frota, a sua Segunda Frota, faça investimento. Nós temos razões porque nós temos o pré-sal que é a maior descoberta de petróleo do Sec. XXI e ainda não se sabe se tem outra, ainda não se tem certeza de quanto tem. Por que que você acha que foi construída a Lava Jato e a desgraça que fizeram nesse país? É para entregar o nosso petróleo. Vão entregar o petróleo, vão entregar as refinarias, vão entregar as distribuições. Nós estamos agora importando gasolina, nós que éramos exportadores. Importante e inventando elo de impostos, ou seja é uma vergonha. O Brasil é um país que não pode ficar dependente nem da China, nem da Rússia, nem da Índia, nem da Argentina, nem da Venezuela, nem de Cuba. O Brasil tem que ter relações com todos, respeitar todos, porque o Brasil não precisa ser hegemônico, o Brasil precisa ser parceiro. Por que você acha que eu tinha tanto carinho pela África, pelo mundo árabe, pela América do Sul? É porque um país que quer ser protagonista internacional, ele tem que ser generoso. Você não olha para a África pensando em dinheiro, você olha para a África pensando que nós temos 300 anos de escravidão que nós devemos àquele povo, nós temos a nossa raça, nossa cultura, nosso samba, nossa alegria, nossa dança, nosso jeito de ser, a gente deve aos africanos. Então, olhar para a África a gente tem que ser generoso e tentar fazer que a tenha um comércio em que eles sejam superavitários e que a gente seja transferidor

de tecnologia, sem pensar em ganhar dinheiro. É um pagamento por trezentos anos da exploração da inteligência africana no nosso país. Nós não estaríamos fazendo nenhum favor, por que é que o Brasil tem que investir na América do Sul? Porque os Estados Unidos da América do Norte, desde que foi descoberto, oito anos antes de nós, nunca quis, em nenhum momento da história que o Brasil fosse protagonista na América do Sul. O Chávez, eu já disse isso várias vezes. O Chávez era um intelectual das forças armadas da Venezuela, ele era professor. Ele me dizia que ele era educado para dizer para sua tropa que o inimigo da Venezuela era o Brasil. Isso dito por militares americanos. Pede em que momento os EUA tiveram bondade com o Brasil.

Bob Fernandes: Devolveu dois bilhões e meio outro dia...

Lula: Vamos pegar o Clinton. O que o Clinton fez na amizade dele com o Fernando Henrique Cardoso? Nos empurrou o SIVAM^{xxiv}, da forma que foi empurrado. O que eles fizeram para o Brasil na Segunda Guerra Mundial? Deram armas velhas para nós em troca de nós darmos para eles a Base em Natal/RN. Eles nunca quiseram que o Brasil fosse um líder na América do Sul, nunca quiseram. Quando eu propus a criação do Conselho de Defesa da América do Sul, para contrapor à 4ª rota, eles não gostaram. Quando eu fiz acordo com os franceses para construir o submarino nuclear aqui, eles até hoje não gostam, e é por isso que eu acho que tem uma perseguição à Odebrecht.

Bob Fernandes: Presidente, a propósito do que estamos falando e da pergunta anterior sobre os militares: a Polícia Federal, quando o Paulo Lacerda assumiu sob o Ministro Márcio Thomaz Bastos, eu me lembro que a gente escreveu muito sobre aquilo, a Agencia Norte Americana – DEA, de Delegacia de Combate às Drogas pagava operações, a gente publicou os contracheques, porque não havia dinheiro para pagar as operações^{xxv}. O Diretor do FBI, Carlos Costa despachava dentro da Polícia Federal em Brasília e guardava o carro na garagem. A CIA trabalhava no órgão antiterrorismo, não me lembro o nome agora, e tinha um regime de informação compartilhada com a CIA. O senhor fortaleceu a Polícia Federal, no entanto, à época da Lava Jato a gente viu delegados não só fazendo campanha abertamente, como ofendendo o senhor e a Presidente Dilma. Por que isso?

Lula: Eu acho que é porque não tem nenhum delegado ainda formado pelo PROUNI, eles são, acho, de uma geração anterior. Deixa eu te dizer uma coisa de coração, eu não me arrependo do que eu fiz, porque eu acho a Polícia Federal uma instituição extraordinária, que tem que ser fortalecida, que tem que ter independência e que tem apurar tudo que é corrupção, investigar corretamente e apresentar os inquéritos da forma mais honesta possível. Isso é inteligência, e sem inteligência não se vai a lugar nenhum, então, eu tenho certeza que eu fui o presidente que mais contratei gente nas Forças Armadas, eu tenho consciência que eu fui o cara que mais investiu em Inteligência nas Forças Armadas e não me arrependo não. O fato de ter delegados trabalhando contra Dilma, xingando a Dilma e me xingando, isso ele vai ser julgado em algum momento pela história, porque não é esse o papel de um cidadão que tem um cargo numa instituição de confiança, que é concursado e que ganha bem. Este cidadão ele

pode ter o voto que ele quiser, mas ele não pode ter pronunciamento político nem contra nem a favor, nem muito pelo contrário. Isso vale para a Polícia Federal, vale para o Ministério Público, vale para todos que são concursados e que são profissões de Estado. Eu sou muito grato ao trabalho que o Márcio Thomaz Bastos fez com a PF, eu sei que até hoje tem uma certa relação, que eu não sei se é saudável, com os EUA, com a Polícia Federal Americana.

Bob Fernandes: Chamava-se CDO e SOEP(?), que é contraterrorismo, mudou de nome.

Lula: Eu acho que hoje o Brasil está muito mais dependente, a questão da Lava Jato. Eu acho que é uma coisa que em algum momento vai estourar e vai ser apurado. Eu penso que a influência do Departamento de Justiça americano, desde que a gente descobriu o pré-sal...

Bob Fernandes: Que está interrogando brasileiros dentro do território brasileiro, por exemplo, da Odebrecht, que estão sendo interrogados pessoalmente e por escrito, dentro do Brasil.

Lula: Essa coisa Bob virou a excrescência da excrescência da excrescência, virou a falta de respeito das instituições brasileiras em relação às instituições americanas. Tem coisas e mais coisas que a gente vê publicada no jornal ou num blog, que é de estarrecer qualquer cidadão de juízo perfeito. O que eu espero, eu não sei como estas informações chegam aos Ministros da Suprema Corte, não sei quem é que faz a filtragem para passar as informações para eles, mas acho que eles têm que ler, antes de me julgar eles têm que ler o dia-a-dia do comportamento do Moro. Olha a cara do Moro, o Moro é mentiroso, o sujeito que olha de cabeça baixa é mentiroso. Você pode dizer o Lula está agressivo chamando o Moro de mentiroso, é que eu não tenho outra palavra, ele é mentiroso, no meu caso é mentiroso. O Dallagnol é mentiroso, não sei se os outros são, mas o Dallagnol é mentiroso, eu estou dizendo isso desde o começo. Então a Suprema Corte pode fazer uma correção.

Eu não espero que o Bolsonaro corrija nada, ele é como chefe de torcida organizada, ele não quer fazer o melhor, ele quer ter condição de continuar vaiando, falando palavrões, xingando, é isso que ele quer. Você não vê nesse país a palavra desemprego, você não vê discutir ciência e tecnologia, tudo que você ouve é no sentido de destruir. Eu vi nesses dias um discurso dele contra a Argentina, contra a vitória do Fernandes, que eu não acreditei que um presidente do Brasil tivesse a insensatez e a pachorra de falar do seu mais importante parceiro comercial e parceiro estratégico, porque a Argentina tem que ser tratada como uma parceria estratégica, ele ofender o povo argentino, ofender o cara que ganhou a prévia, e ainda ofender o povo gaúcho, achando que o povo gaúcho vai se transformar numa Roraima se ele ganhar. Ora, o que que ele acha? Ele acha que o melhor para a Argentina é o Macri, que elevou a inflação para 74%? Que elevou uma dívida externa para 100 bilhões, que elevou enormemente a quantidade de gente dormindo na rua de Buenos Aires, pelo amor de Deus. Eu conheci a Argentina muito bem, e sei o que os Kirchner fizeram na Argentina. Eles podem ter todos os defeitos do mundo, mas a Argentina só teve crescimento similar na época do Perón.

Bob Fernandes: Presidente, em duas entrevistas concedidas a mim em 1987, há trinta e dois anos, intituladas *O Operário Perplexo e O Candidato Perplexo*, o senhor disse que grandes partidos – o PT ainda não tinha a dimensão que viria a ter depois – estimavam gastar 600 milhões de dólares cada um, nas eleições gerais de 1989. Dezesesseis anos depois o PT chagava ao poder e o senhor chegava à Presidência. O senhor deixou o poder com 87% de aprovação e hoje o senhor está preso. Onde e como o senhor ou o PT ou os dois erraram, seja politicamente, eticamente, ou estrategicamente, à parte manipulação, partidarismo evidente do judiciário, sendo contada por eles mesmos. O senhor não vê erros graves na condução desse processo? Eu digo processo político por parte do PT? O processo político, a caminhada.

Lula: Eu acho que a política brasileira tem defeitos e certamente o PT errou muito, mas o PT não está pagando os erros que está pagando pelos seus acertos.

Bob Fernandes: Presidente eu me refiro a uma coisa que é histórica, aliás qualquer jornalista sabia que tinha caixa dois nas eleições. O espanto com caixa dois é uma coisa que me surpreende, porque era naturalizado...

Lula: Eu não sei como funcionava a cabeça dos outros presidentes da República, mas veja, quando você vai concorrer a uma campanha, a primeira coisa que você faz é um orçamento de campanha. Aí você indica um tesoureiro, que não é o do Partido, tem a lei que ele vai arrecadar. Se entra caixa 2 ou não, o único que assumiu foi o Ônix, porque ele assumiu. Agora se sabe que ele estava para entrar na Lava Jato e o Moro pediu para tirar. Toda campanha política tem uma relação entre os partidos e os empresários. O PT defendia desde antes o fim do financiamento privado, e que o financiamento fosse público.

Bob Fernandes: Mas aí a gente entra na questão, eu me lembro que num voo de volta do Pará, na Bahia a gente fez uma entrevista, a Monica e eu, e o senhor garantia que faria uma reforma política. Isso tudo tem a ver com a Reforma Política. Por que não foi possível fazer uma reforma política?

Lula: Porque a Reforma Política não depende de um Presidente da República, ela depende dos partidos e do Congresso Nacional...

Bob Fernandes: Se eles não querem, não sai?

Lula: Você não consegue passar uma reforma política se você ferir os interesses de quem é deputado. Ninguém quer rasgar a almofada do banco que está sentado. O Tarso Genro quando era ministro mandou algumas propostas específicas, reforma política, política tributária, vou lhe contar um caso, e como você é muito inteligente sua memória vai saber do que eu estou falando. Em abril de 2007 eu mandei para o Congresso Nacional uma política de reforma tributária. Essa política tributária foi aprovada por 27 presidentes de federações estaduais mais o presidente nacional. Ela foi aprovada por todas as centrais sindicais, ela foi aprovada por todos os líderes de partidos do Congresso Nacional, e

ela foi entregue por mim e por toda essa gente no Congresso. O Arlindo Chinaglia [PT/SP] era o presidente da Câmara, foi escolhido como relator o Sandro Mabel [MDB/GO]. Pergunte para eles porque que não mandaram. Eu achei que quando ela chegasse na Câmara, ia ser aprovada por unanimidade, porque os governadores tinham concordado, os líderes tinham concordado, os trabalhadores tinham concordado. Quem seria contra, meu Deus céu? Não andou. Está até hoje parada e estão falando em outra reforma tributária. Mas eu queria voltar um pouco na questão política. Bob, o PT é uma família com dois milhões e meio de filiados. Não sei se você é pai e quantos filhos você tem...

Bob Fernandes: Tenho duas filhas.

Lula: Tomar conta de um filho é difícil, tomar conta de dois é mais difícil, tomar conta de três, tomar conta dois milhões e meio é complicado, você tem gente que erra, você tem gente que acerta, o que acontece é que eles resolveram transformar os crimes que o PT cometeu, que certamente não eram diferentes dos crimes que todos cometeram. Se o Vaccari [João Vaccari Neto, tesoureiro do PT preso em 2015 pela Operação Lava Jato] cometeu, a pergunta é como foi a arrecadação dos outros tesoueiros de partidos, que não foram investigados? Por que só o Vaccari? Porque havia uma necessidade ideológica de ir atrás do PT, isso desde o Mensalão. Eu queria que você prestasse atenção no voto do Lewandowski no Mensalão. A Globo News passou anos dizendo, *a maior corrupção da história do Brasil, a maior corrupção da história da humanidade*. Eliane Catanhêde e sua turma. O Merval e sua turma. Ora, quando termina esse processo, por falta de prova o que eles inventaram? Aquela tese alemã, **a Teoria do Domínio do Fato**, eu não tenho provas, eu vou culpar o chefe. A finalidade era chegar no Zé Dirceu. Quando chega no julgamento do Lewandowski, a única coisa que eu lembro, porque a imprensa não divulgou, mas eu assisti ao vivo. O Lewandowski prova que primeiro não tinha empresa pública na acusação. Segundo, que o dinheiro foi utilizado para pagar a Globo, para pagar a Record, para pagar o SBT, para pagar publicidade, chamada Brasil Net, uma coisa mais ou menos assim, era uma empresa privada, mesmo assim o Zé Dirceu foi condenado.

Agora no meu caso eles inventaram duas coisas, uma do Dallagnol que inventou a história da convicção e o Moro inventou a história do contexto. Ah tá dentro do contexto. Eu venho notando o que eles estão inventando desde o começo. Eu não estou aqui inocente. Tem filme que às vezes o mocinho vai para a cadeia para tentar descobrir quem é o bandidão? Pois é eu estou aqui para isto, quero que o Moro saiba, quero que os ministros da Suprema Corte saibam, quero que o General Villas Boas saiba, porque eu estou aqui porque eu quero, eu poderia ter saído do Brasil, tive muita oportunidade, mas eu não quis, porque o jeito de eu ajudar a colocar bandido na cadeia é ficar aqui, quanto tempo eu não sei. Mas é daqui de dentro que eu quero provar que eles são bandidos e eu não. É isso que eu quero provar. E estou muito tranquilo.

Bob Fernandes: A propósito da diferença de tratamento que o senhor está falando. O senhor tem cinco filhos, e o senhor disse ao Juca Kfourri e José Trajano [entrevista em 13/06/19] que eles não estão bem financeiramente, durante cinco anos os seus filhos foram tornados uma entidade única, indivisível e onipresente. O Lulinha, que é essa personagem que junta cinco, era dono da maior mina de ouro do Brasil, da maior fazenda, da maior boiada, era como se soube depois, vasculhando...

Lula: Apareceu num blog aí num carro de prata, morava na sede da ESALQ [USP].

Bob Fernandes: O senhor imagina o que teria acontecido com o senhor se o senhor tivesse um filho que fosse deputado estadual, que tivesse um assessor atribuído a milícias, que movimentasse uma quantia de dinheiro inexplicável, que desse um cheque de 24 mil reais para sua esposa, ou alguém que foi para o Executivo, e ao ir para lá passou para os filhos dele a empresa que trabalha basicamente com relacionamento entre políticos e empresários. O que diriam e o que o senhor estaria sofrendo? E o que o juiz ou ministro estariam fazendo a seu respeito?

Lula: Eu é que pergunto a você como jornalista, como é que o Bonner falaria no JN?

Bob Fernandes: Acho que a pergunta já contém a resposta.

Lula: Eu nunca tive um tratamento respeitoso pela imprensa brasileira. Eu duvido que tenha um gesto meu contra a imprensa. A única vez que eu fiquei nervoso foi com um jornalista do New York Times que escreveu uma canalhice que era a vontade da Folha escrever: dizer que eu bebia. Era uma vontade da Folha, mas como a Folha não tinha prova, aproveitou o americano para utilizar. Eu então desafiava o que? Eu duvido, estou falando para você que vai para o ar, eu duvido que tenha um brasileiro que diga que depois de 1974 me viu bêbado. Duvido. A última vez que eu bebi, bebi mesmo foi no jogo Brasil e Holanda em 1974, no Sindicato dos Metalúrgicos. Foi o primeiro jogo que eu vi numa televisão colorida, a gente tinha comprado um conhaque Domeq, cachaça de qualidade boa, que a gente imaginava que o Brasil ia dar um show. Quando o Brasil perde...

Bob Fernandes: 2 X 0...

Lula: A gente, ao invés de ir embora para casa, ficamos discutindo quem era culpado, se era o Rivelino, se era o Paulo Cesar, se era o Luiz Pereira, se era o Leão, ou seja, acabamos bebendo toda a bebida. Eu cheguei em casa trêbado, nem sei como a Marisa não me largou. De qualquer forma, foi a última vez. Então eu fiquei muito nervoso com o repórter.

Bob Fernandes: Mas ali o senhor pensou em expulsar, mas tem uma diferença de com o presidente recentemente ameaçou prender o Glenn por divulgar informações de utilidade pública, não há comparação com esse episódio.

Lula: Bob, todos eles sabem, todos eles sabem, o Silvio Santos sabe, o Johnny Saad sabe, o Edir Macedo sabe, o Roberto Marinho sabe. Ninguém, nem mesmo o Frias, o finado pai e os filhos. Todos

sabem que eu sempre tratei bem. Eu tive uma briga com o Frias, porque eu fui almoçar lá a convite do velho Frias, estávamos almoçando, conversando e tal e o Otávio pergunta para mim: você fala inglês? Eu falei: não. E ele: como é que você quer governar o Brasil? Eu falei: ninguém nunca perguntou ao Clinton se ele fala português, e ele governa os Estados Unidos. Aí ele fez outra pergunta, eu fui ficando enfezado e disse: Otávio, se você quiser uma entrevista comigo você marca que eu respondo suas perguntas. E ele disse que podia perguntar o que quisesse porque era jornalista. Eu me levantei, empurrei a bandeja, mandei enfiar a bandeja, e saí pelo elevador. O velho Frias saiu atrás de mim, o Ricardo Kotscho, o José Alencar, o Clóvis Rossi, que também já morreu. Aí eu olho para a mesa e ele está sozinho, aí eu voltei, coloquei a mão na mesa e falei: sabe por que você está com bronca de mim? Porque eu vou ganhar do seu candidato, que era o Serra na época. Foi a única vez que eu destratei, mas o comportamento incivilizado que teve comigo. Agora o que este cidadão faz com a imprensa não é mão gostar, é humilhar. É vender ignorância para vender facilidade.

Bob Fernandes: Presidente, falando do ponto de vista institucional, o senhor teve prestígio político em algum momento para discutir com a população, mas não via Franklin Martins, a regulação capitalista da indústria da comunicação. Todo o mundo dito civilizado tem, e tem ao mesmo tempo mídia pública, não-estatal, como a BBC, Deutch Weller – o cidadão é que paga, ou ajuda a pagar. Por que que o senhor não conseguiu tocar no assunto, a não ser no final do seu segundo mandato?

Lula: Para com isso, nós aprovamos a TV Brasil...

Bob Fernandes: Mas aí é uma TV estatal...

Lula: Na verdade era uma TV pública, que não virou nem estatal porque não funcionou a contento, mas a ideia era criar uma BBC mesmo, criar uma RAI, a ideia era criar um Canal 5 francês, uma televisão não para brigar pela audiência, mas que tivesse credibilidade junto à sociedade. Tanto é que nós colocamos a Tereza Cruvinel, minha grande companheira para dirigir, e não deu certo. Toda a vez que vocês falam, vocês se esquecem de fazer uma análise política. Quem é que tem condições de fazer uma regulação nos meios de comunicação, com o Congresso...

Bob Fernandes: Mas eu digo discutir, presidente.

Lula: Talvez por provocação da imprensa, eu estava muito à vontade e talvez eu tenha sido presunçoso, porque eu disse que ia derrotar a imprensa na rua. E até hoje, talvez eles não me perdoem, porque não só quando eu me reelei, em 2006, a imprensa dava mais destaque para a Luiza Helena, sobretudo O Globo, do que para mim. Eles imaginavam que a Luiza Helena tirava votos do PT e não, no fundo ela tirava votos do Alekmin. Quando eles descobriram isso, rifaram ela.

Quando chegou em 2009 nós começamos a discutir, está na hora de mandar um processo de regulação, e fizemos uma conferência nacional, não sei se você se lembra...

Bob Fernandes: Sim. Estava o Franklin Martins.

Lula: Estava o SBT, participou a Bandeirantes, só não participou a Record, não sei. A Globo não participou, Quando chegou em junho a gente considerou que era precipitado a gente dar entrada num processo daquele no final de mandato, que era preciso construir para que fosse dada entrada no começo de mandato. Esperamos, ganhamos as eleições, e demos à companheira Dilma para entrar no Congresso Nacional. Não sei por que que não entrou.

Bob Fernandes: Ela deu uma entrevista, para a TVE também, que não existiam as condições, que seria derrotada no Congresso. Mas o debate, independente de ser derrotada ou não, o debate...

Lula: Mas você sabe que o debate nós fizemos nas Conferências, teve conferência municipal, estadual, nacional. Quando chega no Congresso Nacional uma coisa que eles não querem discutir, não tem debate.

Bob Fernandes: Por que não ocupar a Rede de Televisão para mostrar essas posições? Por que não discutir na televisão, uma hora por mês com todas as posições?

Lula: Que televisão?

Bob Fernandes: O Estado é um concessionário...

Lula: Que televisão?

Bob Fernandes: O Estado não é o dono da concessão?

Lula: Na verdade o Estado é o dono, mas o Estado é refém da concessão.

Bob Fernandes: Mas aí é que está o problema...

Lula: Essa é uma coisa que nós deveríamos regular. O Estado, para fazer propaganda sobre saúde, o Estado desconta do Imposto de Renda das empresas. Então é uma vergonha, você é o dono da concessão, as empresas ganham dinheiro à vontade, as empresas falam mal do governo, e qualquer coisa que você pede eles ficam contra.

Você tem noção do que fizeram com o Haddad em São Paulo? O Haddad que é um cara de classe média, o Haddad é coisa para caramba, o cara só, é filósofo, é advogado e é economista. Imagina eu, um cara que ...

Bob Fernandes: Presidente para ficar claro, que nós já estamos falando aqui é um espaço econômico para diversidade e pluralidade, porque os sócios regionais nessas emissoras todas são chefes políticos.

Lula: É por isso que eu queria voltar a presidir o Brasil, uma das coisas que eu gostaria de fazer era o que eu não fiz e a discussão sobre os meios de comunicação para mim era uma questão de honra, você

fazer com que os meios de comunicação tenham uma regulação, porque nossa última regulação é de 1962, a gente não tinha nada.

Bob Fernandes: Precisa ficar claro que isso não significa censura, é uma coisa que todo mundo civilizado...

Lula: Censura quem diz é o dono das empresas, a Globo acha que quem tem que regular a televisão é o controle remoto.

Bob Fernandes: O senhor sobre querer ser candidato. Eu tenho uma informação, não sei se o senhor pode confirmar, em 2014 tinha aquele movimento volta Lula, qualquer jornalista que faz cobertura com empresários, sabia que tinha um movimento para que o senhor fosse candidato. A informação que eu tenho é que o senhor tinha agendado uma conversa com o Gilberto Carvalho e com a presidente Dilma em que o senhor iria comunicar que seria candidato, mas que ela se antecipou e disse que seria candidata. Isso foi exatamente assim?

Lula: Não é verdade. A Dilma era presidenta da República, ela tinha direito a ser candidata a reeleição. Eu tinha um exemplo do estado do Rio Grande do Sul, quando o Olívio era governador e o Tarso Genro foi disputar uma prévia com o Olívio Dutra, derrotou o Olívio Dutra internamente e depois perdemos a eleição pro Rigotto. Eu tinha na cabeça esse sentimento, sabe, como é que eu posso dizer para a Dilma “você não vai ser candidata, e eu vou ser”? Eu não podia, até porque eu tinha respeito e gosto dela.

Bob Fernandes: Mas não faltava vontade.

Lula: Eu acho que nunca na vida tanta gente me procurou para eu ser candidato. O Partido nunca teve coragem – vontade tinha – mas não tinha coragem de fazer essa discussão abertamente. O que aconteceu é que eu cheguei no Anhembi, para um encontro do PT, a Dilma foi, e quando eu entro no plenário o pessoal começou a gritar: volta Lula, volta Lula, eu fiquei muito puto da vida porque é uma falta de respeito com a Dilma. Então peguei o microfone e falei: olha vamos parar de brincadeira, esse país tem uma candidata a presidenta e a nossa candidata é a Presidente Dilma Rousseff e encerrei o assunto, matei o assunto. Tinha reunião em casa de um e de outro empresário, com duzentas, trezentas pessoas que queriam tocar no assunto, mas eu vetava. Eu posso até estar errado, mas tenho a consciência tranquila de que não fiz nenhuma sacanagem com ela, e nem estupro o direito político que ela tinha.

Bob Fernandes: Presidente, os quatro bancos, Brasil, Itaú, Bradesco, Santander tiveram no segundo semestre o lucro de 20 bilhões e 400 milhões. Não tem algo aí que já estava e que segue errado, principalmente quando a gente olha para o outro lado e vê como o anúncio de absolutamente

obrigatório o arrocho na previdência, o desmonte nas leis trabalhistas, a venda aos pedaços da Petrobrás. Que rumos nós estamos vendo e o que se deveria fazer?

Lula: Se os bancos forem deficitários, eles quebram. Então é importante que eles tenham uma margem de lucro aceitável por uma ética determinada pela cabeça humana. O que não pode é só eles ganharem.

Bob Fernandes: Exatamente o que eu estava falando.

Lula: O que não pode é só eles ganharem, porque se eles ganham um pouco, os empresários ganham um pouco, se os trabalhadores ganham um pouco, se os funcionários públicos ganham um pouco, é razoável. O que que nós fizemos no meu governo? Toda vez que a taxa SELIC aumentava 0,5%, eu reduzia 0,5% na TJLP, que é a taxa de juros a longo prazo do BNDES. Porque no Brasil você tem o seguinte - não sei como é agora: um conjunto de pessoas que buscam dinheiro no BNDES, que o juro não é a taxa SELIC; você tem um grupo de pessoas que pegam dinheiro para a construção civil na CEF - o dinheiro não é a taxa SELIC; você tem um conjunto que pega no Banco do Brasil, para a agricultura - o dinheiro não é a taxa SELIC. Aí você tem ainda os grandes, que podem pegar dinheiro em dólar, que também não paga taxa SELIC. Aí você tem aí uns 25% a 35% que são os setores médios, pequenos e médios empresários, que esses sim, ficam sufocados diuturnamente porque estão pendurados na promissória, pendurados nos bancos, não conseguem ir para frente. O que que a gente decidiu? Só tem um jeito de enfrentar essa situação, é injetar dinheiro na base da sociedade, por isso nós criamos o crédito consignado. Engraçado que eu não vejo as pessoas protestarem contra o spread bancário, porque o que mata o povo não é uma taxa SELIC de 6%, o que mata o pobre é uma taxa de juros nas Casas Bahia de 300%; é um cartão de crédito de 300%; é um cheque especial de 300%. O que não pode é o pobre comprar um microfone, um copo a prestação e pagar 280%, isso é que mata o pobre. É disso que nós temos de cuidar. É por isso que temos de ter um banco público forte para emprestarmos aos pequenos. Eu se tivesse voltado a ser presidente, o BNDES não voltaria a ser um banco para financiar grandes empresários, ele deve ser avalista dos empresários e os empresários irem buscar dinheiro mais barato no Japão, na Alemanha, nos Estados Unidos, onde tiver, para que o dinheiro do BNDES pudesse ser utilizado para fazer empréstimos mais baratos para pequenos e médios empresários. Eu pelo menos tenho um orgulho, eu espero que esse cidadão que o Bolsonaro colocou no BNDES agora, denuncie que no meu governo nós emprestamos 200 milhões para os catadores de papéis. Eu espero que ele denuncie: Lula deu dinheiro para catador de papel. Pequeno pagador não merece? Merece. Eles são melhores pagadores do que os grandes. O problema da economia hoje é que ela está totalmente financeirizada, ou seja, quando se fala em mercado não se fala nem em produção industrial, se fala nos bancos, se fala no rentismo. A pergunta que eu faço é: onde estão os empresários brasileiros? Eu sou de um tempo em que se tinha grandes empresários, lideranças importantes, muito importantes que lutaram pela conquista da Democracia. Aliás, esses dias um deles quebrou esses dias, que é o Cláudio Bardella, do Antonio Ermírio de Moraes, do Emar (inaudível) de

gente muito importante na economia brasileira, hoje você não tem. Hoje o grande empresário que aparece na televisão é o Louro José, aquele da Havan [Luciano Hang], com terno verde e gravata amarela. E se a gente continuar com essa política de puxa saco americano, a gente vai acabar perdendo o potencial do agronegócio em outros países. Eu não sou contra que exporte commodities, é preciso que a gente avalie o quanto de tecnologia tem em um quilo de carne de frango, de boi, ou de soja. Tem muita tecnologia, muita genética aí, não é menosprezar, o Brasil tem que ser exportador de commodities, mas também tem que ser exportador de manufaturados. Como a gente vai brigar com a Argentina, que é o nosso maior importador de produtos manufaturados.

Então Bob, eu sei que eu estou falando demais, mas a primeira coisa é que dirigir um país, você tem que ter em mente que você não dirige para grupos, você dirige para todos. Você tem que ter o mesmo respeito por um catador de papel, o mesmo respeito por um engenheiro, o mesmo respeito por um empresário. Só que a sociedade tem que saber que entre toda a sociedade, você tem que escolher aqueles mais vulneráveis para dar uma injeção a mais, colocar mais investimento para gerar emprego, para construir sua casa. É por isso que criamos o Minha Casa Minha Vida, não dá para falar em financiamento para um cara que ganha um salário mínimo, ele não tem como pagar uma prestação de 300 ou 400 reais. Ou ele come, ou ele paga. Foi bom falar nisso que eu lembre de uma coisa, a nossa menina que está presa lá em São Paulo, a filha da Carmem^{xxxvi}, a Preta. Que esculhambação é essa, que justiça é que nós temos nesse país, que vai pegar os coitados que deveriam estar sendo guardados, para ter uma casinha precisam ocupar. Cadê o prefeito que não foi cuidar do prédio abandonado? Quem é que deveria cuidar daquele prédio? E quem está preso são os inocentes.

Então, Bob, a minha tese é a seguinte, não dá para continuar assim, não sei porque que eles têm medo que eu saia daqui. A única coisa que eu quero que eles saibam é o seguinte, se eu sair daqui, eu não vou para rua contra ninguém, não é o meu feitio ir para a rua falar mal dos outros, eu vou para a rua para levantar a autoestima desse povo, porque o povo nunca elegeu um presidente com o objetivo de destruir o país. Nós não podemos nos calar diante do que estão fazendo na Universidade, na Saúde, na Indústria Nacional, no nosso território. Agora vão entregar a Amazônia para os americanos explorarem nossas riquezas? E nós vamos ficar quietos, vamos deixar? Se eles têm medo de mim, arrumem outro jeito para me calarem, porque sinceramente não vão calar um homem de 74 anos, um homem que já fez o que eu fiz pelo país, não vai se calar. Se alguém não gostar de crítica, encontre um outro jeito, porque eu quero a minha inocência. Outra coisa, não adianta ficar discutindo no meu caso progressão da pena. Eu não quero “ah o Lula coitado, já está com 73 anos...”

Bob Fernandes: O senhor está dizendo que o senhor não vai pedir...

Lula: Não vou pedir, eu quero minha inocência, eu quero sair daqui com 100% de inocência.

Bob Fernandes: A conversa dos procuradores, tudo que o Intercept está revelando é mais do que suficiente para perceber que esse processo foi contaminado. Agora, a política brasileira não tem um

problema? Empreiteiros que estão fazendo uma obra, isso não chega ao presidente? Chegou? O senhor acha que é aceitável isso?

Lula: Primeiro que não tem crime você ter proximidade com qualquer pessoa...

Bob Fernandes: Eu digo ter proximidade quando faz um favor, quando faz uma obra.

Lula: O cara pode fazer obra. Deixa eu fazer uma pergunta: houve um processo desde as passeatas de 2013 de destruir a Democracia no país. E um dos objetivos era destruir a Copa do Mundo. Nunca se falou tanto em corrupção nos estádios, como se falou durante aquele período. Você pode como jornalista ir ao Tribuna de Contas da União. O Tribunal escolheu um conselheiro, chamado Walmir Campelo, que foi o cara responsável pela fiscalização dos estádios na Copa do Mundo, e perguntar para o conselheiro - tem um relatório lá - qual o estádio que teve corrupção? O fato de você ter relação com empreiteiro, com banqueiro, não significa que você possa praticar corrupção. Essas coisas você nunca fica sabendo, porque só sabe quem faz. Eu tenho profundo respeito pelo tratamento que (eu) dava os empresários brasileiros. Antônio Ermírio de Moraes quando era vivo, e eu sabia que ele não gostava de mim, cansou de fazer críticas a mim. Mas o tratamento de respeito que eu tinha com ele e com o Emilio Odebrecht, ao Leo [José Ademário Leo Pinheiro- ex-presidente da construtora OAS] que está aqui [cumpriu pena na PF de Curitiba na mesma época de Lula] e que me delatou de forma mentirosa, porque ele já tinha prestado vários depoimentos sobre juramento e não tinha me delatado, e o único depoimento que ele não prestou juramento...

Bob Fernandes: A propósito disso, qual o verdadeiro sentimento que o senhor tem pelo seu ex-companheiro Palloci [Antonio Palloci - Ministro da Economia 2002/2006], que já está na rua de tornozeleira eletrônica?

Lula: Não sei se você sabe a delação do Palloci, é uma coisa suis generis: tem um delegado chamado Dr. Passos, que é o cara que fez delação. Esse cidadão está processado por mim desde 2016, por causa de uma mentira que ele contou. De repente eu fico sabendo que ele é o responsável pela delação do Palloci. Então ele está fazendo a delação do Palloci, e na verdade o Palloci está dando para ele todos os instrumentos que ele precisa para utilizar na sua defesa contra a minha acusação.

Bob Fernandes: Em uma frase, o pacto de sangue naquela hora.

Lula: Então, o Palloci serve a ele, e ele serve ao Palloci. Esse delegado tinha quatro inquéritos, ele veio aqui nós exigimos informações que a Suprema Corte mandou nos dar, ele abriu mão de três inquéritos e não veio mais, eu estou aguardando. Porque quando um cidadão chega à situação que o Palloci chegou, não vale a pena ser humano. Eu sou filho de uma mulher analfabeta, mas eu aprendi o orgulho de andar de cabeça erguida.

Bob Fernandes: O senhor acha que aquilo ali era um projeto de poder?

Lula: Eu acho. Nem todo mundo está preparado para enfrentar a célula narcisista, esse pessoal é todo narcisista. Esse Dallagnol eu não conheço porque ele nunca teve coragem de ir a uma audiência comigo, nunca. Mas esse Dallagnol deveria ser um cara que levantava de manhã, primeiro pedia a benção para o Moro, depois ia na frente do espelho e perguntava: espelho, espelho meu, tem alguém mais inteligente, mais sábio, mais competente do que eu? No meu caso, eu só posso falar pelo meu caso, e é por isso que eu desafio eles, o que eles julgaram na verdade não foi o Lula, o que eles julgaram foi o meu mandato. Tem tanta coisa absurdas, que nem vou falar agora, porque vai ter outras oportunidades, a ponto de eles inventarem uma medida provisória por conta da compra do caça sueco, que foi feita dois ou três anos depois pela Dilma. E eles foram inventando, foram inventando. O Lula viajou para tal país. Eles têm aqui na PF todas as minhas palestras.

Bob Fernandes: Mas essa foi uma primeira tentativa, mas eles viram que não...

Lula: Pegaram meu discurso, é plágio utilizar, porque está tudo filmado. E quando eles vieram aqui, eles disseram que minhas palestras eram iguais às do Dallagnol, clandestinas. As minhas não, eram todas filmadas, fotografadas, tinham entrevistas minhas.

Bob Fernandes: E seu Instituto está sendo investigado também. Aliás, qualquer coisa que tenha denúncia, é obvio que tem que ser investigada. Eu pergunto ao senhor sobre a diferença de tratamento, porque o Gerson Camarotti [Repórter da Globo News] escreveu em 2002 sobre um jantar no Palácio do Planalto, ainda presidente o Fernando Henrique com doze empresários. Esse jantar, ainda dentro do palácio, o ainda presidente arrecadou sete milhões e meio para a constituição, no futuro, do Instituto Fernando Henrique Cardoso. Alega-se com razão, que o fato prescreveu, mas os doze empresários estão vivos, então para a imprensa não prescreveu, que dizer, essa diferença é que eu questiono. Por que o senhor acha que o tratamento é claramente diferente? Tudo em relação a seu governo foi investigado. No governo FHC teve denúncia de compra de votos para reeleição, que não foi investigada para valer; venda da Telebrás, 22 bilhões não foi investigada para valer, o Cerveró [Nestor Cerveró – Diretor Internacional da Petrobrás 2003/2008, foi preso pela Operação Lava Jato] falou em uma das conversas sobre a Braskem, nenhuma das denúncias do governo FHC foi investigada. Então eu pergunto, não é fazendo intriga, eu pergunto para o senhor, a diferença no tratamento...

Lula: Eu lembro de uma coisa na campanha de 2002, acho que foi, que alguém foi na minha casa levar o cartão de uma empresa para dizer assim para mim: oh Lula, vai investigar essa empresa aqui que foi ela que deu um apartamento para o FHC. Eu não sei se era verdade ou mentira, mas eu falei: eu não vou investigar. Não é esse meu problema com o Fernando Henrique Cardoso, esse é um problema da polícia. Não vou investigar. Depois tem em 1998 a denúncia sobre as ilhas Cayman, trezentos e sessenta milhões de dólares que estavam na conta do FHC.

Bob Fernandes: Era falso.

Lula: Eu não sei se era falso, eu não entrei no mérito. O Brizola consultou o Nilo Batista, eu consultei o Márcio Thomaz Bastos e nós resolvemos deixar aquilo para lá, não fomos atrás. Depois o Roberto Marinho foi me procurar para saber: oh presidente o senhor vai utilizar o filho do FHC fora do casamento? Eu já tinha sido vítima do caso da Luriam. Eu falei, olha eu não sou, meu problema com o FHC não é sobre maconha, não é sobre mulher. Então, não espere de mim nenhuma baixaria. E fui candidato todas as vezes e você sabe que não tem baixaria.

Agora no meu caso, no caso do PT, até o Tribunal de Contas, que ninguém dava a menor importância, no meu governo ficou importante, até o Nages que ninguém queria indicar e foi indicar o Severino na Câmara, todo mundo dizia que o Nages era ladrão, o presidente anterior a ele não queria nem dar posse, que também era gaúcho. Virou importante e virou o denunciador da Dilma, e a sociedade aceitou isso pacificamente.

Bob Fernandes: Por quê?

Lula: Porque a sociedade, ela foi induzida ao ódio.

Bob Fernandes: Aí voltamos...

Lula: Você falou do Eduardo Cunha, você acha normal uma PF que vai na minha casa, vai na casa dos meus netos e pega o tablet de um moleque de 4 anos de idade, e ficaram um ano com o tablet, e eu aqui preso. Não tiveram coragem de pegar o telefone do Eduardo Cunha, porque o Moro falou, não, não pega o telefone. Olha o que é que tinha no telefone de Eduardo Cunha que Moro queria que ninguém soubesse? Por que eles não aceitaram uma delação do Eduardo Cunha? Tudo isso o Moro tem que explicar, porque ele não tem mais toga. Ele se escondeu atrás da toga, mas ele virou um cidadão comum, então ele tem que se explicar para a sociedade brasileira.

A única coisa que eu fico assim meio ressentido é que eu provei, com muita humildade e com o apoio do povo brasileiro, que é possível consertar o país. E você conserta o país sendo amigo de todo mundo, sendo amigo de todos os países do mundo, eu não tive inimigo. Depois você conserta fazendo que todo mundo sabe que tem que fazer: colocar dinheiro nas mãos do povo mais pobre, pra ele poder ter o prazer de consumir alguma coisa e produzir o que ele próprio vai comprar. É por isso que nós fizemos tanta política social, é por isso que as pessoas acham que eu falo de soberba, não. A coisa que eu tinha mais orgulho na vida é quando o cara diz assim: Lula eu estou comendo picanha eu estou comendo filé. Eu não esqueço a quantidade de gente, é importante as pessoas saberem que este país que está sendo destruído, já foi um grande país. E eu graças a Deus, graças ao povo brasileiro, graças a figura como o Celso Amorim, era respeitado em qualquer país do mundo. Agora nós temos um presidente que só fala bobagem. Eu até quero pedir desculpas aos doentes com deficiência mental, porque eu disse outro dia numa entrevista eu disse que o Brasil estava sendo governado por uns doidos. Aí eu acho que eu fui grosseiro com eles. Bolsonaro é muito pior do que isso. Eu ainda não

tenho palavras em português para isso. Eu não tenho, meu palavreado é muito pequeno, então eu não tenho.

Bob Fernandes: O senhor estava falando de como as pessoas estavam consumindo em seu governo. Existe uma crítica, bastante acentuada e corrente, sobre o privilégio (que foi dado) à questão do consumo e a não-politização (da sociedade). O senhor acha que este modelo que alguns chamam de coalizão e outros chamam de eterna conciliação, ele se esgotou? Que vem desde a Nova República, a coalizão política é uma coisa, mas a conciliação tem amplíssimo interesse, tudo cabe em um ônibus, sem se ter a clareza de cada interesse? Esse modelo se esgotou presidente? E qual é o próximo passo:

Lula: Eu não sei se esse modelo se esgotou, porque o povo brasileiro teve apenas um período muito curto de acesso a alguma coisa.

Bob Fernandes: Mas dessa forma se consegue modificar?

Lula: É preciso se encontrar outra fórmula. Houve revoluções que não conseguiram encontrar essa fórmula. A necessidade que você tem de distribuir a riqueza produzida, para que todos tenham acesso, nós provamos que é possível.

Bob Fernandes: Como se fará isso daqui por diante?

Lula: O pessoal fazia críticas “não, porque o Lula adotou uma política de consumismo, e é preciso adotar uma política de desenvolvimento industrial. Mas o desenvolvimento industrial só vem com o consumo, uma empresa para se desenvolver, só vai investir se tiver consumo. A empresa não investe dinheiro. O patrão é covarde, o dinheiro é covarde, ele só vai aonde ele tem lucro. Então, o que acontece? Não é consumismo o cara querer comer um quilo de carne por semana. Não é consumismo um cara querer comprar uma calça nova uma vez por ano, o cara querer comprar um brinquedo para o filho, consumismo é o cara querer ter dez carros, querer ter dez casas, querer ter dez barcos. Isso é consumismo. Agora comprar o que comer, o povo pobre querer ter o prazer de fazer um churrasco no final de semana, tomando cerveja. Você tentar evitar que o povo possa pegar a família e ir para uma praia no final de semana, é um direito elementar. Fazer que o filho do pobre possa ir para a faculdade, tem gente que não gosta.

Eu sempre conto uma história que é o exemplo do que eu vou dizer: uma vez eu fui na casa de uma pessoa em Ribeirão Preto, e aí a pessoa me apresentou a empregada, uma senhora gorda, e disse: “essa aqui é mãe, é mãe da casa, ela cuida de mim, cuida do meu filho, está criando os meus netos, ela é a mãe.” Aí a mulher fez uma feijoada deliciosa, nós comemos, bebemos uma caipiroviska, e aí, na hora que eu vou saindo para ir embora, a mulher me chama na cozinha e fala: “Oh Lula, o doutor falou que eu sou da família, pergunta para ele se eu estou no testamento?”

Então tem um problema crônico na cultura brasileira, as pessoas não aceitam que o pobre tenha uma ascensão social. As pessoas acham que o Parque do Ibirapuera é para uma pequena parcela.

As pessoas acham que o teatro é para uma pequena parcela. Que o cinema é para uma pequena parcela. As pessoas acham que o espaço público tem que ser para uma elite. A Universidade é para uma pequena parcela. Não é à toa que este país foi o último país da América Latina a ter uma Universidade. Por que que a USP foi a primeira, você tem noção? A USP foi a primeira Universidade brasileira em SP, é engraçada essa história, porque antes do Mário Covas não tinha feriado, era ponto facultativo, e os tucanos conseguiram transformar um golpe numa revolução, e deram um feriado. Então São Paulo tinha perdido para o Getúlio Vargas, não poderiam permitir que o Estado, a União se intrometesse na formação do povo de São Paulo. Então, nós perdemos a guerra mas *vamos criar uma elite política para mandar nesse país, e criaram a USP*, que é uma das melhores coisas que a gente tem no Brasil, e quiçá uma das maiores do mundo.

Bob Fernandes: Política, presidente. Num futuro próximo, o que o senhor pensa? O que é possível agora? Uma frente de esquerda por baixo, juntando uma miríade de movimentos sociais que existem, pode estar tudo parado, mas existem. Ou uma frente partidária? O que o senhor pensa que vai acontecer, ou como é que o Brasil vai sair dessa, como as chamadas esquerdas saem disso agora, com essa aparente apatia?

Lula: Você sabe que aqui não tem internet, então aqui eu assisto TV aberta, então aqui eu assisto o que eu não assistia enquanto estava fora.

Bob Fernandes: Agora o senhor está vendo que falta a regulação, né?

Lula: Tem um monte de canal da TV aberta, depois tem um monte de canal da TV evangélica, e tem um monte de canal da Igreja Católica, então minha vida é esta. O que que eu penso quando vejam as pessoas falarem? A imprensa - estou falando do Jornal Nacional, do SBT da Record falo muito pouco da política da esquerda. Nós estamos habituados a construir frentes de esquerda. Eu fui candidato em 1889, eu fui candidato em 1994, eu fui candidato em 1988, eu fui candidato em 2002...

Bob Fernandes: Mas tem gente que diz que a liderança do senhor é tão solar e tão forte, que tem impedido o surgimento de novas lideranças, não só dentro do PT, o Ciro Gomes é um que faz essa crítica, que isso impede o surgimento de outras lideranças. O que o senhor pensa disso?

Lula: Você acha que o Pelé teve culpa de ser o Pelé? Que por conta dele não surgiram outros? Você acha que o Messi... pera aí, o PT tem muitas lideranças, muitas lideranças.

Bob Fernandes: Por exemplo...

Lula: No meu tempo o PT tinha o Zé Dirceu, o Genoíno, tinha o Palloci, que eram pessoas de alto teor de competência política, hoje tem o Haddad, tem a Gleisi, tem o Camilo, tem o Rui tem o Wellington, tem muita gente importante, tem o Tarso Genro.

Bob Fernandes: E fora do PT?

Lula: No PDT tem o Ciro Gomes, que é um grande quadro político, tem o nosso companheiro Flavio Dino, tem o Boulos, que é uma figura em gestação. Quando eu fui candidato eu tive o Ciro contra mim duas vezes, tive o Garotinho contra mim duas vezes. O PSB não foi comigo todas as vezes, o PDT não foi comigo todas as vezes. Foram no segundo turno. O PT não pode ser criminalizado por ser o maior partido de oposição, não podem dizer o PT quer tudo. Eu quero saber quem é que abre mão. Eu quero saber se um partido que tem 30% para começar o jogo, abre mão para um que tem 2%. Quero ver em que lugar do mundo, que nós temos que construir uma frente. As pessoas precisam aprender que na construção de uma frente, e eu fiz isso muito bem, duvido que tenha uma queixa do meu comportamento. O que não dá é para a gente não levar em conta o seguinte, eu não posso ir na tua casa, tomar a tua cerveja e sair falando mal da tua casa, da tua cerveja. O problema do Ciro é esse, o Ciro não sabe conviver com contrários, e a construção de frente, a construção de democracia pressupõe você viver com contrários, o debate, democrático é uma coisa muito importante, mas muito importante. Então construir uma frente, tá o PT está se reunindo com o PC do B, com o PSB, se isso vai dar numa candidatura só em 2022 eu não sei, o que eu sei é que é preciso que cada partido avalie sua possibilidade, sua chance, e se faça o jogo que se tem que fazer, sem ficar um com raiva do outro. Eu de repente fui tacado pelo Ciro Gomes “porque o Lula foi convencer o PSB”, ora o que ele queria que eu fizesse? Que eu deixasse o PSB para ele? O que ele queria que eu fizesse, que largasse o PSB? Isso não tem sentido.

Bob Fernandes: O senhor falou uma coisa agora há pouco, que o senhor estava vendo as televisões abertas, etc., aí a gente entra em outro tema que eu acho que é muito importante, o Estado laico, ou o Estado dito laico. Quando se liga a TV a cabo são 13 ou 14, são duas religiões basicamente, num estado que é laico, e com isso as bancadas vão se multiplicando pelo país afora, temos um na Presidência da República, teoricamente, assim como outra bancada, que são os horários do terror. Isso é uma concessão do Estado Por que que o Estado permitiu? Você tem três mil emissoras comunitárias que alugam o horário o tempo todo para isso, mas isso é uma concessão do Estado. Isso vem de muito tempo já, no seu governo também, e no governo da presidente Dilma também. E da mesma forma esses programas radiofônicos e televisivos sobre violência, que na verdade faturam violência, e que estão elegendo bancadas poderosíssimas e isso se tornou um problema. Por quê?

Lula: E você não assiste como eu assisto. Essa foi uma coisa que nós deixamos passar despercebido. A manipulação dos meios de comunicação por setores corporativos, sejam religiosos ou empresariais ou o pessoal da bala. Veja, se você analisar, essa gente não se apresenta como defensor da bala, se apresenta como da paz e da justiça, se apresenta como empresário. Um ou outro assume o papel. Essa eleição teve muita gente que foi votada quase como ridícula. E você tem como? Tem dois sem-terra no Congresso Nacional; quantos trabalhadores? Você tem pouca gente. Esse é um problema que os partidos de esquerda vão ter que pensar. Como fazer a disputa democrática e sair vitorioso? Porque

não tem explicação a deputada em SP ter dois milhões de votos para deputada estadual, e o cara que teve 50mil não ficar preocupado de como foi que ela teve. A Janaína não era conhecida como ela pensa que era para ter dois milhões de votos o Bolsonaro nem acreditava que ia se eleger. Ele não acreditava, ele já disse isso. A pergunta que eu faço é a seguinte: cadê a investigação que a Justiça Eleitoral deveria fazer para saber se houve fake news ou não.

Bob Fernandes: Vai ter caixa dois de novo, fake news pago com caixa dois.

Lula: O PT foi muito bondoso. O PT não entrou com processo, o PT não exigiu, ora meu Deus do céu, o que nós queremos é que haja investigação.

Bob Fernandes: A denúncia é de fake news pago via caixa dois.

Lula: Mas já tem financiamento dos EUA, já tem financiamento da Espanha, já tem financiamento de tudo quanto é lugar. Só não tem investigação. Eu fiquei vendo esses dias que a Justiça Eleitoral só vai abrir este processo em 2023. Nós estamos vivendo uma situação no Brasil, que tem muita gente que está boquiaberto, que está abismado, que está meio zozzo, como se estivesse anestesiado com o que está acontecendo no Brasil. Só tem um jeito para a sociedade evitar isso, é a sociedade se manifestar. Um presidente da República não pode fazer o que quer. Um Congresso não pode fazer o que quer, tem que saber o que o povo pensa. O povo precisa aprender a se manifestar, focar o que nós queremos.

Hoje eu acho que a defesa da soberania nacional, entendendo o que é soberania nacional, desde a nossa fronteira, as nossas riquezas minerais, a nossa floresta, a nossa biodiversidade, a nossa tecnologia, a nossa Universidade e o nosso povo, ou seja, o povo não pode permitir que o Bolsonaro destrua tudo isso junto com o Guedes, não pode.

Bob Fernandes: Esse silêncio não é normal. Esse aparente silêncio pode sempre preceder uma faísca como a gente viu em 2013. Então eu pergunto para o senhor analisar, como o senhor é uma pessoa experimentadíssima na política, o que significa essa aparente apatia, ou anomia?

Lula: Isso acontece historicamente, a primeira coisa que eles trataram de fazer foi criar na sociedade a desconfiança sobre a política, sobre partido, sobre sindicato, ou seja, nada presta. Então na medida em que você cria a desconfiança generalizada, você corre para a escuridão. Esses dias eu citei aqui um livro do Mia Couto que eu estava lendo, um escritor moçambicano. Ele tem uma frase que é a seguinte: quando a sociedade está com medo, ela se escuda no monstro. Então o Bolsonaro foi o monstro que surgiu, certamente não era isso que a Globo esperava. A Globo esperava alguém do time deles. Não tiveram coragem de lançar o Luciano Huck, os candidatos lançados pelo Lehman parece que não estão dando certo. Então, já que não tem tu, vai tu mesmo. Aí virou o seguinte, o problema é tentar destruir o PT e o Haddad. Aí eu fico pensando, o que uma pessoa de juízo perfeito nesse país de estado febril a 36º, portanto está no seu estado mais normal, tenha deixado de voltar num homem da qualificação do Fernando Haddad par voltar numa pessoa como o Bolsonaro?

Bob Fernandes: Não tem aí um componente muito grande de ressentimentos vários? A auto-avacalhação política. A desqualificação da política, a magnificação dos erros da política produziram esses sentimentos. Quando eu perguntei no começo é se há uma intuição. Porque ninguém chega à Presidência da República por acaso. O senhor não acha que tem uma intuição política que ele joga com seus 30%?

Lula: Acho, acho. Uma parcela do eleitorado brasileiro, incensada pelo ódio pelo PT, pela democracia, 60% do eleitorado não se manifestou, o que foi um erro é como nos EUA, as pessoas não se manifestaram, e veio o Trump. Não adianta reclamar do Trump, é preciso cuidar do que foi parido nesse país. Então o Bolsonaro está governando tudo bem, o filho dele vai ser embaixador porque sabe fritar hambúrguer tudo bem, o que é importante é que não se permita que ele destrua o país, o país não é dele, a bandeira nacional não é dele, o verde-amarelo não é dele, não podemos deixar que essa gente se apodere dos valores nacionais. O Brasil é meu, agora o meu partido é o PT. Ele tem coragem de dizer qual é o partido dele, qual a bandeira do partido dele, quais são os valores do partido dele, tem que dizer isso.

Eu queria te lembrar que eu me preparo aqui para ter paciência, eu me preparo mesmo. Eu não destilo ódio, eu sei o que fizeram comigo, às vezes fico bravo, às vezes fico magoado, quando vejo pessoas que deviam beijar os meus pés, inclusive das Forças Armadas, ficam falando bobagens a meu respeito, os empresários todos deveriam fazer uma procissão aqui com vela de noite e pedir perdão para mim, pelo o que eles estão fazendo com o Brasil. Pelo crescimento do número de desempregados, pelo crescimento do número de pessoas com fome, pelo crescimento do número de pessoas dormindo na rua. Porque a fome, Bob, a fome é uma doença muito, mas muito má. A fome só quem sente que sabe, a lombriga maior tá comendo a menor de tanta fome, eu estou aqui conversando com você, mas você não sabe que eu estou com fome. Então essa elite que governa o Brasil trata o ser humano como se fosse um número. O ser humano não é isso. Agora é muito mais grave, estão tratando o ser humano como se fosse um algoritmo. Eu assisti esse filme agora, Liberdade Hackeada, todo mundo precisava ver esse filme, para ver a que a sociedade está se submetendo, daqui a pouco nós não teremos mais sentimentos, alguém vai cuidar do seu sentimento via o seu celular, não é possível.

Bob Fernandes: Eu sei que o senhor está lendo muito, porque seus advogados e o Marcola disseram. O que o senhor tem a dizer, daqui a pouco serão quinhentos dias, para um homem de 74 anos, o senhor aqui, ler e refletir. O que que modificou, o que o senhor pensa diferente hoje, tendo passado esse tempo aqui?

Lula: Eu penso que a coisa mais extraordinária da idade é que ela te permite ir aperfeiçoando teus conhecimentos. Hoje eu tenho convicção de que nada merece mais respeito do que a sabedoria dos cabelos brancos. A idade é muito boa, a molecada voa no celular, mas para tomar decisão, você tem que pensar o que vai acontecer depois da decisão, eu estou mais maduro. Hoje eu tenho clareza do que deveria ser feito nesse país, e tenho certeza que faria muito mais. A nível de política externa, a nível de

distribuição de renda, eu estaria mais radical hoje. Eu quero discutir a distribuição de riqueza, e não a distribuição de renda.

Bob Fernandes: Qual o maior erro que o senhor cometeu?

Lula: Deve ter muitos erros, eu posso dizer que foi erro tudo o que eu não fiz, mas posso lhe dizer que a mágoa que eu fiquei de mim é pelo que eu fiz, maldita hora que apareceu um pernambucano semianalfabeto nesse país, que perdeu três eleições, foi eleito presidente da República, e provou que era possível a filha da empregada doméstica disputar uma vaga na Universidade com a filha da patroa e passar no ENEM e no vestibular. Maldita hora que nós colocamos um monte de meninos e meninas da periferia, em universidades particulares, disputando com os filhos da elite brasileira, e essa gente receber financiamento do Prouni, Maldita hora que nós colocamos o Estado para ser o financiador da vaga do aluno, porque se o Estado tem dinheiro para financiar o empresário, ele tem que ter dinheiro para financiar o estudante. Então na lógica deles, esse foi o meu erro. Na minha lógica é o que eu não fiz, eu poderia ter feito mais Universidades, mais escolas técnicas, eu poderia ter feito mais casas, eu poderia ter feito muito mais coisas. Hoje eu fico torcendo para que o Brasil escolha pessoas que sejam capazes de fazer, sabe? Porque não há outro jeito de governar esse país, a não ser ouvindo seu coração. Se você ouvir o meu coração, vai ouvir o barulho daqueles que não estão no seu escritório, daqueles que não estão no seu meio-ambiente. É esse povo esquecido que nós precisamos dar a ele o alento de que é possível ele conquistar a cidadania. Então, você pode estar estranhando isso com a minha frase que eu não quero progressão de pana, você pode estar estranhando isso porque eu não quero progressão de pena. Eu não sou contra progressão de pena, eu não sou maluco não. Eu quero casar quando eu sair daqui, eu quero viver com meus filhos, eu adoro tomar uma caipirovisca, comer um churrasco, falar bobagens junto com as pessoas. O que eu não posso é sair daqui sem condenar os culpados. O Moro pelo que ele fez com a toga ele não merece respeito. Ele está se mantendo porque a Globo ainda sustenta ele. Ele está se mantendo como a Secretaria de Estado de Justiça ainda sustenta ele. O Dallagnol nem deveria existir porque ele não tem formação para isso, ele não tem tamanho para fazer o que ele está fazendo. Por isso que ele tem tanta molecagem, tanta bandidagem. Então como é que eu posso com 74 anos, com 8 netos e uma bisneta, estar aqui. Pode perguntar para eles (aponta os carcereiros que o acompanham) sou muito bem comportado, não exijo nada que eu não tenha direito, não encho o saco de ninguém. Às vezes sou vítima, como eu fui agora, que queriam me transferir...

Bob Fernandes: O que o senhor acha que foi essa Operação Tremembé? O que significou? Qual era a necessidade de mandar o senhor para lá?

Lula: O que significou é que eles têm a necessidade de se ver livre do Lula antes que ele possa sair daqui. Eu não conheço a juíza, nem sei quem ela é, mas ela foi irresponsável na decisão dela. Eu espero que a sociedade esteja acompanhando, esteja vendo. Eu não quero ser tratado melhor do que ninguém. Aliás, eu não queria quando eu era o Presidente da República. Por que eu falo de

progressão, porque eu quero sair daqui com a mesma cabeça erguida que eu entrei. Eu não entrei aqui de cabeça baixa, eu entrei de cabeça erguida porque eu sabia o que eu vim fazer aqui.

Bob Fernandes: Se o senhor sair daqui, vai fazer política.

Lula: Quando eu vim para cá eu tinha uma ADC, Ação Direta de Constitucionalidade. Em uma semana foi retirada, o Toffoli retirou de votação, e eu estou aqui esperando, eu estou aqui há um ano e meio, estou com paciência. Agora, a não ser que essa gente seja tão covarde, que pense, ah vamos deixar ele mais um pouquinho lá, ele está com 74, bem, eu vou fazer 74 em outubro, daqui a pouco ele morre, ele vai dormir e não levanta mais, então está resolvido nosso problema. Mas eu não vou morrer. Se tem um velhinho que vai durar para caramba sou eu.

Bob Fernandes: Se o senhor daqui vai fazer política para valer?

Lula: Ah, vou. Eu não vou dizer o que eu quero fazer, mas por exemplo que quero fazer um protesto, é uma coisa que eu queria fazer antes de ser preso, na porta da Rede Globo da Televisão. Eu preciso dizer umas boas para os Marinheiros e para o Ali Kamel. Eu tenho arquivadas todas as horas que esses caras falaram mal de mim

Bob Fernandes: Eu tenho uma informação, entre dezembro de 2015 e agosto de 2016, segundo levantamento da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 14 horas das 17 horas foram notícias negativas.

Lula: Tem uma tese que está sendo feita por uma professora, eu estou lendo ela, só em 2018 foram 200 jornais nacionais contra o Lula. A informação que eu tenho é que já passou de quatrocentas horas demonizando o Lula e endeusando o Moro. Como é que eles vão desfazer isso, não pode...

Bob Fernandes: Mas o senhor entende que o problema não é eles fazerem isso, é existir a possibilidade de eles fazerem isso, é não existir a pluralidade e a diversidade.

Lula: A Rede Globo assumiu o comando político da maledicência nesse país, todo o ódio contra a Copa do Mundo, todo o ódio de 2013, todo o ódio contra a política é incentivado e mastigado pela Globo, que é a maior. Essa gente tem que aprender a me respeitar como eu a respeito. Eu não esqueço nunca, eu já contei mas vou contar outra vez, porque sempre é bom contar: eu não esqueço nunca de uma visita que eu fiz ao Roberto Civita no hospital Sírio Libanês, acompanhando da minha mulher, do Dr. Kalil e da assistente dele. O Roberto Civita estava lá internado, eu sabia que ele não estava bem. Quando eu cheguei no quarto, o Roberto Civita falou: “ah presidente, que prazer, eu não esperava..., aí olhou para Mariza, e disse, a senhora deve me odiar, a senhora não gosta de mim, porque a Veja contou muitas mentiras a respeito de seu filho e nunca pediu desculpas. O Ricardo Conti já publicou alguma coisa nesse sentido. Eu respondi: “Roberto, eu não vim aqui discutir as minhas divergências com você, eu vim aqui te desejar uma boa recuperação”. Aí ele falou bem de uma jornalista: “Eu

estou lendo aqui esse artigo de uma jornalista, eu não vou dizer o nome dela, do Estadão”. Eu disse: “eu até gostava dessa moça até ela entrar na gaveta do Serra.” E acabou minha conversa com ele. Ele morreu e a Veja nunca pediu desculpas. Eu sei o que meus filhos passaram, eu sei. Agora aqueles que destruíram minha família, agora estão pagando o preço, e vendo o que está acontecendo no Brasil.

Bob Fernandes: Tem uma pessoa que o senhor conheceu nos anos 70, em meados e adiante, não me refiro ao julgamento que ele talvez faça, mas o que o senhor pensa do Fernando Henrique Cardoso?

Lula: É lamentável, eu poderia até falar bem do histórico do FHC, até a entrada na política, mas sinceramente o Fernando Henrique Cardoso não merece o meu respeito. Ele, na sua soberba, o Quéricia falava: “O Fernando Henrique Cardoso não sabe conversar sem colocar o dedo na cara da gente.” O FHC lamentavelmente, vai morrer sem ter aprendido a conviver como meu sucesso. O ódio e a inveja que ele teve é não ter sido um presidente tão bem sucedido como eu fui, nem internamente, nem ter sido tão bem recebido no exterior como eu fui. Ele não me perdoa por isso. Como é que pode o Príncipe da Sociologia – só não era ele porque tinha o Florestan Fernandes – como pode o príncipe da sociologia ser ultrapassado em prestígio... ele não recebeu os títulos honoris causa que eu recebi, então isso deve mata-lo de inveja. Eu lamento, porque ele deveria ter sabido tirar proveito do processo democrático das eleições de 2002, que ele era o Presidente da República, fez uma transição muito boa, e poderia ter tirado proveito disso para ele, mas não tirou.

Bob Fernandes: Falando nisso, o te senhor tentou fazer uma aliança no início do seu governo, sem o PMDB ainda, mas depois fez, e governou muito bem com o PFL, com o DEM, por que em algum momento desse tempo todo o PSDB não tiveram pelo menos alguns pontos em comum para caminharem juntos, se eram mais próximos?

Lula: Nós caminhamos juntos aqui em SP com o Mário Covas, em 1994 e 1998, o PSDB andou junto conosco na eleição...

Bob Fernandes: Mas eu digo em temas específicos da sociedade, que pudesse juntar os dois.

Lula: É porque, tirando a ala do Mário Covas, é importante lembrar que o Mário Covas não era bem aceito pelo povo de São Paulo. O Mário Covas, as duas vezes que ele ganhou as eleições para governador, o Maluf quase ganhou no primeiro turno, o Mario Covas ganhou porque juntou todo mundo a favor dele. Eu gostava de graça do Mário Covas.

Bob Fernandes: Ele foi ao seu palanque.

Lula: O Franco Montoro era presidente do PSDB e resolveu fazer aliança em 1989, e colocou o FHC para coordenar, mas o Fernando não queria, o Fernando na verdade já tinha assumido compromisso como Collor. O Collor me disse isso no avião, ele disse que O FHC tinha feito um acordo que ele seria o Ministro da Economia e o Serra seria o Ministro das Relações Exteriores.

Bob Fernandes: Quem botou o pé na porta foi o Covas.

Lula: Isso, o Covas não quis e outros companheiros do Covas no Congresso Nacional. Eu tinha um profundo respeito pelo Covas, o Covas era aquele cara como o Requião, eu gosto deles, sem pedir que eles gostem de mim. O Requião é assim, eu gosto porque eu gosto.

Bob Fernandes: Nas vésperas do segundo turno, antes, ele falou: “eu não vou para o segundo turno nem o Brizola, é o Lula que vai. Sabe o que vai acontecer? Eu vou para o palanque dele e o meu partido vai ficar escondido lá no fundo. Eu vou perder a eleição para governador em 94.

Lula: Em 1994 o PT ia tomar uma decisão de voto branco, de não votar no Mário Covas, o que que eu fiz? Peguei alguns prefeitos do PT, peguei o Suplicy fomos para a rua defender o Mário Covas antes do PT decidir. Apoiamos o apoio ao Mário Covas em 94 e depois aprovamos de novo, em 98. Então nós tivemos juntos, era possível construir alguma coisa com um homem como o Mário Covas, mas depois que ele foi embora, quem sobrou? O Alckmin.

Bob Fernandes: A nossa entrevista está quase acabando, nesse tempo aqui na prisão o senhor perdeu um neto muito próximo, e o senhor aqui nesse isolamento diante da família, da política, do seu cotidiano. O que foi mais difícil enfrentar nesse processo todo?

Lula: O mais difícil, é muito duro você estar preso, sabendo que os culpados são os responsáveis pela sua condenação. É muito duro você ver a cara de pau do Moro, você ver a cara de pau daquele Dallagnol, e você sabendo que eles é que deveriam estar aqui no meu lugar, e que jamais poderiam assumir uma toga ou ter um cargo no MP. E você vai fazendo processo, vai fazendo recurso, vai fazendo recurso, e não é julgado nunca e vai enrolando. Eu não me conformo. Obviamente que a morte do meu neto Arthur não tem consolo, um moleque que morreu do jeito que ele morreu, eu não tenho explicação. Coloca em dúvida até as minhas crenças, porque é muito duro. Então eu estou aqui, vendo minha família passar privações, estou aqui com os meus bens todos bloqueados. E eu estou aqui, porque estou cumprindo o egocentrismo do Moro e do Dallagnol. O narcisismo deles me colocou aqui, porque a Globo os transformou em heróis nacionais, porque essa é a verdade. Até agora, pasme, até agora que estou aqui gravando, hoje é dia 14 (de agosto de 2019) e a Globo não teve a pachorra de publicar as mensagens do Intercept, como se os vazamentos não existissem. E eles tiveram a cara de pau de inventar, e eu queria cobrar isso da PF, quando você for a Brasília, Bob, cobra do Aleixo que é o diretor geral, eles tiveram que inventar um hacker em Araraquara^{xxvii}, prender um hacker para dar vazão às mentiras do Moro, e não têm coragem de prender o Queiróz. Ou o Queiróz está morto, ou ele evaporou, porque a PF com toda a inteligência não conseguir achar o Queiróz, nem conseguir achar quem mandou matar Marielle, é porque não tem interesse. Mas eu vou aguentar, eu espero que você venha outra vez aqui – mas quero sair logo.

Você me perguntou sobre livros. Eu já li aqui mais livros do que eu li em toda a minha vida.

Bob Fernandes: O senhor leu Getúlio?

Lula: Li a trilogia de Getúlio, mas os últimos que eu li foi o livro do Mário Magalhães, que você deveria ler, está muito bom o livro dele. Para mim que vivi o período, parece que você está ali, vivendo de novo, junto com ele. Eu li um livro muito interessante, de economia: Desigualdade no Brasil, do Eduardo Moreira.

Bob Fernandes: O senhor vai receber amanhã aqui o Leonardo Padura.

Lula: Eu li três livros dele, que chegaram ao meu acesso, e vi os quatro filmes policiais: Hereges, Transparência no Tempo e O Homem que amava os cachorros, que é extraordinário.

Bob Fernandes: A morte de Trotski.

Lula: Você sabe que eu assisto muitos filmes brasileiros, eu assisti recentemente: Guerra da Conquista; Massacre dos Índios; Guerra de Palmares; Massacre dos Negros; Guerra do Paraguai; Revolução de 30 e Universidade do crime. E assisti uma série de 29 filmes sobre os presidentes do Brasil.

Bob Fernandes: O senhor está fazendo um curso de História?

Lula: Sim, estou assistindo documentários. Assisti uma seleção de filmes que eu pedi para meu amigo Mauro Lopes fazer no Canal Paz e Bem, que é Retalhos do Brasil, é contar a História do Brasil que não foi contada, a Revolta da Chibata; a Cabanagem; a Balaiada, contar Zumbi. Estou me inteirando das coisas.

Bob Fernandes: Para encerrar: o senhor leu a biografia do Getúlio, o senhor vê semelhanças com aquele período e seu período, os anos recentes?

Lula: Eu não vi semelhança, por causa das origens dos personagens, Getúlio era um homem da elite.

Bob Fernandes: Mas da ação e reação?

Lula: O comportamento da elite é mais ou menos o mesmo, mas isso é histórico, na humanidade é assim. No meu caso, eles tentaram me destruir de todas as formas, eu nunca tive favor da imprensa brasileira, com raríssimas exceções, você sempre me tratou bem; Mario Ketz me tratou bem quando eu fui à Bahia. Tem outros em Pernambuco.

Bob Fernandes: Quando o senhor diz tratar bem, é ouvir suas razões, que é o básico.

Lula: É tratar com respeito, apenas isto. Eu nunca pedi para um jornalista fazer uma pergunta que eu quero que ele faça. Faça a que quiser, se eu souber responder eu respondo, se eu não souber, não respondo.

A única coisa que eu peço a Deus é que a sociedade brasileira acorde para salvar esse país. Eu estou há muitos anos na política, eu já fiz muitas coisas nesse país, e eu não me conformo de ver a atitude serviçal, é uma atitude de quase um lambe-botas, de um país que tem tudo para ser um grande país, com relação aos EUA. Acho que nem os EUA se sentem bem com isso. Não sei se você sabe, mas ninguém gosta de lambe-botas, aquele cara que puxa o saco demais, aquele cara que fica te lambendo. Ou seja, ninguém gosta, e essa turma que está aí é demais. Qualquer dia o Trump vai falar: para, não enche o saco, vai cuidar da tua turma. Este país que poderia ser um país protagonista na luta da América Latina, que poderia tratar com respeito seu vizinhos, tratar com dignidade e respeito os africanos; tratar com respeito o BRICS, com altivez. O BRICS é uma coisa que pode equilibrar o mundo, pode equilibrar a política mundial, fazem quantos séculos que a humanidade está subordinada a uma potência, tivemos a Rússia durante um período, depois voltou a ser uma potência. É importante que tenhamos mais gente importante para buscar um equilíbrio político do mundo. É assim que a humanidade deseja e é assim que deve acontecer, o Brasil não precisa se subordinar às mentiras americanas e às mentiras conta a Venezuela, A Venezuela tem problemas? Tem. Que os resolva a sociedade venezuelana, e o Trump não se meta.

Bob Fernandes: Presidente, muito obrigado por essa conversa, nos vejamos.

Lula: Eu quero te pedir desculpas se eu não respondi tudo o que você perguntou, às vezes as coisas ficam pela metade, mas é porque tem muita coisa para falar...

Bob Fernandes: Sim, o senhor respondeu.

Lula: Eu quero registrar que eu estou aqui com a cabeça muito tranquila. Eu estou certo que a verdade vai vencer esta história. Então, eu não tenho tempo de guardar mágoas, quando sair daqui quero convidá-lo para meu casamento. Eu ainda tenho vontade de viver bem até uns 120 anos. Além de fazer muita luta política, eu quero namorar muito.

Obrigado, boa sorte e lembranças para o povo baiano.

Bob Fernandes: Obrigado, presidente.

ANEXO J - Entrevista de Lula aos Jornalistas Mauro Lopes, Pepe Escobar e Paulo Moreira Leite do Brasil 247, em 22 de agosto de 2019⁹⁹

Lula informa que está lendo um livro sobre a intromissão do império americano na liberdade da América Latina.

Mauro Lopes: Nosso caráter é sempre mais conversa do que entrevista, viemos hoje conversar com o senhor, trocar, perguntar, o senhor também fica a vontade pra qualquer pergunta, interrogação, interrupção, fazendo em clima de respeito, mas informalidade. [...] Quero dizer que a gente tá muito grato.

Lula: Queria primeiro queria que você transmitisse meu abraço pra toda a comunidade, eu assisto tudo que eu recebo aqui, é muita coisa, tenho assistido todas as entrevistas que o Leonardo faz com o Pepe Escobar, até queria sugerir que vocês fizessem um debate entre o Pepe Escobar e o Celso Amorim e mais alguém, mas uma coisa mais profunda, uma coisa de umas duas horas pro povo conhecer um pouco de política externa e ver o que tá acontecendo no Brasil, o mesmo deveria fazer para a economia e eu gostaria de dizer pra vocês que numa entrevista como essa o que menos que quero fazer é falar do meu processo, eu já cansei de chamar o Moro de mentiroso, eu já cansei de o Dallagnol de mentirosos, já cansei de chamar os juízes do 4ª TRF que mentiram no processo e eu estou na expectativa de que em algum momento que alguém tenha a dignidade de ler o processo e perceber a farsa a que o Brasil foi submetido com a minha prisão. Já falei tudo isso várias vezes. Não to a fim de perder tempo falando de uma pessoa sem caráter como o Moro e eu acho que a pessoa fica sem caráter quando você conversa com ela e ela não tem coragem de levantar o olho pra você e eu digo isso muito a vontade porque na primeira audiência que eu tive com o Moro aqui na Justiça Federal eu falei: o senhor está condenado a me condenar porque a mentira chegou tão longe que não tem como voltar e por de trás de tudo isso a rede Globo de televisão que é a promotora, a arquiteta, sabe? Do crime perfeito, combinando com os promotores e combinando com o Moro. Aliás, o Moro é o resultado da Rede Globo, o dia que a rede Globo deixar de defender o Moro, ele acaba, então nós estamos... Eu estou aqui muito tranquilo, estou mais preocupado com o povo brasileiro que tá passando fome, que tá desempregado. Estou mais preocupado com o povo brasileiro e vendo cada dia entregar um pedaço do Brasil com a subserviência aos americanos. E o pessoal acha que eu tenho raiva dos americanos? Pelo contrário tive uma política muito saudável com os EUA e o Brasil deve ter. Mas subserviência jamais, ninguém gosta de lambe-botas. Nós agora estamos entrando com um processo lá nos EUA no Departamento de Justiça Norte Americano, vamos entrar numa instituição chamada FOIA [Freedom

⁹⁹ EXCLUSIVO: Entrevista de Lula à TV 247. Mauro Lopes, Paulo Moreira Leite e Pepe Escobar. **Brasil 247**, 22 ago. 2019. 1 vídeo (130 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=drJ6uVrt8dI>. Acesso em: 20 jul. 2021.

of Information Act], a lei de acesso à informação americana . Já conversamos com o advogada e vamos tentar ver como foi a trama do MP brasileiro como MP americano; do Moro com os americanos, os deputados americanos já entraram com um processo. Então foi isso, eles mexeram com uma pessoa que estava quieta em seu lugar, *acharam que eu ia me acovardar. Como eu acho que nenhum deles é mais honesto do que eu, nem Moro nem o juiz, nem o Dallagnol são mais honestos do que eu, eu resolvi brigar. Brigar em nome da minha honra, da minha dignidade, da minha família e do povo brasileiro.*

Mauro Lopes: Presidente, a gente tem consciência que estamos vindo entrevistar e conversar com um inocente preso e condenado, enquanto os culpados estão soltos e no poder. A gente tem essa consciência, nós tivemos os três ontem na vigília aí fora, muito tocados, 502 dias, hoje 22 de agosto de 2019, 502 dias que o seu povo está aí fora dizendo bom dia, boa tarde, boa noite, é muito emocionante, muito forte mesmo. há uma história a ser contada da vigília...

Lula: Hoje eu dou até risada disso, mas quando eu vim para cá, eu tinha a perspectiva de que a minha prisão poderia durar pouco tempo, porque ia ter uma defesa e ia resolver tudo. Agora veja, essa semana já faz 502 dias. É engraçado que eu acho que na minha vida tem sempre o dedo de Deus, é engraçado *que ao invés de eu ficar nervoso, de eu ficar desesperado ou de ficar dando cabeçada na parede, eu encontrei um jeito de me tranquilizar*, de pensar como eu estou vivendo aqui, comparando como que o povo vive, como está vivendo lá fora, o cara que tá em liberdade, o cara que tem direito de ir pra onde ele quer, o que o povo pobre pode fazer quando vai no shopping? Olhar. Por que comprar ele não pode, então não tem nada mais triste do que vocês entrar num açougue e não pode comprar um quilo nem de contrafilé, às vezes leva meio quilo de pé de frango, comprar pescoço. Quando você vai no shopping com o filho só pra olhar e ainda tem que puxar a mão do filho quando passa na frente da loja de brinquedo, para não ficar com vontade. Essa gente não está em liberdade. O povo é prisioneiro de um sistema político e econômico que existe nesse país há uns quinhentos anos. A economia funciona para trinta ou trinta e cinco por cento da população, e é só. O restante não é povo, é número.

Mauro Lopes: Queremos que o senhor conte a sua relação com o Papa Francisco. Ele se deixou fotografar lá no Vaticano com uma camiseta com o seu rosto estampado, além disso é carta, é texto. Como é essa história?

Lula: Eu não tenho uma relação pessoal com o Papa Francisco. Eu tenho muitos amigos no Brasil que são amigos do Papa Francisco; muitos amigos na Argentina que são amigos do Papa Francisco, muitos amigos na Itália, na Alemanha. Toda essa gente quando vai conversar com o Papa Francisco me manda recados, direta ou indiretamente. O dia em que eu sair daqui, espero que não esteja muito longe, no dia que se fizer justiça nesse país, uma das coisas que eu quero fazer é visitar o Papa. Não em função apenas da solidariedade que ele tem tido comigo, com meu processo, mas em função do que ele representa para o povo pobre. Ele é o único líder mundial que tem moral para falar em nome

do povo oprimido do planeta Terra. É o único. Ele merece atenção, admiração e respeito. Eu tenho um grande amigo que é grande amigo dele, Dom Cláudio Hummes, o Leonardo Boff também é um grande amigo, e tem muita gente na Argentina, antes e depois da minha prisão.

Mauro Lopes: Vocês dois são hoje os maiores líderes mundiais, de fato. Imagina vocês dois liderando um movimento contra o avanço do neofascismo, contra o avanço da fome no mundo, em defesa dos pobres.

Lula: Chegou a ser aventada a hipótese, logo eu o papa foi eleito, a possibilidade de ter um programa do Papa Francisco e meu, falando sobre a fome no mundo. Eu não sei por que não foi adiante. Um grupo de pessoas pensou isso, conversaram comigo na Espanha, mas depois isso não andou. Mas eu penso que muito mais o papa, ele tem é uma referência que tem que ser lavada muito a sério. Ele deve estar sofrendo muitas pressões, porque o conservadorismo na Igreja também não é brincadeira. E eu gostaria imensamente – ele está numa certa idade, eu também estou numa certa idade, e quando a gente chega nessa idade começa a ter clareza que a natureza é implacável, por isso a gente tem que encontrar as pessoas que pensam o mundo do mesmo jeito.

Paulo Moreira Leite: Nós estamos vivendo hoje uma situação meio surrealista. O ministro do meio ambiente demitiu semana passada o presidente do INPE¹⁰⁰, com a justificativa de que ele publicava fotos falsas do desmatamento. Semanas depois a fumaça está chegando no céu, o presidente diz que talvez sejam as ongs que estejam queimando, que talvez os governadores sejam responsáveis. Você imaginou que um dia a gente teria um presidente com essa desfaçatez? Quando os problemas aparecem coloca a culpa nos comunistas, em qualquer um, que nunca assume responsabilidade nenhuma?

Lula: É muito difícil. Em 2003, quando eu fui a Davos, encontrei com o Clinton e numa conversa, eu estava preocupado com a guerra do Iraque, ele me disse que nos Estados Unidos um ex-presidente não dá palpite na governança de quem está no cargo. Então eu sinceramente não gosto de ficar analisando o que faz o Bolsonaro. Mas o que ninguém esperava, nem o mais fanático dos eleitores dele é que ele fosse tão ogro, tão fora de controle. Não imagine que ele é bobo não. Ele faz *tipo*, ele acha engraçado tudo o que ele faz, todas as bobagens, que o mundo não é redondo, a panaceia de que o homem não foi à lua, a panaceia de que as fotos são mentirosas, de que as ongs estão tocando fogo. Esse cidadão mandou embora um pesquisador do INPE, uma pessoa de conhecimento técnico e científico respeitado no mundo inteiro, a troco de uma bobagem. Esse cidadão, se quiser saber se está pegando fogo, é só pegar a foto do satélite, ir atrás do dono da terra e perguntar: quem está botando fogo aqui? Se o dono da terra não reclamou, não foi atrás da polícia para denunciar, é porque foi ele que tocou fogo, e estão

¹⁰⁰ No dia 21 de julho, o presidente Jair Bolsonaro criticou o Inpe e declarou que os dados sobre desmatamento fazem "campanha contra o Brasil", após o presidente Ricardo Galvão publicar fotos de satélite que mostram o aumento de desmatamento. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/meio-ambiente/diretor-do-inpe-e-demitido-apos-desafiar-bolsonaro/>

tentando se aproveitar disso enquanto esse cidadão é governo. Então eu acho que o Brasil não merece, nem sei como o país está suportando essa gente, assim como nos Estados Unidos estão suportando o Trump, que é outro, é um Bolsonaro do mundo rico. Eu acho que o cargo de presidente exige que você tenha uma certa liturgia de respeito com a sociedade, não é uma questão de formação cultural, escolar, é uma questão de formação política. Esse negócio de ficar falando “eu mando”, “eu posso”. Você nunca ouviu da minha boca “você sabe quem eu sou?” Nunca. Até porque eu sei que ser Presidente da República é você prestar serviço à sua pátria por um prazo determinado. Ele não, ele se acha. Ele diz que vai indicar o filho para ser embaixador. Eu não indicaria, mas quem tem que ter a responsabilidade é o Senado, que tem que julgar se o filho dele é tecnicamente, culturalmente preparado para tratar de política externa na embaixada do Império. Ele tem que estar preparado para falar de comércio exterior, de política externa, de guerra, de conflito. Não pode saber só fritar hambúrguer. Eu sei fazer churrasco, então não posso ser embaixador porque eu sei queimar uma picanha.

Paulo Moreira Leite: O senhor nunca nomeou um parente para um posto.

Lula: Eu não nomeei, nem acho que se possa nomear. Eu lembro quando o FHC tinha a filha dele trabalhando como secretária, eu achei eu ao menos como secretária, ele poderia ter, sei lá, era um cargo de confiança. Mas não é legal. Eu defendi a ideia de que não tem de ter um cargo para primeira-dama, a mulher do presidente ter um cargo, uma missão. Não. A mulher do presidente tem que ser a companheira do presidente, ajudá-lo, acompanhá-lo, mas para fazer política social, está cheio de mulheres e homens formados, preparados para isso e é importante colocar essa gente para trabalhar. Eu nunca me meti na escolha da Polícia Federal, nunca me meti na escolha do CADE. Fomos nós que fortalecemos as instituições de combate ao crime organizado, mas não é um problema do presidente da república se meter. Eu não quero um cargo para mim, eu quero um cargo para o país.

A visão dele [Bolsonaro] é uma visão chula, mas é uma visão do ambiente em que ele circula, que ele vive, ele e os milicianos não são brincadeira, eles fazem e não têm pudor de falar o que eles fazem. Lamentavelmente, faz quanto tempo que a gente não ouve falar na palavra *povo*, não ouve falar em crescimento econômico, em distribuição de renda. É só corte, corte, corte, corte e ajuste, corte e ajuste. Não existe a palavra chamada *povo*, *povo* é só um número. E esse Guedes vai vendendo o Brasil como se fosse uma loja na 25 de março. Vai fazendo liquidação, vai fazendo promoção, parece que tem um cara com corneta na porta do ministério dele, porque vende a BR, não tem licitação, não tem concorrência, não tem leilão, não tem nada, é uma coisa assim. Eu acho que o povo em algum momento vai ter que reagir, reagir em defesa do Brasil. É isso que vai acontecer.

Pepe Escobar: Eu vim do Camboja, passei pela Tailândia onde moro diretamente para entrevistar o senhor, presidente.

Lula: Eu vi sua entrevista com o Leonardo, eu estou muito feliz que você esteja aqui, Pepe. Eu adoraria que o Leonardo colocasse você e o Celso Amorim, e quem mais ele quisesse, para debater Política Externa, para explicar para o povo.

Pepe Escobar: É preciso conversar sobre o contexto internacional. É fundamental explicar para a sociedade brasileira o a complexidade do momento internacional que é tão grave, talvez mais grave do antes de estourar 1914, antes de estourar a primeira guerra mundial. Isso é uma coisa que a gente discute com *think tanks*^{xxviii}, não só americanos, mas os chineses, os russos, os iranianos abertamente. A guerra do século XXI ela está finalmente definida completamente. Eu quero dar uns detalhes de quem são os protagonistas em oposição e como eles chegaram às suas conclusões que vão determinar nossas próximas décadas. O recuo do império americano, que ao contrário da nossa ex-ditadura não vai ser lento gradual e seguro, ao contrário vai ser quase como Sansão querendo derrubar o Tempo. É muito grave. Tem uma guerra civil em Washington entre os neocons, de um lado e os humanitários imperialistas do outro. E gente que está no fundo do Deep State, onde entra Pentágono, CIA e NSA, que começou a espionar em 2010 o governo Dilma, logo depois que o senhor saiu do governo. E do outro lado os dois protagonistas principais, eles finalmente entenderam o jogo. O jogo do declínio, que vai ser um jogo pesadíssimo. Hoje a gente tá vendo por exemplo a guerra comercial do Trump com praticamente metade do planeta. Parece que ele vai lançar uma guerra comercial com a União Europeia também. Então sanções para todo mundo, guerra comercial, tarifas. E como ele é muito mal assessorado e tem uma cabeça de empreendedor imobiliário de Nova Iorque, inclusive do lado errado. E do outro lado o mais importante dessa história toda que é a parceria estratégica entre Rússia e China. Tem dois pontos que eu gostaria de frisar com o senhor, de como eles chegaram a essa conclusão nos últimos meses, Depois de os russos tentarem todo tipo de diálogo possível, não só com a administração Trump, onde o Trump era barrado. O Trump em relação à Rússia ele quer o diálogo, mas ele é barrado pelo Deep State, aqui entra Pentágono, CIA e NSA, pelos think tanks e também entra a mídia. O senhor vê a capa do The new York Times quase todo dia “não podemos ter diálogo com os russos”. Então os russos chegaram a essa conclusão, quando o presidente Putin fez um discurso em março falando: olha nós tentamos todo o tipo de diálogo, agora nós vamos fazer, daqui para frente a gente vai tentar não só conseguir um pouco mais de diplomacia, mas a gente está se armando também. E temos as armas hipersônicas mais modernas do mundo e podemos atacar. Essa foi uma mensagem direta aos americanos. E os chineses, há 3 semanas atrás houve uma cúpula no Politiburo onde eles chegaram à conclusão que eles estão sob ataque do que os americanos chamam de guerra de espectro total e os chineses chamam de uma guerra de espectro total. Por isso não houve o acordo comercial China-Estados Unidos nessas últimas semanas, nesses últimos meses. Então os protagonistas são estes: de um lado o Império em declínio, do outro a parceria estratégica Rússia-China e aí entra o Brasil.

E o Brasil é um fator de desequilíbrio. O Brasil é membro dos BRICS. O senhor foi talvez um personagem principal, o senhor que organizou conceitualmente os BRICS, expandiu os BRICS e tudo que eles estão fazendo nessa década, foi o que o senhor conversou com eles na década anterior. Isso as lideranças em Pequim e Moscou sabem muito bem. Os melhores pensadores chineses e russos, eles têm uma enorme admiração pelo senhor porque o senhor começou essa aglutinação do mundo multipolar. Então, onde entra o Brasil, desculpe eu me estender, é porque eu queria dar o contexto para a pergunta: Como o senhor tem uma visão incomparável, de dentro dos BRICS, e dentro de uma aliança Rússia, China e Brasil, que seriam os três polos principais do mundo multipolar. Não há a menor dúvida, a Índia é um ator secundário nessa história. Como o senhor vê, pensando daqui, a organização da resistência dos BRICS contra o império que está à solta, como o senhor diz, “com o Bolsonaro dos ricos”, e o pior de tudo é o Deep State por trás, porque agora eles não medem consequência nenhuma. Ainda que os EUA tenham que alienar o planeta inteiro, se eles forem desabar como império, eles querem arrastar o planeta inteiro junto. *Como o senhor organizaria estrategicamente a nossa resistência, ou seja, um mundo multipolar, tentando impedir que a gente seja arrastado para uma tragédia?*

Lula: Olha, quando houve o auge da crise em 2008 eu me lembro que nós fomos a uma reunião do G20 em Londres e nós propusemos - aquela reunião que o Obama me chamou de *O Cara* - o Gordon Brown era uma espécie de relator daquela reunião. E tudo que eu propunha o Gordon Brown ia anotando e ia colocando. E qual foi a grande decisão? Que para enfrentar a crise a gente deveria assumir um pacto contra o protecionismo. Para enfrentar a crise era preciso que a gente abrisse mais o comércio mundial e eu propunha que era o momento dos países ricos, já que estava diminuindo a possibilidade do consumo interno em cada um dos estados nacionais que utilizassem um pouco dos recursos próprios para financiarem os países pobres a virarem consumidores deles. Foi exatamente essa palavra que eu utilizei: vamos utilizar o dinheiro que vocês têm e vamos incentivar que gente em outros continentes possam se desenvolver e virar consumidores das coisas que vocês produzem. No mínimo, uma coisa compreensível, vamos deixar a insanidade para fora. Vamos fazer o mundo crescer, gerar emprego e tudo isso foi colocado no documento. Propusemos inclusive a mudança das instituições, o Breton Woods, até o FMI. Nada disso aconteceu porque os EUA não aprovaram no seu congresso, então não aconteceu. Quando houve o BRICS aqui no Ceará, eu fui conversar com a companheira Dilma, eu achava que o Brasil devia fazer um pacto mais ou menos igual ao que a Rússia fez com a China, um pacto de grande envergadura, dando aos chineses parte daquilo que eles desejavam, que era a capacidade de que o Brasil tinha de produzir alimentos, que era a capacidade que o Brasil tinha de produzir energia, que era a capacidade que o Brasil tinha de ter acesso a conhecimento tecnológico. O Brasil, em contrapartida, o Brasil tinha necessidade de muita infraestrutura portanto poderia fazer acordos e mais acordos com os chineses, o Brasil precisava de trens de alta velocidade, o Brasil precisava de um monte de coisas. Lamentavelmente nada disso aconteceu. Eu imaginava, o BRICS não foi criado para ser um instrumento de defesa. Era para ser um

instrumento de ataque. O BRICS foi criado para que a gente pudesse criar uma moeda própria, para que a gente não ficasse dependendo do dólar nas nossas relações comerciais, para criar um Banco de Desenvolvimento que foi criado mas ainda está muito tímido. Era uma coisa muito forte. E para a gente ajudar no desenvolvimento a parte do mundo mais pobre. Era essa a lógica da existência do BRICS. Fazer algo diferente. Não é ficar copiando. E os EUA tinham muito medo. Porque quando eu discutia esse negócio da moeda, o Obama me telefonou, “Vocês estão querendo criar uma nova moeda?” -Não, nós estamos apenas querendo nos livrar do dólar. Eu estou querendo apenas não ser dependente. Eu, para vender uma caixa de fósforos para a Bolívia, eu tenho que comprar dólar. Por que eu não posso fazer na minha moeda? Engraçado, no tempo do Bush ele aceitava essa conversa com muito mais fluidez do que o Obama, o Obama foi mais duro com o Brasil. Eu tenho certeza que a Hillary Clinton não gosta da AL e não gosta do Brasil.

Pepe Escobar: Claro que não, ela bombardeou o acordo que o senhor fez como Erdogan.

Lula: Eu tive duas brigas com ela, uma numa reunião que fizemos lá em Trindad-Tobago, e outra em Copenhague, ela chega atrasada, chega depois de três dias e chega querendo mandar. Sentar na janela, calma, senhora, eu estou aqui há três dias, espera a sua vez. A petulância, a arrogância dos americanos me incomodam muito, me incomodam muito. Se bem que eu acho que os EUA são um país sempre importante. Precisamos manter sempre uma boa relação com os EUA. Então, eu imaginava um BRICS mais agressivo, mais proativo, mais criador, porque o mundo precisa de alguém que olhe, já que tinha caído o império russo, vamos criar um império mais democrático. Então nós avançamos mais lentamente. Cada um tem seus problemas. Os chineses são difíceis de conversar. O Celso Amorim ficava incomodado porque eu passava a mão na cabeça do Rugental.

Política tem que ter química. O *Collor* fala muito em casamento. Bicho, tem que ter um amor político, a pessoa tem que gostar de você, a pessoa tem que te respeitar, mas não te respeitar por medo, respeitar porque concorda. Eu acho que nós nos enfraquecemos nesta disputa. Era para os BRICS estarem muito mais forte agora. Muito mais forte.

Pepe Escobar: o senhor sabe que os russos e os chineses estão esperando pelo senhor, não sabe?

[Lula ri em consentimento.]

Lula: Eu tentei fazer isso aqui na América do Sul. Muitas vezes eu dizia, gente, olhe, se a gente ficar negociando estado por estado, a gente vai ser fraco. Por que nós fomos contra a ALCA? Por conta disso, Ficar negociando sozinho com o Uruguai, com o Paraguai, com a Bolívia, com os países menores é muito fácil, agora negociar com os 12 países juntos, é mais difícil, vamos tentar estabelecer entre nós o que nós temos de similaridade, o que nós podemos fazer juntos e negociar. Mas a nossa cultura política é uma cultura política de dependência. Uma cultura política de subordinação. É muito difícil, mas nós tentamos criar fortalecer isso. Por isso nós fortalecemos o Mercosul, por isso nós criamos a Unasul, a CELAC.

Eu acreditava muito na Índia, eu tinha um relação extraordinária com o primeiro-ministro Sing, era uma coisa muito afetuosa, sabe. E eu achava, toda viagem minha eu gostava de levar empresários, porque quando o presidente assina um documento, ele assina um protocolo de intenções. Eu levava empresário porque, porque quem conclui o protocolo de intenções é quem tem interesse econômico, que na verdade são os empresários. Por isso que em todas as viagens eu levava empresários, para que eles participassem e fizessem acordos, porque é isso que toca a economia, é que toca o comércio. Lamentavelmente isso acabou. OS BRICS ficaram mais preocupados, não avançou, porque para fazer um chinês avançar, de parceria, você precisa motivá-lo sempre. Não é assinar um documento, é motivar. É fazer política, é conversar.

Eu tinha muita vontade de fazer um acordo de longo prazo com os russos. Tinha muita vontade, porque eu acho que depois que derrubamos o muro de Berlim, o mundo ficou capenga. Ficou pendendo para um lado. Eu lembro da guerra do Iraque, aquela guerra do Iraque foi a mentira do século XXI. Mentira. O Bush inventou uma mentira, a imprensa inventou uma mentira. A imprensa brasileira vendeu essa mentira. Nunca teve arma química, a própria arma química no Iraque era o Saddam Hussein. Ele era a bomba. Ele também mentiu para o seu povo “se vier para cima de mim eu abato” [imitando os trejeitos do Sadam]. Não tinha nada. Era um pobre coitado.

O mundo está precisando de lideranças. A Europa é uma coisa muito importante, mas a Europa tem as decisões políticas terceirizadas. São tantas comissões, você dificilmente consegue falar com um dirigente. Quando a gente ia negociar, era eu que ia com o Celso Amorim. Quando era para negociar com os Estados Unidos, era uma tal de Souza que negociava na Organização Mundial de Comércio, você nunca tem um cara que manda. É que nem numa negociação sindical aqui. O presidente do sindicato vai para a mesa de negociações, mas o empresário manda um preposto para dizer não. Porque quando tem que dizer sim, tem que ouvir quem manda. Então eu me ressentia desse poder político que é eleito na época das eleições e que depois era diluído em quinhentas comissões que não decidiam. Por isso eu dizia que a crise de 2008 só seria resolvida quando tivesse dirigentes políticos que assumissem. Eu não esqueço nunca um telefonema que eu dei para o Obama, para falar o que eu estava fazendo na crise, com a CEF, com o BNDES, com o Banco do Brasil, a GM estava para quebrar e eu fui dizer pro Obama que o Estado tem que intervir para não deixar quebrar.

Pepe Escobar: O senhor acha que ele entendeu?

Lula: Ele entendeu para dizer que não podia. “Nos EUA é difícil por causa das contas”. Eu não sei as contas agora, porque eu fazia as contas. Acho que já se jogou fora mais de 14 trilhões de dólares com a crise do Leman Brothers e até agora não se resolveu o problema. Porque é muito engraçado: os dez milhões de pobres que perderam casas nos EUA, com o sub-prime, não teve apoio do governo. Mas os bancos tiveram.

Mauro Lopes: O senhor diz que o mundo precisa de lideranças?

Lula: Eu acho.

Paulo Moreira Leite: Eu queria fazer uma pergunta-chave. Lembrando que a gente não sabe o futuro próximo, o que nos reserva. Muita coisa pode acontecer. Mas uma boa receita para navegar num mar revolto é a gente saber o que a gente quer. Onde a gente quer chegar. E o senhor tem um rumo, o senhor é um estadista. Então a pergunta é: o senhor é candidato a presidente?

Lula: [Rindo] Primeiro tem que saber se eu estou solto. Falando com a maior seriedade que um ser humano pode falar com outro. Eu espero que não. Eu espero que o Brasil produza alternativas, nós temos gente boa. Temos governadores importantes do PT, temos o FH, tem o Flávio Dino que pode se transformar numa grande liderança nesse país. Espero que a gente crie alternativas, que não precise ser o Lula. Candidato outra vez. Eu vou completar 74 anos em 27 de outubro. Eu brinco, para poder me enganar, que eu vou viver 120 anos, porque a ciência diz que o cara que vai viver 120 a nos já nasceu. E por que não eu? Eu me contento em ser um cabo eleitoral e viver tranquilo vendo que o Brasil tem um presidente que cuide deste povo. Só tem uma coisa pra gente fazer nesse país: cuidar do povo. O povo brasileiro tem o direito de tomar café da manhã, de almoçar, de jantar, de trabalhar, de poder descansar numas férias, de poder comprar um presente de natal. Elementar. Quem está dizendo isso para vocês é um cara que foi ter o primeiro presente na vida dele com 17 anos de idade. Uma bicicleta velha que eu comprei que a cada duas pedaladas eu tinha que consertar a corrente. Eu ficava mais consertando a corrente do que andando.

Então essa sociedade, ela precisa viver. Um presidente que destampe a panela de pressão do ódio e deixe evaporar o ódio. Nós precisamos de tranquilidade, paz, de harmonia. Esse país sempre foi um país alegre, um país harmônico. Hoje eu recebi uma informação aqui dentro que tem família que não se reúne mais. Que filho não vai mais almoçar na casa do pai. Que irmão não se encontra mais com irmão, porque estão discordando da política. Não é para isso que a política foi feita. E não é no Brasil, é no mundo. É no mundo. Eu nunca tinha conhecido tanto ódio. Eu sou muito magoado e ofendido por estar aqui. Não pense você que eu estou satisfeito. Eu sei das mentiras, das sacanagens, das pilantragens que fizeram comigo. Eu sei das mentiras que contaram no meu processo. Eu sei dos inquéritos mentirosos eu fizera contra mim, mas eu estou aqui dentro. Eu durmo, eu almoço, eu janto.

Paulo Moreira Leite: E se o senhor receber a passagem para o semiaberto?

Lula: Esse é um assunto polêmico para minha família, para meu pessoal, eu já disse aqui que tenho uma namorada, quero casar novamente e ela quer que eu saia, obviamente. Eu tenho que declarar uma coisa, caráter, dignidade a gente não compra em shopping, não encontra em supermercado, não compra na 25 de março. Você vai na rua que tem as melhores coisas nos EUA e você não encontra caráter para vender, você não encontra dignidade. Isso você adquire na sua formação. E eu, graças a

uma mulher chamada Dona Lindu, que nasceu e morreu analfabeta, eu aprendi o que é ter caráter, eu aprendi a andar de cabeça erguida.

^{xxix}Então, eu não quero sair daqui com meia culpa, eu quero sair daqui com cem por cento da minha inocência. Não diga assim: - Ah, vamos tirar o coitadinho daqui porque ele está velho. Não estou velho. Não diga assim: -vamos tirar o coitadinho, vamos deixar ele em casa. Em casa ele pode até tomar o uisquezinho dele, pode até receber gente controlada, não vai poder dar entrevista, vamos colocar uma tornozeleira nele. Não sou pombo. Coloque neles a tornozeleira. Eu só saio daqui – eu sei que é duro para as minhas pessoas eu dizer isso, para minhas netas, meus filhos, mas só saio daqui com cem por cento da minha inocência.

Meu maior prazer seria sair daqui e o Moro entrar no meu lugar. Ele e o Dallagnol. Porque quem recebe dinheiro do Estado, quem presta um concurso, quem está para servir a sociedade e faz a canalhice, a bandidagem que eles fizeram, eles não merecem estar soltos.

Eu espero que a Suprema Corte, em algum momento, tomada da sabedoria, sabe, de tanto estudo que as pessoas tiveram, lendo a Constituição, as pessoas façam um julgamento justo. Eu só quero isso. Só quero isso. Não se preocupem comigo aqui: ah, o coitadinho está sofrendo. Não. Comigo é assim, sair daqui sem a minha inocência é fazer como alguns, é sair como um rato. Eu não nasci para isso, não nasci para isso. Eu prefiro estar aqui, de cabeça erguida, do que estar lá fora como um verme. [Lula escreveu uma carta ao povo brasileiro, explicando a decisão de não aceitar a progressão de regime. Imagem 1].

Mauro Lopes: Eu fiquei surpreso com sua resposta ao PML sobre sua candidatura em 2022. Eu pensei que o senhor ia dizer que seria candidato sim. Mas imediatamente me veio à mente a Cristina Kirchner, vocês compõem essa geração que mudou a AL, e ela teve um gesto na Argentina, que quando todo mundo esperava que ela fosse a candidata, ela foi para vice e colocou o Flávio Dino ou o Haddad deles, o Alberto Fernandez – amigo do papa, por sinal, como candidato a presidente, no papel fundamental.

Lula: Mauro, eu não posso passar para a sociedade a ideia pequena de que eu estou aqui esperando para ser candidato. Eu espero que no período que eu estou aqui, esteja sendo germinado na sociedade muita gente boa para sair como candidato a presidente. O país tem mais de 210 milhões de habitantes, o país é grande, o país pode. Eu não posso assegurar a você, jurar na bíblia que eu serei candidato, eu não sei se estarei com saúde, com vai estar a situação política, eu não sei qual seria a minha importância política. Mas obviamente eu gostaria que esse país produzisse alternativas importantes. O fato do PT ter lançado o Fernando Haddad, o fato de o Guilherme Boulos ter sido candidato, até o fato de o Ciro ser candidato, eu acho bom para a democracia. O problema do Ciro é que ele não gosta dele mesmo. Paciência. Mas eu o considero um homem de bem.

Mauro Lopes: Mas quando o senhor fala que não pode jurar sobre a bíblia que não vai ser candidato, já tem muita gente se alegrando.

Lula: Eu não posso ficar aqui dentro com minha cabeça numa masturbação eleitoral. Tenho que ficar aqui preocupado em cuidar da minha alma, do meu corpo, da minha cabeça, de ver minha família viver sem mim. Mas uma coisa que eu não abro mal é de ter força política. É uma coisa que já falei no PT e no sindicato: quem quiser vir para o meu lugar, só tem um jeito: é trabalhar mais do que eu. Porque quando eu sair daqui o Moro se prepare, o Dallagnol se prepare, o Bolsonaro se prepare, porque eu vou para a rua, vou conversar com o povo brasileiro, vou discutir, sei que vai ser um trabalho árduo de convencer o povo de muitas coisas. Eu tenho quantas horas de JN dizendo que eu sou bandido e dizendo que o Moro é mocinho? O que eles ficam muito nervosos é de como é que eles não conseguiram destruir Lula ainda? Eles não vão destruir porque o Lula não é um homem, Lula representa uma ideia de ascensão que esse povo pobre aprendeu a ter. Aprenderam a comer três vezes ao dia, aprenderam a ter um trabalho regularizado, com Carteira Profissional que eles estão desmontando tudo. O que vai ser deste país sem suas empresas públicas? Agora é ele que escolhe delegado federal, é ele que escolhe não sei quem, mas não é papel do presidente da república. O Estado é uma instituição poderosa, feita de muitas instituições que precisam ter livre funcionamento para a gente poder ter garantia de que a democracia será exercida.

Às vezes falam mal de mim porque eu fui muito republicano. Eu sou republicano, eu acredito nas instituições, eu não acredito, Pepe, naquele negócio de que um homem é insubstituível. Quando um homem começa a pensar que é insubstituível, ele está virando um ditador, eu não nasci para isso, eu sou um democrata por convicção, eu acho que o rodízio no poder, o rodízio de pessoas, o rodízio de classes sociais é importante. Mauro, não é pouca coisa, eu sou o primeiro cara de chão de fábrica que nasceu fudido, com a família toda fudida, que chegou à presidência da república. E não cheguei por concessão não, cheguei por trabalho. Eu abandonei minha família para cuidar desse partido, dessa central. Tudo foi criado nesse período, o PT foi criado em 1980, Sem Terra em 84, a CUT em 83.

Porque não é normal a gente aceitar a fome como coisa normal. Quem está conversando com um faminto não sabe eu ele está com dor. A fome é assim, uma lombriga maior comendo a menor toda hora. Por que que eu sou assim? Eu poderia estar pregando a luta armada. Mas eu não estou. Eu não acredito nisso. A democracia tem deficiências? Tem, mas a democracia permitiu que chegasse um índio ao poder na Bolívia, e tá lá. Permitiu que um cara como o Chávez chegasse à presidência. A democracia – tá certo que com *fake news*, permitiu que um ogro como Bolsonaro chegasse à presidência. Agora, chegar é uma coisa, governar é outra. Eu tenho a expectativa que esse país dê passos importantes.

Eu vi a cara do governador do Rio de Janeiro feliz da vida porque mataram um coitado com doença mental, ora, qualquer policial sabia que um sequestrador que sequestra um ônibus e bota a cabeça para fora três vezes e desce do ônibus, é um doente mental, senão, não colocaria a cabeça. Tinha algo errado com o cara. E aquele governador petulante, ficar rindo às custas da morte de um

pobre desgraçado, que a gente nem sabe porque ele fez aquilo. Sinceramente não faz parte da minha formação política, por isso eu sou um republicano. Por isso eu quero uma Polícia Federal com autonomia, um Ministério Público com autonomia, a igreja com autonomia, o sindicato com autonomia. Por isso quando eu fui presidente, eu fiz 74 conferências nacionais para discutir os problemas do povo brasileiro. De LGBT a portador de hanseníase, a portador de deficiência física, visual, fiz com polícia, com jornalista. Por isso todos os anos eu fazia audiência com reitores de todas as universidades, dos CEFET, e consegui ser o presidente que mais fez universidade, que mais colocou aluno na universidade, que mais fez escolas técnicas, porque eu acho que o que vai fazer esse país crescer é o conhecimento, não é a ignorância.

Pepe Escobar: Asia Times, analista e repórter. A entrevista será reproduzida no Irã, Na Turquia, na Índia, na China, em outros países asiáticos. Minha pergunta é sobre guerra híbrida, o senhor foi até agora o alvo mais sofisticado de uma guerra híbrida no séc. XXI. Esse foi um conceito que foi formulado por think tanks americanos. Inclui uma guerra localizada, uma guerra antiga, como a gente conhece, na época do Clausewitz¹⁰¹, mas entra lawfare, que foi fundamental na Lava jato; entra o conceito de Revoluções Coloridas, e derivações de revoluções coloridas, e o caso brasileiro foi uma mistura de tudo que veio antes. Como o Brasil é um país extremamente complexo, o processo aqui foi ainda mais complexo, o problema é que funcionou. E isso me leva a um tema no qual o senhor toca sempre, que é soberania. Eles estão tentando guerra híbrida contra o Irã não é de agora, o Império está há 40 anos em guerra contra a revolução do Irã. Deu certo? Não. Eles estão lançando todas as armas de guerra híbrida contra a Rússia, desde 2004, com a história da Ucrânia: não funcionou. Eles começaram com a China agora um capítulo de guerra híbrida, que inclui guerra comercial: não funcionou. O senhor acha que não funciona nesses países porque a soberania está realmente embasada em toda a população e existe um consenso nacional que não terão as instituições desestabilizadas por um poder exterior? E como se explica que no Brasil a guerra híbrida funcionou em dois anos, entre 2016 e 2018, do impeachment da presidente Dilma até o que aconteceu com o senhor?

Lula: Mas eu acho que ela começou em 2013. Eu acho que nós não paramos para estudar o que foi Junho de 2013 neste país. Os mais inocentes, como eu, que escrevi um artigo para o The New York Time dizendo que o povo estava na rua, porque queria mais. Um cara que aprendeu a comer contrafilé, o próximo passo seria filé. O cara que comia um churrasco de costela queria picanha. Isso é verdade na luta social. Mas você imaginar o ódio que se começou a criar em 2013, primeiro contra a Copa do Mundo. O Tribunal de Contas da União colocou um ministro para ser responsável pelos estádios de futebol. Este ministro tem um relatório final no TCU. E ele não encontrou a corrupção que disseram que tinha. Mas ninguém vai atrás disso. Eu chamei o João Roberto Marinho para conversar sobre a Copa do Mundo, eu chamei a AMBEV, que era patrocinadora, a Globo era a transmissora;

¹⁰¹ Nota da pesquisadora: Carl von Clausewitz, autor do livro *Da Guerra*, publicado em 1832. É do general prussiano o entendimento de que “a guerra é a continuação da política por outros meios.”

chamei o Setúbal, que era patrocinador e perguntei: o que vocês estão querendo com a Copa do Mundo? Porque o ódio que vocês estão transmitindo é para não ter Copa do Mundo. Como vai estar a cabeça dos nossos jogadores, sabendo que ao entrar no campo ali estar milhões e milhões de dólares. Quem acompanhou as redes sociais para saber? A gente nunca estudou isso com profundidade. A Dilma tomou umas medidas lá, mas não era aquilo que eles queriam. Você acha que aquilo tudo surgiu no Brasil por causa de vinte centavos no preço do ônibus? Só um inocente pode acreditar que foi o movimento do transporte livre lá que criou aquilo. Eu estou convencido que aquilo fazia parte da mesma lógica da Primavera Árabe. Eu estive em Doha, no Qatar, fazer uma palestra com a tal da juventude...

Pepe Escobar: Da irmandade muçulmana?

Lula: Não, da juventude da região que estava fazendo passeata no Egito...

Pepe Escobar: Então, a maioria é da irmandade muçumana...

Lula: Eles diziam que queriam mais participação, mais liberdade. Mas parecia pouco, era pouco para um movimento daquele tamanho. O Erdogan dizia “eles não estão fazendo movimento por querem ocupar uma praça, eles querem é um governo.” E vamos ver o que aconteceu: eles derrubaram um governo – que merecia cair mesmo, porque era um ditador. Depois elegeram o Morsi, que era um senil, foi eleito, tinha lá seus problemas religiosos. Passou um tempo, prenderam ele e quem está no poder? Uma junta militar, e nunca mais houve passeata. Então, não era por mais democracia. E aqui no Brasil foi a mesma coisa. Eu chamei o João Roberto Marinho, ele não diz, mas a reunião foi na casa do Pallochi. Eu queria saber porque a Rede Globo de Televisão suspendeu as novelas, para transmitir as passeatas. Ela não tinha feito isso nem na morte do Roberto Marinho.

Pepe Escobar: É a lógica das revoluções coloridas.

Lula: E ele respondeu na maior cara de pau: “é porque tinha um clima, um *frisson* nos artistas”. Olha que loucura. Aquelas manifestações que diziam que eram espontâneas, foram espontâneas sendo convidadas no programa da Ana Maria Braga, no Bom dia Brasil, no boa tarde Brasil, no boa noite não-sei-das-quantas, no Dantena, nas rádios, com todo mundo falando. A gente não parou para estudar aquilo, para tomar uma decisão. E tem mais uma coisa, em algum momento histórico, nós, do PT vamos ter que parar para saber o seguinte: como é que a gente estando no governo, a gente permitiu que eles conseguissem estruturar um impeachment, sem a reação do governo, do Estado, mesmo sabendo que era um golpe? Em algum momento vamos ter que discutir isso entre nós. Eu sei que é difícil, porque ninguém quer ser culpado, se você citar o nome de uma pessoa. Mas onde é que agimos errado nessa história? Eu vou contar uma história: eu fui chamado para uma reunião sobre a eleição do Eduardo Cunha na Câmara dos Deputados. Eu disse ao PT que o partido não tinha nenhuma chance de chegar à presidência da Câmara. EU disse que se o PT não quisesse o Eduardo Cunha, teria de

procurar outra pessoa dentro do MDB e fazer com que saísse candidato, para ter uma disputa interna. Mas aí sempre aparece gente dizendo, “não, eu vou ganhar, eu posso ganhar”, e aí aconteceu o que aconteceu. A lavada que nós tomamos do Eduardo Cunha, porque já havia um clima antipetista na Câmara. E todo mundo sabia que o Eduardo Cunha ia dar entrada no impeachment. Ele anunciava, toda hora ele anunciava. Então é isso, eu não vou culpar ninguém, mas nós precisamos saber onde erramos, para não errar mais. O dado concreto é que o governo caiu sem ter uma reação do Estado. Nós ficamos na luta republicana, eu me pergunto o que é que eu fiz. Eu fui para Brasília conversar com deputados, todo mundo com quem eu conversava falava mal da Dilma, eu pensava, não é possível, senador, deputado. Alguma coisa tinha que ter sido feita, pelo próprio governo. Eu não sei aonde nós erramos.

Pepe Escobar: Presidente, faltou alguma coisa como os think thanks nos Estados Unidos. Eles coletam inteligência, disseminam inteligência, e criam consensos. Vocês não tinham isso aqui. E vocês tinham talvez a melhor inteligência no campo, incluindo da Câmara, para saber para que lado ir. A mesma coisa de os americanos bombardearem alvo no Afeganistão, porque eles não têm inteligência local. E aí eles dizimam um casamento. É a mesma coisa, vem a bomba, você não tem inteligência local.

Lula: Eu acho que essa é uma coisa débil no governo brasileiro, nós tentamos organizar uma inteligência da Marinha, da Aeronáutica, do Exército, junto coma inteligência da Polícia Federal, mas entre eles tem uma briga muito séria, porque inteligência é poder e, na verdade ninguém quer passar informação para o outro. A verdade é que nós não cuidamos disso com carinho. A verdade é eu depois que soubemos que o Obama estava investigando o Brasil, em 2010, eu imaginava que a gente fosse ter uma posição mais dura, quem sabe conversarmos com os russos e os chineses, para criar um outro sistema de proteção.

Pepe Escobar: Mas não houve tempo para isso.

Lula: O grande gesto nosso foi a Dilma deixar de viajar aos Estados Unidos. Mas o Obama, me parece, podia muito pouco.

Pepe Escobar: O Obama podia muito pouco, era o Deep State que controlava.

Lula: Era fantástica a capacidade de o Obama fazer belíssimos discursos, mas no dia seguinte não acontecia nada, nada e nada. Eram discursos maravilhosos, mas não tinha nada de praticidade.

Pepe Escobar: O senhor acha que o Obama o apunhalou?

Lula: Não. Eu acho que, você já ganhou um presente que você não sabia montar? De vez em quando você compra um presente, quando volta do exterior, e quando chega em casa não sabe montar? Ninguém sabe montar? Eu acho que os Estados Unidos era um presente muito grande para um Obama

muito novo e inexperiente. E o Departamento de Estado Americano é muito poderoso, por isso o Secretário de Estado é sempre mais poderoso que o presidente da República.

Pepe Escobar: E hoje é um cara da CIA.

Lula: Eu acho que o Obama é um bom homem. Quando eu fui visitar o Obama, isso é uma coisa que o Celso Amorim pode confirmar, eu saí de lá com uma dúvida: pô esse cara não tem ninguém com a cara dele aqui. E na conversa que tive com ele eu disse “Obama você pode ser o cara que tenha mais facilidade de fazer mudança nesse país, sabe por quê? Você só tem que ter a ousadia que o povo negro teve de votar em você. É uma pena, mas quase nada aconteceu. E hoje nós temos de presente.

Paulo Moreira Leite: Presidente, eu queria falar sobre essa falta de reação do Estado. No fundo a gente assistiu a um golpe, como se fosse um movimento democrático. Parecia uma votação, mas era um golpe. A gente sabe que nos últimos anos nenhum outro governo foi tão responsável para reequipar e prestigiar as Forças Armadas quanto o governo do senhor. Vários projetos importantes foram iniciados no governo Lula e reforçados no governo Dilma, várias providências republicanas foram tomadas. Apesar disso, quando chega em abril de 2018, o Supremo vai examinar o trânsito em julgado de uma sentença penal condenatória, que poderia ter permitido a sua presença na campanha presidencial a sua liberdade pelo menos, e aí o Comandante do Exército solta um tweeter, dizendo que o Exército está atendo a sua missão constitucional. De qualquer maneira ele foi lá e emparedou, tentou emparedar o Supremo. Como o senhor viu este gesto? Ficou surpreso?

Lula: Surpreso eu fiquei. Eu não conhecia o general Villas Boas. A informação que eu tinha dele é que era um militar mais progressista, mais democrático. Mas o problema em relação a mim vem de longe, não vem desse telefonema. Eu não me esqueço nunca de um artigo da Tereza Cruvinel, há muito tempo atrás, dizendo que o objetivo era o Lula. E eu trabalhei com aquilo muito tempo. Cada vez que eu via uma ação da operação Lava Jato eu dizia: o que eles querem é chegar em mim. A briga que eles fizeram para levar o triplex do Guarujá para Curitiba, as mentiras que eles contaram, as invenções que eles fizeram. Está tudo provado que era mentira. Mas eles fizeram. [O sítio de] Atibaia era para ser julgado em São Paulo, mas por isso que teve o *powerpoint*. O que estava em julgamento não era o Lula, era o governo do Lula. Eu tinha noção de onde eles queriam chegar. O meu pessoal não gostava disso. Mas eu dizia, o que eles querem na verdade é chegar no Lula, impedir a possibilidade de volta do Lula. Eu estava tranquilo, porque eu sou inocente. Se alguém aqui for amigo da mulher do Moro, pode perguntar, ele tem insônia, ele não dorme direito. A cabeça dele não está bem, porque ele percebe que está fazendo papel de palhaço.

Mauro Lopes: Foi manchete no 247 que o Dallagnol só dorme à base de tarja preta.

Lula: Eles sabem que mentiram. Os delegados que fizeram o inquérito sabem que mentiram, o Moro sabe que mentiu, os procuradores que apuraram sabem. Deus sabe e eu sei. Muita gente me dizia, Lula

sai do Brasil, mas eu dizia, não eu não vou, eu não sou menino, fui presidente desse país. Se eles quiserem me prender, vão me prender, mas é lá de dentro que eu vou provar que eles são mentirosos. Os bandidos são eles e não eu. Eu tenho essa tranquilidade. Por isso que eu desafio qualquer político, qualquer empresário, qualquer procurador, qualquer delegado a dizer que tem dez reais da vida deles na minha conta. Agora é evidente que eles podem, como o Léo Pinheiro, o Léo era um dos empresários mais bem quistos que eu conheço. Mas quando chegou a ser condenado não sei a quantos séculos de prisão, ele mudou de opinião e disse que foi o advogado que o orientou a mudar. Ele sabia que era isso que o Moro queria. Quando eu fui prestar depoimento eu disse para o Moro: você está condenado a me condenar, a mentira já foi longe demais. Não tinha uma rota de fuga para eles. Disso tudo eu tinha muita clareza. Agora um general passar um *tweet*.

O que eu fiz para as Forças Armadas é porque eu entendo que o papel das Forças Armadas é muito importante. Para que eu quero as Forças Armadas? Para proteger o nosso país de possíveis inimigos externos. As Forças Armadas devem ser uma espécie de protetor da soberania nacional. A começar das nossas fronteiras, da nossa riqueza, da nossa fauna, da nossa floresta, do nosso ecossistema, da nossa biodiversidade, e se tiver um ataque, devem estar prontas para nos defender. Por isso que eu acho que devem estar bem equipadas, bons armamentos. Quando eu cheguei na presidência – pasmem – os soldados eram liberados às 11h porque não havia dinheiro para o almoço. O soldado não tinha coturno, não recebia o salário mínimo. Eu passei a pagar o salário mínimo, passei a comprar fardas para eles, comida para eles, comprar o coturno para eles, e ainda criei um programa chamado Soldado Cidadão, para formar os soldados. Fiz um acordo com a França para construção de submarino nuclear, porque o Brasil não pode ficar com um navio porta-avião de mil novecentos e não sei quanto, que os Estados Unidos fizeram o favor de nos vender. O Brasil tem fronteira com um continente inteiro, que é a África, o Brasil tem fronteira com todos os países da América do Sul, menos Chile e Equador. Esse país tem que ter armamento para garantir a sua paz, não é para a guerra não, é para dizer eu tenho armas, não se meta. Eu tenho até um arrependimento, porque eu era um defensor de não proliferação de armas atômicas. Eu era constituinte e a bancada do PT, meu amigo Luiz Gushiken, o Eduardo Jorge, todos nós éramos defensores da não proliferação e colocamos isso na Constituição, e o que que eu percebo hoje? Qual a única forma que você é respeitado hoje no mundo? É se você tem café no bule. Os Estados Unidos tem um respeito pela Coreia. O cara tem uma bomba atômica, os Estados Unidos ficam tremendo. Agora o Brasil não, o Brasil quer pétala de rosas, e os americanos não respeitam, tratam o Brasil como se o Brasil não fosse ninguém. Quando a gente tem um presidente como a gente tem o Bolsonaro, fica mais fácil. Eu lembro no tempo do Fernando Henrique Cardoso, eu lembro a puxação de saco com o Clinton. Eu lembro que era Malan [Pedro Malan, Presidente do Banco Central do Brasil entre 1993 e 1994 - governo Itamar Franco, e Ministro da Fazenda, durante todo o governo de Fernando Henrique Cardoso 1995-2002] e Cavallo [Domingos Cavallo foi ministro da Economia no governo de Carlos Menem na década de 1990], na Argentina, para ver quem era mais amigo dos EUA. Eu conheço uma história de um embaixador que ia junto

como Malan no FMI e o FMI não conversava com o Malan, não respeitava. Nem o cara do FMI respeitava o Brasil. O primeiro passo para você ser respeitado é você se autorrespeitar. E foi esse respeito que o Brasil conquistou.

O Brasil era respeitado pelo Tony Blair pelo Gordon Brown, Bush e depois pelo Obama, o Brasil era respeitado pelo Schroeder e depois pela Ângela Merkel, até o Berlusconi respeitava o Brasil; o Chirac e pelo Sarkozy(já foram identificados em outras entrevistas). Você pega um homem de direita como o Chirac, você tem a dimensão de um estadista, de um cara que sabe o que está fazendo. Essa gente toda me ajudou. Talvez eu tenha sido o único cara que tinha a experiência do chão de fábrica “esse Lula aí já acordou com rato na chuva, já acordou com barata na cama para se salvar, já boiou com cocô”. Se você nunca acordou com uma enchente na sua casa, você não sabe a desgraceira que é você acordar com rato, barata, tudo boiando. Você tem que levantar, procurar as coisas para sair de casa. Então eu acho que eles, ao saber dessas coisas, me tratavam bem. Eu os tratava com respeito porque minha mãe me ensinou o seguinte: *Lula, se você quer ser respeitado, você deve tratar os outros com respeito*. Eu trato os outros com respeito. Eu acho que o Brasil não se respeita nas suas relações internacionais, e o Brasil se acha uma coisa pequena, mas o Brasil é muito grande.

Uma coisa, Pepe, que os chineses devem se recordar é que muita gente ficou injuriada aqui no Brasil quando eu reconheci a China como economia de mercado. Meu amigo Furlan foi contra, o meu amigo José Alencar ficou com muitas dúvidas. Eu dizia, eu quero os chineses no lugar de negociação, eu não quero eles de fora, como se fossem uns bandidos ali. Não. Tem discordância deles? Tem, coloca eles na Organização Mundial do Comércio, vamos sentar à mesa, vamos legalizar a pirataria, vamos legalizar. Eu sei que o Rugental ficou muito agradecido a mim. Depois outra coisa que nós fizemos com os chineses foi na COP 15 [15ª Conferência das Partes da Convenção do Clima das Nações Unidas, realizada entre 7 a 18 de Dezembro de 2009 em Copenhague/Dinamarca] . Eu cheguei lá, estavam a Dilma e o Minc, que era Ministro do Meio Ambiente e tinha uma lista de audiências comigo: Ângela Merkel, Sarkozy, Gordon Brown, o Obama já tinha ligado duas vezes e eu não sabia que tinha tanta importância. O que é que todos eles queriam? Queriam aprovar na COP 15 que a China era o demônio da poluição no planeta Terra. Sarkozy chegou para conversar comigo com uma indústria cinematográfica, tinha umas trinta câmeras, era para ser um show: o Lula acusando a China. Aí eu fiz várias reuniões e para todos eles eu dizia: eu sei que a China está poluindo, agora antes de a China poluir, quem é que vai pagar a poluição histórica que vocês cometeram? Qual é a poluição histórica da industrialização inglesa? Dos Estados Unidos? Vai jogar a culpa na China? Não vai.

Aconteceu uma coisa fantástica, a reunião não estava dando acordo, eu queria que o Sarkozy conversasse com o Ahmadinejad, mas o Ahmadinejad não foi no jantar que a gente foi, então não pode ter o encontro. Estávamos então todos discutindo, discutindo, discutindo, daí eu falei com o Celso Amorim: nós vamos ter um problema, essa reunião vai terminar sem acordo e vão tentar jogar a culpa

em cima do Brasil, da China, da Índia, da Rússia. Nós precisávamos encontrar uma solução. Daí propus ao Celso que ele ligasse para os chineses e convocasse uma reunião paralela. Foi uma reunião entre Brasil, China, África do Sul, não sei se a Índia, a Rússia acho que não estava. Nessa reunião – pasmem – a Hillary Clinton descobre a reunião e tenta entrar na reunião. Os chineses não deixaram. Aquele monte de chineses na porta, não entrou. Daqui a pouco chega o Obama, os chineses também não deixaram. Quem estava representando a China era o Wen Jiabao. Aí deixaram o Obama entrar, ele entrou e disse “eu vou sentar perto do meu amigo Lula, para não ser agredido aqui”. Ele começou a falar sobre o acordo, e nós dissemos que não tinha acordo, não tinha acordo. Tinha um chinês, um negociador, ele falava tão bravo com o Obama, ele ficava em pé na frente do Obama...

Pepe Escobar: Falava em inglês?

Lula: Não, falava em chinês, ninguém entendia nada. Pedimos para ter tradução, mas o Wen Jiabao não permitiu. A impressão que dava, pelos gestos é que o chinês estava xingando o Obama de tudo quanto é nome, que eu não posso nem pensar. Ele falava agressivamente, alto e como dedo em riste. E o Obama falava: ele tá bravo, ele tá bravo. E a embaixadora brasileira, que entendia um pouco de chinês disse que ele falou muitos palavrões. O dado concreto é que nessa reunião nós ganhamos muita credibilidade, porque nós nos recusamos a culpar os chineses. Eu lembro de uma plenária que teve, que estava para falar, eu, Sarkozy e Obama. Eu seria o último a falar, cheguei na mesa não tinha nada, nem um papel, nada. Eu pedi ao Marco Aurélio para sair e preparar uns pontos importantes para eu falar. Quando o Marco Aurélio sai, eles me chamam para falar, inverteram a pauta, acho que por pressão do Obama e do Sarkozy, me colocaram como primeiro. Eu estava muito nervoso, eu não sabia o que falar, mas naquele dia eu fiz um bom discurso. Fui aplaudido de pé pelo plenário. Depois foi falar o Obama, mas ele não tinha o que falar, começou aquele burburinho no plenário, ele terminou fazendo um discurso que ninguém notou. Em seguida, o Sarkozy foi a mesma coisa. Eu tinha falado do papel que o Brasil tem para a questão ambiental.

É importante. Vou tentar recuperar esse discurso, porque hoje a nova moda é tentar fazer uma comparação entre mim e o Bolsonaro¹⁰². Agora a nova moda no Brasil é tentar achar uma similaridade entre o Bolsonaro e eu. Esse negócio de comparar o que o governo do PT fez pelo meio ambiente e do que o Bolsonaro faz, tem que apresentar o que o PT fez. E não aceitar esse discursinho dele fajuta que é ONG que está tocando fogo. Quem está tocando fogo são os eleitores dele, os empresários que querem queimar. É isso. Ele não tem noção que a aplicação da tecnologia permite que você duplique a produtividade por hectare, você não precisa queimar mais um metro. É gente de sangue ruim. É gente que quer matar índio, é gente que quer matar pobre. Quando você faz um decreto que o cara pode comprar um fuzil para ter dentro de casa, quem é que pode comprar um fuzil nesse país? É rico. Então

¹⁰² Nota da pesquisadora: ver repercussão do discurso em: <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2009/12/lula-sobe-tom-e-faz-discurso-critico-em-copenhague/>

o eu ele está dando é autoridade para rico matar pobre. Eu tenho vontade de falar isso tudo na rua, nos microfones...

Entrevistadores: Vai falar, presidente, o senhor vai falar.

Lula: Eu acho que sociedade está muito quieta, gente, não é possível...

Paulo Moreira Leite: Por que a sociedade está quieta?

Lula: É porque houve muita alimentação de ódio contra o PT. Você passa o tempo inteiro dizendo que o cidadão é ladrão, é corrupto, é filho da mãe, durante quinhentos anos, não vai ser um discurso que vai mudar isso. Quantos seres humanos aguentariam a carga de porrada que eu aguento? O Aécio não aguentou uma capa da Veja. Eu tenho mais de sessenta capas de revista, quatrocentos horas de JN contando mentira a meu respeito. E por que eu mantenho uma relação, e por que quando fazem uma pesquisa, eu ainda posso ganhar uma eleição para presidente? É porque esses caras não percebem que eu tenho uma relação honesta com esse povo. Eu sei que eu não fiz tudo que eu poderia ter feito, mas o povo comia melhor no meu governo, teve a oportunidade de estudar no meu governo, nunca se investiu tanto em ciência e pesquisa. Eu queria um país grande de verdade. Eu quero um país rico. Eu não quero que o Brasil atravessasse mais um século sendo o quintal dos Estados Unidos. Eu fico imaginando o que eles estão fazendo com nossas universidades agora, eu acho que os estudantes, os pesquisadores precisam parar, precisam dizer nós não aceitamos isso.

Eu assisti uma entrevista do Conde com a Erika Takimoto, eles pegaram um reitor do RS e levaram para assumir o CEFET no Rio de Janeiro, sem nenhum respeito. O cara quer trocar um delegado da polícia federal para colocar um cara dele, ora que loucura é essa? Eu não quero ser amigo do delegado da PF, eu quero que ele seja um delegado da PF e cumpra o seu dever. É isso eu quero: que ele seja digno do cargo, ele não precisa sorrir para mim. Eu não quero um cara do MP para ser meu puxa-saco. Eu indiquei todos, todos os que foram aprovados. Eu nunca pedi um favor, e não peço, porque não é para isso que eles estão lá.

Eu fico pensando sobre essas coisas todas que estão acontecendo no Brasil. Quando a gente elegeu o FHC em 1994, era difícil fazer movimento contra o FHC, porque ele era um intelectual bem quisto, tinha o chamado príncipe da sociologia. Ninguém queria ir para a rua, mas essa coisa que está aí é uma afronta à democracia, é uma afronta a quem acredita em valores, a quem acredita em instituições, porque ele despreza tudo isso, não é possível. O cara tem desprezo pelo conhecimento científico. Sinceramente, não vou dizer o que estou pensando. Às vezes minha cabeça pensa mais rápido, mas eu não vou dizer para não ofender ninguém, mas é muita mentira, é muita sordidez, e de vez em quando acho que nós perdemos a vontade de nos indignarmos. Por isso eu coloco a questão da soberania, porque acho que é questão capaz de unificar. Eu vejo vocês falarem sobre unidade da esquerda, tudo é culpa da falta de unidade da esquerda. Mas a esquerda vai se unir em torno do quê? Quando é que no futebol você une a torcida do Vasco, do Flamengo, do Corinthians e do Palmeiras?

É quando você colocar a seleção. Aí o cara do Corinthians vai ao estádio, ele não vai vaiar o outro cara que é da seleção. Então como é que a gente consegue unificar a esquerda? É se a gente construir um instrumento de unificação. Porque se pensar em 2022 tem muito candidato, não vai unificar, se pensar em prefeitura, não vai unificar. Se vai unificar, construa um programa de soberania nacional, colocando dentro da soberania não apenas a defesa do petróleo, da Petrobrás, do óleo. Você tem que defender os interesses soberanos de uma nação soberana. Uma nação que goste de andar com a cabeça erguida, que tenha orgulho de seu país, que considere a democracia como um direito fundamental, e não um direito secundário.

Como é eu posso acreditar num país que descobre a maior jazida de petróleo do século XXI, que ainda nem sabemos a totalidade, e a gente tá dando isso de graça para as multinacionais? O petróleo é o passaporte do futuro do nosso país, eu queria construir refinarias, para a gente ser exportador de derivados e não exportador de óleo cru. É por isso que eu tentei recuperar a indústria naval. Eu ouvi dizer esses dias que o Brasil vai encomendar doze sondas ou dezoito sondas, e que vai gastar trinta bilhões de dólares. Isso não poderia estar sendo feito no Brasil? Isso traria conhecimento tecnológico, isso traria emprego, traria salário, isso traria renda, traria felicidade. Eles estão destruindo a recuperação da indústria naval que nós fizemos. Quando eu disputei as eleições em 2002 havia dois mil trabalhadores na indústria naval e passou para oitenta e dois mil trabalhadores quando eu saí do governo. Agora destruiu para importar da China. A briga com a Vale e com o Roger Agnelo, que morreu, era porque a gente estava construindo estaleiro e de repente a Vale vai comprar um navio chinês com capacidade de quatrocentas mil toneladas, nem tem porto na China para ancorar. Quem precisa trabalhar é nosso povo. Então soberania é defender isso. É defender o direito do nosso povo ser respeitado em qualquer lugar do mundo, e não é com bravatas, é com coisas concretas. Esse país está jogando fora essa oportunidade. Não adianta falar grosso com o Paraguai, não adianta falar grosso com a Bolívia. Tem que falar grosso com os Estados Unidos.

Quando o Evo nacionalizou o gás que era dele e eu concordei: paga a Petrobrás e faz o que você quiser, o gás é teu. Teve gente que falou: esse Lula é frouxo porque não vai para cima do Evo. Eu pensava: como é que pode um metalúrgico de São Bernardo do Campo ir brigar com um índio boliviano. Eu queria brigar como Bush e o Bush nunca quis brigar comigo. E o Bush foi mais respeitoso com o Brasil do que o Obama. É importante vocês terem noção que os republicanos tratam a relação comercial com mais decência do que os democratas, porque os republicanos são menos protecionistas que os democratas. Eu fico daqui vendo o que está acontecendo no Brasil, fico com pena porque eu sei o que aconteceu nesse país entre 2012 e 2014.

Mauro Lopes: Presidente, nós somos, o senhor e eu, alunos do Professor Pedro Lima Vasconcellos, primeiro lá no curso de Canudos e agora no Retalhos da Nossa História, esse seu olhar para nossa história. Teve essa aula sobre o Abreu e Lima, não é só a história do livro, é o Abreu e Lima e o Chávez e a refinaria, essa conexão.

Lula: Vocês me deram o Padre Roma. Eu assisti uma palestra sobre o Rene XXX. Mas deixa eu contar uma história sobre o Irã. A primeira coisa é a seguinte, eu acreditava e acredito nas relações exteriores feitas na forma mais democrática possível. É por isso que eu abri tantas embaixadas na África, é por isso que eu fiz tantas viagens à África. É por isso que fizemos fábrica de antirretrovirais em Moçambique para ajudar a produzir remédios de combate à AIDS em parceria com a Fiocruz. É por isso que nós levamos o potencial da Embrapa para Gana, para tentar elevar o potencial do cerrado da savana africana, que é igual ao cerrado brasileiro. É por isso que nós fizemos encontro entre países Árabes e países da América do Sul no Congresso Nacional, que os americanos acharam que era coisa contra Israel. É por isso que nós fizemos reunião entre o continente sul americano e países africanos, porque a gente queria que houvesse integração e não apenas uma conversa de rico com rico, de rico com rico. E nós aqui que nem um monte de babaca, passava na frente do baile e ali estavam eles dançando, só o G-8 e a gente ficava de fora. Eu lembro que eu fui convidado para ir a Berlim no G-8 e fiz uma reunião com o Sing e com o Itál XXX e eles me indicaram para ser o representante deles na reunião, para falar. Eu cheguei na reunião, li meu papelzinho lá, não tinha BRICS ainda, eu li, a Ângela Merkel já tinha aprovado o documento deles. Ela disse: Presidente Lula, muito bom o documento, nós vamos juntar ao nosso documento. Eu disse: Ângela, posso ser honesto? Esse é o almoço mais caro do mundo e ele não pode ser assim. Você tem ideia de quanto custa uma viagem do Brasil para cá? Para vir aqui, te entregar um documento você falar que tá junto o documento? O de vocês é contraditório ao meu. São antagônicos, eu queria saber se vai haver condições de a gente discutir um pouquinho. Como você vai juntar os dois documentos? Um é torcedor do Vasco outro é do Flamengo, do Corinthians e outro do Palmeira. Aí tomei uma decisão, não vou mais para G-8. Fui convidado para o Japão e falei, não vou. Não ia não ia, não ia. Esse negócio de chegar no fim da reunião e participar, isso é o café mais caro do Brasil. Aí o Kiu Sumi, o primeiro ministro falou: Lula eu prometo para você que vai ser diferente. Você vai participar de todas as reuniões. Aconteceu uma coisa fantástica com o Brasil. O Japão não comprava manga do Brasil, porque eles diziam que tinha *uma mosca do fruto*. E eu mandei preparar uma travessa de manga para colocar na mesa, uma dessas mangas-rosa bonitas, e uma de manga descascada, fatiada. Fomos almoçar, eu servi a ele: *nossa que manga maravilhosa, que manga*. Eu respondi: pois é, essa coisa deliciosa e maravilhosa você não compra porque você disse que tem um bicho da mosca, e fica comprando uma outra vagabunda não sei de onde. Eu só sei o seguinte, três meses depois o Japão importou a primeira carga de manga de Petrolina. Bem, eu acho que política internacional é isso, o Brasil não tem contencioso com nenhum país. Agora o Bolsonaro criou com a Argentina, criaram com a Venezuela e agora enrascaram o presidente do Paraguai.

Pepe Escobar: E estão criando com os escandinavos também.

Lula: Não precisa, você tem que ser gentil. O fato de você defender o que você acredita não significa que você tem que brigar com os outros. E o Brasil cometeu um erro grave. Vou te contar em política

internacional o que eu nunca discuti com o Celso Amorim. Que a gente quase esteve para entrar na ONU, no Conselho de Segurança.

Pepe Escobar: Mas os americanos já tinham dado o ok?

Lula: A China queria que a gente entrasse, o Bush defendia, o Tony Blair defendia, quem é que não queria? A China. Por que é que nós fizemos uma burrice tremenda? Se você estiver com o Celso, conversa com ele, porque eu nunca conversei isso com ele. Todo mundo queria, o Putin queria, o [Dmitri] Medvedev¹⁰³ queria, o Sarkozy.

Pepe Escobar: Mas o senhor lembra por que a China não queria?

Lula: Eu vou contar o porquê. É que nós criamos uma coisa chamada G-4 e isso significava que nós colocamos países para entrar no Conselho: a Alemanha, o Japão, a Índia e o Brasil. E quando colocamos o Japão os chineses não aceitaram, e os Italianos ficaram putos porque colocamos a Alemanha também. Ou seja, o Brasil foi ser muito generoso, quando ele se acercou nós tivemos essa rejeição. Então a gente estava muito cauteloso. Era quase uma unanimidade. Quem é que não queria? A Argentina que tinha divergência conosco, porque queria ir; o México porque queria ir, mas restrição eram os nossos mesmo.

O que eu deixei de discutir com o Celso foi que um país da América Latina, para entrar não tem que entrar em seu nome próprio, ele tem que entrar em nome do continente.

Paulo Moreira Leite: Quando a ONU foi fundada já teria um país da América Latina, que seria o Brasil, originalmente...

Paulo Moreira Leite: Eles queriam, o Roosevelt queria o Brasil, mas os franceses não quiseram. Nós estávamos construindo isso, mas demos este deslize de criar o G-4 e nós também não fizemos um sinal para nossos adversários México e Argentina, de irmos juntos, de criar um Conselho na AL, mas nós não criamos. Eu acreditava nessa relação comercial, não apenas do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista político, eu acreditava que quanto mais a gente tivesse um bloco forte, mas a gente teria poder de negociar qualquer coisa com qualquer pessoa.

A história do Irã: eu estava em Nova York e o Ahmadinejad não gostava de mim, ele tinha respeito, mas a amizade preferencial dele aqui no continente era com o Evo Morales e com o Chávez. Ele ia à festa com eles, e falava e depois lembrava do Lula. Um dia eu estava em Nova York e resolvi conversar com o Ahmadinejad porque ele tinha falado que era mentira que tinha morrido seis milhões de judeus. Eu fui lá e pedi uma conversa com ele e disse: olha, eu vim aqui para saber se você acredita, se você falou que só os judeus querem ser heróis, porque eles morreram na guerra. Eu quero te dizer uma coisa, os judeus não morreram na guerra, os judeus foram vítimas de uma chacina. Não eram

¹⁰³ Presidente da Rússia 2008/2012.

soldados que estavam guerreando, eram homens, mulheres e crianças livres que foram levados para campos de concentração e foram mortos. É diferente. E ele disse “não, isso eu sei”. Se você sabe, você fala, não dá para você achar que não é verdade que morreram seis milhões de judeus. Uma coisa é você dizer que morreram vinte milhões de russos. Não dá para negar a história. Bem, nessa conversa eu falei: eu gostaria de ir ao Irã, em Teerã conversar com você sobre as armas nucleares, por que o que eu quero de você? Que você tenha o mesmo direito que o Brasil tem. O Brasil enriquece urânio para fins científicos e pacíficos, eu quero que você enriqueça o urânio da mesma forma, mas se for para a bomba atômica, eu sou contra. Daí mandei o Celso Amorim ir algumas vezes sozinho na frente, construímos uma relação com a Turquia.

Pepe Escobar: O senhor esteve com o Ayatollah Khamenei?

Lula: Sim, tivemos uma longa reunião com ele e acho que ele ficou apaixonado por mim, porque eu contei minha vida para ele. Quando eu contei para ele que comi pão a primeira vez aos sete anos de idade, ele me deu uma atenção extraordinária, eu pensei acho que ganhei esse cara. Ficamos umas duas horas na conversa. Saí de lá e foi conversar com o presidente da Assembleia, parecia um czar, fiquei um monte de horas com ele e com outro partido. Depois fui jantar com o Ahmadinejad e o Celso Amorim ficou negociando com o primeiro-ministro. O Ahmadinejad não tocava no assunto, tinham três intérpretes, um que traduzia dele para o inglês e o Celso traduzia do inglês para mim. Eu disse, você sabe porque eu estou aqui? Eu estou tomando porrada dos americanos – a Hillary Clinton ligou para o Emir do Qatar para dizer para não deixar eu ir, para dizer que eu ia ser enganado. Quando eu cheguei em Moscou, o Medvedev falou: a Hillary ligou aqui para dizer para você não ir, que os iranianos são mentirosos, eles não vão fazer acordo, eles vão te enganar. Eu lembro que teve até uma brincadeira, a imprensa perguntou: de um a cem que chance eu achava? O Medvedev falou: uns dez por cento. Eu falei: noventa e nove por cento, nós vamos lá e nós vamos conseguir. Então cheguei lá e quase falei “olha aqui baixinho”, eu estou aqui, estou perdendo meus amigos, o Obama está nervoso comigo, o Obama era o mais nervoso, a Ângela Merkel não quer que eu venha aqui, o único mais ou menos favorável era o Sarkozy. Eu vim aqui porque eu acho que o Irã é um país muito importante, não apenas do ponto de vista da sua população, mas do ponto de vista da sua cultura. Eu quero que o Irã não sofra as consequências de um embargo porque um embargo é pior que uma guerra. Na guerra você mata soldado, mas num embargo você mata criança, você mata velho, você mata doente, é uma guerra insana. E vou te contar uma coisa – isso já era umas dez horas da noite – eu não saio daqui sem um acordo. Até então não tinha chance de acordo. Ficamos à noite discutindo no hotel o Franklin Martins, o Marco Aurélio, eu, achando que não ia dar certo, como é que a gente ia chegar no Brasil. Eu estava imaginando até a manchete do Estadão, contra minha viagem. Aí o Celso Amorim chega quase quatro horas da manhã e diz “vai dar acordo”. No dia seguinte era um tal de conversa, conversa, e tinha um assessor do Ahmadinejad que toda hora ia no ouvido dele falar alguma coisa, e ele pedia para mudar uma palavra. Eu levantei, fui lá no ouvido dele com um intérprete e falei: toca

esse cara daqui, toda hora que esse cara vem aqui você muda de opinião. Vamos fazer um acordo, rapaz. O Ahmadinejad falou “não dá para fazer um acordo sem assinar? Não dá para ser só na palavra?” Eu falei não. Você sabe o que o Sarkozy pensa de você? Você sabe o que o Obama pensa de você? O que a Ângela Merkel pensa de você? Todos acham que os iranianos são mentirosos, que não cumprem aquilo que acordam. Então querido no Brasil tem uma coisa, preto no branco, tem que assinar. Ele concordou, assinamos, o Brasil, ele e a Turquia. Eu imaginei que ia ser convidado na Casa Branca, ou em Berlim pela Ângela Merkel. Qual não foi minha surpresa quando eles ficaram nervosos. Sabe aquele filho que vai para a escola, tira dez e a mãe acha ruim? “você tirou dez? Eu não conseguia e você tirou?” Eu acho que eles ficaram muito putos porque o Brasil não poderia conseguir o que eles não tinham conseguido. Aí eles começaram a falar mal, o que que eu fiz? Peguei uma carta que o companheiro Obama tinha mandado dizendo o que seria bom para os Estados Unidos. A Agência Reuters publicou a carta, que era igualzinha ao acordo que nós tínhamos conseguido. Acontece que a Dona Hillary não sabia da carta do Obama. Ele não tinha contado para ninguém. Eu fiquei muito chateado com aquilo, aqui no Brasil só teve um cara que falou bem, que foi o Clóvis Rossi que mostrava que o acordo que eles fizeram depois era bem pior. Eu estava numa reunião do G-20 e perguntei a Ângela Merkel: você já conversou com o Ahmadinejad? Não. Cheguei no Sarkozy perguntei: você já conversou com o Ahmadinejad? Não. Cheguei no Obama perguntei: você já conversou com o Ahmadinejad? Não. Cheguei no Gordon Brown perguntei: você já conversou com o Ahmadinejad? Não. Como é que vocês querem fazer acordo se vocês não conversam? Vocês terceirizam a negociação, por burocratas? Aí eu me dei conta que o mundo já teve lideranças muito mais competentes, de direita e de esquerda, mas gente que sabia tratar de política externa.

Eu acredito muito, acredito muito que um país como o Brasil tem poder de ser protagonista internacional. Eu saí daqui para ir a Israel, me deram conselho: não vá porque você vai ser maltratado em Israel. Pegue o discurso que eu fiz no congresso israelense, que todo mundo achou que eu ia ser vaiado, e eu fui aplaudido, porque eu fui lá para dizer a verdade, porque o muro que está construído é o muro da vergonha, quem tinha vergonha do muro de Berlim, vai ver o muro que separa palestinos de judeus, no séc. XXI, desnecessário. Eu aprendi a lidar com todo mundo, a tratar todo mundo bem, para mim não tem ninguém ruim, não é uma relação pessoal, é de chefe de estado. É o Estado Brasileiro com o Estado Chinês, é o Estado Brasileiro com o Estado Iraniano. Quando eu vejo o Bolsonaro fazer a agressão que ele faz à Argentina e ao povo argentino por causa da votação. Alguém tinha que pegar esse cara pela orelha e falar “seja educado”, você não é melhor do que ninguém, cuida do seu quintal e deixa o outro cuidar do dele. Um país como os Estados Unidos, um país apoiar aquele ogro da Venezuela, como é mesmo o nome dele? Guaidó. Um mundo democrático apoiar um Guaidó, porque não gosta do Maduro? Não é que eu ache que o Maduro está fazendo as coisas certas, o que eu acho é que o povo da Venezuela tem que tomar conta do Maduro.

O mundo virou, por falta de lideranças o mundo virou o que virou. Na minha opinião, você que é um internacionalista inveterado, Pepe, eu acho que em algum momento a gente vai ter que

rediscutir o papel das Nações Unidas. Acho que aos poucos vamos ter que chegar próximo de uma governança mundial porque em alguns assuntos as Nações Unidas têm que tomar decisões e todos nós teríamos que levar muito a sério. Porque se você não tiver uma referência que junta os cacos, você fica brincando de guerra entre EUA e China. Uma guerra hoje irá reduzir este planeta à fumaça. Você, Mauro, vai ser extinto igual os dinossauros foram extintos, não sobra pó sobre pó, não tem espaço.

É exatamente por conta dessa loucura de construção de armas nucleares que nós precisamos de paz. A paz está intimamente ligada ao crescimento econômico, está intimamente ligada à distribuição de riqueza, intimamente ligada ao desenvolvimento. Somente com paz. O presidente não tem que ter a cabeça em outra coisa a não ser no bem-estar do seu povo. É isso, Mauro, que a gente tem que construir nesse séc. XXI, e é isso que eu não vejo.

Mauro Lopes: Presidente, eu estou sentido aqui, com o Paulo e o Pepe que tem uma energia nessa sala que é a consciência de que estamos diante da maior liderança política do séc. XXI, seu protagonismo, sua postura é muito impressionante. Para encerrar: qual vai ser a primeira coisa que o senhor pensa em fazer quando sair da prisão?

Lula: São tantas primeiras coisas. Você conhece a síndrome de Estocolmo? Eu vou ficar com saudades. Eu vou fazer um acordo de levar muita gente daqui da PF para me visitar. Os meus advogados, que vêm todos os dias, há quinhentos dias aqui, vão ter que se mudar para São Bernardo, e todo dia chegar lá na minha casa para a gente tomar um cafezinho. Olha eu sou muito realista, eu vou fazer 74 anos dia 27 de outubro – espero estar fora daqui – espero que a Suprema Corte tenha a dignidade de ser Suprema Corte e não aceitar telefonemas, mensagens de JN e votar com base na Constituição e nas provas de um processo. Eu já fui vítima de muita bandalheira nesse país, e estou aqui suportando tranquilamente. Então, a primeira coisa que eu vou fazer quando sair daqui é ir na Vigília, nem os meus seguranças nem os seguranças da PF vão querer que eu vá porque acham que não é prudente, tem gente que acha que eu vou ser assassinado quando eu sair. Mas a primeira coisa será ir naquela Vigília e dar um beijo em cada pessoa, fazer meus agradecimentos e tomar uma boa de uma cachacinha. Aí depois eu vou pensar na minha vida. Eu sou um cara que estou apaixonado aos 74 anos por uma senhora, uma moça de quem eu gosto muito, então eu penso em casar outra vez, eu não vou falar em constituir família outra vez, porque ninguém iria acreditar, mas eu quero viver minha vida. O que eu não posso parar de fazer é política. Eu não tenho nada pessoal contra ninguém. Eu não tenho raiva pessoal do Moro, ele ganhou as eleições, o PT não contestou na época, porque poderia ter contestado, pelas *fake news*. Alguém teria que ter explicado aquelas coisas, mas o PT aceitou, tudo bem. Havia sido criado um clima no país para tirar o PT, até gente boa acreditou, o PT pagou o preço de não saber se defender. Porque tem um coisa, quando um cachorro late para você, você enfia o rabinho no meio das pernas, ele vai te morder. Quando ele latir para você, você tem que pisar forte, encarar o bicho. Todas as mentiras que foram contadas contra nós, esse Moro inventou, porque esse Moro é do mal. A Globo adotou ele, “pode deixar que vamos transformar você em um herói nacional”.

Vai mentindo que nós vamos transformar em verdade. E construíram esse ódio. E quando eu sair, quero desconstruir, quero andar o Brasil, quero fazer muitas conversas. Obviamente eu quero reaprender um pouco, conversar com todo mundo, com os partidos, com os movimentos sociais, com o movimento sindical, quero ser assinante do 247. Eu acho que vocês estão prestando um serviço à sociedade brasileira, e precisam ficar muito alertas, porque houve um tempo em que a gente acreditava que a internet era uma coisa totalmente livre, que a gente poderia. Mas a internet tem quatro donos: o Facebook; o Google; a Amazon e a Microsoft. O dado concreto é o seguinte, daqui a pouco essa gente diz o que você pode fazer e o que você não pode fazer. Nós precisamos ter uma regulação muito séria, muito democrática que separe as coisas boas das maledicências que são veiculadas todo santo dia num momento em que a humanidade prefere mais bobagem do que coisa séria. Eu brigava com meu companheiro que quando o avião pousava, nem tinha ainda parado, ele pegava o celular e ficava lá olhando. Para que isso gente? Você quer mais informações do que seu cérebro é capaz de armazenar? Pega uma de cada vez, vai almoçar. Tem gente que vai namorar e leva celular, ao invés de fazer sexo, fica fazendo selfie. É preciso que a gente se respeite. Na verdade nós pensamos que estamos utilizando a rede, mas nós viramos um produto. O que mais me assusta é que aos 74 anos eu vou descobrir que eu não sou um ser humano, eu sou um algoritmo. Leia o livro *Dez argumentos para você deletar agora sua rede social*.

Mauro Lopes: O senhor assistiu Privacidade hackeada?

Lula: Sim, eu assisti. Quando eu fico vendo isso, tem um cara que não me conhece e que quer falar por mim, manda o cara votar assim ou assado, que sabe o que eu quero comprar, que loucura. Uma coisa que foi criada para ser entretenimento, está fazendo a sociedade de refém para fazer o que eles querem. Isso me assusta, e também a falta de controle que a gente tem sobre essa famosa tecnologia. Eu estou certo de que nós precisamos construir um mundo muito mais tranquilo. Eu não acredito num mundo sem amor. Eu não posso ver uma pessoa e achar que ela já não gosta de mim. Eu acredito que se a gente tiver uma conversa, a gente pode. A gente não pode jogar fora o humanismo, que é a razão de tudo, você não vai mais em um restaurante, você pede comida; você não vai na loja, você compra, você está deixando de ter uma coisa essencial que é a convivência. Você fica no zap, sua companheira na casa dela, outro na China, tudo no zap. Isso não tem liga, isso é informação vazia.

Eu preciso olhar nos olhos da pessoa, igual nós estamos aqui. Se eu não visse o Pepe aqui, ia ficar olhando ele lá de Bancoc. O Paulo não conta a história dele. Mas eu o conheci, um trotskista inveterado, fui na Casa de Portugal para acabar com a greve dos jornalistas em 1979, a pedido do Davi de Moraes, aí chega lá encontro um bando de trotskistas, uns do PT, outros não, que eram contra acabar com a greve. E eu fui lá para acabar com a greve, e acho que fiz bem, porque o jornalista estava em greve, mas o pessoal entrava no Estadão lendo o jornal, ou seja, naquele instante os donos de jornal descobriram que podiam fazer jornal sem jornalista. Eu quero dizer para vocês do profundo respeito que eu tenho pelo trabalho que vocês fazem. Eu sei que é pouco, diante da avalanche de

porrada que a gente toma. Por exemplo, sobre Economia tem que aprofundar, pegar o Eduardo Moreira, o Aluizio Mercadante, colocar numa mesa, porque eles têm linguagens diferentes, então ao invés de cada um ficar falando sozinho, faz uma rodada de conversa. Eu fico alucinado. Eu quero ver o Pepe Escobar, o Celso Amorim e o Breno Altman para discutir política externa, manda alguém para aprender. As pessoas têm que entender uma coisa: se você não fizer as coisas em tempos de paz, em tempo de guerra você não faz. Se esses ogros que ficam querendo atacar a Venezuela analisassem quanto custou a guerra do Paraguai, para terminar matando crianças de dez anos de idade, iriam entender que guerra não vale a pena. O que vale a pena é construir uma sociedade na harmonia, com base no amor. É muito melhor você ser bom, Mauro. Se você for bom, você dorme bem, você acorda bem, você passa o dia bem. Você ser mau, sinceramente eu não sei como o Collor vive, ou melhor, como o Bolsonaro vive, eu não sei. Eu também não conheço os filhos dele, falam tão mal dos meus filhos, eu não vou falar mal dos filhos dele não. Só sei que eles não foram eleitos para serem os donos do país, foram eleitos para governar o país, não destruam o país e a sociedade brasileira não pode ficar passiva vendo eles venderem o país, vender aquilo que foi construído como sangue e o suor do povo brasileiro. Então, se eu incomodo e por isso estou aqui, não me libertem, porque se estão achando que eu vou ser libertado para ficar sentado em casa, que vou colocar uma tornozeleira e vou deixar de falar, é o seguinte, podem saber que eu vou sair daqui mais impetuoso do que quando eu entrei. Com mais vontade – porque eu tenho menos tempo também, porque não tenho mais vinte anos, tenho o quê? Dois anos, três anos? Toda vez que eu recebo a notícia aqui fulano morreu, tinha 73 anos, perto de mim; alguém morreu, tinha 76 anos. Outro dia morreu meu acupunturista, morreu na China ao setenta e seis anos; meus irmãos mais velhos já morreram, falta só o Frei Chico e minhas irmãs. Eu fico pensando: quando será que vai chegar a minha vez? Eu decidi que vou enganar a morte, vou viver muito. Vou brigar, quero ver esse país ser uma grande potência, foi assim que eu fui criado. Eu devo tudo que eu sou a uma senhora chamada Dona Lindu, que muitas vezes eu a via no fogão sem ter o que colocar no fogo e nunca a via reclamar. Ela dizia: amanhã vai ter. Eu fui criado assim. Não espere de mim ódio. Eu sou um cidadão que gosto de viver, trato todo mundo com muito respeito, e só quero ser tratado com respeito. E neste instante eu só quero que a Suprema Corte cumpra com o missão que lhe cabe pela Constituição e julgue o mérito do meu processo, e se possível coloque o Moro no seu devido lugar, coloquem o Dallagnol no seu devido lugar, porque ninguém faz concurso para mentir e para enganar o povo. São bem pagos, bem remunerados, têm estabilidade e têm que olhar para a instituição e para o povo.

Mauro Lopes: Presidente, a gratidão do 247 é do tamanho da gratidão do povo brasileiro e sinceramente a gente espera que esta tenha sido a sua última entrevista na prisão^{xxx}.

**ANEXO K - Entrevista de Lula à jornalista Mariana Schreiber da BBC News Brasil, em
27 de agosto de 2019¹⁰⁴**

Mariana Schreiber: Presidente, seu governo foi marcado por forte redução do desmatamento na Amazônia, embora tenha tido alguns momentos de alta, como no início do governo e no ano de 2008. Naquela ocasião, o senhor criticou tentativas de interferência internacional no assunto de meio ambiente. Agora, vemos esse cenário novamente, e o presidente francês, Emmanuel Macron, chegou a dizer que não descarta um debate sobre criar um "status internacional" para a Amazônia. O senhor mantém sua crítica a tentativas de interferência externa nessa questão? O senhor vê algum risco para a soberania do Brasil na Amazônia?

Lula: Eu vejo um risco da soberania da Amazônia com o discurso do [presidente Jair] Bolsonaro tentando colocar o filho dele [Eduardo Bolsonaro] de embaixador nos Estados Unidos, quem sabe para permitir que indústrias americanas venham pesquisar a Amazônia. Veja, todos nós brasileiros temos que defender a Amazônia como patrimônio brasileiro. A Amazônia faz parte do orgulho brasileiro.

Agora, para ela fazer parte do orgulho brasileiro nós temos que cuidar dela. Cuidar dela não significa transformá-la num santuário da humanidade. Significa criar condições para que os 20 milhões de homens e mulheres que moram lá tenham condições de trabalhar, de sobreviver, de ganhar sua vida, preservando o máximo possível o meio ambiente, levando para lá política de desenvolvimento que possa permitir cuidar da nossa floresta. Até porque a grande riqueza que temos lá ainda quase que inexplorada é a nossa biodiversidade.

Mariana Schreiber: O senhor vê algum problema nas declarações que têm sido feitas por líderes estrangeiros sobre a Amazônia? Ou são legítimas?

Lula: Primeiro, é importante lembrar que o Fundo Amazônia foi constituído no meu governo. Isso é uma demonstração de que eu não tenho nenhum problema de contribuir com outros países para ajudar a cuidar da Amazônia. Até porque eu dizia: "Se vocês querem ajudar a cuidar da Amazônia, ajudem para que o país possa ter uma política correta de desenvolvimento na Amazônia".

Porque você não vai conseguir cuidar da preservação com as pessoas passando fome, com as pessoas sem ter onde trabalhar, com as pessoas sem ter rodovia, sem ter espaço para transitar. Então, é preciso fazer as duas coisas. Eu mantenho as críticas que eu fazia à minha amiga Ângela Merkel (chanceler alemã), ao meu amigo Sarkozy (ex-presidente francês), aos ingleses. Por que eu mantenho? Porque o nosso comportamento em todos os fóruns internacionais foi exemplar, exemplar.

¹⁰⁴ SCHREIBER, Mariana. Lava Jato 'tem coisas que foram verdade' e não deve ser totalmente anulada, diz Lula. **BBC News Brasil**, 27 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49504987>. Acesso em: 20 jul. 2021.

O que está acontecendo agora, uma parte das queimadas é proposital. Já saiu na imprensa que o Ministério Público do Pará avisou ao Ibama com três dias de antecedência que por zap (WhatsApp) os fazendeiros estavam preparando o Dia do Fogo. E não foi tomada nenhuma atitude.

Eu queria te lembrar uma coisa, pega os discursos do Bolsonaro e do governo dele, eles acham que têm que acabar com terra indígena, acabar com terra de quilombo, que tem que acabar com reserva (florestal). É um absurdo.

Quando eu cheguei na Presidência, a ministra era a Marina da Silva. Ninguém pode dizer que a Marina era uma ministra que não se preocupava com Meio Ambiente, como ninguém pode dizer isso do Carlos Minc (que sucedeu Marina como ministro). Nós fomos estruturando o país para que depois de 2005 até a saída da Dilma o país fosse muito respeitado na sua política de preservação ambiental e no cuidado que a gente tinha com a nossa floresta.

Mariana Schreiber: Mas o desmatamento começou a crescer em 2012, ainda no governo da presidente Dilma Rousseff. O que foi feito de errado no governo da presidente?

Lula: Eu não sei o que foi feito de errado no governo da Dilma. Você pode ter um ano que você cresce um pouco a mais um pouco a menos. Eu tenho até aqui os dados do crescimento, foi muito pouco [Lula consulta papéis com números do desmatamento na Amazônia]. O crescimento começou a aumentar, ele foi até, de certa forma, controlado em alguns instantes. Em 2012, no governo da Dilma, o desmatamento chegou... [Lula olha os números]. Não cresceu em 2012.

Mariana Schreiber: Os dados do Inpe [Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais] para o desmatamento vão de agosto de um ano a julho do seguinte. O dado de 2013 (que mostra alta do desmatamento) incorpora uma parte de 2012.

Lula: Então, deixa eu falar, em 2013 nós tivemos na Amazônia 5,8 mil km² (de desmatamento). Em 2012 havia 4,5 mil km². Foi o mais baixo [recorde histórico de baixa]. Se você vai comparar um quilômetro com dois quilômetros e meio, cresceu bastante, mas estamos falando que houve um decréscimo em todo o governo da Dilma [segundo os dados do Inpe, até meados de 2012]. Começou a crescer em 2015, (o desmatamento) foi para 6 mil km². Em 2016, foi para 6,8 mil km². 2017, para 7 mil km². Em 2018, para quase 8 mil km². Agora em 2019 não temos ainda a quilometragem (de área desmatada).

Mariana Schreiber: Há uma tendência de crescimento desde 2012.

Lula: Mas é muito pouco.

Mariana Schreiber: Gostaria de falar sobre o impacto da construção da usina de Belo Monte, em Altamira, no Pará. O senhor em 2010 prometeu, em discurso, que não seriam repetidos os erros das

usinas de Balbina e Tucuruí [usinas localizadas na Amazônia que provocaram grande impacto ambiental]. No entanto, houve muitos erros na construção de Belo Monte.

O Ibama não queria liberar a licença ambiental sem antes revisar os estudos de impacto, e houve uma intervenção no órgão durante o seu governo para liberação da licença. Essa licença estabeleceu uma série de condicionantes para evitar que houvesse impactos sociais e ambientais. Essas exigências foram descumpridas e as licenças continuaram sendo liberadas. Houve uma ação leniente do Ibama durante seu governo e no governo Dilma com Belo Monte?

Lula: Posso dizer com sinceridade? Nunca houve intervenção do meu governo no Ibama. Alguém te deu informação totalmente equivocada.

[Nota de redação: Em dezembro de 2009, o diretor de licenciamento do Ibama, Sebastião Custódio Pires, e o coordenador-geral de infraestrutura de energia elétrica do órgão, Leozildo Tabajara da Silva Benjamim, deixaram seus cargos devido aos embates envolvendo a liberação da licença prévia de Belo Monte. Em fevereiro de 2010, a licença foi concedida com 40 condicionantes para reduzir os impactos sociais e ambientais. A grande maioria não foi cumprida no prazo, mas o Ibama seguiu liberando as licenças das fases seguintes de construção e operação da usina.]

Mariana Schreiber: Isso foi amplamente noticiado na época.

Lula: Não houve nenhuma, nenhuma. Eu fui a Altamira fazer um discurso sobre Belo Monte. E fui mostrar o discurso que se fazia quando foi feita (a usina de) Itaipu (na fronteira com o Paraguai). Em 74, quando foi feita Itaipu, se dizia que Itaipu ia mudar o eixo da Terra. Se dizia que o lago de Itaipu não ia conseguir segurar a água, que a água ia vazar, que ia cair no Japão, sei lá.

Eu fui lá mostrar que a gente estava sendo muito responsável em Belo Monte, que tinha sido feito todos os acordos que foram possíveis fazer. A Belo Monte começou a ser construída depois que eu deixei o governo.

Mariana Schreiber: Foi um projeto do senhor.

Lula: Era um projeto antigo. Belo Monte é um projeto de 40 anos.

Mariana Schreiber: O senhor abraçou esse projeto.

Lula: Eu abracei não, eu queria fazer. E tenho orgulho de ter feito Belo Monte, porque esse país precisa de energia. E Belo Monte é uma hidrelétrica de meio fio, uma hidrelétrica que não tem lago que vai inundar área desnecessária. A cheia do lago é a cheia da enchente. 'Eu vejo um risco da soberania da Amazônia com o discurso do Bolsonaro tentado colocar o filho dele de embaixador nos Estados Unidos', diz Lula sobre indicação do deputado Eduardo Bolsonaro ao posto em Washington

Mariana Schreiber: Esse é apenas um dos impactos (causados pela construção de hidrelétricas). Altamira hoje, segundo o Atlas da Violência, é a segunda cidade em taxa de homicídios do país.

Lula: Mas você está botando a culpa em Belo Monte? Bota a culpa em quem governa.

Mariana Schreiber: Quem estuda esse tema diz que o grande crescimento de população em Altamira, sem planejamento urbano, sem planejamento de aumento de segurança, etc., trouxe esse impacto para a cidade. Assim como para o desmatamento também. É o maior município em desmatamento do país.

Lula: Mas é assim no mundo inteiro, no Brasil. São Paulo virou o que virou porque muita gente foi para São Paulo por causa do êxodo rural. Se Altamira oferecia perspectiva de emprego, houve muita gente (indo para lá). Agora, para que tem governo estadual e municipal? Para cuidar disso.

Mariana Schreiber: A questão é que as licenças ambientais que foram dadas para Belo Monte impuseram condicionantes (para que os estágios da obra avançassem). Por exemplo, criação de delegacia, criação de saneamento, criação de postos de controle do desmatamento. E essas condicionantes não foram cumpridas nos prazos estabelecidos, e o Ibama continuou liberando as licenças.

Lula: Deixa eu te dizer uma coisa, eu participei de reuniões que impuseram todas as condicionantes. Quando nós fizemos as Olimpíadas no Rio de Janeiro, a gente colocava como condicionante, depois que terminasse as Olimpíadas, fazer com que todos os postos públicos construídos para as Olimpíadas fossem destinados ao povo. Eu tenho visto notícia que não tão sendo. Se alguma condicionante não foi cumprida em Belo Monte, é preciso saber quem está governando a cidade, o Estado, o Brasil, e fazer cumprir.

Mariana Schreiber: A questão, presidente, é que as condicionantes eram exigências para a liberação das licenças pelo Ibama. O Ibama, que é um órgão federal, no governo Dilma, continuou liberando as licenças.

Lula: Não tente culpar a Dilma pelo que está ocorrendo em Belo Monte hoje. Cada um de nós é responsável pelo período que governou o país.

Mariana Schreiber: O que ela fez no governo dela tem consequências hoje.

Lula: Se tem problema você conserta. Belo Monte era uma necessidade do país. Eu duvido que tenha um país no mundo que tivesse as condições de fazer uma hidrelétrica como Belo Monte que não fizesse. E alguns fariam ainda com lago, e nós resolvemos fazer sem lago, e um dia vamos pagar um preço, porque na hora que o Brasil estiver necessitando de energia e não tiver energia, vão dizer: por que não fez um lago em Belo Monte?

Mariana Schreiber: O senhor sempre se disse orgulhoso por saber ler os desejos do povo. Na sua opinião, o que o povo quis dizer ao eleger Bolsonaro?

Lula: Eu acho que essa história está mal contada. Primeiro, o Bolsonaro foi eleito porque esse que vos fala foi impedido de ser candidato. O grande cabo eleitoral do Bolsonaro foi a minha condenação, e a decisão da Justiça Eleitoral (impedindo a candidatura de Lula por causa da Lei da Ficha Limpa).

Segundo, uma parte dos votos (do Bolsonaro) você sabe que foi à base do fake news, da maior campanha de mentira já conhecida no Brasil. Eu não sei por que (não fez), mas eu acho que o PT deveria ter feito uma briga para exigir uma apuração correta sobre a questão do fake news. O PT aceitou o resultado.

Diferentemente do Aécio [Neves, do PSDB], que não aceitou o resultado [da eleição em 2014] da Dilma, numa eleição legal, em que não teve fake news. Então, agora o seu Bolsonaro, ele só tem que governar. Ele ganhou para governar, ele governe.

Eu, como fui Presidente da República, não sou daqueles que fica torcendo para as pessoas que governam dar errado, porque quem paga o pato é o povo. O que eu quero é que ele resolva o problema do povo brasileiro. Porque estamos há um ano só ouvindo falar em corte e ajuste, corte e ajuste, corte e ajuste, e não se ouve falar em desenvolvimento, em emprego, em política industrial. Isso não existe. Então, eu não sei onde vai parar o país.

Mariana Schreiber: Concretamente, o PT escolheu Fernando Haddad para disputar a eleição presidencial [após Lula ter sido impedido pela Justiça], e o PT foi derrotado. O senhor se arrepende de alguma forma desse cálculo político? Olhando para trás, acha que poderia ter adotado outra estratégia?

Lula: Posso te falar uma história? O PT teve uma votação extraordinária nas condições em que foram as eleições. Eu, quando vim para cá, eu poderia ter tomado uma outra decisão e não vir para cá [Lula já disse que poderia ter pedido asilo político em outro país], mas eu vim para cá. Eu me entreguei à Polícia Federal aqui, porque eu queria provar todas as safadezas que fizeram comigo, e vou provar, é uma questão de tempo.

Eu tinha muita clareza do ódio que estava tomando a sociedade brasileira. A sociedade foi instigada a ser antipolítica durante muito tempo. Isso aconteceu na Inglaterra com o Brexit [decisão do Reino Unido de deixar a União Europeia]. Então, eu acho que o PT não brigou, o Bolsonaro está eleito, e ele agora governe. Governe e faça as coisas acontecer.

O PT continua sendo o mais importante partido político da América Latina, o PT é o mais importante partido político do Brasil, e o PT sabe que o povo trabalhador espera muito do PT. A gente não tem que ficar chorando porque perdeu, a gente tem é que reconstruir a próxima vitória, e tentar tirar o ódio da cabeça das pessoas.

Porque eu comparo o governo Bolsonaro a uma torcida organizada. Ou seja, você tem um torcedor que é flamenguista, corintiano, que ele vai no estádio para torcer para o time, mas a torcida organizada fanática, ela não torce para o time, ela vai vaiar jogador, ela vai no centro de treinamento bater em jogador, bater em técnico, essa é a turma do Bolsonaro. E que continua fazendo discurso para essa gente.

Bolsonaro no momento em que levou facada durante evento eleitoral em Juiz de Fora; ex-presidente Lula pede 'direito da dúvida' ao falar que tem suspeitas sobre ocorrido

Mariana Schreiber: O senhor às vezes também não opta por fazer um discurso muito voltado para sua base mais fiel? O senhor há poucos meses disse que a facada, da qual o então candidato Bolsonaro foi vítima, não seria verdade. Gostaria de saber se o senhor genuinamente acredita que Bolsonaro não sofreu uma facada e no que o senhor baseia esse tipo de afirmação?

Lula: Não, eu não disse que não tinha tomado, eu disse que não acreditava (que Bolsonaro levou uma facada). Mas você garante a mim o direito da dúvida? Veja, eu tenho suspeitas (de que não ocorreu). Agora, se aconteceu, aconteceu.

Mariana Schreiber: Assim como o presidente Jair Bolsonaro diz que tem suspeitas de que ONGs botam fogo na Amazônia e fala esse tipo de argumentação sem provas, o senhor acha que contribui para tornar o ambiente menos radical, menos tóxico de desinformação ao propalar suspeitas sem indícios de provas?

Lula: Eu falei com muita tranquilidade desde o dia que aconteceu aquilo, porque não vi sangue. O Bolsonaro deu uma entrevista assim que chegou no hospital. Ele foi internado, já tinha um senador fazendo uma entrevista.

Mariana Schreiber: A entrevista (ao então senador Magno Malta) foi depois da cirurgia.

Lula: Eu te confesso que fiquei com muitas dúvidas, mas se você tem certeza, eu sou até capaz de ter a sua palavra como veracidade.

Mariana Schreiber: Não é questão da minha palavra. Houve um atendimento na Santa Casa de Juiz de Fora, uma internação no hospital Albert Einstein, em São Paulo. Sua suspeita se baseia no fato de que os médicos estão em um conluio para fazer uma encenação?

Lula: Não, não falei isso. Você acredita que houve a facada?

Mariana Schreiber: Acredito.

Lula: Então acredite você, morreu o assunto.

Mariana Schreiber: Não morreu o assunto pelo seguinte, presidente, o senhor é uma liderança muito importante. O que o senhor fala reverbera. Quando o senhor diz que tem suspeita sobre o ataque, o senhor não está justamente alimentando radicalismo, fake news?

Lula: Eu tinha suspeita até você me dar certeza. Então, você veio fazer entrevista comigo e você me convenceu, sabe, dizendo "eu sou prova de que ele tomou a facada".

Mariana Schreiber: Eu não sou a prova. Estou trazendo a questão sobre o efeito da sua fala.

Lula: Estou acreditando em você. Você pode passar para a história como a jornalista que convenceu um presidente que ele estava errado. E foi muito bom.

Mariana Schreiber: Não é a minha intenção aqui. Presidente, hoje a esquerda tem muita dificuldade de fazer oposição, e a pauta central é o "Lula Livre", é a luta pela sua liberdade. O senhor acha que é a melhor estratégia de oposição ter a centralidade da pauta "Lula Livre"? Ou deveria haver outras pautas centrais?

Lula: O que você acha que a oposição deveria fazer?

Mariana Schreiber: Não sei, estou perguntado ao senhor.

Lula: É que você pergunta com uma condicionante. Você primeiro me coloca como uma pessoa que está atrapalhando a oposição a fazer oposição. Veja, eu sou de um partido político, e esse partido político trabalha a questão do "Lula Livre". Obviamente, tem gente que acha que não deveria cuidar disso: "o Lula já foi condenado, deixa o Lula preso e tal".

E sabe por que que o partido me defende? Porque o partido sabe que sou inocente, porque o partido sabe que o Moro é mentiroso, o partido sabe que o Dallagnol é mentiroso, o partido sabe que o TRF-4 me julgou sem ler o meu processo, o partido sabe que o Superior Tribunal de Justiça me julgou sem ter acesso ao inquérito.

Então, o que eu quero é provar minha inocência. E cabe ao meu partido, e não aos adversários, você não quer que o PSL faça campanha "Lula Livre", né? O PSL faz campanha "Lula preso". É o meu partido que tem que fazer.

E isso não impede que o meu partido tenha apresentado um programa no Congresso Nacional discutindo política econômica, discutindo emprego, discutindo política tributária. Acabou de apresentar.

Você deve ter acompanhado isso lá em Brasília, que meu partido é o que mais faz oposição e oposição coerente, que lutou contra a reforma da Previdência como ela está sendo feita, que lutou contra o desmonte da legislação trabalhista. O partido está fazendo oposição toda hora, 24 horas por dia, mas não impede que o partido me defenda.

Mariana Schreiber: Outras lideranças da esquerda, de fora do PT, criticam essa centralidade da pauta "Lula Livre"...

Lula: Que lideranças? Eu não sou obrigado a convencer as lideranças a acreditar naquilo que o PT acredita. Cada liderança faça o que quiser. Sabe quantos anos o [líder e ex-presidente sul-africano Nelson] Mandela ficou preso até as pessoas se convencerem de que precisava soltar? 27 anos. Jesus Cristo carregou uma cruz, o povo gritando, na passagem dele, e ninguém defendeu ele. Eu tenho o PT que está me defendendo.

Mariana Schreiber: Acontece agora a discussão sobre a sucessão da presidência do partido. Algumas pessoas dentro do PT já declararam publicamente, como o Washington Quaquá, presidente do partido

no Rio de Janeiro, que consideram que o melhor seria o Fernando Haddad assumir o comando do PT, porque seria um nome com discurso mais moderado, que falaria para além da base mais fiel petista. E consideram que a deputada Gleisi Hoffmann (atual presidente) é o oposto disso. Por que a insistência no nome dela para presidente do PT, em vez de uma renovação?

Lula: Por que você dá tanto valor a uma fala do Quaquá, que quer o Haddad, e nenhum valor a minha fala, que quero a Gleisi? A Gleisi é a melhor pessoa nesse momento para ser a presidenta do PT.

Mariana Schreiber: Por quê?

Lula: Porque ela é corajosa, porque ela defende o PT em qualquer situação, e porque ela provou que foi uma extraordinária presidente. Eu não estou dizendo para você, eu disse para o Haddad: "Você não deve ser candidato a presidente do PT. Você virou uma personalidade pública nesse país. Se você entrar na presidência do PT, você vai ficar com um carimbo na testa de PT e você não vai ter a amplitude que você pensa que vai ter".

Quando eu, nas eleições de 1989 virei muito grande, sabe o que eu fiz? Criei um instituto, saí da presidência do PT, para poder ter relações com outras pessoas. Por isso que eu acho que o Haddad não pode ser presidente do PT, porque o Haddad teve uma representação maior do que o partido. Ele precisa conversar com essa sociedade além do PT que votou nele e ele não pode estar com um carimbo do PT. Ele tem que ser uma personalidade.

É simplesmente por isso que eu pedi para o Haddad não ser presidente e pedi para o partido que a Gleisi Hoffmann é a pessoa que tem mais competência hoje para ser presidente do partido.

Mariana Schreiber: A entrevista é justamente para trazer as críticas para o senhor responder.

Lula: Eu sei. Você não tem veto, pergunta o que você quiser.

Mariana Schreiber: Alguns críticos também dizem que o PT deixou de ter esferas democráticas, não faz eleição para a presidência do partido. Tudo passa pelo senhor. O senhor decide que não vai ser o Haddad, e vai ser a Gleisi. O senhor não fica como espécie de dono do PT, que decide tudo? Claro que o senhor tem muita visão política, mas as decisões não estão muito centralizadas nas suas mãos?

Lula: De vez em quando você vai ter que conversar com uns amigos meus, você só conversa com alguns inimigos [fala em tom de brincadeira]. Eu há muito tempo que não participo de reunião do PT, mas desde que o PT nasceu eu me considero petista como a unha com a carne. Eu tenho interesse pelas coisas do PT e, naquilo que eu sou consultado, eu tenho opinião.

Eu tenho opinião para defender o PT como maior partido de esquerda da América Latina, quiçá (do mundo), só não é do mundo por causa do Partido Comunista Chinês. Mas não tem nenhum partido similar ao PT. O partido é muito forte, é por isso que tem um ódio contra o PT. O PT não é odiado pelas coisas más que ele fez. É odiado pelas coisas boas. E toda vez que eu posso dar um palpite no PT, eu dou.

Quando houve o colégio eleitoral, eu era contra expulsar deputado do PT que furou o colégio eleitoral. Eu perdi, o PT expulsou. E eu me contentei. Eu era favorável que a gente tivesse no país o parlamentarismo. Quando chegou na Constituinte, o PT fez uma prévia interna, uma votação, mais de 80 mil pessoas votaram, e eu perdi, e eu acatei.

Então, no PT a gente perde e a gente ganha, porque o PT é um partido altamente democrático. Se eles quiserem tomar uma decisão, eles tomam uma decisão, eu não preciso nem ouvir, posso nem saber.

Entretanto, quando os companheiros do PT decidem mandar notícias para mim, é porque há uma relação de confiança entre eles e eu. E eu acho isso muito bom, porque eu sempre tive muita confiança no PT.

Mariana Schreiber: O senhor está falando da força do PT. O partido conseguiu, mesmo desgastado, chegar ao segundo turno da eleição presidencial de 2018. Mas, por outro lado, o PT teve um encolhimento muito grande no número de prefeituras na eleição de 2016. O bom desempenho de 2018 também ficou muito localizado no Nordeste. Como será estratégia do PT para se recuperar disso? Como vão furar a bolha do antipetismo, por exemplo, mantendo na presidência uma pessoa com discurso mais radical?

Lula: A importância da democracia é a possibilidade dessa alternância de poder que ela permite. Em 1980, eu fui fazer greve contra a Margaret Thatcher [então primeira ministra britânica pelo Partido Conservador]. Na época, parecia que ela era invencível. E logo depois apareceu o Partido Trabalhista, e ganhou. Depois parecia que o Tony Blair (primeiro ministro do Partido Trabalhista) era invencível. Logo aparece outra pessoa e derrota ele [na realidade, Tony Blair decidiu não concorrer a um terceiro mandato e foi sucedido por Gordon Brown, também do Partido Trabalhista.] É assim a democracia.

O PT (em São Paulo) já ganhou com a Marta (Suplicy, ex-prefeita), já perdeu, já ganhou com o Haddad (também ex-prefeito), já perdeu. Mesmo na Presidência, um dia o PT tinha que perder. O que eu lamento é que não tenham deixado o PT disputar com sua força toda. O PT, esqueça a eleição de 2012, ela acabou, esqueça a de 2016, ela acabou. Vamos pensar na eleição de 2020. O PT precisa escolher um candidato, e disputar as eleições ou fazer aliança política. O PT é o único partido enraizado nas entranhas do povo brasileiro.

Mariana Schreiber: Sobre as eleições municipais de 2020, uma reportagem da revista Veja indicou que o senhor defendeu uma aliança nacional com PSB, PDT, PCdoB e PSOL na qual o partido que tiver o candidato com mais chances de vitória receberia apoio dos demais. Isso é verdade? Como estão essas conversas para 2020?

Lula: Eu nunca dei entrevista para a Veja, e nunca acredito na revista Veja. A Veja eu considero um lixo.

Mariana Schreiber: Eles ouviram interlocutores do senhor. Como está essa articulação entre os partidos?

Lula: Eu acho que o PT tem que fazer aliança política e o PT tem que trabalhar sabendo que alguns momentos a melhor opção não é a candidatura do PT, é a candidatura de outros partidos políticos. E o PT fazer aliança. Nós já cansamos de fazer. Nós já apoiamos outros candidatos em Porto Alegre, já apoiamos outro candidato em outras cidades. Não tem nenhum problema.

Em São Paulo, se o PT não tiver um candidato e algum partido aliado tiver um bom candidato, o PT tem que fazer aliança. E vale para (a eleição para) Presidente da República (em 2022). Se o PT tiver um partido que tem um candidato melhor do que o PT, por que não apoiar o candidato? Aliança não vale só quando o PT está na cabeça, vale quando os outros também podem estar na cabeça.

Agora, o que não pode é o PT aceitar a ideia de as pessoas não gostarem do PT porque o PT é muito grande. Olha, que culpa tem o PT? O PT (nas disputas presidenciais) foi o segundo em 89, o segundo em 94, foi o segundo em 98, foi o primeiro em 2002, foi o primeiro em 2006, foi o primeiro em 2010, foi o primeiro em 2014, e seria o primeiro em 2018, mas foi o segundo outra vez.

Olha, que culpa tem o PT se, desde 1989, o PT está em primeiro ou segundo lugar em todas as pesquisas feitas no país em todas as disputas (presidenciais)? O PT, se você pegar as eleições estaduais, têm vários Estados em que o PT apoia candidato de outros partidos políticos. É assim. Agora, o PT é muito grande.

Mariana Schreiber: Então, no próximo ano, o PT pode não ter candidato em São Paulo?

Lula: Pode, pode. O PT sabe o que eu penso. O PT tem muita gente em São Paulo, muita gente. Agora, é importante saber quem vão ser os adversários. Eu disse para o Haddad que ele não deveria ser candidato a prefeito de São Paulo, porque acho que ele saiu muito grande do processo eleitoral. Nós precisamos cuidar do Haddad para conflitos políticos maiores.

Acho que o PT tem que medir qual a chance que tem de construir aliança, qual a chance de sair sozinho. Não apenas em São Paulo. Tem que pensar no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, em Pernambuco, no Brasil inteiro. E fazer aliança para mim não é uma questão de princípio, é uma questão de conveniência política momentânea.

Lava Jato/Processos contra Lula

Mariana Schreiber: O site The Intercept Brasil noticiou essa semana que procuradores da Lava Jato comentaram de forma desrespeitosa mortes de seus familiares em um grupo de conversa do Telegram. Um deles, a procuradora Jerusa Viecili, pediu desculpas ao senhor pelo Twitter. Ela escreveu: "Errei. E minha consciência me leva a fazer o correto: pedir desculpas à pessoa diretamente afetada, o ex-presidente Lula". O senhor aceita essas desculpas?

Lula: Eu penso que ela deveria pedir desculpas ao povo brasileiro, pelo mal que eles causaram aos milhões e milhões e milhões de brasileiros que perderam o emprego. Eu sou um homem muito

maduro, não guardo mágoas. O fato de ela dizer que está arrependida, é muito bom a pessoa se arrepender. Uma coisa que no Brasil as pessoas perderam. No Brasil, a palavra desculpa parece que tinha desaparecido do dicionário.

Então, quando as pessoas começam a se arrepender das bobagens que fizeram é um bom sinal. Significa que a humanidade ainda tem chance de se recuperar.

Eu acho que esse pessoal da Lava Jato, essa força-tarefa, eles foram mordidos pela mosca azul. A pior coisa do planeta Terra que foi feito foi o pacto feito pela (Rede) Globo com a Lava Jato. Passem qualquer mentira, não importa, que a gente vai transformar tudo em verdade.

E a Globo é um dos meios de comunicação que disseminou o ódio nesse país desde 2013. O ódio não é de graça não. Então, o que eu fico pensando: se essa pessoa pediu desculpas, espero que outras pessoas peçam desculpas. Eu espero que um dia o Moro fale assim, "Ó presidente Lula...", mesmo que eu já tiver morrido, não tem problema, ele vai dizer "... eu quero pedir desculpas porque eu fui um canalha no voto que eu dei no processo dele. Eu não fui juiz".

O Dallagnol poderia dizer a mesma coisa: "Presidente Lula, aquele PowerPoint que eu fiz, aquela melancia, que eu apresentei na televisão, eu quero pedir desculpas, eu menti."

Mariana Schreiber: Mas o senhor aceita o pedido da procuradora?

Lula: Ela não fez para mim, ela fez para o Twitter. Como ela acusou sem pedir, ela fez o pedido de desculpas sem consultar, é um problema dela.

Mariana Schreiber: O Supremo Tribunal Federal ainda vai decidir sobre a legalidade dos processos contra o senhor, a defesa aponta o que considera como uma série de abusos. Para além dessa discussão, eu gostaria que o senhor respondesse sobre alguns elementos concretos que indicam possíveis crimes ou desvios éticos que o senhor possa ter cometido.

Lula: Ah, me conta porque eu não sei. Que bom que você tenha.

Mariana Schreiber: No caso do sítio de Atibaia, o senhor reconheceu em depoimento que por alguns anos foi o principal usuário da propriedade. E também ficou comprovado que houve obras pagas por empreiteiras. Por que as empresas pagaram essas obras?

Lula: Você sabe que eu ocupei o Palácio do Planalto por oito anos e nem por isso ele é meu. Eu ocupei a Granja do Torto por oito anos e nem por isso ele é meu.

Mariana Schreiber: Empreiteiras não pagaram por obras...

Lula: Fizeram, fizeram. Se você for ver a reforma que houve no Palácio da Alvorada, a ABDIB (Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base) fez uma reforma para a União que eu agradei de coração, porque aquilo estava esquecido. Então, deixa eu lhe falar. Eu não estou prestando depoimento, estou dando uma entrevista. O que eu deveria falar, eu já falei.

Eu comecei dizendo que o sítio não era meu, e comecei dizendo que não era meu porque o sítio não era meu. O sítio tem dono (Fernando Bittar, amigo de longa data de Lula), o dono pagou com cheque administrativo (a compra do sítio). Tudo isso está na mão dos procuradores, os procuradores inventaram história, inventaram história, até descobrir que teve reforma.

Eu fui conhecer o sítio dia 15 de janeiro (de 2011). Se o sítio não é meu e fizeram reforma, quem fez a reforma e o dono do sítio é que tem que explicar, não sou eu. Eu não posso ser condenado porque foi feito uma reforma numa coisa que não era minha.

Agora, eles começaram mentindo dizendo que o sítio era meu, eu depois que disse que o sítio não era meu, criaram a questão da reforma, e todo o objetivo deles, a obsessão deles aqui em Curitiba, era tentar envolver a Petrobras para trazer esse processo para cá, porque esse processo poderia ter sido julgado em São Paulo.

Eles fizeram com o sítio a mesma canalhice que fizeram com o apartamento (caso Tríplice do Guarujá). Eu estou dizendo que o apartamento não é meu, estou dizendo que o apartamento não é meu, eu não comprei o apartamento, eles sabem que eu não comprei. Eles inventaram uma relação do Léo Pinheiro com a Petrobras para trazer o caso para cá.

[Nota da redação: Pelo princípio constitucional do juiz natural, os dois processos deveriam ter sido julgados em São Paulo. No entanto, por autorização do Supremo, todos os casos da Operação Lava Jato que supostamente envolviam desvios da Petrobras foram direcionados para a 13ª vara de Curitiba, chefiada até novembro passado pelo ex-juiz Sergio Moro.]

Mariana Schreiber: Ainda que obras de empreiteiras tenham sido feitas sem pagamento no Palácio do Planalto, essas obras ficaram como doação ao Estado brasileiro. No caso do processo de Atibaia, seriam obras custeadas por empreiteiras que ficaram como doação para um sítio que o ex-presidente da República Lula frequentava constantemente. Há uma diferença.

Lula: Olha, eu quando for na sua casa e tiver uma obra, não pense que eu vou perguntar quem fez a reforma.

Mariana Schreiber: Eu não sou ex-presidente da República.

Lula: Nem vou abrir sua geladeira. E pelo fato de eu ser ex-presidente da República é que eles deveriam ter pensado diferente. Eu não era mais homem público, não tinha mais cargo. Eu vou ser ex-presidente da República a vida inteira. Então, se eles querem me condenar por isso, eles que digam que é isso.

Mariana Schreiber: O fato de o senhor ser ex-presidente da República e ser a maior liderança da esquerda no Brasil não mantém o senhor com uma série de responsabilidades para a vida inteira?

Lula: Acho bom você dizer isso pros outros, que eu sou a maior liderança de esquerda do Brasil.

Mariana Schreiber: Acho que não há dúvidas sobre isso.

Lula: Deixa eu te dizer uma coisa, eu fui presidente por oito anos, eu fui presidente do PT por treze anos, eu fui o deputado constituinte mais votado do Brasil. Eu fui o presidente de sindicato mais importante do Brasil. E eu duvido que em algum momento da minha história política alguém tenha encontrado um crime que eu tenha cometido.

Então, agora a minha situação é a seguinte: eu não sou um cara reto no meu comportamento porque eu sou ex-presidente. Eu sou assim porque dona Lindu (mãe de Lula), uma mulher que nasceu e morreu analfabeta, uma mulher que cuidou de 12 filhos, essa mulher, me deu educação. Então, eu tenho um comportamento reto. Quando eu era presidente, você nunca me viu jantando na casa de alguém, você nunca me viu num casamento, você nunca me viu num aniversário, porque foram oito anos de celibato meu dentro da Presidência.

E vou ser assim, eu sou assim, essa é a minha vida.

Mariana Schreiber: Ontem, o STF tomou uma decisão importante ao anular a condenação do Aldemir Bendine (ex-presidente do Banco do Brasil) pelo ex-juiz Sergio Moro, por considerar que houve ilegalidade no processo. O senhor se sente mais esperançoso em relação aos seus recursos que serão analisados no Supremo?

Lula: Eu não vou ficar analisando comportamento da Suprema Corte. A única coisa que eu peço é o seguinte, eu tenho vários processos, as pessoas têm que condenar um ser humano com base nas provas. Se você não tiver prova, o ser humano é inocente. Eu tenho provado a minha inocência desde o primeiro processo.

Eu acho que a Suprema Corte precisa dar um freio de arrumação na casa, porque houve um momento em que o Moro, o Dallagnol e mais a equipe da força-tarefa pensavam que eram donos do Brasil. Eles ameaçaram a Suprema Corte, eles ameaçaram o nosso ministro da Suprema Corte (Teori Zavascki) que morreu, eles ameaçaram o (ministro do STF Edson) Fachin, eles ameaçaram a Câmara, eles ameaçaram o Senado, eles ameaçaram a Presidência. Eles por qualquer coisa ameaçavam fazer greve de fome. Eles se acharam donos do mundo.

O que eu acho que a Suprema Corte tem que fazer? Tem que se debruçar sobre o processo (os casos da Lava Jato), tudo que foi certo, tudo que foi julgado corretamente, que houve investigação, que houve apuração e que provou que cometeu crime, tem que condenar. Agora, tudo aquilo que a Suprema Corte analisar e descobrir que houve falha (no processo), que a pessoa é inocente, que a pessoa foi acusada equivocadamente, tem que absolver. É só isso

Mariana Schreiber: O senhor não acha que deve ser anulada toda a operação Lava Jato?

Lula: Não, eu acho que a operação Lava Jato tem coisas que foram verdade, tem pessoa que confessou. Se o cara confessou que roubou, o cara é ladrão. E é só pegar os delatores, porque ficou fácil roubar no Brasil. O cara rouba, vem aqui, delata quem roubou, fica com metade e tá livre? Só

falta começar a colocar pulseira de ouro no pé das pessoas, pra pessoa colocar no testamento a pulseira de ouro.

Não, eu acho que tem que ter seriedade. Se o cidadão, Luiz Inácio Lula da Silva, cometeu um delito, e tem prova que ele cometeu um delito, não adianta o seu Lula falar grosso, ele tem que ser condenado e tem que ser punido como qualquer cidadão. Assim reza a nossa Constituição.

Mas se esse Luiz Inácio Lula da Silva, depois de todas as provas for inocente, humildemente, tem que ser inocentado. E é isso que eu espero deles.

Mariana Schreiber: Presidente, faltam dez minutos (para o fim da entrevista). Tenho mais dois temas que eu queria abordar com o senhor.

Lula: Essa era o tema mais importante, achei que você ia falar mais de economia.

Mariana Schreiber: O senhor e outras lideranças do PT constantemente chamam atenção para o sofrimento dos brasileiros com a alta do desemprego. No entanto, o IBGE mostra que os anos de maior disparada das taxas de desemprego foram 2015 e 2016, período governado, na sua maioria, pela presidente Dilma Rousseff. Foram também os anos recentes de maior queda do PIB. Como que os senhores não se responsabilizam pelo cenário atual?

Lula: Presta atenção: dezembro de 2014, presidente Dilma Rousseff, o Brasil tinha o menor índice de desemprego da história desse país. O Brasil parecia a Dinamarca, parecia a Noruega, a Finlândia, de tão pouco que era o desemprego nesse país. Teve a eleição. A Dilma, na minha opinião, tinha cometido um equívoco. Entre 2011 e 2015, o companheiro Guido Mantega (ex-ministro da Fazenda) fez uma desoneração de R\$ 540 bilhões de reais.

Nenhum empresário veio a público dizer isso, mas o governo fez uma desoneração de R\$ 540 bilhões. Para quê? Para que as indústrias continuassem gerando emprego, e para que a Dilma continuasse podendo cumprir os compromissos da política social. Então, (isso era) dezembro de 2014. Olha o que aconteceu depois: na hora que você percebe que tem que fazer um ajuste, a Dilma percebeu, ela mandou uma medida provisória para acabar com a desoneração. O Congresso não aceitou. O Congresso elegeu no começo de 2015 quem? Eduardo Cunha para a presidência da Câmara.

Faça um paralelo: Fernando Henrique Cardoso e Dilma. Quando o Fernando Henrique Cardoso quebrou o Brasil duas vezes, em 2009 [Lula quis dizer 1999] ele mandou uma reforma. Ele tinha na presidência da Câmara o (então deputado Michel) Temer, que resolveu aprovar as reformas imediatamente. E o Brasil começou a sair da crise. A Dilma teve de presente o Eduardo Cunha como presidente. Que cada coisa que a Dilma mandava, ele triplicava. A Dilma mandava (proposta para) desonerar esse copo, ele desonerava tudo (reduzindo as receitas do governo).

Até (o setor de) comunicação, até a Globo acho que foi desonerada em alguma coisa. Então, na verdade, era uma agenda bomba todo dia contra a companheira Dilma, que não conseguiu implementar nenhuma mudança que ela queria fazer.

Se tinha desemprego em 2015, a Dilma sabia e ela começou a tentar propor a reforma, nenhuma reforma foi votada e de lá pra cá, derrubaram ela com base em uma mentira e só piorou. Eu, quando entrei no governo em 2002, a inflação estava quase 12%, tinha desemprego pacas, o Brasil devia US\$ 30 bilhões ao FMI, eu não fiquei culpando o Fernando Henrique Cardoso, não.

Mariana Schreiber: O senhor sempre falou em herança maldita.

Lula: Eu disse (que tinha) a herança maldita e fui trabalhar. E quando saí da Presidência da República o Brasil tinha gerado 22 milhões de empregos, nós tínhamos US\$ 378 bilhões de reserva, e o Brasil era o país de maior credibilidade internacional. Então, é o seguinte, quando o cidadão ganha (a eleição)... Nós já temos quatro anos que cassaram a Dilma, já era para ter consertado esse país.

Mariana Schreiber: O senhor falou em entrevista recente que defendeu que o PT apoiasse outro nome de dentro do PMDB na eleição para presidência da Câmara de 2015 para tentar derrubar a candidatura do Eduardo Cunha. O PT decidiu lançar seu próprio candidato e perdeu. Não houve então erros do PT que contribuíram para o que aconteceu?

Lula: Mas quantos erros você cometeu essa semana na sua vida, eu cometi na minha. Eu fui alertar o PT que era humanamente impossível, matematicamente impossível o PT disputar a presidência da Câmara em 2015. Fui numa reunião com vários deputados do PT, coloquei meus argumentos: "se vocês quiserem derrotar o Cunha, a única coisa que podem fazer é pegar alguém do PMDB e lançar como candidato para derrotar o Cunha".

No PT, tinha companheiro que achava que não. Que achava que nós íamos ganhar. Eu tinha noção que havia já um antipetismo dentro da Câmara, e que era impossível o PT ganhar. E o que aconteceu? Deu o que eu pensei que ia dar. Agora, também não vou ficar dizendo: "tá vendo, eu estava certo, tá vendo". Não, perdeu, perdeu, paciência. Agora, mesmo sendo o Cunha, o Presidente da República precisa se relacionar com o outro poder.

Eu estava no Suriname quando o PT perdeu a presidência da Câmara (em 2005) para aquele companheiro de Pernambuco, o Severino Cavalcante (PP-PE). O nosso candidato era o (Luiz Eduardo) Greenhalgh (PT-SP), o Virgílio (Guimarães, também do PT, que se lançou como candidato avulso) disputou com o Greenhalgh. O Greenhalgh ganhou no primeiro turno com não sei quantos votos e imaginava que ia dobrar no segundo turno.

No segundo turno, nem os votos do Virgílio votaram no companheiro Greenhalgh. Ele perdeu para o Severino. Eu levantei de manhã tinha um bilhete na porta do meu quarto assim: "Presidente, Severino ganhou as eleições".

Você acha que eu ia ficar com raiva? Não, peguei o telefone e liguei pro Severino: "Companheiro Severino. Estou no Suriname e estou regressando ao Brasil, quando eu chegar o primeiro café da manhã é com você".

Olha, se o Eduardo Cunha ganhou as eleições, o PT deveria ter estabelecido uma relação sabendo que ele é um outro poder. A gente não pode fazer do nosso comportamento na política apenas uma questão de princípio. E não era só a Dilma que tinha que fazer, ela tinha a coordenação política. Ela tinha a Casa Civil (comandada na época por Aloizio Mercadante). Se nós erramos nesse trato, nós pagamos o preço, paciência.

Mariana Schreiber: Presidente, última pergunta, faltam poucos minutos para terminar e eu queria falar de Venezuela com o senhor.

Lula: Pede uma concessão para ele de um minuto, p*! [o presidente se refere em tom de brincadeira ao chefe de escolta e custódia da superintendência da PF, Jorge Chastalo, que acompanha a entrevista.]

Mariana Schreiber: Presidente, o senhor falou recentemente em entrevista o seguinte sobre Venezuela: "Não é que eu ache que o (presidente Nicolas) Maduro está fazendo a coisa certa. O povo da Venezuela é que tem que tomar conta do Maduro". No entanto, o povo da Venezuela parece estar em frangalhos, passando fome, fugindo do país aos milhões. Como o povo venezuelano pode resolver isso sozinho? O senhor e outros líderes de esquerda importantes não deveriam pressionar pela realização de uma eleição chancelada por organizações multilaterais para que haja uma evolução da situação da Venezuela?

Lula: Você é muito nova, um dia você pode virar presidenta também. Então, eu vou te dizer como se deve comportar um presidente.

Eu, em janeiro de 2003, eu fui à posse do presidente do Equador. Na época, era um coronel do Exército chamado (Lucio) Gutiérrez, e nessa reunião o (ex-presidente da Venezuela Hugo) Chávez estava num conflito com os Estados Unidos. Eu chamei o Chávez para uma reunião e propus construir uma coisa chamada "Grupo de Amigos da Venezuela", um grupo de pessoas que pudesse conversar e tentar encontrar uma solução com a oposição. E eu sugeri ao Chávez que entrassem os Estados Unidos e a Espanha.

A Espanha primeiro, porque o (José María) Aznar tinha sido o presidente da Espanha que tinha reconhecido o golpista da Venezuela [Chávez acusava Aznar de apoiar a tentativa de golpe contra ele 2002, o que o espanhol negava]. E o Bush, porque o Chávez falava para todo mundo que o Bush que tinha dado o golpe na Venezuela [Lula também se refere ao levante de 2002].

O Fidel Castro ficou muito nervoso e achou que estávamos entregando a Venezuela para os Estados Unidos. Eu tive uma reunião com o Fidel Castro e mostrei que só era possível ter um acordo se tivesse uma mesa de negociação com as pessoas que o Chávez não gostasse, mas que a oposição gostasse. Por isso, os Estados Unidos, e por isso, a Espanha.

O resultado é que nós tivemos um belo acordo. Os americanos colocaram o Colin Powell (então Secretário de Estado dos EUA) para participar das negociações, o Celso Amorim (chanceler do

governo Lula) participou pelo lado brasileiro, e o dado concreto é que nós fizemos uma paz tranquila na Venezuela.

Mariana Schreiber: O senhor concorda então que tem que ter participação de autores externos? Que não é só o povo venezuelano que vai conseguir resolver a crise?

Lula: Sabe o que eu fico chateado, é que uma pessoa culta como você, é capaz de ver todos os erros do Maduro e não fala nada do embargo americano. O embargo americano chama-se genocídio!

Porque quando um país ganha uma batalha numa guerra, ela matou soldado. Mas quando você faz embargo num país como os americanos estão fazendo em Cuba há 60 anos, estão fazendo agora (na Venezuela), fizeram no Irã, você está matando crianças, mulheres e velhos.

É preciso que os americanos parem com essa história de embargo e de ameaçar o mundo inteiro. E eu acho que quem tem que resolver o problema da Venezuela, é o povo da Venezuela numa eleição. Agora, não dá para a estupidez de apoiar um tal de Guaidó [Juan Guaidó é presidente da Assembleia Nacional da Venezuela e se autoproclamou presidente do país, com apoio de diversas nações, inclusive o Brasil.]

Por Deus do céu, se essa moda pega, ninguém vai respeitar mais eleição em lugar nenhum. Imagina os Estados Unidos apoiando (qualquer um) como o Guaidó. Um candidato que mundo achou que deveria ser candidato por quê? Ele não disputou as eleições.

Mariana Schreiber: Ele é presidente da Assembleia Nacional da Venezuela.

Lula: Mas não era Presidente da República. Tem que parar com isso. Eu achei uma pequenez do mundo, inclusive do Brasil. O Brasil é um país que pode ser gestor da paz aqui na América Latina, se tiver gente que queira paz. O Brasil chegou a ter um superávit comercial de quase US\$ 5 bilhões com a Venezuela. O Brasil tem que ter um carinho muito grande com a Venezuela.

Eu passei muito tempo de minha vida telefonando pro Chávez e o (Álvaro) Uribe (ex-presidente colombiano) para manter a paz entre a Colômbia e Venezuela. Só para você ter ideia, a Condoleezza Rice (ex-secretária de Estado dos EUA) fez uma crítica no jornal Miami Herald contra o Chávez, e o Chávez foi para a rua fazer uma passeata contra os americanos, eu liguei pro Bush.

Liguei e falei: "Bush, se você quer que o Chávez não faça passeata contra você, manda a sua secretária parar de escrever bobagem contra ele nos jornais americanos". Sabe, pega o telefone, liga e conversa pessoalmente.

A maioria das brigas é por falta de conversa. O papel do Bolsonaro não era ficar falando a quantidade de asneira que ele falou ou o seu ministro (das Relações Exteriores, Ernesto Araújo), era ter pegado o telefone e ter ido falar com o Maduro. Tem coisa para dizer, diga na cara do presidente. Não fica brigando da forma mesquinha, pequena, medíocre que foi feita.

Mariana Schreiber: Infelizmente nosso tempo acabou.

Lula: Porque você quer, eu estou aqui, eu não estou nem vendo eles [Lula brinca com os agentes da PF e provoca risos entre os presentes].

Mariana Schreiber: A Polícia Federal fixou este horário.

Lula: Eles não vão te prender. Eles podem me tirar daqui (da sala de entrevista). Mas deixa eu falar uma coisa, o Brasil tem um papel muito importante na América do Sul, na África. O Brasil tem que tomar cuidado, porque o Brasil era muito respeitado. Agora, quando você tem um governante que não se respeita, também ninguém respeita. Política é feita por seres humanos. Você conversa, dialoga.

O Brasil tem que perceber que a Venezuela é importante. Essa bobagem que o Bolsonaro acredita, na bondade dos Estados Unidos. Não tem um momento histórico em que os Estados Unidos fizeram um gesto de bondade para o Brasil. Não tem um, desde a Independência americana. O Brasil tem que acreditar é na sua força, é no seu povo, é na sua soberania, é na sua criatividade, e não ficar achando que alguém vai resolver o problema da nossa incompetência. Eu acho que o Bolsonaro tem que parar de falar bobagem e começar a governar esse país.

Mariana Schreiber: Presidente, obrigada por ter recebido a BBC para essa conversa. Espero que tenhamos outras oportunidades no futuro de fazer novas entrevistas com o senhor.

Lula: Olha, eu estou sempre à disposição. Espero que você tenha feito todas as perguntas que você queria fazer, e desculpa se não lhe respondi de agrado todas as suas perguntas. Muito obrigado.

ANEXO L - Entrevista de Lula a Mino Carta e Sérgio Lirio da Carta Capital, em 4 de setembro de 2019¹⁰⁵

Lembra Ricardo Stucker, eterno retratista do ex-presidente, que eu, Mino Carta, visitei Lula preso em maio de 1980. Estava ele na carceragem do Dops, aos cuidados do delegado Romeu Tuma, que cuidava de trazer à presença do então sindicalista a mulher e os filhos, sem contar que lhe servia frequentemente lulas fritas. Fui visita-lo em companhia de Raymundo Faoro, e recebidos fidalgamente, tivemos a possibilidade de uma conversa direta com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, no próprio gabinete de Tuma, do qual o titular se retirou, para nos deixar à vontade. Passaram-se 39 anos e começamos a conversar, agora na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba, a partir dessa lembrança.

No fundo, desde então, tudo piorou bastante, com o intervalo de um governo do próprio Lula, de esperanças hoje perdidas. Mas não pelo entrevistado, capaz de crer que, em prazo a ser definido pelo destino, ainda será reconhecido como vítima de um golpe que pretendeu impedir a sua participação nas eleições de 2018 e demonizá-lo assim como ao seu partido. “A maior canalhice da história deste país”, conforme o injustiçado.¹⁰⁶

Mino Carta: Em todas as provas, a essa altura, mostram que você foi atingido como primeiro objetivo do golpe. O golpe começa com a Lava-Jato, em 2014, e atingiu o alvo, para demonizar você e seu partido.

Lula: Em dezembro de 2013, logo depois da vitória da Dilma, eu alertei a direção de que era importante o PT começasse a se dar conta do processo de criminalização do partido. O objetivo era tentar, em qualquer hipótese, evitar que houvesse 2018 com uma candidatura do Lula. Nunca consegui compreender por que a Lava Jato, com mais de 200 que já houve, se transformou em uma instituição? Eles esqueceram que era uma operação policial para investigar um determinado tipo de crime e a transformaram em uma instituição com um objetivo veementemente político. E está claro o papel preponderante da Secretaria de Justiça dos Estados Unidos. O objetivo final era não me deixar ser candidato, era quebrar as empresas de engenharia do Brasil, quebrar a indústria de gás e óleo, quebrar a indústria naval, para que, tal como aconteceu no Iraque, as indústrias americanas e outras europeias viessem fazer aqui o que as brasileiras faziam. Isso está acontecendo nesse instante.

Sérgio Lirio: Nós estamos aí há quase três meses de revelações do Intercept. Todo dia aparecem novas. Dallagnol poupou uma empresária em troca de uma contribuição para um Instituto ligado à

¹⁰⁵ Assista a entrevista completa em: LULA: "Quem está tocando fogo na Amazônia são os milicianos do Bolsonaro". **Carta Capital**. Set. 2019. 1 vídeo [118 min.] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EclNDS5eS3g>. Acesso em: 05 ago. 2019.

¹⁰⁶ CARTA, Mino; LIRIO, Sérgio. ‘Só saio daqui inocentado’. **Carta Capital**, v. 25, n. 1071, p. 16-26, 11 set. 2019.

Lava Jato. E ele mesmo pretendia ser candidato a senador. Mas até agora ninguém foi punido. A ação contra o Dallagnol foi suspensa no Conselho do Ministério Público. Ainda queríamos que o senhor comentasse o seguinte fato: em todas as pesquisas feitas recentemente, a maioria da população vê erros da Lava Jato, denuncia sua politização, mas acha que está tudo bem o senhor estar preso e o Moro continuar como ministro.

Lula: Nós, seres humanos normais, reagimos de acordo com as informações que obtemos. Quando você vai conversar comigo, num jantar à noite, você vai conversar normalmente sobre as coisas que aconteceram durante a semana, e não sobre as coisas que vão acontecer no futuro. Então, a sociedade reage de acordo com a quantidade de informações que tem. A política foi demonizada, sempre mais, a começar de 2005 com mais força, envolvendo a política e de preferência um partido como o PT.

Mino Carta: O mensalão...

Lula: A partir de 2005, do mensalão, cuidou de demonizar o PT. As pesquisas mostram que a sociedade brasileira está começando a enxergar o que está acontecendo. Até agora, esses canalhas dizem que o desemprego é por conta da Dilma. Eles se esquecem de dizer à opinião pública que, em dezembro de 2014, nós tivemos o menor desemprego da história do país. E que o desemprego começou quando eles resolveram boicotar o governo da Dilma, a partir da indicação do Eduardo Cunha para presidente da Câmara, que tinha como objetivo não permitir nada que a Dilma fizesse para melhorar fosse aprovado. Eles se esquecem disso, que eles jogaram o Congresso Nacional para atrapalhar. Eles se esquecem de que o Aécio Neves é o responsável por parte do ódio que está criado nesse país com a alavancagem da Rede Globo de Televisão. Tudo que é da política não presta, tudo que o PT fez foi errado... e ainda hoje há uma doença na cabeça dessa gente de tentar mostrar que, no período do PT não aconteceu nada, pois o período do PT foi o de melhor distribuição de renda, aumento do salário mínimo, geração de emprego. A sociedade vai descobrindo isso. O problema é que a gente, às vezes, tem pressa. Eu aqui, na minha celinha, fico sempre pensando: a democracia tem um problema, de vez em quando você perde. E quando você perde, quatro anos é muito pouco para quem ganha, mas muito tempo para quem perde. Esperar quatro anos para disputar outra eleição é muito difícil, e para quem ganha, acaba logo. O PT tem que ter paciência e ir mostrando para o Brasil que o país pode ser melhor. Nós precisamos trabalhar 24 horas por dia para arejar a cabeça da sociedade, primeiro para diminuir o ódio, segundo para mostrar que o Brasil pode ser governado de forma diferenciada, e mostrar claramente quem é bandido neste país. Por que eu sou agressivo contra Moro e sou agressivo contra Dallagnol? Eles construíram uma mentira, inventaram várias histórias. Eles sabiam que estavam errados. Moro é mentiroso, Dallagnol é mentiroso, e que essa gente deveria ser exonerada a bem do serviço público.

Sérgio Lirio: As instâncias que poderiam cuidar disso, principalmente o STF, nada fizeram. Agora, o senhor ainda tem esperança de que o Supremo irá avaliar o caso do senhor com a isenção necessária?

Lula: O dia em que eu perder a esperança, eu pego uma caneta dessa e me dou um tiro de tinta na cabeça. Eu me alimento de esperança, e também da certeza absoluta de que a sociedade brasileira ainda vai ouvir : eu fui vítima da maior canalhice política já cometida no país. Agora tudo isso, Lirio, na minha cabeça, é secundário se o sacrifício que eu estivesse fazendo hoje pudesse resolver o problema do povo brasileiro. Se eu estivesse aqui e o povo estivesse com pleno emprego, tendo aumento de ganhos salariais, estivesse comendo melhor, passeando melhor, morando melhor, estudando melhor... Era um sofrimento pessoal, mas o povo estava bem. Duro é que eu estou aqui e o povo que está em suposta liberdade é prisioneiro de uma canalhice jamais vista nesse país. Com um bando de incompetentes que não conhecem o Brasil, que não sabem o que é governar, porque até agora – oito meses de governo, as únicas palavras que eles decoraram no dicionário são “corte” e “ajuste”, E Bolsonaro foi criado assim, ele acredita em toda asneira que fala, em toda bobagem, fala “não, ele está falando bobagem”, nada! Ele acredita naquilo e acha que aquilo é um charme.

Mino Carta: Por que o Haddad, na véspera da eleição, se pôs a fazer o elogio do Moro?

Lula: Eu não sei qual foi o contexto e qual foi a pergunta feita ao Haddad. Eu tenho consciência de que tem vários interesses em jogo no momento nesse país. Tem os interesses militares, interesses políticos, empresariais, financeiros, e os interesses políticos. Acho que o interesse maior do chamado setor financeiro e setor empresarial é permitir que o Bolsonaro consiga desmontar os direitos que levamos décadas para conquistar.

Mino Carta: Mas por que o Haddad estava elogiando o Moro?

Lula: Repito, eu não sei qual é o contexto em que o Haddad falou. A verdade é que outro dia eu dei uma entrevista para uma moça aqui da BBC brasileira e ela perguntou da Lava Jato. E eu disse que a Lava Jato, enquanto operação, é igual a qualquer outra. Na hora em que virou uma instituição política, ela deixou de ser uma operação de apuração de corrupção para ser uma operação política com objetivo definido. E aí eu falo pelo meu processo, não posso falar sobre o processo que eu não conheço. Se tem um canalha que chegou aqui e resolveu se vender e fazer delação e diz que roubou, ele que seja preso o resto da vida! Agora, o que eu quero saber é o seguinte: todas as pessoas tem direito a um julgamento decente. Toda pessoa tem direito a mostrar as provas do crime ou da inocência, então eu pego o meu caso. No meu caso, a Lava jato mentiu do começo ao fim e ela foi deformada, porque eu acho que muito dinheiro que os empresários falam que foi propina, na verdade era evasão fiscal. Isso, Mino, tem que ser apurado.

Sérgio Lirio: Vamos lembrar que recentemente o presidente do Supremo, Dias Toffoli, deu uma entrevista à Veja e admitiu que houve um acordo entre militares e empresários com a participação dele e de políticos, com dois objetivos: impedir que Bolsonaro fosse derrubado já com quatro meses

de governo, e que o senhor fosse mantido preso. Como o senhor avalia uma declaração dessas ou pelo menos a admissão de que “ele não desmentiu o conteúdo”?

Lula: Faz mais de 30 anos que não leio a Veja. Não acredito em nada que a Veja fala. Nada. Nem se ela falar que o Lulinha é um santo, eu acredito. Vamos analisar a pressão para que eu não fosse candidato. Essa gente não quer que o povo pobre tenha ascensão. Essa gente não quer que os mais pobres frequentem o Parque Ibirapuera lá em São Paulo. Essa gente não gosta que o povo pobre viaje de avião, que tenha acesso a um teatro, à universidade, a um restaurante.

Mino Carta: A casa-grande precisa da senzala.

Lula: Acho que isso fez com que essa gente fosse alimentada desse ódio, só pode ser. Quando deixei a Presidência da República, eu brincava “vou sair com mais de 100% de aprovação”. Porque a última pesquisa do censo mostrava que eu tinha 87% de bom e ótimo e 10% de regular: se somasse já dava 97%, e 3% de ruim ou péssimo que deve ter sido feito na minha casa, porque os filhos e a Marisa deviam estar de mal comigo. Ou feito lá no comitê do PSDB. Eu lembro que quando eu deixei a presidência, em São Paulo eu tinha 88% de bom e ótimo. Esse ódio foi alimentado depois que eu saí da presidência. Eles sempre tentaram criar uma intriga entre a Dilma e eu, sempre. Não criou porque a Dilma tem uma cabeça boa e não se permitiu criar. Depois eles começaram a negar a existência do sucesso do nosso governo. Não sei se vocês viram o Jornal Nacional, eu não vi, mas me contaram. Eles falaram do ProUni, das cotas, sem citar o meu nome. Obra de pai desconhecido.

Sérgio Lirio: Claramente a deterioração da imagem do apoio o Bolsonaro é a mais impressionante de qualquer presidente, desde o fim da ditadura. Ele está caindo em todas as áreas, em todos os campos, mas tem uma faixa entre 2 a 5 salários mínimos que ele ainda consegue o maior percentual de apoio. E é uma faixa que justamente teve uma melhora significativa de vida sob os governos do PT. O que o senhor acha que aconteceu?

Lula: Ele cresce mais entre os ricos, é onde tem a maior força, no setor médio.

Sérgio Lirio: Mas ele perdeu apoio nesse segmento.

Lula: Qualquer coisa que você perguntar vai ter entre 8 e 9%. Eu quando fui reeleito presidente do Sindicato em 98, tive 92% dos votos. Os meus adversários exploraram o fato de que 8% votaram contra mim. Numa sociedade de 210 milhões de habitantes, você ter 10% que gosta de um fanático sempre vai acontecer. A maioria da sociedade começa a se dar conta do desastre que aconteceu em 2018.

Quando Bolsonaro não tem um nome ele chama um general, como se general fosse um símbolo de competência. O general não é formado para dirigir a Fazenda ou a Educação, o general é formado para dirigir as Forças Armadas para proteção da nossa soberania, e a nossa soberania está sendo jogada fora. O Brasil está batendo continência para a bandeira americana. Esse é o mal maior.

Eu não sei se você lembra quando houve uma guerra no Iraque foram as empresas americanas que foram reconstruir o Iraque e só ia lá quem tivesse participado da guerra ao lado dos americanos. Pois bem, quem é que está entrando agora no lugar das empresas que foram destruídas neste país? Empresas americanas. (Guerra híbrida).

Mino Carta: O golpe foi dado pelos poderes da República?

Lula: Eu às vezes fico me perguntando por que nós do PT, em vez de fazer uma ação privilegiada na Câmara e no Senado em relação ao impeachment, não fomos primeiro ao STF. Como eu não sou advogado, não tenho certeza. Eu acho que nós fizemos uma aposta imaginando que tinha maioria no Congresso e nunca tivemos. Quem sabe se a gente tivesse ido à Suprema Corte o debate não seria em outro nível e a gente não ficaria nos esgarçando como ficamos. Depois que a gente começou, só perdemos votos. Não ganhamos nenhum

Outra coisa, Mino, foi construída nesse país a partir de junho de 2013, no começo das grandes manifestações e com a campanha do Aécio Neves, a radicalização. Outro dia eu estava dizendo aqui em uma entrevista que era preciso fazer uma comparação: em 1999 o Fernando Henrique estava na mesma situação da Dilma em 2015. Ele estava com 8% nas pesquisas de opinião pública, a economia já tinha quebrado duas vezes, mas o que salvou o Fernando Henrique Cardoso foi que o Temer entrou na presidência da Câmara e facilitou a aprovação das reformas que o FHC tentou fazer. O que aconteceu com a Dilma foi o contrário. Ela tinha o Eduardo Cunha que trabalhou o tempo inteiro com a aprovação de pautas-bomba para dificultar a ação do governo. Então tudo que a Dilma tentou fazer para reverter a situação ela não conseguiu. Terminamos 2014 com 4,3% de desemprego.

Sérgio Lirio: Mas o senhor acha que o que aconteceu com a Dilma foi só sabotagem ou foram opções erradas? O ajuste que a Dilma propôs fazer a partir de 2015 não foi um ajuste errado?

Lula: O ajuste da Dilma começou a criar um problema na nossa base. Tudo isso já faz cinco anos, meu caro. O que não pode é essa canalhice de ficar “o Brasil quebrou por conta da Dilma” O Brasil não-sei-o-que-lá por conta da Dilma”, não. Eu quando ganhei as eleições do FHC descobri a herança maldita e não fiquei xingando FHC, fui consertar o Brasil. Quem é eleito é eleito para governar, não é eleito para diagnosticar. O bom médico não é o que descobre a doença, o bom médico é aquele que cura.

Sérgio Lirio: O senhor acha que o Bolsonaro completa o mandato? O PT ingressou com um processo de cassação no TSE, é um caminho?

Lula: Não fico torcendo para a desgraça ser maior do que já é. O meu problema não é o Bolsonaro, é o projeto que ele representa. O Bolsonaro cai, com todas as sandices que ele fala, e entra o Mourão. Vai mudar o projeto? Eu estou vendo o Rodrigo Maia tentar se apresentar como primeiro-ministro, mas tudo o que a elite brasileira quer ele aprova na Câmara. O projeto está equivocada, não pensa o

Brasil para os brasileiros. Não pensa em 21° milhões de seres humanos. Pensa o sistema financeiro. A Petrobras vai contratar sondas de exploração de petróleo. Vamos gastar 30 bilhões de reais para importar 12 ou 13 sondas, quando a gente poderia fazer isso aqui no Brasil, gerando emprego, salário, renda, impostos e alegria e orgulho para os brasileiros. Se quem governa é o Bolsonaro ou é o Mourão, não importa. Nós não questionamos a vitória logo após as eleições, deveríamos ter questionado, mas não o fizemos. O cara agora tem um mandato para cumprir. Em nenhum momento ele disse que queria ser eleito para destruir o Brasil. Ele deveria começar a mudar de comportamento e pedir para a sua Polícia Federal, para o seu Ministério Público para entregar o Queiróz. Por que o Queiróz está escondido?

Mino Carta: Ele mora no Morumbi.

Lula: Se é o Lula, estaria lá o endereço do filho, do neto, do bisneto. O Queiróz foi se esconder aonde? Na favela da Maré? Em Heliópolis? Não, ele foi se esconder no Morumbi, no antro que protege ele. Então, o meu problema não é pessoal, não tenho problema com o Bolsonaro. Aliás, eu nem sei se algum dia ele fez discurso contra mim na Câmara enquanto era deputado. Se ele for honesto, ele terá que admitir que eu fui o presidente que mais fez pelas Forças Armadas. E não cuidei por medo, fiz, pois me pergunto: Para o que que servem as Forças Armadas se não têm uniforme? Se não tem coturno? Se não têm arma? Se não têm preparo? Se não têm inteligência? Era para defender 16 mil quilômetros de fronteira seca, quase 8 mil quilômetros de fronteira marítima, mais o pré-sal que está na divisa, no limite da divisa marítima do Brasil. Os americanos têm a Quarta Frota e os militares brasileiros, de forma subserviente, aceitam indicar um general para integrá-la. A que ponto chegamos... (Forças Armadas)

Sérgio Lirio: O senhor citou a Polícia Federal e o Ministério Público. Hoje, em uma entrevista o Bolsonaro deixou claro que o atual diretor da PF vai ser trocado. E promete nomear um Procurador-Geral da República “alinhado”. O FHC fez a mesma coisa, tinha um diretor da PF “alinhado”, tinha um PGR “alinhado”. Os governos do PT fizeram diferente. Respeitava-se a lista tríplice, deu estrutura e independência. O senhor se arrepende desse republicanismo? (Republicanismo).

Lula: A gente não pode ser criticado pelas coisas boas. Sou republicano porque acho que o Estado não é meu. Ser presidente não é uma profissão, é cumprir uma tarefa. Fui eleito com data para tomar posse e para sair. E eu tinha que governar pensando no povo brasileiro. A gente falava para o Hugo Chávez: “No Brasil a gente não pode fazer o que você faz.” Não posso indicar para a Suprema Corte um amigo meu; A minha formação política não permitiria que eu agisse assim. Tenho falado aqui na sede da PF onde estou detido “a PF vai se arrepender da bobagem que fez trabalhando para o Collor”... Desculpa, para o Bolsonaro. O MP também vai se arrepender. Quanto mais republicano o Presidente da República, mais autonomia essas instituições vão ter para exercer a sua função. Eu não quero um delegado meu amigo. Eu não quero um procurador meu amigo, eu quero um procurador que seja

procurador, que tenha respeito pelo povo, que tenha a capacidade de investigar e de acusar com seriedade, que cumpra o papel constitucional a ele determinado pela Constituição. Não é uma República de amigos. Se um dia você, Lírio, ganhar um cargo público, nunca indique para trabalhar com você uma pessoa que não possa mandar embora.

Sérgio Lírio: O Bolsonaro pode demitir o Moro?

Lula: O Moro não serve para Ministro da Justiça. Ele fez um curso de Direito, passou em um concurso, pegou uma toga e só. Esse cara não tem experiência de vida para exercer um cargo político.

Sérgio Lírio: Mas o senhor acha que o Bolsonaro, dados os arranjos feitos, para demitir o Moro?

Lula: Eu não sei. Não vou julgar, pois mandar ministro embora é uma questão unicamente do presidente da República. Não vou dar palpite no governo do Bolsonaro.

Sérgio Lírio: Gleisi Hoffman disse que a eleição de 2022 será uma disputa entre o Bolsonaro e o PT. O senhor concorda?

Lula: Há um incomodo no meio político. Virou moda agora falar que “precisamos agora acabar com essa polarização entre o PT e não-sei-quem. Entre o PT e o Bolsonaro. Quando eram o tucanos que polarizavam conosco, eles não queriam acabar com a polarização. O PT é o maior partido político do país. O PT vai ter uma disputa interna agora em quatro mil municípios. São quatro mil diretórios que vão votar na eleição direta para presidente do partido. O PT não é um amontoado de interesses eleitorais como o PSL. Se o Bolsonaro perder as eleições, o PSL acaba, desmancha que nem farinha, que nem o PRN do Collor. O Brasil só tem um partido organizado, com decisões nacionais, o PT. Há alguns outros partidos, como o PC do B, histórico, desde 1922. Tem uma briga entre o PC do B e o PPS para saber quem é o mais velho. O restante não passa de siglas eleitorais. Os caras trocam de partido como trocam de cueca. Tenho muito orgulho daquilo que o PT fez. E, se o PT errou, pague pelo erro.

Mino Carta: Mas o PT não chegou exatamente a criar uma consciência de cidadania em muita gente. Não conseguiu.

Lula: Mino, discuto muito isso com meus companheiros. Eu não fui eleito para criar consciência ideológica, mas par governar o Brasil. O PT é que deveria ter tirado proveito das coisas boas que fizemos e conscientizar. Comecei minha vida política como admirador do PCI. Achava o Partido Comunista Italiano a coisa mais perfeita em termos de organização política. Tive o prazer de sentar à mesa ao lado de Enrico Berlinguer. Eu conheci bem o PCI e era muito fã. Depois percebi que ele não passava de 30%, 33% nas eleições.

Mino Carta: Chegou a 36%.

Lula: Eu cheguei à conclusão que o PCI não queria ganhar as eleições.

Mino Carta: Mas havia um projeto de aliança.

Lula: Aconteceu o mesmo com o PT. Quando fui disputar a quarta eleição, tinha a consciência de que não podia ser candidato para ter 30%. Precisava de 50% mais. Daí porque eu descobri minha obra-prima chamada José Alencar. Eu não queria ir a uma festa comemorativa dele. Fui porque o Zé Dirceu me encheu o saco. Aí eu ouvi o discurso do Zé Alencar: Mino, ele falava e eu pensava “descobri o meu vice”. Ninguém na história teve um vice da competência do José Alencar. Empresário de primeira, ser humano de primeira, alma de primeira. E era de uma honestidade, de uma solidariedade... Mesmo assim não foi perdoado pela elite. A coisa que mais me deu ódio foi na campanha da Dilma, ele no estágio final, não conseguia nem ficar em pé por causa do câncer, ver os vizinhos dele daquele bairro chique onde ele morava, fazer assim (gesto como polegar para baixo). Sinceramente, tem uma parte da elite que não vale o que come.

Mino Carta: Outros tempos.

Lula: Vamos ser francos, a sua geração é um pouquinho mais velha que a minha. Mas a gente é do tempo do Antônio Ermínio de Moraes, do Bardella, gente que pensava este país na indústria. Quem tem hoje? Cite um empresário, não tem. O Brasil fez uma opção, ainda nos tempos do Collor, de desmontar a indústria. Quando eu cheguei na Presidência, a gente resolver fazer ferrovia, mas o Brasil não produzia mais trilhos. Importava da Polônia, da Itália. Não fazia mais dormente, não tinha mais engenheiro naval, não tinha engenheiro ferroviário. Tudo isso nós recriamos. Um país soberano é aquele que toma conta do seu nariz. Não por bravata, a forma de ser importante no mundo é ter conhecimento. Hoje não se é importante por exportar máquinas, por exportar soja, mas por importar engenharia e conhecimento. Para se transformar numa nação soberana o Brasil precisa fazer o contrário do que faz o governo Bolsonaro: acreditar que educação é investimento, que bolsa para formar gente no exterior não é gasto, é investimento, que colocar pobre na Universidade é investimento, que fazer os cidadãos comerem três vezes por dia é investimento. Esses canalhas repetem “aquilo é culpa do PT, o desemprego é culpa do PT”. Devem lavar a boca antes de falar do PT. O Brasil ainda não quebrou por causa dos governos do PT. Se não fosse a nossa decisão de fazer uma reserva cambial de 380 bilhões de dólares, o governo estaria mendigando ao Fundo Monetário Internacional, ao Banco Mundial. O Brasil chegou a ser a sexta economia do mundo e hoje é governado por um presidente que orientado por um sujeito que acredita que a Terra é plana. Eu, sinceramente, custo a crer que nos demos esse presente, ou seja que o Brasil deu a si próprio um presente tão destruidor. Como se tivesse passado um furacão na Flórida e o Brasil falasse “não, vem para cá”, e trouxe o furacão para cá.

Sérgio Lirio: Esse furacão tem um objetivo, o Paulo Guedes tem manifestado, sempre que pode, a intenção de privatizar a Petrobrás. O senhor acha que eles vão conseguir?

Lula: De vez em quando fico nervoso, sabe? O povo brasileiro não sabe ainda os efeitos da Lava Jato na economia brasileira. Tem muitos números sofisticados. Ela precisa destrinchar isso em uma linguagem popular. Nós precisamos dizer para o povo quantos milhões perderam o emprego. São quase 50 milhões de brasileiros trabalhando na informalidade, fazendo bico.

Mino Carta: Mas isso é uma falha do PT.

Lula: Talvez seja do PT, talvez seja de todo mundo. Temos de informar a sociedade porque eles recorrem a um discurso fácil. "Ah, na hora que faltou oxigênio a culpa é do PT. Ah não deu certo, a culpa é do PT". O PT, gostem ou não, produziu a mais extraordinária distribuição de renda no país. Nunca – vou dizer de boca cheia – nunca, em nenhum momento da história, o Brasil viveu um experimento tão extraordinário de ascensão social.

Sérgio Lirio: Por que o campo progressista, os partidos ditos de esquerda, não conseguiu capitalizar o descontentamento da sociedade com o Bolsonaro?

Lula: Leva um tempo. Tudo é um processo. A vitória de Bolsonaro precisa ser relativizada. Ele teve o apoio de 39% do conjunto da sociedade, 55% dos votos válidos. Ou seja, 61% do povo disseram não ao Bolsonaro. Não é pouca coisa. O que precisamos ter consciência é de que a única coisa que não vale agora é ficar nervoso e dormir todo dia falando "Bolsonaro tem que cair". Precisamos alertar a sociedade sobre o processo de destruição em andamento e tentar fazer o povo se manifestar para não permitir essa destruição.

Sérgio Lirio: Quem vai alertar?

Lula: Temos liderança em todos os movimentos. Nós temos gente boa. Foi lançada uma carta ao povo em defesa da soberania. Precisamos dizer à sociedade que não dá para aceitar um ministro da Educação grosseiro como este. Não dá para aceitar um ministro do Exterior desse naipe. O povo tem que ir para a rua exigir respeito. Não sou contra o Bolsonaro indicar o filho dele. A culpa é do Senado que vai assumir a responsabilidade. Se o filho fosse um gênio, ao menos um Celso Amorim, tudo bem. Mas indica-lo porque aprendeu a fritar hambúrguer? Não é possível, precisamos de alguém com um pouco mais de finesse intelectual, de conhecimento de política externa, economia, comércio. A embaixada dos Estados Unidos é a mais importante. Quanto mais independente for o embaixador, melhor. Colocar um serviçal é um erro.

Sérgio Lirio: Haddad desempenha a contento o papel de principal opositor? O senhor está satisfeito com o que ele tem feito?

Lula: O Haddad foi uma surpresa extraordinária para o PT. É um quadro altamente qualificado, como outras lideranças da oposição. O PT tem o Rui Costa, governador da Bahia, estado mais importante do Nordeste e o Camilo Santana, no Ceará. Tem o Flávio Dino, o Ciro Gomes, o Guilherme Boulos, outros governadores, um monte de gente boa. Qual a vantagem do Haddad? Ele está no partido mais importante, o que tem mais voto, mais experiência.

Mino Carta: Por que o senhor é contra ele assumir a Presidência do PT?

Lula: O Haddad saiu fortalecido da eleição presidencial, ele deveria ser alguém capaz de conversar com amplos setores da sociedade, não apenas com o PT. Se ele vira presidente do PT, ficará marcado com a estrela do partido, e será mais difícil fazer contato com outras forças políticas. Então ele tem que ter mais essa facilidade. É isso que eu penso do Haddad. O papel dele é viajar pelo Brasil, debater com o Brasil, ajudar na formação política, fazer debate n o exterior.

Mino Carta: E elogiar o Moro também, né?

Lula: Sou do tempo em que muita gente elogiava o Moro, quem criticava eram somente a vítima e os advogados.

Mino Carta: Carta Capital também.

Lula: Toda vez que meu advogado enfrentou o Moro, veio conversar comigo e a minha decisão foi a seguinte: não tem trégua, estou aqui há um ano e meio e isto vai ter um preço quando eu sair daqui. O Estado vai ter de se responsabilizar. Não adianta vir com favor, não estou precisando. Não adianta falar “ah, coitado do Lula, ele já está com 74 anos, deixa ele ir para casa fazer prisão domiciliar”.

Sérgio Lirio: O senhor não vai mesmo aceitar?

Lula: Falam “vamos colocar uma tornozela eletrônica nele”. Não sou pombo-correio. Se quiserem colocar uma corrente, coloquem no pescoço do Moro, não na minha canela. Só saio daqui com a minha inocência total. Ou esses canalhas provam que eu errei ou eu vou provar que eles são uns canalhas e vão ficar desmoralizados. Fui criado por uma mulher que nasceu e morreu analfabeta, passou fome juntamente com os filhos, mas me deu dignidade e disso eu não abro mão. Dignidade e caráter, Mino, a gente não encontra nos shoppings, aeroportos, supermercados. Dignidade a gente encontra na nossa formação de berço.

Sérgio Lirio: Se o senhor for inocentado, será candidato em 2022?

Lula: Não sei, primeiro preciso sair daqui, saber como estou, como estão as forças políticas. Obviamente tem um monte de gente de 40, 50 e 60 anos que pode ser candidato, eu me contentaria em ser cabo eleitoral, não tem problema. Agora, se não tiver ninguém capaz de derrotar essa podridão da elite brasileira, pode ficar certo que o Lula estará no jogo.

Sérgio Lirio: E será diferente? O senhor sempre foi um conciliador por natureza, até pela história sindical. Acredita ainda em uma conciliação?

Lula: Conciliação haveria se eu tivesse feito uma guerra, matado metade dos adversários e, depois de ganhar, fosse negociar. Mas eu ganhei uma eleição nas circunstâncias que aconteceram. De 513 deputados eu tinha 91. De 81 senadores, eu tinha 10. Não tem conciliação, você tem de negociar para governar. É assim no mundo inteiro.

Mino Carta: Calma, veja, até a mídia vendeu essa ideia do “Lula é paz e amor”.

Lula: Não, fui eu que vendi essa ideia. O “paz e amor” é uma frase minha, se alguém utilizar indevidamente, é plágio. O lado adversário me vendia como demônio. Em 1989 a Igreja Universal fez um jornalzinho com a seguinte manchete “Lula: o demo”. Se o PT ganhar, se eu ganhar, se a esquerda ganhar, quem ganhar terá de conversar com as outras forças políticas, a não ser que faça maioria na Câmara e no Senado, mude completamente os 11 integrantes da Suprema Corte. Há uma dinastia. Tem uma coisa que a Carta Capital poderia pesquisar: a árvore genealógica dos representantes do Judiciário. Estão aí desde a Independência.

Sérgio Lirio: Mas o senhor e a presidente Dilma Rousseff tiveram a chance de nomear 13 ministros do Supremo.

Lula: Não tivemos chance... Não é assim que se escolhe. Não se pode fazer indicação de compadrio. Qual foi o critério? Não sou advogado, não conheço os nomes. Consultava gente importante, via o curriculum e o histórico. Nunca sentei com alguém para falar: “olha, você será escolhido, mas terá de votar em mim”. Não tem gente que casa e um mês depois está separado? Não tem time que contrata um jogador por uma fortuna e um mês depois o cara está fora porque não prestou? Indicamos profissionais da área. Agora, quando o cara bota a toga, ele pode se achar Deus, sabe? Ele pode pensar: “Quem é um presidente perto de mim, um governador? Eu sou o fulano de tal” Tenho orgulho de nunca ter pedido um favor. Eles não foram indicados para me favorecer, mas para cumprir exatamente o que está escrito na nossa Constituição.

Mino Carta: Mas não cumprem.

Lula: Não é culpa minha, o ideal é que o presidente que indica pudesse destituir em função de algum critério. O cara é indicado, tem um a lista de compromissos, se faltar em algum, sai imediatamente.

Sérgio Lirio: O senhor acha que o Trump vai ser reeleito? Qual seria a consequência para o Brasil e para o Bolsonaro?

Lula: Primeiro vamos ter clareza: o Trump ganhou por ter utilizado a mesma metodologia usada aqui no Brasil em 2018. Ele é o resultado do ódio, da discórdia e da mentira. E a Hillary Clinton não era a

melhor candidata. Os Estados Unidos mereciam algo melhor, como nós. Qualquer um tem a possibilidade de se reeleger, se a economia estiver bem. Ou, no caso dos Estados Unidos, se inventar uma guerra, um inimigo externo. O Bolsonaro tenta crescer sobre o Emmanuel Macron para tentar mostrar que é nacionalista. Ele não é nacionalista, é entreguista. Um presidente da República que vai passar para a história por bater continência para a bandeira americana e lambendo as botas do Trump, não é nacionalista. E os militares que também participam desse governo não são nacionalistas.

Sérgio Lirio: Bolsonaro convocou o povo a sair de verde e amarelo no dia 07 de setembro para mostrar patriotismo e apoio ao governo. O que o senhor acha?

Lula: Como eu era republicano, eu convidava o povo para ir para a rua com a roupa que quisesse. Habitualmente, se você pegar todas as fotografias históricas do 7 de setembro, tem muita gente de verde e amarelo, com a camisa da seleção. O povo usa a camisa brasileira com orgulho, não por causa dele. Eles tentaram usurpar o verde e amarelo. A Argentina é uma lição a ser seguida pelos brasileiros. O Macri foi vendido como uma mentira maior do que o Bolsonaro aqui. Aliás, o Bolsonaro se mirava no Macri como espelho do bom governante. Não deu certo. Na minha opinião o Bolsonaro não vai sobreviver. Não estou dizendo que ele vai cair hoje ou amanhã, mas não vai sobreviver politicamente a uma nova eleição. E acho que setores progressistas vão retomar vários países, pois seus governos deram certo. Qual o melhor país da América Latina hoje? A Bolívia.

Sérgio Lirio: O que o senhor achou da Cristina Kirchner de, diante da perseguição que vive lá, ter aceitado o posto de vice?

Lula: A Cristina avaliou várias coisas. Acho uma decisão acertada. Muito bem acertada. Espero que dê certo.

Mino Carta: Você se dá conta de que, se tivesse dito para a Dilma quando foi reeleita: "Eu vou ser seu chefe da Casa Civil", no lugar de fazer isso quando já era tarde, as coisas seriam diferentes?

Lula: No Palácio do Planalto, em nenhum palácio do mundo, cabem dois presidentes. E é preciso saber as circunstâncias que, naquela época, depois da 1 hora da manhã, eu ter dito "sim". Não achava conveniente politicamente, pois entraria como o salvador da pátria. Mas não vamos discutir isso agora, é desagradável. Se eu tivesse que citar um erro, é o de não ter assumido que seria candidato em 2014 e não assumi porque gosto da Dilma, respeito-a e democraticamente ela tinha o direito de ser candidata. Depois, querer governar no lugar não dá. Na minha cabeça não dá. Não fizemos política corretamente. A Dilma, o PT, eu, todos erramos e colhemos o que plantamos. A direita ensandecida agora pretende destruir o pouco que tínhamos conquistado no área social.

ANEXO M - Entrevista de Lula aos jornalistas Gisela Marziotta e Nicolás Trotta do Canal Página 12 (Argentina), em 5 de setembro de 2019¹⁰⁷

O ex-presidente do Brasil está há 526 dias preso, desafiando seu otimismo e convicção. "Não é porque um juiz tenha sido um canalha, que toda a justiça deva ser julgada por esse erro", afirma.

"Vou fazer 73 anos mas tenho a energia de um jovem de 20", disse o ex-presidente Lula da Silva durante a primeira entrevista que deu à imprensa argentina desde que foi preso há 526 dias. Sentado a uma pequena mesa, escoltado por um policial, e a quatro metros de distância dos jornalistas, Lula confessou que pretende viver "até os 120 anos" e que para isso, acrescentou, necessita ter "muita força" porque, caso contrário, "a vida fica muito chata".

Lula está na prisão de Curitiba que, paradoxalmente, ele mesmo inaugurou em 2007 com o objetivo de melhorar a qualidade do serviço penitenciário brasileiro. De fato, nesse moderno bloco de cimento se aloja 20 presos. Embora a prisão seja apenas para detidos em trânsito, o ex-presidente é o único que está de forma permanente e isolado, e onde passa sozinho 22 das 24 horas do dia.

Os preparativos para a entrevista começaram há cinco meses atrás com o primeiro intercâmbio de mensagens com os advogados defensores do ex-presidente. Depois de muitas idas e vindas, e tentativas frustradas, inesperadamente, na semana passada chegou a confirmação: Lula esperava o Página12 na quarta, 11 de setembro, às 9.30 da manhã, na prisão de Curitiba no estado do Paraná, para uma reportagem de 60 minutos.

Após uma hora de preparativos na sala designada para a entrevista, - onde havia uma pequena mesa localizada exatamente no meio da sala, cercada por outras mesas e atrás das quais estavam os cinegrafistas, fotógrafos e o Página 12 - as medidas de segurança começaram a ser implantadas para o ex-presidente entrar.

Às 9h30, policiais com balaclavas e biombos, que impediam Lula de qualquer contato com o exterior, escoltaram o ex-presidente no percurso de sua cela ao terceiro andar do prédio, até a sala onde a reportagem foi realizada.

Com um terno escuro impecável e gravata bordô, ele entrou com passo firme e resolutivo, e cumprimentou alegremente cada um dos presentes. A emoção invadiu cada milímetro daquele espaço frio, opressivo e impessoal com sua presença cheia de energia e dignidade.

Antes de se sentar e enquanto ajeitava os papéis e um atlas que trazia para fazer anotações, ele perguntou: "Há algum torcedor do Racing na sala?" Para descontrair e certamente trazer a presença de Nestor Kirchner.

¹⁰⁷ MARZIOTTA, Gisela; TROTTA, Nicolás. Lula da Silva: "Ellos pensaban que la mentira iba a vencer". **Página 12**, 14 set. 2019. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/218306-lula-da-silva-ellos-pensaban-que-la-mentira-iba-a-vencer>. Acesso em: 12 ago. 2021.

"No dia em que eu parar de acreditar na justiça, eu me pergunto o que vou fazer. Não é porque um juiz tenha sido um canalha, porque um promotor tenha sido um canalha, que você tem que julgar toda a justiça por esse erro. O problema é, espero - com muita tranquilidade - que a Suprema Corte tome uma decisão. Tenho dois Habeas Corpus que devem ser votados", ele respondeu ao ser indagado sobre sua liberdade.

Sua equipe de advogados, liderada por Cristiano Zanin Martin, está otimista e espera que em breve haja notícias favoráveis para o ex-presidente, e que nos próximos meses ele recupere a liberdade ou que pelo menos lhe seja concedida a prisão domiciliar.

Eleições na Argentina

Durante a entrevista, Lula falou sobre vários temas da atualidade brasileira que comparou aos piores anos econômicos da era Menem. Agradeceu publicamente a visita do candidato presidencial da Frente de Todos, Alberto Fernandez, e aconselhou que ao assumir, no próximo dia 10 de dezembro, ele governe "para o povo pobre" e "nunca" minta para ele.

"Não deve aceitar o terrorismo do mercado. Ele não está interessado no povo argentino, pois só tem interesse em ganhar dinheiro. O mercado não quer saber se as pessoas passam fome, se vivem na rua. O mercado quer saber se há rentabilidade. E Fernández tem que ter um compromisso com Deus e com o povo: jamais mentir para o povo e governar prioritariamente para o povo trabalhador e para o povo pobre argentino. Esse é o conselho que daria ao companheiro Fernández e à companheira Cristina", enfatizou Lula.

Críticas à Lava Jato

Página 12: O que lhe dá energia para começar cada dia?

Lula: Primeiro tenho muita vontade de viver. Não sei por que, mas acho que vou viver 120 anos, então alguém que vai viver muito precisa ter muita energia, caso contrário a vida fica muito chata. E sei porque estou aqui. Estou aqui condenado por um ex-juiz mentiroso (Sergio Moro); por um procurador mentiroso e canalha (Deltan Dallagnol) e por alguns delegados que inventaram mentiras contra mim. Eu poderia não estar aqui, poderia ter saído do Brasil. Mas vim para cá porque tenho quatro pessoas que sabem a verdade sobre estes julgamentos contra mim: eu, Deus, o juiz e os procuradores. Eles sabem que mentem. E Deus e eu sabemos que estou com a verdade. É por isso que estou aqui. Estou aqui para provar minha inocência. Aliás, já provei minha inocência, agora quero que eles provem minha culpa. Quero e continuo esperando que provem minha culpa em algo. Estou esperando que me mostrem um único dólar desonesto em minha vida. Ou seja, na verdade, o delito que cometi neste país, foi provar a uma elite brasileira politicamente canalha, que é possível que o povo coma filé mignon e picanha, que é possível que o povo pobre viaje para Bariloche, Buenos Aires, Miami de avião, que é possível que uma pessoa tenha uma casa, que vá para a universidade, que é possível que uma pessoa frequente uma escola técnica e que é possível que uma pessoa tenha acesso a

cultura, diversão, teatro, cinema, a um restaurante. Foi esse o crime que cometi. Gerar 22 milhões de empregos. Aumentar o salário mínimo 75%. Disponibilizar 52 milhões de hectares de terra para fazer a reforma agrária.

A esquerda no poder na América Latina

Fazer o maior programa nacional da história do Brasil e ter boa relação com todos os países da América do Sul. Foi o momento da cordialidade. Foi o momento em que nós não tínhamos desavenças. Foi o momento em que sonhamos: Kirchner, Lula, Chávez, Rafael Correa, Tabaré, Pepe Mujica sonhávamos em construir um bloco econômico forte, desenvolvido tecnologicamente para que pudéssemos disputar a exportação de produtos com valor agregado e não apenas commodities.

Página 12: E o que aconteceu com este sonho?

Lula: Ainda tenho esse sonho, e é por isso que tenho força. Porque eu ainda quero estar vivo e quero ajudar a derrotar todas essas pessoas más, que não gostam dos pobres, que só governam para o mercado. Aqui no Brasil não se fala de emprego há um ano, não se fala de salários, não se fala em ganhos. Fala-se apenas de privatização e redução da máquina pública. Então, minha vontade de lutar é como se eu tivesse 20 anos. Aqui e fora do país. E eu acho que eles têm medo de me soltar, porque eles sabem que quando eu sair, eu vou para a rua. Vou para a rua. Tenho vontade de ir até a porta da Rede Globo para desmenti-la. Há 10 anos eles contam mentiras sobre mim. Estou ansioso por um debate com o juiz que me julgou e o promotor que me acusou. Então é por isso que eu tenho força, porque quem está com a verdade não tem o que temer.

Página 12: Sua liberdade depende da justiça? O senhor confia na justiça e nas instituições brasileiras em geral?

Lula: Eu poderia lhe fazer a pergunta que eu me faço todos os dias. No dia em que eu parar de acreditar na justiça, me pergunto o que vou fazer. Não é porque um juiz foi um canalha, porque um promotor foi um canalha, que toda a justiça tenha que ser julgada por causa desse erro. O problema é, espero, com muita calma, que a Suprema Corte tome uma decisão. Tenho dois habeas corpus que devem ser votados. Há uma pressão muito grande da imprensa brasileira, especialmente da Rede Globo de TV para que Lula não saia da prisão.

Porque o grande problema da Operação Lava-jato é que ela deixou de ser uma operação de investigação de corrupção e se tornou um partido político. Ou seja, há um pacto entre a mídia e a Operação Lava-Jato. Todas as mentiras que a Lava-Jato conta se tornam verdades na imprensa brasileira. Nas três revistas nacionais, nos grandes jornais, a Lava-Jato tinha um jornalista em cada jornal, em cada revista, que recebia informações antes dos advogados de defesa. E isso ainda está acontecendo. Vocês irão acompanhar na Argentina a divulgação do blog Intercept que descobriu toda

a podridão sobre a Lava Jato. Para a grande imprensa brasileira, não há Intercept. Nenhuma denúncia feita por Glenn (Greenwald, jornalista do Intercept) é noticiada na grande imprensa.

Agora no domingo houve uma denúncia muito séria sobre as mentiras dos promotores, do delegado da polícia, do juiz Moro sobre o fato de eu ter aceitado ser ministro da Dilma. A mentira é a coisa mais grave até agora e a Rede Globo de televisão não disse nada. A Record não disse nada. A emissora SBT não disse nada. Ou seja, a imprensa não consegue se desvincular da Lava-Jato, porque quando libertarem o Lula, uma parte da Lava-Jato terá perdido a credibilidade. Porque até agora, só contaram mentira. Eu estou com muita sede, com muita vontade, quando estiver em liberdade, de questionar a credibilidade dessas pessoas. Por isso é que acredito na justiça.

Página 12: Se tivesse que fazer uma autocrítica de seu governo, no que acha que errou? O que teria feito diferente?

Lula: Isso está na moda no Brasil. Todos querem que o PT faça uma autocrítica. É impressionante. Eles governaram durante 500 anos, o PT apenas 13 anos e fez mais que eles. Pra você ter uma ideia, em oito anos de governo, fui o Presidente que mais criou universidades na história do Brasil. Colocamos mais alunos na universidade, em 12 anos, do que eles colocaram em um século. Então, se eu tivesse que fazer uma autocrítica, eu iria me olhar no espelho e dizer: “Lula, por que você não fez mais? Por que não melhorou o salário do povo? Por que não fez mais universidades? Por que não gerou mais empregos? Por que não fez mais pela reforma agrária? É esta a autocrítica que faria. Fazer mais, cada vez mais, porque só assim é que podemos ter um povo com um padrão de vida decente.

Página 12: Como se pode desarticular esse conluio entre os meios de comunicação e a justiça que geram esses golpes institucionais?

Lula: Nunca almocei ou tomei café da manhã com um dono de jornal ou de um canal de televisão para pedir um favor. A única coisa que quero e exijo é que eles existam para informar bem a sociedade, não para mentir, inventar mentiras. E no Brasil se inventa muita mentira. Pra você ter uma ideia, no principal noticiário da televisão brasileira, segundo um levantamento de uma professora [**Ângela Carrato - jornalista e professora do Departamento de Comunicação**] da Universidade Federal de Minas Gerais, em pouco mais de um ano, foram 80 horas falando mal de Lula, e ao mesmo tempo tem mais de 100 horas transformando um juiz mentiroso em herói. Ou seja, eles pensavam que a mentira ia vencer. E estou aqui para lhes dizer: a verdade vencerá, custe o que custar, pode demorar, mas o povo brasileiro vai saber a verdade e que essas pessoas que me acusaram não têm moral. Utilizaram a justiça para fazer política e o principal objetivo era impedir que o Lula voltasse a ser presidente da República desse país. E que o PT não ganhasse as eleições. É isso aí, o mesmo ódio que eles sentiam pelo Kirchner e pela Cristina.

Página 12: Pretende ser novamente Presidente?

Lula: Tenho consciência de que meu papel agora é contribuir para que outras pessoas, mais jovens que eu, com mais energia que eu, com mais vontade que eu... Com mais vontade, acho difícil. Mas outras pessoas, o Brasil tem muita gente boa. Há muitos governantes interessantes, há gente nova na política. Espero que o Brasil não precise de mim. Espero que tenhamos novos quadros, novas mulheres, novos homens que possam participar de um processo eleitoral.

ANEXO N - Entrevista de Lula ao jornalista Bruno Meyerfeld do Le Monde (França), em 12 de setembro de 2019¹⁰⁸

O ex-presidente brasileiro cumpre, desde abril de 2018, oito anos e dez meses de prisão por corrupção. "Tudo o que eu quero é que reconheçam minha inocência", explica ele em entrevista ao "Le Monde".

É com o passo firme que Luiz Inácio Lula da Silva aparece em uma sala anônima da sede da polícia federal de Curitiba (Paraná), transformada em sala de imprensa. É aqui, neste prédio sem alma, que o ex-presidente, condenado por corrupção, cumpre, desde abril de 2018, sua sentença de oito anos e dez meses de prisão. Aos 73 anos, o líder da esquerda brasileira não perdeu em nada sua verve. Ele se apresenta, com a barba bem cortada, terno escuro e gravata de cor púrpura ao pescoço. O estilo é presidencial e a simbologia muito clara: Lula ainda está atuante, em plena ação. Ele concedeu ao Le Monde sua primeira entrevista à mídia francesa desde sua prisão.

Bruno Meyerfeld: Após um ano e meio na prisão, o senhor começa a se sentir desencorajado ou cansado?

Lula: Não, me sinto bem, moral e fisicamente. Estou em paz porque sei da razão pela qual estou aqui. Sei que sou inocente e que aqueles que me prenderam são mentirosos. Sou uma pessoa otimista. Minha mãe me transmitiu isso. Então, sim, a prisão é uma prova de fogo. Mas tenho muita energia, estou muito sereno. Tenho certeza de que vou ganhar.

Bruno Meyerfeld: Como está organizado seu dia a dia?

Lula: Assisto filmes, televisão, converso com meus advogados. Ando 9 quilômetros por dia! Espero o tempo passar ... Também leio muito, estudo a história das lutas sociais no Brasil. Fico horrorizado ao ver que todos aqueles que lutaram pelo povo neste país, como Zumbi [escravo insurgente no século XVII], Tiradentes [revolucionário do século XVIII] ou Antônio Conselheiro [pregador do século XIX], foram decapitados, enforcados ou queimados vivos, e constatar que o povo não sabe quem são, como se nunca tivessem existido.

Bruno Meyerfeld: O senhor se identifica com eles?

Lula: Sim. Me considero um pouco como uma versão moderna de todos eles. Mas meu caso tem um formato mais sofisticado. No que me diz respeito, o judiciário não foi usado para fazer justiça, mas política.

¹⁰⁸ CONFIRA, em português, a íntegra da entrevista de Lula ao Le Monde. Bruno Meyerfeld. **Brasil 247**, 12 set. 2019. [Tradução Sylvie Giraud]. Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/confira-em-portugues-a-integra-da-entrevista-de-lula-ao-le-monde>. Acesso em: 20 jul. 2021.

A França e o Brasil passaram por uma crise diplomática em torno da questão da preservação da Amazônia, com, ao fundo, insultos lançados pelo presidente Jair Bolsonaro contra Emmanuel Macron. Como o senhor viveu esse episódio?

Eu sempre tive excelentes relações com todos os presidentes franceses, tanto da esquerda como da direita; com Chirac, Sarkozy e Hollande. Sou solidário com Emmanuel Macron, depois dos insultos que foram endereçados à sua esposa. Foi de uma grosseria, jamais vista e isso não tem nada a ver com o povo brasileiro.

Bruno Meyerfeld: Em sua opinião, quais são as soluções para os incêndios que estão devastando a Amazônia?

Lula: O povo deve reagir. Os brasileiros devem se mobilizar e se manifestar em defesa do meio ambiente. Pois nada se pode esperar de Bolsonaro ou de seus ministros nessa questão. Devo aproveitar para lembrar que meu governo, o do Partido dos Trabalhadores, foi o que melhor cuidou da Amazônia. Foi sob meu mandato que foi criado o fundo, financiado pela Alemanha e Noruega, para proteger a floresta. Criei um plano de prevenção que ajudou a reduzir o desmatamento ilegal. Fui também o Presidente que inaugurou 114 áreas naturais protegidas no país. Cuidamos do meio ambiente e cuidamos bem.

Bruno Meyerfeld: No entanto, sob sua presidência (2003-2011) e sob a de Dilma Rousseff (2011-2016), houve muitas críticas feitas por ambientalistas. Particularmente sobre a construção da barragem de Belo Monte, na Amazônia... O PT está verdadeiramente em posição de dar lições sobre a questão da Amazônia?

Lula: Olhe, nem Deus escapa às críticas! Para um governo, é ainda mais difícil. Fizemos tudo o que era possível fazer. Belo Monte era uma necessidade para este país. Foi construída com o acordo de todas as comunidades indígenas que moravam lá. O Brasil precisava desenvolver seu potencial hidrelétrico. 80% da energia produzida pelo Brasil é limpa. Nos sentimos orgulhosos disso!

Bruno Meyerfeld: O senhor apoia a ideia, sugerida por Emmanuel Macron, de uma internacionalização da Amazônia?

Lula: Não! A Amazônia é de propriedade do Brasil. Faz parte do patrimônio brasileiro. E é o Brasil que deve cuidar dela. Não há ambiguidade nisso! O que não justifica que você seja ignorante e que a ajuda internacional não seja importante. Mas a Amazônia não pode ser um santuário para a humanidade. Ressalto que 20 milhões de pessoas vivem lá, precisam comer e trabalhar. Também devemos cuidar delas, sem deixar de levar em consideração a preservação do meio ambiente.

Bruno Meyerfeld: Após oito meses de governo, o que lhe inspira a presidência de Jair Bolsonaro?

Lula: Bolsonaro não faz nada. Ele destrói. Destroí a educação cortando o financiamento das universidades que não conseguem mais pagar bolsas de estudo. Destroí os direitos dos trabalhadores pelos quais tanto lutamos. Destroí a indústria ao privatizar as empresas brasileiras, particularmente a Petrobras – o que é um crime! É um governo de destruição, sem nenhuma visão de futuro, sem um programa, que não tem competência para exercer o poder. É por isso que Bolsonaro diz tanta bobagem, que insultou a esposa de Macron e Michelle Bachelet, que briga com Maduro ... É uma loucura total. E por trás, ele se submete totalmente a Trump. Eu nunca vi nada igual!

Bruno Meyerfeld: O "antipetismo", ou rejeição do PT, é muito forte dentre uma parte da população no Brasil. Não chegou a hora de fazer autocrítica, ou mesmo de virar uma página, criar um novo partido ou mudar seu nome?

Lula: O PT não precisa ser autocrítico. Por que autocrítica? A que respeito? O PT não deve mudar de nome, mas mudar o que está na cabeça das pessoas. A verdade é que eu teria vencido as eleições, mesmo preso, se tivesse sido autorizado pelo juiz a participar! Além disso, Fernando Haddad [candidato do PT na votação de 2018 contra Bolsonaro] ainda assim conquistou 47 milhões de votos. Não é pouco!

O PT é grande, é o partido de esquerda mais extraordinário do mundo. É um partido muito bem organizado. Ele chega em primeiro ou segundo lugar a cada eleição, e isso, há vinte anos. Então, sim, perdemos uma eleição, é verdade. Mas perder é normal em uma democracia. Nem sempre podemos vencer. No Brasil, existem muitos antipetistas, mas há também muitas pessoas que acreditam no partido e outras ainda que precisam ser convencidas.

Bruno Meyerfeld: Não haverá questionamentos de sua parte?

Lula: No Brasil, sempre tivemos pessoas com discurso ultrarreacionário vencendo as eleições: isso não é novidade. Bolsonaro é sobretudo o resultado de uma rejeição da política. Nestes momentos da história, onde a política é tão odiada, as pessoas são desencaminhadas pelo primeiro monstro que está por perto. É lamentável, mas aconteceu.

Bruno Meyerfeld: Apesar das revelações do site "The Intercept" sobre os bastidores da "Lava Jato", seus reiterados pedidos de libertação foram rejeitados ou adiados pelos tribunais. O senhor ainda tem esperança de ser libertado?

Lula: Há um pacto entre a grande mídia, os promotores e o juiz Sergio Moro [no comando da operação anticorrupção "Lava Jato", e hoje Ministro da Justiça]. Eles espalharam tantas mentiras sobre mim que não têm coragem de desfazer seu julgamento. Ainda este domingo [8 de setembro], a imprensa revelou novas informações, mostrando que Moro havia mentido ao STF. Esse tipo de comportamento, por parte de um juiz, eu não perdoo. Mas tenho certeza de que vou sair daqui, e de

que um dia essas pessoas serão responsabilizadas pelo que aconteceu neste país. Continuo confiando na justiça, embora saiba que ela está submetida a várias pressões.

Bruno Meyerfeld: O senhor aceitaria o regime semiaberto? Ou cumprir sua sentença em casa, com uma pulseira eletrônica, como isso deveria lhe ser permitido a partir do final de setembro?

Lula: Não peço nenhum favor, nenhuma redução de pena. Somente justiça! Minha casa não é uma prisão. E pulseiras no tornozelo, isso é bom para os pombos-correio. Tudo o que desejo é que reconheçam minha inocência.

Bruno Meyerfeld: A sociedade brasileira está atualmente muito polarizada. O senhor não teme pela sua vida se deixar a prisão?

Lula: Uma pessoa como eu, que nasceu onde nasceu, que comeu pão pela primeira vez na vida aos 7 anos de idade, que foi dormir várias vezes sem jantar e que chegou lá onde eu cheguei, essa pessoa não pode ter medo. O Brasil é um país de paz, com um povo apegado à alegria de viver. Aqueles que tentam transformá-lo em uma nação de ódio deveriam ter vergonha!

Quero deixar a prisão e ir falar com o povo, para que volte esse gostinho de ser brasileiro. Sou um homem sem espírito de vingança, sem ódio. O ódio dá azia, dores de cabeça e nos pés! Estou bem, justamente porque me coloquei do lado da verdade. No final, ela sempre triunfa.

ANEXO O - Entrevista de Lula a Renato Rovai da Revista Fórum, em 18 de setembro de 2019¹⁰⁹

RESUMO¹¹⁰

Rovai recebeu 824 perguntas em seu *Twitter* a serem encaminhadas ao presidente Lula.

Em entrevista exclusiva ao editor da Fórum, Renato Rovai, e ao diretor de redação do Opera Mundi, Haroldo Ceravolo Sereza, nesta quarta-feira (18) na superintendência da Polícia Federal em Curitiba (PR), o ex-presidente Lula afirmou que o ex-juiz e atual ministro da Justiça de Jair Bolsonaro, Sergio Moro, e o procurador, chefe da Lava Jato, Deltan Dallagnol, agem como chefes de quadrilha.

“Moro e Dallagnol são chefes de quadrilha e terão que responder por isso”, disse Lula, respondendo à pergunta de Rovai.

Segundo o editor da Fórum, Lula falou dos mais diversos assuntos na entrevista, inclusive de temas recentes, como a confirmação de Michel Temer que houve um golpe para tirar Dilma Rousseff (PT) da presidência em 2016.

A Suprema Corte precisa colocar o país nos eixos, defendeu o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em entrevista ao portal Fórum, gravada na quarta-feira (18), e veiculada na noite desta quinta-feira (19). Lula disse que espera que o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheça que o juiz de primeira instância e atual ministro da Justiça de Bolsonaro, Sergio Moro, “deitou e rolou”. Lula fez a afirmação referindo-se ao conluio entre o juiz e os procuradores do Ministério Público Federal, para acusá-lo no processo da Lava Jato que levou à sua prisão. Fez referência também ao recurso de sua defesa que o STF julgará em breve quanto à suspeição de Moro.

“Moro e Dallagnol ameaçaram a todos, mas agora é hora de colocar a casa em ordem e o PT foi o partido que mais criou mecanismos para operar contra a corrupção”, disse o ex-presidente, ao destacar também que as pessoas tenham o direito a um julgamento justo com direito de defesa, com provas, “pois se não há provas é preciso ser absolvido”. Eles, Moro e Dallagnol, disse Lula, “cometeram crimes, são uma quadrilha organizada para pegar dinheiro da Petrobras e dinheiro dos acordos de leniência”.

Lula também respondeu uma pergunta da Federação Única dos Petroleiros, apresentada pelo jornalista Renato Rovai, editor do portal Fórum, que conduziu a entrevista na sede da Polícia Federal, em Curitiba. Os petroleiros queriam saber se os crimes do ministério público ameaçam a democracia. Lula disse que sim, e que “criaram uma mentira, que agora não tem como fugir. Eles não sabem como

¹⁰⁹ ENTREVISTA exclusiva do presidente Lula à Revista Fórum. Renato Rovai. **TV Fórum**, 18 set. 2019. 1 vídeo (59 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fRsx_alETH8. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹¹⁰ RBA. ‘A Suprema Corte precisa colocar o país nos eixos’. **Rede Brasil Atual**, 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/destaques/2019/09/a-suprema-corte-precisa-colocar-o-pais-nos-eixos-defende-lula/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

se livrar disso”, disse Lula, referindo-se também ao caso da Rede Globo que alardeou os feitos de Moro pelo país para prejudicar o PT.

E Lula também elogiou a atuação dos meios de comunicação alternativos. “A sociedade fica sabendo das coisas por causa de vocês, companheiros de imprensa, que fazem campanha pela soberania, pela defesa da Petrobras”.

Lula também respondeu pergunta do ex-deputado Jean Wyllys, que está vivendo no exterior, apresentada por Rovai. Jean Wyllys perguntou sobre a opinião do presidente quanto à frente ampla Direitos Já, que tem sido articulada no espaço da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Lula disse que em política não vale canalhice, nem hipocrisia e que pediu para Gleisi Hoffmann, presidente do PT, ir à reunião, levar o Haddad, Mercadante, a Dilma, “porque a briga por direitos pressupõe discutirem o impeachment. Não dá, o PT não vai aceitar isso, não dá com quem tirou direitos, com quem fez o impeachment. As pessoas não podem abdicar que um petista grite Lula livre. Eu pedi para Gleisi ir para fazer mesmo uma afronta, para perguntar de que direitos estamos falando. Impeachment e prisão do Lula não valem mais nada?”, questionou.

As críticas a Moro e Dallagnol percorreram toda a entrevista. Já no início o jornalista colocou a questão, sob a luz do Código Penal, cujo artigo 288 trata da organização criminosa. E os vazamentos do Intercept confirmam essa associação. “O senhor considera que Moro e Dallagnol são chefes de quadrilha?”, perguntou Rovai. “Eu resolvi vir para cá para provar que Sergio Moro é mentiroso, teve um comportamento canalha. E o Dallagnol é chefe de quadrilha. Nós estamos dizendo isso desde antes da Vaza Jato”, afirmou Lula.

Ao responder uma pergunta da Federação Única dos Petroleiros, quase no final da entrevista, ele disse que a gente precisa ter mais força e coragem para defender o Brasil. Que a gente não pode deixar eles destruírem tudo sem fazer nada. Que não podemos ficar apenas olhando a história acontecer. Temos que fazer algo para intervir nela.

Rovai sobre Lula: vi um cara altivo, no melhor dos seus dias

“Lula é muito maior que a prisão que o recebe, a gente sabe disso. Mas vê-lo voltar acompanhado pelo seu segurança enquanto a gente sai do prédio não é exatamente fácil. Não é nada justo. É uma experiência que revolta, que trava a boca, mas que ao mesmo tempo dá a exata dimensão do grande líder que Lula é. Um líder que não se deixa curvar”, disse ainda o jornalista Renato Rovai, editor da Fórum, sobre sua entrevista com Lula

A primeira hora da conversa foi com o amigo Haroldo Ceravollo, do Ópera Mundi. A segunda, comigo. Foram umas 30 perguntas ao todo. Ele falou de China, EUA, Irã, Ciro Gomes, Frente Ampla, Lula Livre, PT, da entrevista com o Rui Costa e do telefonema vazado do Temer. Falou de muita coisa. E nos deu muitos títulos...

TRANSCRIÇÃO

Renato Rovai: Presidente, quero agradecer o senhor ter aceitado conceder esta entrevista, mas ao solicitá-la, eu preferia que ela fosse realizada lá fora, em liberdade. Não só eu, mas muita gente está esperando sua liberdade. Eu coloquei no meu *Twitter* que aceitaria perguntas do público e recebi 825 mensagens com perguntas. Muitas se repetiram, não vou citar as pessoas, mas sou portador de uma série de pessoas que gostaria de estar aqui no meu lugar.

Para começar gostaria de perguntar: Segundo o art. 288 do Código Penal Brasileiro, diz que a associação de 3 ou mais pessoas para cometer crime configura como uma organização criminosa e formação de quadrilha. Com os vazamentos do *Intercept*, fica claro a associação de agentes do Estado com o fim, entre outras coisas, de condená-lo. O senhor se considera vítima dessa quadrilha, o senhor considera que o Moro e o Dallagnol são chefes de quadrilha?

Lula: Considero.

Renato Rovai: E o senhor pretende lutar contra isso no momento em que sair daqui?

Lula: Para isso estou aqui. Eu vou reiterar uma coisa: eu poderia não estar aqui, poderia estar em outro lugar do mundo. Resolvi vir para cá para provar de que o Moro é mentiroso e teve um comportamento canalha quando fez isso. E que o Dallagnol é chefe de uma quadrilha, de um grupo de procuradores. E eu não estou falando agora por causa do *Intercept*, não. É só você pegar minhas entrevistas e minha defesa que você vai ver. Desde a primeira audiência – o Moro não aparece, ele só deixa que apareça a cara da gente, mas ele está lá, escondidinho, porque ele não tem coragem de olhar no olho. E eu falei: - você está condenado a me condenar, porque a mentira contada foi tão longe que não tem como voltar atrás. Eles construíram, junto com os meios de comunicação – e quando eu falo da Globo, não é só a Globo, as outras também, mas a Globo é maior. Construíram a ideia que qualquer coisa que a pessoa falasse era verdade, condenando as pessoas a priori, ou seja, eles não queriam saber se a pessoa tinha argumento ao contrário, era condenação pura. E por que que eu digo isso? É porque tem quatro pessoas no mundo que sabem o que eu estou falando: eu, porque sou a vítima e sei que sou inocente; o Moro porque foi o algoz e sabe que eu sou inocente; o Dallagnol que sabe que eu sou inocente e que ele mentiu, e Deus.

Renato Rovai: Mas aquele grupo do Telegram tinha muito mais gente, não é? Muito mais que o Dallagnol e o Moro. São agentes de Estado.

Lula: Eu estou falando deles porque para mim é uma pena porque eu sou um cara democrático. E eu acho que a democracia é sustentada por instituições fortes. Então eu sempre achei que o MP tem que ser forte, tem que estar altamente qualificado. E se você pegar os discursos que eu fiz na posse de procuradores, você vai perceber uma frase minha onde eu dizia: ‘O MP é tão forte, é tão importante, que as pessoas que trabalham têm que ter muita responsabilidade’. O mesmo eu dizia para a Polícia Federal. É outra instituição que eu acho que tem que ser forte para garantir a democracia. A Receita

Federal tem que ser forte. E o judiciário não só tem que ser forte como tem que ser neutro. As pessoas têm que julgar com base na lei. Esse é o pressuposto básico da compreensão que eu tenho dessas instituições. Ora, o que eles estão fazendo? Estão jogando no lixo essa seriedade que as instituições devem ter. O Janot jogou no lixo, a Dodge jogou no lixo. Você já viu, por acaso, eu fazer alguma reclamação dos outros procuradores, do Antonio Fernandes que julgou o Palloci, o Zé Dirceu? Nunca, porque se respeitou uma certa lógica de legalidade no processo. Essa turma não.

Renato Rovai: Não foi o germe do processo que veio a te condenar depois? Muita gente diz isso. Se o PT, se o senhor tivessem construído algumas barreiras para impedir que o Genoíno, o Zé Dirceu.

Lula: O Genoíno foi condenado, veja. O Zé Dirceu tinha que ser condenado de qualquer jeito, porque eles criaram um clima na sociedade, por isso que eles inventaram logo a *teoria do domínio do fato*. “Vamos logo criar uma teoria e vamos garantir que não teremos de ficar procurando provas.” Depois o Genoíno entrou no barco, todo mundo sabia que ele era inocente. Mas criou-se um clima na sociedade, através dos meios de comunicação, que chegou um momento em que se não prendessem, poderia até ser pior. Como no meu caso. Você sabe quantas horas de Jornal Nacional eu tenho, quantas capas de Veja, Isto é? Quantas primeiras páginas do Estadão, da Folha, do Globo e outros jornais. Você sabe quantas horas no Bom dia, Boa tarde, Boa noite, no chá das cinco eles têm contra mim? Na verdade, eles só não conseguiram o massacre final, o enterro? Porque o PT é um partido organizado, porque a CUT tem muita força, o MST tem muita força, e essa gente acreditar na minha inocência, sabem que eu sou inocente. Então quando eu vim para cá com esse objetivo. Eu preciso, para salvar o Brasil, evitar que crápulas como Moro e como Dallagnol ocupem funções.

Renato Rovai: O senhor acha que se o senhor saísse, se fosse para o exílio, se tomasse outra decisão, eles tomariam conta do país?

Lula: Sim, era o objetivo deles, você veja, hoje está ficando mais claro, tudo que eles estão fazendo são coisas de quadrilha, nem um partido de extrema direita seria tão grosseiro e tão ignorante quanto eles. Quando eu fui prestar depoimento na PF em Brasília, quando eu prestei depoimento para o MP, eu tinha clareza que eles não estavam tentando julgar um homem. Eles estavam tentando julgar um governo, um período de governo. Ora o Dallagnol deveria ter sido exonerado a bem do serviço público com aquele *PowerPoint*, porque você não pode ter um procurador falando pelo Estado brasileiro, em nome da sociedade, contar a mentira que ele contou, e depois dizer cinicamente: “Não me peçam provas, eu só tenho convicção.” Dali ele deveria ter saído algemado, para a cadeia, para salvar o MP. Quando o “Seu” Moro vai fazer o julgamento e ele não tem fatos, não tem provas, ele é obrigado a me acusar de um crime indeterminado, ele não sabe que crime eu cometi, depois de me acusar da história da Petrobrás para trazer o crime para cá, tudo isso é uma quadrilha funcionando. Eu gostaria de estar em casa, mas eu vim para cá porque alguém nesse país tem que ter coragem de enfrentar essa canalha toda.

Renato Rovai: O senhor veio para cá então, o senhor usou estratégia diferente do Jango.

Lula: Ah não, eu não queria ter fugido. Essa cara aqui foi construída na porta de fábrica, e eu disse que o único medo que eu tinha era de ter de mentir para os trabalhadores. E disto eu não abro mão.

Renato Rovai: Mas o senhor não se arrepende nem um minuto? O Senhor está há 529 dias aqui...

Lula: Não me arrependo. Obviamente que eu gostaria de estar em casa.

Renato Rovai: Mas o senhor achava que ficaria menos [tempo]. O senhor disse isso em outras entrevistas, para o monja Cohen o senhor disse que achava que ficaria uma semana. Isso não causa...

Lula: Causa, causa uma certa frustração, porque quando eu vim para cá havia a possibilidade de se votar uma ADC [Ação Direta de Constitucionalidade] – que eu nem sei o que é – mas na semana que eu vim para cá o Partido que tinha entrado com a ADC retirou. O PC do B entrou com outra ADC mas o Marco Aurélio, não sei porque, não colocou em votação. Tudo isso poderia fazer com que eu ficasse desesperado, mas um homem desesperado tende a morrer precocemente, e como eu quero viver 120 anos, eu mantenho o equilíbrio aqui.

Renato Rovai: Como o senhor tem mantido o equilíbrio? Desculpa lhe perguntar, porque é uma questão pessoal, o senhor caminha 9km em uma esteira, vê as notícias?

Lula: Assistindo você [Rovai] pelo *pen-drive*, assistindo todos os meus amigos da globosfera. Eu recebo muitos pen-drives, todos com um dia de atraso, eu vejo tudo com um dia de atraso. O dia pior é sábado e domingo, que eu não recebo, então só vou ver vocês na segunda-feira. Então eu vejo notícia velha. Eu me mantenho assim, que mantém é saber que este país não pode ser destruído, não podemos deixar. Por isso eu coloquei como o maior mote a soberania nacional. Não se pode deixar destruir a Petrobras, a Eletrobrás, o BNDES, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal. Foram estas empresas que suportaram o Brasil e ele cresceu, porque a Petrobras não é uma simples empresa de petróleo. A Petrobras é a empresa que mais investe em tecnologia nesse país, a Petrobrás contrata milhares de pequenas empresas.

Renato Rovai: Eu tenho pergunta do Sindpetro, mas antes quero perguntar uma coisa: o senhor é candidato a presidente da República em 2022?

Lula: Eu diria para você que eu espero que tenha outros candidatos. Eu estarei com 77 anos, mas eu espero que a gente crie novas possibilidades. O PT tem 5 governadores, o PC do B tem 1, o PSB tem 1, essa gente toda pode se cacifar.

Renato Rovai: O senhor não falou o nome do Ciro.

Lula: Eu ia falar agora, o Ciro Gomes está por aí tentando encontrar.

Renato Rovai: O que o senhor acha que ele está tentando encontrar?

Lula: Eu adquiri um profundo respeito no tempo em que o Ciro trabalhava comigo. Ele foi uma pessoa que me ajudou, participava do núcleo junto com a Dilma, com o Márcio Thomaz Bastos, agora, politicamente ele é meio confuso. Ele já trocou 8 ou 9 partidos. Eu lembro que em 2010 o Ciro queria ser candidato a presidente. Eu e o Eduardo Campos conversamos com ele para ele ser candidato a governador em SP. Ele aceitou se filiar em SP, mas chegou no aeroporto e foi meter o pau no PT e no Mercadante, então não dá.

Renato Rovai: O senhor fica chateado quando lê as declarações dele?

Lula: Eu fico, eu fico chateado. É como se uma pessoa amiga estivesse falando mal de mim. Mas o que eu não posso é pedir para ele falar bem. E quando junta ele com o Mangabeira Unger então.

Renato Rovai: Ele alega que o senhor daqui da prisão controlou todo o processo...

Lula: Ele não alega nada. Você não pode querer que o jogador do São Paulo vá ajudar o time do São Paulo a ganhar do São Paulo. Você não quer que o Gabigol, do Flamengo, vá marcar gol contra porque está jogando com o meu Vasco. Não é assim. O Ciro Gomes era candidato, o PT era candidato e havia algumas alianças em disputa. O PT não podia falar, olha eu não procurar aqui, o PT foi procurar as alianças.

Renato Rovai: O senhor não deve ter visto, mas ontem mesmo o Haddad voltou a contar uma história que a partir de uma conversa do senhor ele foi conversar com o Ciro e convidou-o para ser o vice-presidente na sua chapa. E o Haddad já me falou que se porventura o senhor não pudesse ser candidato, que ele [Haddad] aceitaria ser vice na chapa do Ciro. Como é que foi essa história?

Lula: Eu fiquei sabendo dessa história pelo companheiro Fernando Haddad, que conversou com o Ciro e disse que ele poderia ser meu vice, e que no meu entendimento se eu não pudesse ser candidato a presidente, ele seria e o Haddad seria o seu vice. Ele não aceitou. Eu acho difícil uma pessoa que se acha tão inteligente quanto o Ciro querer ser vice de um torneiro mecânico.

Renato Rovai: O senhor acha que tem um preconceito de classe.

Lula: Eu acho que o Ciro é preconceituoso contra o PT. Ele tem um quê. É só perguntar ao PT do Ceará, ele odeia o PT do Ceará. O Ciro não nasceu para militar num partido político. Ele nasceu para ser dono de alguma coisa que ele manda, ele desmanda, ele faz, ele desfaz. Isso não cabe no PT. Se o Ciro quiser ser candidato, ele terá que se aliar à esquerda, e na esquerda ele não tem muita opção. Ele tem o PT, o PC do B e o Psol.

Renato Rovai: O senhor acha que ele está traçando o caminho para a direita?

Lula: A impressão que eu tenho é que ele está fazendo um discurso muito mais para agradar setores da direita, dos que abandonaram aos tucanos, do que à esquerda. De qualquer forma é uma pena porque eu gostaria que ele...

Renato Rovai: O senhor o convidou para vir bater um papo aqui?

Lula: Eu não convido ninguém para vir aqui. Não é correto um preso político convidar alguém. Se a pessoa quiser vir, entre em contato. Eu não convidarei. Mesmo assim acho que é uma pena. Acho que o Ciro não prejudica o PT com os ataques que ele faz ao PT. Ele acha que, quando o Estadão gosta da matéria dele, ele está certo. Não. Se o Estadão gosta é porque você falou merda. Se o Estadão gostou e deu manchete, é porque você falou merda. Se você falar uma coisa boa, o Estadão não vai dar, a Folha não vai dar. Agora se você quiser se iludir, vai ser candidato outra vez.

Renato Rovai: Falando em Estadão, vou lembrar ao senhor que na entrevista com a BBC o senhor falou que não lê a Veja pelos mesmos motivos, imagino, que o senhor não lê o Estadão. A semana passada o governador Rui Costa [PT/BA] deu uma entrevista muito polêmica. O senhor leu essa entrevista?

Lula: Li. Quando se trata da veja eu prefiro conversar com alguém sobre a matéria. Eu acho que as pessoas precisam se preparar para as entrevistas. As pessoas têm de falar menos a palavra “eu” e falar mais a palavra “nós”. As pessoas têm saber. O Rui Costa dá muitas entrevistas em função de alguma coisa que aconteceu na Bahia, da aliança dele na Bahia. Ele tem que saber que o Brasil é totalmente diferente da Bahia. Ele tem que saber que parte dos aliados que ele fez na Bahia são inimigos do PT a nível nacional, que não votaram nem com a Dilma. Mesmo assim ninguém no PT impediu que ele fizesse alianças, se é uma coisa regional, então faça. A impressão que eu tenho é que às vezes ele dá entrevista a partir da lógica do mundo dele, mas ele tem que pensar um pouco no Brasil, para ele perceber que as pessoas que estão com ele na Bahia não estão com o PT no Brasil, não por causa do PT não, é porque as pessoas têm outros compromissos. Mas agora o Rui é uma pessoa que eu gosto muito, é um cara preparado, é um companheiro que o Jacques Wagner apostou nele. Você sabe que eu tinha um candidato na Bahia que era o Sérgio Gabrielle [ex-presidente Petrobras] mas não deu certo e o Jacques indicou o Rui, que está fazendo um bom governo. Todo mundo que governa dá uns tropeços, aqui e ali. Mas eu acho que o Rui é um bom sujeito e tem que estar preparado para as perguntas que são cascas de banana. “Você não acha que o PT está muito subordinado ao Lula”? O cara tentar mostrar a palavra não, bem forte. Ah, não sei se você sabe que a Veja está pedindo uma entrevista comigo.

Renato Rovai: Eu soube ontem à noite. O senhor vai aceitar?

Lula: Eu até daria se fosse uma coisa ao vivo, eu vou tentar ver com meu pessoal se é possível fazer ao vivo. Não tem porque gravar, pode ser direto. Aí até vou convidar o William Bonner para vir aqui

fazer uns vinte minutos de Jornal Nacional ao vivo comigo, se o SBT quer fazer, para o jornal das oito. Eles até estão pedindo, mas para passar às três horas da manhã. Às três da manhã até eu estou dormindo. Eu lembro de um debate que u fiz, na campanha de 1989, com o Ulisses Guimarães que era ao vivo e a moça que coordenava o debate, já era uma hora e pouco da manhã, perguntou ao Ulisses se ele não achava que deveria continuar o debate e ele disse “Eu acho que é melhor continuar”, aí eu falei “Ulisses, por favor manda alguém ligar para dona Mora e para dona Marisa, se elas estiverem assistindo, a gente continua, se elas estiverem dormindo, vamos parar. Fazer um debate para ninguém assistir?”

Renato Rovai: Presidente, o senhor falou aqui do Estadão, da Veja, sempre fala da Globo, mas eu queria falar da Record, dos evangélicos. Até nos últimos dias, eu anotei aqui, 16 de março, a Record, o bispo, o PRB tinha um ministro, o George Hilton, que era Ministro dos Esportes da Dilma, era um deputado, ficou até março, depois foram para o impeachment e de lá para cá a Record assumiu um antagonismo em relação ao senhor, à Dilma, ao PT, a tudo que seja vermelho. O que aconteceu nesse processo? Porque a coisa virou desse tamanho? Eles cresceram muito durante seus governos, até porque a classe C, a classe D cresceu muito, e os evangélicos foram tomando conta na lógica da teoria da prosperidade, que é a base do discurso evangélico.

Lula: Talvez eu tenha cometido um crime de ser republicano, porque essa gente sabe que eu nunca pedi nada a eles no governo, nunca. Eu nunca senti a Record favorável ao governo, e nunca pedi para eles serem favoráveis ao governo. Nunca pedi para o Johnny da Bandeirante ser favorável ao governo, e muito menos para a Globo, a única coisa que eu pedia é que fossem honestos com a informação. E agora eles assumiram, e isto é ruim, para eles próprios, que poderão ter mais dinheiro mas perderão credibilidade.

Renato Rovai: O senhor viu a cena do Bolsonaro ajoelhado?

Lula: Vi, e acho aquilo humilhante para ele. Uma coisa vexatória. Quando você fala um palavrão e ele sai como força de expressão, ele é até bonito, mas quando você prepara um palavrão, ele fica feio, e o Bolsonaro preparou aquela cena, uma cena ridícula, vexatória. Eu nunca perguntei para um ministro qual era a religião dele, nunca perguntei a um general qual era a religião dele. Nunca perguntei nada. Cada um segue a religião que quiser, ponto pacífico. Agora, tudo que ele faz é premeditado, é pensado. Vai ficando tudo feio, tudo acanalhado. Eu acho ruim para os meios de comunicação, porque o Collor, quer dizer o Bolsonaro, não vai ser presidente a vida inteira, um dia ele sai.

Eu não sei porque de vez em quando eu digo Collor, sabe? Eu vou escrever aqui o nome do presidente: Bolsonaro.

Renato Rovai: Tem certa semelhança, a gente não sabe se vai durar o mesmo tempo.

Lula: Eu acho que ele faz muita bobagem, eu não posso dar conselho, mas o Bolsonaro precisava saber o seguinte: o tempo da bobagem, o tempo da molecagem acabou quando ele era deputado. Ele virou presidente, ele não acreditava que fosse ganhar, mas ele ganhou. Então, exercer o cargo de presidente da República é uma coisa muito séria, você tem que medir as palavras, você tem que pensar. Obviamente você pode errar uma coisa ou outra, mas ele faz questão de errar em tudo, a política externa dele é um desastre. Você não ouve nesses nove meses de governo uma vez uma palavra chamada desenvolvimento, uma palavra chamada crescimento, uma palavra chamada aumento de salário. Não existe. Só existe a palavra controle de gastos, de ajuste e o Ministro da Economia com a loucura de juntar um trilhão. Eu não sei para que ele quer um trilhão. Do que é que vale você ter um trilhão se o povo está passando fome, se o povo está desempregado, se o povo está sem salário, sem ter condições de morar. Até dinheiro de pesquisa. Até nossos soldados. Como é que a gente pode querer fazer uma guerra contra a Venezuela, se os soldados não têm dinheiro para almoçar? Então eu acho que o Bolsonaro está utilizando o cargo de presidente para criar uma imagem muito negativa da instituição Presidência da República. O fato de uma parte da sociedade ter votado nele porque ele negou a política, você está lembrado que eu dizia antes “toda vez que a sociedade de um país nega a política, o que ela ganha é pior”.

Renato Rovai: O senhor acha que a antipolítica foi o fator decisivo, e não o antipetismo? Porque teve essa coisa de antipetismo, mas o Alckimin teve 4,7% dos votos.

Lula: Acho bobagem esse negócio de antipetismo. Antipetismo é o mesmo que o ...

Renato Rovai: Ele existe, evidente, mas a antipolítica é mais forte...

Lula: Existe o antitudo, não tem na história da humanidade, com exceção do Partido Comunista chinês ou cubano, alguém que seja unanimidade, cem por cento. Não tem. Vamos pegar o meu exemplo. Quando eu deixei a Presidência da República, em dezembro de 2010, eu tinha 87% de bom e ótimo; 10% de regular e 3% de ruim e péssimo, que era no comitê dos tucanos. Ninguém consegue chegar a 100%, então não tem esse antipetismo, existe o antipetismo assim como existe o antitudo. O anticorintianismo, o antipalmerismo. O que acontece é que o partido tem uma quantidade de votos. Eu perguntei para o PC italiano como é que ele chegaria ao poder com 30% dos votos? É por isso que eu fui buscar o meu querido e saudoso companheiro José Alencar. Quando eu vi o José Alencar fazer o discurso de cinquenta anos da vida empresarial dele, eu falei “puxa vida, encontrei o meu vice. Um empresário há cinquenta anos falando uma linguagem que o povo entende. Aí fui lá convencer o José Alencar a vir para a candidatura, fui convencê-lo de entrar no PL porque ele não podia vir para o PT. Assim nós construímos os 20% dos votos que faltavam para eu ganhar as eleições. Então o PT vai disputar as eleições e eles dizem “ah, mas o PT só tem 30% dos votos”, eu quero saber quem tem mais. Eu quero saber qual é o mundo em que um partido começa uma eleição com 30%. O Haddad perdeu as eleições, mas na lógica da direita brasileira o Haddad teve 45% dos votos, é muito voto.

Com a política de destruição do PT, com a manipulação da Lava Jato, a manipulação do Moro, as *fake news*, as mentiras contadas. Imagina um candidato que não participa de debates, se recolhe. A mídia mostra ele “coitadinho tomou uma facada, não pode ir aos debates” . Fazia dele um beato, um santo... Então, o PT é a força política mais organizada, mais forte desse país. Por isso o PT tem adversários. Você vai no Rio de Janeiro, o Flamengo tem a maior torcida, mas tem inimigo para caramba.

Renato Rovai: Agora presidente, dentro do campo progressista tem muita gente falando que o PT só quer sempre ele ter o protagonismo principal. O senhor acha que o que foi feito na Argentina, com a [Cristina] Kirchner se recolhendo, saindo de vice do [Alberto] Fernandez, isso que eles chamaram de fórmula, pode ser algo interessante para movimento próximos para a eleição de 2020 e até para 2022? Do ponto de vista do PT?

Lula: É importante lembrar, eu já vi alguém citar o exemplo da Cristina, você sabe que a Cristina e o Fernandez são do mesmo partido político...

Renato Rovai: Que eles montaram agora, eles saíram do PJ ...

Lula: Importante lembrar que ele foi secretário do [Nestor] Kirchner. Que agora eles estão juntos, política é o momento, a Cristina está numa relação eleitoral, judicial complicada, o desejo do poder eleitoral da Argentina era ter prendido ela se ela não fosse senadora, ela tem um problema muito sério com a filha dela que está fazendo um tratamento em Cuba, e a Cristina percebeu que ela poderia ter mais problemas se fosse candidata. Não é o problema do Brasil. Você tem um candidato que vai com 30% dos votos e outro com 11%, você desiste? Eu lembro do Brizola em 89...

Renato Rovai: Quando o senhor foi visitá-lo no apartamento dele, não é? Ele queria que o senhor renunciasse em favor da candidatura do Covas.

Lula: O Brizola disse: - Lula, nós empatamos tecnicamente, e eu disse: -Oh Brizola, nós não empatamos coisa nenhuma, isso não é pesquisa não, bicho, eu tive quinhentos mil votos a mais do que você. - Ah, mas vamos desistir nós dois e vamos apoiar o Mário Covas; eu respondi: - Você acha que o povo vai entender? Nós, que tivemos a votação que tivemos, abrir mão para um candidato que teve 8%? Não.

Se o Ciro quiser um dia ser presidente da República, ele tem que aprender a fazer o jogo correto...

Renato Rovai: Mas eu não estou falando do Ciro, eu vou lhe dar um outro exemplo: quando a gente publica na Fórum fotos do Haddad junto com o Flávio Dino, isso causa um frisson. Para o senhor tem que ser o Haddad ou pode ser o Dino? Se o senhor não for candidato?

Lula: Eu não vou dizer se pode ser o Haddad ou se pode ser o Dino. Eu seria louco se eu dissesse isso. Até porque tem muita gente pretendendo e ainda faltam três anos para essa coisa acontecer. Eu sou da

tese que eu não vejo nenhum problema o PT apoiar alguém que não seja do PT. Faz parte do jogo político, e o PT tem várias experiências em vários estados. O que é preciso é que a pessoa que quer e precisa do apoio do PT precisa ajudar a construir essa aliança porque se a pessoa que quer construir essa aliança achincalha o PT a todo momento, essa pessoa não vai conseguir convencer o PT, mesmo que a direção do PT queira, isso porque, mesmo que o pessoal fale o contrário, o PT é o único partido do planeta Terra que a nomenclatura não quer dizer nada, se alguém chegar e disser: “você sabe com quem você está falando, você está falando com a presidenta do PT, você está falando com o secretário.” Isso para o PT vale tanto quanto uma *titica*. Então eu não vejo nenhum problema em fazer aliança política, não vejo nenhum problema em não ter candidatura própria. Eu mesmo, em junho de 2011 estava em Bogotá junto com meu amigo Eduardo Campos, junto com a esposa dele, a Renata, quando eu fiz uma reunião e disse ao companheiro Eduardo Campos, “eu acho que você deveria se preparar para ser vice da Dilma em 2014, e ser o candidato a presidente em 2018”, essas foram as minhas palavras.

Renato Rovai: E por que isso não aconteceu?

Lula: Porque ao longo do período foi crescendo uma animosidade entre ele e a Dilma. Eu lembro que eu fui convidado a uma reunião no Rio de Janeiro, estava presente o companheiro Jacques Wagner, o Sérgio Cabral, o Eduardo Campos, quando em determinado momento começou a se falar da Dilma de um jeito estranho. Eu ainda estava com câncer, muito ruim, e falei: “Eu não vim aqui para ouvir vocês falarem da Dilma, se vocês têm algum problema com a Dilma, peçam uma reunião com ela e digam o que vocês pensam dela, porque pelo que eu sei, ela gosta de todo mundo. Ela gosta do Eduardo Campos, ela gosta do Wagner, ela gosta do Sérgio Cabral.” E aí paramos de conversar, e eu senti ali que o companheiro tinha uma animosidade com a Dilma, e que foi assim até o final do mandato. Dizem que a Dilma tinha ciúmes dele porque ele era muito ligado a mim.

Renato Rovai: E tinha essa relação de ciúmes da presidenta Dilma com as coisas do senhor, o senhor notava isso?

Lula: Eu sei que existe, ninguém precisa me falar. Ninguém chega aos 73 anos fazendo política há 50 anos, sem ter o mínimo de compreensão. As pessoas têm ciúmes, as pessoas querem preservar o que são, as pessoas querem ter espaço, as pessoas querem sair nas fotos. Para você conseguir superar tudo isso, leva muito tempo. Veja uma coisa: eu fui presidente do PT durante 10 ou 12 anos, eu não disputei a presidência do PT nem uma vez, porque todas as vezes que eu fui indicado a presidente do partido, foi por indicação unânime, não teve eleição para a presidência, teve para outros cargos.

Renato Rovai: Mas teve uma disputa com o Suplicy.

Lula: Teve uma disputa da qual eu não participei. Eu disse que se o Suplicy queria ser presidente, ele tinha o direito. Eu não me inscrevi. Ele fez uma campanha em vários lugares, fez debates, eu não fui a nenhum. Aí o PT me inscreveu.

Renato Rovai: Presidente, deixa eu fazer uma pergunta, porque está acabando a entrevista.

Lula: Mas pode perguntar...

Renato Rovai: Eu sei que o senhor responderá tudo. Mas o nosso problema aqui é tempo mesmo. O Temer confirmou no Roda Viva aquele telefonema que vazou, que foi grampeado e que só veio a público agora, diferentemente daquele outro telefonema da Dilma para o senhor. Ele confirmou que de fato o senhor ligou e confirmou que ele teve uma reunião como senhor. E eu pergunto: não está na hora de revelar um pouco mais dos bastidores?

Lula: O que teve foi um telefonema, não foi uma reunião.

Renato Rovai: Ele disse que teve uma reunião.

Lula: Ele fala na entrevista que teve um telefonema e que esta é a prova de que eu defendi o golpe. Então ele reconhece mesmo que foi golpe. Deixa eu falar uma coisa, porque acho importante.

Renato Rovai: O senhor não falou com o Eduardo Cunha também naquela ocasião?

Lula: Eu cheguei a falar com o Eduardo Cunha para evitar de colocar o impeachment, não naquela semana, não.

Renato Rovai: O senhor tentou falar com o bispo Edir Macedo naquela época?

Lula: Não, não...

Renato Rovai: Não tentou?

Lula: Não. Deixa eu te falar uma coisa eu nunca achei boa a ideia de eu ser ministro. Por uma razão no Palácio do Planalto não cabem dois presidentes. Não cabe. E se eu fosse ministro junto com a Dilma, ia ser um problema para a Dilma. Eu até brinquei com ela: “Dilma, você já imaginou você me dando uma bronca?” Porque tem que imaginar, ela teria de me tratar como os outros. “Você imagina se eu vou aceitar ou não a bronca?” Porque o palácio é pequeno para dois presidentes. Eu não queria, não queria, relutei.

Renato Rovai: Aí teve uma reunião em que ela praticamente lhe implorou para ser ministro.

Lula: Não, ela não. Ela queria, ela dizia que precisava, mas a reunião em que estavam presentes ela, eu, Jacques Wagner [Ministro da Casa Civil] e o companheiro Ricardo Berzoini [Secretaria de Governo]. O que me motivou aceitar foi que em determinado momento, já quase quatro horas da

manhã não me lembro se o Wagner ou o Berzoini disse que “então você está numa boa, está no bem-bom, está vendo a companheira afundar e você não quer entrar no barco, não é?” Foi isso que me motivou a falar: “tudo bem, eu aceito, desde que a gente faça uma reunião amanhã com o Nelson Barbosa [Ministro da Fazenda], e eu vou discutir com ele porque com essa política econômica não dá.” Aí eu tive uma conversa com o Nelson Barbosa e disse que ia para São Paulo, que eu voltava na terça-feira, para assumir, quando aconteceu... Quando ela telefonou eu estava no aeroporto assistindo a entrevista daquele canalha do Delcídio para a Globo News. A entrevista mais preparada, mais azeitada do mundo para ele culpar o PT. Quando ela telefonou.

Renato Rovai: Aquele telefonema também, o senhor já sabia pelo Rui Falcão daquele documento, não é verdade? Daquele que estaria ali, que se porventura precisasse.

Lula: Qual documento?

Renato Rovai: O documento que o tal do Messias ia levar ...

Lula: Era o documento para eu assinar. Embora eu só fosse tomar posse na terça feira, era para deixar o documento.

Renato Rovai: O senhor acha que houve uma armação nisso tudo, ali?

Lula: Eu acho. Eu não sei qual foi o partido que entrou com o processo. Acho que foi o PPS, não sei, que entrou com um processo para impedir. Obviamente que no momento que eu aceitei, quase que a unanimidade da imprensa começou a trabalhar a ideia que eu estava aceitando para tentar pegar foro privilegiado. Eu jamais, jamais defendi a ideia de foro privilegiado. Eu tenho tanta consciência da minha inocência que a única coisa que eu quero é provar a minha inocência – que eu já provei – e que eles provem a minha culpa. Por isso é que eu espero que a Suprema Corte, que tem na mão a responsabilidade de colocar o Brasil nos eixos. Nós vivemos um período em que um juiz de primeira instância deitou e rolou em cima desse país. Ele podia mais que Deus. Se Deus pedisse para vir aqui ele ia dizer “não”. Nós tivemos um momento em que o Ministério Público da Lava Jato ameaçava Procurador Geral da República, ameaçava o Presidente da República, ameaçava o Senado, ameaçava a Câmara dos Deputados, ameaçava a Suprema Corte, ameaçava o Tribunal de Justiça. Aí de quem não concordasse com o senhor Dallagnol e senhor Moro. Então agora chegou o momento de colocar a casa em ordem. O que nós queremos? O que nós queremos é que todas as denúncias de corrupção foram apuradas corretamente, por isso foi o PT que mais criou mecanismos de controle da corrupção no país. Pegue todos os países juntos que não criaram as leis que o PT criou. E para que nós criamos? Para que todos os acusados antes de serem condenados previamente por um procurador, por um juiz, ele seja julgado, que tenha direito de defesa e que o juiz se pronuncie em função dos autos processuais. Está aqui, eu tenho provas que o Rovai cometeu um crime. Então se tem provas o cidadão tem que ser condenado e se não tem o cidadão tem que ser absolvido. Eu estou implorando: eu quero a prova de

que eu cometi um crime. Agora, eu tenho prova de que vocês cometeram crime. Vocês mentiram, vocês não aceitaram testemunhas, vocês não ouviram as provas. E agora está mais do que provado que é uma quadrilha que está organizada para pegarem dois bilhões e meio da Petrobras, para pegarem dinheiro do acordo de leniência...

Renato Rovai: O senhor falou que eles cometeram um crime, eu estou me lembrando aqui, presidente, da história do celular do Cunha: o celular do Cunha não foi apreendido pelo Moro, diferentemente do *tablet* do seu neto.

Lula: Do meu neto foi, com quatro anos de idade.

Renato Rovai: O senhor acha que teve um acordo do Cunha com o Moro?

Lula: Eu acho que houve um acordo porque até agora ...

Renato Rovai: A mulher do Cunha não foi incomodada, ela participava daquele paraíso fiscal a filha também...

Lula: Eu não sei de detalhes, mas acho muito estranho que você prenda o presidente da Câmara e não tenha forçado para que ele fizesse uma delação, como forçaram os outros, e você não tenha pego o celular, que todo mundo teve o celular preso. Eu não consigo entender. Eu acho que ele tem que explicar para a Suprema Corte isso. Eu acho que a Suprema Corte tem a chance de fazer com que nunca mais se repita no Brasil um juiz que age com a canalhice que o Moro agiu. Eu estou dizendo pelo meu caso. Eu não estou dizendo por outros casos. Se ele por acaso fez um julgamento correto de um empresário e mandou prender o empresário, isso faz parte da legislação brasileira. O que não pode é fazer a canalhice dele de quebrar as empresas brasileiras, de quebrar a Petrobras.

Renato Rovai: A FUP [Federação Unificada dos Petroleiros] enviou essa pergunta. No seu governo a Petrobras foi responsável por 13% do PIB nacional, e tem caído, parece que está abaixo de 7% agora. Destruiu milhares de empregos, os empregos estão sendo exportados, a Engenharia nacional foi toda por água abaixo. O senhor pode dizer que a omissão da justiça e do MP frente a esses crimes da Lava Jato ameaça a democracia.

Lula: Ameaça, ameaça. Você tem três grandes mentiras contadas: você tem o powerpoint que é uma grande mentira contada; você tem o impeachment que foi uma mentira contada; você tem o voto do Moro que é uma mentira contada, e agora tem o voto da outra juíza, que é do caso de Atibaia que é pior ainda. O que acontece? Essa gente construiu uma mentira e não tem como sair. Não criaram, como diria o Capilé, não criaram rota de fuga. Então a globo não sabe como tirar da grade dela a questão da corrupção, não sabe como tirar a Lava Jato, porque já fazem alguns meses que o *Intercept*, o Glenn estão mostrando a podridão.

Renato Rovai: Quando ela fala mal do Bolsonaro, ela fala mal do senhor.

Lula: E ela, para não dizer que não está falando mal do Bolsonaro, me coloca. Eles não sabem como se livrar disso. Então o que eu acho? Eu acho que está na hora de retomar as coisas corretamente. Eu acho uma pena, e por isso que os meus advogados estão abrindo processo nos EUA, nós vamos atrás da falcatrua. É preciso ter coragem para brigar. Quem não tem coragem não briga. Quem delata é porque roubou. Então eu gostaria de fazer uma delação, sei lá para quem... contra o Moro e contra o Dallagnol. Eu acho que nós temos a chance agora de colocar o Brasil nos trilhos, porque o que está acontecendo nos vazamentos – que a Globo nega e esconde todo dia – mas a gente fica sabendo por causa de vocês, por causa da internet, por causa da coragem, eu sei que você está sendo processado, não perca a coragem não, vá para cima, porque nesse país a única derrota que a gente tem é se não tiver coragem de lutar. Por isso companheiros da FUP não têm que se comportarem com petroleiros, têm que se comportar como cidadãos brasileiros e fazer uma forte campanha em defesa da soberania nacional e em defesa da Petrobras. Porque defender a Petrobras não é defender o emprego, é defender a maior empresa de investimento nesse país, uma empresa que chegou a ter 13% do PIB, uma empresa que foi transformada por mim na Bolsa de Valores de São Paulo na segunda empresa de petróleo mundo, e era uma empresa que saiu do investimento de três bilhões de dólares /ano para trinta bilhões de dólares/ano. O Estrella esteve me visitando aqui, e o Estrella falou “presidente, o senhor tem que assumir que foi o senhor que descobriu o pré-sal, não fui eu, não foram os petroleiros.” Então eu disse, “fale você companheiro” e ele disse isso por quê? Por causa do investimento. Somente o investimento em pesquisa que nós fizemos foi que permitiu que a Petrobras descobrisse a maior reserva de petróleo no sec. XXI e que poderia dar a esse país o status de grande potência e que está transformando esse país naquela coisa louca de vítima da vaca holandesa.

Renato Rovai: Presidente eu tenho só mais uma pergunta porque esgotou nosso tempo.

Lula: Mas eles não vão te prender não.

Renato Rovai: Eu vou fazer a pergunta do Jean [Wyllys] porque o Jean está exilado e ele pediu para perguntar: “O que o senhor tem a dizer dos setores de esquerda que insistem em menosprezar as misérias produzidas pelo racismo, pela homofobia e pelo machismo. A esquerda do sec. XXI não teria de abordar mais essas pautas?”

E eu teria uma questão a lhe fazer, que o senhor falou do governo Bolsonaro, tem um movimento Direitos já que foi lançado na PUC[SP] que tem pensado em articular alianças mais amplas, com o centro, o PSDB. O que o senhor acha disso?

Lula: A primeira, se você puder dar uma mensagem para o Jean Willys que ele tem toda a minha solidariedade, tenho um profundo respeito por ele, e que eu acho que o Brasil precisava de mais pessoas com a coragem dele. Eu acho que nem sempre a esquerda é avançada para defender determinados temas. Muitas vezes as pessoas preferem ficar no seu conforto de ficar bem com todo

mundo. Eu acho que nós temos de lutar para garantir que liberdade seja liberdade de verdade. Não tem meia liberdade. A pessoa tem que ser o que é, assumir e ser respeitada. Por isso meu carinho e meu respeito pelo Jean Wyllys.

Com relação à frente ampla, que eu vejo falar muito. Eu já vi você comentar nas suas falas, e outros companheiros também comentarem. Eu vejo uma tentativa de culparem o PT. “Porque o PT não dá a mão para ninguém”, “porque o PT não foi ao Fórum”. A pergunta que eu faço é a seguinte – em política vale muita coisa mas não vale canalhice nem hipocrisia: o que que o PT teria de fazer numa frente? Eu vou te dizer uma coisa que eu nunca contei para ninguém: a Gleisi esteve comigo antes do encontro. Eu sugeri para a Gleisi, você deve ir, leva o Aloisio Mercadante, leva o Haddad, convida o Boulos e leva a Dilma. Entre naquele plenário com a Dilma para perguntar para aquelas pessoas que estão lá se a briga por direitos pressupõe discutir o impeachment da Dilma. Porque não dá para você dizer que o PT quer ou não quer participar democraticamente. A gente tem de perguntar se o cara enforcou a minha mulher, se o cara salgou, se o cara esquartejou e no dia seguinte o cara me chama para uma conversa para dizer “olha esquece tudo, aqui não tem nada, aquilo foi passado, vamos tocar a vida”. Não. O PT não vai aceitar isso. Não dá para você construir uma frente ampla para discutir direitos com quem tirou direitos, com quem fez o impeachment, com quem tem medo. Eu nunca pedi e o PT nunca vai pedir para participar de um encontro só se defenderem o Lula livre, tem coisa mais importante nesse país, sobretudo para os pobres, tem coisa mais importante: o arroz o feijão, o café, a manteiga. Mas a pessoa não pode impedir de um petista gritar Lula livre. Isso não pode isso é uma afronta. Então eu acho que o PT não deveria participar mesmo. Eu pedi para a Gleisi ir para fazer uma afronta: para perguntar de que direitos nós estamos falando, com que direita? com o Serra que entregou a Petrobras para a Chevron, que quer quebrar a lei da partilha, que foi o autor da emenda 95. Com que direita? Com o Zé Aníbal. Teve uma coisa, a Dilma deixou de trabalhar um tempo para ensinar matemática para aquele Zé Aníbal para ele passar no vestibular. E depois aquele canalha deu o voto que deu contra ela no impeachment. A Dilma vai lá fazer o quê? O PT vai lavar fazer o quê? Vamos lá esquecer, a prisão do Lula não vale nada, o impeachment não vale mais nada, aquele negócio de direitos do Getúlio Vargas não vale mais nada, era tudo muito ruim. Eu vi o Temer no Roda Viva falar “não, quem está falando que nós tiramos direito é ignorante porque está no artigo quinto da Constituição que tal direito tem que ser regulamentado”, e quem regulamentava é a CLT. No capítulo dos direitos sociais tudo são preceitos gerais que você precisa de regulamentar. Todo mundo tem direito à casa: quem é que vai dar? Todo mundo tem direito à educação. Quem é que vai dar? Tem um monte de coisas, mas não tem.

O que o PT fez de errado? Tentou consagrar aquilo em direitos concretos. Por isso é que nós subsidiamos casas para as pessoas que ganham pouco, porque quem ganha mil reais não tem como pagar quatrocentos de aluguel, ou ele come ou ele paga aluguel. Por isso que nós garantimos de que os pobres pudessem ir para a universidade, com bolsa. Qual é o problema de investir em estudantes e financiar bolsa para estudante? Da mesma forma que você financia empresários, você financia

estudantes. Veja quantos trilhões os EUA tem de financiamento de bolsas. Agora aqui no Brasil eles tratam educação como gasto, e coloca um analfabeto [Abraham Weintraub] para ser ministro da educação, não um analfabeto preparado como eu, porque eu sinceramente não troco meu diploma primário pelo diploma universitário daquele cidadão, porque além de ser ignorante ele é grosseiro. Então um país que não trata educação com respeito, um país que acha que investir em Universidade é gasto, investir em ensino universitário é prejuízo, que não pode investir em pesquisa, que não pode financiar bolsa. Veja se você conhece algum país do planeta Terra que cresceu e se desenvolveu sem antes investir numa coisa chamada E-du-ca-ção. Eu sinceramente acho que o Brasil precisa lutar. Se você puder diga o seguinte: não há espaço para covardia.

Eu fico meio puto aqui dentro quando eu vejo aquele miliciano do Bolsonaro, o cara foi se esconder aonde? Eu pensei que o cara estava escondido numa favela no Rio de Janeiro, mas o cara estava escondido no Morumbi. No Morumbi. E ninguém foi atrás para saber quem alugou a casa para ele. Na casa de quem ele está? Ele paga aluguel? Se fosse um petista já tinham prendido feito coerção, torturado para saber. Então enquanto o PT e a sociedade não for para a rua, sem medo, fazer como esse pessoal da vigília, esse pessoal da vigília aqui é o símbolo da dignidade nesse país, porque eles estão aqui desde que eu estou aqui e acho que lá fora tem coisa muito mais importante do que eu. Defender o direito de estudar, defender a soberania nacional, a nossa indústria. As Forças Armadas teriam que fazer isso. Ao invés daqueles generais ficarem atrás daquele Bolsonaro, tentando agradar ele, deveriam estar se preparando para defender a soberania nacional, defender a nossa biodiversidade, defender nossa Amazônia. Essa gente tem que saber que governar não é falar bobagem. Governar é fazer. Quer aprender? Pegue tudo que nós fizemos, está tudo escrito. Eu sou o único presidente que ao terminar o meu mandato foi ao cartório e registrei tudo que eu fiz nesse país. A Míriam Belchior registrou, ela e o Gilberto de Carvalho. Se querem fazer bem, leiam.

Renato Rovai: Obrigada Presidente.

Lula manda lembranças à família de Rovai.

ANEXO P - Entrevista de Lula a Haroldo Ceravolo Sereza do Ópera Mundi, em 18 de setembro de 2019¹¹¹

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi entrevistado no último dia 19 de setembro de 2019, pelo diretor de redação de Opera Mundi, Haroldo Ceravolo Sereza, na sede da Polícia Federal em Curitiba, onde ele está preso há mais de um ano. O conteúdo foi publicado neste domingo, 22.

A entrevista de Lula a Opera Mundi teve como foco os temas internacionais. Entre eles, estão a posição da esquerda após a queda do Muro de Berlim; a relação do Brasil com os EUA; a política externa do governo Bolsonaro; Mercosul; Alca e Foro de São Paulo.

O papel do Bolsonaro na relação com os Estados Unidos é uma coisa humilhante’, afirma Lula em entrevista ao Opera Mundi.

A íntegra da entrevista ao Opera Mundi:

Haroldo Ceravolo Sereza: Presidente, o mundo parece caminhar para uma nova Guerra Fria, dessa vez entre China e Estados Unidos. Como o senhor vê essa questão, essas disputas políticas acirradas e ferrenhas entre esses dois países? E de que lado o senhor se coloca?

Lula: O mundo, depois de algumas décadas de febre de globalização, onde você dificultava o trânsito das pessoas e facilitava o trânsito de dinheiro, em que a China virou uma espécie de porto seguro para as empresas americanas irem produzir a preços muito baratos ou o Vietnã e vai por ai afora, ou seja, o mundo, depois dessa febre da globalização, resolveu voltar a favorecer o chamado Estado nacional de uma forma totalmente equivocada. Eu lembro que, em 2009, quando nós fizemos a segunda reunião do G20, a segunda na verdade, em Londres, eu lembro que uma das preocupações nossas era que a gente não deveria deixar de pensar em evitar o protecionismo. Porque, em função da crise econômica, era preciso que a gente fomentasse o comércio ao mesmo tempo que a gente fomentasse o desenvolvimento dos chamados países mais pobres. Essa era ideia básica. Eu lembro que foi na famosa reunião que o [Barack] Obama [ex-presidente dos EUA] me chamou de “o cara”. Foi na reunião em que o Gordon Brown [ex-premiê do Reino Unido] aceitava muitas das coisas que eu propunha na reunião, talvez pelo respeito que ele tinha na minha origem do mundo sindical. E foi uma reunião que produziu coisas extraordinárias, inclusive produziu o efeito de mudanças no controle das organizações multilaterais, como o FMI e o Banco Mundial. Ali se aprovou que tivesse novos personagens, novos dirigentes participando, o que não aconteceu porque o Bem, quando eu imaginava que as decisões do G20 iriam proporcionar que tivéssemos mais comércio no mundo, mais abertura e mais dinheiro dos países ricos que estavam com problema de demanda interna, e que portanto

¹¹¹ SEREZA, Haroldo Ceravolo. Leia a íntegra da entrevista de Lula a Opera Mundi. **Ópera Mundi**, 19 set. 2019. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opera-mundi-entrevista-lula/60632/leia-a-integra-da-entrevista-de-lula-a-opera-mundi>. Acesso em: 20 jul. 2021.

poderiam suprir a demanda interna facilitando a venda para países que precisavam de acesso à tecnologia e máquinas novas, isso não aconteceu. Voltou o protecionismo. E aí vem a eleição do Trump, que não causa mal apenas aos Estados Unidos. Ele ganhou as eleições com um discurso muito nacionalista, uma coisa assim ‘América para os americanos’, ‘emprego para os americanos’, ‘vamos mandar embora migrantes’, ‘vamos acabar com mexicano’, ‘acabar com latino-americano’, ‘é só americano e americano’. Este é um discurso que pega nos Estados Unidos e pegou na Europa, e aqui no Brasil também se tentou pegar.

Você lembra que em 2006, quando eu fui candidato e o [Geraldo] Alckmin disputou comigo, ele levantava a dúvida do dinheiro que o Brasil tinha emprestado para o metrô da Venezuela. Ele só parou de falar quando eu alertei ele de que o contrato e o acordo tinham sido feitos pelo Fernando Henrique Cardoso [ex-presidente do Brasil] e corretamente. Porque, no acordo, o Brasil exportava serviço de engenharia para a Venezuela. Eles pararam, mas na campanha da Dilma, por exemplo, voltaram com estaleiro de Cuba sem se importar quanto o Brasil ganhou com o empréstimo a Cuba para fazer o estaleiro. O Brasil exportou mais de 900 milhões de dólares para Cuba em serviços, ferramentas, em peças e transportes. Ou seja, então o mundo voltou a se fechar a partir do Trump em uma guerra fratricida. Porque nesse instante em que a humanidade vive, em que ainda você tem quase um bilhão de pessoas passando fome, pessoas que não têm calorias e proteínas necessárias para viver decentemente. O mundo estava precisando de mais progresso, de mais desenvolvimento, de mais crescimento e de mais acessibilidade de alimentos às pessoas pobres. E isso significa que os países ricos teriam que mudar seu comportamento, coisa que não mudam. Uma coisa que eu fico assustado é que, quando teve a crise de 2008, primeiro teve a crise do subprime nos Estados Unidos, em 2007, eu lembro disso porque eu estava no Panamá, em uma reunião com mais de 300 empresários brasileiros e panamenhos. E eu lembro a loucura que deu nos empresários que tinham dinheiro nos Estados Unidos e alguns correram logo para lá para tentar resolver o problema do subprime. E depois veio a crise de 2008 com a quebra do Lehman Brothers. Ou seja, em toda essa crise, eu nunca vi o FMI se manifestar, ter um discurso, uma proposta, o Banco Mundial nunca, nunca, nunca deram palpite. O Lehman Brothers já custou mais de 14 trilhões de dólares e até agora o FMI não se mete. E ele se mete muito quando a crise é aqui na Argentina, já conseguiram colocar a Argentina em uma ‘encalacrada’. Então eu penso o seguinte, essa crise que nós estamos vivendo agora ela carece da ausência de liderança política, porque crise política se resolve com discussão política, e os Estados Unidos não estão nem um pouco interessados em resolver o problema. Brigar com a China é brigar com o maior consumidor deles e o maior exportador deles. Brigar com a China é tentar dizer o seguinte: ‘nós vamos trabalhar para atrapalhar o crescimento econômico do planeta Terra’.

Haroldo Ceravolo Sereza: Pensando no Brics, o senhor acha que o grupo viveu um ataque político e econômico? E que a China vive isso agora, de que alguma forma aconteceu com o Brasil?

Lula: O Brics nunca foi tratado com respeito pelos países ricos, nem pelos europeus e nem pelos americanos. Porque quando nós começamos a fazer as primeiras reuniões do Brics eu pelo menos tinha em conta de que o Brics tinha que ter um banco de desenvolvimento, e foi criado no governo da Dilma. Eu não sei como está funcionando agora, mas o Brics tinha que criar uma cesta de moeda para que a gente não ficasse dependendo do dólar como moeda para notas de exportações. E o Obama tinha uma preocupação muito grande. Eu lembro que quando nós criamos o Brics, eu lembro que o Obama tinha uma preocupação se a gente ia criar ou não uma moeda. Quando a gente falava de banco sul-americano, de banco do Brics eles ficavam horrorizados que a gente queria criar uma nova moeda. E eu achava que a gente tinha que criar uma moeda para fugir, você não pode ficar dependente da moeda de um país que tem a máquina de produzir aquela moeda. Você não pode ficar dependente, não era assim. Eles tomaram a atitude e, na verdade, eles tomaram para si a ideia de que o dólar seria a moeda internacional do comércio sem falar com ninguém, foram impondo, impondo e o mundo hoje depende disso. Então, eu acho que o Brics nunca foi bem aceito. Eu acho que o Brics deixou de fazer algumas coisas, porque as pessoas também não sabiam, a gente não sabe de tudo na mesma hora, mas o Brics deve funcionar como a criação de uma nova proposta de desenvolvimento e uma nova proposta de relações internacionais e comerciais entre os países. O Brics pode ser um modelo para equilibrar o mundo e livrar um pouco o mundo da dependência que o mundo tem da arrogância de alguns governos americanos.

Haroldo Ceravolo Sereza: Nesse cenário, qual o papel da esquerda mundial? É retomar a ideia de socialismo ou olhar para melhorar a vida dentro do capitalismo?

Lula: Eu acho que a esquerda tem que pensar o que ela quer sobre muitos assuntos. Eu acho que depois da queda do muro de Berlim, muita coisa ficou mais difícil para a esquerda. Eu na verdade fui muito criticado no Brasil porque eu era um cara favorável à queda do muro de Berlim. Eu nunca aceitei a ideia de pensamento único, nunca aceitei a ideia de que tudo seria resolvido se estivesse escrito em um manual e eu acho que a queda do muro de Berlim, ela permitiu que a esquerda pudesse voltar a pensar. A pensar livremente novas formas de organização, a pensar livremente novas formas de fazer sindicalismo, a pensar novamente em brigar para melhorar de vida, mas isso não aconteceu. A direita foi muito mais ousada do que esquerda, porque a direita partiu para temas, muitas vezes, temas de interesse pertinentemente do Estado. Por exemplo, o discurso contra os migrantes, ou seja, um discurso é um discurso muito forte em qualquer país do mundo. Veja o que está acontecendo agora no Brasil com os discursos do governo em relação à Venezuela. Quando começou essa xenofobia contra os imigrantes, eu lembro que eu fui ao Ministério da Justiça com o Tarso Genro e assinei a legalização de 150 mil bolivianos que estavam no Brasil para dizer que os imigrantes não são os problemas desse país. Os imigrantes, em muitas circunstâncias, eles foram a salvação. O Brasil, por exemplo, trouxe muitos imigrantes aqui para primeiro misturar nossa raça, fazer uma miscigenação no povo brasileiro, segundo para aprender a produzir agricultura e terceiro para ter mão de obra qualificada, não só de

negros, mas de europeus. Então, nós não soubemos fazer esse discurso. Então eu acho que a esquerda tem que pensar um novo discurso, e assumir efetivamente a necessidade de que só vale a pena governar se você tiver com o povo no centro de todas as decisões. Para que você quer governar? Você quer governar para melhorar a vida do povo. Não tem outra razão para você governar. Você não quer ser governo, pelo menos na lógica da esquerda, para resolver o problema do esquema financeiro. Você não quer governar para resolver o problema dos grandes empresários. Você quer governar para resolver o problema das pessoas que não têm acesso, das pessoas que estão marginalizadas. Eu lembro que eu tinha divergências com alguns companheiros meus europeus que vinham ao Brasil e eles achavam que nosso discurso do PT [Partido dos Trabalhadores] era muito radical. Era muito radical nos dias de hoje, porque eles fizeram esse mesmo discurso nosso logo no pós-guerra, ou no começo do século 20, eles fizeram esse mesmo discurso. Agora, como eles conquistaram o chamado Estado de Bem-Estar Social, e eu acho que foi uma coisa fantástica, pelo seguinte: ninguém agradece aos russos, mas foi graças à Revolução de 1917 que fez com que os europeus caminhassem para a criação de um estado de bem-estar social, que agora está acabando. Então o que a esquerda tem que fazer? A esquerda precisa voltar não a construir seu discurso original, mas a esquerda precisa saber o que está acontecendo no mundo, ou seja, na medida em que você não tem uma confrontação mais direta, você tem apenas um lado capitalista impondo regras, onde tudo, tudo é feito em função de melhorar a produtividade, de melhorar a rentabilidade e não tem nada pensando em como melhorar a humanidade. Como melhorar? Eu quero mais tecnologia para quê? Eu quero mais desenvolvimento para quê? Eu quero mais produção para quê? Tudo só tem sentido se melhorar a vida do povo.

Haroldo Ceravolo Sereza: Usaria a palavra socialismo para isso?

Lula: Você pode usar a palavra socialismo. Eu sinceramente acho que não tem uma única coisa que pode resolver isso. Ou seja, se você achar que em cada país tudo tem de ser igual e você não levar em conta experiências culturais, a história de cada país, você pode resultar no erro de quem construiu o Manifesto Comunista, achar que a partir do Manifesto tudo estava resolvido, não estava. Ou seja, você pode ter um fio condutor de uma proposta que pode ser considerada uma proposta socialista, mas para você discutir socialismo você tem que discutir que tipo de socialismo. Você quer um socialismo quando você tem um partido único? Você quer um socialismo onde o sindicato não possa fazer greve? Não possa protestar? Não possa ter pauta de reivindicação? Não tem liberdade cultural, não tem liberdade religiosa? Esse para mim não interessa. Eu sou amante da liberdade, em qualquer que seja o sistema de governo e qualquer que seja o regime político.

Haroldo Ceravolo Sereza: O senhor liderou o movimento de presidentes progressistas, de governos progressistas da América Latina, que apostou na integração da América Latina e em uma certa autonomia em relação aos grandes países, aos Estados Unidos e à Europa. O que deu errado nesse

processo? Considerando que hoje esses países tendem a um isolamento e eventualmente uma relação direta com os Estados Unidos como o caso do Brasil na política externa do governo Bolsonaro.

Lula: Eu não liderei. Eu compartilhei com a Argentina, compartilhei com a Venezuela, com o México, com a Bolívia, com muita gente da América Latina, um outro jeito de discutir integração. Por isso que nós nos juntamos para romper com a ideia da Alca, que era uma ideia dos Estados Unidos que tinha como objetivo fazer um grande acordo com o Brasil e sufocar o restante dos países de economia mais fraca. Nós tratamos de fortalecer o Mercosul para poder romper com a Alca. E rompemos. Rompemos em Mar del Plata com a presença do [George W.] Bush na reunião para a gente dizer que queríamos criar um sistema latino-americano de desenvolvimento. Nós queríamos criar um grupo econômico que pudesse negociar com a União Europeia, que pudesse negociar com os asiáticos, que pudesse negociar com os Estados Unidos enquanto grupo, porque nós éramos um monte de países fracos, mas junto a gente poderia ficar mais forte. Eram quase 460 milhões de habitantes. E isso acho que foi o melhor momento da América Latina. Nós tivemos dificuldades porque nós ainda tínhamos 500 anos de história em que os países da América do Sul não confiavam no Brasil. As aulas na maioria das escolas militares dos países da América do Sul eram a aula de colocar o Brasil como inimigo. O Brasil era o inimigo da América do Sul. O pessoal tinha que ter medo do Brasil. No México, pergunta até hoje por que o empresário mexicano tem medo do empresário brasileiro e não tem medo dos empresários americanos que estão sufocando ele lá dentro? Então a gente ainda tinha muito preconceito histórico, muita coisa que dificultava criar instituições democráticas. Você sabe que nós, latino-americanos, falamos demais, para tudo a gente constrói uma tese, constrói um discurso e isso atrapalha um pouco. Então, eu acho que nós avançamos muito, foi o melhor momento da América Latina, com a criação da Unasul, com a criação da Celac. A Celac foi a primeira reunião que participou Cuba, sem participação de Estados Unidos e de Canadá. Foi a primeira reunião que esses dois países não participaram. Foi feito em Sauípe, na Bahia. Depois, nós fizemos uma coisa extraordinária que foi uma reunião entre a América do Sul e os países africanos. Depois nós fizemos uma reunião entre América do Sul e os países árabes, foi em um congresso nacional. Havia aquela loucura de sempre de que nós estávamos fazendo um movimento contra Israel, que era juntar os países árabes contra Israel, e na verdade a gente não queria juntar nada contra nada. O que a gente queria era provar que nós saímos de uma balança comercial de US\$ 2 bilhões com os países árabes e fomos para US\$ 12,5 bilhões, em 2011.

Haroldo Ceravolo Sereza: Repetiria essa prioridade para a África, Ásia, América Latina e Oriente Médio?

Lula: Repetiria. Quando você toma uma decisão de criar novos parceiros, você não está negando os parceiros que você tem. Um país do tamanho do Brasil não pode ficar dependente de um único país, ou de dois países. O Brasil é um país que não tem contencioso, nosso único contencioso foi com o Paraguai há mais de 150 anos atrás. Ou seja, nós precisamos construir uma relação de amizade que

possa permitir que o Brasil transite em todos os países do mundo. Em alguns o Brasil tem o papel de ser solidário. Como é que você vai pagar nossa dívida histórica com os africanos? Ora, você não vai pagar com dinheiro, você vai pagar isso em solidariedade, em transferência de tecnologia. É por isso que eu nunca tive nenhum problema de levar a Embrapa para ficar em Gana. É por isso eu não tive nenhum problema de fazer a fábrica de antirretrovirais em Moçambique para ajudar cuidar da Aids. É por isso que eu não tive problema de criar a universidade aberta em Moçambique, em parceria com a Universidade do Ceará. A última vez que eu fui lá estava funcionando e tinha 900 alunos fazendo universidade. Acho que tudo isso está acabando. Eu fui, por exemplo, à União Africana e ela tinha preparado um projeto de desenvolvimento para a África, chamado... acho que Fida. Era um programa de desenvolvimento, de investimento e de infraestrutura da ordem de US\$ 360 bilhões. Eu fui ter uma reunião com a senhora [Nkosazana Dlamini-] Zuma, que era a presidente da União Africana, para propor para ela que um jeito de fazer com que a África se desenvolvesse era ela fazer um convite em nome da União Africana para todos os bancos de desenvolvimento do mundo. Da China, do Brasil, dos Estados Unidos, da Alemanha, da França, da Malásia, todos. Chamar o Banco Mundial, chamar o FMI e chamar todas as empresas envolvidas na construção de infraestrutura para que eles oferecessem um pacote de obras para desenvolver a África. Sobretudo na questão hidrelétrica. Você tem país africano que apenas 30% do dia tem energia elétrica, você tem país africano que passa quase o dia todo apagado porque não tem energia elétrica. Então, sem energia elétrica o resto não acontece. Bom, eu pensava assim. Esse era o papel do Brasil na África. O papel do Brasil na América Latina era de um país que deveria dar garantia de tranquilidade e de democracia nesses países. Ou seja, como é que você mantém uma relação com um país como o Uruguai, que é um país pequeno, mais desenvolvido culturalmente que o Brasil, como é que você mantém uma relação em que se construa uma certa lealdade? É se você abrir espaço para que o Uruguai não dependa tanto de outros. Como é que você mantém com a Bolívia? Aliás, falar da Bolívia é importante lembrar aos desavisados que a melhor economia hoje da América Latina está na Bolívia, que a menor inflação está na Bolívia, que a maior reserva, depois do Brasil, está na Bolívia.

Haroldo Ceravolo Sereza: Citando a Bolívia, no início do governo teve um problema com a Bolívia e depois isso foi solucionado que foi a questão do petróleo. O petróleo hoje voltou a ser tema por conta dos ataques à Arábia Saudita. O senhor já falou que o pré-sal foi um dos motivos do golpe contra a Dilma Rousseff foi o interesse norte-americano no petróleo brasileiro, qual é a importância do petróleo nesse jogo?

Lula: Primeiro, eu não tive um conflito com a Bolívia. O Evo teve um conflito comigo. E eu não esqueço nunca que aqui no Brasil, sobretudo a elite paulista, achava que meu governo era frouxo porque eles queriam que eu brigasse com o Evo Morales. E na minha cabeça passava a seguinte ideia: como é que pode um metalúrgico de São Bernardo do Campo brigar com um índio cocaleiro da Bolívia? Eu queria brigar com o Bush, mas o Bush não quis brigar comigo nunca. Aliás, o Bush teve

uma boa relação comigo. Como que eu vou brigar com o Evo? Ademais, eu achava que o Evo tinha razão. A Petrobrás na Bolívia era muito pedante. A Petrobrás na Bolívia tinha uma direção que era muito arrogante. Ela achava que ela governava a Bolívia, e o gás era do Evo, ele tinha o direito daquele gás. Eu nunca me opus a isso. Então, na verdade... eu não esqueço uma história fantástica que é o seguinte: eu estava em Viena, não estava vendo um concerto não, estava participando de uma reunião União Europeia e da América Latina, e estava no auge da briga. Foi no dia que o [Hugo] Chávez [ex-presidente da Venezuela] agrediu o Senado brasileiro. E foi o primeiro dia que nós fizemos uma resposta dura ao Chávez, em defesa do Senado do Brasil. Você vai lembrar se você for ver a história do momento. Naquele dia, eu estava no hotel e chamei o Evo Morales. Participou da reunião, eu não sei se o Chávez participou, eu sei que o Raúl Castro [ex-presidente de Cuba] participou da reunião. E eu peguei o mapa da América do Sul para mostrar ao Evo o que ele estava fazendo comigo. E eu dizia: -‘Evo, você está com uma espada na minha cabeça. Você está impondo determinadas coisas em função de que o gás é seu. Agora deixa eu te dizer uma coisa, eu vou colocar uma espada na sua cabeça para que a gente equilibre o jogo. Olha o mapa da América do Sul, você não tem para quem vender seu gás. Para vender para a Argentina você tem que fazer um gasoduto, nem você e nem a Argentina tem dinheiro. Para vender aos Estados Unidos você tem que passar pelo território da Colômbia, pelo Peru e pela Venezuela. Para você sair no Oceano Atlântico tem o rio Madeira, que é uma boa possibilidade. Agora, veja no mapa: você só tem o pedacinho do rio Madeira. Então, estou te dizendo isso meu querido’, - ele me chamava de hermano maior, hermano ‘más viejo’. Ele falava: ‘estou dizendo isso hermano porque é o seguinte, eu estou com a espada na sua cabeça. Eu vou criar o Plangás’, - e criamos o Plangás no Brasil, - ‘e vou provar que eu não dependo mais de você. Quando eu não depender de você, e dizer para você, Evo, eu não quero mais o teu gás, você vai dizer: “Não, Lula pelo amor de Deus eu preciso vender para o Brasil porque é o único país que eu tenho que vender”’. E reconheci que tinha que fazer ajustes do gás da Bolívia. Reconheci que o Brasil tinha que tratar o Evo, a Bolívia como um país soberano. Falei para o Evo: ‘se você pagar o preço, o gás é seu. Você faz o que quiser’. E até hoje eu não sei como é que está agora, mas está vencendo agora dia 19 o acordo do gasoduto da Bolívia. Eu não sei se o Brasil ainda precisa, se vai renovar. Eu acho que precisa renovar, porque a Bolívia é o único país sul-americano superavitário, como o Brasil, por conta da importação de gás. Mas eu não ia brigar jamais com a Bolívia.

A segunda coisa, o problema do petróleo. Eu li um livro que me fascinou muito, que foi o livro chamado Petróleo. Eu tenho dificuldade de falar nome em inglês, então eu esqueço com muita facilidade o nome do escritor [o autor do livro é o norte-americano Daniel Yergin]. Mas é um livro de quase 1.000 páginas em que conta a história do petróleo desde que ele foi descoberto, pela primeira vez, nos Estados Unidos. De lá para cá, de 1859 até 2019, o petróleo está perdendo agora para a chamada indústria de dados, mas, na verdade, é que o petróleo sempre determinou a política mundial. Sempre, em todos os momentos. O petróleo causou mais guerra do que paz. E sempre na cabeça disso está quem? Os Estados Unidos. Hoje, todo mundo precisa saber que a guerra do Iraque foi feita por

conta do petróleo. Todo mundo precisa saber que a Petrobras descobriu, nos anos 80, o maior poço contínuo de petróleo no Iraque, que tinha por volta, eu não sei o número exato, por volta de 80 bilhões de barris de reserva. E que o Saddam Hussein, quando tomou a informação, tirou a Petrobras de lá e o Brasil pagou vendendo Passat para o Iraque. Esse petróleo estava lá e é por isso que foi feita a guerra com o Iraque. Não tinha esse negócio de armas químicas, cadê as armas químicas? Foi esse [John] Bolton que tirou o [José] Bustani da agência que cuidava de armas nucleares, de armas químicas, porque o governo brasileiro se acovardou. Então, o petróleo sempre foi o causador no Oriente Médio, vários guerras, vários, conflitos, vários preços.

E agora a mesma coisa. Veja, tentar jogar a culpa em cima do Irã é uma velha tática americana que não sabe trabalhar sem ter um inimigo. O inimigo é sempre ou latino-americano, ou árabe, ou russo, agora o chinês. Você tem que ter essa cara para ser inimigo. E a cara do anjo salvador da democracia é o americano. Aliás, os americanos nesse aspecto são fantásticos. Ou seja, eles tomaram uma surra no Vietnã, que até hoje eles não esqueceram, mas, veja, para a molecada que assiste esses filmes de super-heróis, do Rambo e de outros quetais, um cara ganha sozinho a guerra. Eles ganharam todas as guerras, todas as batalhas no Vietnã, no cinema. Então, os americanos não sabem trabalhar sem ter um inimigo. Então, o inimigo agora é o Irã.

Eu só queria lembrar o seguinte: o Irã não é um país qualquer. É preciso respeitar a cultura milenar do Irã, é preciso respeitar os 80 milhões de iranianos, é preciso respeitar as relações fronteiriças com um país muito importante, que é a China. E é importante que se descubra, de verdade, quem provocou a explosão da refinaria ao invés de você culpar, a priori, o inimigo. É mais ou menos o que aconteceu comigo aqui. É mais ou menos. Ou seja, inventaram uma mentira e ela foi comprada e vendida à sociedade pela Globo, a partir da mentira não tem que explicar mais nada. Vamos criar na sociedade uma convulsão de que nós não conseguimos derrotar o PT em eleições, já tínhamos ganhado quatro, íamos ganhar a quinta e se tivéssemos chances íamos ganhar a sexta. Porque somos melhores que eles, organizamos melhor que eles e fizemos mais do que eles. Então, encontraram um jeito e contaram uma mentira para a sociedade e eu estou aqui. Eu estou aqui. Quando essa mentira vai ser desenvolvida e explicada para a sociedade, o Intercept está cumprindo uma parte. Meus advogados, na minha defesa, cumprindo outra parte. A imprensa brasileira, você tem uma parte da imprensa tão canalha, mais tão canalha que eles não deram até hoje uma única notícia do Intercept. Uma notícia. Você pega o Jornal Nacional, só deram para livrar a cara do Faustão. Aí explicaram. Depois, não sei se deram algum pedacinho, para justificar a cara de alguém. Mas o dado concreto é que, na hora de publicar as mentiras como verdadeiras, eu tinha todo santo dia vinte minutos no Jornal Nacional mentindo e divulgando as mentiras do [Jair] Bolsonaro e as mentiras do [Deltan] Dallagnol. Do Bolsonaro não, desculpa. As mentiras do [Sergio] Moro e as mentiras do Dallagnol. Pois bem, eles não queriam saber se eram verdade. Eles não perguntavam para os meus advogados, eles não queriam saber a contrainformação. Agora, eles encontraram um argumento que não reconheço. Se tem uma quadrilha organizada nesse país chama-se a Lava Jato. É uma quadrilha organizada. Feita com o

objetivo inclusive de roubar dinheiro. Pega um acordo de R\$ 2,5 bilhões da Petrobras, pega o acordo com a Odebrecht, que está em um acordo de leniência que nós estamos tentando receber informações, que já pedimos inclusive ao Supremo Tribunal Federal, queremos o acordo de leniência da Odebrecht com a Lava Jato.

Haroldo Ceravolo Sereza: Desculpa interromper, mas queria voltar para as questões internacionais.

Lula: Mas que esse negócio da Lava Jato é o mais internacional de todos os negócios.

Haroldo Ceravolo Sereza: Por quê?

Lula: Porque, na minha opinião, o Brasil é refém. O Ministério Público brasileiro, através do [Rodrigo] Janot, através do Moro e através da Lava Jato, o Ministério Público brasileiro se submeteu ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América do Norte. Embutido por trás disso, está o interesse no pré-sal.

Haroldo Ceravolo Sereza: E quem que é o responsável por isso? É o Obama?

Lula: Veja, deixa eu te falar uma coisa. Em um país como nos Estados Unidos é muito difícil você culpar o presidente. Eu acho que o presidente é o último a saber, lá e o no Brasil.

Haroldo Ceravolo Sereza: Mas sentiu... depois eu queria falar de outro assunto...

Lula: Deixa eu te falar uma coisa. O problema é que desde que nós descobrimos o pré-sal, veja, pega o mapa e dê uma olhada. O pré-sal está na divisa da fronteira marítima do Brasil. Se não tivesse estendido para 200 milhas, que dá quase 300 quilômetros, o pré-sal estaria em águas estrangeiras, em águas internacionais. Então, ele está ali no limite, na divisa. Então, o que aconteceu que nós descobrimos o pré-sal, os americanos logo colocaram para funcionar a 4ª Frota, que tinha sido desativada na Segunda Guerra Mundial, logo depois da Segunda Guerra Mundial. Quando eles fizeram isso, nós discutimos e eu resolvi propor então aos países latino-americanos, da América do Sul, a criação de um Conselho de Defesa da América do Sul, que era para tentar fazer um contra ponto. Eles diziam, à época, que o petróleo era muito que caro e que não dava para explorar. E hoje, o barril do petróleo, do pré-sal, está a US\$ 6,5. Eu vi uma entrevista do [geólogo Guilherme] Estrella esses dias, em um debate, estava quase o mesmo preço do petróleo da Arábia Saudita, que é tirado quase na face da Terra. E vamos buscar ele a quase 7.000 metros de profundidade. E nós tínhamos a ideia de que o pré-sal, quando nós cunhamos a ideia de que ele era o passaporte para o futuro, é porque nós achávamos que, através do pré-sal, a gente deveria criar mais refinaria para exportar derivados e não óleo cru. E que a gente deveria fazer do pré-sal o passaporte do futuro. Ou seja, você destinar uma boa parcela do recurso do pré-sal investimento em educação, tecnologia e saúde. E ao mesmo tempo, criar uma forte indústria petroleira no Brasil. Uma indústria de gás, óleo, indústria naval...

Haroldo Ceravolo Sereza: E o ataque da Lava Jato acha que está relacionado a impedir isso.

Lula: Eu acho. Acho que está intimamente ligado. Porque veja, você está lembrado que em 2012, se não me falhe a memória, eu não lembro as datas, roubaram informações secretas da Petrobras, roubaram um container. Até hoje não se sabem onde foi parar esse container com informações sigilosas da Petrobras. A empresa que dava certificação para a Petrobras, na época, parece que era a empresa do vice-presidente do Obama [na verdade, a empresa responsável pelo container era a Halliburton, da qual já foi presidente o então vice-presidente do governo de George W. Bush, Dick Cheney]. Os americanos com as informações da Petrobras, eles tinham importância, por isso que eles não aceitavam a Lei da Partilha.

Haroldo Ceravolo Sereza: Acha que o governo Dilma caiu também por conta disso?

Lula: Eu acho que caiu. Era preciso tirar o PT.

Haroldo Ceravolo Sereza: Mas por que os governos da Bolívia, Cuba e Venezuela conseguiram resistir e o governo brasileiro não?

Lula: Olha, deixa eu te falar uma coisa, pois são coisas diferentes. São coisas diferentes, são culturas diferentes. Na Bolívia, eu lembro que na Venezuela quando eles deram um golpe no Chávez, em 2002. Quando eles deram o golpe na Venezuela, eu tomei posse em 2003, a primeira coisa que nós fizemos foi criar um Grupo de Amigos para tentar fazer um referendo revogatório que foi uma coisa que deu fôlego ao Chávez para continuar governando a Venezuela sempre muito tensa. Aqui no Brasil, veja, primeiro, eu não trabalhava com a ideia de que o PSDB, e sobretudo o Aécio [Neves], fosse fazer uma campanha do ódio que fizeram contra a Dilma. E depois que terminou a campanha, que perderam, resolveram boicotar o governo da Dilma. Ou seja, na verdade quando eles elegeram o Eduardo Cunha como presidente da Câmara, a ideia era não deixar a Dilma governar. A Dilma tentou mudar com medida provisória a questão da desoneração. Porque a Dilma tinha desonerado, entre 2011 e 2014, R\$ 540 bilhões, e ela queria acabar com a desoneração, porque nenhum caixa consegue perder tanto dinheiro assim. E colocaram o Eduardo Cunha para fazer maldade com ela. Ela mandava uma medida provisória para desonerar a fábrica de papel assim, e eles desoneravam 500 coisas. E foi criando um rombo no governo. E eu acho que nós demoramos para fazer, e quando nós fizemos foi de forma atabalhoada e perdemos parte de nossa base. Se você for conversar com a CUT, for conversar com as organizações sindicais vai perceber que muita gente estava muito puta com o PT por conta das propostas de reformas que a gente começou no final do governo da Dilma. Veio a posse e aí a verdade que a Dilma não conseguiu mais governar. Mas vamos lembrar, para as pessoas perceberem, que o Brasil, em dezembro de 2014, tinha 4,3% ou 4,6% de desemprego, era o menor da história do Brasil. E era um desemprego comparado à Dinamarca, comparado à Finlândia, à Noruega. Então, nós não conseguimos porque também o Congresso não trabalhou para ajudar a Dilma. Ali já havia a ideia de que era preciso infernizar a vida do PT e a vida da Dilma. Mesmo assim, eu tinha em mente que eles

não estavam atrás do impeachment só. Eu tinha em mente, já naquela época, que o objetivo deles era evitar que o PT governasse de 2014 a 2018, e que o PT pudesse me eleger em 2018. Aí seria a morte para os tucanos. Ou seja, porque o sonho do Fernando Henrique Cardoso era ficar 20 anos, e quem ia ficar mais de 20 anos era o PT no governo. E se nós ficássemos os 20 anos, certamente nós teríamos consertado esse país, muito mais do que fizemos nos primeiros 14 anos.

Haroldo Ceravolo Sereza: Ainda sobre os Estados Unidos, para encerrar o tópico, que eu acho importante, o senhor se sentiu traído pelo Obama quando ele atrapalhou o acordo Brasil-Turquia-Irã?

Lula: Olha, ele não atrapalhou o acordo. Eu acho que o Obama foi vítima. O que ficou claro é que é o seguinte: nenhum país que compõe o Conselho de Segurança da ONU tinha conversa com o [Mahmoud] Ahmadinejad. Eu, em uma reunião do G20, perguntei ao Obama, perguntei ao [então presidente francês, Nicolas] Sarkozy, perguntei para a [chanceler alemã Angela] Merkel, pro [então premiê italiano, Romano] Prodi, perguntei para vários companheiros europeus e para o Obama: Vocês já conversaram com o Ahmadinejad? Ninguém tinha conversado com o Ahmadinejad. Eu falei: Como é que vocês querem encontrar um caminho de paz se vocês não conversam com a pessoa?

Você não tem noção da minha conversa com o Ahmadinejad. Ahmadinejad vinha ao Brasil, ele não tinha muita relação comigo, a relação dele era com o Chávez e com o Evo Morales. Um dia eu estava em Nova York, ele estava lá e eu pedi uma conversa com ele. Porque ele tinha dito que os judeus queriam dizer que só eles tinham morrido na guerra e que era mentira de seis milhões [mortos no Holocausto]. Eu pedi uma conversa e fui falar para o Ahmadinejad, olha, eu quero saber se você pensa isso sobre os seis milhões de mortos de judeus em campo de concentração? Porque é verdade que morreram 60 milhões na guerra, mas os judeus não morreram na guerra, eles foram assassinados nos campos. É diferente. Então você não pode dizer que os judeus querem assumir o sofrimento pela guerra, porque eles foram vítimas. Não eram soldados. Eram seres humanos, crianças, mulheres e homens que foram assassinados barbaramente pelos nazistas.

Disso surgiu a conversa do enriquecimento de urânio. E eu falei para ele: olha Ahmadinejad, é o seguinte, se você quiser eu vou até Teerã conversar com você. Agora, o seguinte, eu defendo que você faça o enriquecimento de urânio nos moldes em que o Brasil faz. O Brasil enriquece urânio para fins científicos, e o Brasil quer o mesmo para você. Se você estiver disposto a conversar, eu vou ao Irã. E ele topou. Antes de ir, o Celso Amorim foi duas ou três vezes de forma meio sigilosa. Eu conversei com [o ex-presidente chinês Hu] Jintao, com Sarkozy, conversei com [o então premiê russo, Vladimir] Putin, depois eu conversei com o [então presidente russo Dmitri] Medvedev... Uns queriam que eu fosse, outros não queriam. Os americanos não queriam que eu fosse em hipótese alguma. O Obama não queria, depois o Obama achou que ia. O Obama até mandou uma carta para mim de coisas que ele achava que poderiam ser negociadas.

Só que eu acho que o Obama não conversou com a Hillary Clinton, e a Hillary Clinton era contra era contra. Olha, eu saí do Brasil para ir até o Irã. Quando eu chego em Moscou, Medvedev,

nós fomos fazer uma reunião, Medvedev falou: “olha Lula, eu recebi um telefonema do Obama pedindo para você não ir, pois você vai ser enganado e porque não sei das quantas”. Eu saí de Moscou, demos até um entrevista coletiva, em que eu falava que eu tinha 90% de crença que nós íamos fazer o acordo. Saí de Moscou e fui para o Catar. Cheguei em Doha e fui encontrar o emir [na época, Hamad bin Khalifa]. O emir me cumprimentou e falou: Lula, acabei de receber um telefonema da Hillary Clinton pedindo que você não fosse até Teerã, porque os iranianos não cumprem a palavra, porque eles são mentirosos e não sei das quantas. E ainda dizia com a arrogância da Hillary, dizia que, ah, Lula é ingênuo. Sabe a prepotência dos americanos de que só eles não são ingênuos? Eu falei eu vou, eu fui. E cheguei lá e nós conseguimos fazer um acordo muito melhor do que o acordo que eles fizeram agora. O que me surpreendeu? É que ao invés dos meus irmãos, dos países ricos, fiquem contentes que eu tinha junto à Turquia ter resolvido o problema que eles não tinham conseguido resolver, eles ficaram com ódio. Ficaram com ódio. E qual foi a resposta que eles deram? Além de [não] agradecer, fizeram novos bloqueios econômicos ao Irã.

Aí eu fiquei puto da vida, peguei a carta que o Obama tinha mandado e divulguei. E divulguei. Porque não pode ter molecagem nesse sentido. Não pode haver molecagem. Sabe, eu perdi quase três dias e fui ofendido. Se você pega as matérias dos jornais conservadores aqui no Brasil, você pega um jornal troglodita, que nem o Estadão, que me triturava. Me triturava, “que Lula não sei das quantas”, “Lula vai no eixo do mal”. Pois bem, nós conseguimos fazer Brasil e Turquia sob a batuta do meu querido companheiro Celso Amorim, que eu cansei de elogiar o Celso Amorim como o melhor chanceler do mundo no período em que ele foi meu chanceler, o mais competente de todos.

Haroldo Ceravolo Sereza: Queria falar um pouco de América Latina. Primeira questão, gostaria que fizesse uma avaliação breve sobre a eleição na Argentina. Qual sua expectativa com a eleição? O senhor acha que isso pode abrir um novo ciclo progressista? Temos que ser breves.

Lula: Mais do que expectativa, eu tenho desejo com [o peronista Alberto] Fernández ganhando as eleições. Acho que a Argentina precisa de uma pessoa que pensa no povo argentino, e não uma pessoa que pensa no mercado.

Haroldo Ceravolo Sereza: Qual é o balanço que faz sobre o Foro de São Paulo desses 30 anos? Pensando um pouco no Brasil e na Argentina, especialmente.

Lula: Olha, eu acho que o Foro de São Paulo pode ser maior se ele colocar as pessoas mais importantes para participarem do Foro de São Paulo. Por exemplo, eu quando fui presidente, não participava do Foro de São Paulo. O Chávez não participava do Foro de São Paulo, o [então presidente argentino Néstor] Kirchner não participava, ou seja, gente um pouco que abandona. E eu acho que o Foro de São Paulo pode ser uma coisa muito importante para uma organização política dos setores de esquerda da América Latina. Eu não sei se você sabe, várias vezes eu fui convidado para ser presidente da Internacional Socialista. Pelo companheiro [ex-premiê de Portugal, José] Sócrates, pelo

[ex-premiê da Espanha] Felipe González, pelo [ex-premiê espanhol José Luis Rodríguez] Zapatero, pelo [ex-premiê italiano Massimo] d'Alema e eu sempre me recusei. Primeiro que o Brasil, o PT não era filiado à Internacional. Segundo porque a Internacional tem a cara da Europa. Jamais poderia ser presidida por um latino-americano, teríamos que criar uma coisa nossa. E o Foro de São Paulo é essa coisa, que a gente pode criar a se a gente quiser. Agora tem o Fórum de Puebla [na verdade, o Grupo de Puebla], de que participou o [ex-prefeito de São Paulo Fernando] Haddad, o Celso Amorim e que pode ser uma coisa interessante.

Haroldo Ceravolo Sereza: O fato de vocês não terem participado, o senhor, o presidente Chávez, é um dos motivos por essa fantasia que existe em torno do Foro de São Paulo? Que é um grande conluio mundial...

Lula: O Foro de São Paulo é atacado da forma mais imbecil, mais imbecil. Se esses trogloditas que atacam o Foro de São Paulo participassem de uma reunião, eles iriam perceber que, sabe, na verdade, que eles falam do Foro de São Paulo, que eles falam de tudo. Falam de artistas, de cultura, falam de LGBT, falam de sindicato, falam da CUT. Ou seja, tudo virou um monstro para eles. Ou seja, a ignorância do desconhecimento. Essa gente nunca participou de nada que fosse plural. E o Foro de São Paulo é uma coisa plural, é um fórum carente, poderia ser mais forte, mais incisivo. Poderia ser uma grande organização.

Haroldo Ceravolo Sereza: A ausência de vocês...

Lula: Eu acho que a ausência prejudica. Se você tem um encontro na Venezuela que não participa o maior líder, se você tem no Brasil que não participa, se você tem na Argentina que não participa, que não participa no Uruguai, obviamente vai ficar enfraquecido.

Haroldo Ceravolo Sereza: Quinze anos depois do envio das tropas...

Lula: Aliás, só pra dizer uma coisa que é importante, eu não posso perder a oportunidade de dizer que o Foro de São Paulo foi uma criação nossa, do PT. Notadamente do Marco Aurélio [Garcia, ex-assessor internacional da Presidência da República] e minha, depois das eleições de 89. Eu nunca imaginei que poderia ganhar uma eleição por via do voto. Em 1989, eu descobri que era possível. Aí tomei a decisão de convocar uma reunião da esquerda latino-americana, que ainda pensava muito em luta armada, para mostrar a ela que era possível ganhar as eleições se organizando. E graças a Deus, quase todos os partidos que compõem o Foro de São Paulo já governaram os países da América Latina. E foi um momento muito bom para os países.

Haroldo Ceravolo Sereza: Falando de Haiti. Hoje, o Haiti, 15 anos depois do envio das tropas brasileiras, continua em situação de bastante subdesenvolvimento e destruído, submetido a um

governo oligárquico. E os generais que foram lá, hoje fazem parte do governo Bolsonaro. O senhor se arrepende de ter enviado essas tropas?

Lula: Não, não me arrependo. Veja, são coisas distintas. Sempre que você tiver que fazer um julgamento de procedimento humano, você precisa vincular o momento histórico em que as coisas aconteceram. O Brasil não foi lá para consertar o Haiti. O Brasil foi lá para tentar manter um clima de paz, de harmonia até se reconstruir as eleições, eleger as pessoas e criar a própria polícia do Haiti. Foi para isso que o Brasil foi para lá. Em contrapartida, os estados outros deveriam fornecer ajuda monetária para que a gente pudesse recuperar o Haiti. Um país que não tem o palácio de governo, que não tem a catedral em construção é um país que não existe.

Vamos ser francos. Eu tinha muita amizade com o [ex-presidente haitiano René] Préval, o governo do Brasil junto com Cuba criou a primeira UPA lá no Haiti. Lamentavelmente, as pessoas são hipócritas, porque as pessoas não dão dinheiro. As pessoas querem dar dinheiro para as ONGs deles lá dentro do país, com a ideia de que tem muita corrupção e então eu não vou dar dinheiro para o governo, vou dar dinheiro para ONG americana, alemã. Quando deveria dar o dinheiro diretamente para o Préval, ou para outro presidente que fosse eleito lá. Eu lembro que colocaram o [ex-presidente norte-americano] Bill Clinton lá para ser o arrecadador, não arrecadou nada. Eu não tenho números, mas se conversar com o Celso Amorim ele te dá, o Brasil parece que foi um dos poucos países que colocou dinheiro em cash no Haiti, porque a gente achava que deveria recuperar o Haiti. O Brasil mandou gente para lá para tentar ajudar na recuperação da agricultura familiar e no reflorestamento do Haiti. Agora, faz dez anos que eu deixei o governo.

Haroldo Ceravolo Sereza: Mas mandou os generais que estão no governo de Bolsonaro.

Lula: Mas os generais não eram meus. Você sabe que o presidente da República não escolhe o general, é uma bobagem imaginar que presidente escolhe general. Eles têm uma carreira, e na carreira que eles têm, vão galgando degraus. O alto comando se reúne e acha que o fulano de tal é melhor que você é melhor que o Breno [Altman, fundador de Opera Mundi], aí indica seu nome. Esse aqui tem mais cultura, é mais assíduo às aulas, sabe atirar melhor. Então, vem essa indicação. Vem junto com o ministro da Defesa e você indica. Você não vai dizer não, não quero esse, quero aquele, se que você não conhece as pessoas. Então veja, é muito difícil. Eu vejo que as pessoas fazem comparação, porque o [ex-presidente chileno Salvador] Allende indicou o [então comandante-em-chefe das Forças Armadas chilenas e, depois, ditador Augusto] Pinochet, e o Pinochet foi contra ele. O Allende indicou o Pinochet porque na época as informações que ele recebeu eram para indicar o Pinochet. Eu nunca pedi favor. Eu quero que os militares cuidem do Brasil, da segurança do Brasil. Se querem se meter em política, deixem as fardas, virem cidadãos civis e concorram. Porque se se meterem em política... Se tem uma coisa que militar nunca deixou de fazer no Brasil foi política. Desde a Proclamação da República.

Haroldo Ceravolo Sereza: O senhor acha que eles têm que parar?

Lula: Não, eu acho que pode fazer. Mas, quando vai fazer, tira a farda e diz que, agora, vou ser político, e vou me submeter ao debate. Faz como fizeram os outros. Agora, os caras querem encher a máquina de ex-general, de ex não sei das quantas, sabe?

Haroldo Ceravolo Sereza: O senhor falou que torce pela eleição do Fernández. E para os Estados Unidos em 2020? O senhor torce por alguém?

Lula: Não, é difícil. Veja, obviamente que eu torço sempre, sabe, se o Bernie Sanders ganhar as eleições seria ótimo. Eu não conheço as pessoas, então eu não tenho como dar palpite sobre outro país. A única coisa que eu acho é que um país como o Brasil, o Brasil é muito importante. A única coisa que falta ao Brasil é ele se respeitar. Você aprende uma coisa elementar no berço, você aprende com a sua mãe. Você tem que gostar de ser respeitado e você tem que respeitar os outros.

Haroldo Ceravolo Sereza: Por falar nisso, já que [o senhor diz que] seria bom o Bernie Sanders, mas a política externa do governo Bolsonaro. Como o senhor define essa submissão, aparente, pelo menos, incondicional à Casa Branca?

Lula: Eu acho humilhante para o Brasil. O papel do Bolsonaro na relação com os Estados Unidos é uma coisa humilhante. O fato dele indicar o filho para ser embaixador, ele tem o direito dele indicar quem ele quiser, é uma prerrogativa do presidente. É preciso saber se a pessoa tem condições, se está preparada. Porque a embaixada, politicamente mais importante para o Brasil, e que você não tem que estar preocupado em indicar um amigo, você tem que estar preocupado em indicar alguém que possa falar do tamanho do Brasil. Alguém que possa representar o Brasil.

Eu, sinceramente, não vejo preparo político para que o filho de Bolsonaro [o deputado federal Eduardo Bolsonaro, do PSL-SP] seja essa pessoa. Bem, se ele quer arcar com as consequências, que arque. A responsabilidade termina sendo do Senado. É o Senado que em última hipótese vai investigar, vai pedir para ele fritar um hambúrguer lá dentro do Senado. Pede para ele assar uma linguça, pede para ele fazer qualquer outra coisa, pois só hambúrguer não é credencial para alguém ser embaixador. Ser filho do presidente também não é. Isso aqui não é monarquia. Agora, é importante saber que a responsabilidade é do Bolsonaro indicar, mas quem vai referendar é o Senado. Então, a responsabilidade republicana é do Senado. Então, tem muita gente certamente, sem nenhum desmerecimento, pois não o conheço pessoalmente, mas certamente pelos indícios que eu tenho, tem muito gente mais preparada que o filho do Bolsonaro para ser embaixador dos Estados Unidos.

Haroldo Ceravolo Sereza: Mas não se resume a isso, esse alinhamento aos Estados Unidos. Tem uma série de outras políticas.

Lula: Veja, é total subserviência. Isso não faz bem para o Brasil. Não faz bem para o Bolsonaro, se você quer saber. Ninguém gosta de quem não se respeita, ninguém gosta de lambe-botas. Ninguém gosta de lambe-botas.

Haroldo Ceravolo Sereza: A gente tá acabando a entrevista, queria agradecer mais uma vez. Uma última pergunta, fala-se muito sobre o senhor para o Prêmio Nobel da Paz. Já imaginou algo que diria caso seja nomeado?

Lula: Olha, eu não sei. Acho que é a terceira, quarta vez que alguém diz que vai indicar. Eu quando ganhei aquele prêmio da Unesco, me disseram lá próprio presidente da Unesco que o próximo passo seria o Nobel da Paz. Fico imaginando aqui eu fiz campanha para [o arcebispo emérito de São Paulo] Dom Evaristo Arns, eu fiz campanha para [a médica e líder social] Zilda Arns. Ou seja, nós já tivemos pessoas no Brasil extraordinárias, que nunca ganharam um Prêmio Nobel da Paz. Já tivemos pessoas extraordinárias no Brasil, que nunca ganharam um prêmio de literatura. Então, eu não sei se é o problema da língua portuguesa, se é falta... Eu lembro que uma rainha, eu estava pousando com a minha família e com a minha delegação em um palácio. E uma certa rainha, que eu prefiro preservar o nome, disse: ó, Lula, você der um sinal de paz na Venezuela, se você tentar mostrar que a Venezuela não vai fazer nenhuma loucura, você tem facilidade de ganhar o Prêmio Nobel da Paz.

Eu disse, olha, não posso dar palpite sobre outro país. O Chávez é o que é, o Chávez foi eleito e pode criticar ele de qualquer coisa. Eu tenho críticas ao Chávez, mas minha relação era muito forte. Era uma relação de companheiros, eu achava ele muito voluntarista, eu achava. Mas não vou deixar de gostar dele por conta disso. E o Chávez fazia eleição a cada dois anos, vire e mexe ele tinha uma eleição, vire e mexe ele tinha uma eleição. Problema que na Venezuela todo mundo falava que era Lula. Chávez era meu amigo, o [antigo líder opositor e candidato à presidência Henrique] Capriles dizia 'eu sou o Lula da Venezuela'. E nós resolvemos uma coisa fantástica que foi a criação do grupo de amigos.

Uma vez eu fui a Letícia, na Colômbia, com o Celso Amorim e com o Marco Aurélio para evitar uma briga entre o Chávez e o [ex-presidente da Colômbia Álvaro] Uribe, na casa do Uribe lá em Letícia [cidade colombiana na fronteira com Peru e Brasil]. Nós fizemos um documento lá para mandar para o Chávez, olha era uma loucura. Eu cheguei a dizer para o Bush: olha, você quer que o Chávez pare de te encher o saco? Para de encher o saco dele. Pede para a Condoleezza [Rice, secretária de Estado dos EUA no governo George W. Bush] não ficar escrevendo artigo contra o Chávez no Miami Herald. Deixa o Chávez cuidar da vida dele, porque cada vez que você fala uma bobagem é uma passeata. Cada vez que o Uribe fala uma bobagem é uma passeata, lá e cá.

Então, parece que as pessoas, parece que tem pessoas que adoram uma briga para poder fazer política. E eu sou homem de paz. Eu aprendi na minha vida o seguinte: uma boa conversa resolve, em pouco tempo, o que uma grande discussão não resolve a vida inteira.

Haroldo Ceravolo Sereza: Obrigado, presidente.

Lula: Obrigado a você. Espero que você tenha feito todas as perguntas que você queria fazer. Se tiver alguma coisa importante que eu não respondi, você pode fazer uma carta, mandar pro Marco Aurélio [Santana Ribeiro, encarregado das mensagens a Lula], mandar para os meus advogados, que eles entregam, e eu posso responder a você, por escrito, para que você faça a sua entrevista completa e que o Breno [Altman, fundador de Opera Mundi] não venha depois encher o saco que eu não respondi todas as perguntas [risos].

ANEXO Q - Entrevista de Lula a Eduardo Moreira e Luiz Gonzaga Beluzzo do Jornal GGN, em 25 de setembro de 2019¹¹²

Sem política não há economia.

Acompanhe a entrevista do ex-presidente Lula para o GGN. O bate papo foi gravado na última quarta-feira (25/09) na sede da Superintendência da Polícia Federal em Curitiba (PR), onde cumpre pena no âmbito da Operação Lava Jato. Aos economistas Luiz Gonzaga Belluzzo e Eduardo Moreira, Lula falou com exclusividade sobre a decisão de não aceitar o regime semiaberto proposto pela Operação Lava Jato e fala sobre demais assuntos

O ex-presidente Lula, em entrevista exclusiva para o Jornal GGN, fala sobre economia política e política econômica. Os dois lados da moeda e que devem nortear o país. Fala sobre distribuição de renda, previdência, orçamento, empresas nacionais, conciliação nacional e desenvolvimento. Além disso, fala sobre a progressão da pena e a orientação que deu aos seus advogados para que não a utilizem, pois sairá de lá como entrou, inocente. Manda ainda um recado claro aos integrantes da Lava Jato e ao ex-juiz, que o condenaram sem provas e que hoje se veem às voltas com a Vaza Jato. A entrevista teve a participação do economista Luiz Gonzaga Beluzzo e de Eduardo Moreira.

Nosso editor Luis Nassif não pode comparecer por um problema banal: pedra no rim.

¹¹² SEM política não existe economia, diz Lula em entrevista ao GGN. Eduardo Moreira e Luiz Gonzaga Beluzzo. **TV GGN**, 25 set. 2019. 1 vídeo [108 min]. [Transcrição de parte da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MsiSfnNSx5U&t=2199s>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ANEXO R - Entrevista de Lula a TV Migalhas, em 2 de outubro de 2019¹¹³

Na longa conversa, opiniões contundentes do ex-presidente sobre Sergio Moro e Deltan Dallagnol, o papel da Suprema Corte brasileira, e a influência norte-americana no país. Com o recém-lançado livro de Rodrigo Janot nas mãos, Lula assegurou: até o último suspiro, vai gritar e lutar por sua inocência. Acompanhe logo mais toda a cobertura no site Migalhas.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

2 de outubro de 2019 - Realizando o mais lúdimo exercício democrático de informar, Migalhas foi ontem à sede da Polícia Federal de Curitiba para entrevistar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que está preso há 544 dias.

Cumprindo todos os trâmites legais (petição à juíza da vara de execuções, manifestação do MPF e da defesa), foi-nos autorizada a entrevista, na qual queríamos abordar as questões eminentemente jurídicas.

Chegamos à sede da PF por volta das 8h. Os policiais, que tratam a todos com cerimonioso respeito, indicaram a sala para montagem do equipamento de filmagem no 3º andar. Antes, visitamos, em frente ao edifício, a vigília montada por grupos e associações que, indefectivelmente, dão bom dia (9h), boa tarde (14h30) e boa noite (19h) ao ex-presidente, em alto e bom som. Acerca do prédio da PF, interessante anotar que, por ironia do destino, foi construído na gestão de Lula, sendo Marcio Thomaz Bastos o ministro da Justiça – há até mesmo uma placa na entrada com essa informação

Às 9h25 o ex-presidente irrompeu a sala.

Usando a mesma gravata usada quando depôs ao então juiz Sergio Moro no caso que o levou à prisão, Lula cumprimentou um a um, sentou-se na cadeira adrede colocada atrás de uma pequena mesa, e começamos a conversa que durou regulamentares 60 minutos; O que foi dito ali os leitores irão ver hoje, e nos próximos dias, nos vídeos que estamos selecionando de acordo com os temas. Esclareça-se que a edição se justifica para que fiquemos apenas circunscritos às *questões afetas ao meio jurídico, deixando os eventuais comentários políticos para os veículos especializados*.

Independentemente das paixões e crenças ideológicas que cada um respeitosa e tenha, queremos crer que se trata de um registro histórico. Ademais, ouvir o que o ex-presidente da República tem a dizer em seu cárcere, concordando-se ou não, é um salutar exercício democrático. De modo que, ouçamo-lo.

Migalhas esteve ontem na sede da Polícia Federal, em Curitiba, para uma entrevista exclusiva com Luiz Inácio Lula da Silva. O ex-presidente falou sobre o Supremo Tribunal Federal, a operação Lava Jato e as declarações de Rodrigo Janot no recém-lançado livro.

¹¹³INTEGRA de Lula ao Migalhas. **TV Migalhas**, 02 out. 2019. 1 vídeo [65 min]. [Transcrição resumida fornecida pelo site Migalhas]. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/LulaFala>. Acesso em: 11 ago. 2021.

TEMA: O LIVRO DO JANOT

O ex-presidente Lula segurava nas mãos o recém-lançado livro de confissões lançado pelo ex-procurador-Geral da República, Rodrigo Janot. Entre suas falas, Lula contou que sempre soube da "farmacinha" de Janot, apelido de geladeira que o ex-PGR mantinha com bebidas alcoólicas no gabinete. "Essa gente não tem noção da responsabilidade do cargo que exerce."

TEMA: INDICAÇÕES AO STF

Tendo sido o presidente da República após a redemocratização que mais indicações fez ao STF – foram oito durante os dois mandatos -, Luiz Inácio Lula da Silva assegura: não se arrepende de nenhuma delas. Carmen Lúcia e Joaquim Barbosa foram citados pelo ex-presidente: Lula afirmou que tem “o maior orgulho” de ter indicado mais uma mulher na Suprema Corte e o primeiro negro do Tribunal. Ao contar como fazia para escolher o próximo ministro, explicou que “sempre conversava” com o ministério da Justiça, a AGU, a Casa Civil, e sempre consultava personalidades do mundo jurídico. Entre 2003 e 2010, indicou os ministros Cezar Peluso, Ayres Britto, Joaquim Barbosa, Eros Grau, Ricardo Lewandowski, Carmen Lúcia, Menezes Direito e Dias Toffoli. Das oito indicações restam no supremo apenas três ministros: Lewandowski, Carmem Lucia e Dias Toffoli.

“Eu nunca levei em conta o critério religioso. Nunca perguntei: você é católico, você é evangélico, você é da religião judaica? Nunca perguntei, nunca. Eu queria saber do curriculum, do conhecimento jurídico do cidadão. Se ele estava à altura da função. Com base nisso eu indicava. Não indicava por outra razão. Eu por exemplo tenho orgulho na minha vida, que foi ter indicado mais uma mulher para a Suprema Corte, que foi a Carmem Lucia. Ter indicado o primeiro negro, que foi o Joaquim. Eu tenho orgulho. Alguém pergunta assim para mim: mas Lula você não se arrepende de ter indicado ninguém? Não, não me arrependo. Se eu estivesse na mesma situação que eu estava, e tivesse as mesmas informações, eu os indicaria. Porque eu não indiquei eles lá para pedir favor para eles. Eu não indiquei eles para defender o PT. Eu indiquei eles para defenderem a Constituição, e para serem o garante da Justiça nesse país grande e potente. Nunca indiquei um amigo. **Indiquei da forma mais republicana que alguém pode indicar. Não pedi favor na hora de indicar, não pedi favores no exercício da presidência e não peço favor agora.** O único favor que eles devem é à consciência deles e à Constituição Brasileira, não a mim. Sabe, eles estão lá para cumprir a Constituição, que é o que eu espero.”

TEMA: DELAÇÕES

"Prender cidadão do jeito que eles fizeram, manter o cara condenado 30, 40, 50 anos, e depois falar para o cara: olha, tem um prêmio. O baú da felicidade é vocês citarem o nome do Lula." A afirmação é do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que assegura: sempre foi objeto de desejo da operação Lava Jato.”

"A desgraça de quem conta a primeira mentira é que passa o resto da vida mentindo para justificar a primeira mentira. E eles construíram a mentira do Dallagnol, do Power Point. O Moro construía a mentira do contexto. Com base nisso, nada valia"

TEMA: MORTE DO NETO

O episódio foi revelado ao Migalhas em abril, em entrevista concedida pelo ex-primeiro-ministro de Portugal José Sócrates.

Demonstrou uma relação humanista muito grande", disse Lula sobre ligação do ministro Gilmar Mendes ao ex-presidente durante o velório de seu neto. "Por detrás daquela fisionomia dura, às vezes carrancuda, tem humanismo."

TEMA: MANDATO DO ATUAL PRESIDENTE

É preciso respeitar pessoas que estão exercendo o cargo." Essa é a opinião do ex-presidente Lula ao criticar promessa de cargo no Supremo antes de haver vaga aberta na Corte. A declaração é referente à promessa de Bolsonaro a Moro sobre vaga de Celso de Mello - que só será pego pela compulsória em novembro de 2020. Ao Migalhas, o ex-presidente alfinetou: "tem uma coisa que a gente traz da educação que a gente teve".

Ao falar do atual presidente da República, Lula lembra que Bolsonaro foi eleito, tem quatro anos de mandato e pode governar. "Não adianta a oposição ficar inquieta querendo que o Bolsonaro derreta, que ele acabe." "Deus queira que ele faça a coisa certa, para o povo brasileiro não sofrer", destaca. E finaliza: "o mesmo povo que elege é o mesmo povo que deselege, que não elege outra vez".¹¹⁴

¹¹⁴ Em 2019 Lula ainda defendia que Bolsonaro cumprisse o mandato. Não era favorável a pedido de impeachment.

ANEXO S - Entrevista de Lula a TV Russia Today, pelo repórter Ignacio Rubilla, em 3 de outubro de 2019¹¹⁵

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva concedeu uma entrevista exclusiva ao repórter Ignacio Rubilla, do canal russo **Russia Today (RT)** em que fala sobre o **cenário político internacional**.¹¹⁶

Em uma prévia divulgada pela RT nesta quinta-feira (3 de outubro 2019), Lula elogia o papel desempenhado pelo presidente Vladimir Putin e critica o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

"O Brasil é muito grande, pode ser um país soberano. O Brasil pode ser um país protagonista da política internacional, sabe? Uma coisa que eu estou orgulhoso é o papel do Putin na história mundial atual, o que significa que o mundo não pode ser tomado como refém pela política estadunidense. Pela loucura de Trump, a loucura de um presidente estadunidense que acha que pode invadir qualquer país, matar qualquer presidente, sabe? Alguém precisa detê-lo! E o Brasil pode detê-lo", afirmou Lula.

Lula também aproveitou para falar sobre a situação da Venezuela, criticou o que chamou de tentativas de "intromissão" e chamou Guaidó de "mentira".

"Não estou de acordo com a intromissão estadunidense, a intromissão brasileira, a intromissão colombiana, qualquer que seja a intromissão, tratando de governar um país soberano. Inventando um candidato, sabe? Inventam uma mentira como Guaidó, sou totalmente contra isso. Essa é uma coisa que todo país democrático deve assumir", disse.

O ex-presidente também comentou a situação política do Peru, em que nesta semana o presidente Martin Vizcarra dissolveu o Parlamento, que por sua vez declarou vacância do presidente.

"Só há uma forma de resolver isso, se chama democracia. Então, se a situação do Peru é ruim, que sejam convocadas novas eleições", disse.

¹¹⁵LULA à RT: o Brasil pode ser um país protagonista da política internacional. **Brasil 247**, 03 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasil247.com/mundo/lula-a-rt-o-brasil-pode-ser-um-pais-protagonista-da-politica-internacional>. Acesso em: 11 ago. 2021.

¹¹⁶Assista a íntegra da entrevista exclusiva de Lula para Russia Today, em espanhol: ENTREVISTA exclusiva al expresidente brasileño, Luiz Inacio Lula da Silva. **RT en Español**, 03 out. 2019. 1 vídeo [51min]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gCXVWK5fL00&t=8s>. Acesso em 11 ago. 2021.

ANEXO T - Entrevista de Lula ao Canal France 24 (Grupo RFI), em 11 de outubro de 2019¹¹⁷

O ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, concedeu nesta sexta-feira (11) uma entrevista exclusiva ao canal de TV francês France24 na sede da Polícia Federal de Curitiba. Encarcerado há um ano e meio, o ex-sindicalista, agora com 74 anos, quer "provar que ladrões são os que me prenderam". Ele afirma possuir "a energia de um homem de 30 anos" e declara que não quer "adiar sua sentença", mas ser "inocentado".

Logo no início da entrevista, Lula se disse tranquilo, porque, segundo o ex-chefe de Estado, "o Brasil vem de um processo de mentiras muito grande desde o golpe da presidenta [sic] Dilma. Inventaram uma mentira e da forma mais canalha possível caçaram o mandato de uma presidenta eleita democraticamente". "Depois do impeachment de Dilma, eu tinha certeza que o próximo passo seria o que fazer com o Lula", afirma.

"Começaram utilizando a Polícia Federal, o Ministério Público e o Poder Judiciário, sobretudo a primeira e a segunda instância para fazer denúncias contra mim. Eu poderia ter ido para um outro país ou para uma embaixada, mas resolvi vir para cá para poder provar a minha inocência", disse o ex-presidente brasileiro. "Eu quero provar que os mentirosos são aqueles que me acusaram", declarou.

Corrupção

"Quem pratica a corrupção a pratica em silêncio", disse Lula, quando questionado sobre porque não sabia sobre as acusações dentro da Petrobras. "Quem pratica a corrupção nem sempre ocupa o cargo principal de uma empresa, normalmente são pessoas que estão em cargos secundários e a Petrobras é uma empresa que possui uma governança muito grande e um Conselho da Sociedade Civil, e as pessoas que estavam praticando crimes, se é que praticaram os crimes que estão dizendo que praticaram, são pessoas que estavam há mais de 30 anos na empresa", afirmou.

Liberdade ou nada

"Eu não quero progressão da pena", disse mais uma vez Lula, confirmando declarações prévias à imprensa brasileira. "Eu quero a minha i-no-cên-cia", disse. "Ou esses canalhas que me prenderam provam que eu cometi um crime, porque eu já provei que não cometi, me libertam e pedem desculpas ao povo brasileiro, ou terão que encontrar uma outra solução."

Lula confessou que quando se entregou à Polícia Federal não esperava ficar tanto tempo preso: "Vim para cá na expectativa de que alguma coisa fosse votada, algo que me tirasse daqui rápido". O ex-presidente ainda declarou que vai desmascarar o juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dallagnol.

¹¹⁷ "QUERO a minha inocência" diz Lula da Silva na France 24. **RFI**, 11 out. 2019. [Transcrição resumida fornecida pelo site RFI]. Disponível em: <http://www.rfi.fr/pt/mundo/20191011- quero-minha-inocencia-diz-lula-da-silva-na-france-24>. Acesso em: 11 ago. 2021.

“Eles não sabem o que é mexer com um cidadão brasileiro que sobreviveu à fome até os cinco anos de idade. Quem não morre na terra em que nasci até cinco anos, não vai morrer por causa de uma denúncia”, completou.

“O Moro não terá coragem de ser candidato à presidência da República, e se for, não ganha”, disse ainda Lula. “Ele não tem proposta para nada. Ele aprendeu e decorou uma parte do código penal brasileiro e nada mais do que isso”, afirmou.

Lula candidato?

“Não vou dizer que sou candidato, nem que não sou, vou deixar o tempo passar para ver o que vai acontecer. Quero apenas que você saiba que sou um homem de 74 anos com energia de 30, e ainda quero casar quando sair daqui”, declarou.

Sobre a questão ambiental, Luiz Inácio Lula da Silva considera que seu governo provavelmente liderou a política mais protetora do meio ambiente. E não se incomodou em criticar o atual presidente do Brasil: “Estamos vivendo um momento de insanidade de um governo que não tem o menor critério de proteção ambiental. O Bolsonaro não gosta de índios, de seringueiros, de árvores petistas, pobres ou sindicalistas. Ele já disse que índio é vagabundo, que preto é vagabundo, que petista tem que morrer”, lembrou.

“A Amazônia é território soberano do Brasil, mas o Brasil precisa ter consciência de que a biodiversidade produzida pela Amazônia e o ecossistema da Amazônia interessam a todo o planeta. É importante que a gente tenha sempre a possibilidade de criar mecanismos de arrecadação de fundos para que a gente possa proteger a Amazônia e produzir um desenvolvimento sustentável”, disse.

Perguntando sobre se não teria estimulado demasiadamente o consumo em seu governo, Lula disse que “sem consumo não há sociedade”. “Eu só quero que o povo tenha dentro da casa dele o que você tem na sua”, respondeu o ex-presidente. “Isso não é ser consumidor, isso é ter direitos”, afirmou.

ANEXO U - Entrevista de Lula a Paulo Dentinho da Rede de Televisão Portuguesa (RTP), em 15 de outubro de 2019¹¹⁸

Paulo Dentinho: Boa noite, Luiz Inácio Lula da Silva, antigo líder brasileiro está preso neste prédio Delegacia da PF de Curitiba. Ele foi condenado por corrupção a uma pena de 8 anos e 10 meses.

Lula da Silva dá hoje a primeira entrevista a um órgão de imprensa português, desde que foi encarcerado em abril de 2018.

Paulo Dentinho: Presidente Lula, sua liberdade de opinião está condicionada pelo fato de o senhor estar preso.

Lula: Eu fui preso para que não pudesse ser candidato a presidente da República. Minha prisão é de cunho eminentemente político, ela aconteceu já dentro do pacote que estabeleceu o golpe do impeachment da Presidente Dilma Rousseff, e eu então estou aqui tentando mostrar para a sociedade brasileira e para o mundo como é que os novos golpes se deram na América Latina no sec. XXI, diferentemente do sec. XX, hoje se utiliza o poder judiciário, se utiliza as instituições públicas para poder condenar uma pessoa.

Eu então tento utilizar os meios de comunicação para tentar contar a minha versão sobre as mentiras contadas sobre o Lula.

Paulo Dentinho: E foi por isso que o senhor teve a oportunidade de mudar para o regime semiaberto, para um regime domiciliar e se recusou?

Lula: Não se trata de recusar, se trata de caráter. E caráter a gente não encontra em supermercado. O que acontece é que eu quero a minha liberdade plena, eu quero o meu atestado de inocência, porque quem deveria estar condenado é quem contou mentiras a meu respeito. Então você tem inquéritos policiais mentirosos; você tem acusações do Ministério Público mentirosas e você tem sentença mentirosa. As mesmas pessoas que contaram mentiras a meu respeito, como as coisas estão mudando no país, vieram a público pedir que o Lula vá para sua casa como um prêmio de progressão da pena. Eu não quero progressão da pena, eu quero minha inocência. Eu quero que julguem o mérito do meu processo. Ponto.

Paulo Dentinho: Mas justamente o senhor teve consequências familiares, basta lembrar do funeral do seu neto, que o senhor não foi porque não deixaram ir.

¹¹⁸LULA fala para o mundo: entrevista para RTP de Portugal. **Canal da Resistência**, 15 out. 2019. 1 vídeo [23min]. [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oMp4FUHfB58>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Lula: No funeral do meu neto eu fui. Eu não fui ao funeral do meu irmão, porque um juiz decidiu que eu só poderia ir a um quartel e que o cadáver fosse me visitar. Não era eu que iria visitar o corpo do meu irmão, era o corpo do meu irmão, era sua família que teria de se locomover de onde ele morava até o quartel onde eu estaria. Eu achei que era muito sacrifício um defunto fazer uma viagem para visitar o irmão que estava vivo. Então eu não aceitei isso.¹¹⁹

O segundo eu fui no velório do meu neto, o que acontece claramente é que quando você comete um crime, que você se sente culpado, você fica implorando a progressão de pena, quer ir para casa, já tem uma condenação de não sei quanto tempo, quer ir para casa ficar com os filhos. Isso quando a pessoa é culpada. Quando a pessoa é inocente, ela não precisa de progressão, ela precisa de um julgamento justo. Como eu acho que o Juiz Moro mentiu, que o Procurador Dallagnol mentiu, que o delegado que fez o inquérito mentiu, eu quero um julgamento justo.

Paulo Dentinho: Essas afirmações de um suposto conluio entre o juiz que o condenou e o procurador que o acusou, lhe surpreenderam quando o *The Intercept* revelou?

Lula: Não me surpreenderam porque as denúncias que o Intercept está fazendo, eu e meu advogado já fazíamos antes.¹²⁰ Porque, Paulo, você tem que compreender que têm quatro pessoas que sabem da verdade neste país: Deus sabe que eu sou inocente; eu sei que eu sou inocente; o Moro sabe que eu sou inocente e o Dallagnol sabe que eu sou inocente. Os desembargadores do TRF-4 do Rio Grande do Sul também sabem que eu sou inocente. Então eu não estou pedindo favor, eu estou apenas afirmando o seguinte: eu quero um julgamento justo. Se vocês provarem com provas materiais que eu cometi algum delito, eu fecho a minha boca e vou cumprir a minha pena. Mas se vocês não provarem, eu quero a minha liberdade e quero a condenação de vocês. Eu quero a punição de quem errou.

Paulo Dentinho: Presidente Lula o senhor acha que houve uma politização da justiça visando assim?

Lula: Paulo, eu quero que fique muito claro para meus amigos portugueses e minhas amigas portuguesas: aqui no Brasil houve um conluio. Você precisa entender isso: houve um conluio entre o juiz com Ministério Público – o procurador – com a Polícia Federal – os delegados que fizeram o inquérito e a imprensa.

A imprensa brasileira tem muita culpa na desagregação das organizações políticas e do ódio que está estabelecido neste país. Porque a imprensa brasileira criou um ídolo de barro, ou seja, a PF, o MP e o Judiciário trabalhavam com uma assessoria de imprensa como jamais se tinha visto neste país. As manchetes de jornais eram vazadas para a imprensa – televisão, rádio, jornal e revista – antes de a defesa receber as informações.¹²¹

¹¹⁹ Lula expõe o ridículo da decisão do Toffoli.

¹²⁰ Argumento de Lula: as denúncias do *Intercept* já estavam nos processos de Lula, mas não foram considerados.

¹²¹ *Lawfare* e a Globo.

Paulo Dentinho: Mas presidente, o senhor foi condenado em diversas instâncias, não foi?

Lula: Eu fui condenado em segunda instância antes dos desembargadores lerem o processo. Eu sou vítima de uma coisa chamada *lawfare*. Você não precisa de prova, você escolhe uma vítima e em torno dela começa a trabalhar toda e qualquer acusação que vai sendo aceita pelo juiz, vai sendo aceita nas outras instâncias. A meu respeito eu estou desafiando a PF que participou do inquérito, estou desafiando o MP, estou desafiando os juízes que participaram do meu julgamento, estou desafiando os empresários brasileiros, estou desafiando os políticos que gostam e que não gostam de mim a mostrarem uma única prova de ilícito cometido por mim na minha vida pública. E estou desafiando porque eu tenho consciência que eu sou inocente. Eles têm muita possibilidade de me desmoralizar. É só apresentar uma prova. Você sabe qual foi a acusação feita contra mim? Um procurador depois de investigar minha vida durante anos, depois de fazer coercitiva, invadir minha casa sem mandado, invadir a casa dos meus filhos, ficou uma hora e meia na televisão fazendo acusações e ao terminar ele diz a seguinte frase: não me peçam provas, eu só tenho convicção. Depois que um cidadão fala isso ele deveria ser preso na hora e ser exonerado a bem do serviço público. Aí essa frase antológica vai para o juiz. Depois de todo o inquérito o juiz me condena, e sabe qual o crime? Eu fui condenado e o crime é fato indeterminado. Ou seja, ele também não sabe qual foi o crime que eu cometi. O TRF-4 que é a segunda instância me julgou sem ler o processo. Sem ler o processo.

Nós estamos vivendo um momento nesse país que você não precisa provar que a pessoa cometeu um crime, você condena porque você quer condenar. E eu estou convencido que tudo aconteceu primeiro por interesses americanos na descoberta do pré-sal brasileiro, que é a maior descoberta de petróleo no séc. XXI. Aconteceu porque foi feito um convênio da Secretaria de Estado dos Estados Unidos com o Ministério Público brasileiro e com o senhor Moro, e aconteceu porque se o Lula tivesse sido candidato a presidente, o Lula seria o Presidente da República.

Paulo Dentinho: Deixa eu fazer essa pergunta então: se se confirmar tudo aquilo que estais a dizer, isso retira alguma legitimidade da eleição presidencial de Jair Bolsonaro?

Lula: Na minha opinião, tira. Tira muito a legitimidade. Primeiro porque o candidato que poderia ganhar não pode participar das eleições.

Paulo Dentinho: As Nações Unidas pediram que o ex-presidente Lula tivesse garantidos os seus direitos, certo?

Lula: Eu tentei brigar para que eu tivesse meu direito de concorrer, porque no Brasil até então já tinha muita gente que tinha concorrido sob *judice* e tinha ganhado as eleições e tinha sido julgado depois. Eu quando vim aqui para a PF eu cresci 16 pontos nas pesquisas de opinião pública. Eu certamente, se fosse candidato poderia ter ganho as eleições no primeiro turno. Então essa é a certeza que eu tenho do porque não me deixaram ser candidato. Então o objetivo do golpe era esse, tentar evitar que o PT voltasse ao governo, e sobretudo que Lula voltasse ao governo.

Paulo Dentinho: O senhor tem muitos pedidos e tem dado algumas entrevistas a órgãos internacionais, agora essa à RTP. Isso faz parte da sua estratégia de defesa para que o mundo não o esqueça?

Lula: Não, isso faz parte da defesa da minha honra, isso faz parte da defesa da minha dignidade. Eu digo sempre que fui criado e educado por uma mulher analfabeta, que era a minha mãe. Ela me ensinou uma coisa, ela me ensinou a ter caráter. Ela me ensinou a andar de cabeça erguida. Eu resolvi levantar a cabeça para poder me defender. Eu tenho mais de oitenta capas de revistas contra mim. Eu tenho mais de duzentas horas no principal jornal da TV brasileira contra mim. Eu tenho milhares de primeira página de jornais contra mim. Eu tenho milhares de notícias de rádio contra mim. E enquanto há uma unanimidade de condenar o Lula, há uma unanimidade em transformar o Moro em herói. Eu quero provar que o Moro é que é o bandido, e não o Lula.

Paulo Dentinho: Qual é o seu grau de segurança de que a mesma justiça que o condenou irá agora o inocentar?

Lula: Qual é a minha expectativa na Suprema Corte? É que a Suprema Corte existe para ser uma espécie de garante da Constituição. Ela é a última instância e tem o poder é que nem tem mais para onde recorrer, a não ser para Deus. Eu espero que a Suprema Corte faça justiça. Eu espero que a Suprema Corte atente para os inquéritos do processo, que leve em conta tudo que está sendo dito pelo *Intercept*, tudo que está sendo dito pela minha defesa, tudo que está sendo dito por advogados espanhóis, advogados portugueses, advogados italianos, advogados alemães, pelo apoio político do mundo inteiro que está acompanhando esse processo. Eu só estou na expectativa de que a Suprema Corte faça justiça. Eu quero ir para casa com a cabeça erguida como eu vim para cá. Eu quero que você saiba, Paulo, que eu poderia não ter vindo para a PF. Eu poderia ter ido para outro país, eu poderia ter ido para uma Embaixada. Mas eu tomei a decisão de ir para cá porque eu quero provar minha inocência e que o Moro é mentiroso. Quero provar que o Moro é um ídolo de barro. Quero provar que os procuradores que me acusaram são mentirosos. É por isso que eu estou aqui.

Paulo Dentinho: Na última campanha eleitoral houve dois temas muito marcantes: corrupção no Brasil, generalizada, e fizeram de si um exemplo de corrupção. Enquanto político que desempenham altas funções no Estado, não sente alguma mágoa de não ter lidado ou não ter combatido essa corrupção generalizada?

Lula: Eu poderia ter tomado a decisão de uma vez por mês ou uma vez por ano ir jogar golfe com a elite brasileira, ao invés de ir visitar os sem-terra, os sem-teto, os catadores de papel, os moradores de rua com os quais eu me reunia todo Natal. Se eu tivesse ao invés de me reunir com essa gente, eu tivesse ido jogar golfe, possivelmente eu não tivesse tido o final que eu tive. A única explicação que eu encontro para o processo e que pela primeira vez na história deste país, e você deve conhecer um

pouco da história deste país, da elite perversa, uma elite política canalha. Pois pela primeira vez o povo pobre teve o direito de ser tratado com cidadania; pela primeira vez o salário mínimo aumentou setenta e quatro por cento, pela primeira vez trinta e seis milhões de pessoas deixaram a extrema pobreza, pela primeira vez quarenta milhões de pessoas passaram a ter um padrão de consumo da classe média; pela primeira vez geramos vinte e dois milhões de empregos, mesmo na crise de 2008, quando eu disse que a responsabilidade da crise era do sistema financeiro, no centro do capitalismo.

Paulo Dentinho: Mas como é que a corrupção se instala como tema de campanha?

Lula: É porque no Brasil, acho que em Portugal também, acho que na Espanha também, acho que no mundo inteiro, toda vez que alguém está fazendo alguma coisa que a oposição não gosta, começa a acusação de corrupção. No Brasil nós já tivemos Getúlio Vargas, já tivemos Juscelino...

Paulo Dentinho: Mas a corrupção não mina a Democracia?

Lula: eu não estou preocupado com as denúncias, eu estou preocupado é com as provas. Porque se tem algum presidente da República que criou as condições pra que se investigasse a corrupção, fomos nós. Pode perguntar para o Diretor-geral da PF, pergunte para o procurador geral da Procuradoria da República, pergunte para quem você quiser. Se tem um partido que criou as condições de investigação de corrupção, foi exatamente nos doze anos de governo do Partido dos Trabalhadores.

Eu acho que quem roubou tem que ir para a cadeia, que quem praticou corrupção tem que ir para a cadeia, agora a pessoa para ir para cadeia, você tem que provar, tem que mostrar o crime. O que você não pode é condenar a pessoa por ser seu inimigo político.¹²² Eu estou apenas esperando que eles apresentem minha prova de culpabilidade. As minhas provas eu já apresentei. E tem mais dez processos, é uma mentira atrás da outra, e eu pretendo enfrentar todas as mentiras para poder provar a podridão que está acontecendo nos inquéritos contra o Lula.

Paulo Dentinho: Deixa agora eu passar para uma outra pergunta. Muita gente quer saber, se preocupa de como o presidente Lula passa o tempo aqui. Mantém-se informado do que se passa no seu país e no mundo? Como são seus dias?

Lula: Eu tenho na cela uma TV aberta, eu não tenho TV a cabo nem internet. A programação não é da melhor qualidade, os programas não são apetitosos. Eu assisto os jornais rotineiros do Brasil. Eu recebo informações do mundo aí fora, eu recebo pen-drive de coisas que acontecem no meu partido, do prêmio de Paris, recebo análise de conjuntura de alguém a quem eu peço para fazer. Tem uma coisa que eu acreditava muito que é fazer do Brasil um país protagonista na política externa.

¹²² *Lawfare.*

Paulo Dentinho: Mas agora tem outro presidente, outra política externa. Qual o balanço que o presidente Lula faz desse Jair Bolsonaro?

Lula: O balanço é negativo, é que você não tem um cidadão que foi eleito para governar o país pensando na melhoria do Brasil, na melhoria do povo brasileiro, você tem um cidadão que é um demolidor, um destruidor da Democracia neste país. É um cidadão que não gosta de cultura, por isso tem que destruir todos os mecanismos que fortalecem a cultura. Ele não gosta de liberdade por isso tem que ter milícia, ele não gosta de emprego por isso tem o Ministro da Fazenda que quer que se venda tudo, inclusive a Petrobras. Eu sinceramente não acho que ele esteja governando o Brasil, ele está na verdade dando autorização para vender o país. Ele já vendeu a Embraer, que era a terceira empresa de aviação do mundo, era mais importante que a Cia. Canadense, ele vendeu para a *Boeing*. Ele já vendeu a BR que era a empresa transportadora do Petróleo, agora quer vender a Petrobras, quer vender a empresa de energia, tudo em benefício de um sistema arrecadatório para pagar juros da dívida pública, ou seja, você não vende um patrimônio para pagar a dívida pública, pelo contrário pode até contrair mais dívida desde que você venha a construir os ativos que permitam que o país volte a crescer, que volte a gerar empregos.

Paulo Dentinho: Nesse momento não há sinais de uma pequena recuperação?

Lula: É engraçado porque você pode odiar o monstro, o país pode ir para uma quebradeira total, mas em algum momento a economia vai voltar a crescer, independentemente até do governo. A economia pode crescer um pouco, mas a partir de que patamar? Quantas pessoas já foram prejudicadas? Quantas pessoas já ficaram para trás? Quando tem uma seca muito grande, que passa muito tempo sem chover, um dia vai chover, mas me diga o seguinte: quando começa a chuva, quanto gado já morreu? O importante é saber qual o prejuízo que já teve, quando o país voltar a crescer. Um dia vai geral alguns empregos? Vai. Mas nós geramos vinte e dois milhões de empregos em doze anos, mesmo com a crise de 2008 este país cresceu sete e meio por cento em 2010. Então a única forma de você crescer é fazer o que o meu amigo Antônio Costa está fazendo em Portugal. Você não faz o povo se sacrificar para contentar os ricos. Se tem um jeito de fazer a economia crescer é distribuir os recursos arrecadados pelo país. É na distribuição do orçamento que você cuida de que política de desenvolvimento você quer para o país. Se eu tenho um prato de comida e dou para uma pessoa só, só um vai comer, mas se eu pego esse prato de comida e distribuo para dez pessoas, eu vou alimentar dez pessoas.

Paulo Dentinho: E do ponto de vista ideológico do governo Bolsonaro? A Democracia no Brasil corre riscos com esse governo?

Lula: Eu acho que a Democracia já está correndo riscos, porque o Bolsonaro é muito despreparado politicamente, ele não faz questão de ser diferente. Ele é um cara que acha bonito ser grosseiro, acha bonito ofender as pessoas, acha bonito ofender o presidente da França, ele acha bonito ofender o presidente da Argentina, ele acha bonito se meter nas eleições de outros países. Ele deveria estar nesse

momento preocupado em como gerar empregos, fazer a economia voltar a crescer, como fortalecer a educação, como fazer investimento em ciência e tecnologia, como cuidar do meio ambiente, tudo isso é tema que não interessa ao Jair Bolsonaro. Ele é um destruidor de obras prontas e acho que é um destruidor da democracia.

Paulo Dentinho: Como o senhor vê essa tentativa de normalização da ditadura militar brasileira que esta a ser feita pelo presidente Bolsonaro?

Lula: Essa é uma das coisas mais graves que acontece, porque tem um tipo de gente que apoia ele que quer mostrar para a sociedade que não houve ditadura militar no Brasil. Querem mostrar que não houve censura, que não houve tortura, que não houve crimes, que os bandidos não existiram, é isso que eles querem mostrar, e com uma virulência de discurso muito forte, com uma prática de combate ao crime à base da milícia, hoje quem mata muito no país é a polícia, e sobretudo mata jovem preto e pobre da periferia. Não sei se você sabe mas só esse ano já mataram cinco crianças de bala perdida da polícia.

Paulo Dentinho: Criminalidade foi um dos temas da campanha eleitoral e o atual presidente considera que permitir a venda indiscriminada de armas é uma forma de combate à violência. Concorda com isso?

Lula: Não. A forma de combater a criminalidade é gerar empregos, colocar a meninada na escola, fazer mais universidades. O que vai acabar com a criminalidade é um livro numa mão e uma carteira de trabalho na outra. A hora que você tiver emprego, salário e educação a criminalidade vai cair. Enquanto estiver aumentando a pobreza, aumento aqueles que não têm oportunidade, você não vai diminuir a violência.

Paulo Dentinho: Existe toda uma questão em torno da Amazônia entre o presidente francês, o presidente Bolsonaro. A Amazônia é um problema global ou é um assunto do Brasil?

Lula: A Amazônia é uma propriedade brasileira que desperta interesses mundiais, porque a Amazônia é a maior reserva florestal do mundo, tem uma rica biodiversidade. Eu fiz isso, o Brasil pode, sendo o dono da Amazônia, fazer acordo com outros países para que eles ajudem no combate ao desmatamento, no combate às queimadas e na exploração científica da nossa biodiversidade, sem o Brasil abra mão da soberania da Amazônia. Não dá pra o Macron dizer que a Amazônia é propriedade da França, apesar de a França ter um pedaço da Amazônia na Guiana Francesa.

Paulo Dentinho: Pequeno.

Lula: Pequeno. A Amazônia é brasileira, mas eu fiz um acordo com a Noruega que criou um Fundo para ajudar a Amazônia foi feito no meu governo, e o Brasil tem que fazer acordos para ajudar a

preservar e a explorar corretamente a Amazônia do ponto de vista da indústria farmacêutica, da biodiversidade, da manutenção de um ecossistema que é bom para todo o planeta.

Paulo Dentinho: Outro assunto, em Portugal, o José Sócrates é seu amigo, não foi com nada, mas está embaixo de uma acusação muito pesada. Do que se conhece do processo, acha que há alguma semelhança entre o seu caso e o dele?

Lula: Eu não conheço o caso do meu amigo Sócrates, é importante eu te dizer uma coisa, eu tive uma relação extraordinária com o Jorge Sampaio, eu tive uma relação boa com o Gutierrez quando ele era prefeito, eu tive relação com o Durão Barroso, eu tive relação com o Cavaco Silva, eu tive muito boa relação com o Sócrates, tive relação com o Passos Coelho, tive relações com o Antônio Costa que veio me visitar dia 30 de abril de 2014. Estou muito feliz com a vitória do Antônio Costa, muito feliz, porque ele está provando que se quiser resolver o problema de um país é fazer com que o povo tenha oportunidade de trabalhar e oportunidade de consumir. Pois bem. Eu sou muito amigo do Sócrates, gosto pessoalmente do Sócrates. O fato de um cidadão ser acusado não quer dizer nada. Aqui no Brasil se acusa todo mundo de todas as coisas. O que é importante é que quando você acusa uma pessoa você tem que provar. Ou seja, se o Sócrates foi acusado por alguém, esse alguém que o acusou em que provar. Se não provar essa pessoa tem que ser punida, porque senão todos nós que fazemos política estamos à mercê do mau caráter da política. Não pensa você que eu sou bravo, que eu estou aqui com raiva não. Eu estou indignado, porque não é possível num país do tamanho do Brasil, ver a canalhice que foi feita por um juiz, pelo MP por algum promotor, por um delegado contra minha pessoa.

Paulo Dentinho: Eu não estava a falar de si, estava agora a falar da questão de José Sócrates.

Lula: Eu não conheço a questão do Sócrates, eu estou apenas dizendo que talvez ele esteja tão indignado quanto eu.

Paulo Dentinho: O Antônio Costa disse exatamente essa frase: à justiça o que é da justiça. Disse isso se referindo exatamente ao José Sócrates. Não concorda que assim deve ser?

Lula: Se a justiça for feita da forma mais democrática possível, dando o total direito de defesa, e os acusadores mostrando provas em concreto, e se ficar provado que essa pessoa cometeu o crime, essa pessoa tem que ser punida. Se o Sócrates cometeu crime, ele tem que ser punido. Se eu cometi crime, eu tenho que ser punido. Agora, quem me acusou de forma falsa, também tem que ser punido.

Paulo Dentinho: Presidente Lula, tenho uma última pergunta a lhe fazer: ainda se acha um político com futuro na política?

Lula: Enquanto eu estiver vivo, eu tenho futuro. Eu estou convencido, você vai achar que é falta de modéstia minha, eu estou convencido que vou viver até 120 anos. Se a ciência está dizendo que já

nasceu o homem que vai viver cento e vinte anos, está aqui o homem. Eu vou viver porque eu gosto de viver, eu gosto de viajar por este país, gosto de fazer política e porque eu tenho certeza que é possível fazer com que os pobres sejam menos pobres, que os ricos sejam menos ricos. Está cheio de gente no Brasil que já leu mais livro do que eu, que já estudou muito mais que eu, que sabe falar mais línguas do que eu, mas eu duvido que tenha alguém que conheça a alma do povo brasileiro como eu conheço.

Paulo Dentinho: Muito obrigado presidente Lula por esta entrevista à RTP.

Lula: Obrigado a você e um abraço ao povo português.

ANEXO V - Entrevista de Lula a Paulo Sakamoto e Flavio Costa, do UOL, em 17 de outubro de 2019¹²³

A declaração é do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em entrevista ao UOL na sede da Polícia Federal, em Curitiba, na última quarta (16) — um dia antes de o Supremo Tribunal Federal (STF) começar a julgar se é constitucional prender condenados em segunda instância, ou se a prisão deve ocorrer após todos os recursos.

Condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex no Guarujá (SP) pelo então juiz federal Sergio Moro, hoje ministro da Justiça, com sentença confirmada pelo Tribunal Regional Federal da Quarta Região, Lula é o caso mais famoso que poderia se beneficiar de uma possível mudança de entendimento do STF. Mas não é a saída que Lula afirma desejar. "Quero que os ministros da Suprema Corte tenham acesso à verdade do processo e anulem. Se vai ser um ano a mais ou um ano a menos, se vou ficar aqui ou em outro lugar, não importa", diz. Ele aplica o mesmo raciocínio para refutar a ida ao regime semiaberto, recomendada pela Lava Jato no fim do último mês, e diz que o problema não é a tornozeleira eletrônica. "Não quero progressão da pena, quero a minha inocência", afirma. "Não tem meio-termo comigo. O que eles vão fazer? Antigamente, era mais fácil. Mandava esquartejar, salgar, pendurar no poste. Cometeram a bobagem de me prender, cometeram a bobagem de me acusar, agora vão ter que suportar esse peso aqui dentro", diz. O caso do triplex também já foi julgado pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça), espécie de terceira instância, mas ainda cabe recurso na Corte.

Paulo Sakamoto: O Supremo Tribunal Federal marcou para esta quinta o início do julgamento sobre a possibilidade de prisão após condenação em segunda instância, o que pode vir a beneficiar o senhor, dependendo do resultado, acredita que esta possa ser a última entrevista aqui na Polícia Federal?

Lula: Essa entrevista nossa está marcada bem antes de o Toffoli marcar o julgamento da segunda instância. Não tenho pretensão de dar entrevista aqui na Polícia Federal. Eu gostaria de estar dando entrevista na sede do PT, no Instituto Lula, no sindicato, na rua, sei lá... seria muito melhor.

Não estou reivindicando essa discussão de segunda instância. Não estou interessado nisso. Eu estou interessado na minha inocência. O que quero é que os ministros da Suprema Corte tenham acesso à verdade do processo, aos inquéritos mentirosos da Polícia Federal, do Ministério Público, liderado pelo Dallagnol, pelo mentiroso do Moro, na sentença, e anulem esses processos. É a única coisa que me interessa. Se vai ser um ano a mais ou um ano a menos, se vou ficar aqui ou em outro lugar, não importa. Nada me interessa a não ser minha inocência. Eles procuram um jeito de me tirar

¹²³ COSTA, Flavio; SAKAMOTO, Leonardo. Não quero discussão sobre 2ª instância, mas anulação do processo, diz Lula. **UOL**, 17 out. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/17/nao-querer-discussao-sobre-2-instancia-mas-anulacao-do-processo-diz-lula.htm>. Acesso em: 11 ago. 2021.

[Obs.: o site da UOL publicou um vídeo incompleto da entrevista de apenas 15 minutos e 10 segundos].

da disputa política, de tentar destruir o PT, e eu estou aqui. Se vai ser na segunda, terceira, quarta, quinta instância, não é problema meu. O que eu quero é a minha inocência. Se eu tenho um apartamento, alguém tem que ter uma escritura, alguém tem que ter um recibo. O que não pode é inventar uma mentira para poder me condenar.

Paulo Sakamoto: O julgamento sobre a segunda instância estava previsto para abril, mas foi desmarcado. Na época falou-se que o STF queria evitar a pressão da opinião pública sobre um caso que poderia beneficiá-lo. O senhor se arrepende das indicações que o PT fez ao Supremo?

Lula: Não. O Supremo votando contra a prisão em segunda instância, estará apenas cumprindo aquilo que está na Constituição, não estará julgando um favor a ninguém. Você só ser preso depois que o processo tiver transitado em julgado não é favor a ninguém. É cumprir, pura e simplesmente, o que está na Constituição. Quem quer apressar o julgamento é a Globo, motivando a opinião pública. Um ministro da Suprema Corte e um juiz de primeira instância não devem se mover pela pressão da opinião pública. Eles devem se mover pelos autos, perceber o que está no processo, se tem prova ou não tem prova, se precisa condenar ou não condenar. Porque se não, vamos ter que eleger promotor pela via direta. Não será mais escolhido por concurso. Essas pessoas que têm função de Estado não podem funcionar sob a pressão, sob a perseguição da opinião pública. Só faltava a Suprema Corte convocar uma pesquisa do Ibope para saber o que pensa o povo sobre determinadas coisas.

Flávio Costa: Até sexta, sua defesa tem que apresentar um posicionamento em relação ao regime semiaberto. O que você vai dizer à juíza do caso, Carolina Lebbos?

Lula: Vou dizer o que eu já disse: eu não estou aqui para trocar a minha dignidade pela minha liberdade. Veja, quem precisa de progressão é quem foi condenado culpado. “Confesso que fui culpado” – e então ele aceita uma progressão de pena. Eu não quero progressão de pena, quero a minha inocência. A invenção do triplex foi um escárnio. Aliás a invenção do triplex é do mesmo jornalista canalha [Germano Oliveira] que fez a matéria da IstoÉ esta semana [afirmando que Rosângela da Silva, namorada de Lula, dá ordens dentro do PT]¹²⁴. É o mesmo, ou seja, eu não posso admitir.

Quem roubou já fez a sua delação. Aliás, na Lava Jato o crime compensa, porque muitos que roubaram fizeram a delação, ficaram com a metade do que roubaram, estão vivendo muito bem a vida. Como eu não roubei, como não cometi nenhum crime, como não cometi nenhum ilícito, não quero favor. Não quero pena, quero a minha inocência. É a única coisa que aceito. Vai demorar 50 anos? Vai. A minha bisneta vai um dia ouvir uma sentença de que o bisavô dela era um homem de bem, era honesto e não devia nada para a Justiça.

¹²⁴ Link para a reportagem completa: [Ela manda no PT - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](http://istoe.com.br)

Flávio Costa: O que incomoda tanto em relação ao semiaberto? É o uso da tornozeleira?

Lula: Não, não. O que me incomoda é o princípio da minha condenação. Um processo de mentira que envolveu uma matéria de jornal, depois envolveu um inquérito policial, depois envolveu a acusação, depois envolveu o Moro, depois envolveu o TRF-4. Acha que eu vou compactuar com isso? Não vou compactuar. Já falei com meu advogado: não tem meio-termo comigo. O que eles vão fazer? Antigamente era mais fácil. Mandava esquartejar, salgar, pendurar no poste. Cometeram a bobagem de me prender, cometeram a bobagem de me acusar, agora vão ter que suportar esse peso aqui dentro. Eles são livres para fazer o que eles quiserem, eles têm poder. Moro provou que o juiz tem o poder de Deus. O que ele não esperava é que tivesse nesse país um cidadão com caráter de resistir à Globo, de resistir a mais de 80 capas de revista contra mim, de resistir a milhares de primeiras páginas de jornal contra mim. O Aécio Neves não aguentou uma capa da Veja.

Flávio Costa: Mas se o senhor aceitou se entregar naquele momento à Polícia Federal, como é que não vai aceitar o regime semiaberto?

Lula: Aí é que tem uma coisa importante. Por que é que resolvi cumprir a determinação de vir aqui? Porque se eu, com o nome que eu tinha, tivesse saído do Brasil, tivesse ido para uma embaixada, estaria sendo tratado por vocês legitimamente como um fugitivo. Como tenho clareza da minha inocência, resolvi vir para cá para poder enfrentar o que me acusaram aqui. Então estou aqui há um ano e meio e vou lutar até o último dia da minha vida para provar a quadrilha que me condenou. A Lava Jato se transformou em uma quadrilha. É só ver o conluio deles agora com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos tentando buscar empresários brasileiros para que a Justiça americana possa denunciar. Como já levaram R\$ 14 bilhões da Petrobras, como já destruíram a indústria da construção civil no Brasil, a indústria de engenharia, como já deram um prejuízo de R\$ 142 bilhões na economia brasileira...

A única coisa que me resta é utilizar uma profecia da minha mãe: “Lula, não baixe a cabeça nunca.” Essa mulher nasceu e morreu analfabeta, ela me deu muita dignidade, e eu não abro mão disso.

Leonardo Sakamoto: Se você sair da cadeia, vai haver uma desmobilização da esquerda. Isso pesa também na sua resistência em relação ao semiaberto?

Lula: Seria o fim da picada alguém imaginar que eu estou preso para mobilizar. Se fosse assim, eu mandava prender todo o PT. Veja, sou muito grato às pessoas que estão participando da campanha Lula Livre. A este acampamento que está aqui em frente gritando meu nome todo dia de manhã, de tarde, de noite. Quando eu sair daqui, não saberei o que fazer para agradecer essa gente, vou levar todo mundo para morar comigo, ou fazer um bairro novo e levar essa gente, porque é muito carinho. E obviamente que sou muito grato aos companheiros do partido, aos companheiros dos partidos aliados, da sociedade, do movimento sindical, do movimento sem terra. Mas eu preciso sair daqui. E a

mobilização não deve ser para libertar o Lula não, as pessoas têm que fazer mobilização para libertar o Brasil da asfixia a que ele estava submetido com o governo Collor... com o governo Bolsonaro. E com a venda da soberania brasileira que o ministro da Economia está fazendo. As pessoas têm que brigar para defender o direito de o povo trabalhar, de receber um salário decente, de estudar, o direito desse país se desenvolver, crescer economicamente também, o direito de o povo voltar a ser feliz. É para isso que o povo tem que se mobilizar, para defender a qualidade da educação, a entrada dos mais pobres na universidade.

Flávio Costa: Não há um cálculo político do senhor em relação a essa resistência ao semiaberto? Essa pauta unificadora não é importante nesse momento?

Lula: Não é por isso que estou tomando a minha posição. É apenas uma questão de dignidade. Já tiveram muitos aqui que roubaram. Essa gente simplesmente fez uma delação. Venderam a alma da mãe ao diabo. Eu, se tivesse que fazer uma delação contra o Moro, contra o Dallagnol, contra o delegado, mas ninguém quer me ouvir para fazer uma delação contra eles. Então eu quero sair daqui ontem, quero sair daqui no mês passado. Acontece que eu não posso sair daqui passando a conotação de que eu aceito a minha condenação provisória. Não aceito.

Agora o que não pode, nem na primeira nem na segunda, nem na terceira, nem na quarta e na quinta e nem na Bíblia, é um inocente estar preso. Tudo o que está saindo no *Intercept* a gente já dizia, os meus advogados já diziam antes. Agora está aparecendo essa semana que o UOL¹²⁵ publicou, inclusive, que o Dallagnol está prestando serviços às empresas americanas, ao Departamento de Justiça americano, para dar o nome de empresas que os americanos podem processar. Se o Conselho Nacional do Ministério Público fizer valer a sua existência, o cidadão tem que ser exonerado. O Moro é a mesma coisa. De vez em quando eu vejo entrevistas do Moro. Ele dá entrevista para você e não olha nos seus olhos, porque ele sabe que está mentindo.

Flávio Costa: José Dirceu afirmou à Folha de São Paulo que teria feito bem ao senhor ter convivido com outros presos da Lava Jato, lá no complexo Médico Penitenciário de Pinhais. Que aqui o senhor tem uma convivência restrita com pessoas que só falam o que quer ouvir e que isso lhe teria prejudicado. O que acha dessa afirmação?

Lula: Não conheço nenhuma experiência de o cara ser bem-sucedido conversando com preso. Eu preciso conversar com quem não esteja preso. Ou seja, eu quero estar com as pessoas que estão livres, fazendo política. Quero voltar a viajar pelo Brasil. Quero voltar a fazer comércio, quero voltar a fazer denúncia de falcatura que Bolsonaro está fazendo. Quero voltar a fazer o PT ter a dimensão que ele merece ter.

¹²⁵ Nota da edição: O UOL não publicou reportagem com esse conteúdo. De acordo com a sua assessoria, a fonte de Lula é o site *Consultor Jurídico*.

ANEXO W - Entrevista de Lula a Beatriz Pasqualino e Nina Fideles, do jornal Brasil de Fato, em 23 de outubro de 2019¹²⁶

“A Suprema Corte vai decidir hoje se ela vai cumprir ou não vai cumprir a Constituição”, afirmou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em entrevista exclusiva ao **Brasil de Fato** na manhã desta quarta-feira (23), na sede da Polícia Federal em Curitiba (PT). “Estou muito tranquilo e sei bem o que eu quero. Sei bem o que fizeram comigo e a tentativa de manter a mentira viva”, complementa.

Enquanto a reportagem conversava com Lula, o Supremo Tribunal Federal (STF) retomava a sessão em que se vota a constitucionalidade da prisão de condenados em segunda instância. A previsão é que a Corte tome uma decisão ainda hoje sobre o tema. “A minha briga não é por segunda ou terceira instância. A minha briga é: eu quero que seja julgado o mérito do meu processo. Se encontrarem um milímetro de prova de crime que eu cometi, eu tenho que ser preso. Mas se não encontrarem, prendam quem mandou me prender e me libertem”, acrescentou.

Como preso político desde o dia 7 de abril de 2018, quando se apresentou à Polícia Federal, o petista declarou que o que se julga hoje pelos ministros do Supremo não é o seu caso, pois essa é uma briga que ele ainda trava, a de discutir o mérito do seu processo, já que não há provas que o condenem.

Às vésperas de completar 74 anos, celebrados no próximo domingo (27), Lula retoma: “Vou brigar até os últimos dias da minha vida para que esse país não tenha juiz, não tenha procurador, não tenha delegado que haja fazendo mentiras e contando inverdades pro povo brasileiro”.

“Eu não troco a minha dignidade, pela minha liberdade. Andar de cabeça erguida, aqui dentro ou lá fora. Pra vocês saberem que eu estou muito tranquilo e sei bem o que eu quero”, reafirma.

Com expressa tranquilidade em provar sua inocência, o ex-presidente salienta: “Eu sou um Don Quixote hoje à procura da verdade”.

A reportagem do **Brasil de Fato** esteve com o ex-presidente na Sede da Superintendência da Polícia Federal em Curitiba (PR). A entrevista exclusiva vai ao ar na íntegra nesta quinta-feira (24), às 14h, no canal do YouTube do Brasil de Fato e, em texto, no nosso site. Também pode ser ouvida pela plataforma *Spotify*. Para ouvir a entrevista pelo rádio, escute a nossa radioweb, no mesmo horário, direto no site do BdF.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou a atuação do governo Jair Bolsonaro (PSL) diante do vazamento de petróleo que desde o final de agosto atinge as praias do Nordeste.

¹²⁶ PASQUALINO, Beatriz; FIDELES, Nina. Lula: “Estou tranquilo. STF decide hoje se vai cumprir a Constituição”. **Brasil de Fato**, 23 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/23/exclusivo-or-lula-estou-tranquilo-stf-decide-hoje-se-vai-cumprir-a-constituicao/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

“Não queremos saber de onde é o óleo, se é da Venezuela, brasileiro, iraquiano, iraniano ou é russo [...] Nós queremos saber que o óleo está atingindo as praias brasileiras, que é uma das fontes de riqueza e geração de emprego no Brasil através do turismo e que, até agora, há 60 dias, o presidente não pôs os pés lá, não foi lá”, diz Lula.

Praias dos nove estados da Região Nordeste foram atingidos por petróleo cru. As manchas de óleo surgiram inicialmente na cidade de Conde, no litoral Sul da Paraíba.

A falta de transparência do governo sobre o desastre ambiental, de proporções ainda incalculáveis, foi duramente criticada. Além disso, a administração Bolsonaro não colocou em prática um plano de ação elaborado para conter situações como essas porque o colegiado responsável foi extinto em abril deste ano.

“Ontem eu vi o ministro do Meio Ambiente [Ricardo Salles] dizer [que] o óleo é da Venezuela. Quem quer saber de onde é o óleo, meu Deus do céu? Se for dos Estados Unidos é bom? Se for de Israel é bom? Não [...] Isso é de uma cretinice muito grande. E nós estamos vendo isso, sabe?”, afirma Lula.

A ÍNTEGRA DA ENTREVISTA¹²⁷

Quarta-feira, dia 23 de outubro. A placa localizada dentro da Vigília Lula Livre, a poucos passos da sede da Polícia Federal em Curitiba (PR), indica: 564 dias de resistência. É o número de dias que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se encontra privado de liberdade, em um processo que ele afirma diversas vezes ser “mentiroso” e que foi protagonizado pelo então juiz Sérgio Moro e pelo procurador Deltan Dallagnol, famoso por seu *power point*.

A equipe do **Brasil de Fato** solicitou esta entrevista há pouco mais de seis meses. Após a autorização da juíza Carolina Lebbo, que assumiu o lugar de Moro e reiterou a sentença dada por ele, Lula decide com quem quer falar. Para entrar no prédio da Polícia Federal – que, por ironia, foi construído e inaugurado durante o governo petista –, são necessários cadastros, revistas de equipamentos e pontualidade. Lula fica em uma cela individual, de onde estabelece sua rotina de exercícios e leituras.

O encontro com o ex-presidente, que durou duas horas, ocorre no mesmo dia em que o Supremo Tribunal Federal (STF) retoma a sessão de julgamento sobre as prisões em segunda instância, sem que estejam esgotados todos os recursos disponíveis ao réu. O resultado da sessão define o futuro de Lula e de outros 5 mil presos no Brasil. Para o ex-presidente, a tarefa dos ministros do STF é garantir o que consta na Constituição. “Por isso que eu estou tranquilo com a votação na Suprema Corte. O que eles estão votando não diz respeito a mim, diz respeito apenas a cumprir a Constituição brasileira”, disse ao introduzir a entrevista.

¹²⁷EXCLUSIVO | BdF Entrevista Lula. **Brasil de Fato**, 23 out. 2019. 1 vídeo [116 min]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7xA1Vj4oti4>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Lula diz não criar expectativas sobre sua liberdade a partir da decisão do Supremo – pois Lula já vivenciou outros momentos de quase saída da prisão –, mas o ex-presidente se permitiu apontar algumas projeções para um futuro livre. Disse que irá casar novamente, que pensa em mudar de cidade e que pretende conversar com toda a população brasileira. “Eu quero viver. Eu espero que o PT me utilize, espero que a CUT me utilize, espero que os sem-terra me utilizem, espero os LGBTs me utilizem, espero que os quilombolas me utilizem, espero que as mulheres me utilizem, espero que todo mundo me utilize para fazer com que eu tenha utilidade na minha passagem pelo planeta Terra”, propõe.

É unanimidade entre todos que o visitam que ele se demonstra forte e altivo, mas fala com indignação daqueles que protagonizaram sua prisão. Neste domingo (27), Lula chegará aos 74 anos ali, na sede da Polícia Federal. “Eu estou triste por estar aqui, mas feliz por ter tantos amigos do lado de fora, tanta gente solidária. E a única coisa que eu gostaria era que as pessoas não deixassem destruir o país. Não há presidente que seja eleito para destruir o país, não há.”

Lula, assim como todo ser humano, tem suas contradições e complexidades. O que é inegável, é o protagonismo dele na história da política brasileira. Mesmo preso, causa barulho, inspira, e representa uma ameaça a alguns setores.

Sobre a Vigília Lula Livre, que foi montada no mesmo dia em que foi preso, Lula não conseguiu verbalizar a gratidão. Parece impossível para ele mensurar o que significa ter pessoas que, diária e religiosamente, o desejam bom dia, boa tarde e boa noite, e que, em paralelo, constroem um processo de formação, resistência e luta, logo ali do outro lado da rua.

Antes mesmo de começar a entrevista, o ex-presidente dava o pontapé inicial sobre o julgamento no STF, que se iniciava naquele mesmo horário. Depois disso, reforma agrária, desmonte das políticas públicas, Previdência, soberania, desafios da esquerda, vida, livros e cultura foram temas da nossa conversa.

Lula: Eu já disse outro dia em uma entrevista para um amigo, que esse processo da segunda instância tem a ver com a Constituição brasileira. A Suprema Corte vai decidir se ela vai cumprir a Constituição ou não vai cumprir. Esse não é o meu processo. Eu não estou preocupado com a segunda instância. Eu vou repetir o que eu disse: se o cidadão roubou, ele tem que ser preso na primeira, na segunda, na terceira, na quarta, na quinta, basta que tenha prova de que ele roubou. Agora, se o cidadão é inocente, ele tem que ser libertado. A minha briga não é por segunda ou terceira instância, a minha briga é: eu quero que seja julgado o mérito do meu processo. Se encontrarem um milímetro de prova de crime que eu cometi, eu tenho que ser preso, mas se não encontrarem, prendam quem mandou me prender e me libertem.

Essa é a minha briga e eu vou brigar até o fim, não sei quanto tempo ainda eu tenho, vou completar 74 anos domingo [27]. Mas vou brigar até os últimos dias da minha vida para que este país não tenha juiz, não tenha procurador, não tenha delegado que haja com mentiras e contando

inverdades para o povo brasileiro. Essa é a briga e, portanto, vocês saibam que eu quero a minha inocência. É por isso que eu digo: eu não troco a minha dignidade, pela minha liberdade. Andar de cabeça erguida, aqui dentro ou lá fora, vale mais do que andar de cabeça baixa lá fora. Então, pra vocês saberem, que eu estou muito tranquilo e sei bem o que eu quero.

Sei bem o que fizeram comigo e sei bem a tentativa de manter a mentira viva. Quando eu assisto a [Rede] Globo [de Televisão], ela tem horror que seja entendido pela sociedade brasileira as denúncias feitas pelo *The Intercept* [site que revelou mensagens entre Moro e Dallagnol, as quais comprovam manobras para incriminar Lula]. Se ela puder jogar embaixo do tapete todas as denúncias do *The Intercept*, que mostram a verdade, que mostram quem é o Moro, o Dallagnol, que mostra a lógica dos processos que eles fizeram. A Globo sabe que a mentira foi tão grande que ela ficaria desmoralizada. Então ela tentar evitar que as pessoas tenham acesso.

A minha disposição é provar que a Globo é mentirosa, que o Moro é mentiroso, que o Dallagnol é mentiroso, que o delegado que fez o inquérito é mentiroso. A minha lógica é essa. Com muita tranquilidade, sem nenhum rancor. Eu sou um Dom Quixote à procura da verdade.

Nina Fideles: O senhor falou inúmeras vezes que não abre mão da sua dignidade por sua liberdade e que quer provar a sua inocência. Essa é uma decisão que é tomada diariamente, em todos os tipos de ações. A gente pode imaginar o tanto de pressão que é exercida sobre a sua liberdade. O que está na balança? Quais são os sacrifícios diários para tomar essa decisão?

Lula: Eu fui criado por uma mãe analfabeta. A minha mãe morreu sem saber fazer um "O" com um copo. Meu pai morreu analfabeto. Mas tem uma coisa que eu aprendi com eles que é ter honradez. Esse negócio de honra, caráter, autoestima, é uma coisa que está no sangue da gente. É uma coisa que se aprende desde pequeno. Eu não nasci pra andar de cabeça baixa. Como eu tenho consciência da mentira que foi contada, eu tenho consciência do desserviço ao país que esse Dallagnol prestou com aquele *Power Point*. Eu tenho consciência das mentiras que o Moro contou na sua sentença. Um juiz que vai julgar um cidadão por crime indeterminado, ou seja, ele não sabe o que eu fiz de errado, mas tem que condenar, porque é preciso condenar, o momento político exige a minha condenação. Eu tenho consciência de que eles mentiram para a sociedade brasileira e essa mentira foi compactuada em um acordo feito entre o Moro e a imprensa brasileira. Quando você lê um artigo produzido em 2004, chamado Mani Pulite¹²⁸, em que ele fala da Operação Mãos Limpas na Itália, ele entrega para a imprensa o papel principal de condenar as pessoas. Ou seja, se um cidadão que ele [Moro] suspeita for julgado anteriormente pela imprensa, na hora de prestar a sentença, o cidadão já está condenado. Eu resolvi enfrentar isso. Resolvi enfrentar pelo nome que eu tinha, pela minha relação com a sociedade brasileira.

¹²⁸MORO, Sergio Fernando. Considerações sobre a Operação Mani Pulite. **R. CEJ**, Brasília, n. 26, p. 56-62, p. 56-62, jul./set. 2004.

Eu não podia permitir que mais de 200 horas de Jornal Nacional contra mim, mais de 150 capas de revistas contra mim, mais de milhares de primeiras páginas de jornal contra mim, eu não poderia permitir acabar com a minha vida política, acabar com a minha relação com a sociedade, sendo chamado de ladrão pelos ladrões.

Eu resolvi reagir. Eu já disse outras vezes: eu poderia não estar no Brasil, eu poderia estar em uma embaixada, mas eu resolvi vir pra cá porque eu não provaria a minha inocência se eu não estivesse aqui. Aqui, brigando, de cabeça erguida. Eu estou falando com você [repórter] aqui, mas olha a cara do Moro nas entrevistas que ele dá. Ele sabe que ele é mentiroso. Ele não tem nem coragem de olhar na cara das pessoas. Olha pra esse Dallagnol, que, na verdade, montou uma quadrilha com essa força-tarefa [da Lava Jato]. Ele queria ficar rico. Ele queria pegar dinheiro da Petrobras para criar um instituto. Para fazer o quê? É contra isso que eu me insurgi. E foi contra isso que eu tomei a decisão de que o lugar que eu deveria estar é Curitiba. Vão me prender aqui um ano, dois anos, não tem problema nenhum. Eu tenho paciência. Mas o que eu quero é o seguinte: eu aprendi a andar de cabeça erguida e não baixo a minha cabeça. Eu sou igual a qualquer brasileiro. Se eu cometi um erro, eu tenho que pagar.

Todos que cometem erro tem que pagar. Por isso que eu estou tranquilo com a votação na Suprema Corte. O que eles estão votando não diz respeito a mim, diz respeito apenas a cumprir a Constituição brasileira. Está escrito lá que a pessoa só pode ser presa se for condenada depois de o processo passar por todas as instâncias. Então, como era o Lula que estava em julgamento, como tinha eleição para presidente, como o Lula poderia ganhar as eleições, eles pensaram: “Vamos fazer no caso do Lula uma coisa excepcional. Vamos julgar rapidamente”. Não é apenas o Moro, o Dallagnol, não é apenas o delegado que fez o inquérito, os desembargadores do TRF4 [Tribunal Regional Federal da 4ª Região], em Porto Alegre, nem leram o processo e votaram. Votaram pela condenação.

Acha que eu posso aceitar alguém falar: "Não, o presidente já cumpriu um ano e meio, ele vai ter progressão de pena". Não. Progressão de pena é pra ladrão. Progressão de pena é para culpado. Eu quero a minha inocência. Eu quero o julgamento do mérito do meu processo. É assim que está dito o jogo e é assim que vou jogar. Eu não sei o que vai acontecer, mas essa gente tem que saber que no Brasil ainda tem gente de caráter. Essa gente tem que saber que nenhum deles é melhor do que eu. Essa gente tem que saber que nenhum deles é mais honesto do que eu. Essa gente tem que saber que eu tenho, só de política – eu comecei isso em 1969, eu tinha 24 anos de idade –, então eu tenho 50 anos de vida política. Eu nunca tive um processo contra mim. Não posso agora permitir que um bando de meninos, messiânicos, com interesse político eleitorais, com interesses ideológicos, venham jogar lama em cima do meu nome.

Nina Fideles: Sobre o STF, a gente sabe que a mídia burguesa faz essa discussão em torno do caso do senhor. Discutir prisão em segunda instância impactaria 5 mil presos hoje, além de mudar a lógica do Judiciário. O senhor acredita que os ministros do STF fazem essa discussão pensando no que isso

impacta no seu caso ou realmente pensando no impacto disso para a população brasileira e a forma como o Judiciário opera?

Lula: A única coisa que eu espero é que eles votem de acordo com a consciência deles e de acordo com o cumprimento da Constituição. O único compromisso que eles deveriam ter é com a verdade, com a Constituição. Obviamente que eu acompanho a imprensa todo dia, eu sei a pressão que a Globo faz. Eu sei que chegaram a dizer que vão soltar centena de milhares de presos, que "vamos num restaurante jantar com bandido", tentando criar uma certa inibição da hora do voto. Eu acho que a Suprema Corte não pode se deixar levar por essa pressão e nem pela ideia do que a opinião pública quer ou não quer. Se quiserem trabalhar de acordo com a opinião pública, as pessoas têm que ser candidatas a alguma coisa. Então vamos fazer eleição direta para o gabinete da Suprema Corte. Vamos fazer eleição direta para juízes. Não é assim. Eles têm uma tarefa sublime. Eles têm o cargo vitalício, um cargo de muita responsabilidade. Depois de um voto da Suprema Corte, a gente não tem para quem recorrer, então eles precisam, efetivamente, apenas com muita serenidade, cumprir o que a Constituição diz.

Se eles cumprirem o que a Constituição diz, o Brasil estará agradecido. Eu sempre espero, com muita, muita tranquilidade. Eu sei que as pessoas do outro lado não querem que eu seja livre. Eu tenho dito para algumas pessoas que um dos meus desejos é fazer um ato público na porta da Globo. Só por prazer. Para colocar todas as mentiras que ela contou sobre o meu caso nesses últimos anos. Passar um dia inteiro lá falando, fazer uma cronologia mostrando as mentiras contadas ao meu respeito. Agora, eu não vou sair daqui com raiva, com ódio, porque senão eu não vivo. Eu quero sair daqui bem de cabeça. Eu quero restaurar a verdade nesse país.

Beatriz Pasqualino: O senhor sempre tem dito que é importante que o povo creia na Justiça, que é importante para nossa democracia. Como é possível acreditar em uma Justiça, esperar que ela o liberte, se foi essa mesma Justiça que colocou você na prisão, caracterizada como uma prisão política, personificada no Moro e no Dallagnol. Como é possível esperar que ela liberte você?

Lula: Não foi a Justiça que me colocou aqui. A Justiça é uma coisa muito ampla. Quem me colocou aqui foi o Moro e os três juízes do TRF4, inclusive sem ler o meu processo. Se ele lesse o processo, eles iam ver que o Moro mentiu. Eles iam ver que o Dallagnol mentiu. O Dallagnol, aliás, deveria ter sido exonerado no dia em que ele leu o power point. Quando o cidadão passa uma hora e meia mentindo e depois da mentira ele fala: "Não me peçam provas. Eu só tenho convicção". Naquele ato, o Conselho Nacional do Ministério Público deveria ter exonerado esse rapaz pelo bem do serviço público. Ele foi mordido pela mosca azul e gostou. Ele tentou achacar a Petrobras, pegando R\$ 2,5 bilhões para criar um fundo. Tentou fazer não sei mais o que com a [empreiteira] Odebrecht, pegando mais R\$ 3 bilhões, ou seja, virou uma quadrilha. Eu acredito que a Justiça é muito heterogênea. Eu acredito que as pessoas vão ler a Constituição e cumprir a Constituição. Se não fizerem isso, vou continuar brigando aqui dentro. É o seguinte: eu não abro mão da verdade. Eu não abro mão.

Eu sei o que eu passei na minha vida para chegar onde eu cheguei, sempre respeitando todo mundo. Eu vou continuar a minha briga. É uma briga difícil, mas eu vou fazer. A única coisa que eu tenho clareza é que eu não vou desanimar. Não peçam para eu desanimar, que eu não vou desanimar. Continuo dizendo que eu acredito na Justiça, porque veja: imagina eu, ex-presidente da República, de repente dizer: "Eu não acredito na Justiça". Se eu disser que não acredito na Justiça, eu vou ter que dizer outra coisa. Vou ter que falar pro povo: "Olha, vamos resolver com as mãos". Não é assim. Eu acredito que o Poder Judiciário tem um papel muito importante nesse país, é só seguir corretamente as leis e cumprir as leis. É só fazer julgamento com base na verdade, com base na prova, com base na apuração, e não com base em critérios políticos e preconceituosos de classe. Eu sei que a gente não tem ainda nenhum prounista [estudantes beneficiários do Programa Universidade para Todos] como ministro do Supremo [Tribunal Federal], mas um dia nós vamos ter. Eu acredito nisso e vou brigar.

Nina Fideles: Vários juristas apontam as inúmeras fragilidades do processo que o coloca aqui. Inúmeros juristas do mundo colocam essas fragilidades, ainda assim, o senhor está aqui. Essa é a questão que a gente coloca: o que permite...

Lula: O que é mais grave é que eu estou aqui por conta de uma mentira. Eu não sei se você está lembrada, eu sempre disse que a desgraça da primeira mentira e que você passa a vida inteira mentindo para justificar a primeira mentira. A mentira contada ao meu respeito foi muito grande. Ela foi contada pelas revistas, pelos jornais, pelas televisões, dezenas e dezenas de vezes. Ela foi contada pelo Moro, pelo Dallagnol, ela foi espalhada na vortex política desse país. Num tempo em que as pessoas tinham medo, num tempo em que as pessoas achavam que o mundo ia acabar. Como é que essa gente vai ter coragem de se desfazer dessa matéria? A Globo levou 50 anos para reconhecer que ela apoiou o golpe militar. Quantos anos ela vai levar para dizer: "Não, nós, na verdade, transmitimos coisas que não eram verdade". Então, o que eu posso fazer?

Eu sou vítima de uma grande mentira, uma mentira que teve conteúdo político e ideológico muito forte. Uma mentira que foi confirmada várias vezes para poder evitar que o Lula fosse eleito presidente aqui dentro da PF. Então, na verdade, o objetivo era tirar o Lula do pleito. Era tirar o Lula do governo, era acabar com o PT. E você imagina o que aconteceu nesse país...

Você acha que nós temos que ficar quietos, vendo esse país ser destruído, vendido, rifado? Esse país está num leilão eterno. O "São Guedes" está vendendo tudo. Parece que está na 25 de março vendendo tudo em tempo de liquidação. Ou o povo reage, ou então, quando a gente acordar, a gente não tem mais Brasil, a gente tem um quintal dos Estados Unidos.

Beatriz Pasqualino: O senhor coloca a questão que queriam te tirar das eleições desde o golpe contra a ex-presidenta Dilma. Esse plano foi garantido pelas pessoas que te colocaram aqui dentro. Ainda assim há muito esforço para mantê-lo na prisão. Na sua opinião, o que eles têm? É medo de vê-lo solto?

Lula: Não sei o que eles têm. Eu acho que o que eles têm, na verdade, [é que] a mentira vai desaparecendo... E se eu estiver na rua em condições de falar com o povo mais livremente... A Globo não poderia pedir uma entrevista comigo aqui dentro para transmitir ao vivo? Com a Globo eu não confio de gravar, tem que ser ao vivo. A Bandeirantes não poderia pedir uma entrevista aqui ao vivo? Eu estou disposto a falar com eles. A Record... Marca um programa ao vivo e vem aqui. Manda a pessoa mais feroz deles, o mais antilulista que eles tiverem para me entrevistar aqui ao vivo. Tenho o maior prazer. E, com essa cara de “paz e amor de Lulinha” eu falarei com eles. Não tem problema.

Eu tenho desafiado eles. Porque eu acho que a única coisa que justifica o medo que eles têm de mim é saber que os pobres voltarão a comer três vezes por dia. É voltar a saber que a gente vai comprar os alimentos dos pequenos produtores rurais. É saber que a gente vai garantir que os pequenos produtores vendam parte dos seus alimentos para as escolas públicas desse país. É saber que as pessoas pobres vão continuar entrando nas universidades, nas escolas técnicas. É esse o medo que eles têm? Pois então me deixem morrer aqui, porque é isso que eu vou fazer.

Esse país teve um momento na sua história que o povo aprendeu a comer três vezes por dia. Teve um momento em que o povo aprendeu a comer uma picanha no domingo. Não era mais fazer churrasco com carne de segunda, era de picanha, costela. Então eles têm medo que o povo seja feliz?

Esse país sempre foi governado para 35% da população brasileira. Era 35% que ia para o aeroporto, era 35% que ia para as belas praias, era 35% que ia... E o povo marginalizado. Nós provamos que era possível esse país ser governado para todos, e é o fizemos. O que é engraçado é que fizemos isso com democracia, com direito de greve, com sindicato funcionando, com partido de oposição no Congresso Nacional tentando atrapalhar, com a imprensa contra nós o tempo todo. E nós fizemos.

Foi a primeira vez na história do Brasil em que os 20% mais pobres tiveram ganho real acima dos ricos. É pouco? É pouco, mas nós provamos que é possível fazer. É possível combinar exportação com mercado interno. É possível provar aumento do salário mínimo sem causar inflação. É isso. Na hora que você inclui as pessoas pobres dentro do orçamento da União e você assume o compromisso de que você tem que governar para todos, fica mais fácil governar.

Eu tinha consciência de que o Brasil não era meu. O Brasil é do Brasil, é do povo brasileiro. Por isso que nós fizemos 74 conferências nacionais para definir as políticas públicas que nós implantamos. Eles têm medo disso? Pois podem ficar com medo. Porque os pobres vão voltar a ir para o cinema, vão voltar a ir para o teatro, para os aeroportos, a ir para os restaurantes, parques chiques, shoppings chiques. Tinha gente que não gostava de ver pobre no shopping granfino. Eles acham que lugar de pobre é só no sacolão. Então o que a gente queria provar é que todos têm direito. Todos são cidadãos e todos podem ter acesso aos bens que produzem.

Nina Fideles: O que o senhor coloca é realmente inegável e a gente sabe pelos dados. O que o senhor acha que faz uma pessoa que teve acesso a inúmeras políticas públicas – para além da campanha

midiática que a gente sabe que foi de muita força – vote em um governo como do Bolsonaro, por exemplo. O que faltou? O que pode ter acontecido nesse meio do caminho?

Lula: Olha, eu tenho dito que se a gente é atacado e a gente não reage, muitas vezes, aquelas pessoas que nos atacaram pensam que têm a verdade absoluta. Então, o PT foi atacado durante uma década e o PT pouco reagiu. As pessoas estavam, sei lá se com medo ou assustadas, porque era um ataque virulento de todos os meios de comunicação contra o PT. Virou uma coisa de pensamento único contra nós.

Ou seja, na hora que você começa a reagir, o outro lado começa a perceber que tem disputa. Você sabe o que é um cidadão de manhã, acordar, almoçar e dormir à noite ouvindo dizer que o PT é ladrão, que o PT roubou, que o PT não sei das quantas. Você sabe a quantidade de fake news, de matéria da Globo, da Veja, Istoé, da Época, do SBT. Era um massacre, que tinham pessoas que não tinham coragem de sair na rua.

Por isso é que eu resolvi me insurgir e resolvi enfrentar de cara. Para provar que ladrão são eles. Toda vez que esse país foi para as urnas para combater a corrupção, o resultado é isso: foi Jânio Quadros, foi Collor, e agora Bolsonaro. E numa demonstração...

Qual é a briga do partido deles agora? A briga do partido deles é pelo fundo partidário. É saber quem vai mandar em R\$ 400 milhões. Então, quando você assume essa responsabilidade... Eu tenho dito para os companheiros do PT: por que nós perdemos as eleições? Nós perdemos as eleições por "n" razões. Tinha gente nossa desgostosa e teve uma campanha de fake news assustadora que nós não fomos para cima para provar isso até agora. Era uma coisa nova. Mas tem alguns dados que você tem que encontrar explicação.

Você não pode achar normal que um cara que não era conhecido nem pelo vizinho na casa do lado dele seja eleito governador, como o governador do Rio de Janeiro. Você não pode entender que algumas pessoas tiveram 12 milhões de votos com base no quê? Qual era o trabalho prestado para a sociedade? Era artista? Não. O que era? Obviamente só pode ter sido uma campanha de robô jogando fake news na cabeça das pessoas 24 horas por dia.

Então, o PT tem que se insurgir contra isso. E se insurgir com muita força, não é se insurgir com ódio, não, é se insurgir com muita força e não levar desaforo pra casa. Não tem ninguém naquela Câmara melhor que os petistas, melhor que as pessoas de esquerda, não tem. Então, vamos brigar.

Ficar atacando Foro de São Paulo, ficar atacando sem-terra, a CUT, é de uma grosseria, uma grosseria intelectual. Uma grosseria política. Essa gente não tem noção do que é o Foro de São Paulo. Essa gente não tem noção do que foi a luta dos sem-terra. Essa gente é um bando de malucos, falando qualquer asneira. Vale qualquer asneira. Na fake news vale qualquer bobagem. Então, em vez de a gente ficar assustado, a gente tem que enfrentar isso. A gente tem que enfrentar, não tem jeito. E eu estou disposto a brigar.

Se eles têm medo por conta disso, é o seguinte: eu sou de um estado que antes da independência brasileira já estava brigando pela independência, fazendo a sua revolução própria, de

1817. Depois fez a grande luta pela Confederação do Equador, de 1824. Tem gente que gosta de brigar, a luta do povo brasileiro não é contada, mas é uma luta extraordinária de resistência nesse país. Nem sempre os heróis aparecem na fotografia, porque os heróis eram decapitados, esquartejados, eram salgados.

E eu estou disposto a fazer tudo que eu puder fazer nesses últimos tempos de vida que eu tenho [para lutar] em defesa da honra do povo brasileiro, em defesa do direito de cidadania que o povo brasileiro tem que ter. É assim que vai ser a vida. Então, se eles têm medo de mim por conta disso, paciência, não vou mudar de comportamento. Tem gente que fala assim: “Como o Lula vai sair da cadeia? Ele vai sair nervoso? Calmo?” Eu vou sair do jeito que eu sou, nem pior nem melhor. Eu vou sair mais maduro, mais calejado, pensei muito na minha vida. Estou pensando. Quando sair daqui, eu quero casar outra vez. É assim que vou sair daqui. Vou sair daqui um pouco de “Lulinha paz e amor”, um pouco de “Lulinha João Ferrador” [personagem símbolo das greves do ABC, da cartunista Laerte], um pouco de gente que quer Justiça. Então se preparem que um dia eu saio. E um dia a gente vai se encontrar para continuar lutando nesse país.

Beatriz Pasqualino: O senhor traz muito o protagonismo da Globo no golpe e na sua prisão. Falou agora sobre a questão das *fake news*. Ao mesmo tempo, a gente vê como a Record tem ganhado cada vez mais uma atuação política alinhada ao governo Bolsonaro. Agora tem mais um grande complexo de comunicação com força...

Lula: O que o SBT está fazendo é uma vergonha.

Beatriz Pasqualino: Exato, mas eles têm muito dinheiro. Além de tudo, como é possível a esquerda romper com toda essa lógica da mídia burguesa, das *fake news*? Já levando em consideração a autocrítica de que não foi feita a regulamentação dos meios de comunicação.

Lula: Eu faço a autocrítica porque é necessário fazer autocrítica, mas, na verdade, para você fazer uma regulamentação dos meios de comunicação, você tem que levar em conta a correlação de forças existente dentro do Congresso Nacional. E se você levar em conta a correlação de forças, você vai perceber que o quadro congressual é muito negativo para a sociedade brasileira. Acaba de ser aprovada uma política de reforma da Previdência que é contra o povo, e foi o povo que votou nesses deputados.

Quando você analisa que os companheiros do Movimento Sem Terra, com a força que tem nesse país, com o trabalho extraordinário, só tem dois deputados federais, e que a bancada ruralista tem mais de 200. Quando você analisa que metalúrgico deputado só tem dois e representante do empresariado tem 300, ou 400. Você fala: bom, como você vai aprovar coisas em benefício da sociedade brasileira se os que estão lá são contra ela?

Não sei se você sabe, em 1978, quando eu pensei em criar o PT é porque eu fui ao Congresso Nacional e descobri que não tinha trabalhador lá. E fiquei pensando: "Eu sou um babaca, eu fico achando que vai ter lei aprovada para me favorecer, e eu não tenho trabalhador aqui". Ou nós nos

convencemos disso e passamos a trabalhar a sociedade para ela compreender isso, ou o cidadão é fazendeiro, mas não coloca no boletim de campanha "sou fazendeiro", ele coloca que é médico, advogado, contador... Ele é sempre o profissional liberal, ele nunca coloca lá "latifundiário", porque ele tem medo de que o povo não vote nele.

A gente precisa saber que para fazer as coisas que a gente sonha é preciso que a gente tenha não apenas um governo comprometido, mas a gente tenha uma correlação de forças favorável dentro do Congresso Nacional. Quando eu fui votado em 2002, de 513 deputados, eu tinha 91. Eu precisava de 257 para uma votação simples. No Senado, eu tinha, acho que 14, de 81 na época. Então você não consegue fazer as coisas que você quer, que você deseja, se você não tiver uma força no Congresso Nacional.

Então, é importante que o movimento comece a pensar que nós precisamos fazer lutas menos economicistas e mais políticas. Ou nós politizamos a sociedade para ela saber em quem vota na época da eleição, ou as pessoas estarão sempre colocando uma raposa para tomar conta do galinheiro, achando que vai dar resultado, e não dá resultado. O resultado é que a pobreza está voltando, o desemprego está voltando, a fome está voltando. O resultado é que a desmoralização do Brasil no exterior é muito grande. O Brasil virou motivo de piada lá fora.

Eu lembro que eu fui na inauguração desse centro que a Marinha tem no Rio de Janeiro, de acompanhar os navios que estão rodando pelo oceano no mundo inteiro. Na época que me foi apresentado isso, me parecia uma coisa fácil, mas nós já estamos com uma poluição nos mares brasileiros há 60 dias e até agora a gente não sabe quem fez aquilo. Fica o presidente blasfemando asneira e o seu ministro dizendo: "O óleo é Venezuela! O óleo é Venezuela! O óleo é Venezuela", sem nenhum critério, sem nenhuma prova. Nós não queremos saber de onde é o óleo, se o óleo é da Venezuela, brasileiro ou iraquiano, iraniano ou é russo, americano...

Nós queremos saber que o óleo está atingindo as praias brasileiras, que é uma das fontes de riqueza e geração de emprego no Brasil através do turismo e que, até agora, há 60 dias, o presidente não pôs os pés lá, não foi lá. Até agora a gente não descobriu, não fez uma conferência com os governos dos navios que a Marinha tem o nome pra saber se foi, não é possível. Um navio não é uma coisa pequena. Se houve um vazamento, o país sabe que o seu navio vazou. Então estamos aí vendo a irresponsabilidade depois de 50 dias: vamos colocar o Exército, vamos colocar a marinha. Já era para estar todo mundo lá.

Então, essas coisas que não podem continuar acontecendo no Brasil. Eu estou vendo de um lado o Bolsonaro falando as bobagens dele, de outro lado o Guedes vendendo o Brasil. E nós estamos com uma luta economicista sem fim. Quando eu acho que a luta agora é eminentemente política. Eles não têm o direito de vender o Brasil. Eles não têm o direito de vender a Petrobras, vender a Eletrobras, as coisas que eles estão vendendo a preço de banana.

Esse petróleo que nós descobrimos através do pré-sal era para ser o futuro desse país. Eles estão entregando a preço de banana. A nossa luta tem que ser essa. A nossa luta tem que ser contra o

desmonte do Brasil. Depois que o seu Guedes acabar de vender tudo, ele vai morar em Nova York, Paris; e o povo brasileiro que fique aqui, comendo o pão que o diabo amassou, porque é sempre assim na história do Brasil.

É por isso que tenho falado muito da soberania nacional. A soberania nacional não é defender a Petrobras, não é defender o Banco do Brasil. A soberania nacional é defender o povo brasileiro. Só existe uma nação, por causa do povo. E o que dá qualidade a uma nação é a qualidade de vida do povo, a qualidade de educação do povo, a qualidade da alimentação, a qualidade de produção, é o conhecimento científico e tecnológico dessa nação. É isso que é soberania. É isso que eu acho que a gente tem que ir para a rua, brigar. Engraçado, porque eu vejo as pessoas falarem: "Vamos para a rua", mas ninguém vai. O cara que fala não vai.

Beatriz Pasqualino: Por que o senhor acha isso?

Lula: Eu vejo tanta gente falar: "Tem que ir para a rua, tem que ir para a rua". Mas o cara que fala tem que ir. Se não for... O povo não dá murro em ponta de faca. O povo foi massacrado durante vários anos com uma quantidade de mentiras enormes, e eu sei da dificuldade de você reverter isso. Não é uma coisa simples. É preciso muito discurso, é preciso muita clareza, uma narrativa séria por parte do nosso pessoal. Temos que construir uma narrativa para lutar contra a narrativa deles. Então tudo para eles é o comunismo, tudo pra eles é o governo da Dilma, tudo pra eles é o Lula. E a nossa narrativa?

Eu acho que às vezes a gente tem muitos discursos diferenciados, cada um defende uma coisa, e a gente não conta uma narrativa única para o povo, para ele se dar conta do que está acontecendo no Brasil. Dizer que o Brasil está em crise por conta da Dilma é uma mentira deslavada. Eu, quando vejo o Temer dar entrevista agora, como se não tivesse acontecido nada nesse país... Até reconhecendo que houve golpe, já...

Então o que eu acredito é que o pessoal, os nossos companheiros da esquerda, dos movimentos sociais, precisam construir uma narrativa. Nós temos uma coisa que a gente não tinha há dez anos atrás, que são as redes sociais, que têm coisas muito negativas, mas dá para a gente um instrumento que a gente não tinha. Então o que nós temos que fazer: é preciso construir a nossa rede social, juntar todo mundo que pensa mais ou menos a mesma coisa, e construir uma unificação de narrativa de alguns assuntos. Para que todo mundo saiba a mesma coisa ao mesmo tempo. Mas se cada um ficar falando uma coisa, nós estamos construindo uma Torre de Babel, e não conseguimos unificar a nossa luta.

Eu penso que está na hora de a gente fazer valer o instrumento que nós temos, que é a rede social. Está na hora de a gente fazer valer. Cada deputado tem um site, cada dirigente sindical tem um site, cada central tem um site, cada estudante tem um site... Agora é preciso que tenha uma linha. Outro dia estava vendo uma cena no Congresso Nacional, ou seja, fica todo mundo tirando foto de si mesmo, gravando. Eu estava vendo a Gleisi abrir uma reunião do Diretório Nacional do PT e ela falando, e tinha umas 20 pessoas ali...

Os seres humanos estão virando algoritmos. Não é o ser humano que está utilizando a internet, a internet que está utilizando eles. Quando é que a gente vai transformar esse potencial que nós temos num instrumento político para a gente brigar? Em vez de permitir que eles utilizem a gente para fins eleitorais, como utilizaram nas eleições agora no Brasil, nas eleições do Trump nos Estados Unidos, e outras eleições por aí. Então temos um momento extraordinário e um potencial, a gente apenas precisa saber como unificar procedimentos nossos para que a gente dê dimensão no potencial que nós temos.

Nina Fideles: Vou voltar um pouco na questão das correlações e composições, inclusive o [José] Genoíno já havia nos contado de que o que motivou a criação do PT foi realmente encontrar um Congresso que não tem trabalhador. Hoje, do ponto de vista de governo eleito, a gente tem composição de militares, presidente, vice-presidente, setores estratégicos, ministros à frente que são militares. E têm muitas discussões sobre quanto arriscado isso é para a democracia. O senhor foi preso político também na ditadura. Como o senhor enxerga essa composição hoje? Há realmente um risco? É uma composição natural a partir do que o Bolsonaro compôs?

Lula: A montagem do governo é o resultado daquilo que o Bolsonaro tinha condições de fazer. O Bolsonaro não era um cara alinhado com a sociedade civil. A relação dele está hoje, mais do que provado, com os reservas das Forças Armadas, com os milicianos do Rio de Janeiro. Você não tem noção do Bolsonaro participando de outra atividade que não fosse essa, e é essa gente que está ocupando o governo dele. Eu não tenho nada contra os militares estarem no governo dele. Você pode ter gente altamente competente exercendo funções de governo, não vejo nenhum problema. Mas o que se percebe é que ele coloca, porque ele não tem gente para colocar.

Uma vez eu viajei com o Collor, a Dilma, nós fomos pra Alagoas fazer um ato, e eu fiz uma pergunta para o Collor sobre algumas pessoas que ele tinha escolhido. Ele falou assim para mim: "Eu não tinha ninguém. Ninguém queria ir para o meu governo". O Bolsonaro, ninguém queria ir para o governo dele. As pessoas democráticas, tidas como civilizadas, ninguém queria ir para o governo dele. Então ele pegou o que tem. O que ele tem é isso. E ele acha bonito essas trapalhadas todas, ele acha bonito essas brigas do filho dele. Ele acha bonito tudo isso. É como se o Brasil tivesse virado um circo. Ele diz textualmente que não entende nada de economia, que não está preocupado com economia, que isso é o Guedes que faz, que não entende de meio ambiente, que é não sei quem que faz. Tudo ele não entende. Ele só entende de falar as bobagens que ele fala todo santo dia.

O que ele não percebe é que, com o comportamento, ele está diminuindo esse país diante do mundo. Porque quando você governa um país, uma pessoa tem que construir credibilidade. Quando você tem credibilidade, você pode fazer determinadas coisas com a sociedade acreditando. Mas ele é como se fosse um chefe de uma torcida organizada, tudo que ele fala é para os fanáticos deles. Quando você torce para um time, não tem nada mais chato do que você discutir futebol com fanáticos, com doentes, um cara que fala asneira toda santa hora. Então, eu tenho muitos amigos assim. Talvez eles achem que eu sou assim também (risos).

O dado concreto é que ele não fala para o Brasil, ele fala para o povo dele. Ele tem que contentar o povo dele, as pessoas que o cercam, as pessoas que batem, as pessoas que são violentas, as pessoas que ameaçam. Eu acho que tem uma parcela da sociedade brasileira que é assim. Tem um livro do Mia Couto, um escritor moçambicano, que tem uma frase que diz lá: quando a sociedade está com medo, ela se encosta no primeiro monstro que aparece.

Ou seja, as denúncias contra o PT, contra a esquerda, foram de tal magnitude que de repente uma parte do povo achou que era possível que esse cara resolvesse o problema. E, na verdade, não é. Ele não tem condição de resolver o problema. Ele vai passar a vida inteira contando mentira. Um cara que coloca um filho para disputar uma eleição com a mãe, sabe... Não é um cara tão normal assim. Mas é isso que o povo elegeu, então se o povo elegeu ele, ele que trate de governar. Ele tem quatro anos de mandato, ainda está no primeiro ano, significa que ele tem chance de fazer muita coisa pelo Brasil. Então que faça. Faça. Se o povo estiver comendo, se o povo estiver trabalhando...

Qual é a condição de trabalho hoje? O povo brasileiro foi reduzido a ser motorista de Uber, a ser entregador de pizza... É esse o trabalho? Não que esteja desmerecendo essas funções, mas é que essas funções não têm registro em carteira profissional, nessas funções as pessoas não tem direito a aposentadoria. As pessoas ficam acidentadas e não recebem sequer um amparo do Estado. Nós estamos voltando, da forma mais perversa possível, ao mesmo tratamento que se dava no tempo da escravidão. Com uma vantagem, no tempo da escravidão, o dono do escravo era obrigado a cuidar do seu escravo. Agora não, agora a sociedade está submetida ao trabalho intermitente. Eu faço o que tem, na hora que querem que eu faça, me pagam o que querem, onde nós estamos vivendo, destruindo tudo que é conquista que nós tivemos?

Não foi fácil conquistar essas migalhas que nós temos. Eles estão destruindo em nome do quê? Em nome do aumento do lucro dos donos do dinheiro. É isso que está acontecendo no Brasil e no mundo.

Então, ou nós nos insurgimos contra isso com muita clareza, montamos uma estratégia de como vamos enfrentar essas coisas, ou vamos ter esse país como se fosse um país de terra arrasada. É o que eles estão fazendo. Eu, sinceramente, fico muito indignado com o que está acontecendo no Brasil. Só não vou dar cabeçada na parede, porque não tenho com quem reclamar. Ou dou cabeçada na parede ou fico quieto. Então eu, sinceramente, não me conformo com o que está acontecendo. Eu fico dizendo... Eu vejo todo dia: "Tem medo do Lula, não quero que Lula saia, Bolsonaro já articula para sair [?]"...

Olha, tem que saber de uma coisa: se eu sair, eu vou para a rua conversar com o povo brasileiro. Não tem jeito. Vou conversar e vou chamar o povo a lutar contra essa entrega que eles estão fazendo. Se o prejuízo que eu causar à minha vida for lutar pelo povo brasileiro, é a única coisa que eu aprendi a fazer. E hoje eu estou, diria, mais preparado, mais motivado, porque sei que a gente pode ser infinitamente melhor do que eles para cuidar desse país e para cuidar do povo.

Quando falam da corrupção, a corrupção sempre foi utilizada para a direita chegar ao poder. Quando eles falam: "Ah, devolvemos não sei quanto para a Petrobras". Eles tem que dizer qual o prejuízo que eles deram para o Brasil. Mais de R\$ 142 bilhões ao Estado brasileiro. Só na construção civil mais de 1,2 milhão de empregos, fora a destruição da indústria naval, a destruição das nossas faculdades... A troca do quê? E o que estamos fazendo? O nosso problema é que...

Eu assisto muita coisa. Tem muita gente nas redes falando, tem uns 50 jornais que eu assisto aí... O problema é que cada um fala por si. É preciso tentar dar densidade coletiva às coisas que nós falamos para juntar gente. E determinar uma linha de ação. Precisa saber o que nós queremos. Nós queremos a universidade pública forte? Nós queremos investimentos em ciência e pesquisa? Nós precisamos brigar por isso.

Beatriz Pasqualino: Existem algumas discussões dentro da esquerda acerca da terminologia usada para definir o que é o governo Bolsonaro. Tem "neofascismo", "totalitarismo", "autoritarismo", e isso ajuda a definir a linha... [Lula interrompe]

Lula: Eu sinceramente não acho. Eu não sei qual é a discussão que... Eu não acho que a gente tem que ficar procurando definir o que é o governo Bolsonaro. O governo Bolsonaro é o Bolsonaro. Está aí. Eu não quero fazer análise do governo Bolsonaro. Eu quero saber o seguinte: ele está destruindo esse país. Ou nós brigamos ou nós não brigamos. Sabe? Então ele colocou o Guedes com a única missão de vender o país. Nós estamos vivendo uma contradição. De um lado o Chile em pé de guerra, inclusive por causa dos aposentados que estão morrendo de fome. E nós aqui festejando a aprovação de uma política de reforma da Previdência que vai acontecer, no longo prazo, o que está acontecendo com o Chile.

Então eu não posso fazer crítica a quem está fazendo as análises para definir o Bolsonaro. Eu, sinceramente, não quero nenhuma definição do Bolsonaro. Ele é o que é. E eu acho que nós temos que brigar pelo Brasil. Vamos definir o que nós queremos do Brasil e brigar por isso.

Beatriz Pasqualino: A gente assiste a esse retrocesso promovido pelo governo Bolsonaro em diversas áreas. Na saúde, cada dia é uma. O senhor acha que é possível reverter esse quadro de retrocesso? Custou tanto para garantir os direitos do povo. Esse trator é possível de ser freado? E como é possível fazer essa reconstrução? O senhor vê isso no horizonte?

Lula: Vamos ter em conta o seguinte: uma Previdência Social, de quando em quando você tem que fazer um ajuste em função dos avanços da própria sociedade. Você não precisa ficar um século com o mesmo sistema de aposentadoria, você pode fazer ajustes. Eu lembro que quando eu comecei a trabalhar, a gente, muitas vezes, não se aposentava porque morria antes de se aposentar. Eu lembro que naquele tempo quem tinha 60 anos era velho. Hoje as pessoas estão vivendo até os 75. Dependendo da profissão, até um pouco mais. Você pode fazer ajustes, o que você não pode fazer

ajuste é por conta do déficit público. [Não se pode] tentar colocar a culpa na aposentadoria e nos aposentados pela questão econômica.

O que o povo pagava dava muito bem para cobrir a Previdência Social. Nós temos um problema no setor público, que eu fiz um ajuste em 2003. O PSOL foi criado por causa da briga da reforma da Previdência que eu fiz. Era preciso ajustar alguma coisa. Filha de general não casava para ficar recebendo pensão a vida inteira; o cara se aposenta recebendo salário integral e ainda tem aumento real da categoria. Tudo isso a gente brigou muito. Era o Ricardo Berzoini o ministro da Previdência Social. Agora, a receita da iniciativa privada era superavitária até 2014. [Se] você quer resolver o problema da Previdência Social, [tem que] gerar emprego. Quando você gera emprego, você gera um contribuinte. Quando você gera um contribuinte, gera um aumento da arrecadação. Foi assim no nosso governo, quando nós criamos mais de 20 milhões de empregos com carteira profissional assinada.

Aí [se] você quer fazer um ajuste na Previdência, discute com a sociedade. Eu criei um grupo em que participavam todas as centrais sindicais, participava o governo e participavam os empresários. Vamos discutir, vamos ver o que precisa aperfeiçoar, e você faz. O que você não pode é tentar fazer uma reforma para resolver um déficit que não é da Previdência, para resolver o problema fiscal do governo. Eu sinceramente não sei... Não é fácil você aprovar emenda constitucional nesse país. O Congresso, hoje, é muito mais conservador do que já foi em qualquer outro momento. Eu acho que nós vamos ter que ver o que a gente quer desse país. Eu, sinceramente, acho que é quase que a reconstrução, porque estão desmontando tudo. Tudo que foi criado. Não tem mais um conselho, não tem mais nada que nós criamos funcionando. É uma destruição, é como se fosse um furacão. Sabe isso que você vê na televisão, que destrói uma parte da Califórnia, de Miami, de Cuba, da Jamaica? Está passando um furacão, destruindo tudo o que foi construído, em nome de combater o comunismo. Eles nem sabem que o Muro de Berlim caiu em 1989. Eles nem sabem. Eles estão falando de coisas sem saber do que estão falando.

Veja, o Brasil é o único país que tem como ministro da Ciência e Tecnologia um astronauta. Portanto, ele subiu no foguete, saiu da atmosfera e sabe que o planeta é redondo. E o presidente dele acredita que a Terra é plana. Ele [ministro Marcos Pontes] tem que contar para o presidente: "Olha, eu subi lá. Eu tirei fotografia, está aqui. O mundo é redondo. Bolsonaro, a terra é redonda. Fala para o seu guru que não tem terra plana". Mas, não, a gente vive isso.

Ontem eu vi o ministro do Meio Ambiente [Ricardo Salles] dizer [que] o óleo é da Venezuela. Quem quer saber de onde é o óleo, meu Deus do céu? Nós queremos saber que o óleo está poluindo a praia brasileira. Se for dos Estados Unidos é bom? Se for de Israel é bom? Não. O problema do óleo é que é da Venezuela. [Isso] é de uma cretinice muito grande. E nós estamos vendo isso, sabe?

Nós precisamos recuperar o espírito rebelde do povo brasileiro. É isso que nós precisamos.

Nina Fideles: Todo esse desmonte coloca o povo brasileiro em uma situação muito delicada, de estar tentando prover sua própria vida. A gente não vive mais os tempos de acesso às políticas públicas que permitiam que se tivesse 10 minutos para refletir o que cada um queria sobre o Brasil. Como esperar que O povo, que está vendendo o almoço para comprar a janta, reflita sobre o que quer, vá para a rua, se insurja?

Lula: O problema é que se cria um pânico na sociedade, e a sociedade brasileira esteve, por um tempo, muito amedrontada. Eu lembro que, logo depois da eleição do Bolsonaro, eu ouvia muita gente dizer: "E agora? Eu vou embora não-sei-para-onde. Eu recebi ameaça de morte, etc". As pessoas começam a ficar com medo, e não se faz política com medo. Com medo, você não faz nada. O medo permite que uma mulher muitas vezes não resista a um estupro. Porque ela está com medo, ela está com pânico. O medo fazia com que muitas vezes um escravo tomasse chibatada sem ser amarrado e não reagia. O medo faz com que a sociedade deixe de fazer muitas coisas. Mas, medo do quê?

O cara ganhou as eleições. Nós não gostamos do jeito que ele ganhou as eleições, mas ele ganhou as eleições, tomou posse, montou o governo dele. Eles possivelmente pensaram o mesmo de nós quando nós ganhamos. "Porra, esse Lula, esse metalúrgico grosseiro, que fala 'menas laranja', que não sabe nem falar direito. Esse cara vai governar o Brasil. Esse cara que não é chique". Eles pensaram o mesmo de nós. Então, eu acho que a gente não tem que ter medo e nem desespero. Primeiro, nós temos que ter consciência que, para quem ganha, quatro anos são quatro dias. Para quem perde, quatro anos são quatro séculos. É muito difícil você esperar terminar um mandato, para quem está na oposição. E é muito rápido para quem está no governo.

[Ele] Nem bem começou a governar e já tem um ano. Daqui a pouco, temos eleições outra vez. O que nós temos que fazer? Nós temos que preparar o que nós queremos nesse momento. Vou te dar um exemplo. O PT apresentou um plano de emergência. Na verdade, o PT pegou o programa que o Fernando Haddad fez na campanha, transformou em vários projetos de lei para apresentar no Congresso Nacional, tentando transformar aquilo em um instrumento de luta do povo brasileiro. Hoje, eu acho estranho, porque ninguém mais fala do plano de emergência que foi apresentado. Aí, apresentou-se a proposta de política tributária. Daqui a pouco, apresenta outra coisa.

Ou seja, nós mesmos vamos nos atropelando sem definir o que é prioritário, o que é mais importante. O Vicentinho [deputado Vicente Paulo da Silva] brincava que a gente tinha que definir o seguinte: o importante é principal, o resto é secundário. Então, nós temos que saber o que é importante para nós e, em cima disso, fazer uma luta. Defender as universidades e as escolas técnicas é importante, defender a qualidade de ensino é importante, defender a Petrobras é importante. Vamos mapear essas coisas. Por isso que eu estava pensando em fazer um texto sobre soberania. Aí, foi criada a comissão, foi criada uma secretaria. Mas, tudo que você cria, tem que transformar em ação política. O que é transformar em ação política? É falar todo dia, fazer o povo compreender, e pedir para o povo falar todo dia. Quando todo mundo estiver falando a mesma coisa, a coisa começa a rodar, começa a funcionar. E nós não estamos fazendo isso.

Todo mundo quer brigar, mas todo mundo quer brigar por uma coisa [diferente]. Tem uma razão. É o seguinte, está claro: nós precisamos provar que o Brasil não precisa ser destruído; que o Brasil não pode ser subordinado aos Estados Unidos; que o Brasil é um país que pode ser protagonista e que, para tudo isso, o povo tem que trabalhar, comer, estudar, ter acesso à cultura. O que eles estão fazendo com a cultura é uma coisa muito grosseira. Os artistas brasileiros já deveriam ter parado esse país. Como é que pode você tentar jogar a responsabilidade na cultura para combater qualquer coisa ideológica? Depende de o presidente gostar ou não gostar: que história que é essa? Quanto mais liberdade houver na área cultura, melhor. Eu vejo muitas vezes as pessoas com um certo sentimento de passividade, de contestação, mas sem uma ação. Não dá. Sinceramente, não dá.

Está terminando este primeiro ano [de governo Bolsonaro], vamos ver o que a gente pode fazer para os anos seguintes. O que não pode é deixar destruir o país como estão destruindo. Não se falam mais muitas coisas que a gente falava. Acho que não se tem mais casa popular – não se constrói mais casa popular –; a palavra "emprego" não aparece mais; a palavra "desenvolvimento" não aparece mais; as palavras "redistribuição de renda" não aparecem mais. E a imprensa faz um sacrifício enorme. Quando o PIB cresce 0,000001%, eles vendem como se fosse uma coisa extremamente importante para o país. Assim, o tempo vai passando, e a gente está deixando de fazer a boa briga nesse país.

Beatriz Pasqualino: O senhor falou sobre como o tempo passa rápido para quem está no poder. O que a gente, a partir da lógica da democracia brasileira e dos nossos partidos, é que eles se movem quase que exclusivamente conforme a agenda de eleições. Muitas vezes, estão descolados com as lutas cotidianas do povo brasileiro. Soma-se a esse cenário a narrativa de negação da política, de criminalização da política pela mídia, principalmente. O senhor acha que o PT está dando respostas internas e externas a essas questões? Há uma tentativa de se reinventar, reinventar o partido diante desse cenário novo que se coloca?

Lula: O problema da questão eleitoral é porque você tem um calendário. E o calendário acontece independentemente de você querer. Tem eleição a cada dois anos nesse país. Você tem uma eleição para prefeitos agora em quase seis mil municípios, e os partidos têm que se preocupar com isso. Você começa a se preocupar com eleição um ano antes, não no dia da eleição. Então, isso não impede que o movimento social não faça suas lutas específicas, suas lutas políticas todo santo dia. A luta por habitação, a luta por salário, a luta por terra, a luta por educação é cotidiana. E o partido político, quando chega a época da eleição, se prepara.

Eu tenho defendido algumas coisas que... eu lamento que, às vezes, eu falo daqui de dentro e não estou lá fora para ouvir os “nãos” ou os “sins” de concordância.

Mas, veja, tem pessoas que falam o seguinte: "O PT não está fazendo o que as pessoas achavam que deveria fazer". Vou dizer uma coisa para vocês, com toda a sinceridade e com toda a humildade. O PT é o mais importante partido político de esquerda existente no mundo hoje. Não tem nenhum partido que tenha a base do PT. Não julgue o PT por uma reunião do diretório do PT. Se você

quer conhecer o PT, vá para os cafundós do Judas desse país, no sertão, na Amazônia, para saber o que é o verdadeiro PT.

O PT é muito grande, mas as pessoas vivem tentando dizer: "O PT não vai ganhar, porque tem o antipetismo". Veja, tem o antipetismo como tem o "anti-flamenguismo", o "anti-Vasco", o "anti-Beija-Flor", o "anti-Mangureira", o "anti-corinthiano". Tem o cara que não gosta de nada.

É importante lembrar que o Brasil não tem cultura partidária. Não tem partido nacional. O PT é o primeiro partido de cunho nacional, de envergadura, grande. O Brasil tem muitos partidos locais: a tribo de São Paulo, do Paraná, que não se conectam entre si. O PMDB não toma uma decisão que 27 estados cumpram. Paraná cumpre se quiser, Pernambuco cumpre se quiser, São Paulo cumpre se quiser. O PT não. Quando se toma uma decisão, baixa o centralismo. Tem que cumprir para poder funcionar como partido político.

E tem gente que fala: "Ah, mas o anti-petismo". Por isso, nós aprovamos eleição em dois turnos. No primeiro turno, cada partido coloca sua cara, como na busca de um título. Tem 20 times no Brasileiro. Só um vai chegar lá, mas todo mundo está disputando. Então, no primeiro turno, cada um lança um candidato. E, no segundo turno, você junta os iguais.

Então, eu defendo a tese de que o PT não pode perder o seu vínculo originário. O PT foi criado a partir da classe trabalhadora brasileira e de sua capacidade de luta. É importante lembrar que os sem-terra [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundado em 1984] foram criados quatro anos depois do PT, quase que com o mesmo povo, quase que com a mesma parte da igreja, da Teologia da Libertação, quase que com o mesmo apoio.

É importante [lembrar] que a CUT foi fundada em 1983 com o mesmo perfil, o mesmo público, a mesma parte da igreja apoiando, a mesma parte do movimento popular, os mesmos deputados. Era quase tudo oriundo do mesmo útero. Nós insistimos e estamos aqui. Foi um dos maiores movimentos criados na América Latina. O que nós precisamos? Conversar e estabelecer estratégias comuns entre nós. Para a luta pela reforma agrária, para a luta por salário, para a luta eleitoral. Tem espaço para tudo. Agora, se a gente não conversa, cada um fica trancado no seu mundo, fica tudo mais difícil.

Se o PT achar que o mundo se resolve apenas pela concepção parlamentar, não se resolve. Ou pela concepção de quem está administrando uma cidade ou um estado, não se resolve. O PT não pode abdicar de ouvir a sua base.

Eu, quando era presidente do Sindicato [dos Metalúrgicos] em São Bernardo do Campo, quando tinha qualquer dúvida, falava: "Eu vou adquirir experiência na porta da fábrica, vou pegar oxigênio novo, vou respirar o que a 'peãozada' está respirando." É assim que o partido tem que sobreviver. Por isso que eu briguei para a Gleisi [Hoffmann] continuasse presidenta do PT, porque acho que ela está falando exatamente aquilo que o povo quer que fale. Aí, o povo critica: "O PT precisa conversar com todo mundo". Tem que conversar com todo mundo, sim, e eu converso com todo mundo. Sempre conversei com todo mundo.

Eu, por exemplo, tenho divergências com companheiros sem-terra, e eles têm divergências comigo, mas nós nunca deixamos de ser companheiros. Nas horas cruciais, a gente está do mesmo lado, remando para a mesma praia. É assim que deve ser. E tem que saber o seguinte: o PT não é um partido de vanguarda, é um partido de massas. E um partido de massa ouve a sua gente.

Tem que ouvir o povo na periferia, nos locais de trabalho, nos quilombos, tem que conversar com todo mundo, com católicos e evangélicos. E não ter medo de ser um partido de massas, não ter medo de defender o seu legado. Isso é muito importante.

Quando você quer dar o exemplo de uma política social bem sucedida no mundo, todo economista fala [sobre] o *New Deal*, nos EUA, no governo [Theodore] Roosevelt, nos anos 1930. E eu digo: "Por que fala do *New Deal* e não fala do nosso governo?". Você quer pegar exemplo de coisa bem sucedida na América Latina? Tem a Venezuela, que teve coisas bem sucedidas; tem o companheiro Evo Morales, que tem coisas muito bem sucedidas, é o presidente mais longevo da história da Bolívia e o que mais fez políticas de distribuição de renda – a Bolívia hoje é o país que mais cresce na América do Sul. E você tem o Brasil.

O que nós fizemos no Brasil não tem [nada] similar. É que, muitas vezes, a gente não consegue juntar todas as peças do que nós fizemos. Não foi [só] o Bolsa Família. É que nós criamos um conjunto de políticas públicas, que somadas...

Eu lembro que, quando eu disputava as eleições, tinha um movimento chamado Asa [Movimento Semiárido Brasileiro], que queria construir cisternas, um milhão de cisternas. E era difícil, porque não tinha dinheiro, não tinha estrutura. Quando a gente chega no governo, o que aconteceu? Nos nossos 13 anos de governo, nós entregamos 1,4 milhão de cisternas.

Eu lembro do programa Luz Para Todos. Era caro, ninguém queria assumir, e nós assumimos. Custou R\$ 20 bilhões para levar energia para quase 15 milhões de pessoas. Eu lembro do PAA [Programa de Aquisição de Alimentos]. O que foi o milagre do PAA para o pequeno produtor! Eu discuto com os companheiros o seguinte: no governo do PT, nos 13 anos do PT, nós disponibilizamos para a reforma agrária 51 milhões de hectares de terra. Isso é mais de 50% de tudo que foi feito em 500 anos. Não fizemos tudo. Obviamente que não fizemos tudo. Houve dificuldades. Houve tempos mais fáceis, mais difíceis, mas o dado concreto é que vivemos um momento de muito progresso nessa área. Agora eles estão destruindo.

Eu vi agora pelos jornais que, até a extraordinária feira que os sem-terra faziam em São Paulo [Feira Nacional da Reforma Agrária], não deixaram mais. Se fosse uma feira de cocô de cachorro irlandês, o governador [João Doria] deixaria. Para vender os produtos produzidos pelos sem-terra, ele não deixa. Então, nós precisamos recuperar o governo para isso também.

Beatriz Pasqualino: O que o senhor acha que o impediu de realizar a reforma agrária como o seu governo planejava? Que tipo de forças impedem que o Brasil faça sua reforma agrária, como tantos

outros países que já resolveram essa questão, inclusive no século 19? É um lobby do agronegócio, é a correlação de forças no Congresso? O que impede que se faça isso?

Lula: Tem correlações de forças no Congresso que impedem você de fazer muitas coisas. No Brasil, você tem que pagar terra que você desapropria e, às vezes, é muito caro. Eu tive problemas sérios com desapropriações em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, [que ocorreram] quase no final do meu governo.

Era muito caro desapropriar para atender poucas pessoas. Isso eu discuti muito com os companheiros, porque as pessoas querem cada vez mais ficar assentados em lugares em que as terras vão ficando cada vez mais caras.

Agora, a verdade é que nós fizemos muita coisa, muita coisa. Certamente, deixamos de fazer muitas coisas, mas foram assentadas por volta de 570 mil famílias. Você pode ter discordância entre os números do governo e dos sem-terra, da Contag [Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura], da CUT, mas esses são os dados oficiais com os quais eu trabalhava.¹²⁹

E não apenas a questão da terra, [mas] a questão da possibilidade de trabalhar a terra, as condições das pessoas trabalharem a terra, o acesso à tecnologia, o acesso aos financiamentos, às compras. Porque uma coisa é você produzir e não vender, outra é você produzir e ter mercado para vender. E nós criamos muitas possibilidades.

Eu tenho consciência que nós não fizemos tudo que os companheiros queriam, mas nós já fizemos mais do que qualquer outro governo fez na história desse país. E mantenho a relação de lealdade e companheirismo com todo mundo, porque eu acho que é o [MST] é o movimento mais sério que temos no Brasil, e eu fico orgulhoso com a sua capacidade produtiva.

Ou seja, hoje, a gente fica sabendo da qualidade dos produtos, que os sem-terra são os maiores produtores de determinados produtos orgânicos no Brasil – e que o governo deveria se orgulhar disso, deveria comprar, criar condições, o mundo deveria comprar. Então, eu fico orgulhoso disso e acho que o aprendizado é o de que nós poderemos fazer mais e cada vez mais. Tanto para os sem-terra quanto para os sem-teto, os quilombolas, [a população] LGBT.

Eu vou sair daqui muito mais aberto do que eu já fui, com muito maior vontade de conversar, entendendo muita coisa que eu não entendia, com muito mais serenidade. É assim que eu quero sair daqui, para ver se eu contribuo com as pessoas.

Nina Fideles: O senhor analisa muito bem que o conceito de reforma agrária não é só terra: é um pacote de políticas públicas que permitem que a família e o trabalhador permaneçam na terra produzindo com condições, com estrutura. E a gente não tem nenhum assentamento recente. Agora, as sinalizações dadas pelo governo também aumentam em muito a violência no campo.

¹²⁹ Reforma agrária.

Para realizar a reforma agrária, a gente enfrenta estruturas muito consolidadas de poder, que é o latifúndio, é o grande agricultor. Existe a possibilidade de se realizar, a partir da experiência que já tivemos no governo Lula – que avançou, mas ainda ficou aquém em relação ao proposto pelo Plano Nacional de Reforma Agrária? Porque nas outras experiências da América Latina, a reforma agrária ocorreu à base de muito enfrentamento e rupturas com o agronegócio. É muito difícil enxergar isso hoje, mas já era difícil enxergar nos governos Lula...

Lula: Um dos problemas nossos é dar terra e dar condições de produzir. Porque, durante muito tempo, você invadia uma terra e não tinha financiamento, não tinha como vender o seu produto. As pessoas ficavam em uma terra, passando as mesmas necessidades.

Eu acho que os companheiros sem-terra têm noção de que nem eles conseguiram fazer tudo que imaginavam que poderiam fazer depois de conquistar a terra. Porque a vida é assim. Na vida, a gente vai conquistando e aprendendo com o passar do tempo. Não é nem um demérito eu dizer que não sabia uma coisa dez anos atrás e agora eu descubro que sei e quero fazer diferente. Então, acho que houve uma evolução na compreensão de todo mundo sobre o que fazer.

Eu sempre tive uma preocupação e conversei muito com meus companheiros sem-terra. O problema é o seguinte: tornar a terra produtiva para a gente ganhar credibilidade na sociedade, porque, por enquanto, [estão] vendo a gente como se fosse o demônio.

As pessoas tem memória curta, mas eu lembro. Eu lembro do [Ronaldo, governador do Goiás pelo DEM] Caiado montado em um cavalo branco, de madrugada, no Rio Grande do Sul, como se fosse um paladino juntando gente – inclusive ligada aos sem-terra, – ligados aos pequenos proprietários, na luta contra a reforma agrária. Quem não lembra disso, em 1989?

Então, foi [se] criando um clima de ódio contra os sem-terra, e eu tinha em mente que a gente ia diminuir isso na medida em que fossemos mostrando que é capaz de se produzir quando eles têm terra, assessoria técnica, quando eles têm mercado para os seus produtos. Eu visitei muitas cooperativas dos sem-terra, umas com problemas, outras que melhoraram. Acho que, na medida em que eles têm recursos para fazer as coisas, vão fazendo com melhor qualidade.

Eu não sou favorável a esse antagonismo de que só pode existir agricultura familiar se acabar com o latifundiário. Mas esse cidadão que tem uma propriedade de terra produtiva, o cidadão que pensa nesse país, sabe que quem produz alimento para o povo comer não é ele. O que ele produz é apenas para exportação. Ou produz cana, ou produz soja, algodão, tudo para exportação. Quem produz a galinha caipira que ele gosta de comer é o pequeno proprietário.

Nós temos no Brasil, só para você ter ideia, 4,2 milhões de propriedades de até 50 hectares. Isso representa apenas 13% das propriedades. Se você somar até 100 hectares, são 4,6 milhões, [o que] representa 20% da terra. Vai sair um dado novo amanhã, deve ser publicado um dado novo sobre as propriedades rurais – esse aqui é de 2017, o que estou trabalhando aqui.

Agora, imagine só: enquanto você tem quase 5 milhões de propriedades ocupando 20% da área agricultável, você tem do outro lado 105 mil propriedades que detêm 58% de toda a terra. Ou

seja, você tem 2% de proprietários que produzem três vezes mais terra do que 5 milhões de pessoas. Desses, você tem gente que produz com seriedade, que leva em conta a questão ambiental, que paga salário, e você tem esses bandidos que estão fazendo queimadas na Amazônia, esses que querem matar índios, quilombolas, que querem matar sem-terra.

Há uma predominância de um discurso canalha neste momento no Brasil, e não é possível que a gente não resista a isso em nome da verdade, em nome do bom senso, em nome do país. O povo brasileiro é um povo, não diria pacífico, mas é um povo alegre. O povo brasileiro não gosta de violência. Se puder resolver as coisas numa boa, resolve. Não são os sem-terra que provocam violência, não é a CUT que provoca violência, não é o quilombola que provoca violência. Eles são vítimas de uma violência da forma mais descabida possível. E a gente vinha vivendo em um clima de paz.

Vejam, vou contar um dado para vocês. No meu período de governo, foi o momento que houve menos invasão de terras na cidade, em que houve menos invasão de terras no campo, foi o momento em que houve menos greve no funcionalismo público e na iniciativa privada. Foi o movimento em que houve mais assentamentos, mais aumento de salário. Por quê? Porque a gente conversava, a gente acertava as coisas, a gente discutia antes.

Eu tinha 10 ministros em uma mesa de negociação com o movimento sindical. Eu era acusado de assembleísmo. Mas eu não tomo decisão quando eu estou com 40 graus de febre: eu espero baixar para 36. Eu não tenho nenhum problema em dormir a noite sem tomar uma decisão para pensar e refletir no dia seguinte. Eu não gosto de tomar decisão sem conversar com algumas pessoas, porque a gente sempre constrói na vida algumas referências. Aí eu vou ligar não sei para quem, vou conversar com não-sei-quem e, sobretudo, conversar minha consciência. Então, nós provamos que é possível construir uma harmonia na sociedade brasileira.

Eu fiz 74 conferências nacionais para discutir todos os assuntos. Este cidadão que vos fala foi a um encontro LGBT com mais de duas mil pessoas – minha assessoria de segurança não queria que eu fosse, com medo de alguém me beijar. Ora, eu era presidente da República, eu lá ia ter preocupação se alguém ia me beijar? Eu queria mais era ser beijado mesmo! E essa gente existe, tem que ser tratada com respeito.

Às vezes, eu fico preocupado. Quando as pessoas ficam perguntando “ah, você é favorável ao aborto?”, a gente fica sem saber o que falar. Não pode dizer “não”, porque vai desagradar os que querem “sim”. Não pode dizer “sim”, porque vai desagradar os que querem “não”. O presidente da República não tem que ter posição pessoal, mas uma posição de Estado.

Eu, Lula, fui casado com a dona Marisa [Letícia] por 43 anos, e a gente era contra o aborto. Mas eu, Lula, cidadão brasileiro, tratei o aborto como uma questão de saúde pública. As pessoas iam ser tratadas, respeitadas e curadas. Porque, enquanto você fica criticando se um pobre pode fazer aborto, a madame vai para Paris [capital da França] fazer aborto. Você não permitir que uma mulher pobre fique cutucando o útero com uma agulha de tricô, que fique colocando fuligem de fogão de

lenha na vagina: você dá a ela um tratamento adequado. É assim que o Estado tem que proceder, é isso que é um chefe de Estado.

O ser humano pode reagir emocionalmente, mas o Estado não reage emocionalmente. É isso que a gente tentou passar para a sociedade brasileira: esse é o papel do Estado, cuidar das pessoas, dar carinho das pessoas. Por isso, eu utilizava muito a ideia de “coração de mãe”. Se você quer aprender a ser democrático, você tem que casar e ter filho, porque não tem nada mais democrático do que estar sentado em uma mesa com cinco filhos brigando pelo bife, brigando pelo arroz, um puxando o prato do outro, e você ter que coordenar aquilo e sair da mesa sem ninguém esfaquear ninguém.

Você tem que fazer concessão toda hora. Você tem que fazer concessão para sua mulher toda hora. Ela faz por você também, e aí você faz para os filhos. Então, eu gosto tanto disso que eu vou casar outra vez, sabe? Para poder continuar sendo democrático, para poder fazer concessão.

Nina Fideles: O senhor vai me perdoar se eu estiver insistindo, presidente...

Lula: Eu acho que vocês estão estranhando, mas eu tenho razão de sobra de estar com muito ódio. Todo o meu trabalho aqui dentro é tentar fazer análise comigo mesmo, sozinho, para não deixar o ódio me consumir. Vou sair daqui mais preparado, espero conseguir conversar com vocês quando sair daqui. Vocês irão perceber que eu estou mais maduro, mais consciente. E não pense que estou velho, não. Eu estou com muito mais vontade de brigar do que quando eu tinha 50 anos. Eu estou muito mais maduro para brigar.

Então, quem achar que a idade vai me consumir, pode tirar o cavalo da chuva. Nem a idade, nem o ódio: eu sou um cara tranquilo, e eu acho que o amor sempre vence. Você tem que colocar o amor em primeiro lugar em tudo o que faz.

Nina Fideles: A gente sabe que criar expectativas pode ser uma grande armadilha. Mas o tema mais quente hoje, com certeza, lá fora, é o STF [decisão sobre prisão em segunda instância]. Como o senhor se sente? Acha que essa é a sua última entrevista [aqui dentro]?

Lula: Deixa eu te falar uma coisa: eu até proíbo meus advogados de conversarem comigo sobre isso. Eu não gosto de trabalhar com expectativas, sobretudo quando estou trancado. Porque, se você fica gerando expectativa, você fica frustrado, não sobrevive. Eu não deixo me consumir por expectativa.

Eu sei porque estou aqui, eu tenho noção. Os canalhas que me colocaram aqui dentro sabem que eu sou mais inocente do que eles. Eu tenho noção de que a família Marinho [dona do grupo Globo] sabe que todos eles juntos não são tão honestos quanto eu.

Se isso é uma provação pela qual eu tenho que passar, eu passarei com muita tranquilidade. Então, eu não me deixo consumir por expectativas. Não deixo, porque eu sei o que vem pela frente e não vou ter sossego. Eu vou ter que viajar por esse país, vou ter que me esgoelar, vou ter que visitar sem-terra, vou ter que visitar quilombolas, desempregados, catadores de caranguejo, vou ter que

visitar LGBT, vou ter que visitar porta de fábrica, porta de comércio. Eu vou ter que fazer muita reunião com os empresários – porque eu acho que os empresários estão acovardados.

As pessoas não saberem a importância da Petrobrás para o desenvolvimento desse país, as pessoas não entenderem que os bancos públicos são importantes para o desenvolvimento desse país é realmente covardia pura. Então, saibam que eu vou brigar muito. Você não sabe quanta vontade eu tenho de brigar.

Beatriz Pasqualino: O senhor está falando da sua vontade de brigar, mas a gente sabe que esse discurso de ódio, por toda a situação de crise econômica e social no nosso país, tem aumentado muito. Todo mundo conhece alguém que está com depressão, que está desanimado. A sociedade está adoecendo, em termos de saúde mental. Ao mesmo tempo, a gente vê que o senhor está preso, sozinho, lidando com a sua solidão. A gente sabe que o senhor teve perdas familiares nesse período, mas se mantém saudável, [anda] 10 km por dia, está bem de saúde. Qual a fórmula?

Lula: Olha, eu estou bem de saúde, faz um ano e meio que eu não faço meus exames de naquelas máquinas que você é fotografado por dentro. Eu não quero saber porque eu tenho a expectativa de sair e fazer meus exames. Mas eu tenho feito exames de sangue e eu estou perfeitamente bem, em todos os quesitos. Até a minha glicemia, que às vezes quando eu estava lá fora era 120, 110, 115, aqui estou com 97, 98, 95, está legal. O colesterol está bom, as vitaminas estão boas.¹³⁰ O que eu sinto? Veja, eu sou um cidadão que nunca foi curtido pelo ódio. Se alguém quiser brigar comigo, pode brigar sozinho, eu não quero brigar. Eu brigo por coisa séria, e meu ódio é aquele ódio de segundos. Eu posso ficar com ódio por uma pessoa, mas eu esqueço isso.

Eu acho que a sociedade brasileira está sendo curtida por um mercado de mentiras como jamais ela viveu na vida, causado, obviamente, pela facilidade que se tem [de acessar informações], do avanço tecnológico, da internet, das redes sociais. Antigamente, o cara, para te xingar, tinha que te xingar pessoalmente – com medo de tomar um murro, te xingava para outro. Agora, um canalha entra no quarto dele e fala mal de você, da tua mãe, do teu pai, fala da mãe dele, fala do pai dele. Fala qualquer bobagem sem nenhum critério. É o que a gente está vendo. Como pode um presidente da República querer governar pelo *Twitter*? Como que pode eu levantar de manhã e tweetar, sem nenhuma responsabilidade de prestar contas daquilo que eu falo?

O presidente é tem alguma coisa pra falar? Manda chamar a imprensa e comunica oficialmente ao país: “Eu estou fazendo tal coisa”. Então, os avanços tecnológicos estão fazendo com que o ser humano perca o controle. Ele está sendo controlado. Pelo que eu vejo, é uma certa doença. Esse [fotógrafo oficial, Ricardo] Stuckert, que trabalhou comigo muito tempo, eu brigava muito com ele, porque o avião nem desligava o motor e ele pegava três celulares e ficava rodando para saber das coisas. Eu perguntava: “Por que você quer saber tanta notícia, você só tem que saber o que você vai

¹³⁰ Rotina.

usar, rapaz. Por que você precisa de tanta informação, se você não vai utilizar? A cabeça nossa tem um limite, então saiba apenas o que você vai utilizar, o que você vai trabalhar”.

Eu acho que hoje o mundo está louco, as pessoas não sabem mais viver sem [celular]. As pessoas vão no banheiro com o celular. A coisa mais habitual que você tem é ir em um restaurante com um grupo de pessoas, chegar lá e todo mundo pegar o celular. Aí o cara está conversando com o Canadá e você está na mesa com ele e você não vale nada. No diretório do PT, eu fico vendo na reunião da CUT, os dirigentes estão falando e o pessoal está [mexendo no celular]. Ou seja, você está sempre fora do ambiente em que você está presente. Isso é bom ou é ruim? Tem um lado que é bom: você hoje tem muito mais informação, facilidades. Mas tem muito mais acesso a bobagens, tem acesso à coisa que não presta.

Minha mãe dizia uma coisa: a mentira anda a cavalo e a verdade anda engatinhando. Você nunca vê um cara pegar o celular e mostrar uma coisa boa. É sempre uma sacanagem – vale pra homem e vale pra mulher. Estou aqui chutando, mas eu acho que é assim mesmo [risos]. Eu me preparei para não ficar escravo disso.

Então, eu acho que isso tem estimulado o ódio na sociedade. A quantidade de mentiras contadas é uma enormidade que a gente não tem controle. Era preciso que, em algum momento, houvesse uma regulação. Sem criar censura, mas que se fizesse uma regulação para ter um limite das bobagens que se fala. Eu não sei como é possível fazer isso, mas o que estou notando e, pelo que tenho lido, é que nós estamos virando uma sociedade de menos humanos e mais algoritmos. Ou seja, nós estamos virando um número. Então, as pessoas orientam e decidem o que a gente vai votar.

Eu li um livro, esses dias, sobre a eleição do Trump nos Estados Unidos, e é um medo que se repetiu aqui no Brasil. Ninguém explica alguém ter dois milhões de votos para deputado se não for uma mentira deslavada de *fake news*, martelando a cabeça das pessoas durante 24 horas por dia durante não sei quantos dias. Então, eu quero sair daqui com o propósito de tentar mostrar para a sociedade brasileira que ser bom e generoso é muito menos sofrível do que ser ruim e não ser generoso.

Falar com o coração é melhor do que falar pela irracionalidade do nosso cérebro, às vezes. É preciso colocar sempre uma dosagem de amor naquilo que a gente fala e quer. Não basta querer falar em amor na frente da câmera da televisão: você tem que falar em seu cotidiano. Falar “bom dia” para as pessoas. As pessoas, hoje, entram no elevador, pegam um táxi ou chegam no local de trabalho e não falam. Nós estamos virando uma sociedade de desumanos. Você entra em um lugar e não conversa com ninguém, fica no celular conversando com não-sei-quem. Não nota que tem gente perto de você.

Eu não estou fazendo críticas aos outros: começo a fazer críticas a mim. Quando eu estava em casa com meus filhos, a gente não conversava porque ficavam os netos cada um com seu *tablet* desenhando, os filhos cada um com celular jogando, e você ficava lá vendo eles brincar e você sozinho, sem ter com quem conversar porque eles estavam em outro mundo.

É possível conviver com isso sendo humano? Nós temos que fazer um sacrifício, porque, para mim, nada suplanta um aperto de mão, um olhar entre os seres humanos. É assim que a gente se conhece, não é pelo *WhatsApp*. É pelo aperto de mão.

Beatriz Pasqualino: Ao mesmo tempo, a gente tem exemplos de amor na sociedade. Tem as fortalezas quais se agarrar. A gente queria aproveitar e falar sobre o papel das pessoas que estão aí fora há tanto tempo fazendo uma demonstração não só de insurgência, mas também de admiração a você. O que isso impacta?

Lula: Eu ouço esses companheiros e companheiras todos esses dias que estou aqui. Todo santo dia. O “bom dia, Lula”. O “boa tarde, Lula”, o “boa noite, Lula”, as músicas... De vez em quando, vem um corneteiro. Eu, sinceramente, não tenho palavras. Acho que não existem palavras para agradecer esse gesto. Não sei se já houve na história da humanidade algum preso que teve essa distinção carinhosa das pessoas. Eu, se pudesse, pegava todos eles e fazia um chaveirinho de pendurar e andar com todos eles pendurados no meu corpo, porque eu não sei como vou me desfazer deles. E eu nem conheço eles! Então, quando eu sair daqui, o que eu quero fazer é o seguinte: é dar um longo abraço e um longo beijo em cada um deles. Pegar o endereço da residência, o telefone celular, porque eles passaram a ser uma parte da minha vida.

Não é normal os seres humanos terem a grandeza que essa gente teve. Eu já até falei para a Gleisi [Hoffmann] falar com eles para voltarem para a casa deles. Eu acho que é muito sacrifício para eles. Mas eles não querem nem ouvir falar nisso. Eu, sinceramente, não sei o que vou fazer com eles, porque é só gratidão que eu tenho por eles. De vez em quando, eu recebo um docezinho, um bolo. Eles estão me tratando com um dengo que eu nunca tive. Então, eu sou muito grato, inclusive à sociedade brasileira, pela solidariedade que eu tenho recebido do mundo inteiro. Ainda ontem (22), eu recebi uma carta de vários juristas do mundo inteiro que mandaram carta para o Supremo Tribunal Federal, de primeiros-ministros, ex-primeiros-ministros, sindicalistas...

Eu sou muito grato às pessoas que estão se manifestando no Brasil em solidariedade. E a única coisa que eu posso oferecer para eles é minha inocência. É a única coisa. Quem tem o carinho que eu tenho dessas pessoas não pode se curvar. Não posso aceitar “meia liberdade”. Eu quero dizer, em alto e bom som: se tem alguém culpado nessa história é o seu Moro, seu Dallagnol, os procuradores da força-tarefa, os delegados que fizeram o inquérito e o desembargador do TRF-4.

Eles precisam aprender que eles não julgaram um cidadão que não tem história. Eu sei por que eles me julgaram, me condenaram e mentiram. E é em nome de desvendar para a sociedade essas mentiras que eu estou aqui, com muito amor para dar, com muito carinho e com muita vontade de lutar. Por isso é que, às vezes, eu pareço duro. Às vezes, meus advogados até ficam preocupados, porque comigo não tem meia conversa. Em se tratando de honestidade, não existe uma pessoa meia honesta: ela é honesta ou não é.

Não existe meio caráter: você tem ou não tem. Eu digo para todo mundo que você não encontra caráter em bar, shopping ou comércio. Ou seja, caráter e dignidade você não compra, você tem. Você adquire como uma coisa sanguínea, e eu isso tenho, graças a Deus. Dona Lindú [mãe], muito obrigado por ter me dado o caráter que a senhora me deu. E Seu Aristides [pai], que eu tinha divergência, mas foi ele que engravidou minha mãe e que produziu essa coisa bonita que vocês estão vendo aqui.

É assim o meu mundo, querida.¹³¹

Beatriz Pasqualino: Neste domingo (27), essas pessoas que estão multiplicadas em todo o país estão preparando uma grande festa de aniversário em vários pontos do território nacional. O senhor já está sabendo que vai ter bolo?

Lula: Eu estou sabendo. Vou até falar para o diretor aqui, o doutor Luciano, que ele poderia vir aqui na hora do aniversário, eu sair daqui com ele e ir lá, soprar as velinhas. São 74 velinhas, e eu não vou ter fôlego para assoprar tudo. Aí eu vou lá, vejo o aniversário, como um pedaço de bolo e volto para cá, não tem nenhum problema.

Não sei se vai ser possível. Mas, qual é o problema? Aqui não trabalham amanhã (24), sexta-feira e segunda. Na sexta-feira, vai ter uma dedetização e, na segunda, é feriado, ponto facultativo.... acho que deram o feriado para algumas pessoas aqui. Então, eu não tenho nem como receber o bolo. Vão ter que guardar o bolo para eu comer um pedacinho na terça-feira.

Nina Fideles: E vai ouvir o “Parabéns”.

Lula: Vou ouvir bem.

Eu estou triste por estar aqui, mas feliz por ter tantos amigos do lado de fora, tanta gente solidária. E a única coisa que eu gostaria era que as pessoas não deixassem destruir o país. Não há presidente que seja eleito para destruir o país.

A descoberta do pré-sal é a única coisa que pode dar a esse país a certeza que a nossa juventude vai ter um futuro, se você utilizar parte desse dinheiro para poder educar o nosso povo, para investir. Não pode deixar destruir isso. Não existe possibilidade de o país cuidar da economia se não tiver bancos públicos para poder incentivar e induzir o desenvolvimento.

O Estado não é um empresário, o Estado é apenas o indutor. Ele discute onde é melhor investir em função das necessidades do país, não em função das necessidades apenas do empresário. Do jeito que nós estamos fazendo, o Estado não vai ter papel nenhum. Lamentavelmente, estão destruindo o pouco de cidadania que nós conseguimos dar ao nosso país.¹³²

Acho que o Brasil viveu no meu período de governo o maior momento de protagonista que esse país já teve, em que o passaporte brasileiro era motivo de orgulho, o Brasil era chamado para os

¹³¹ Capítulo sobre a personalidade de Lula.

¹³² Pré-sal e soberania.

eventos, o Brasil dizia “sim” e “não” com a mesma altivez. O Brasil teve coragem de dizer que era contra a Guerra do Iraque, com o [George W.] Bush, na frente do Bush. O Brasil teve coragem de dizer que ia conversar com o [Mahmoud] Ahmadinejad no Irã para o [Barack] Obama.

O Brasil teve coragem de dizer que ia criar o Conselho de Segurança da Unasul, sem nenhuma preocupação. Hoje, o Brasil está subordinado. Graças a Deus, nós estamos com expectativa de que [Alberto] Fernandez ganhe na Argentina. Será o meu presente de aniversário. Do Daniel [Martínez] ganhar no Uruguai, e do Evo Morales ganhar, não sei se vai ter segundo turno, se não vai ter, mas eu acho que a direita está tão raivosa na Bolívia quanto esteve no Brasil. A direita está fazendo com o Evo o que o Aécio [Neves] fez com a Dilma, vendendo ódio. E quem vende ódio, não colhe brisa, não. Vai colher tempestade – o Aécio Neves que o diga.

Eu estou feliz porque o povo está começando a perceber as coisas, e eu quero sair daqui para ajudar. Eu acho que é um prejuízo para o Brasil eu estar aqui dentro, e ter tanto canalha solto lá fora, governando esse país. É assim que eu penso. Mas isso que eu estou falando pra vocês, eu não falarei lá fora. Lá fora, ninguém será canalha. Todo mundo será cidadão brasileiro, eminência, excelência. Tudo de acordo com os manuais de boa prática.

ANEXO X - Entrevista de Lula a Agência Pública, pelos jornalistas Marina Amaral e Thiago Domenici, em 30 de outubro de 2019¹³³

Havia um clima de discreto otimismo entre os assessores e advogados de Lula. Ontem, uma decisão do STJ suspendeu o julgamento de uma questão sobre o processo do sítio de Atibaia — o que foi visto como vitória porque levaria o caso de volta às alegações finais, mas não anularia o processo, como quer a defesa do ex-presidente. Além disso, a votação em andamento no Supremo Tribunal Federal sobre a prisão em segunda instância traz, pela primeira vez, uma possibilidade concreta de liberdade para Lula, ainda em novembro.

Mais do que a esperança, porém, é a ironia que aparece na entrevista concedida pelo ex-presidente na sala da PF, onde, ladeado por policiais ele recebe os jornalistas — obrigados, pela polícia, a ficar a pelo menos três metros de distância dele. Ao comentário sobre a gravata com as cores do Brasil que usa com blazer e calça jeans dispara: “Essa gravata tem história, rapaz, é de quando conquistamos as Olimpíadas em Copenhagen. Eu ganhei 18. Como vou viver até os 120 anos tenho gravata para usar o tempo que quiser”, provoca.

E não há sinais de comemoração em sua resposta sobre suas primeiras vitórias na Justiça: “Eu deveria ficar até carrancudo quando você faz uma pergunta dessa, mas é tão hilário o que aconteceu na minha vida... Estou agarrado pelo monstro e estou rindo”, diz, antes de prometer: “Podem perguntar o que quiserem, não ficarei nervoso como o Bolsonaro ficou ontem à noite”, referindo-se à live do atual presidente depois da reportagem da rede Globo sobre o depoimento do porteiro do condomínio da Barra da Tijuca, dizendo que um dos acusados de assassinar a vereadora Marielle Franco havia procurado Bolsonaro na noite do crime.

Bom humor, indignação e alfinetadas aos adversários políticos se alternam nesta segunda entrevista do dia — antes da Pública, ele tinha recebido uma equipe de TV francesa. O tempo apertado de 60 minutos marcados no relógio, por imposição das regras da prisão, pressiona ex-presidente e entrevistadores, mas ele sabe do que quer falar. “Nesse país, pode ter certeza, só tem um partido político que funciona como partido político: é o PT”, diz, para emendar: “Você percebe que o partido do Bolsonaro não existia ontem e que agora, por causa de uma eleição, eles vão receber R\$ 400 milhões ou mais do fundo partidário? Qual a empresa que vai ganhar R\$ 400 milhões do nada?”, cutuca.

Entre os muitos temas abordados na entrevista, a relação com Dilma e as decisões sobre as próximas eleições deixam claro que Lula, preso ou solto, vai dar as cartas em 2020. “Num partido

¹³³ AMARAL, Marina; DOMENICI, Thiago. Lula: “Esse discurso das hienas não foi feito pra vocês, foi feito pros milicianos dele”. **Agência Pública**, 30 out. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/10/lula-esse-discurso-das-hienas-nao-foi-feito-para-voce-foi-feito-pros-milicianos-dele/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

como o PT o partido tem que fazer prevalecer a sua vontade e decidir quem vai ser candidato. Como é que você vai ganhar o carnaval se você não se apresenta?”

Thiago Domenici: A suspensão do julgamento, pelo STJ, do TRF-4, marcado para hoje, sobre o processo do sítio de Atibaia, é uma vitória para a sua defesa. E tem também a questão do julgamento em segunda instância. Como o senhor vê esse cenário?

Lula: É uma coisa que eu deveria tratar com muito mais seriedade, ficar até carrancudo quando você faz uma pergunta dessa, mas você percebe que eu sorri, porque é tão hilário o que aconteceu na minha vida... Tem uma enxurrada de processos – acho que vão chegar uns dez processos – com uma mentira mais grave do que a outra. Tem a mentira do triplex, a mentira do sítio de Atibaia, a mentira que vai vir ainda do terreno do Instituto [Lula], vai vir tudo. É uma enxurrada de fantasias criada por essa quadrilha de promotores da Lava Jato – que é uma quadrilha, chefiada pelo Dallagnol – feita por delegados que não tiveram sequer respeito à instituição Polícia Federal, que mentiram em seus inquéritos, para um juiz mentiroso e para um TRF-4 faccioso.

Estou agarrado pelo monstro e estou rindo, porque tenho certeza que, dentre tudo isso que falei, só tem uma pessoa que merece respeito nesse país, entre essas que falei, que sou eu. Eles sabem que sou inocente, sabem que mentiram, e tudo isso sustentado pela necessidade que a Globo tinha de destruir o PT. E, para destruir o PT, tinha que destruir o governo da Dilma e, para destruir o governo da Dilma e o Lula voltar não dava certo, então tinha que destruir o Lula também. Tudo isso é um conluio sem precedente na história do país.

Eu, então, que poderia ter saído do Brasil como alguns queriam, resolvi vir para cá, porque é daqui que quero me libertar de cabeça erguida. E oxalá o dia em que tiver justiça nesse país, os meus algozes venham para a cadeia.

Esse país não pode ter um juiz como o Moro, não pode ter um promotor como o Dallagnol e não pode ter na Polícia Federal alguns delegados que fizeram inquéritos mentirosos contra mim. Só posso dizer para você o seguinte: estou brigando, e como nasci para brigar – sou de um estado que briga muito, Pernambuco, antes de 1822, já estava fazendo sua luta pela independência. Estou aqui para brigar pela decência, pela inocência e por justiça. E sonho que esse país vai ter Justiça. O dia em que tiver justiça, serei inocentado.

Parece incrível, mas tenho dito aos meus advogados que não ando preocupado com a discussão [da prisão após] segunda instância. Não é pedido meu. Não ando preocupado com meu processo jurídico, porque tenho muita consciência de que a minha condenação tem 99,9% de política. O jurídico tem lá meio por cento. Veja: o processo de um triplex, que você poderia ir no cartório, pegar a escritura de compra, pegar o recibo de pagamento, pegar algum documento, numa ou duas páginas você provaria se eu sou ou não [dono do triplex]. Ou seja, baseado numa mentira do jornal O Globo, esse processo já tem não sei se é milhões ou 300 mil páginas. Imagina a quantidade de mentiras contadas em 300 mil páginas numa coisa que precisava apenas de uma escritura.

Eu sou vítima de uma mentira que eles não têm como desfazer, porque para desfazer o que eles montaram, para me tirar da vida libertária, eles não têm como voltar – tem que cair Moro, têm que cair Dallagnol e mais gente, têm que cair mais procuradores, tem que julgar o TRF-4.

Mesmo no Superior Tribunal de Justiça, eu vi o julgamento, ninguém entrou no mérito. As pessoas ficam falando e eu só quero saber “porra, sou dono ou não do apartamento?”. Digam! Ninguém diz.

Aí o juiz vai me julgar e diz “ele cometeu um crime de fato indeterminado, nós não sabemos, é segredo o crime”. Aí vai o procurador, depois de contar uma hora e meia de mentira da forma mais canalha possível – esse cidadão deveria ter sido exonerado no dia depois do PowerPoint –, faz uma hora e meia de acusação, cria uma fantasia – parecia um desenho da Disney – e diz o seguinte: não me peçam provas, eu só tenho convicção. E esse cidadão está aí, ganhando dinheiro e roubando, fazendo instituto para lesar e roubar a Petrobras, para roubar as empreiteiras com delação. Eu fico hiper irritado, mas de bom humor, um irritado mas calmo.

Marina Amaral: O senhor disse que a Globo queria tirar o senhor. Acha que isso se devia a quê? Ontem mesmo, houve a reportagem sobre essa situação de um dos suspeitos do assassinato da Marielle ter ido ao condomínio do Bolsonaro. O porteiro diz que ele ligou para a casa do Bolsonaro e o Bolsonaro respondeu. Tem essa questão do Bolsonaro estar em Brasília, mas, de qualquer jeito, é uma situação que mostra uma proximidade muito grande. O senhor acha que a Globo deu a matéria também com a intenção de abreviar o governo Bolsonaro ou que, nesse caso, eles agiram jornalisticamente?

Lula: Veja, eu vi a matéria da Globo ontem contra o Bolsonaro. A Globo fez uma reportagem e, nessa reportagem, mostra o que aconteceu e diz que Bolsonaro não estava em casa, porque ele estava votando em Brasília. Queria que a Globo fosse honesta comigo como ela foi com o Bolsonaro. Não sou contra que a imprensa fale mal de mim o quanto quiser, se tiver verdade. Se o Lula fez uma merda, digam sem rodeios, mas expliquem o que ele fez. Agora, se ele não fez, não mintam, e a Globo faz muitos anos que mente a meu respeito, mente deliberadamente.

Tem uma professora da Universidade Federal de Minas Gerais que está fazendo ou fez a tese dela – recebi uma cópia aqui, nem a conheço. Ela mostra que tem mais de duzentas horas do Jornal Nacional contra o Lula e nem um minuto favorável. Isso agora, depois que deixei a presidência, porque passei a incomodá-los mais do que quando era presidente.

Eu não consigo entender qual é o ódio. A única explicação que tenho é a ascensão social do povo brasileiro. Ou que, quando entrei na presidência, tinha 348 meios de comunicação que recebiam dinheiro da Secom, nós passamos para quase 4 mil. E foi pouco, porque precisaria fazer mais.

Agora está mais grave, porque agora é a Globo, a Bandeirantes, o SBT.

Marina Amaral: Presidente, nós vamos falar mais até da questão da regulação de mídia, que o senhor já tem falado. Mas queria que o senhor comentasse a mudança de conjuntura política da América Latina. Houve a eleição do Alberto Fernández e da Cristina Kirchner na Argentina. Está se desenhando a vitória da Frente Ampla no Uruguai, houve o Evo Morales na Bolívia, e nos países onde a esquerda está fora do governo, no Equador e no Chile, houve todos aqueles protestos. O senhor vê uma guinada?

Lula: Quem ama e vive a democracia precisa perceber o seguinte: em 500 anos de história, a América Latina nunca tinha tido a experiência de esquerda que teve com a chegada no governo do Chávez, minha, do Evo, do Kirchner, do Tabaré e depois do Pepe Mujica. Nunca tinha tido. Teve o [Álvaro] Colom na Guatemala, o Maurício Funes em El Salvador. Foi uma guinada histórica.

Tinha tido o general Cárdenas no México, na década de 30, o Perón na Argentina, o Getúlio Vargas aqui. Mas não eram pessoas de esquerda, era gente da elite que tinha o pensamento progressista. Mas gente com pensamento de esquerda foi a primeira vez.

O que nós tínhamos que nos preparar é que, da forma mais democrática possível, você ganha e você perde. Se pegar os Estados Unidos como modelo, vai perceber que os Democratas governam quatro ou oito anos, depois caem fora, aí entram os Republicanos, governam quatro ou oito anos e caem fora. Raramente um governa quatro mandatos; o Roosevelt foi um dos poucos que governou quatro mandatos nos Estados Unidos.

Esse revezamento no poder é salutar para a democracia, é saudável demais a mudança de governo, a alternância no poder é importante. O PT tinha que saber que um dia ia deixar de governar – não por golpe.

Essa é a safadeza de quem deu o golpe. Eles sabiam o seguinte: a Dilma foi eleita em 2014 e esse tal de Lula vai voltar em 2018. Se esse tal de Lula voltar em 2018 e fizer o mesmo governo que fez, pode se reeleger em 2022. Então, “espera aí, esse PT vai governar trinta anos esse país? Colocando preto, empregada doméstica, gente da periferia na universidade? Essas pessoas viajando de avião, comendo três vezes por dia, tendo conta bancária, produzindo a terra com muito financiamento? Vamos parar com isso”. O medo deles era que houvesse essa continuidade.

Mas o fato de você perder ou não... A Cristina perdeu eleitoralmente, com muita mentira, mas perdeu. Agora voltou. Nós já governamos o Uruguai – quando digo nós, todos os meus amigos, tanto o Tabaré quanto o Pepe Mujica – já vai fazer quinze anos. Então, chega uma hora que as pessoas querem mudar. Mas nada impede que se perca e ganhe daqui a quatro anos. O Evo Morales vai continuar, mas pode perder. É assim, não temos que ver a derrota democrática como um mal. É sempre mau para o partido, que nunca quer perder, todo mundo quer ficar o tempo inteiro.

Ai de nós, todo mundo gostaria de ter sessenta anos no poder, de ter cinquenta anos no poder. Temos que ter noção de que o tempo é assim.

Qual é o problema? É que o melhor período da América Latina foi esse período em que a esquerda governou. E se você perceber, o maior adversário em todos os países – na Bolívia, Venezuela, Argentina – é a imprensa conservadora, os donos dos meios de comunicação.

Não o jornal, porque o jornal escreve o que quer, o cara tem que comprar jornal, mas a televisão é uma concessão do Estado, então as pessoas precisam, no mínimo, ser respeitadas com quem está governando e não transformar o meio de comunicação em um partido político, que é o que é hoje a Globo. Aliás, ela vem preparando candidato já faz tempo.

Marina Amaral: Uma época, o senhor chegou a se dar bem com a Globo.

Lula: Veja, eu sempre me dou bem com todo mundo, nunca tive uma relação boa com a Globo. Aliás, a Globo nunca teve uma relação comigo. Quando o velho Roberto Marinho era vivo, quando o velho Frias era vivo, quando os Mesquita velhos eram vivos, a gente tinha uma relação mais civilizada. Parece bobagem o que vou te dizer, Marina, mas você trabalhou na Folha. O velho Frias era muito melhor do que os filhos; os Mesquitas pais, muito melhores do que essa molecada que está; o doutor Roberto Marinho era mais civilizado do que essa gente que está lá agora.

Porque essa gente deformou o poder de mando, eles não mandam mais, terceirizaram o mando. São burocratas que mandam, e burocrata não tem compromisso, não tem sensibilidade, você nem conhece. Quem é que conhece a cara do Ali Kamel? Ninguém conhece, não sabe onde ele mora, onde o filho dele estuda, em que restaurante ele come; você não conhece os Marinho, conhece de vez em quando um. Agora, nós, políticos, somos conhecidos.

O velho Roberto Marinho resolvia os problemas quando você ligava para ele. Vou te contar uma história: na Constituinte, uma vez, teve um debate de um sindicato que foi até duas, três horas da manhã, e no dia seguinte aparece um sindicalista da Força Sindical no Bom dia Brasil falando do debate na Câmara. Liguei para o Roberto Marinho e falei: “pô, Roberto, não tem sentido a gente ficar até às quatro horas da manhã brigando e no dia seguinte vocês não põem ninguém da CUT falando, colocam só da Força Sindical”. Ele me falou assim: “Lula, é o seguinte, quem que você quer que a gente entreviste, que vamos entrevistar hoje”. E mandou entrevistar uma pessoa e colocou no ar.

Uma vez, o Chico Anysio me deu uma esculhambada naquele programa que ele tinha à meia-noite de domingo. Liguei para o doutor Roberto Marinho: “o senhor assistiu ao programa do Chico Anysio ontem? O senhor viu o que ele falou?”. Ele disse: “Lula, amanhã vai um repórter lá te entrevistar, você vai ter um minuto para responder o minuto do Chico Anysio”.

Hoje, com essa molecada que está lá, você não consegue, eles não mandam, não têm autoridade. Só quero te mostrar que os meios de comunicação já foram mais civilizados do que hoje. A revista Veja já foi uma revista séria, hoje é um lixo. As revistas Época e IstoÉ não são revistas, são *fake news*. Você sabe que os jornais já foram mais sérios.

Eu lembro que quando eu comecei a ler a Folha de S. Paulo era porque a Folha era de esquerda. O jornal O Estado de S. Paulo era o que é hoje, de direita. Isso acabou.

Quando eles criaram um grupo chamado [Instituto] Millenium, era um grupo que determinava as manchetes. Depois que o PT entrou no governo, depois do Millenium, eles passaram a decidir as manchetes juntos. Era quase todos os jornais com a mesma manchetes; toda revista, a mesma manchete. Então, piorou muito.

Então, eu acho que eu cometi um erro no meu governo que foi não levar mais a sério uma nova regulamentação para os meios de comunicação.

Marina Amaral: Mas aí, quando o senhor está falando nessa regulamentação, o senhor está falando em uma regulamentação de ver propriedade cruzada de meios, não uma regulamentação de conteúdo?

Lula: Veja, em algum momento a sociedade tem que opinar sobre as coisas que acontecem no Brasil. Por que a gente é democrático para achar que a sociedade tem que interferir em tudo, e na hora de discutir determinado conteúdo, a sociedade é proibida de discutir? Nós não queremos ter ingerência. Não é fazer o conteúdo, mas dizer que tal conteúdo não pode ser publicado porque ele é ofensivo à sociedade brasileira, à nossa cultura, aos nossos costumes... Quem é que vai julgar? É a própria sociedade, não é o presidente da República.

Sabe, quando uma televisão conta uma mentira política, como contou tantas do Moro contra mim, e meu advogado entrava com pedido de direito à resposta, nunca tivemos. Nunca tivemos.

Marina Amaral: Mas o senhor não acha que isso corre o risco de ser confundido com censura?

Lula: Eu lembro que uma vez apareceu um ideia para gente criar o Conselho Nacional de Jornalismo. Era uma reivindicação dos jornalistas, que veio através do sindicato de Brasília. Antes da gente discutir, meu companheiro Ricardo Kotscho mandou para o Congresso Nacional, conversou com o líder da bancada...

A imprensa bateu tanto, a imprensa que defende a OAB [Ordem dos Advogados do Brasil], que defende o Conselho de Psicologia, que defende o Conselho de Arquitetos, de Engenharia, de Medicina.... Ela babava com ódio da possibilidade de um Conselho Nacional de Jornalistas.

Por quê? Por que se sentem tão ofendidos? Eles nem aceitaram a Hora do Brasil, mudaram a Hora do Brasil... Eles podem tudo, devem tudo, elas falam a hora que eles quiserem...

Posso te dizer: nem Silvio Santos, nem Edir Macedo, nem o dono da Bandeirantes, o Johnny [João Carlos] Saad, nem o dono da Globo vai encontrar um presidente que os tratem da forma mais civilizada do que eu os tratei. E da forma mais respeitosa. Agora, eles sabem o que fizeram comigo. Então eles sabem que é preciso mudar alguma coisa na regulação dos meios de comunicação.

Thiago Domenici: O senhor, que é amigo do Mujica e do Tabaré Vázquez, vislumbra uma possibilidade do Brasil e da política brasileira, de algo como a Frente Ampla do Uruguai?

Lula: Quando deixei a presidência, eu sonhei isso. Eu fui atrás, eu estive no Uruguai conversando, vendo como é que é. Se você for analisar bem, o PT já é quase uma frente ampla. O PT tem dez, doze tendências. Agora mesmo, na disputa interna, teve nove chapas. Ou seja, no mínimo nove tendências, cada uma tem uma filosofia, cada uma tem uma ideologia, cada uma acredita numa coisa. E o PT, eu brinco de vez em quando, que essas pessoas têm que dizer em alto e bom som que o PT deu cidadania para eles, porque todos eles viviam na clandestinidade, nos anos 1980, e o PT apareceu [dizendo] “venham para cá todo mundo, venham para cá”. O PSOL nasceu do seio do PT...

Thiago Domenici: Mas por que esse sonho do senhor não aconteceu?

Lula: Quando o PT nasceu era duro nascer um partido político. A gente tinha que legalizar o partido em 15 estados da federação, tinha que ter 20% do município, tinha que ter não sei quantos filiados em cada município e tinha que ter 3% dos votos nas eleições. Agora vai ter um pouco de seriedade quando a nova lei começar a entrar em vigor. Mas você percebe que fazer partido político hoje virou empreendedorismo? Você percebe que o partido do Bolsonaro não existia ontem e que agora, por causa de uma eleição, eles vão receber R\$ 400 milhões ou mais do fundo partidário? Qual a empresa que vai ganhar R\$ 400 milhões do nada?

Marina Amaral: Eles já estão brigando entre eles...

Lula: Criar um partido político virou... São microempreendedores. Eu pego dois ou três deputados, eu crio um partido político, doa a direção estadual para cada um deles e doa uma parte do fundo que arrecadar. Não pode continuar assim. Assim esse país nunca vai ser altamente democrático.

É difícil imaginar uma coalizão negociando com 50 pessoas, com 50 partidos. É difícil, pergunte a quem já foi presidente. E eu acho que nós vamos ter que mudar.

E eu sonhava em criar uma frente ampla, sabe? Trazer todo mundo. Desde o tempo do [Leonel] Brizola a gente imaginou fundir... É difícil fundir o PT com o PDT... Metade dos partidos teriam que abrir mão dos seus candidatos: o PT pela esquerda, o PDT pela direita... Falei para o Brizola: não dá, sabe? Os partidos não abrem mão do seu – como é que chama? – Logotipo.

Marina Amaral: E o PT também não abre, né?

Lula: O PT se construiu brigando. Quando nós fizemos uma reunião em 1980 para criar o PT lá em um hotel em São Bernardo do Campo, tinha 90 deputados e tinha o Fernando Henrique Cardoso também. E o FHC dizia “ah, tem que mudar de nome, porque Partido dos Trabalhadores não dá”. E eu já completava dizendo “aqui não tem mudança de nome, não, se quiser entrar é Partido dos Trabalhadores”. Os trabalhadores são maioria, por que eu tenho que mudar o nome? E graças a Deus, deu certo.

O PT, para a desgraça dos meus adversários, é o mais importante partido político de esquerda da América Latina. Nós não queremos nos comparar nem ao cubano nem ao chinês, mas ninguém tem a experiência democrática. Qual é o partido no Brasil que faz um PED [Processo de Eleições Diretas] como nós fizemos, de 380 mil pessoas comparecem para votar? Qual o partido que faz isso?

Marina Amaral: Mas o PT também enfrentou uma onda de ódio muito grande.

Lula: Enfrenta ainda. Você não acha que o Flamengo, que tem a maior torcida do Brasil, não enfrenta ódio? Você sabe que o vascaíno pensa do Flamengo? Você sabe o que um palmeirense pensa do Corinthians? Assim são os outros pensando do PT.

Marina Amaral: Mas é diferente, né presidente, um clube de futebol e um partido.

Lula: Não, não é diferente. A sociedade é dividida assim, querida. São Paulo tem São Paulo, Palmeiras, Corinthians e Santos... O resto não conta. O Rio de Janeiro tem Vasco, Botafogo, Fluminense e Flamengo... O resto não conta.

Os partidos políticos são divididos assim. No Brasil, tem um partido político, o PT. Tem o PCdoB que é um partido político, legalizado. Se você for perceber, a maioria dos partidos políticos no Brasil sequer tem registro definitivo porque se você não tiver registro definitivo, você pode intervir em qualquer estado e em qualquer cidade. Se tiver um problema financeiro no partido do Acre, a direção nacional não assume. Agora, se você tiver registro definitivo, o problema é teu. Então, o PT é o único partido político que tem registro definitivo em todo o território nacional.

Marina Amaral: O MDB não tem?

Lula: O MDB não é partido político. Veja a história política do Brasil. O MDB são uma nação indígena com tribos diferenciadas que falam línguas diferentes em cada estado e em cada cidade. O MDB do Paraná não tem nada a ver com a direção nacional, que não tem nada a ver com o MDB do Maranhão, que não tem nada a ver com o MDB de Rondônia... Cada tribo é uma tribo. Vou te dar um exemplo: não tem ninguém que foi mais traído do que a melhor pessoa do MDB, que era do doutor Ulysses Guimarães.

Depois da majestosa participação dele na Constituição de 1988, depois dele ser candidato a presidente da República, ele só teve 5% dos votos para presidente porque o MDB, no Brasil inteiro, traiu ele. Todo mundo trabalhou para o Collor. E continua assim até hoje.

Nesse país, pode ter certeza, com todo o respeito a todas as legendas, só tem um partido político que funciona como partido político: é o PT.

E, por isso, somos atacados dia e noite. E eu acho que é o seguinte: nós temos que brigar. Quanto mais atacado a gente é, mais a gente tem que se defender. Eu acho que essa é uma das razões, Marina e Thiago, que eu resolvi vim para cá. Porque eu poderia não ter vindo.

Eu vim para cá porque era preciso resistir. Era visível que a Lava Jato estava se transformando em um conluio e numa quadrilha. Era visível. Era visível que gente era presa e a primeira pergunta que fazia era: “E o Lula? Conhece o Lula? Sabe do Lula?”. A senha era falar o nome do Lula. Esse Moro e aquele Bolsonaro tinham orgasmos múltiplos quando falavam o nome do Lula, não importa se fosse mentira.

Marina Amaral: Eu queria aproveitar para perguntar das eleições para 2020.

Thiago Domenici: Como o senhor está imaginando a estratégia do PT daqui para frente com essas mudanças, inclusive, de legislação e da questão dos vereadores, de ser cabeça de chapa ou não ser cabeça de chapa. Enfim, qual a estratégia que o senhor está imaginando para o PT?

Lula: Tudo o que eu vejo aqui é pela imprensa, tá? Dizem que o PT não vai ter candidato em Porto Alegre, dizem que o PT não vai ter candidato em Florianópolis. O PT não tem candidato no Paraná, que o PT tem dificuldade em ter candidato em São Paulo, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, no Espírito Santo. Quando terminar as eleições, o que será do PT? Como é que você vai ganhar o carnaval se você não se apresenta? Como seu porta-estandarte e o mestre sala vai ganhar algum prêmio, vai ter nota do juiz, se ele não se apresenta?

Thiago Domenici: Então a ideia é ter cabeça de chapa?

Lula: O PT pode não ter cabeça de chapa em alguns lugares, mas na medida em que o PT é o partido mais importante, e o PT tem muitos quadros, as pessoas não podem ser candidatas apenas quando elas têm conveniência pessoal. Num partido como o PT o partido tem que fazer prevalecer a sua vontade e decidir quem vai ser candidato. Para o bem do partido, porque um bom candidato elege vereador; um péssimo candidato diminui a bancada.

As pessoas têm que saber que o PT perdeu milhares de vereadores nas últimas eleições. Foi a pior performance do PT. Pelo fato de você ter perdido as eleições em 2016, não significa que você enfia o rabinho entre as pernas como cachorro magro sarnento e fica quietinho, para não aparecer. Não.

É nessa hora que você tem que ir para a rua. É nessa hora que você tem que dizer por que você existe, tem que desafiar o seus desafetos. É nessa hora que você tem que se defender. Ora, qual a melhor oportunidade se não as eleições?

Marina Amaral: O senhor já tem os candidatos...?

Lula: Não, eu não tenho candidatos e não quero escolher. Eu acho que o PT pode tranquilamente apoiar o [Marcelo] Freixo no Rio de Janeiro. Tranquilamente. Teria o maior interesse se fosse convidado e tivesse voto em apoiar ele lá. Mas veja, a Benedita da Silva é uma personalidade política. O Lindbergh [Farias] é uma personalidade política. Ora, do que as pessoas têm receio de ir para a rua?

Ora, vai, disputa as eleições, e quando chegar no segundo turno diz: “meu voto é de fulano”. Nada de Crivella, nada de Eduardo Paes.

Em Minas Gerais é a mesma coisa. O PT tem candidatos bons e um deles é o Patrus Ananias, que já foi prefeito. “Ah, eu não quero ser”. Peraí, quando você quer ser, você chega no partido diz que quer ser e o partido é obrigado a obedecer. Agora, o partido precisa de você, por que é que você não é? Mas se ele não quer, tem outras pessoas.

Eu, pelo menos, me encanto com uma professora que tem em Minas Gerais, a Bia [Cerqueira], que foi presidente da UTE [Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais]. Eu acho ela extraordinária. Seria novidade, seria uma mulher, inteligente, bonita, boa de briga.... Mas “ah, o PT tem compromisso com o [Alexandre] Kalil então não vai”. Então digam a verdade.

No Rio Grande do Sul, o PT tem dois ex-governadores, Tarso [Genro] e Olívio Dutra. O Olívio Dutra já foi prefeito, Tarso já foi prefeito, Raul Pont já foi prefeito, Miguel Rosseto já foi vice... Sabe, não tem candidato por quê? Por que vão apoiar a Manuela [D’Ávila, do PC do B]? Eu sou favorável que, se a gente não tiver chances, que a gente apoie a Manuela. Mas deixar de colocar o PT na rua... Quantos vereadores a gente vai eleger? É isso que eu defendo.

Eu não sou contra aliança, não... Onde o PT não tiver candidato, o PT apoia. É só ver nossas alianças em outros estados.

Marina Amaral: E no caso de São Paulo o senhor acha que a Marta Suplicy pode voltar para o PT? Parece que ela deu uma carta pro senhor.

Lula: Eu não acho. Eu retribui uma pergunta feita. Eu tive muitas relações com a Marta e com a família da Marta e com o Suplicy. Nós devemos muito a eles, porque vivemos muito na casa deles. E a Marta sempre foi uma figura de muita cortesia com o PT, de muita cortesia comigo e com a minha mulher, sabe? Antes de eu ser presidente, depois de ela ser prefeita. Então eu não misturo a minha relação pessoal com a minha relação política. Quando ela quis sair do PT por problemas que são de ordem pessoal, e xingou o PT, sabe, ela tinha suas razões, o PT tinha suas razões.

Marina Amaral: Ela disse que o PT era um partido corrupto.

Lula: Eu lembro que o Mangabeira tinha dito isso quando eu coloquei a pedido do Zé Alencar o Mangabeira de ministro. Aí eu fui anunciar o Mangabeira e a imprensa perguntou “Aí, mas ele chamou o PT de corrupto.” Aí eu falei “É uma boa hora para vocês perguntarem pra ele. Chama ele. Mangabeira, a imprensa quer saber por que você chamou o PT de corrupto.”

Olha, a Marta que se explique. Mas o PT não pode negar o direito dela querer conversar com o PT, e o PT conversar com ela. Se ela vai ser candidata do PT, acho difícil. Acho muito difícil.

Thiago Domenici: Mas as portas estão abertas pra essa negociação?

Lula: As portas estão abertas para conversa. Eu sei que o Jilmar [Tatto] já foi conversar com ela. Eu sei que o Emídio [De Souza, ex-presidente do diretório do PT em São Paulo] já foi conversar com ela, eu sei que a Gleisi [Hoffmann, presidente do PT] já foi conversar com ela. Não sei se o Haddad já foi conversar com ela. Mas a gente não pode deixar de conversar com uma figura como a Marta. Sabe, ela foi a melhor prefeita de São Paulo. Reconhecida pelo povo. Ela tirou uns dez pontos do Haddad na eleição passada quando foi pra prefeito.

Então o PT tem outros candidatos, tentamos lançar o Aluizio Mercadante, tentamos lançar o Haddad – eu sou um dos que não quer que ele seja [candidato]–, tentamos lançar o José Eduardo Cardozo, tem o Padilha, que foi ministro e secretário da saúde de São Paulo, tem o Jilmar Tatto que quer ser candidato. Então, o PT tem nomes.

Nós sabemos a dificuldade que nós temos, nós vamos enfrentar um governador e um prefeito, mais um ex-vice-governador e ex-governador, mais uma líder do governo. Como que o PT pode abrir mão dessa disputa, que é a chance que nós temos de ir para a rua e falar o que nós temos que falar, defender o que a gente acredita? Não pode. Aí se não for pro segundo turno, apoia. É assim que eu penso.

Marina Amaral: O senhor falou da Marta, e eu quero fazer uma pergunta bem pessoal que há muito tempo eu penso nisso. O senhor indicou a Dilma para presidência, foi a primeira presidenta do Brasil, mas mulheres fortes e petistas históricas como a Luiza Erundina, Marta Suplicy, Heloísa Helena, Luciana Genro, Marina Silva, todas acabaram saindo do partido em uma situação de briga, de discórdia. A Marina, por exemplo, foi derrubada do Ministério do Meio Ambiente, né.

Lula: Marina, não é verdade.

Marina Amaral: É o que ela diz e é o que a gente mais ou menos percebe. Por que o senhor colocou o Mangabeira Unger, ela se sentiu numa condição...

Lula: Pera aí. Se um jogador que é titular do meu time se recusa a jogar porque eu escalei um outro jogador em outra posição, realmente essa pessoa não serve para trabalhar no coletivo. A Marina não pode ser injusta. Ela é evangélica e ela não pode cometer o erro de contar mentira. Eu vou lhe contar uma história. A Marina foi no meu gabinete e pediu para não ser ministra. Você sabe quem foi no meu gabinete pedir que eu não podia tirar a Marina? Dilma Rousseff e Gilberto Carvalho. E a Marina ficou mais um ano. A Marina saiu porque ela queria sair. Chega uma hora que as pessoas cansam de fazer a mesma coisa, ela tinha pretensões políticas. Depois dela entrou o [Carlos] Minc. E depois a Izabella [Teixeira].

Marina, eu tenho orgulho de ter indicado a Dilma presidenta da República. Eu tenho orgulho.

Talvez eu tenha culpa de não ter contribuído para que ela aprendesse um pouco de maleabilidade política. Porque a Dilma foi indicada por mim porque ela foi a pessoa mais

extraordinária que eu conheci do ponto de vista de seriedade, do ponto de vista de competência de gestão.

A Dilma me deu a tranquilidade para governar esse país. Porque a Dilma, como não disputava nada com ninguém, sabe, a Dilma, a Graça [Foster, ex-presidente da Petrobras], a Miriam Belchior [ex-ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão], a nossa ministra do combate à fome, a Márcia Lopes, essas mulheres me deram uma segurança.

Porque o que eu pedia para elas não tinha chuva, não tinha raio, não tinha feriado, não tinha dia de finados. O que eu pedia, em poucas horas estava na minha mão.

Eu achava engraçado que muitas vezes a Dilma entrava numa reunião – porque sempre ela fazia uma reunião antes com as pessoas – ela falava: “se alguém for mentir pro presidente, eu vou dizer que é mentira”. Aquilo me dava uma tranquilidade para governar esse país, sabe? Eu não tinha outra pessoa para escolher se não fosse ela.

Eu tinha que entregar o país para alguém e a Dilma foi extraordinária presidenta. Eu confesso, e aí eu posso fazer uma autocrítica, eu, por cuidado e por zelo, disse que eu ia desencarnar do governo. E não é legal alguém que é ex ficar dando palpite. A não ser que a pessoa pedisse.

E eu acho que eu procurei não ter influência na Dilma, diferentemente do que as pessoas acham que eu mandava no governo. A Dilma não aceita que ninguém mande no pedaço dela, tá? Ela não aceita nem o Lula nem o Papa Francisco. O pedaço dela é dela. Eu não sei se é de todas as mulheres assim, mas é verdade.

Marina Amaral: O senhor disse antes que ela não disputava nada com ninguém.

Lula: Ela não disputava. Ela jamais imaginou ser candidata a presidenta da república.

Marina Amaral: Mas uma vez que ela foi...

Lula: Eu cometi um outro erro, que eu poderia ter discutido com ela 2014. Eu sentia a Dilma depois das eleições um pouco triste. A sensação de que não era aquilo que ela queria. Eu lembro que ela me disse: “nunca mais eu participo de um debate”. E a Dilma era uma mulher que conhecia o Brasil de cor e salteado. Ela tinha o Brasil na palma da mão. Eu coloquei ela como mãe do PAC [Programa de Aceleração do Crescimento] em junho de 2007.

A Dilma conhecia cada coisa. Mas ela parece que tinha insegurança. Ela ia pro debate, sabe, escrevia verdadeiros livros para ir pro debate, ela não precisava de nada, ela deveria ir de mão e peito abertos. E eu não sei, eu sinto falta de não ter me metido mais no governo da Dilma. Sinto falta.

Agora, se eu tivesse me metido, iam dizer: “caiu porque o Lula se meteu”. Porque também as pessoas vão criando outro círculo de amizade, outro círculo de confiança. Você tem que se mancar de vez em quando.

Mas eu continuo dizendo pra você uma coisa, se tem uma pessoa que eu tenho um profundo respeito e admiração... Acho que faltou a ela e ao partido compreensão política sobre o impeachment.

De qualquer forma, aconteceu e não adianta ficar chorando leite derramado. É tirar novo leite e começar.

Thiago Domenici: O senhor deu uma entrevista para a BBC recentemente, em que o senhor afirma ter orgulho de Belo Monte. E Belo Monte é um tema que suscita muitas críticas ao seu governo e ao governo da Dilma. De fato, o senhor tem realmente orgulho, mesmo com todas as críticas do movimento indígena, os ribeirinhos, com todas as questões que o MPF colocou? São 25 ações, né?

Lula: As pessoas que hoje fazem crítica a Belo Monte, essas pessoas faziam antes. Tem gente que não aceita energia hídrica nem se o Papa Francisco vier aqui oferecer. Tem gente que acha que tem que ter um outro tipo de energia, a energia eólica, a energia solar, a biomassa. Tem gente que é contra isso, que é contra termelétrica, que é contra usina nuclear. Acontece que quando você é governo, você tem que fazer as coisas. Seria muito mais grave o dia que faltasse energia.

Veja, quando nós começamos a pensar Belo Monte, a Dilma era ministra da Casa Civil. O Lobão era ministro de Minas e Energia e o Minc era ministro do Meio Ambiente. Depois o Minc saiu para ser candidato a deputado. A Dilma saiu para ser candidata à presidência, assumiu a Erenice e continuou o Lobão. E a exigência que eu fazia era que a gente só poderia construir Belo Monte, se fosse fio d'água. Não podia ter lago.

Segundo, naquele tempo, a Odebrecht e a Camargo Corrêa tentaram boicotar o governo dizendo que não iam participar. Eu chamei o Lobão e disse que era uma questão de honra para o nosso governo. Nós não vamos virar refém de empreiteira. Se eles não quiserem participar, a Eletrobras assume a responsabilidade de coordenar o consórcio.

E aí a Casa Civil foi cuidando disso com o ministro de Minas e Energia. Eu tenho aqui uma carta do MAB [Movimento dos Atingidos por Barragens]. Foram feitos vários acordos com o MAB. Foi feito plano de desenvolvimento regional. Em outubro de 2010 eu assinei um decreto que instituiu um cadastro socioeconômico dos atingidos por barragens. Foi criado um comitê provisório para isso.

A condição sine qua non que eu dei para fazer Belo Monte era que fosse conversado com todas as pessoas envolvidas.

Thiago Domenici: A questão de Belo Monte também tem várias terras indígenas afetadas. Não deveria ter sido programado o fortalecimento da Funai?

Lula: Mas foi. Foi. Você pesquisa na história se em algum momento a Funai teve 10% do respeito que ela teve comigo, quando eu era presidente da República. Para começar a obra, a empresa teve que cumprir 60 exigências ambientais e sociais colocadas pelo Ibama e pelas populações locais. E ela cumpriu rigorosamente todas, ou não teríamos autorizado.

Eu falo sempre que eu e a Dilma somos responsáveis pela construção de Belo Monte e eu não concordo com as críticas. Eu tive reunião com o Ministério Público, eu tive reunião com bispo, eu tive reunião com índio, eu tive reunião com sindicalista. E não foram poucas.

Eu acho que a pessoa pode discordar, mas o que nós fizemos foi garantida a integridade dos 12 territórios [indígenas], uma área, 11 terras indígenas ocupadas pela população indígena do médio Xingu. Nenhum dos mais de 5 milhões de hectares ocupados por oito etnias foi alagado pela reserva. Só para você ter ideia: 12 reuniões públicas, 10 oficinas com comunidades, 15 fóruns técnicos, 4 deles em Belém, reuniões com gestores públicos na região do Xingu, 30 reuniões em aldeias indígenas com a participação de aproximadamente 1700 indígenas, visita dos agentes de comunicação social dos projetos, 5238 famílias, 61 reuniões de comunidade com a presença de 2100 pessoas e 10 palestras em escolas de ensino fundamental e médio para aproximadamente 530 alunos. Quer dizer, nós ainda fizemos um apanhado de 396 mil animais silvestres foram resgatados. Desses, 92% foram soltos e apenas 8% foram levados para instituições porque estavam feridos ou machucados.

Então, deixa eu dizer uma coisa para vocês. Faz dez anos, eu deixei a presidência em 2010, a Dilma assumiu em 2011, as obras começaram a ser construídas em junho de 2011. Eu, pelo que eu conheço da Dilma, eu duvido que a Dilma tenha deixado começar alguma coisa sem cumprir os acordos que foram feitos. Duvido.

Marina Amaral: E porque então os resultados foram terríveis para as populações que estavam ali?

Lula: Eu gostaria que vocês procurassem a Izabella lá em Brasília, procurassem a Erenice lá em Brasília. Porque isso está escrito e documentado. Olha, 10 anos depois, você não pode perguntar para mim.

Olha Lula, se o Brasil tinha PAA para comprar alimento para agricultura familiar, esse país tinha bastante escola técnica, esse país tinha isso e agora não tem mais, que culpa que eu tenho se entrou esses fascistas para destruir o país? Olha, se depois que tiraram a Dilma do governo as pessoas deixaram de cumprir os pressupostos acordados, o que que eu posso fazer?

Altamira virou uma favela, mas aí não é culpa da hidrelétrica. É culpa do modelo de desenvolvimento.

São Paulo tinha 2 favelas nos anos 70. Hoje tem 3 milhões de pessoas morando em favela. Então é preciso a gente ligar que possivelmente a hidrelétrica tenha sido motivação de muita gente sonhar que indo para Altamira ia ter algo que não teve. Eu não sei quem prometeu isso.

A hidrelétrica foi feita para gerar uma quantidade de energia para ser colocada na rede federal para atender aos interesses produtivos desse país. E ela foi feita com todo o cuidado.

Thiago Domenici: Nessa linha ainda. O que diferencia a política do PT para a Amazônia daquela defendida por Bolsonaro e militares do atual governo?

Lula: Você estava ainda nessa pergunta por causa de uma bobagem que o companheiro Raoni falou [o líder indígena afirmou à BBC que a luta dos indígenas contra Bolsonaro é a mesma que contra Lula e Dilma]. Eu vou te dizer que no nosso governo, a gente diminuiu 80% o desmatamento na Amazônia. A gente foi para Copenhague e assumiu o compromisso, e foi aprovado em lei, que o Brasil iria

diminuir a emissão de gases de efeito estufa em 80%. E nós cumprimos. Depois que a Dilma deixou o governo, cresceu 280% o desmatamento.

Quando eu sair daqui, pode ficar certo que eu vou a Altamira.

Marina Amaral: Deixa eu perguntar uma última coisa. O senhor é um homem da política do ganha-ganha. A gente tinha uma visão da sociedade brasileira quando o senhor estava no governo, que havia conciliação possível. Foi o que o senhor sempre disse. O senhor descobriu que havia um Brasil, esse Brasil que votou no Bolsonaro, o senhor estava enganado antes? O que aconteceu? Onde estavam essas pessoas?

Lula: Essa gente estava onde tá hoje. Essa gente existe. Essa gente foi pra praia com você, muita dessa gente já almoçou com você, já jantou com você, já trabalhou com você.

Essa gente não se manifestava porque logo depois que terminou o regime militar, era muito vergonhoso as pessoas assumirem que tinham alguma aliança com o regime militar. Nem os militares se apresentavam. De repente essa gente parece que ressurgiu, como os dinossauros. Essa gente tava aí e foi promovida pelo ódio disseminado pela política da Rede Globo de Televisão.

Volto a dizer, a Rede Globo tem muita responsabilidade pelo ódio disseminado nesse país. Porque ela pregou o ódio da política. Toda vez que você prega o ódio à política, o que nasce é pior. Você tá lembrado do Jânio Quadros, ele foi eleito com a vassourinha. Tá lembrado do Collor? Foi eleito com o mesmo discursinho. Toda vez que você levanta o discurso de que o problema do país é a corrupção, o que vem é pior.¹³⁴

O Bolsonaro conseguiu enganar um terço da população de que ele não era político, apesar de só ter trabalhado na vida na política. 32 anos de mandato, e conseguiu passar que não era político. Nunca entrou num partido que prestasse, porque ele não quer saber de partido, ele quer saber dele.

Ulysses Guimarães falava: toda vez que se fala em mudança radical, o que vem é pior.

É importante lembrar, Marina, que eu fui candidato várias vezes. Eu sempre tive 30% dos votos. Eu tive 17% em 1989, depois 24%, depois 32%, e depois eu ganhei. Mas a sociedade brasileira é ideologicamente dividida assim: você tem 30% que tá mais pra esquerda. Você tem 30% que tá mais pra direita, e você tem um pouco mais de um terço, que é a sociedade que fica na expectativa de ver o que vai acontecer, de ver se o candidato é bom.

Você vê, eu tive 47%, a Dilma teve 47%, vou chegar a 60% no segundo turno, porque você conquista um pedaço. Então esse um terço o Bolsonaro ganhou uma parte através da mentira. Que pode chegar a 15% – que aí é o fake news.

Quem vinha fazendo política há muito tempo sabia que existia uma indústria de fake news com discurso próprio. Como esse das hienas.

¹³⁴ O ódio na política.

Esse discurso das hienas não foi feito pra você, não foi feito pra mim, foi feito pros milicianos dele. Isso é dirigido.

Então é assim, ele [Jair Bolsonaro] que era tão favorável a minha punição, que achava que eu reclamava demais... Eu vi ele na televisão. Você nunca me viu num gesto histérico como ele ontem. Um presidente não pode ser assim.

Um presidente tem que ter calma. Um presidente, quando ele fala, ele tá falando pro povo. Se não, não tem necessidade dele ir na televisão.

Agora, ele aprendeu a governar com fake news. Fake news é de quem não quer responder, de quem não quer falar. Fake news é de quem quer futrica. Então o presidente da República... Ele e o Trump. Outro dia eu vi uma matéria, o Trump conta não sei quantas mentiras por dia. Vocês já contaram quantas mentiras o Bolsonaro conta?

Ele não tem nenhum compromisso com a verdade. Aqueles filhos do Bolsonaro, eles sentem prazer de ser mentirosos. Eles não agem com seriedade. Então é o seguinte, esteja certa de uma coisa: esse ser humano que vos fala está com muita disposição de brigar nesse país. Eu não aceito a ideia de que o Brasil seja destruído como está sendo destruído. E o Bolsonaro falar as bobagens dele pra entreter o povo, entreter a imprensa, e o [Paulo] Guedes vai vendendo o Brasil, e vai vendendo o Brasil e daqui a pouco nós não somos mais uma nação. Perdemos a nossa soberania.

Então, eu espero que vocês estejam muito vivos e fortes pra ver esse país voltar a sorrir. Pode ficar certo, Marina. É muito melhor ser bom, é muito melhor ser agradável. Você come melhor, você dorme melhor, você tá de bem com a vida. Você imagina eu, não poderia estar aqui chorando? Estou aqui rindo pra vocês e dizendo pra vocês: primeira coisa que quero fazer quando sair daqui é casar outra vez.

Colaborou: Anna Beatriz Anjos, Ethel Rudnitzki, Rute Pina e Rafael Oliveira.

ANEXO Z - Entrevista de Lula aos jornalistas Eduardo Guimarães e Meire Cavalcante do Blog da Cidadania, em 6 de novembro de 2019: última entrevista de Lula na prisão¹³⁵

Lula: Eu procuro manter meu bom humor, sei porque eu estou aqui, tenho noção da minha importância política, tenho noção do meu papel na história, tenho tarefas para cumprir quando sair daqui, tenho noção do que estes canalhas fizeram comigo, Moro, Dallagnol, os delegados que fizeram o inquérito, ainda ontem fizeram uma palhaçada comigo. Sabe quando entraram na sua casa? Entraram às seis horas da manhã; você acredita que ontem entraram na cela que eu estou às seis horas da manhã. Como se estivessem fazendo uma coerção.

[Comentário da pesquisadora: Em 21 de março de 2018, às 6 horas da manhã, a Polícia Federal bateu à porta do apartamento do editor do Blog da Cidadania, Eduardo Guimarães, a fim de conduzi-lo coercitivamente à Superintendência da Polícia Federal, em São Paulo, para prestar depoimento sobre reportagem que publicou em 26 de fevereiro de 2016 na qual antecipou que o ex-presidente Lula seria alvo da 24ª fase da Lava Jato. Da mesma forma que fizeram com Lula, a PF apreendeu equipamento de filmagem e fotografia do blogueiro. O equipamento só foi devolvido ao seu proprietário após um ano e três meses.]¹³⁶

Eduardo Guimarães: Como?

Lula: É que tem uma ordem, você viu na televisão que mandaram investigar a Dilma, em função de um canalha da JBS e aí o delegado que tem um nome esquisito, até anotei aqui, porque eu resolvi não deixar mais nada quieto, delegado Bernardo Guidali Amaral mandou fazer coerção¹³⁷! Eu estava na cela! Ou seja, mesmo aqui dentro eles entraram seis horas da manhã para me notificar de um depoimento às dez horas. Olha a palhaçada, eles vão na casa das pessoas às seis horas da manhã, para levar coercitivamente, mas eu já estou na cela. A palhaçada: é preciso, toda vez que tem um julgamento do Lula, fazer uma pirotecnia. Tem sido assim, antes e durante a minha prisão, toda vez que vai acontecer alguma coisa que pode ter um desfecho favorável a mim, eles fazem um show de pirotecnia, ontem foi mais um show. Eu vi na televisão a Dilma, eu vi outras pessoas, por que? Porque é preciso porque estas pessoas construíram muitas mentiras, e eles têm medo que essas mentiras venham à tona. Por isso eles não querem divulgar as notícias que o *Intercept* está denunciando. Porque quem constrói a sua vida com base na mentira, não quer que a verdade prevaleça. E eu quero que a verdade prevaleça.¹³⁸

¹³⁵ A EXCLUSIVA de Lula ao Blog da Cidadania – íntegra. **Blog da Cidadania**, 06 nov. 2019. 1 vídeo [57min]. [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jYPXwYJXin8&t=585s>. Acesso em: 11 ago. 2021.

¹³⁶ Veja mais em: <https://blogdacidadania.com.br/2018/12/policia-federal-visita-eduardo-guimaraes-de-novo/>.

¹³⁷ Delegado que pediu prisão de Dilma é aliado de Moro e acusou Rodrigo Maia de corrupção passiva | Revista Fórum (revistaforum.com.br).

¹³⁸ Ilegalidades da Lava Jato. A coragem da verdade.

[Comentário pesquisadora: Exatamente na véspera de o STF finalmente votar a questão da segunda instância, e libertar Lula, a Lava Jato produziu mais um escândalo sem qualquer fundamento, com o objetivo de levar coercitivamente a ex-presidenta Dilma Rousseff e provocar reações contrárias à libertação de Lula.]

Por isso estou aqui te agradecendo que veio aqui me entrevistar, e eu tenho uma tarefa que é, além de ajudar a reconstruir o Brasil, além de ajudar esse povo voltar a ser feliz, além de voltar a governar esse país, eu quero que o povo brasileiro saiba da mais pura verdade. Eu quero que o povo saiba que as pessoas que me condenaram aqui são canalhas, mentirosas.

Eduardo Guimarães: Eu queria saber o seguinte, o Ministro Sérgio Moro, que é quem manda na PF, está instrumentalizando a PF contra o PT ou isso é uma cortina de fumaça para esconder os escândalos do governo, esconder o porteiro, o Queiróz e os maus resultados na economia?

Lula: Eu acho que o que aconteceu ontem foi um show que a Lava Jato faz desde que nasceu. É importante saber que a Lava Jato fez um pacto, o Moro e os meios de comunicação. O Moro visitou praticamente todos os meios de comunicação, ele tinha em cada jorna um especialista da lava Jato. Ele visitou todas as revistas, em cada uma tinha um especialista, e visitou todos os meios de comunicação. Todas as televisões. A Lava Jato poderia ter feito o combate à corrupção com seriedade, mas foi a serviço do Departamento de Estado dos EUA como é o Moro, como é o procurador brasileiro da força-tarefa.¹³⁹ Esse é um processo nítido, visível de que o Moro tenta instrumentalizar a PF, tenta fazer como vide agora esse vídeo do condomínio, impressionante como eles acreditam nesse vídeo e não acreditam em nada da *Intercept*. Se eu fosse uma jornalista da Globo, eu falava assim: im-pres-si-o-nan-te. Eles acreditam em tudo que o filho do Bolsonaro fala e não acreditam em nada que o *Intercept* publica.

Eduardo Guimarães: O senhor acha que a Globo tem saudades do senhor, presidente?

Lula: Eu não sei, mas acho que deveria ter, a Globo e muita gente. Eu sei que todas as pessoas de bem nesse país, todo empresário que gosta de ser empresário gerando emprego e distribuindo renda, toda gente que trabalha e ganha dinheiro de certa forma honesta, certamente tem obrigação de estar com saudades de mim. Entretanto eles estão com vergonha, com medo, porque o Guedes está fazendo o que eles sempre quiseram fazer no país. É só você começar a conhecer. Eu estou lendo agora um livro da época da Lei Áurea, para saber a podridão da elite brasileira. Veja, em 80 eles já queriam, na constituinte de 46 eles já queriam tirar os direitos dos trabalhadores, agora eles querem tirar, ah eu vou tirar uma carteira verde-e-amarela porque a azul já não presta mais. Só que você vai ter um emprego desqualificado na verde-e-amarela, não importa que você seja engenheiro. Você vai ter seu carro, você vai gastar os pneus do seu carro, você vai estar sendo um microempreendedor. Você vai trabalhar

¹³⁹ Meios de comunicação aliados a lava jato. Lula acusa a associação da força tarefa com o Departamento de Estado dos EUA

como uma bicicleta entregando pizza, você vai trabalhar... eu acho que esse governo todo vive de show, vive de pirotecnia, não sei se corrompendo alguns meios de comunicação, mas o dado concreto é que cada dia que passa eu vejo um show dado pela polícia federal.

Aliás, cadê o Queiroz? Por que que o próprio delegado que vai na casa de uma ex-presidenta da república entregar uma intimação, não foi na casa do Queiroz entregar uma intimação? Por que o MP tem tanta sede de ouvir determinadas pessoas e finge que não conhece o Queiroz? Por que que até agora não apresentaram o mandante do assassinato da Marielle? Então essas respostas, e já tem uma dezena delas, vão ficando incubadas na cabeça das pessoas. Não adianta reclamar que as pessoas não estão reagindo agora com muita força. Um dia haverá a reação das pessoas que querem conviver com a verdade e com a decência nesse país.

Eduardo Guimarães: Presidente, amanhã (07 de novembro de 2019) o presidente do STF, Dias Toffoli vai dar a decisão decisiva, a agente sabe que o único voto em questão é o dele, e ele está sofrendo muita pressão, o senhor acha que ele resiste a essa pressão?

Lula: Olha, não sei se você sabe, mas essa votação de amanhã não é a votação que eu pedi. Aliás, eu nem sei porque tanta confusão para uma votação que o resultado já está na Constituição. Os ministros da Suprema Corte, eles existem e uma das belas funções da Suprema Corte é ser o garante da Constituição. Eu não sei porque tanta polêmica, porque os meios de comunicação estão forçando para que os ministros possam descumprir a Constituição. Então, eu espero que o Ministro Toffoli saiba qual é a razão de todos serem ministros daquela Corte e saiba que eles não têm que ter medo de meios de comunicação, não têm que ter medo de político, não têm que ter medo da imprensa. Eles têm que ter um único compromisso: cumprirem e serem fiéis à Constituição da República Federativa do Brasil. É isso que eu espero deles. E a votação que eu quero não é a de amanhã. A votação que eu quero é contra o Moro, é a do habeas corpus.

Meire Cavalcante: Presidente, amanhã vai acontecer um mega leilão do pré-sal, essas reservas estão estimadas em dois trilhões de reais, no mínimo. O senhor faz algum paralelo entre o senhor estar aqui preso, o golpe de 2016 e o que vai acontecer amanhã com as reservas?¹⁴⁰

Lula: Acho, acho. Veja, está ficando nítido, eu li um pouco sobre o petróleo, um livro famoso chamado O Petróleo, e desde 1859 que o petróleo é a coisa mais importante nas decisões estratégicas dos EUA, embora se fale em combustíveis alternativos, o petróleo é importante para o desenvolvimento de uma nação, e desenvolvimento e manutenção das guerras. Uma das razões pelas quais Hitler foi derrotado, foi porque acabou a gasolina. Eles estavam fazendo combustível de carvão, de qualquer coisa. O Japão no final da guerra estava fazendo combustível de raiz de eucalipto, então não tinha qualidade. A partir daí todos os países, sobretudo os países do Conselho de Segurança da

¹⁴⁰ Pergunta crucial: o golpe foi para os EUA levarem o pré-sal?

ONU eles têm na reserva de petróleo uma coisa muito importante não apenas para o crescimento, mas para seus desejos estratégicos. E os EUA que se comportam como se fossem o xerife do mundo, e para isso gasta trilhões e trilhões com as Forças Armadas, eles precisam manter as reservas. Foi assim que teve a guerra do Oriente Médio tantas vezes, foi assim que teve a guerra do Iraque, foi por isso que mataram o Kadafi, e é por isso que me prenderam e destituíram a Dilma, para poder desmontar e refazer as leis que nós fizemos, para impedirem que o petróleo fosse um patrimônio do povo brasileiro.¹⁴¹

Na época, não sei se você está lembrada, eles diziam que o petróleo era uma ilusão nossa, porque o pré-sal, ninguém ia conseguir tirar um barril de petróleo de seis, sete mil metros de profundidade. Hoje, o que está claro? Você que está em liberdade pode procurar os dados por aí, você vai perceber que hoje as pessoas estão tirando o petróleo a cem mil metros de profundidade a cinco dólares o barril, enquanto na Arábia Saudita o barril é três dólares e meio, a diferença é mínima para alguém que vai buscar a sete mil metros e alguém que pega a trezentos, quatrocentos metros de profundidade, tal o avanço tecnológico que a Petrobrás tem. E a gente entendia que este petróleo era o grande garantidor do futuro desse país, a gente pudesse dar ao povo brasileiro aquilo que lhe foi negado por séculos, ou seja, a gente pudesse melhorar. Criamos a política de que setenta e cinco por cento dos royalties fosse destinado à educação, à saúde, pudesse garantir que o petróleo fosse uma espécie de propulsor da garantia de cidadania do povo brasileiro.¹⁴² Era por isso que a gente estava fazendo refinaria, era porque a gente não queria ser exportador de óleo cru, a gente queria ser exportador de derivados. Agora, o que a gente vê? Estamos exportando óleo cru e comprando gasolina dos EUA. Eu acho uma ofensa, sabe? Lamento profundamente que o povo brasileiro não tenha reagido, não esteja reagindo. Lamento profundamente que o povo brasileiro permita que aconteça um leilão como este. O que está acontecendo é que a elite brasileira é cem por cento favorável à política do Guedes, porque o Collor não se incomoda, quer dizer o Bolsonaro já disse que não gosta de Economia, não entende de Economia, isto é com o Guedes. Então, enquanto o Guedes está vendendo o Brasil e destruindo as coisas públicas do Estado brasileiro, a elite brasileira dá cem por cento de unanimidade e aceitação às coisas que o Bolsonaro faz. Enquanto isso o povo está ficando mais pobre, mais desempregado, o salário está ficando pior, o PIB mesmo que cresça vai demorar a recuperar aquilo que foi há cinco ou seis anos atrás, então é esse país que nós estamos vendo. Então, eu estou aqui exatamente por causa disto. É importante lembrar, eu estou aqui para dizer em alto e bom som que é importante lembrar que o que está acontecendo nesse país aqui é uma engenharia arquitetada pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos, por procuradores americanos em conversas com o “seu” Moro, em conversas com o MP, é só você pegar as passagens e ver quantas vezes o Moro viajou para os Estados Unidos, quantas vezes se reuniu. E nós temos inclusive vídeos

¹⁴¹ O pré-sal no centro da guerra híbrida.

¹⁴² O pré-sal como indutor da soberania nacional. Lula e Dilma planejavam um salto de qualidade na educação básica.

que o Zanin já deve ter mostrado para vocês, de procuradores americanos festejando a minha prisão. Eles ajudaram a construir a mentira, eles receberam informações sigilosas da Petrobrás quando roubaram aquele container que tinha segredos da Petrobrás, para poderem tomar a Petrobrás. Então, vamos tomar “democraticamente”, vamos fazer tudo em base de uma mentira muito grande. Vamos pegar um crime de responsabilidade que a Dilma cometeu, e que não existe, que eram as pedaladas, e vamos criar uma delação de corrupção contra o Lula. “Ah, mas não tem”, o Dellagnol falou, ah mas meu processo aqui não tem, o power-point não diz que ele roubou. O Moro disse, “não tem mas não tem problema, vamos mentir, a Globo garante. A Globo garante.

E nós estamos nessa situação: eu aqui dentro, Mari e Eduardo, eu poderia estar nervoso, eu poderia estar dando cabeçadas, eu poderia estar irritado, mas eu me convenci que eu tenho que estar bem. Eu tenho que estar bem internamente, sabe? Eu preciso estar com minha cabeça com muita altivez, e sair daqui para brigar.

Se depender deles, se depender do governo, eles trabalham com a ideia, “ah, o Lula tem setenta e quatro anos, deixa eles mais uns anos lá, a natureza dá conta dele, ou quem sabe ele volta para casa, volta cabisbaixo, a gente não deixa ele dar entrevista, a gente não deixa ele ir na rua, vamos colocar uma tornozeleira no pé dele”. Isso é tudo o que eles querem, mas não é o que eu quero. Eles não conhecem alguém que tenha caráter e dignidade. Eu não aprendi isso nas escolas que eles estudaram. Eu aprendi isso numa escola chamada Dona Lindu, uma mulher analfabeta que pariu doze filhos e criou todos como homens e mulheres, isso eles não sabem. É por isso que eu disse, eu não troco minha dignidade pela minha liberdade. Eu saio daqui inocente como eu entrei.¹⁴³

Eduardo Guimarães: Presidente, o Bolsonaro diz que pegou as gravações na portaria do condomínio, para que não fossem adulteradas. Com isso muita gente diz que ele confessou obstrução da justiça. Se o Lula fosse o presidente e fizesse a mesma coisa, o que ia acontecer com ele?

Lula: O que é grave não é somente ele ter feito isso. O que eu acho grave é uma televisão como a Rede Globo de Televisão, que eu não sei se deu uma barriga na primeira denúncia, e que se recusa a falar qualquer coisa sobre o *Intercept*, é importante lembrar: a Globo só falou da *Intercept* para defender o Faustão, e até hoje não falou nunca mais, “ah, porque não tem prova”. Manda fazer uma perícia. A Globo gasta tanto dinheiro para fazer perícia do PT, manda fazer uma perícia. Dá para saber se é verdade ou não. O dado concreto é que ela não acredita em quinhentas gravações do *Intercept*, mas ela acreditou numa única gravação do filho do Bolsonaro. Isso cheira à vergonha, à falta de caráter, à falta de dignidade. Eu vi ontem o diretor da Globo, o Ali Kamel fazendo uma nota, tentando se explicar. Ele na verdade deveria estar dizendo “quem tem, tem medo”. Eu inclusive aproveitei o teu blog, Eduardo para dar os parabéns ao *Intercept* e ao trabalho do Glenn. Um dia, um dia se fará justiça. Quem sabe daqui a trinta ou quarenta anos a Globo peça desculpas outra vez?

¹⁴³ Parresiasta.

Eduardo Guimarães: Não é irônico que um homem, um cidadão estadunidense, representando o país que mais atacou a Democracia no mundo inteiro, seja o cidadão através do qual seja possível que se vá restaurar a Democracia no Brasil?

[Comentários da pesquisadora: o livro *Vaza Jato*, os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil¹⁴⁴, de autoria de Letícia Duarte, conta como chegaram às mãos do jornalista Glenn Greenwald as mensagens hackeadas da conta do aplicativo Telegram de Deltan Dallagnol, que passo a resumir:

A primeira pessoa contactada pela fonte das mensagens foi a ex-deputada Manuela D'Ávila, no dia 12 de maio, um domingo. Manuela recebeu uma mensagem no seu Telegram, identificada com o número do senador Cid Gomes. Ao responder, o emissário disse que não era o Cid Gomes, que ele era um hacker que tinha invadido contas de procuradores da Lava Jato e que estava de posse de milhares de mensagens que iriam abalar a Operação e mudar o rumo da história. A ex-deputada conversou com o marido sobre a mensagem, o casal consultou o ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardoso, advogado particular de Manuela. Cardoso consultou o advogado criminalista Alberto Toron, sobre a legalidade de receber o material hackeado e este, por fim, sugeriu que a fonte procurasse um jornalista. Manuela voltou a dialogar por escrito com o hacker que informou não querer nenhum pagamento, apenas ele sabia que tinha em mãos um material que iria mudar o destino da nação. Disse também que a primeira pessoa para quem ele pensou em enviar o material foi para o ex-deputado Jean Wyllys. Ao acessar a conta de Jean Wyllys ele visualizou o nome de Manuela nos contatos e decidiu entrar em contato. Manuela sugeriu então que ele procurasse o jornalista Glenn Greenwald, especialmente porque Glenn tinha experiência em um caso de vazamento de enorme repercussão, o caso Snowden. O hacker insistiu com Manuela que o material era explosivo: *Eu garanto a você que o Lula será posto em liberdade amanhã mesmo*. Duarte (2020, p. 13). Manuela D'Ávila convenceu o interlocutor deste encaminhamento e serviu, então de intermediária entre a fonte e o jornalista.]

Lula: Pois é, irônico não, é inverossímil. É um negócio assim que na cabeça de quem tem juízo perfeito não cabe. Ontem eu vi um discurso dele, o elogio ao regime militar. Você pode nominar coisas que o regime militar fez, mas você não pode deixar de reconhecer o que foi do ponto de vista da sociedade e da Democracia o regime militar: a tortura, as mortes, o empobrecimento da nação, apesar de dizerem que o Brasil cresceu quatorze por cento no ano de 1970, 1972, mas é importante dizer que a partir de 1974 começou-se a descobrir a farsa, sabe? Era muito fácil fazer política com censura, muito fácil fazer política com a imprensa puxando saco. A Globo puxava o saco o tempo todo, o Estadão puxava o saco toda hora, a Folha puxava o saco. Todo mundo puxava o saco. Eu quero ver fazer política como nós fizemos, com todos eles contra. E fizemos provando que este país só tem uma solução, que é incluir o povo nas decisões.

¹⁴⁴ DUARTE, Letícia. **Vaza Jato:** os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

Eduardo Guimarães: Eu quero falar com o senhor sobre isso porque a sua saída daqui, possível, cada vez mais possível no meu entender, ela permite que a gente especule, que se o senhor tiver seus direitos políticos de volta, que o senhor vai poder disputar uma eleição, vencer e voltar ao poder. Vamos lá, na crise internacional de 2008 o senhor falou que o povo precisava consumir, porque assim a roda da economia ia girar. O senhor implantou um Programa de Aceleração do Crescimento, porque não havia crescimento no Brasil, então o senhor colocou o Estado como indutor do crescimento. Isso contraria frontalmente a doutrina neoliberal e o senhor entende que essa seria hoje, como está o Brasil, que a economia não cresce, seria uma saída para o Brasil fazer o que o senhor fez diante da crise do sub prime nos EUA? Ou o senhor faria diferente? Como o senhor faria?

Lula: Eduardo, não existe possibilidade de nenhuma economia de qualquer país do mundo crescer, se não houver uma grande demanda interna naquele país. Se não houver demanda interna, você tem que ter uma grande demanda externa, então exportação e mercado interno são duas coisas que deveriam correr juntas. No Brasil criou-se a máxima de que “ah não pode exportar porque precisamos ficar com o mercado interno, ah não pode ficar no mercado interno porque temos de exportar. Nós provamos que é possível os dois. Nós saímos de uma receita de cem bilhões de dólares para o comercio exterior, fluxo de exportação/importação, para quatrocentos e trinta e dois, e ao mesmo tempo nós tivemos um crescimento extraordinário no mercado interno, por que? Porque nós criamos um conjunto de políticas públicas, primeiro aumentar o salário mínimo, segundo geração de emprego – é importante lembrar que criamos vinte e quatro milhões de empregos. A renda dos mais pobres cresceu vinte por cima acima da renda dos mais ricos. É importante lembrar a quantidade de políticas de transferência de renda que nós fizemos. Bancarizamos setenta milhões de brasileiros que passaram a ter conta em banco; criamos o programa de alimentos da pequena agricultura; assentamos quinhentos e setenta mil famílias; disponibilizamos para a reforma agrária quase cinquenta e dois milhões de hectares de terra, no meu governo e no da Dilma. Ou seja, nós fizemos uma quantidade – além da transposição do Rio São Francisco, que eles não querem acabar – nós fizemos nós dois mandatos um milhão e quinhentas mil cisternas para garantir água para as famílias e para os animais beberem. Então nós conseguimos provar que é plenamente possível construir um país, e hoje a gente tem que fazer a mesma coisa, você precisa aumentar as exportações, aumentar a exportação significa que você tem que ter credibilidade e produtividade e capacidade tecnológica. O Brasil agora, eu estava vendo, depois do Bolsonaro lamber as botas do Trump, depois do Bolsonaro lamber a canela dele, depois do Bolsonaro bater continência, depois do Bolsonaro dizer “eu te amo” o Trump deu uma ferrada nele e não facilitou a exportação de carne in natura do Brasil para os EUA. Ora, eu não fico feliz por isso não porque eu acho que os Estados Unidos deveriam aceitar a exportação, eu não estou defendendo o Bolsonaro, estou defendendo o povo brasileiro. Como eu acho que eles exigem tanta qualificação dos nossos produtos agrícolas, porque eles estão defendendo o deles. Eles estão protegendo, protegendo o pequeno produtor da França, da Alemanha, da Itália, de Portugal, de todo mundo, e aí vão criando as dificuldades.

O Brasil tem que saber que ninguém respeita quem não se respeita. Isso vale para a lógica de uma família dentro de casa; vale para a lógica de um presidente de um time de futebol, e vale para a lógica de um presidente da República. Imagina se fosse eu que tivesse feito uma reunião¹⁴⁵ com um príncipe que é considerado pela ONU como um esquartejador. A ONU reconheceu que foi esse príncipe que mandou lá em Istambul pegar o jornalista que escrevia posts contra ele e fazer carne moída dele. Aí sai o presidente Bolsonaro com uma piada, com uma blasfêmia dessa, e aí todo mundo acha bonito.

[Comentário da pesquisadora: ONG Repórteres Sem Fronteiras acusa Mohamed bin Salman de ter responsabilidade na morte do jornalista Jamal Khashoggi, (repórter do Washington Post) assassinado em 2018 dentro do consulado da Arábia Saudita em Istambul.]¹⁴⁶

Só para concluir, não é possível recuperar a economia se você não tiver um crescimento da demanda interna e das exportações. Ou se faz isso ou se vai vender tudo o que tem para pagar a dívida e o Brasil vai continuar sem crescer, e quando o Brasil voltar a crescer, é importante lembra o quanto nós caímos. Nós caímos tanto que vai leva anos para a gente poder recuperar aquilo que a gente tinha em 2010. Esse é o dado concreto.

Eduardo Guimarães: A solução de 2008 continua válida?

Lula: Sim, continua válida, porque naquele tempo eu tinha respeito. Eu tinha participado de uma reunião no G-20, o Brasil tinha muita força no G-20, mas muita força mesmo, porque muitas das coisas que saíam lá, eu lembro de uma reunião que nós fizemos em Londres tinha muita coisa lá. Nós garantimos muita coisa: primeiro, não ode votar o protecionismo. Aproveitar a crise de consumo que está havendo nos países ricos, para se emprestar dinheiro a juros mais baratos para os países pobres, para que eles consigam as condições de se desenvolverem. Não foi feito isso. Eu pessoalmente liguei para o Obama, para dizer que era preciso encontrar um meio de livrar as empresas da falência. Até agora, só a quebra do Lenham Brothers e dos bancos já consumiram vinte e cinco trilhões de dólares (eu não tenho certeza que esses números estão certos) e não está resolvida ainda a crise financeira. Só na guerra do Iraque se gastou trilhões de dólares e está se gastando ainda. Enquanto isso existe um bilhão de pessoas que estão com fome, que estão indo dormir sem ter o que comer. Uma coisa que eu dizia em 1989, veja que está acontecendo agora, sem tem metade da população que não dorme porque está com fome, e a outra metade que não dorme porque está com medo daquela que está com fome.

Meire Cavalcante: A PNAD – a pesquisa nacional por amostra de domicílio – agora de outubro, acabou de dizer que metade dos brasileiros está vivendo com quatrocentos e treze reais, a gente está

¹⁴⁵ Veja mais em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/10/em-riade-presidente-encontra-se-com-principe-herdeiro-da-arabia-saudita>.

¹⁴⁶ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/02/principe-herdeiro-saudita-e-denunciado-na-alemanha-por-crimes-contra-a-humanidade.ghtml>

vivendo uma crise política muito forte, o clã Bolsonaro vive colocando o Brasil em crises o tempo todo, e isto afasta investimento. Houve um salto de quinhentos por cento em número de ambulantes no Brasil, no período de 2015 a 2018. Então até onde o Brasil vai suportar mais três anos de crise política todos os dias? E em que momento o senhor acha que irá haver uma resposta da sociedade?

Lula: Eu espero que não seja muito tempo. Têm duas saídas, ou o governo faz as coisas acontecerem em benefício do povo, ou o povo faz as coisas acontecerem em benefício da sociedade. Eu só queria dizer o seguinte: O que foi feito desde o impeachment da companheira Dilma é um genocídio nesse país contra os trabalhadores, já acabaram com os direitos trabalhistas, já afundaram o movimento sindical, já fizeram a reforma da previdência – ainda bem que não passou a capitalização que eles queriam, o Chile – o que o Guedes está fazendo – é esse Chile agora.¹⁴⁷ Na verdade o grande cancro desse país não é o Bolsonaro, que diz “eu não entendo de economia, eu não entendo disso, eu não entendo de meio-ambiente, eu entendo de falar bobagem. Deixa eu com meus três filhos e com as fake news que a gente sabe cuidar das coisas”. Agora quem faz as coisas que está se tornando uma unicidade nos meios de comunicação, é o Paulo Guedes. Aí banqueiro adora, latifundiário adora, empresário adora, todos os que não gostavam do PT por causa das políticas sociais, adoram o que está acontecendo no Brasil. Então o povo precisa estar atento.

Eu estou vendo na esquerda, até nos seus blogs, a gente faz muitas críticas ao Bolsonaro, todo dia a gente tá colocando o Bolsonaro nas nossas redes, dizendo que ele falou bobagem. Enquanto isso o Guedes vai desmontando, e vai vendendo, e vai vendendo, quando a gente acordar o Bolsonaro vai estar administrando uma nação oca; uma nação que não tem um banco público para fazer uma política econômica; que não tem um BNDES para fazer incentivo de desenvolvimento, que não tem uma empresa de energia elétrica. E tudo que ele está privatizando são empresas estatais estrangeiras. Então, as empresas estatais estrangeiras, estão comprando as coisas públicas do Brasil. Ora, na verdade é uma visão que vem desde mil novecentos e oitenta, que vem desde a eleição de Reagan, da eleição de Margareth Thatcher, de que o Estado não serve para nada, temos de privatizar o Estado. Esta é a lógica. E nós provamos que é o contrário. Eu fortaleci o Banco do Brasil, fortaleci a CEF, fortaleci o BASA, fortaleci o BNB, fortaleci o BNDES daí fizemos políticas públicas com estes bancos para obrigar os bancos privados a tirarem a bunda dos títulos do governo e fazerem investimento produtivo.¹⁴⁸ E as pessoas diziam que era por conta da taxa Selic, a taxa Selic está a cinco por cento e os bancos não estão investindo. Por que eles querem ganhar dinheiro de curto prazo. Agora vão inventar ai um fundo que não tem moeda, que é tudo na internet. O que é importante é o seguinte, só tem um jeito para este país: este povo tem que voltar a trabalhar, a tomar café da manhã, almoçar, jantar, ter direito ao lazer, ter direito à cultura, ter direito a viver feliz com a sua família. Isto só é possível quando o governo envolver o povo nas decisões desse país. Não sei se vocês viram que saiu

¹⁴⁷ Lula qualifica como um genocídio o governo Bolsonaro, meses antes do início da pandemia provocada pelo Corona vírus.

¹⁴⁸ Neoliberalismo X Social Democracia

na Revista Forbes publicada, eu recebi um exemplar aqui, para ver os duzentos mais ricos do Brasil, uma nação que uma pessoa possa comer dez vezes ao dia e um monte não possa comer uma única vez por dia, não é uma nação. Eu não esqueço nunca em 2008 a gente estava para conquistar o lugar de quinta economia do mundo, era uma coisa maravilhosa. Daqui a pouco vamos perder para o Haiti, se continuar essa política. E o Brasil é muito grande tem gente muito trabalhadora. Você tem um percentual de fanáticos, como tem na torcida do Corinthians, que está cheia de torcida boa, e está cheia de fanáticos; a do São Paulo tem, você tem a torcida boa que vai lá torcer pelo time, mas também tem os fanáticos que vão lá para depredar. O Bolsonaro ele é teleguiado por uma parte da sociedade. Gente que acorda de mau humor, olha para a vizinha do lado que dá bom dia, e ela responde bom dia nada, não tem nem pó de café. Ele instiga, ele incentiva. Só para lembrar que na campanha do Trump eu li um livro que contava que o Trump mandava as pessoas que seguiam ele para que agredissem fisicamente quem era contra ele. Trump dizia: pode bater que eu pago o advogado.

Eduardo Guimarães: E o Bolsonaro é causa ou consequência?

Lula: Acho que ele é os dois. O Bolsonaro não chegaria onde chegou se ele não tivesse um pouco de competência. Agora, uma competência maléfica, ele é uma espécie de homem do mal. E tá cercado por muita gente, especialmente das chamadas igrejas pentecostais, aqueles mais sectários. Obviamente que o povo evangélico é tão bom quanto os católicos, tem inteira liberdade de professar a sua fé, mas eu acho que o Bolsonaro se aparelha daqueles mais fanáticos e vai construindo e não tem pudor, ele não tem pudor de orientar os filhos para contarem as mentiras por ele e depois ele aparecer como o paizão, pedindo desculpas.

Agora veja, um ex-presidente da República, como eu, não pode ficar criticando um presidente da República que tem um mandato de quatro anos. Eu não posso querer que o Bolsonaro faça em um ano o que eu fiz em oito. O que eu acho é que ele tem que começar a fazer as coisas pelo bem do Brasil e pare de se preocupar só com seus filhos.

Meire Cavalcante: Tem uma parte da população que não é fascista, não é essa classe maluca que adora essas violências que o Bolsonaro fala, mas que ainda vê a Lava Jato e a figura do Sérgio Moro como heróis. Como conversar com esse eleitor?

Lula: O debate sobre a corrupção e o combate à corrupção é uma coisa que sempre será muito bem avaliada em qualquer país do planeta Terra. Por isso é que quando o PT estava no governo, você pode pesquisar que você vai ver que todas as leis para combater a corrupção foram feitas no governo do PT. Certo ou errado, fomos nós que fizemos tudo. Agora para combater a corrupção você não tem que necessariamente punir inocente. No caso da Lava Jato, só na construção civil você tem cem mil trabalhadores que perderam o emprego. Você tem a construção naval que estava renascendo e agora está sendo destruída; praticamente acabou com a indústria de óleo e gás e passou a ser um importador de derivado de petróleo, quando o país é autossuficiente. Há um equívoco neste país no trato dos

interesses da própria nação brasileira. Eu sinceramente acho que a gente tem que ter muito cuidado para ver o que está acontecendo no nosso país, para não permitir que o Brasil afunde definitivamente. Esse país não pode voltar a ser pequeno, esse país não pode voltar a ser uma republiqueta de banana. Esse país tem que acreditar na sua soberania, e soberania não é o território, soberania vai desde a educação do povo, até o emprego, até o salário, vai desde a ciência e tecnologia, desde a floresta, desde a água. A gente tem que garantir que o Brasil seja nosso, e seja governado para as duzentos e dez milhões de brasileiros e não para meia dúzia de pessoas.¹⁴⁹ Nós provamos que é possível fazer isso, nós provamos que o Brasil foi melhor. Hoje você não tem que olhar para o *new deal*, para o presidente Roosevelt para mostrar como se enfrenta uma crise, olha para o Brasil de 2003 a 2013.¹⁵⁰ Olha o Brasil como o Brasil era, o Brasil para as escolas técnicas, para as Universidades. Eu lembro que quando nós fomos criar as Olimpíadas da Matemática, tinha gente que dizia para não fazer com a escola pública, porque criança da escola pública não vai querer estudar. No primeiro ano que nós fizemos a Olimpíada da Matemática, teve dez milhões de crianças de escola pública inscritas, sabe. Depois fizemos as Olimpíadas de Português, foram milhões de crianças. Então nós acreditamos e apostamos no Brasil, coisa que esse governo não faz, você tem o Bolsonaro, quase um humorista e você tem o Guedes que está vendendo o país. E a elite brasileira, o sistema financeiro, grandes latifundiários, grandes empresários, e de uma parte da sociedade que gosta disso, porque na verdade, nem todo mundo gosta de uma coisa só, há muita diversidade. Então sempre haverá um público de esquerda, um público de direita, sempre haverá um público de centro, sempre.

Eduardo Guimarães: Essa definição do Bolsonaro como humorista é uma das melhores que eu já vi.

Lula: É porque ele faz piada. Aquela coisa das emas, por que ele faz aquilo? Ele faz aquilo para um público específico. O programa de humorismo da Globo não está preocupado com o público do SBT. Ele está preocupado com o público da Globo, em manter este público com a televisão ligada. O Bolsonaro está preocupado em manter a turma dele acesa, criando, eu diria, com as manchetes dos jornais. O cara das *fake news* ontem, não sei se você percebeu, ele zombou da Comissão, eu não sei se a Comissão não estava preparada.¹⁵¹

Eduardo Guimarães: Presidente, a gente tem uma pergunta aqui que é muito importante, e nosso tempo está chegando ao fim, eu preciso fazer. O filho do Bolsonaro defendeu que no caso da esquerda radicalizar- e no entender dele radicalizar é ir para a rua defender direitos, como no Chile – seria necessário editar um outro AI-5, e aí o general Heleno, chefe do gabinete institucional disse que faz sentido, precisa ver como é que vai fazer. Precisa estudar como fazer. O clã Bolsonaro está preparando

¹⁴⁹ SOBERANIA NÃO É SO O TERRITÓRIO.

¹⁵⁰ Lula compara sua política econômica com a de Roosevelt, quando criou o *new deal*.

¹⁵¹ SAMPAIO, Cristiane. CPMI das "Fake News" convoca assessores de Bolsonaro e dono da Havan para depor. **Brasil de Fato**, 23 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/23/cpmi-das-fake-news-convoca-assessores-de-bolsonaro-e-dono-da-havan-para-depor>. Acesso em: 11 ago. 2021.

um golpe de Estado? E o general Heleno fala só por ele ou o senhor acha ele fala pelas Forças Armadas?

Lula: Vamos lembrar o que eu já disse aqui: os filhos do Bolsonaro não contam essas piadas porque querem. Na minha opinião isso tem o aval do pai. Eles fazem para sentir o clima, sempre colocam o bode na sala e depois vão tirando o bode. Obviamente quem defende a ditadura, como o Collor¹⁵² gostaria de ter os maiores poderes para governar este país. Obviamente que ele gostaria de ter poderes autoritários, e de ter um cara como o Ustra ao lado dele. O Heleno está fazendo este papel. Eu não acredito que a sociedade brasileira aceite, pelo menos a chamada sociedade politizada, aceite um AI-5. Mas é importante lembrar que no Peru, o povo fez festa quando fechou o Congresso Nacional. *Na medida que você desgasta a política, desgasta a política, desgasta a política, o povo começa a achar que a antipolítica é a coisa boa que tem que acontecer no país, e não é. A antipolítica gera situações piores, a antipolítica gera Bolsonaro.* Essa do AI-5 do filho dele ele disse “ah não é bem assim”, eu faço qualquer merda e depois peço desculpas, e vou medindo a opinião pública. Vou jogando as ideias que eu quero para a opinião pública discutir, discutir, discutir, discutir. É isso, ele fala para um público seletivo dele que é para gerar um clima na sociedade. Ele só faltou repetir o grito do Collor em noventa e dois “não me deixem só” com aquela da ema.

Eduardo Guimarães: Mas o senhor acha que as Forças Armadas apoiam isso?

Lula: Olha eu acho que uma parte das Forças Armadas, que é séria não apoia. Eu conheci as Forças Armadas. Mas as Forças Armadas não é uma coisa única. Tem vários matizes de pensamentos dentro das FA, o que eu lamento profundamente é que a parte militar chamada nacionalista, está quieta e está vendo esse homem destruir o país.¹⁵³

Meire Cavalcante: Qual é o seu sentimento sobre essas falas, sobre AI-5, sobre ditadura, e saber que o último ENEN que ocorreu no domingo não teve nenhuma pergunta sobre o assunto, ou sobre qualquer tema que o governo acha que não deve entrar. Isso é uma censura também.

Lula: Deixa eu te contar uma coisa, Meire, eu nunca me informei das questões que entravam nas provas do ENEN. Eu não sei se em todo ENEN tem que falar da ditadura militar, eu não sei, tem que falar dos assuntos importantes para o aluno de coisas que ele aprendeu na escola, você não pode fazer pergunta de coisas que o aluno não aprendeu na escola. Eu não acho que esta seja a parte mais grave. A parte mais grave é que tem menos gente fazendo o ENEN, o que significa que tem menos gente com a expectativa de ir para a Universidade. Você diminui as possibilidades, você diminui o sonho das pessoas com essas intervenções na Universidade. Durante oito anos eu fui presidente, eu me reunia

¹⁵² Nota da pesquisadora: é frequente nas entrevistas o presidente Lula cometer o lapso da troca do nome do Bolsonaro pelo de Collor.

¹⁵³ Lula e os militares.

todo santo ano com os reitores das Universidades, com os reitores dos Institutos técnicos, nunca me aconteceu nada. A gente só discutia as várias coisas que era preciso fazer.

Meire Cavalcante: Hoje vários reitores são interventores, o senhor sabe...

Lula: Eu sei, eu sei. Agora, as pessoas têm que reagir, o povo não pode esperar que a pessoa que está governando por si só tenha a responsabilidade de cuidar de todos os assuntos. O povo tem de estar alerta e tem de brigar. No meu governo eu fiz setenta e quatro conferências nacionais para discutir os assuntos de interesse do povo brasileiro. Fiz com índios, lgbt, com mulheres, negros, sem-teto, com os meios de comunicação, com o pessoal da segurança pública, com os hansenianos. Todo mundo tinha o direito de ir lá no Planalto para a gente discutir. O povo fazia conferências municipais, conferências estaduais e as Conferências Nacionais. Eles estão desmontando tudo isso e a sociedade não reage. Obviamente a gente não pode achar que a sociedade tem que estar pronta para a guerra toda hora. Tem momentos que ela está mais, tem momentos que ela está menos. O que precisa é os partidos de oposição construir uma narrativa. A narrativa de que o Estado não presta é antiga. Ela é antiga no mundo inteiro, e no Brasil a gente precisa construir a nossa narrativa. Por que para nós é importante o Estado ter um papel importante na Economia, na política social? Por que? Por que para nós é importante ter banco público? Por que para nós é importante uma empresa de energia ter o controle dos trabalhadores? Porque não são empresas estatais, são empresas de economia mista, empresa pública. O Banco do Brasil tem ações na bolsa, não é um banco simplesmente estatal. A Petrobrás não é uma empresa estatal, ela é uma empresa pública, inclusive com ações na bolsa de Nova York, que foi o que gerou o golpe nela.¹⁵⁴

Eu acho que temos que construir a nossa narrativa, juntar as pessoas. Mas não é fácil, Meire. Eu perdi muitas eleições no Brasil e sei que não é fácil no ano seguinte você querer falar mal do cara que ganhou. Não é fácil. Mas se tem um cara que dá chance para se falar mal é o tal do Bolsonaro. A oposição nunca teve tamanha felicidade de ter uma figura pública tão incompleta do ponto de vista ético, do ponto de vista democrático quanto esse cara.

Então tem que construir a nossa narrativa, não é cada um querendo o seu discurso, a sua ideia, a sua motivação. Você tem dez pessoas e cada um tem uma motivação. Só tem uma motivação, é o Brasil, e dentro do Brasil tem o povo, e a melhoria da qualidade de vida do povo. É isso que nós precisamos buscar a ferro e fogo.

Meire Cavalcante: Presidente o senhor começou a nossa conversa aqui falando que quer voltar a governar o Brasil. Em breve vai haver o julgamento da suspeição do ex-juiz Sérgio Moro, dos procuradores, da juíza Gabriela Hard. Uma vez que seus direitos políticos sejam restaurados, Lula vai concorrer à presidência? E se concorrer vai ser o Lulinha paz e amor ou vem aí o Lula jararaca?

¹⁵⁴ Ter aberto ações na bolsa de NY facilitou o golpe?

Lula: Eu falei que é preciso a esquerda voltar a governar, não falei que eu quero voltar a governar, acho que é importante construir um projeto. Nós do PT pagamos um pato por sermos o mais importante partido político deste continente, e o mais importante partido político do Brasil. Aliás, funcionar como partido político, o PT é o único que funciona, enquanto partido político mesmo, legalizado em todos os estados da federação, com quase dois milhões e meio de filiados. Então, o PT tem que buscar governar sempre, ou sozinho ou com aliados, ou governar até com outras pessoas que não sejam do PT eleitas. Isso não é o problema. O que nós precisamos é construir uma narrativa para que o bloco progressista trabalhe as ideias.

Eu não sairei daqui Lulinha paz e amor, eu sairei daqui mais amor, bastante paz, mas não Lulinha paz e amor porque eu sou do bem. Eu gosto de ser bom. Eu gosto de tratar as pessoas bem. Eu gosto de conversar, se você estivesse aqui do meu lado, eu já teria pegado na sua mão, teria pegado na mão do Edu umas quinhentas vezes, porque eu acho que os seres humanos nós não somos algoritmos da internet.¹⁵⁵ Não somos algoritmos, números manipuláveis. É por isso que eu nem uso celular porque eu não quero que uma empresa me controle, não quero que um blogueiro me controle. Eu não quero que uma empresa daquelas que elegeu o Bolsonaro e o Trump me controle. Eu quero ser eu mesmo, eu quero ter gosto próprio, eu quero pensar, eu quero reagir com todo o meu sentimento, não em função do sentimento do mercado. Eu vou sair daqui um cara mais preparado, com mais vontade de brigar, mas vou sair com muito amor para dar ao povo brasileiro.

Quando se faz as coisas com amor, Eduardo eu não acredito que seja possível discutir as coisas num país do tamanho do Brasil, se você não pensar com o coração. Esse negócio de pensar só em números, de pensar só em dados, nas ciências exatas, isso é coisa de economista. Um político tem que pensar com o coração, o que meu coração me pede para eu fazer, o que que é importante eu fazer? Por isso que eu sempre dizia quando eu estava na presidência, que eu quero governar o Brasil como se eu fosse um coração de mãe, porque nada é mais justo do que um coração de mãe. É uma coisa que eu trago na cabeça como um símbolo, é a capacidade de repartir as coisas entre os filhos. É assim que um presidente do Brasil tem que ser: repartir as coisas entre seus filhos, que são duzentos e dez milhões de brasileiros. Então, eu só aprendi a fazer isso, briguei com muita gente para fazer essas coisas. As pessoas não acreditam no povo pobre, as pessoas não acreditam que eles sejam a solução, as pessoas acreditam que têm que governar o Brasil por trinta e cinco por cento das pessoas. Os aeroportos não podem estar cheios, porque senão pobre vai estar andando no aeroporto; restaurante não pode estar cheio, porque pobre não pode entrar em restaurante; pobre não pode frequentar Universidade, ora meu Deus do céu, que história é essa? Pobre deve ter direito a tudo o que ele produz,¹⁵⁶ tem direito a ter carro, tem direito a ter televisão, tem direito a ter uma casa, tem direito a comer do bom e do melhor, vestir do bom e do melhor. Por que que eu sou obrigada a comprar carne de segunda e a minha patroa

¹⁵⁵ Lula se define como um homem bom (parresia).

¹⁵⁶ Máxima do comunismo: se o trabalhador tudo produz, tudo a ele pertence.

só compra carne de primeira? Por que que eu sou obrigado a comprar um perfume catiguento quando a minha patroa compra um perfume bom. Por que que meu filho não pode ir para a Universidade Pública, se quando está no ensino fundamental é ele que está na escola pública e o rico está na escola particular, quando inverte, o rico vai para a pública e ele vai para a particular, é o pobre que tem que pagar. Que história é que é essa?¹⁵⁷

Nós começamos a mudar isso e começamos a provar que dava certo. Você nunca olha a questão das políticas sociais que eleva o padrão de vida das pessoas, seja no campo educacional ou cultural como um gasto. Sempre veja como investimento.

Meu caro Eduardo, nós estamos assistindo aí muita coisa errada, muita coisa errada. Eu às vezes fico com muito cuidado de fazer determinadas críticas, porque o papel de alguém que já foi presidente não é ficar cobrando no primeiro momento. O próprio eleitor que votou no Bolsonaro está dando um tempo. Uma parte das pessoas gosta dele, das bobagens que ele fala, adoram. O chamado humor negro dele.

Meire Cavalcante: O tempo está se esgotando...

Lula: Deixa eu falar uma coisa para você. Quando vocês saírem daqui eu serei castigado, mas vocês não. Deixa eu falar uma coisa para vocês: o Brasil tem jeito, a gente precisa ter clareza disso. Você tem que vender a quem assiste vocês que o Brasil tem jeito, é possível construir esse país. O Brasil não é obrigado a se subordinar a *fake news* no *Twitter*. É inimaginável que um país como os EUA e o Brasil seja governado por *fake news*. O presidente acorda às três horas da manhã, vai ao banheiro fazer um xixi e já falou uma sujeira pelo *Twitter* para a sociedade. Não tem limite. Ele não tem limite. Ele se acha engraçado e acha que pode tudo. Porque também ele nunca trabalhou na vida. Ele não sabe o que é o mundo do trabalho, não sabe o que é responsabilidade. Ele foi um péssimo tenente, que foi expulso das FA, e era daquele tempo que o cara cai como tenente e se aposenta como capitão, e aí ele nunca trabalhou, ele foi ganhar dinheiro como vereador, depois de vereador político, se elegeu como deputado federal durante vinte e oito anos, depois elegeu o filho deputado federal. Ele até fez um filho brigar com a mãe, tomar o lugar da mãe na Câmara de Vereadores. Então, com que tipo de gente a gente está lidando? Parece uma loucura. No condomínio dele, na matéria que o filho ir lá no condomínio pegar as informações. A Globo dá, a Globo dá. A Globo que não tem coragem de dar uma vírgula sobre o *Intercept*, se borrou com medo do Bolsonaro e deu aquilo do filho dele como verdadeiro, é a versão do filho que é a verdadeira. Por que que não manda fazer uma auditoria? E depois foi o MP fazer uma auditoria, só faltou a moça ir com a camisa do Bolsonaro. Aliás não sei se voê sabe que uma das moças que foi denunciada pelo *Intercept* acaba de ser promovida. É isso que o PT quem que fazer, o PT tem que provar. Cobrar do CNMP, como é que alguém que não merece a função é promovida? Sabe o que eu acho que está faltando, e vou parar por aqui, porque senão o cara

¹⁵⁷ O paradoxo da educação brasileira.

aumenta mais um ano na minha condenação.¹⁵⁸ Nós precisamos recuperar a capacidade de ficarmos indignados. Nós precisamos nos indignarmos. Eu vejo todo mundo “tem que ir para a rua, tem que ir para a rua. Só vai para a rua se alguém for, meu caro. Alguém tem que ir para a rua, construa qual é a motivação de ir para a rua. Vejo todo mundo falar que é hora de resistir, vamos resistir, vamos resistir. Mas nós precisamos é lutar para conquistar. O que foi que aconteceu na educação? o que aconteceu com o reitor? O que aconteceu na Ciência e Tecnologia? Com as escolas técnicas, com os interventores, com essa medidas dele, outras medidas econômicas que ainda não chegaram para mim ainda. E não discuta do ponto de vista do em economês, discuta do ponto de vista do povo, da alma da mesa de um trabalhador. Se o povo estiver trabalhando, comendo, estudando e criando sua família condignamente, eu morro tranquilo. Mas se o povo não estiver, não tem idade que me faça calar e ficar quieto.

Eduardo Guimarães: Como dizia o Chico Buarque, vai passar.

Lula: Eu estou aqui, não sei se o Moro te acompanha, não deve acompanhar porque ele passa o dia inteiro segurando um cartaz do Moro. Ele deve saber que eu estou aqui há quase dois anos, mas acho que o Moro e o Dallagnol devem estar tomando tarja preta para dormir porque eles sabem que mentiram. Quando eu penso que as coisas estão mudando, me aparece uma palhaçada destas. Uma coerção dentro da minha cela, isso é do cacete.

Meire Cavalcante: Presidente, a gente espera que a próxima entrevista seja muito em breve lá fora.

Lula: *Essas coisas nós não temos que ter medo. Você não consegue derrotar o monstro, se você tiver medo do monstro. Você só enfrenta o monstro se você tiver coragem de lutar. Use as armas que você tem. Dentro de um regime democrático, use as armas que você tem. E não permita que a mentira vença a verdade. Não permita que o medo vença a esperança. É luta, meu caro Eduardo e minha cara Meire. Cabeça erguida, cara boa e eu vou te convidar para o meu casamento.*

Eduardo Guimarães: Obrigada presidente. Eu terei muito prazer em ir ao seu casamento.

Meire Cavalcante: Muito obrigada, presidente, pela entrevista.

¹⁵⁸ Rotina na prisão.

ANEXO aa - Discurso de Lula em São Bernardo do Campo, em 9 de novembro de 2019¹⁵⁹

Queridos companheiros, queridas companheiras,

Vocês não têm a dimensão do que significa o dia de hoje para mim. Lá em cima tem um helicóptero da Rede Globo de Televisão, para falar outra vez sobre o Lula. Eu fiquei em dúvida se eu vinha aqui fazer um discurso, mas vou ter uma conversa com vocês, porque são 580 dias numa solitária em que eu tinha dois advogados que me visitavam: o Dr. Rocha, das 10h às 11h e o Dr. Caetano das 4h às 5h da tarde. Eu tinha meus filhos, tinha minha companheira Janja, com quem eu vou me casar [público aplaude] e, e às quartas-feiras, das 4h até às 5h eu recebia duas visitas por semana. Eu tinha visita religiosa toda segunda-feira, depois eles cortaram. Eles queriam que eu recebesse como visitante religioso um padre que visitava todos os presos, eu me recusei a recebê-lo, e somente por esses dias voltaram as visitas religiosas. Vocês sabem que muitos de vocês não queria que eu fosse preso no dia 07 de abril do ano passado. Eu lembro que eu precisei persuadir vocês para compreenderem o papel que eu tinha que cumprir e quero repetir aqui hoje uma coisa que eu falei naquele dia. Quando um ser humano, um homem ou uma mulher tem clareza do que ele quer na vida, tem clareza do que ele representa e tem clareza que seus algozes, os seus acusadores estão mentindo, eu tomei a decisão de ir lá para a Polícia Federal – eu poderia ter ido a uma embaixada, eu poderia ter ido a outro país, mas eu tomei a decisão de ir lá, porque eu queria provar que o juiz Moro não era um juiz, era um canalha [aplausos] eu precisava provar que o Dallagnol não representa o Ministério Público, que é uma instituição séria, que ele montou uma quadrilha com a força tarefa da Lava Jato, para roubar dinheiro da Petrobras e das empreiteiras. Eu tinha certeza que os delegados que fizeram inquérito contra mim, mentiram em cada palavra que escreveram. E se eu tivesse saído do Brasil eu teria sido tratado como um fugitivo, eu resolvi ir para pertinho deles, tentar as feras e provar minha inocência. Eu tenho mais uns dez processos, é uma mentira atrás da outra.

Vocês viram que estes dias inventaram uma mentira e foram tentar prender a Dilma. Eu recebi naquele dia, Haddad e Freixo, eu recebi naquele dia às seis horas da manhã na minha cela, bateram à porta, eram dois caras da PF para me entregarem uma intimação, e eu falei: ué eu já estou preso, porque vocês querem me entregar uma intimação? Mas quando eles foram às seis horas da manhã na casa da Dilma, a TV Globo já estava lá desde 5h30 da manhã.

Eu queria dizer para vocês, eu nasci na cidade de Garanhuns, eu vim com a idade de sete anos para São Paulo, e fui criado por uma mãe e por um pai que nasceram e morreram analfabetos, eu sempre disse, desde 1979, que a evolução política que eu tive era resultado da evolução política do povo trabalhador desse país. À medida que o povo trabalhador ia evoluindo, eu ia evoluindo. Então eu

¹⁵⁹ DISCURSO histórico de Lula no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. **PT - Partido dos Trabalhadores**, 09 nov. 2019. 1 vídeo (47 min). [Transcrição da autora]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=15yyXM2Trj8>. Acesso em: 17 ago. 2021.

passsei a não temer nada na minha vida. O único medo que eu tenho é de mentir para o povo trabalhador que tanto acreditou e que tanto me fez representante da classe trabalhadora deste país. Eu devo tudo que eu tenho a essa mãe, ao povo desse sindicato, eu vi construir essa sede que foi construída comigo na diretoria do sindicato, e para quem não sabe, eu fui diretor da escola de Madureza, que tinha um mil e novecentos alunos. [Dirigindo-se ao Haddad]. Você pensa que eu sou analfabeto? Eu fui diretor da escola (muitos aplausos). E aqui nesse sindicato eu me formei politicamente, fiz um curso de Ciências Políticas, fiz um curso de Economia, a primeira vez que anunciaram meu nome aqui, quando eu tomei posse em 1975, me deram o microfone, eu comecei a tremer quando me chamaram para falar, eu não conseguia segurar o papel que eu estava lendo, de tanto que eu tremia, e hoje eu estou tão à vontade aqui, falando tanta bobagem para vocês.

Quando eu saí daqui eu tinha uma missão. Eu fiquei preso numa solitária, e por 580 dias eu me preparei espiritualmente. Eu me preparei para não ter ódio, eu me preparei para não ter sede de vingança, eu me preparei para não odiar meus algozes. E por que eu me preparei? Porque eu queria provar que mesmo preso por eles eu dormia com a minha consciência muito mais tranquila do que eles (aplausos). Eu não sei se vocês viram que ontem ou antes de ontem, numa falha do discurso do Bolsonaro, ele chegou a confessar que ele devia a eleição dele ao Moro. Na verdade ele deve ao Moro, ele deve aos juízes que me julgaram e deve à campanha de fake News, de mentiras, que fizeram contra o companheiro Fernando Haddad (aplausos).

[Interrompe para pedir atendimento médico a uma pessoa que estava passando mal no público]. Ao voltar ele diz: gente, eu peço paciência porque eu fiquei 580 dias sem falar, e agora eu quero falar (muitos aplausos). Eu me lembrei da companheira boliviana Domitila que tem um livro fantástico *Que me deixem falar*. Era uma companheira mineira e eu então comecei a ter em conta que nós deveríamos enfrentar essa situação. Eu disse para vocês que eles iriam prender um homem, mas as ideias que nós construímos coletivamente aqui nessa região, aqui nesse país, elas não poderiam ser presas. Elas iriam continuar reverberando pelo mundo inteiro. Cá estou eu, cá estou eu, livre como um passarinho (muitos aplausos). Eu me deito e durmo a cada noite com a consciência tranquila dos homens justos e honestos. E eu duvido, duvido, que o Moro durma com a consciência tranquila que eu durmo. Duvido que o tal do Dallagnol durma com a consciência tranquila que eu durmo. Aliás eu duvido que o *seu* Bolsonaro durma com a consciência tranquila que eu durmo. Eu duvido que o ministro demolidor de sonhos, destruidor de empregos, destruidor de empresas públicas brasileiras, durma com a consciência tranquila que eu durmo.

E eu estou de volta, estou de volta [troca o microfone, brinca com os defeitos do som]. Eu estou muito feliz hoje, o Haddad foi me buscar lá, a Gleisi foi me buscar lá, e eu estava muito tranquilo, não tinha nem pressa de sair, eu fiz até amizade lá. Fiz até companheiros lá – só não vou dizer o nome para eles não serem perseguidos. Mas porque que eu queria voltar? Eu li muitas coisas que diziam o seguinte: “Será que o Lula vai sair com ódio? Será que o Lula vai radicalizar? Será que o Lula vai querer vingança?” Não quero nada. Eu quero construir este país com a mesma alegria que

nós construímos tudo o que construímos neste país (muitos aplausos). O meu sonho não é resolver os meus problemas. Eu hoje sou um cara que não tem emprego. Presidente não tem aposentadoria, não tenho nem televisão no meu apartamento, minha vida está toda bloqueada, a única coisa que eu tenho certeza: eu estou com mais coragem de lutar do quando eu fui para lá (aplausos) Lutar para tentar recuperar o orgulho de ser brasileiro. Lutar para que as mulheres possam levar os seus filhos no supermercado e comprar o suficiente para eles comerem. Lutar para que o trabalhador possa ter um emprego com carteira assinada e levem para casa no final do mês o dinheiro para garantir o sustento da sua família. Lutar para que o trabalhador possa ir ao cinema, ir ao teatro, ter um carro, ir ao restaurante, ter um celular e poder todo final de semana reunir a família e fazer um churrasco que é na verdade o que deixa a gente ser feliz. [Interrompido várias vezes pelos aplausos]. Vejam que eu nem estou pedindo para todo mundo ser corintiano, pode ser palmeirense, pode ser santista, são-paulino, flamenguista, qualquer coisa, mas a única coisa que eu estou pedindo para vocês é o seguinte: eu vejo todos os companheiros que estão aqui reclamarem que está difícil levar o povo para a rua, tem gente que fala que é preciso derrubar o Bolsonaro, tem gente que fala em impeachment, veja, esse cidadão foi eleito democraticamente, nós aceitamos o resultado da eleição. Esse cara tem um mandato de 4 anos. Agora, ele foi eleito para governar para o povo brasileiro e não para governar para milicianos do Rio de Janeiro (muitos aplausos). Ele não pode fazer investigação do que eles fizeram para matar a Marielle, não é a gravação do filho dele que vale. É preciso que se faça uma perícia séria, para que a gente saiba definitivamente quem foi que matou a nossa guerreira chamada Marielle, a grande vereadora do Rio de Janeiro, a grande defensora das mulheres. Ele tem que explicar aonde é que está o Queiroz. Ele tem que explicar como ele construiu um patrimônio de 17 casas. Eu fui deputado, eu fui presidente, e se me virarem de cabeça para baixo não vai cair uma moeda do meu bolso, eu quero que eles expliquem como é que juntaram tanto dinheiro. Eu quero que ele explique porque que não vão aumentar o salário mínimo durante dois anos. Eu quero que eles expliquem porque querem destruir a nossa Petrobras, o Banco do Brasil, o BNDES, a Caixa Econômica Federal. Sabe por quê? Se você pegar a vida dele, você vai perceber que enquanto eu com 13 anos de idade estava na fábrica de parafusos na Vila Carioca, cortando ferros numa prensa para depois ir para o SENAI fazer um curso e me tornar torneiro mecânico; enquanto eu estava numa prensa ele arrumou um jeito de não trabalhar, ele foi fazer o serviço militar, e foi criar uma confusão quando já era tenente, aí ele se aposentou muito jovem e ainda teve uma promoção. [Interrompe para pedir atendimento a pessoas que estão passando mal na porta do sindicato].

Companheiros, esse cidadão que diz que não é político, eu até mandei fazer um levantamento para saber quantos discursos o Bolsonaro fez contra o meu governo, eu fui presidente por oito anos, nunca ninguém viu num discurso eu ofender as mulheres, ofender o povo LGBT, ofender as pessoas mais frágeis na sociedade. Então eu quero saber porque esse senhor que se aposentou muito jovem, quis tirar a aposentadoria do povo trabalhador. Por que esse cidadão que nunca ganhou um salário mínimo, resolveu que não vai mais aumentar o salário mínimo. Por que esse cidadão resolveu acabar

com a carteira profissional azul e criar uma verde amarela, que vai ter empregos intermitentes, os trabalhadores não vão ter registro na carteira. Eles têm que explicar porque que eles estão apresentando um projeto econômico que vai empobrecer ainda mais a sociedade brasileira.

Quando eu fui preso, companheiro Haddad, eu imaginei que a minha prisão iria permitir que eles recuperassem o Brasil. Ontem eu vi os dados do IBGE: o povo ficou mais pobre, o povo em menos saúde, o povo tem menos casas, o povo tem menos emprego. Mais de 40% da população está ganhando no máximo 413 reais por mês. Seria importante que eles fizessem o que vocês fazem: pegar 413 reais e comprar comida para sustentar a família o mês inteiro e pagar o transporte para ir trabalhar. Então. Eu queria que eles pagassem água com esse dinheiro, luz com esse dinheiro, que eles fossem ao médico, comprassem remédio. Então eu vou dizer uma coisa para vocês, eu acho que não tem outro jeito. Eu lembro quando eu levantava 5h da manhã para ir na porta de fábrica aqui, muitas vezes eu chegava na porta da fábrica, pegava o microfone, começa a falar e o povo não parava. Aí eu era obrigado a ficar nervoso. Aí eu digo para vocês: não tem ninguém, ninguém que conserte esse país se vocês não quiserem. Não adianta ficar com medo, não adianta ficar com medo, ficar preocupado com as ameaças que ele faz na televisão, que vai ter miliciano, que vai ter o AI5 outra vez. A gente tem que ter a seguinte decisão: esse país é de 210 milhões de habitantes e a gente não pode permitir que os milicianos acabem com esse país (muitos aplausos). Esse país que era respeitado e admirado no mundo inteiro. Este país está sendo destruído. Ele foi sentar com o príncipe da Arábia Saudita e ainda zombou das mulheres: “Eu estive com o príncipe, toda mulher gostaria de estar com o príncipe”. Mas a ONU já afirmou que aquele príncipe é o príncipe que mandou matar o jornalista na Embaixada da Arábia Saudita em Istambul. Matou esquartejou e fez carne moída com o príncipe. O que eu quero dizer na verdade, que essa gente saiba que esse país é nosso. Eu não posso aos 74 anos de idade ver essa gente destruindo o país que nós construímos. Eu não posso ver aumentar o número de gente dormindo na rua. Eu não posso ver aumentar o número de mulheres jovens vendendo o seu corpo a troco de um prato de comida. Eu não posso ver mais jovens de 14 ou 15 anos assaltando e sendo violentado, assassinado pela polícia, porque roubou um celular. Se as pessoas tiverem onde trabalhar, se as pessoas tiverem salário, se as pessoas tiverem onde estudar, se as pessoas tiverem acesso à cultura, a violência vai cair. E nós vamos dizer: contra a distribuição de armas de Bolsonaro, nós vamos distribuir livros, vamos distribuir empregos, vamos dar acesso à cultura. É esse país que nós queremos e que nós sabemos como construir. É esse país que a gente vê todo dia – Haddad, tem uma coisa que eu quero lhe falar, vou cumprimentar as pessoas ali atrás só um pouquinho [vai beber água, o palanque está lotado]. Aqui tem muitos economistas, vocês estão percebendo que a taxa de juro está caindo. Todo dia ele fala: caiu a taxa de juros. Mas a taxa de juro que cai é a taxa Selic, que envolve o governo e sua dívida pública. Eu quero saber se os juros do cartão de crédito de vocês caíram; eu quero saber de vocês se os juros do cheque especial caíram [o público responde não, não, não]. Eu quero saber se os juros das Casas Bahia caíram, porque são esses juros que tocam diretamente no bolso do trabalhador. São esses juros que mexem com o salário do povo, porque a taxa Selic caiu, mas

o spread bancário não caiu. Então é preciso companheiros que a gente tome uma decisão. Eu estou disposto a voltar a andar por esse país. Vou com o Haddad, com o Freixo, com a Benedita, com a Luciana do PC do B, com a Gleisi. Vamos fazer todo esforço para percorrer esse país, com os dirigentes sindicais, porque não é possível eu a gente veja este país vendo cada dia mais os ricos ficarem mais ricos e os pobres ficarem mais pobres. Essa semana eu peguei uma revista chamada Forbes, que eu vi o Eduardo Moreira fazer um programa no canal *YouTube* dele falando das duzentas pessoas mais ricas do Brasil. Duzentas pessoas no Brasil têm mais dinheiro do que cem milhões de pessoas, e essa gente, por incrível que pareça, não mora no Brasil, essas pessoas estão tentando investir em algumas pessoas no Brasil para criar uma nova classe dirigente, financiada pelo dono da AMBEV, pelo dono da XP, financiada pelo Banco Itaú, pelo Bradesco, pelo Santander. Nós não temos nada contra essa gente, o que nós queremos é gente formada no meio do povo brasileiro, gente que conheça como é que mora gente numa palafita, como é que mora o pessoal numa favela, como é que mora o povo nos bairros mais empobrecidos. Quando a gente tiver esse governante, a gente vai conseguir consertar o país.

[Lula interrompe porque outras pessoas não estão passando bem, ele vê do palanque, então ele diz que vai falar menos, porque senão vão pedir para prender ele de novo, porque ele está falando demais].

Eu quero agradecer do fundo do coração a solidariedade do PSOL, companheiro Freixo, companheiro Boulos. Quero agradecer a solidariedade do Partido Comunista do Brasil, na pessoa da companheira Luciana [Santos], quero agradecer a UNE e a UJS que estão aqui, e a UBES. Quero agradecer não somente à presidenta Gleisi, mas também a bancada de deputados do PT que estão aqui, aos senadores que estão aqui, aos sindicalistas que estão aqui, e quero dizer para vocês uma coisa gente: nós só iremos salvar este país se tivermos a coragem de fazer um pouco mais.

Nós estamos vendo o que está acontecendo no Chile. O Chile é o modelo de país que o Guedes quer construir. A aposentadoria que o Guedes quer fazer aqui, é a que tem no Chile que está fazendo que as pessoas velhas morram porque não têm salário. É por isso que o povo do Chile está nas ruas. Já têm 20 jovens cegos, perderam um olho, já prenderam mais de 1.700 pessoas. O povo tem que ir para as ruas, porque o governo que é eleito, não é eleito para destruir, é eleito para governar.

Vocês viram na Argentina que o companheiro Alberto Fernandez e a Cristina deram uma surra no Macri e ganharam as eleições. Aplausos. Vocês viram o que está acontecendo na Bolívia, o companheiro Evo Morales ganhou um quarto mandato. O Evo Morales é o companheiro que fez o melhor governo na Bolívia, desde que a Bolívia foi criada. A Bolívia está crescendo 5% ao ano. O Evo Morales criou políticas sociais para cuidar das mulheres, ele foi eleito, mas a direita, como fizeram aqui, não quer aceitar o resultado. Vocês viram o que o Aécio fez quando a Dilma Rousseff ganhou dele. Então, nós temos de ser solidários à Bolívia, temos de ser solidários ao povo do Chile, nós temos de ser solidários ao povo da Argentina, nós temos que pedir a Deus que o companheiro Daniel ganhe as eleições no Uruguai, para não voltar o neoliberalismo lá, e nós temos que solidários ao povo da

Venezuela (muitos aplausos). É normal que cada um de nós possa ter críticas a qualquer governo do mundo, agora quem decide o problema no seu país, é o povo do país. E o Trump que resolva os problemas dos americanos, e não *enchá o saco* dos latino-americanos. Muitos Aplausos. Ele não foi eleito para ser o xerife do mundo, ele que governe para os americanos. Ele que cuide da pobreza lá. Mas eles, que festejaram a queda do muro de Berlim em 90, estão construindo um muro contra os pobres. Um muro para não deixar pobre entrar nos Estados Unidos. Nós não devemos aceitar isso. Eu ficava com uma pena, porque durante todo debate na televisão, não levam mais ninguém de esquerda. Agora é só gente que pensa o mesmo que eles. Na cadeia eu fui obrigado a ver só TV aberta. A TV do Silvio Santos está uma vergonha, a Record está uma vergonha e a Globo continua a mesma vergonha. A Globo até agora não colocou uma matéria do *Intercept*. Nenhuma matéria sobre a Vaza Jato. A única matéria que ela fez foi para defender o Faustão, que foi dar aula para o Moro.

Companheiros, eu quero que vocês saibam que eu quero fazer um pronunciamento ao povo brasileiro, dentro de uns vinte dias. Eu quero pensar, vou escrever. Eu não queria fazer hoje, porque qualquer coisa que eu falar mais dura, vão dizer que eu estou com raiva, que eu estou com ódio. E eu quero dizer para vocês que aos 74 anos de idade eu não tenho o direito de ter ódio mais no meu coração. Na verdade eu não sabia que eu estaria apaixonado aos 74 anos, energia de 30 e tesão de 20 anos, não tenho porque ficar nervoso. Eu estou de bem com a vida e vou lutar por este país. Quero que vocês saibam que a única coisa que motiva é que nós já provamos que é possível governar para os mais pobres. Nós provamos que é possível colocar o pobre na Universidade, nós provamos que é possível colocar o povo nas Escolas Técnicas, nós provamos que é possível melhorar o ensino fundamental, nós provamos que em doze anos geramos 22 milhões de empregos com carteira profissional. Eu tenho certeza Haddad que se nós estivéssemos no governo, a Ford não teria fechado. Os metalúrgicos sabem que no nosso mandato nós criamos, só na área metalúrgica, mais de um milhão de empregos.

[O povo interrompe cantando o jingle de campanha do Lula].

Então companheiros, quero terminar agradecendo a presença de vocês. Eu espero que a Globo filme, que tire fotografia. Agora eu queria uma salva de palmas para meus advogados, a Waleska e o Zanin (muitos aplausos). Nós ainda não ganhamos, porque o que nós queremos agora é que seja julgado o habeas corpus que nós demos entrada no Supremo Tribunal Federal anulando todos os processos feitos contra mim (aplausos). Porque agora já existem argumentos suficientes para provar e falo isso sem nenhum rancor: Moro é mentiroso, Dallagnol é mentiroso. E não é por causa do *Intercept*, tudo que o *Intercept* está falando agora já estava escrito na minha defesa há quatro anos atrás. E só tem uma explicação para esse processo, que foi me tirar da disputa eleitoral. Mas o que eles não sabem é que um povo como vocês não depende de uma pessoa, vocês dependem de um coletivo. Cassaram o Lula, e o Haddad quase foi eleito presidente da República. E eu tenho certeza que se a gente tiver juízo e se a gente souber trabalhar direitinho, em 2022 a chamada esquerda que o Bolsonaro tem tanto medo, vai voltar [interrompido por jingles e palavras de ordem].

Esse país não merece o governo que tem. Esse país não merece esse governo que manda os filhos contarem mentira todo dia, através de *fakenews*. [O povo fala “ei Bolsonaro vtnc”. Lula pede para não falar isso]. Eu não gosto disso, isso não deve ser falado por nós. Eu sou um cara traumatizado, eu fui educado por uma mãe analfabeta, mas eu duvido que um filho da minha mãe falasse um palavrão como eles falaram para a Dilma na abertura da Copa do Mundo. Eu nunca imaginei. A gente não tem que falar palavrão para o Bolsonaro não, ele já é um palavrão. Aplausos. A gente não pode fazer as piadas rasteiras, o jogo dele, aquelas hienas, aquele leão velho, todo escarafunchado. Tem que ser alguém assim, moço como eu. Nós não temos que brigar com eles e ficar xingando eles não. Nós temos de olhar e dizer, em alto e bom som: Nós não vamos permitir que eles destruam o nosso país. É isso que nós temos de dizer. E a partir de alguns dias, o Haddad, o Boulos, o Freixo, a Gleisi, o PCdoB, que a CUT, que a Força Sindical, que a gente esteja na rua e sobretudo a juventude. A juventude ou briga agora ou o futuro será um pesadelo [o povo canta o jingle da juventude do PT]. Nós vamos fazer uma luta – e luta não é fazer um ato e voltar daqui a três meses não, luta é todo dia, todo dia. Então eu quero que vocês saibam o seguinte: este jovem [apontando para si] tem tesão de 20, energia de 30 e experiência de 70 vai estar todo dia nas ruas, junto com vocês.

Eu agora vou descer, estão pedindo para eu descer e andar aqui no meio. Eu gostaria de dar um beijo e um abraço em cada um de vocês, mas não é possível, a gente percebe que não é possível. Mas a partir da semana que vem eu estarei arrumando a minha vida, não sei qual é a confusão que eles vão criar, mas eu quero que eles saibam o seguinte: o tesão que eu estou para brigar por esse país. E o Haddad se prepare para andar comigo, a Gleisi se prepare. E nossos deputados terão de virar leões naquele Congresso para não deixarem aprovar as safadezas que eles querem aprovar contra o povo trabalhador. É uma questão de honra a gente recuperar esse país. A gente tem que seguir o exemplo do Chile, o exemplo da Bolívia.

[O microfone é desligado nesse momento].

ANEXO bb - Suspensão de Liminar nº 1.178**SUSPENSÃO DE LIMINAR 1.178 PARANÁ****REGISTRADO :MINISTRO PRESIDENTE****REQTE.(S) :PARTIDO NOVO****ADV.(A/S) :MARILDA DE PAULA SILVEIRA E OUTRO(A/S)****REQDO.(A/S) :RELATOR DA RCL Nº 32.035 DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL****ADV.(A/S) :SEM REPRESENTAÇÃO NOS AUTOS****INTDO.(A/S) :EMPRESA FOLHA DA MANHA S.A. E OUTRO(A/S)****ADV.(A/S) :LUIS FRANCISCO DA SILVA CARVALHO FILHO E OUTRO(A/S)****INTDO.(A/S) :LUIZ INACIO LULA DA SILVA****ADV.(A/S) :CRISTIANO ZANIN MARTINS****DECISÃO:**

Cuida-se de Suspensão de Liminar, datada de 28/9/18, ajuizada pelo Partido Novo em face da Empresa Folha da Manhã, de Mônica Bergamo e de Luiz Inácio Lula da Silva, com fundamento no art. 4º da Lei n.º 8.437/1992, em face de decisão proferida nos autos da Reclamação nº 32.035, de relatoria do eminente Ministro **Ricardo Lewandowski**.

Certificada a minha ausência (RSITF, art. 37, I), os autos foram encaminhados ao Vice-Presidente da Corte, eminente Ministro **Luiz Fux**, que proferiu decisão deferindo liminar nos seguintes termos:

“(…) *Ex positis*, defiro a liminar, *ad referendum* do Plenário, com fulcro no art. 4º da Lei n.º 8.437/92, para suspender *ex tunc* os efeitos da decisão proferida nos autos da Reclamação n.º 32.035, até que o colegiado aprecie a matéria de forma definitiva. Por conseguinte, determino que o requerido Luiz Inácio Lula da Silva se abstenha de realizar entrevista ou declaração a qualquer meio de comunicação, seja a imprensa ou outro veículo destinado à transmissão de informação para o público em geral. Determino, ainda, caso qualquer entrevista ou declaração já tenha sido realizada por parte do aludido requerido, a proibição da divulgação do seu conteúdo por qualquer forma, sob pena da configuração de crime de desobediência (art. 536, § 3º, do novo Código de Processo Civil e art. 330 do Código Penal).

Intimem-se com urgência, por meio eletrônico ou outro que garanta máxima celeridade, a 12ª Vara Federal de Curitiba, o Superintendente da Polícia Federal no Paraná, a Empresa Folha da Manhã S.A., Mônica Bergamo e o Tribunal Regional Federal da 4ª Região”.

Ocorre que, aos 4/12/18, o eminente Ministro **Ricardo Lewandowski** encaminhou a esta Presidência os autos da Rcl nº 32.035/PR noticiando que houve o trânsito em julgado da decisão de mérito, uma vez que “não houve interposição de recurso até o termo final do prazo, 22/11/2018”.

É o relato do necessário.

Decido.

Preconiza o § 9º do art. 4º da Lei nº 8.437/92 que “a suspensão deferida pelo Presidente do Tribunal vigorará até o trânsito em julgado da decisão de mérito na ação principal.”

Consoante certificou a Secretária Judiciária da Corte, o trânsito em julgado da decisão de mérito proferida na Rcl nº 32.035/PR, se efetivou em 24/11/18.

Operado, portanto, o trânsito em julgado da ação principal, que foi objeto questionamento neste incidente, há de se reconhecer a perda superveniente de objeto, **atingindo, por consequência, os efeitos da liminar anteriormente deferida em toda sua extensão .**

Por essas razões, nos termos do art. 485, inciso VI, do Código de Processo Civil, **julgo extinta** a presente suspensão de liminar.

Ficam prejudicados, ademais, os agravos regimentais manejados por terceiros (Petições/STF nº 67298/18 e 67739/18).

Publique-se.

Intimem-se.

Brasília, 18 de abril de 2019.

Ministro **DIAS TOFFOLI**

Presidente

Documento assinado digitalmente

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço

<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 68B5-01D3-9F83-B2C6 e senha 9770-1966-CDF4-3998

ANEXO cc – Defesa de Luiz Inácio Lula da Silva

13.^a VARA FEDERAL CRIMINAL DE CURITIBA.

PROCESSO n.º 5046512-94.2016.4.04.7000.

AÇÃO PENAL.

Autor: Ministério Público Federal p. 8/218.

“39. A Defesa de Luiz Inácio Lula da Silva, em alegações finais (evento 937), argumenta:

a) que o ex-Presidente sofre perseguição política e é vítima de uma “guerra jurídica” ou de “lawfare”, “com apoio de setores da mídia tradicional”; b) que os direitos do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva foram violados, com uma devassa de sua vida privada e de seus familiares, buscas e apreensões, quebras de sigilo, condução coercitiva e divulgação de áudios da interceptação; c) que houve interceptação telefônica dos advogados do ex-Presidente, inclusive da estratégia de defesa, como apontado nas fls. 73-74 das alegações;d) que houve instrumentalização da mídia para atacar a imagem do ex-Presidente mediante a realização de entrevista coletiva, em 14/09/2016, pelo MPF quando do oferecimento da denúncia; e) que o Juízo é incompetente para julgar a ação penal; f) que o julgador é suspeito para julgar o processo; g) que revelada animosidade do julgador em relação aos defensores do acusado; h) que a denúncia é inepta; i) que a ação penal deve ser sobrestada a fim de aguardar o resultado das investigações no Supremo Tribunal Federal do Inquérito 4325 que visa a apurar a participação do ex-Presidente no grupo criminoso organizado que praticou crimes no âmbito da Petrobrás; j) que houve cerceamento de defesa pelo indeferimento de provas, como o acesso ao processo de colaboração de José Adelmário Pinheiro Filho, ou de perguntas às testemunhas; k) que o ex-Presidente não tinha conhecimento dos crimes havidos na Petrobrás; l) que o ex-Presidente, durante seu mandato, agiu para fortalecer os sistemas de prevenção e repressão à lavagem de dinheiro; m) que não houve a prática de qualquer ato de ofício do ex-Presidente nas licitações e contratos da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR) e da Refinaria do Nordeste Abreu e Lima (RNEST); n) que as auditorias internas ou externas da Petrobrás não identificaram qualquer ato ilícito do ex-Presidente da República; o) que a Petrobrás, em setembro de 2010, realizou oferta pública de valores mobiliários, inclusive na Bolsa de Nova York, tendo sido submetida a rigorosa auditoria que não identificou os crimes; p) que o apartamento triplex nunca foi do ex-Presidente, que dele nunca teve a propriedade ou a posse; q) que o apartamento triplex é da OAS Empreendimentos e que praticou atos de disposição do imóvel; r) que o ex-Presidente era visto como um potencial cliente e as reformas visaram fomentar seu interesse sobre o imóvel; s) que os custos da reforma do apartamento foram incluídos nos custos do empreendimento, conforme documento apresentado por José Adelmário Pinheiro Filho, e não se lança propina em contabilidade; t) que não se configuraram os crimes de corrupção e de lavagem de dinheiro; u) que não há prova de que recursos obtidos nos contratos da Petrobrás foram utilizados para a construção ou reforma do imóvel; v) que o ex-Presidente não tinha o “domínio” sobre os fatos delitivos havidos na Petrobrás; x) que foi lícito o financiamento pelo Grupo OAS da armazenagem dos

bens do acervo presidencial; y) que a palavra de criminosos que afirmam pretender colaborar com a Justiça necessita de prova de corroboração; e z) que o ex-Presidente deve ser absolvido.”

ⁱⁱ Nesse parágrafo Lula apresenta a proposta para as eleições de 2018. Reverter o caminho de privatizações em curso no governo Temer.

ⁱⁱⁱ Única vez que Lula se refere a uma nova constituinte. Após a prisão ele não retomou esta proposta.

^{iv} A expectativa de advogados e juristas era de que Lula passaria curto período de prisão. Foram 580 dias.

^v A coragem da verdade.

^{vi} Após 11 meses de prisão Lula concentra-se mais em buscar a verdade, afirmar sua dignidade, provar sua inocência.

^{vii} “Se eu sair daqui”: após 13 meses de reclusão, Lula expressa dúvidas quanto à possibilidade de ser libertado.

^{viii} Glenn Greenwald comentaria um mês depois, ao iniciar as denúncias na série de reportagens intitulada Vaza Jato, que iria mencionar ao Lula o início desta investigação. Mas desistiu.

^{ix} Lula leu, no cárcere, livros importantes sobre a escravidão no Brasil. Ao Mauro Lopes (TV 247), que o entrevistaria em setembro 2019, ele dirá que ampliou o conhecimento sobre o sofrimento do povo preto nas leituras e cursos a que teve acesso e que que voltará mais disposto a lutar pela igualdade de oportunidades e pelo fim do preconceito racial.

^x Um dos pontos fracos dos governos do PT. Lula faz a autocrítica sobre o fracasso da política de segurança pública, mas parece acreditar no encarceramento de condenados como dispositivo de justiça, além de autonomia absoluta para a PF.

^{xi} MORO, Sérgio. F. (2004). Considerações sobre a operação mani pulite. Revista CEJ, 8(26), 56-62. Recuperado de //revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/625. Artigo citado no corpo da tese.

^{xii} Ministério Público é favorável a regime semi-aberto para Lula.

^{xiii} No fim de janeiro de 2016, a Polícia Federal deflagrou a 22ª fase da Operação Lava Jato, cujo alvo foi o escritório de advocacia e consultoria panamenho Mossack Fonseca. Os investigadores suspeitavam que a empresa teria ajudado a esconder a identidade dos verdadeiros donos de um apartamento tríplice no balneário do Guarujá (SP)... - Veja mais em <https://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2016/04/03/panama-papers-revelam-107-offshores-ligadas-a-personagens-da-lava-jato/?cnpid=copiaecola>

^{xiv} SILVA, Luiz Inácio Lula da *et al.* **A verdade vencerá: o povo sabe por que me condenam.** São Paulo: Boitempo, 2018.

^{xv} Um dos mais importantes geólogos do mundo, Guilherme Estrella foi diretor de Exploração e Produção da Petrobras de 2003 a 2012. Enquanto gerente da estatal no Iraque, nos anos 70, descobriu o gigantesco campo de Majnoon. Nada, porém, se compara à descoberta do pré-sal, em 2006, na Bacia de Santos, com formação geológica milenar do sal, quando da separação do continente americano da África. <https://www.jb.com.br/economia/2018/10/949302-descobridor-do-pre-sal-lamenta-que-pais-tenha-perdido-a-oportunidade-de-desenvolver-industria.html>.

^{xvi} YERGEN, Daniel. **O Petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro.** Ed. Max Altman – São Paulo: Paz e Terra. 2010

^{xvii} Para saber mais consultar:

COELHO LINS, Aquiles. **A candidatura Lula em 2018 nas páginas da Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo: agenda e enquadramento.** 2020. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos, 2020.

^{xviii} SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato.** Rio de Janeiro: Leya, 2017

^{xix} Márcio Thomaz Bastos teria sido o mentor de todas as indicações de Lula ao STF.

^{xx} Participação do STF no processo de *law fare*, conforme demonstra Zanin, envolve todas ou quase todas as instâncias do poder judiciário, para alcançar o objetivo de condenação do réu.

^{xxi} Lula fez um curso na TV 247 sobre as revoltas do povo brasileiro, intitulado Retalhos da nossa história. Lula reflete que o Judiciário tomou o lugar das armas. Antes foi esmagamento do povo nas revoltas históricas do país. Agora é o Judiciário que silencia quem quer fazer as mudanças em favor do povo.

^{xxii} Livro sobre *lawfare* mostra que para o judiciário perseguir politicamente, precisa haver participação de todas as instâncias. O caso Lula é um exemplo

^{xxiii} O Centro Experimental ARAMAR localiza-se em Iperó, Região de Sorocaba, no estado de São Paulo, no Brasil. Responsável pelo desenvolvimento de pesquisas nucleares da Marinha do Brasil, ali funcionam o Laboratório de Enriquecimento Isotópico e a Usina de Demonstração de Enriquecimento (USIDE), onde são realizados os testes de enriquecimento de urânio.

<https://www.brasilemdefesa.com/2015/10/centro-experimental-aramar.html>

^{xxiv} O Brasil vem desenvolvendo programas de reforço da vigilância da Amazônia com o objetivo de coibir o tráfico de drogas e a outros empreendimentos ilícitos como desmatamentos e garimpos ilegais. O Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) faz parte Sistema de Proteção da Amazônia (Sipam), responsável pelo controle ambiental, o desenvolvimento regional, o controle do tráfego aéreo, a coordenação de emergências, o monitoramento das condições meteorológicas e o controle de ações de contrabando. O Sivam entrou em funcionamento em julho de 2002 e está sendo realizado por meio de um convênio entre o Brasil e a empresa norte-americana Raytheon, patrocinada e recomendada pelo governo dos Estados Unidos. Esse acordo suscitou opiniões divergentes. Alguns setores, em especial cientistas nacionais, identificam o Sivam como obra faraônica - uma "Transamazônica eletrônica". Argumentam que, além da inviabilidade do projeto, o fato de a segurança da Amazônia não ser confiada à inteligência nacional seria um risco, já que os estrangeiros cobiçam suas riquezas. Segundo essa linha de raciocínio, para garantir sua segurança esse território deveria ser um território inteligente (dotado de sistemas técnicos sofisticados), mas sob o controle e a serviço da inteligência nacional.

Fonte: Agência Câmara de Notícias: <https://www.camara.leg.br/noticias/55929-o-que-e-o-sivam/>

^{xxv} Ver o livro *Geopolítica da Intervenção*, de autoria de Fernando Fernandes. O autor conta em detalhes o pagamento de operações policiais pela Delegacia americana de combate as drogas/DEA. FERNANDES, F. A. **Geopolítica da Intervenção**: a verdadeira história da Lava Jato. São Paulo: Geração, 2020.

^{xxvi} Lula se posiciona a favor das ocupações do MTST em São Paulo. “Eu fui presa por combater a injustiça. Isso sempre esteve em minhas veias. Agora bato de frente com ela diariamente”. É assim que Preta Ferreira, como é conhecida Janice Ferreira da Silva, uma das lideranças do movimento por moradia em São Paulo, define o que sente após mais de 70 dias de prisão.

<https://www.brasildefato.com.br/2019/09/09/onde-esta-a-justica-deste-pais-diz-pretta-ferreira-presa-ha-72-dias-sem-provas>

^{xxvii} Na verdade houve um hacker de Araraquara: Walter Delgatti. Foi ele quem interceptou mensagens no aplicativo Telegram do procurador Deltan Dallagnol e as enviou para o Gleen Greenwald. A história de Walter Delgatti foi contada por Joaquim de Carvalho num documentário produzido pela TV 247: *Delgatti o hacker que mudou a história do Brasil*. Disponível em: <(1) [Delgatti, o hacker que mudou a história do Brasil - YouTube](#)>. Leticia Duarte conta em seu livro *Vaza Jato: os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil como as mensagens chegaram ao The Intercept*.

DUARTE, L. **Vaza Jato**: os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

^{xxviii} O termo *think tank* surgiu nos EUA, durante a Segunda Guerra Mundial, para designar uma sala aonde se reunissem oficiais graduados do exército americano para manter discussões estratégicas de combate, mobilização de tropas ou mesmo sobre a logística de equipamentos e suprimentos durante as operações de combate. Por extensão a expressão é usada para designar um grupo de especialistas ou consultores em assuntos estratégicos. Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/.../2013/09/08/think-tank-o-que-significa>

^{xxix} Comentário da pesquisadora: no início de junho de 2019, o MPF enviou parecer ao STJ dando ciência que Lula já havia cumprido um sexto da pena e que fazia jus ao regime semiaberto. O advogado Cristiano Zanin declarou que “O resultado esperado pela defesa do ex-presidente Lula para esse e para qualquer outro recurso é a sua absolvição, porque é o único resultado compatível para quem não praticou qualquer crime”^{xxix}. A defesa de Lula comentou sobre a possibilidade de solicitar diretamente a progressão para o regime aberto, “No tocante à argumentação subsidiária submetida pela defesa de Lula ao STJ, o parecer apresentado pela Subprocuradora Geral da República Aurea Lustosa Pierre no último dia 29 de maio reconheceu que não há obstáculo legal no caso concreto para a fixação imediata do regime aberto”, avalia a defesa.

^{xxx} Observação da pesquisadora: Lula ainda ficou dois meses e meio na prisão, onde passou o seu 74º aniversário sem direito a visitas, e concedeu mais 15 entrevistas.